

ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES

TRABALHOS
DE ARQUEOLOGIA
DE
AFONSO DO PAÇO

(1929 — 1968)

VOLUME II



LISBOA  MCMLXXI

TÁBUA DAS MATÉRIAS DO VOLUME I

NOTA — Perque a TABUA DAS MATÉRIAS DO VOLUME I saiu incompleta, aqui se repete, completando-a.

<i>Prefácio</i>	9
<i>Estação Paleolítica de Carreço</i> , por Afonso do Paço	15
<i>Estação Asturiense de Carreço</i> , por Afonso do Paço	31
<i>Pesos de rede e chumbeiras</i> , por Afonso do Paço	49
<i>O Paleolítico do Minho</i> , por Afonso do Paço	59
<i>Notas sobre o Paleolítico de Carreço</i> , por Afonso do Paço	69
<i>Subsídios para uma bibliografia do Paleolítico e Epipaleolítico portugueses</i> , por Afonso do Paço	73
<i>XV Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-histórica</i> , por Afonso do Paço	85
<i>Vaso de bordo horizontal de Vila Fria</i> , por Afonso do Paço	107
<i>Dr. Rui de Sampaio Pinto</i> , por Afonso do Paço	113
<i>Carta paleolítica e epipaleolítica de Portugal</i> , por Afonso do Paço	121
<i>As grutas de Alapraia</i> , por Afonso do Paço e Eugénio Jalhay	145
<i>Pálco- e Mesolítico portugueses (Descobrimento — Bibliografia)</i> , por Afonso do Paço	171
<i>II Congresso Internacional das Ciências Pré-históricas e Proto-históricas</i> , por Afonso do Paço	193
<i>Novos Concheiros do Vale do Tejo</i> , por Afonso do Paço	213
<i>Note sur la carte paléolithique de Portugal</i> , por Afonso do Paço	225
<i>A povoação eneolítica de Vila Nova de S. Pedro — Notas sobre a 1.ª e 2.ª campanhas de escavações — 1937 e 1938</i> , por Afonso do Paço e Eugénio Jalhay	275
<i>A povoação eneolítica de Vila Nova de S. Pedro. I — Escavações de 1942</i> , por Afonso do Paço e Eugénio Jalhay	307

TÁBUA DAS MATÉRIAS DO VOLUME II

<i>Revisão dos problemas do Palco-lítico, Mesolítico e Asturiense,</i> por Afonso do Paço	9
<i>Figurinha de barro da Pedra de Ouro,</i> por Afonso do Paço ...	33
<i>Placas de barro de Vila Nova de S. Pedro,</i> por Afonso do Paço	45
<i>Palco- e Mesolítico português,</i> por Afonso do Paço	61
<i>Sandálias de Alapraia,</i> por Afonso do Paço	71
<i>As grutas do Poço Velho ou de Cascais,</i> por Afonso do Paço ...	79
<i>Gravuras rupestres de Outeiro e Carreço (Viana do Castelo),</i> por Afonso do Paço	127
<i>Uma vasilha de barro, de grandes dimensões, do «Castro» de</i> <i>Vila-Nova-de-São-Pedro,</i> por Afonso do Paço	131
<i>Estação eneolítica do Estoril,</i> por Afonso do Paço e Maxime Vaultier	143
<i>A gruta de Porto-Covo,</i> por Afonso do Paço e Maxime Vaultier	155
<i>Estação pré-histórica de Montes-Claros,</i> por Afonso do Paço, Eugénio Jalhay e Leonel Ribeiro	165
<i>El Castro de Vilanova de San Pedro,</i> por Afonso do Paço e Eugénio Jalhay	183
<i>Lisboa há 4.000 anos,</i> por Afonso do Paço e Eugénio Jalhay ...	267
<i>Nota sobre a Lapa da Bugalheira,</i> por Afonso do Paço, Maxime Vaultier e Georges Zbyszewski	275
<i>Esboço arqueológico do concelho de Cascais,</i> por Afonso do Paço e Fausto J. A. de Figueiredo	281
<i>Nota acerca de uma taça de barro da gruta II de Alapraia,</i> por Afonso do Paço	297
<i>Braceletes de ouro da Atouguia da Balcia (Peniche),</i> por Afonso do Paço e Maxime Vaultier	305
<i>Braceletes de ouro da Atouguia da Balcia (Peniche),</i> por Afonso do Paço	321

REVISÃO DOS PROBLEMAS DO PALEOLÍTICO, MESOLÍTICO E ASTURIENSE (*)

OS estudos do paleolítico português datam mais ou menos do IX Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Prehistóricas realizado em Lisboa de 19 a 29 de Setembro de 1880. Até então, pode dizer-se, apenas se tinha debatido o problema dos eólitos da região de Ota, a princípio classificada de quaternária por Carlos Ribeiro e depois de terciária (1), o das grutas de Cesareda e a antropologia dos concheiros do Vale do Tejo.

Foi àquele Congresso que o grupo de cientistas da Comissão dos Serviços Geológicos, de que faziam parte Carlos Ribeiro, Nery Delgado, Paula e Oliveira e Frederico de Vasconcelos Pereira Cabral, apresentou trabalhos de notável valor, marcando um maior desenvolvimento dos estudos páleo e mesolíticos entre nós.

O número de estações conhecidas naquele tempo era bem reduzido: Mealhada, Furninha, Cesareda e algumas localidades das bacias do Tejo e do Sado onde C. Ribeiro encontrou presumíveis objectos talhados pelo homem primitivo. A dos arredores do Porto, defendida por F. Vasconcelos P. Cabral, foi sufocada à nascença pelos membros do Congresso de Lisboa, que negaram trabalho intencional do homem às quartzites recolhidas na margem direita do Douro por aquele geólogo.

(*) Comunicação apresentada ao 1.º Congresso do Mundo Português — Porto, 1940.

(1) A propósito desta classificação, é curioso notar que a Comissão dos Serviços Geológicos, numa revisão da carta do país tem realmente encontrado alguns afloramentos quaternários nesta região.

Deste Congresso saiu incólume a Furninha e seriamente abalados Ota e arredores do Porto.

As pesquisas continuaram e no Museu da Comissão dos Serviços Geológicos foram-se acumulando objectos de Santo Antão do Tojal, Fontainhas, Carrascal, Belas, Torres Vedras, Vimciro, Canegas, Serra de Molianos e Leiria, localidade esta onde C. Ribeiro e Cartailhac fizeram achados.

O Prof. J. Leite de Vasconcelos recolheu no Brunheiro um instrumento que classificou de paleolítico. Santos Rocha também classifica de paleolíticos alguns dos seus achados de Fontela e Serra de Bouro. Tavares de Proença recolheu outro biface em Leiria.

A descoberta pelo colector António Mendes, de uma faca de silex na Serra de Monsanto, levou a esta localidade os Profs. Bovier Lapierre e Luisier. Estes Padres da Companhia de Jesus, tendo encontrado bastante material, chamaram para o caso a atenção dos arqueólogos portugueses. Como incêndio que se propaga com rapidez, Monsanto e os arredores de Lisboa são explorados de 1909 a 1911 por Félix Alves Pereira, Joaquim Fontes e Vergílio Correia, descobrindo estes dois últimos dezenas de estações com abundantíssimo material e tendo J. Fontes organizado a melhor colecção paleolítica de Portugal, hoje depositada no Museu da Comissão dos Serviços Geológicos.

De 1914 a 1916 F. Alves Pereira encontra paleolítico em Alveijar e arredores das Caldas da Rainha, Vergílio Correia em Oriola, H. Breuil em Arronches e Mesquita de Figuciredo em Sete Moinhos.

Em 1922 Vítor Fontes recolhe um biface nos arredores de Viana do Castelo e os Padres Loução e Saraiva de Miranda outros nos vales do Minho e Lima, continuando este último sacerdote as suas pesquisas com excelentes resultados.

Lereno Antunes descobre o núcleo importantíssimo do chamado paleolítico de Elvas, Serpa Pinto, Abel Viana, Simões Viana, Falcão Machado e o signatário deste trabalho realizam boa colheita de material nas bacias hidrográficas dos rios Minho e Lima, e mesmo na zona costeira entre estes dois cursos de água.

A estes achados se vieram juntar os de Rui de Andrade em Fontalva, Lereno Antunes em Beja, Urtiga, Cilhades e Pastoria, Joaquim Fontes em Mem Martins, Hipólito Cabaço em Muge, Azevedo

Pires e Manuel Heleno nas imediações de Setúbal, Leonel Trindade na Lourinhã, Padres Silva Louro na Guarda e Luciano dos Santos na zona costeira de entre Lima e Neiva.

Ao todo conhecem-se actualmente em Portugal 174 estações, com material em quantidade mais ou menos variável, pois, noutras apenas se recolheu um exemplar.

Vejamos agora a sua localização na carta anexa a este trabalho, fig. 1 e fig. 2-A.

Na província do Minho encontrou-se paleolítico em 41 localidades dispersas pelas bacias hidrográficas do Minho e Lima, bem como na zona costeira existente entre estes dois cursos de água, muitas delas com abundância de material.

Na margem esquerda do Minho, algumas em terraços bem definidos deste rio:

- | | |
|--------------|---------------------|
| 1 — Fiães | 8 — Lanhelas |
| 2 — Peso | 9 — Vilar de Mouros |
| 3 — Ganfei | 10 — Seixas |
| 4 — Fontoura | 11 — Argela |
| 5 — Campos | 12 — Vilarelho |
| 6 — Cerveira | 13 — Venade |
| 7 — Gondarém | 14 — Moledo |

Na zona costeira de entre Minho e Lima:

- 15 — Ancora
- 16 — Carreço
- 17 — Areosa

Na margem direita do Lima, junto da foz:

- 18 — Abelheira
- 19 — Santa Marta de Portuzelo

Na margem esquerda:

- 20 — Darque
- 21 — Alvarães

Na margem direita do Lima, principalmente na bacia hidrográfica da ribeira que vem desaguar em frente de Ponte do Lima:

- | | |
|-----------------------------------|---------------------|
| 22 — Santa Marinha
de Arcozelo | 25 — Labruja |
| 23 — Cepões | 26 — Rendufe |
| 24 — Bárrio | 27 — Vilar do Monte |
| | 28 — Refojos |

Na margem esquerda do Lima, junto de Ponte da Barca:

- 29 — Oleiros

Na margem direita do Lima, principalmente na bacia hidrográfica do Vez:

- | | |
|----------------------|-------------------|
| 30 — S. Jorge | 35 — S. Cosme |
| 31 — Oliveira | 36 — Sá |
| 32 — S. Paio da Vila | 37 — Cabreiro |
| 33 — Giela | 38 — Grade |
| 34 — Azere | 39 — Cabana Maior |

A montante destas, sôbre o Lima, na margem direita e esquerda deste rio, respectivamente:

- 40 — Ermelo
41 — Britelo

Na província de Trás-os-Montes e Alto Douro há a registar quatro achados de peças avulsas.

Na bacia do Tâmega e proximidades de Chaves:

- 42 — Pastoria
43 — Brunheiro
44 — Monte de Condeixa

Na bacia do Sabor, próximo de Moncorvo:

- 45 — Cilhades

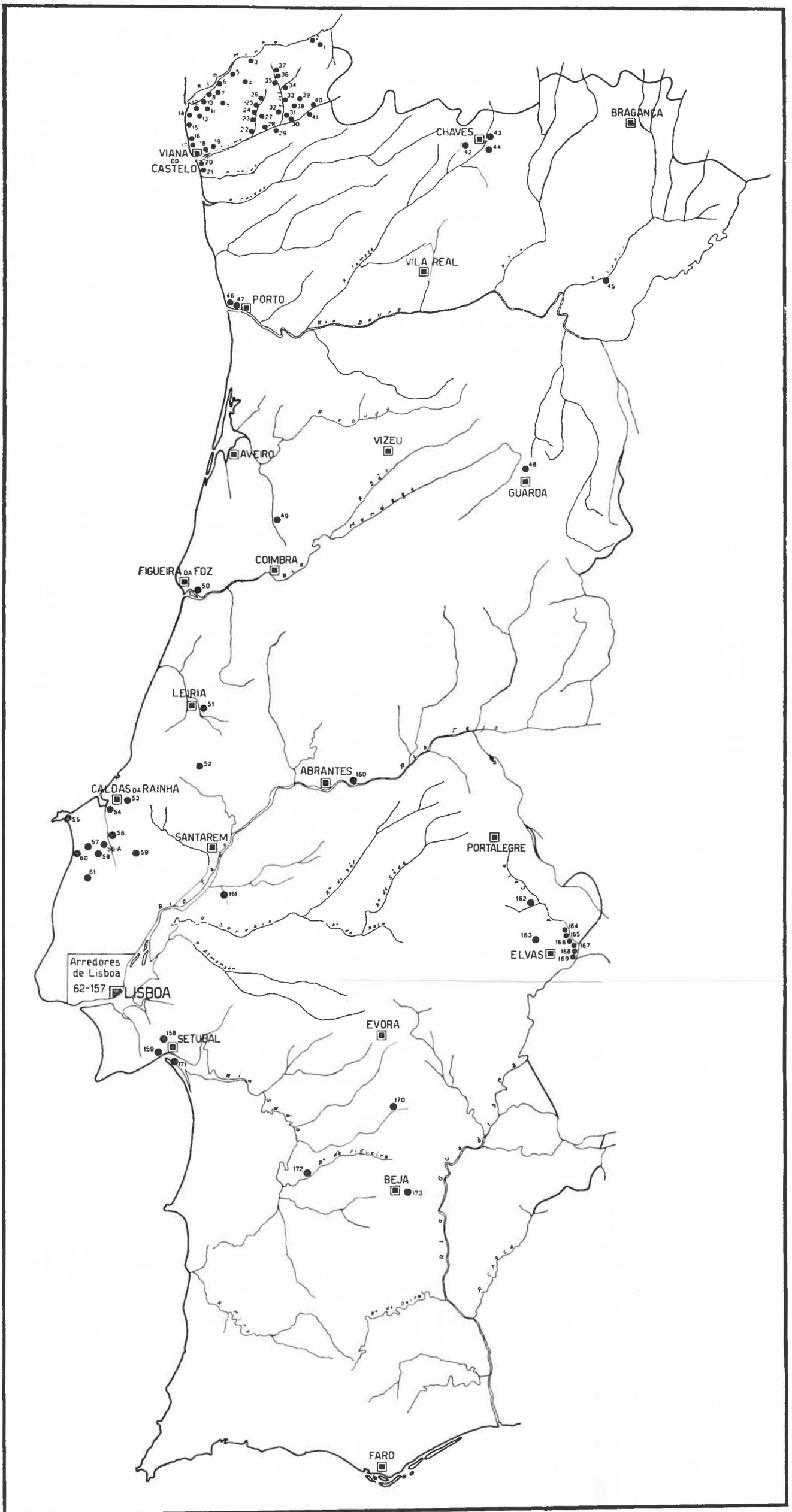


Fig. 1—Carta paleolítica de Portugal.

Na província do Douro Litoral apenas duas localidades cada uma apenas com um objecto, situadas na margem direita do Douro e junto da sua foz (²):

46 — Ervilha

47 — Castelo do Queijo

Na província da Beira Alta há um único achado, na bacia hidrográfica do Mondego em:

48 — Guarda-Gare

Na província da Beira Litoral apenas há a assinalar descobertas em três localidades dispersas, das quais a de Mealhada, próxima da povoação deste nome, é importantíssima por conter estratigrafia:

49 — Mealhada

Junto da foz do Mondego, na sua margem direita, há:

50 — Fontela

No curso do Liz, próximo da cidade banhada por este rio:

51 — Leiria

Na província da Estremadura, pela constituição geológica do seu solo e abundância de grutas, o paleolítico toma uma feição muito especial, sendo do mais alto interesse prosseguir nas escavações iniciadas por Nery Delgado e continuadas por Vieira Natividade. Há a registar várias estações, algumas das quais com estratigrafia.

Na bacia do Liz:

52 — Serra de Molianos

(²) Muitas vezes aparecem estes dois locais com a designação única de *Porto, Arredores do Porto* e mesmo *Paços*.

A NE. das Caldas da Rainha:

53 — Forno Velho ou Forno de El-Rei

Junto da Lagoa de Obidos a SW das Caldas:

54 — Caldas da Rainha

Na península de Peniche, gruta com estratigrafia:

55 — Furninha

Um pouco ao Sul das Caldas:

56 — Bombarral

56-A — Lourinhã

57 — Vimeiro

Grutas com estratigrafia:

58 — Cesareda

59 — Fontainhas

Mais para o Sul, estações de superfície:

60 — Santa Cruz

61 — Torres Vedras

Dentro desta província fica o chamado paleolítico dos arredores de Lisboa, que compreende umas 97 estações, todas de superfície, algumas com abundantíssimo material, a saber:

62 — Bucelas

63 — Palmeiros

65 — Zambujal

66 — Chão de Minas

67 — Alveijar

68 — Ribeichelas

69 — Carrascal

70 — Mem Martins

71 — Asfamil

72 — Moinho da Agonia

73 — Casal do Murtal

74 — Bica

75 — Casal do Pelão

76 — Monte da Peça

77 — Monte Abraão

78 — Estria

79 — Casal do Borota

80 — Colaride

81 — Olival

82 — Tercena

83 — Varge Meirinho

84 — Alto dos Casamentos

85 — Outeiro

86 — Penas Alvas

87 — Alto do Peixe-Feixe

88 — Fontainhas

89 — Casal do Monte

90 — Casal de Paradela de Cima

91 — Amoreira

92 — Pedreiras

93 — Quinta dos Alvitos

94 — Famões

95 — Moinho do Boba

96 — Castelo

97 — Monte do Penedo

98 — Falagueira

99 — Carenque

100 — Casal de Vila Chã

101 — Casal das Baútas

102 — Bairro da Mina

103 — Camelas

104 — Pendão

105 — Venteira

106 — Amadora

107 — Casal da Barroca

108 — Casal do Quintelas

109 — Portas de Queluz

110 — Moinho das Soiras

111 — Campo de Aviação

112 — Casal do Borel

113 — Quinta do Araújo

114 — Casal dos Adaiões

115 — Quinta do Paizinho

116 — Queluz de Baixo

117 — Pôr do Sol

118 — Moinhos da Revinheira

119 — Moinhos do Cartaxo

120 — Valejas

121 — Cabeço do Paimão

122 — Monte da Cruz

123 — Liceia

124 — Moinho da Moita

125 — Laveiras

126 — Quinta da Figueirinha

127 — Boticária

128 — Casal do Brandão

129 — A-da-Maia

130 — Neudel

131 — Casal da Serra

132 — Casal do Garoto

133 — Quinta do Alfragide

134 — Casal das Osgas

135 — Casal do Canas

136 — Vinha do Mulato

137 — Serra de Carnaxide

138 — Alfragide 1.º

139 — Quinta de Alfragide de Baixo

140 — Ao pé da estrada

141 — Salregos

142 — Mama-Sul

143 — Monte da Barrunchada

144 — Monte dos Barronhos

145 — Linda-a-Pastora

146 — Linda-a-Velha

- | | |
|------------------------------------|---------------------------------|
| 147 — Alameda das Linhas de Torres | 152 — Vila Pouca |
| 148 — Rabicha | 153 — Moinho das Cruzes |
| 149 — Calçada dos Mestres (*) | 154 — Aqueduto das Águas Livres |
| 150 — Sete Moinhos | 155 — Cruz da Pedra (*) |
| 151 — Santana | 156 — Quinta do Torres |
| | 157 — Alto do Duque |

Ainda na Estremadura, dentro da península de Setúbal e margem direita do Sado, há as estações de:

- 158 — Combros
159 — S. Filipe

Na província do Ribatejo há a registar apenas dois achados, um na margem direita do Tejo a montante de Abrantes, e outro num afluente da Ribeira de Muge, margem esquerda daquele rio:

- 160 — Urtiga
161 — Muge

Na província do Alto Alentejo as descobertas paleolíticas tomam um aspecto muito interessante, por ficarem muitas delas em antigos terraços de rios.

Em terraços do curso médio do Caia:

- 162 — Arronches

Na bacia deste rio um pouco distante da sua margem direita:

- 163 — Fontalva

(*) Rabicha e Calçada dos Mestres são às vezes conhecidas pelo nome geral de Campolide.

(*) Santana, Vila Pouca, Moinho das Cruzes, Aqueduto das Águas Livres e Cruz da Pedra costumam englobar-se na designação única de Monsanto.

No curso inferior do mesmo rio, próximo da sua confluência com o Guadiana:

- | | |
|-----------------|------------------------------|
| 164 — Freguesia | 167 — Caldeirinha |
| 165 — Bota-Fogo | 168 — Alfarófia |
| 166 — Comenda | 169 — Ribeira de Monte Campo |

Sobre a Ribeira de Odivelas, afluente do Sado:

- 170 — Oriola

Na província do Baixo Alentejo há a registar três estações.

Na margem esquerda do Sado, fronteira a Setúbal, com estratigrafia:

- 171 — Troia

Sobre a Ribeira de Figueira, afluente do Sado:

- 172 — Porto Moura

Próximo da capital da província:

- 173 — Beja

Analisando mais detalhadamente a carta paleolítica notamos um aglomerado populacional importante no curso inferior e médio do Minho e Lima bem como na orla costeira entre aqueles dois rios. Há depois achados dispersos aqui e além nas províncias de Trás-os-Montes e Alto Douro, Douro Litoral, Beiras, Ribatejo, Estremadura, Alto e Baixo Alentejo. Na Estremadura encontra-se ainda o núcleo vastíssimo dos arredores de Lisboa e no Alto Alentejo é digno de especial menção o das margens do Caia.

Marcadas as estações na carta, seria interessante localizar cientificamente as populações que ali habitaram mas este problema só pode ser resolvido com o auxílio da geologia e da paleontologia.

Como não estão ainda estudadas no nosso país as adaptações da nomenclatura de Mortillet às novas classificações do paleolítico, sirvamo-nos ainda daquela, esperançados em que, não se demore essa obra, seguindo o exemplo da vizinha Espanha onde os seus catedráticos procedem neste momento a tal trabalho.

Infelizmente para nós quase todas as estações são de superfície. Apenas Mealhada, Furninha, Cesareda, Fontainhas e margem do Caia, além de Troia, contêm estratigrafia.

A primeira, no dizer do Prof. J. Fontes, é «de todas as estações paleolíticas de Portugal», ...«a única em que as camadas geológicas se encontram perfeitamente separadas e onde os fósseis quaternários são abundantes» (3).

Daqui se infere a necessidade absoluta que há de continuar nesta localidade as escavações que há mais de sessenta anos a Comissão dos Serviços Geológicos iniciou com tanto êxito.

Cesareda, Fontainhas e Furninha são grutas que nos níveis inferiores nos deram objectos paleolíticos.

Arronches e Elvas ficam situadas em antigos terraços do Caia e o estudo destes, bem como do Minho e outros rios, certamente nos traria dados importantíssimos, sem os quais pouco poderemos avançar nos trabalhos paleolíticos (4). A colaboração científica preconizada pelo saudoso arqueólogo R. de Serpa Pinto impõe-se absolutamente nos tempos que vão correndo (5).

É preciso notar-se que não pretendemos de modo algum pôr de remissa as estações de superfície, pensando com Obermaier: «de todos modos seria lamentable ignorancia dar escasa importancia a estes sitios al aire libre, en una region en que el clima permitia al Hombre en todo tiempo, aun durante una epoca glaciaria, viver al raso, motivo

(3) Joaquim Fontes, *O homem fóssil em Portugal*. Lisboa, 1923.

(4) Sendo tão poucas as estações com níveis arqueológicos, compreende-se o interesse com que esperamos sejam publicados os resultados das escavações que se disse ter o Prof. Manuel Heleno realizado há alguns anos em Troia e de que ainda não há relato algum. (*Ethnos*, vol. I, Lisboa, 1935).

(5) R. de Serpa Pinto, *Notas para um plano de estudos geológicos entre Minho e Lima*, in «Anuário do Distrito de Viana do Castelo», vol. I, Viana do Castelo, 1932.

que explica verosimilmente que las viviendas al aire libre sean mucho más numerosas que las de las cuevas» (6).

Passando revista aos estudos que se fizeram dos objectos recolhidos entre nós, notamos que têm sido quase todos eles classificados do paleolítico inferior: chelense, acheulense e mustierense. Os Professores J. Fontes, Breuil e Obermaier admitem para alguns talhe do paleolítico superior: *grattoirs carénés* de facies aurinhacense no Casal do Monte e Casal da Serra e um nível magdalenense na Gruta da Cova da Moura em Cesareda, proveniente de uma infiltração de povos do Norte da Península (7).

Eugénio Jalhay porém põe em dúvida a existência de paleolítico superior nos arredores de Lisboa por se tratar de estações de superfície (8).

A matéria-prima empregada no fabrico dos objectos destes primitivos era o sílex, de diferentes colorações conforme a proveniência, e a quartzite. Em algumas estações como Furninha, Fontainhas e Cesareda encontraram-se também instrumentos de osso, em parte atribuídos ao mustierense.

Se são relativamente abundantes no nosso país, como vimos, as estações do paleolítico inferior e faltam quase por completo, até agora, as do paleolítico superior, só encontramos vestígios cronologicamente seguros do homem numa época muito mais avançada, no mesolítico, deixados pelos primitivos que vivendo da caça e da pesca habitaram os concheiros dos vales do Tejo e do Sado.

Conhecem-se hoje entre nós 13 kioekkenmoeddings. Fig. 2-B.

(6) Hugo Obermaier, *Estudios prehistóricos en la provincia de Granada*, in «Anuário del Cuerpo Facultativo de Archiveros, Bibliotecários y Arqueólogos», vol. I, Madrid, 1934.

(7) H. Breuil, *Impressions de voyage paleolithique à Lisbonne*, in «Terra Portuguesa», Ano III, 1918.

(8) Eugénio Jalhay, *Algumas palavras sobre arqueologia — IV. Notas finais sobre o paleolítico. O epipaleolítico*, in «Brotéria», vol. XXI, fasc. V, Setembro de 1923.

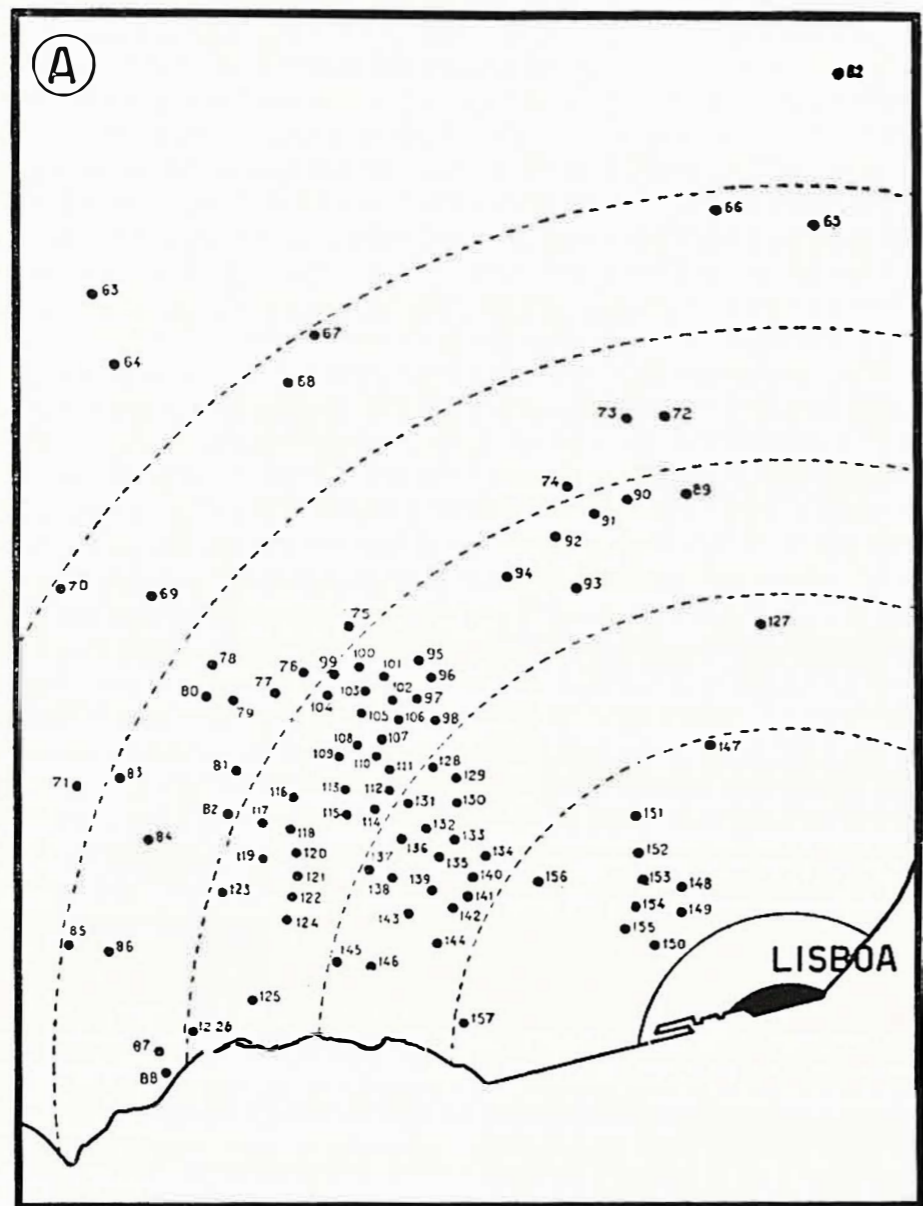


Fig. 2-A — Carta paleolítica dos arredores de Lisboa.

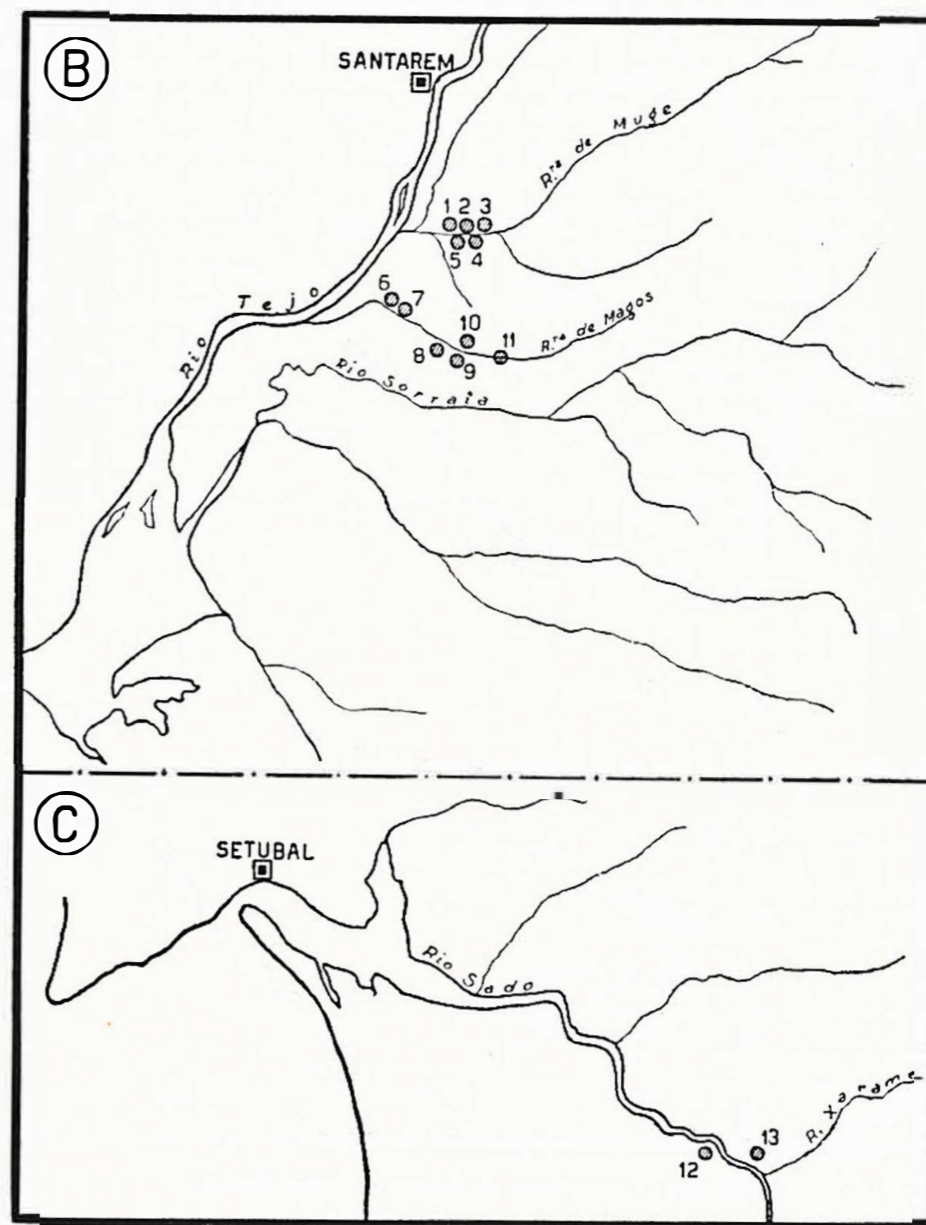


Fig. 2-B — Concheiros de Muge e Magos.
 Fig. 2-C — Concheiros do Vale do Sado.

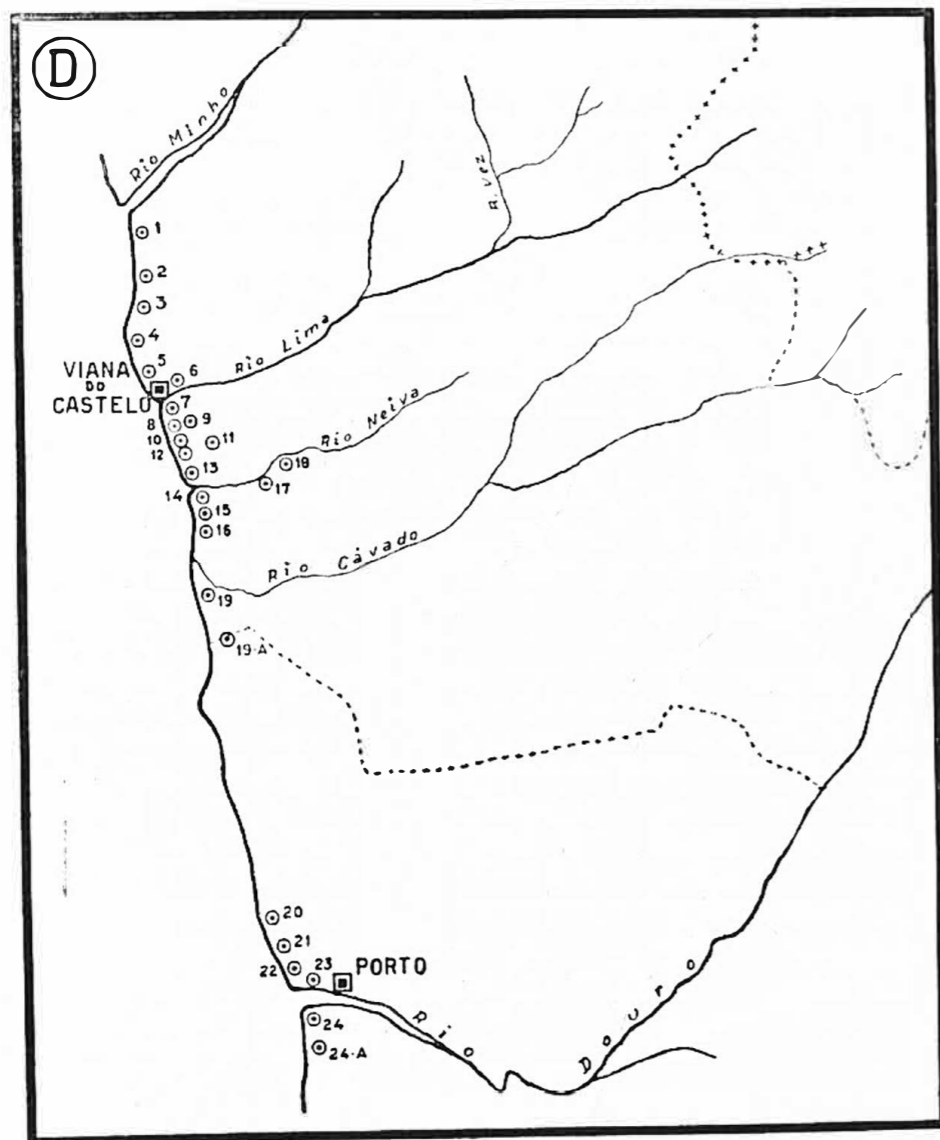


Fig. 2-D — Asturiense do Minho e Douro Litoral.

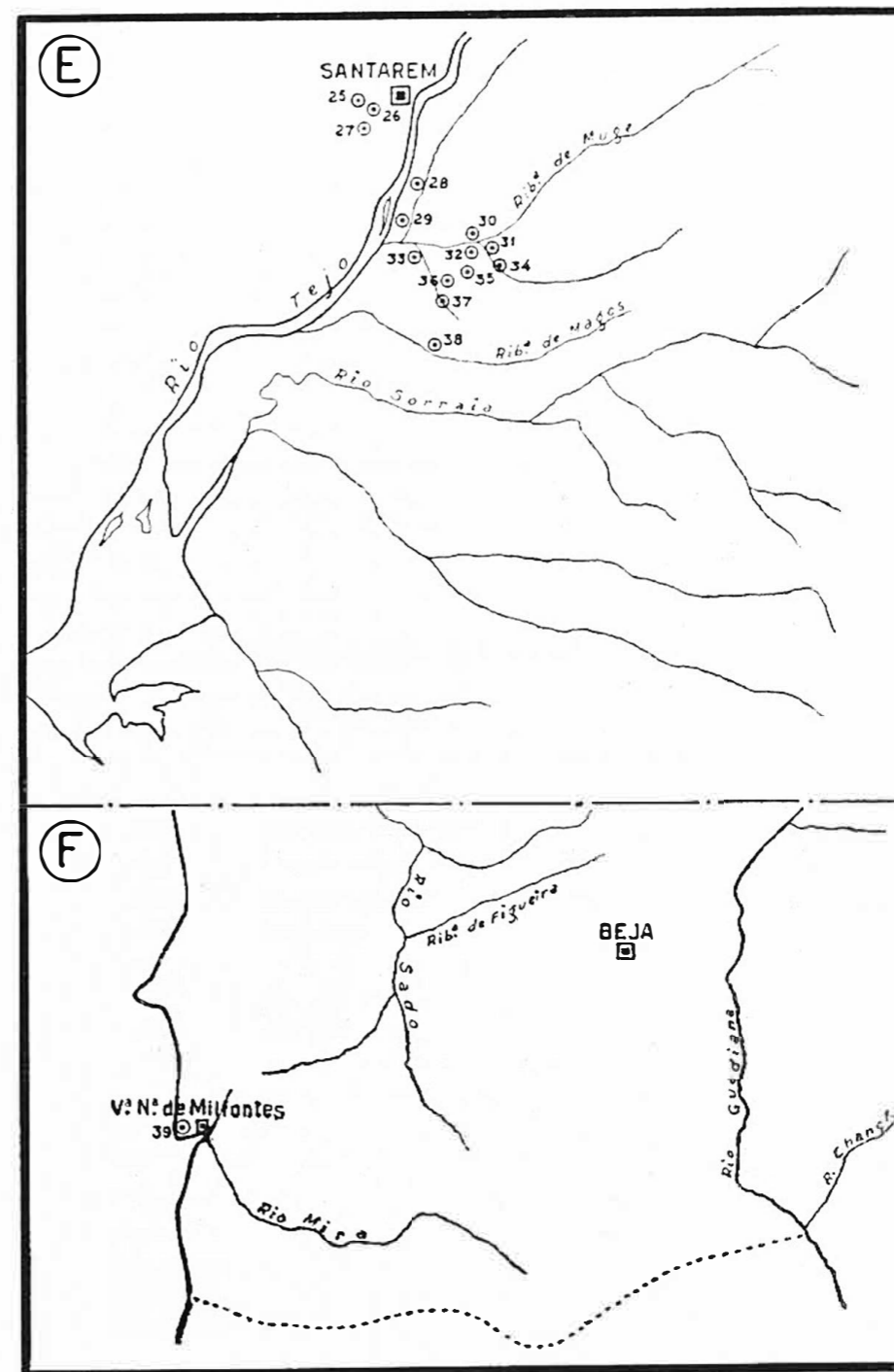


Fig. 2-E — Asturiense do Ribatejo.

Fig. 2-F — Asturiense do Balxo Alentejo.

Na margem direita do Paul do Duque, em Muge:

- 1 — Fonte do Padre Pedro
- 2 — Flor da Beira
- 3 — Cabeço da Arruda

Na margem esquerda do mesmo Paul:

- 4 — Cabeço da Amoreira
- 5 — Moita do Sebastião

Na Ribeira de Magos:

- | | |
|-----------------------|--------------------|
| 6 — Cova da Onça | 9 — Magos de Baixo |
| 7 — Monte dos Ossos | 10 — Magos de Cima |
| 8 — Cabeço dos Morros | 11 — Barragens |

No Vale do Sado:

- 12 — Portancho
- 13 — Quinta de Baixo

Os mais conhecidos são os da Ribeira de Muge, cujas explorações iniciadas em 1863 por Pereira da Costa e Carlos Ribeiro, alcançaram renome mundial em 1880 quando do Congresso que por essa ocasião se reuniu em Lisboa. Recomeçadas em 1884 por Paula e Oliveira interromperam-se no ano seguinte e assim permaneceram até que em 1930, quase meio século depois, o Instituto de Antropologia da Universidade do Porto, sob a direcção do Prof. Mendes Corrêa e com a colaboração dos seus assistentes R. de Serpa Pinto, J. R. dos Santos Júnior e Alfredo de Ataíde lhe deu vigoroso impulso, que mercê de subsídios do Instituto para a Alta Cultura e auxílios da Ex.^{ma} Casa Cadaval se prolongaram, com algumas soluções de continuidade é certo, até nossos dias.

As escavações de Pereira da Costa e Carlos Ribeiro, exerceram-se principalmente nos concheiros da Fonte do Padre Pedro, Cabeço da Arruda e Moita do Sebastião ou Fonte da Burra. As de Paula e Oliveira

nos kioekkenmoeddings da Fonte do Padre Pedro, Cabeço da Arruda, Cabeço da Amoreira e Moita de Sebastião. As do Prof. Mendes Corrêa principalmente no Cabeço da Amoreira e um pouco no Cabeço da Arruda.

O da Flor da Beira, descoberto há poucos anos por Hipólito Cabaço, encontra-se completamente destruído e coberto de plantações.

Referiu-se Carlos Ribeiro no Congresso de 1880 ao concheiro da Quinta da Sardinha, cujo rasto se perdeu, posto que no Museu da Comissão dos Serviços Geológicos houvesse espólio de um montículo denominado Cova da Onça, cuja localização se desconhecia ainda há bem pouco tempo.

Em 1935 Hipólito Cabaço, quando se procedia a indagações sobre ele, teve a boa fortuna não só de o identificar, como de descobrir ainda mais cinco kioekkenmoeddings, todos os do Paul de Magos acima referidos.

De todos eles são os de Muge os melhor estudados ⁽¹¹⁾.

Dos da Ribeira de Magos, a não ser da Cova da Onça, só existe um pequeno relato ⁽¹²⁾. Dos do Vale do Sado também só há uma reduzida notícia ⁽¹³⁾.

Cronologicamente são considerados mais antigos que os da Dinamarca e Sul da Suécia, que Obermaier atribue ao óptimo climatérico do período da *Littorina Tapes* ⁽¹⁴⁾.

Este mesmo autor diz que os de Muge estão bem datados por H. Breuil que os considera asilo-tardenoisenses, mas ao descrevê-los

⁽¹¹⁾ É vastíssima a bibliografia dos nossos concheiros, limitando-nos a citar aqui os últimos trabalhos que contém indicação de todas as fontes, quer arqueológicas, quer antropológicas: R. de Serpa Pinto, *Notas sobre a indústria microlítica do Cabeço da Amoreira (Muge)*, in «Congresso da Ass. Esp. para el Prog. de las Ciências», Lisboa, 1932. A. A. Mendes Corrêa, *Novos elementos para a cronologia dos concheiros de Muge*, in «Anais da Faculdade de Ciências do Porto», tomo XVIII, Porto, 1934 e *A propósito do «Homo Taganus» — Africanos em Portugal*, in «Boletim da Junta Geral do Distrito de Santarém», n.º 43, 1936.

⁽¹²⁾ Afonso do Paço, *Novos concheiros do Vale do Tejo*, in «Brotéria», vol. XXVII, Lisboa, 1938.

⁽¹³⁾ Lerenio A. Barradas, *Concheiros do Vale do Sado*, in «Anais da Faculdade de Ciências do Porto», tomo XXI, 1936.

⁽¹⁴⁾ H. Obermaier, *El hombre fósil*, 2.ª edição, Madrid, 1925.

fala em capso-tardenoisense, baseando-se, com este professor do Instituto de Paleontologia Humana, na ausência de buris (15).

Obermaier porém, em trabalho posterior, falando da provável invasão capsense ao longo da costa do Atlântico, diz que os concheiros do Vale do Tejo nos mostram esta indústria «en su forma pura» (16).

Ora a ausência de buris foi há poucos anos negada pelo pre-historiador alemão Dr. Eckard Menck, especialista em tardenoisense, que conseguiu isolar alguns, tanto nas coleções do Serviço Geológico, como nas do Instituto de Antropologia da Universidade do Porto, facto este que os envelhece um pouco mais.

As observações do Prof. Mendes Corrêa e seus assistentes, também demonstraram uma diferença bem nítida entre as indústrias dos dois principais concheiros de Muge: Cabeço da Arruda e Cabeço da Amoreira. Enquanto no primeiro é grande a abundância de trapézios, estes escasseiam no segundo, em que predominam os triângulos microlíticos e as lâminas. Deste facto se infere uma maior antiguidade para o Cabeço da Amoreira, colocando-o entre o souvaterrense e o tardenoisense mais antigo (17).

As espécies marinhas destes concheiros não são absolutamente idênticas.

Temos portanto até aqui duas indústrias bem definidas e datadas com maior ou menor rigor científico: o paleolítico inferior e os concheiros mesolíticos.

Há porém entre nós outra indústria, talvez quaternária, a chamada de tipo asturiense, que rigorosamente não sabemos onde localizar.

É de todos sabido que o asturiense descoberto nas grutas do Norte de Espanha pelo Conde de La Vega Del Sella assentava sobre uma camada azilense e portanto com uma cronologia perfeitamente definida (18).

O nosso porém, só nos apareceu até agora em estações de superfície,

(15) H. Obermaier, *El hombre fossil*, 2.ª edição, Madrid, 1925.

(16) Hugo Obermaier, *Estudios prehistóricos en la provincia de Granada...*

(17) A. A. Mendes Corrêa, *Novos elementos para a cronologia...*

(18) Conde de La Vega Del Sella, *El Asturiense. Nueva industria pre-neolítica*, memória n.º 32 da C. I. P. P., Madrid, 1923.

e como tal, não nos permitindo datá-lo senão por analogia, lançou-nos no mundo das hipóteses.

Pretendem uns que ele seja mais moderno que o cantábrico (19). O Padre Eugénio Jalhay porém atribue-lhe uma maior antiguidade e um roteiro Sul-Norte. Supõe estas indústrias provenientes da África Setentrional, fundamentando-se, entre outros, nos descobrimentos de material de facies asturiense por B. Whelan numa praia irlandesa, e de um pico nas margens do Mar Báltico, ambos mais recentes que os do Norte da península ibérica. Vinha ainda dar relevo a esta hipótese o aparecimento de objectos de uma técnica asturiense em certas estações paleolíticas de Marrocos, e verdadeiros picos nas nossas do Caia em Elvas e Casal do Monte nos arredores de Lisboa (20).

O Prof. de Cambridge, Milles C. Burkitt porém, não só lhe atribue uma maior antiguidade que o das Astúrias, como pretende que esta indústria substitua em Portugal o paleolítico superior de que somos tão falhos (21).

Teríamos assim um itinerário Sul-Norte, proveniente talvez do continente africano, estendendo-se pelo nosso país durante o paleolítico superior, chegando às Astúrias depois do azilense, e ao Báltico já no neolítico.

É interessante notar que o Prof. H. Breuil encontrou na Colónia do Cabo instrumentos de técnica asturiense (22) e J. R. dos Santos Júnior, no nosso território de Moçambique, verdadeiros picos que diríamos recolhidos nas estações de Entre Douro e Minho (23).

(19) J. Martinez Santa-Olalla. Análise bibliográfica de: *A estação asturiense de La Guardia* de E. Jalhay e *O asturiense em Portugal*, de R. de Serpa Pinto, in «Anuário de Prehistória Madrilena», vol. I, Madrid, 1930.

(20) Eugénio Jalhay, *Serão pré-asturienses as estações pré-históricas do litoral galaico-minhoto?* in «Brotéria», vol. XVI, Lisboa, 1933.

Idem, *L'industrie de type asturien serait-elle une industrie purement locale?* in «Proc. First Int. Congress Preh. Protch. Sciences», Londres, 1932.

(21) Milles Burkitt, *Notes of a journey through North-West Spain and Portugal*, in «Prehistoric Society of East Anglia», VI, 1931.

(22) Abbé H. Breuil, *Premieres impressions de voyage sur la prehistoire Sud-Africaine*, in «L'Anthropologie», tome XL, Paris, 1930.

(23) J. R. dos Santos Júnior, *Mission Anthropologique de Mozambique*, in «Revue Anthropologique», Paris, 1939.

São as duas últimas hipóteses, que se completam, perfeitamente aceitáveis, bem fundamentadas mesmo, mas falta a geologia dar a última palavra para que se possam perfilhar com segurança.

A título de curiosidade diremos que Zbyszewski num estudo ultimamente publicado, depois de observações que fizera na nossa costa do noroeste, coloca, numa localização de indústrias, o tipo asturiense português, depois da Mealhada, Furninha, etc., mas nitidamente posterior à formação dos vales actuais do litoral português e última glaciação (*).

Conhecem-se até hoje no nosso país 39 estações desta indústria, a que R. de Serpa Pinto também chamara ancorense. Fig. 2-C e D.

Na zona costeira da mesopotâmia de entre os rios Minho e Lima as de:

- | | |
|------------|-----------------------------|
| 1 — Moledo | 4 — Carreço |
| 2 — Âncora | 5 — Areosa-Viana do Castelo |
| 3 — Afife | 6 — Abelheira |

Entre o Lima e Neiva:

- | | |
|---------------|------------------------|
| 7 — Rodanho | 11 — Vila de Punhe |
| 8 — Anha | 12 — S. Romão de Neiva |
| 9 — Vila Fria | 13 — Castelo do Neiva |
| 10 — Alvarães | |

Entre o Neiva e Cávado:

- 14 — S. Paio de Antas
- 15 — Belinho
- 16 — S. Bartolomeu do Mar

No curso do Neiva:

- 17 — Aldreu
- 18 — Durães

(*) George Zbyszewski, *Contribution à l'étude du litoral quaternaire en Portugal*, in «Publicações do Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico da Faculdade de Ciências do Porto», n.º XV, Porto, 1940.

Entre o Cávado e o Ave:

- 19 — Fão
- 19-A — Apúlia

Entre o Ave e o Douro:

- 20 — S. Braz
- 21 — Boa Nova
- 22 — Manhufe
- 23 — Ervilha

Na margem esquerda do Douro, junto da sua foz:

- 24 — Lavadores
- 24-A — Madalena

Daqui para o Sul as indústrias de tipo asturiense apresentam, por enquanto, uma solução de continuidade. Porém no Ribatejo, devido às descobertas de Hipólito Cabaço, podemos hoje registar um núcleo apreciável de estações.

A NW de Santarém, na bacia do Rio Maior, as de:

- 25 — Quinta do Grainho
- 26 — Pero Filho
- 27 — Ponte do Celeiro

Na bacia hidrográfica da Ribeira de Muge:

- | | |
|--------------------------|-------------------------|
| 28 — Benfica do Ribatejo | 34 — Cocharrinho |
| 29 — Porto Sabugueiro | 35 — Granho |
| 30 — João Boieiro | 36 — Ponte do Coelheiro |
| 32 — Boa Vista | 37 — Glória |
| 33 — Vale da Raposa | |

Na Ribeira de Magos há a estação de:

- 38 — Vale do Zebro

Ao Sul deste núcleo importante, há a registar o achado feito em 1939 por Mesquita de Figueiredo, na margem direita do Mira, junto à sua foz, em Vila Nova de Milfontes, no local denominado «os coitos»:

39 — Vila Nova de Milfontes

Além disto, como atrás se referiu, também se recolheram objectos deste tipo em algumas estações do Caia e Casal do Monte ⁽²⁵⁾.

O problema do asturiense, que a princípio se julgou costeiro e utilizando o pico apenas na recolha de mariscos, foi-se modificando, com o aparecimento de estações longe do mar, passando então a atribuir-se àquele instrumento outras funções na indústria do homem primitivo, semelhantes às do biface do paleolítico inferior ⁽²⁶⁾.

Quando em 1932 se realizou em Londres o 1.º Congresso Internacional das Ciências Pré-históricas e Proto-históricas, numa comunicação ao mesmo, dizia o Prof. Mendes Corrêa, analisando o problema do nosso mesolítico, tal qual se apresentava então: «Néanmoins ont peut dans le mésolithique portugais admettre provisoirement deux cercles culturels distincts: celui du capsio-tardenoisien de la vallée du Tage, et celui de l'asturien des rivages du nord. Ils sont indépendents, bien que peut être en partie synchroniques. Ils ont évolué séparément, chacun de ses cercles ayant sans doute des étapes chronologiques différents» ⁽²⁷⁾.

Neste trabalho também o ilustre professor da Universidade do Porto se inclina para uma maior antiguidade do tipo asturiense.

A descoberta feita por Hipólito Cabaço e José Francisco Cadete, desta indústria em Muge, de permeio com material de talhe nitidamente paleolítico, veio modificar um tanto o aspecto da questão.

⁽²⁵⁾ Lerenio Antunes Barradas, *Estações paleolíticas do Caia inferior*, in «Brotéria», vol. XXVIII, Lisboa, 1939.

⁽²⁶⁾ Eugénio Jalhay, *Uma nova hipótese sobre a utilização da indústria lítica de tipo asturiense*, in «Homenagem a Martins Sarmiento», Guimarães, 1933.

⁽²⁷⁾ A. A. Mendes Corrêa, *Questions du mésolithique portugais*, in «Proc. First Int. Cong. Préh. Protoh. Sciences», Londres, 1932.

Os picos e os bifaces aparecem à superfície do solo, muito perto dos concheiros, mas dentro destes, que nos conste, não se encontrou um único daqueles objectos, apesar da abundância de lascas e quartzites que neles existem.

Isto demonstra-nos que, pelo menos em Muge, as duas indústrias não são sincrónicas, e que o tipo asturiense parece continuar mais ligado ao paleolítico inferior, tal qual em Âncora, Carreço, Arcosa, Darque, Casal do Monte, Elvas e tantas outras estações.

Rigorosamente porém o problema do asturiense continua suspenso até que a geologia e a paleontologia se pronunciem com segurança.

Antes de fechar estas nossas considerações, um facto desejáramos ainda salientar e deste modo render homenagem ao Engenheiro Frederico de Vasconcelos Cabral que realizou importantes estudos geológicos na bacia do Douro.

Recolheu este nosso compatriota algumas quartzites trabalhadas, que classificou de paleolíticas e a que se referiu numa comunicação apresentada ao IX Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-históricas, realizado em Lisboa em 1880 ⁽²⁸⁾.

As suas conclusões não foram aceites, e no dizer de Cartailhac, «les membres les plus compétents du Congrès ne paraissent pas disposés à admettre... que les quartzites soient taillés» ⁽²⁹⁾.

Guardados os objectos no Museu da Comissão dos Serviços Geológicos, foram revistos em 1915 pelo Prof. Joaquim Fontes, que reconheceu trabalho intencional em alguns deles ⁽³⁰⁾, e posteriormente pelo saudoso amigo R. de Serpa Pinto, que classificou outros de asturiense ⁽³¹⁾.

⁽²⁸⁾ Frederico de Vasconcelos Pereira Cabral, *Résumé d'une étude sur quelques dépôts superficiels du bassin du Douro. Présence de l'Homme. Vestiges d'action glaciaire*, in «IXème Cong. Intern. Ant. Arch. Préhistoriques», Lisboa, 1880.

⁽²⁹⁾ Emile Cartailhac, *Congrès International d'Anthropologie et d'Archeologie Préhistoriques* (1880), in «Materiaux pour l'Histoire Primitive et Naturelle de l'Homme», Paris, 1880.

⁽³⁰⁾ Joaquim Fontes, *Instruments paléolithiques des environs de Porto*, in «Bulletin de la Société Portugaise des Sciences Naturelles», tome VII, Lisboa, 1915.

⁽³¹⁾ R. de Serpa Pinto, *Nótulas Asturienses — III*, in «Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia», vol. V, Porto, 1931.

Assim temos nós que, as primeiras indústrias de tipo asturiense, foram recolhidas nos arredores do Porto, bem merecendo que as tivessem apelidado com o nome da cidade Invicta.

Dando assim uma resumida ideia dos aspectos que actualmente nos apresenta o problema do paleolítico, mesolítico e asturiense, resta-nos, com R. de Serpa Pinto, desejar a realização do vasto plano de estudos geológicos gizado para a mesopotâmia de entre Minho e Lima e restante do país, plano este que, como acima dissemos, se torna absolutamente necessário executar para que se faça qualquer coisa de mais útil nos domínios do quaternário.

FIGURINHA DE BARRO DA PEDRA DE OURO (*)

NA freguesia de Santo Estêvão de Alenquer, à direita da estrada Cadafais-Refugiados-Santana, fica situada a Pedra de Ouro, pequeno aglomerado de casas que na parte mais elevada tem um reduzido planalto denominado as «Eiras».

Foi neste local, de escarpa alcantilada principalmente a Sul e Oeste, que o Sr. Hipólito Cabaço descobriu e explorou há alguns anos um túmulo e vários fundos de cabana contendo interessante espólio, constituído principalmente por setas de base côncava, serras e facas de sílex, furadores, botões e alfinetes de osso, cilindros de calcáreo, machados de pedra pulida, agulhas e machados achatados de cobre, placas de barro algumas das quais com desenhos, variada cerâmica bastante fragmentada, tudo isto além de contas, sementes, abundante fauna, etc.

Sem nos determos no estudo de tão interessante mobiliário pré-histórico, fixemos por agora a nossa atenção apenas sobre uma figurinha de barro encontrada num monte de terras que ficava entre o túmulo, situado a W da estação, e um fundo de cabana. Estando aquele monumento funerário bastante desmoronado, somos levados a acreditar que tais terras dele proviessem, sem contudo o podermos afirmar em absoluto.

É ela constituída, como indica a fig. 1, por uma cabeça ligada ao tronco, sem indício algum de pescoço.

(*) Comunicação apresentada ao 1.º Congresso do Mundo Português — Porto, 1940.

Esta cabeça e tronco, que têm mais ou menos a forma prismática, com 39 milímetros de comprimento, prolongam-se inferiormente por uma parte mais larga e achatada, de ligeiro arredondado na base, medindo 36 milímetros, fig. 2.

Analisando mais detalhadamente a metade superior, notamos que a cabeça é dotada na face de dois olhitos profundos, abertos no barro ainda verde por um fino estilete. A meio e ligeiramente saliente, fica um minúsculo nariz. Dois pares de sulcos que o circundam simbolizam certamente a tatuagem facial.

Logo abaixo, a meio do tronco, encontram-se duas pequenas saliências, uma delas já um pouco partida, figurando os seios de uma mulher.

Ora, se os olhitos e a tatuagem nos indicam que se trata de uma figura antropomorfa, as duas proeminências atestam-nos claramente ser do sexo feminino.

A tatuagem facial que foi cuidadosamente estudada pelo Prof. Vergílio Correia no seu trabalho sobre Pavia (1), é bastante vulgar em cilindros de calcáreo de estações portuguesas como Serra das Mutelas, Barro, Outeiro de S. Mamede, S. Martinho de Sintra, Estria, Folha das Barradas, Rotura, Cascais, Alapraia, Casa da Moura, Monte Abraão, Vila Nova de S. Pedro, Moncarapacho, etc.

Em Vila Nova de S. Pedro também se encontrou um cilindro de barro com dois olhos profundos e dois pares de sulcos (2).

Que estes devem representar a tatuagem do rosto, parece atestá-lo sem dúvida a cabeça de deusa encontrada na necrópole de S. Martinho de Sintra (3), com dois pares de sulcos faciais, fig. 3-a, e o fragmento de ídolo de osso da colecção do Ex.^{mo} Sr. Dr. A. Belo, proveniente da Carrasca, fig. 3-o. Para esta hipótese se inclina a grande maioria dos

(1) Vergílio Correia, *El neolítico de Pavia*, memória n.º 27 da C. I. P. P., Madrid, 1921.

(2) Afonso do Paço e Eugénio Jalhay, *A povoação eneolítica de Vila Nova de S. Pedro*, in «Brotéria», vcl. XXVIII e XXIX, Lisboa, 1939.

(3) Maximiano Apolinário, *Necrópole neolítica do Vale de S. Martinho*, in «Archeólogo Português», vol. II, Lisboa, 1896.



Fig. 1 — Figurinha de barro da Pedra de Ouro.

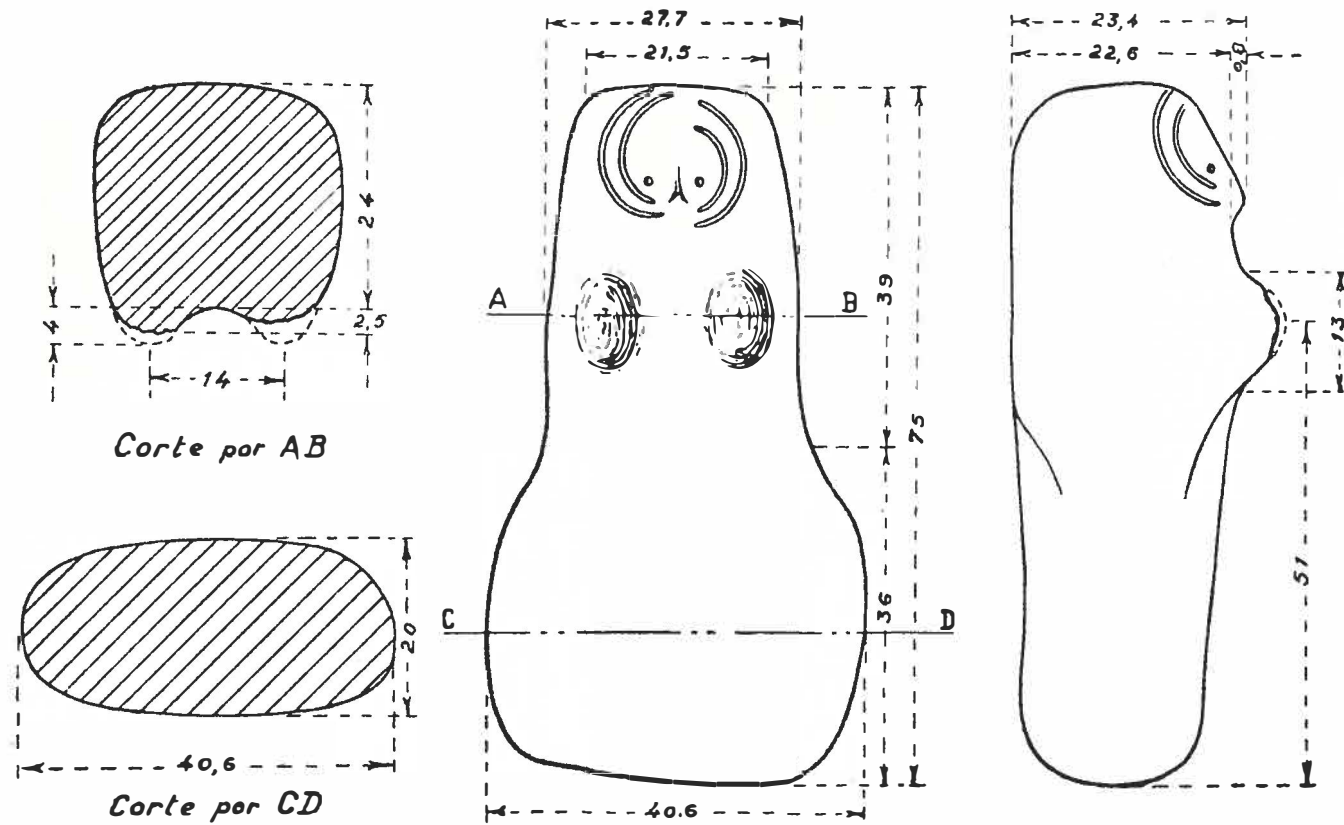


Fig. 2 — Desenhos, cortes e dimensões da figurinha de barro da Pedra de Ouro.

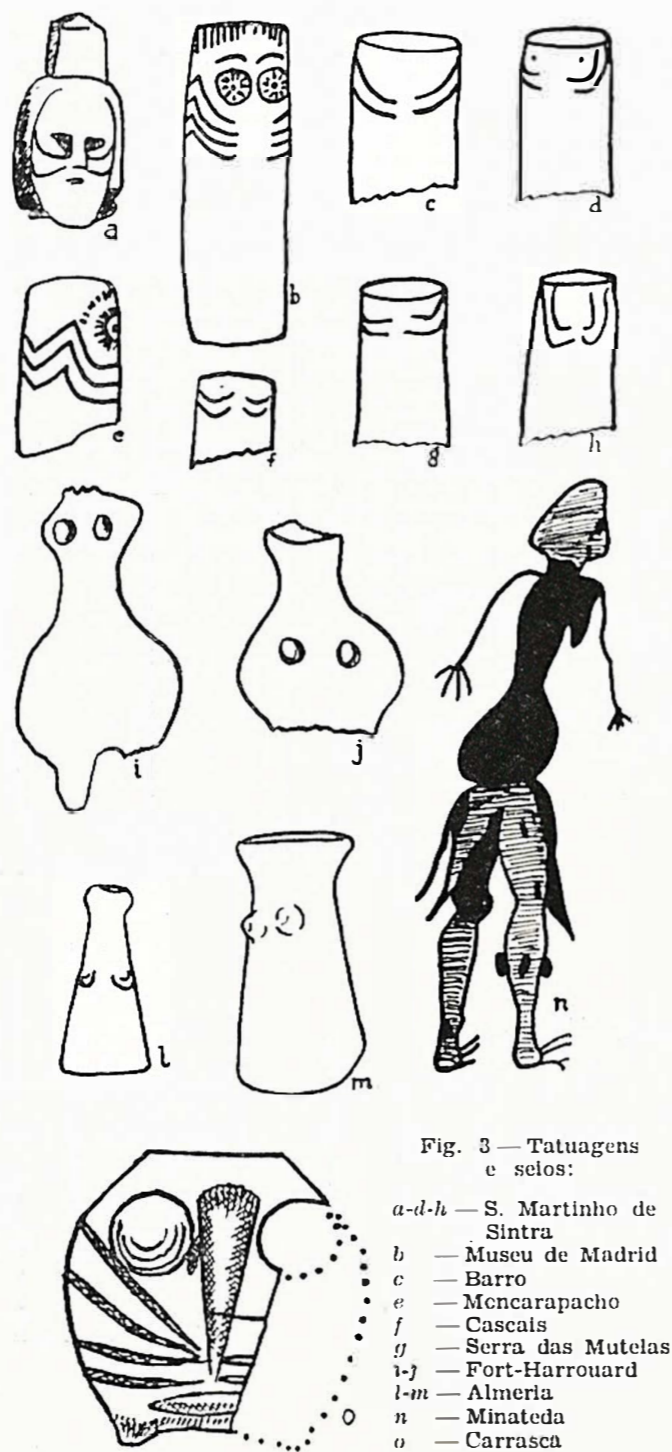


Fig. 3 — Tatuagens e selos:

- a-d-h — S. Martinho de Sintra
- b — Museu de Madrid
- c — Barro
- e — Mencarapacho
- f — Cascais
- g — Serra das Mutelas
- i-j — Fort-Harrourard
- l-m — Almeria
- n — Minateda
- o — Carrasca

autores. Déchelette afirma mesmo que o traço contínuo dos icones ocidentais «substitue o traço ponteados dos ídolos egeus» (*).

Nils Aberg parece simpatizar mais com a teoria de L. Siret que chama «braços» aos sulcos simples dos cilindros de calcáreo e placas de xisto (**), pois no seu trabalho sobre o eneolítico peninsular bastantes vezes lhe dá este nome (**).

Permitimo-nos observar a estes respeitáveis autores que pelo menos na figurinha em estudo, se estes sulcos simbolizassem os braços, não estariam certamente representados à roda dos olhos, mas talvez mais abaixo, nas imediações dos seios.

A fig. 3-b-h mostra-nos vários cilindros mais ou menos ornamentados provenientes de estações peninsulares.

No que respeita a olhos, poderemos também estabelecer paralelismo dentro da península com a pedra da Esperança, o ídolo da Peña Tú, dólmen do Corao, estelas de Bulhosa, Crato, Moncorvo, Conquinho, etc.

A falta de órgãos visuais nalguns cilindros fez supor a Siret e Vergílio Correia que eles seriam pintados (†). Este último autor também supõe que à medida que nos afastamos do Mediterrâneo a ornamentação destes cilindros vai diminuindo.

A feminilidade da figurinha está, como dissemos, bem definida pelos seios. Apesar de estarem um pouco partidos, principalmente o esquerdo, ainda há no direito uns três milímetros proeminentes da caixa torácica.

Não são os peitos caídos de uma mulher decrépita, ou minúsculos de uma criança, mas sim túmidos e erectos de uma mulher na força da vida. Parece que o artista pré-histórico desejava acentuar bem neles a fecundidade. Elevam-se numa base de 13 milímetros, o que é importante se repararmos que a figurinha apenas tem de comprimento 75 milímetros e de largura no lugar dos seios uns 28.

(*) Joseph Déchelette, *Manuel d'archéologie préhistorique celtique et gallo-romaine*, vol. I, Paris, 1928, p. 598.

(**) L. Siret, *Questions de chronologie et d'éthnographie ibériques*, Paris, 1913, p. 264 e segs.

(†) Nils Aberg, *La civilisation énéolithique dans la péninsule ibérique*, Halle, 1921, p. 40, 41, 89, 201.

(‡) Vergílio Correia, *El neolítico de Pavia...*, p. 91.

Esta representação do sexo por meio dos seios aparece noutros ídolos de barro como por exemplo os do Fort-Harroard ⁽⁸⁾, fig. 3-i-j, nos de alabastro em forma de garrafa provenientes de Almeria ⁽⁹⁾, fig. 3-l-m, na estatueta de Antiparos ⁽¹⁰⁾, barros de Transilvânia ⁽¹¹⁾

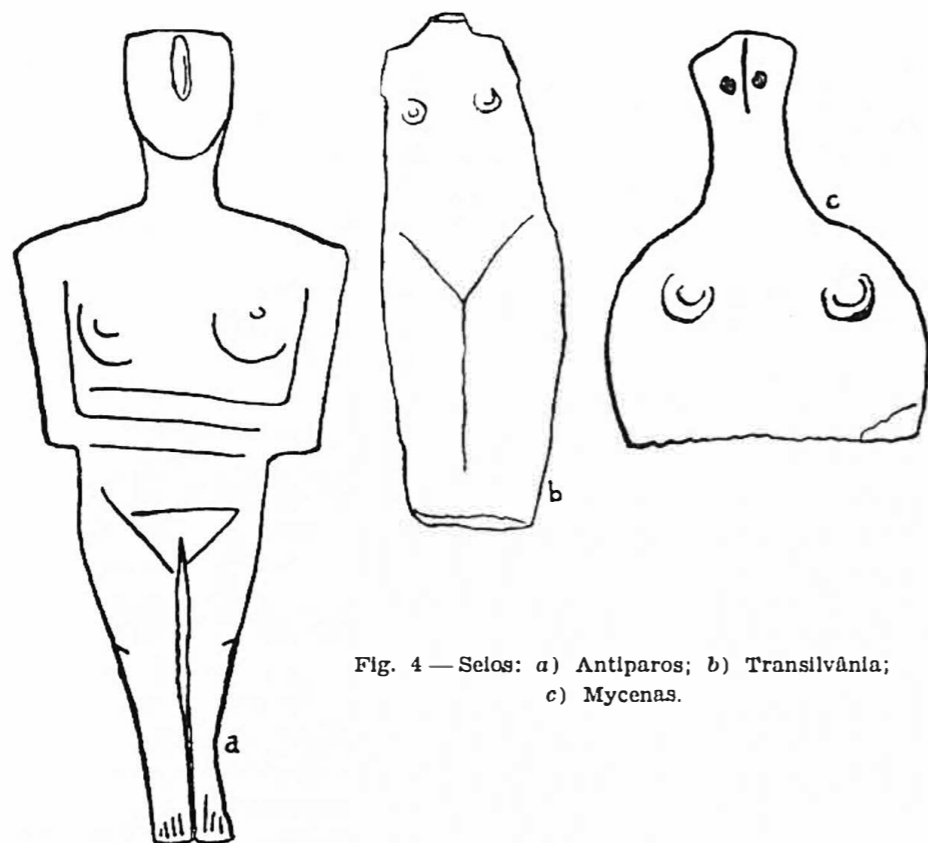


Fig. 4 — Selos: a) Antiparos; b) Transilvânia; c) Mycenae.

⁽⁸⁾ Abbé J. Philippe, *Le Fort-Harroard*, in «L'Anthropologie», tomo XLVI, Paris, 1936, p. 608 e segs.

⁽⁹⁾ L. Siret, *L'Espagne préhistorique*, in «Revue des Questions Scientifiques», Bruxelles, 1893.

⁽¹⁰⁾ L. Siret, *Questions de chronologie...*

⁽¹¹⁾ Dr. Maurice Hoernes, *Les premières céramiques en Europe Centrale*, «Congrès I. A. A. P., XIIIème Session», Mónaco, 1906.

e Mycenae ⁽¹²⁾, fig. 4-a-c, mesmo em pinturas rupestres como as de Minateda ⁽¹³⁾, fig. 3-n.

Não devemos deixar de referir, por também conterem seios, as figuras que se encontram esculpidas num esteio do dólmen de Soto ⁽¹⁴⁾,

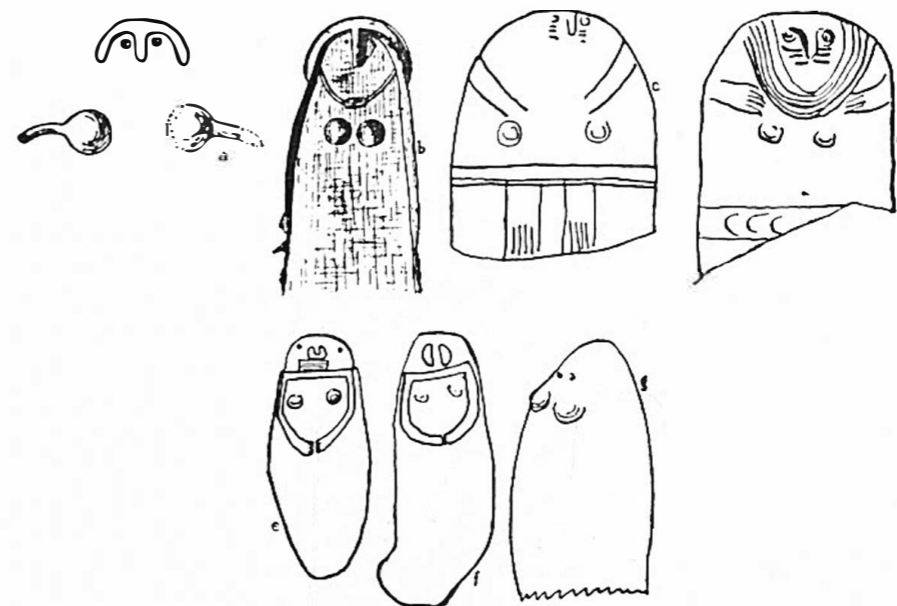


Fig. 5 — Selos: a) Dolmen de Soto; b) Gruta de Razet; c) Saint-Julien; d) Frescaty; e) Fivizzano; f) Pontevecchio; g) Sardenha.

gruta de Razet ⁽¹⁵⁾, e certas estátuas-menhirs e estelas gravadas provenientes de Saint-Sernin, Serre Grand, Mas d'Azaïs, Frescaty, Les Arribats, Saint-Julien e Mas Capelier (França), Pontevecchio, Verrucola,

⁽¹²⁾ Henry Schliemann, *Mycènes*, Paris, 1879.

⁽¹³⁾ Hugo Obermaier, *Nouvelles études sur l'art rupestre du levant Espagnol*, in «L'Anthropologie», tomo XLVII, Paris, 1937, p. 491.

⁽¹⁴⁾ Hugo Obermaier, *El dolmen de Soto*, in «Buletin de la Sociedad Española de Excursiones», ano XXXII, Madrid, 1924.

⁽¹⁵⁾ Baron J. de Baye, *L'Archéologie Préhistorique*, Paris, 1880, pl. II. Chanoine P. M. Favret, *La ache gardienne des tombeaux à l'époque néolithique*, in «Homenagem a Martins Sarmento», Gulmarães, 1933, p. 113.

Fivizzano, Monteigoli e Sardenha (Itália), algumas das quais vão representadas na fig. 5-a-g (1).

A título de curiosidade diremos que Siret considera os seios como símbolos da fecundação da terra pelos elementos (2), e que o Dr. Boudain

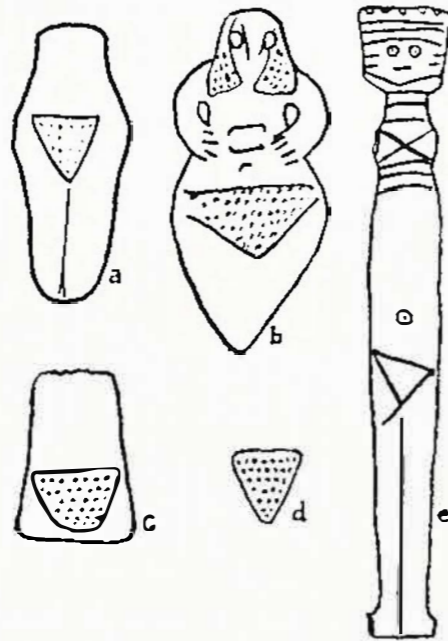


Fig. 6 Triângulo sexual: a) Almeria; b) Egipto, c) Vila Nova de S. Pedro; d) Cerâmica da época; e) Alcobaca.

interpreta os dos menhirs, em relevo, gravados ou cavados, como representações solares (3).

(1) Commandant Octoben, *Enquêtes sur les figurations néo- et énéolithiques. Statues menhirs, stèles gravées, dalles sculptées*, in *Revue Anthropologique*, n.º 10-12, Paris, 1931.

(2) L. Siret, *Questions de chronologie*, p. 260 e segs.

(3) Octoben, *Enquête*, p. 410.

Além desta forma de determinação do sexo feminino nas figuras antropomorfas, outra há, também vulgar nesta época pré-histórica: por meio do triângulo sexual.

Ao estudarmos a povoação eneolítica de Vila Nova de S. Pedro (4), fizemos especial referência a um fragmento de figurinha de barro, de forma prismática, que tinha na face anterior um pequeno triângulo cheio de pontos, fig. 6-c, que, por analogia com outras figuras pré-históricas, indicaria a maternidade. Esta fig. 6 contém idênticos simbolismos provenientes de Almeria, a, e Egipto, b. O simples triângulo, d, aparece com frequência na cerâmica deste tempo e atribui-se-lhe o mesmo significado (5). Também em figurinhas de osso, e, posto que de tempos posteriores, há a mesma representação do triângulo sexual, mas sem pontos interiormente. A estatueta de Antiparos atrás referida, contém além dos seios o mesmo símbolo feminino, facto este que se nota muitas vezes no Levante mediterrânico.

Acerca das figurinhas de osso permitimo-nos chamar a atenção para o estudo de Vieira Natividade sobre as grutas de Alcobaca (6), e de Ramon Mèlida acerca de idênticas figuras de Mérida (7) e Luiz Chaves de outras provenientes de Santo António do Ameixial (8).

É certo que Vieira Natividade classificou de masculino o ídolo que encontrou na Casa da Génia, em Alcobaca.

Porém, como vimos, todos os autores estão de acordo em que o triângulo seja o símbolo da maternidade.

(4) Afonso do Paço e Eugéno Jalhay, *Póvoa eneolítica de V. N. de S. Pedro*.

(5) L. Siret é de opinião que o homem primitivo se inspirou no reino vegetal para representar a fecundidade, e não no reino animal (*La Dame de l'Érable*, p. 246).

(6) Vieira Natividade, *As Grutas de Alcobaca*, in *Portugália*, tomo I, p. 458 e segs.

(7) Prof. José Ramon Mèlida, *Ídolos Lusitanos de Inosso*, in *Homenagem a Martins Sarmiento*, Guimarães, 1933, p. 203 e segs.

(8) Luiz Chaves, *Figuras femininas de osso*, *Trab. S. P. A. Etn.*, vol. VII, Porto, 1935.

Pelo seu aspecto geral pode esta figurinha ser classificada no grupo que os franceses chamam ídolos «à violon» (24).

Nestes costumava incluir-se a célebre sandália de Almizaraque, encontrada por L. Siret. Porém depois da descoberta nas grutas de Alapraia de um par de sandálias de calcário, com a forma aproximada daquela, já não poderemos admitir tal paralelismo.

Um outro problema que se levanta é o do seu significado.

Os autores dividem-se aqui:

Déchelette por exemplo classifica abertamente tais ídolos de deusa protectora dos mortos, acrescentando mesmo: «La déesse funéraire des tombes égéennes, portugaises et languedociennes était donc una divinité tatouée ou tout au moins au visage orné de peintures» (25).

Ora a figurinha em questão da Pedra de Ouro, para não fugir à regra, apresenta a face tatuada.

Wernert pelo contrário (26), bem como Obermaier (27), chamam-lhe simplesmente representação simbólica do mesmo morto. E, Frankowski assevera que não encontrou nenhum documento etnográfico que lhe permitisse admitir a hipótese da criação de tal deusa de que Déchelette foi grande propagandista. É porém de opinião que tais figuras femininas representam uma mulher morta, ou «el cortejo de concubinas o servientes que teniam que acompañar el muerto em su vida de ultratumba», fundamentando principalmente esta sua opinião no célebre sarcófago fenício de Amatunte, cujas figuras nele representadas são a seu ver mulheres-esposas ou amantes do morto, destinadas a acompanhá-lo na outra vida (28).

Para L. Siret: «L'image féminine sculptée sur les parois des antichambres des cryptes néolithiques gauloises était celle d'une Déesse ou *Dame de l'Érable*».

(24) Abbé Henri Breull, *Les peintures rupestres schématiques de la Péninsule Ibérique*, 4.º vol., Paris, 1933-1935.

(25) J. Déchelette, *Manuel d'archéologie...*, vol. I, p. 593.

(26) P. Wernert, *Representaciones de antepasados en el arte paleolítico*, memória n.º 12 da C. I. P. P., Madrid, 1916.

(27) Hugo Obermaier, *El dolmen de Soto...*

(28) Eugenluz Frankowsky, *Estelas discoideas de la península ibérica*, memória n.º 25 da C. I. P. P., Madrid, 1920.

«Cette Déesse ou Dame avait pour mission d'allaiter les morts ou leurs âmes» (29).

Ora como atrás dissemos, não se pode garantir em absoluto que a bonequita do presente estudo fosse encontrada no túmulo. Mas há noventa e nove por cento de probabilidades de que as terras onde ela estava sepultada proviessem do seu desmoronamento.

Ou deusa dos túmulos, como deseja Déchelette e Siret, ou representação de uma mulher ali enterrada como pretendem Wernert, Obermaier ou Frankowsky, a figurinha da Pedra de Ouro bem merece que lhe dediquemos estas poucas linhas.

(29) Louis Siret, *La Dame de l'Érable*, in «L'Anthropologie», tome XXX, Paris, 1920, p. 235 e segs.

PLACAS DE BARRO DE VILA NOVA DE S. PEDRO (*)

UMA das curiosidades cerâmicas da póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro, situada no local denominado «Castelo» da freguesia deste nome, concelho de Azambuja, são certamente uns rectângulos ou quadrados de barro, a que chamamos «placas», notáveis não só pela sua profusão, mas principalmente pelos desenhos com que muitas delas estão ornamentadas.

Estes objectos, sobre cuja utilização os pré-historiadores não estão de acordo, pois uns consideram-nos pesos de tear, outros elementos de fornos de fundição ou de aplicação indeterminada, apresentam-nos até hoje uma limitada área de dispersão no centro do nosso país e sudeste espanhol, sendo mais um elemento de afinidade entre estes dois círculos culturais de civilizações pré-históricas.

As estações espanholas que contêm destas placas são: Três Cabezos, Lugarico Viégo, Ifre, Zapata, El Argar, El Ofício, Fuente Alamo, Fuente Vermeja ⁽¹⁾, Acébuchal ⁽²⁾, Mas Menente ⁽³⁾ e Vélez Blanco ⁽⁴⁾.

(*) Comunicação apresentada ao 1.º Congresso do Mundo Português — Porto, 1940.

⁽¹⁾ H. e L. Siret, *Les premiers ages du métal dans le sud-est de l'Espagne* (Texte et Album), Anvers, 1887.

⁽²⁾ G. Bonsor, *Les colonies agricoles pré-romaines de la vallée du Bétis*, in «Revue Archéologique», tome XXXV, Paris, 1899.

⁽³⁾ L. Pericot y Fernando Ponsell, *El poblado de Mas Menente (Alcoy)*, in «Archivo de Préhistória Levantina», vol. I, Valência, 1928.

⁽⁴⁾ Frederico Motos, *La edad neolítica en Vélez Blanco*, memória n.º 19 da C. I. P. P., Madrid, 1918.

Em Portugal, que nós saibamos, apenas se encontraram até hoje nas seguintes estações: Outeiro da Assenta (°), Rotura (°), Pragança (°), Chibanes (°), Outeiro de S. Mamede (°), Pavia (10), Olelas (11), Mértola, Marvão, Cavaleiro, Liceia, Pedra de Ouro, Ota (12), Penedo e Fórnea (13).

A juntar a estas, também no Museu Etnológico se encontra um objecto rectangular proveniente da Fraga do Fojo (Moncorvo), que é exactamente uma placa de barro das de tipo grosseiro, como alguns exemplares de Vila Nova de S. Pedro.

F. Alves Pereira, que com Vergílio Correia e outros chama a estes objectos pesos de tear, classifica-os quanto à sua forma em três grupos que são:

- 1) — Quadrado de quatro orifícios,
- 2) — Quadrado de dois orifícios,
- 3) — Oblongos de quatro orifícios.

Permitimo-nos juntar, para as estações portuguesas, mais um outro muito abundante em Vila Nova de S. Pedro: o rectangular de quatro orifícios. Nas estações espanholas predominam os tipos: oblongo de quatro orifícios e circular de três ou quatro.

Estes últimos creio não se terem encontrado ainda entre nós.

(°) F. Alves Pereira, *Estação Arqueológica do Outeiro da Assenta (Óbidos)*, in «Arch. Port.», vol. XIX e XX.

(°) Marques da Costa, *Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal*, in «Arch. Port.», vol. XIII.

(°) Vergílio Correia, *Os pesos de tear*, in «Águia», Porto, Dezembro de 1914. Idem, *Etnografia artística*, Porto, 1916.

(°) Marques da Costa, *Est. préhist. dos arredores de Setúbal*, in «Arch. Port.», vol. XI e XIV.

(°) Dr. J. Leite de Vasconcelos, *História do Museu Etnológico Português*, Lisboa, 1915, est. V.

(10) Vergílio Correia, *El neolítico de Pavia*, memória n.º 27 da C. I. P. P., Madrid, 1921.

(11) Augusto de Melo Nogueira, *Estação pré-histórica de Olellas*, Lisboa, 1933.

(12) Colecção de Hipólito Cabaço.

(13) Colecção do Dr. A. R. Belo.

Em Vila Nova de S. Pedro pode-se dizer que é desconhecida, pelo menos até hoje, a forma oblonga.

Os arqueólogos que perfilham a ideia da sua utilização como pesos de tear, apoiam-se por analogia nas gravuras antigas, como as de Thebas e Beni-Hassum, no «Skyphos» de Chiusi em que Penélope está diante da sua teia, ou naquela em que Circé pára de tecer para dar de beber a Ulisses (14).

Utilizar-se-iam de cada vez apenas dois orifícios das placas sendo os restantes considerados sobressalentes. Baseia-se esta hipótese no facto de em alguns exemplares só os dois orifícios de um lado conservarem sinal de uso, enquanto os outros dois estão completamente novos.

Já observamos noutro trabalho sobre esta estação (15), que em Vila Nova de S. Pedro há muitas placas com quatro orifícios sem sinal algum de uso, o que nos faz supor que seria este povoado um importante centro de indústria cerâmica.

A hipótese de serem elementos de fornos de fundição não nos parece de aceitar. Mesmo no país de origem não colheu adeptos, pois os modernos arqueólogos espanhóis como Pericot e outros apenas lhe chamam objectos de uso indeterminado.

Estando ainda em suspenso a resolução do problema da sua utilidade, permitimo-nos observar que nas palafitas da Europa central, onde, segundo vários autores, teria existido uma importante indústria do linho (16), apenas se recolheram algumas fusaiões, e que nos conste nenhuma destas placas de barro que se presumem pesos de tear.

Outra curiosidade destes objectos é a sua ornamentação, pois uma boa percentagem das placas do «Castelo» de Vila Nova contém grande variedade de desenhos com afinidades noutros ornatos cerâmicos e picturais do eneolítico ibérico.

Façamos em primeiro lugar referência às figuras zoomorfas. A placa da fig. 1, n.º 1, representa-nos, segundo cremos, um

(14) *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines* — E. Saglio, E. Pottier e G. Lafaye, vol. XIV, Paris, 1912, p. 165.

(15) Afonso do Paço e Eugénio Jalhay, *A povoação eneolítica de Vila Nova de S. Pedro*, in «Brotéria», vol. XXVIII e XXIX, Lisboa, 1939.

(16) G. Goury, *L'Homme des cités lacustres*, vol. II, Paris, 1932.

bovívdeo, e se não estamos em erro,  a primeira vez que este animal nos aparece figurado em cermica peninsular desta época.

As suas hastes não nos induzirão certamente a confundir-lo com qualquer outro quadrúpede. No espólio do «Castelo» recolheram-se, como noutro estudo se referiu, alguns pequeninos chifres de barro (17).

Nas pinturas rupestres peninsulares encontramos bovívdeos em Canchal de la Pizarra (Batuecas), Sierra de Nuestra Seora del Castillo, Minateda, Rabanero, etc. (18), porém nenhum deles tão esquematizado como o de Vila Nova.

A representao de veados aparece-nos num maior número de placas. Maior abundância destes animais? Breuil no seu trabalho magistral sobre as pinturas rupestres da nossa península também regista muito mais cervívdeos que bovinos.

Na fig. 1, n. 2-7, damos seis desenhos de placas ou seus fragmentos com esquematizaes que reputamos de veados. Podem-nos objectar,  certo, que não será absolutamente segura a nossa inclusão de algumas gravuras, bastante incompletas, entre as de cervívdeos. De acordo, mas tanta razão, ou mais, teremos nós em inclui-las, por analogia de desenho, como outros em contradizer-nos.

Em cermica peninsular apenas se conheciam até aqui esquematizaes de veados num fragmento de vaso de Palmela (19), noutro de Las Carolinas (20), e em dois recipientes de Los Millares (21).

Com o fragmento de Palmela fez Marques da Costa a reconstituo da peça cermica, finamente desenhada, como  característico daquelas grutas, fig. 4, n. 6. Ao centro está um cervívdeo e  direita o quarto traseiro de um outro. Obermaier, ao compará-los com os de Las Carolinas

(17) Afonso do Paço e Eugénio Jalhay, *A pova eneolítica de Vila Nova de S. Pedro*.

(18) Abb Henry Breuil, *Les peintures rupestres schématiques de la Peninsule Ibérique*, 4 vols., Lagny, 1933-1935.

(19) Marques da Costa, *Estaes préhist. dos arredores de Setúbal*, in «Arch. Port.», vol. XII.

(20) H. Obermaier, *Yacimiento prehistorico de las Carolinas (Madrid)*, memoria n. 16 da C. I. P. P., Madrid, 1917.

(21) L. Siret, *L'Espagne préhistorique*, in «Revue des Questions Scientifiques», Bruxelles, 1893.

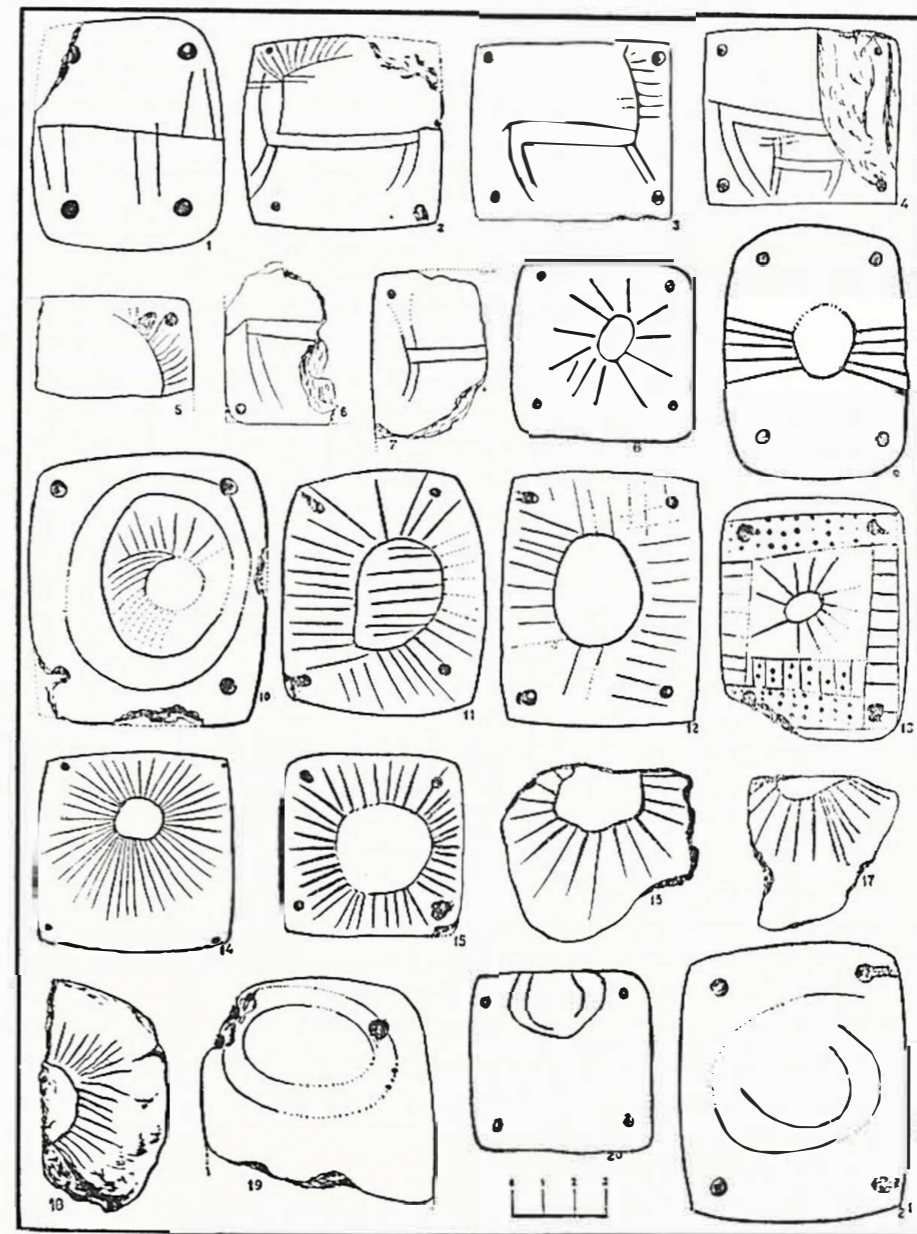


Fig. 1 — Placas de barro e fragmentos de vasos (n. 16-18) com figuraes zoomorfas e astrais, de Vila Nova de S. Pedro.

disse que seria difícil pronunciar-se sobre o sexo. Com Breuil inclinamo-nos para que se trate de uma corça (22).

Se este animal oferece dúvidas quanto ao seu sexo, tal facto já se não dá com os de Las Carolinas ou Los Millares. Os dois vasos desta última estação, de que damos o desenho e desdobramento, fig. 4, n.º 1-2 e 4-5, contém cada um o seu grupo de cervídeos. Num está um macho acompanhado de duas fêmeas e no outro um veado com cinco corças.

No fragmento cerâmico de Las Carolinas, a esquematização é muito imperfeita, mesmo a mais grosseira de todas, fig. 4, n.º 3.

Obermaier diz que o artista neolítico não teve a preocupação de interpretar fielmente o animal, porquanto o dotou de seis patas.

As ornamentações de Palmela e Los Millares são exteriores, enquanto as de Las Carolinas se encontram na face interna do vaso.

Os ceramistas pré-históricos destas três estações representaram o tronco dos cervídeos apenas por uma linha horizontal. Porém em Vila Nova de S. Pedro serviram-se para idêntico fim de duas linhas paralelas, na extremidade das quais colocaram dois pares de patas, não perpendiculares, mas curvilíneas, ou oblíquas. Na fig. 1, n.º 2, duas outras linhas, dispostas verticalmente, indicam o pescoço do animal, donde saem, na parte superior, dois pares de horizontais em sentido oposto, indicando certamente um par o focinho e o outro as orelhas. As hastes, deitadas para trás, o pescoço e focinho assim levantados parecem indicar que o animal ou vai em correria, ou então fita atentamente qualquer ponto do seu horizonte visual.

A fig. 1, n.º 3, também representa o tronco do cervídeo por duas horizontais, donde saem os mesmos dois pares de patas. As hastes são menos frondosas que as da figura anterior, e o pescoço é representado aqui apenas por uma linha vertical.

A placa n.º 4, verso do n.º 3, apesar de partida, é particularmente curiosa por conter debaixo do ventre do adulto um filho em posição de ser amamentado. Por estar o desenho bastante gasto não nos é possível determinar se contém ou não representação dos mamilos.

(22) Abbé H. Breuil, *Les peintures rupestres schématiques...*

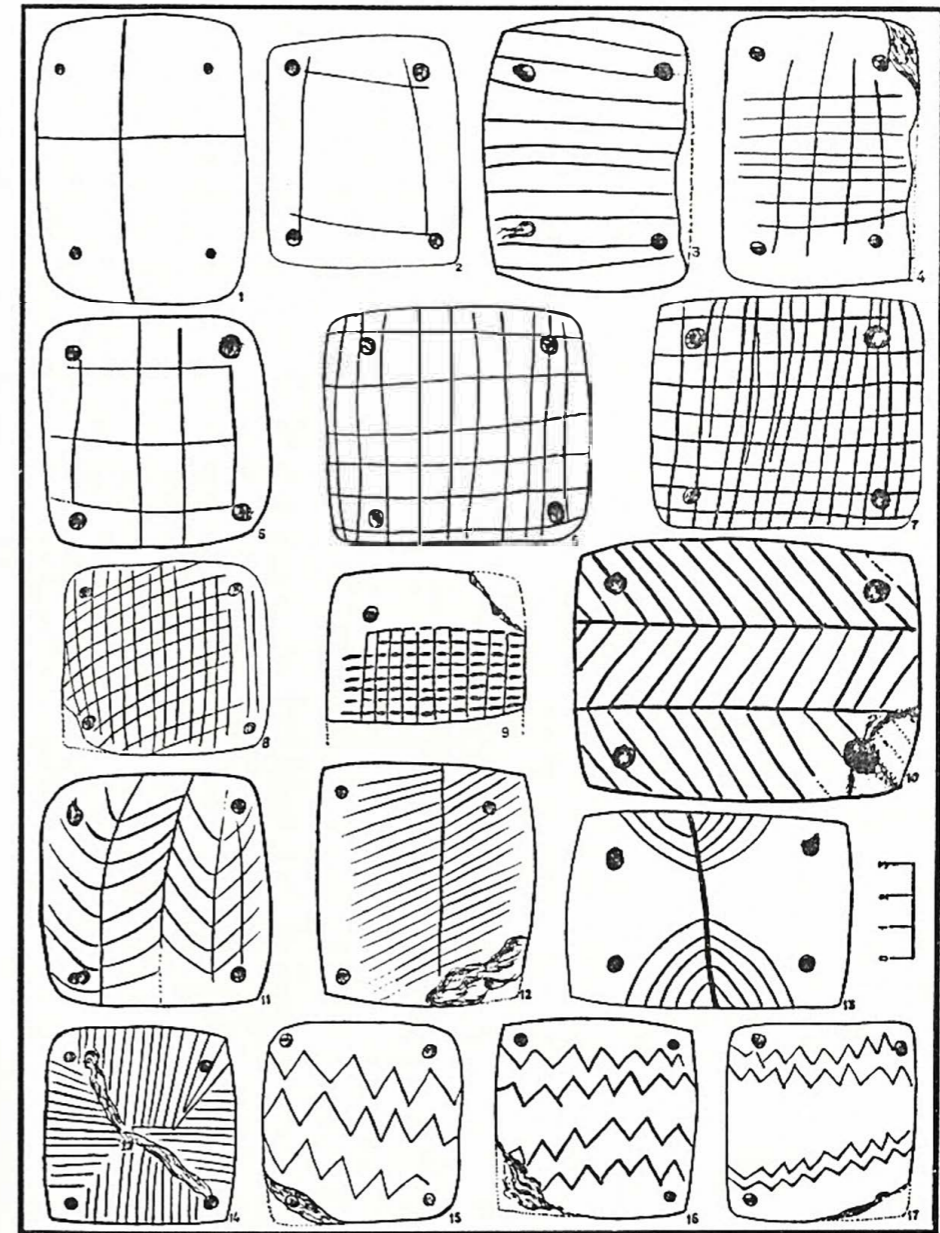


Fig. 2 — Placas ornamentadas de Vila Nova de S. Pedro.

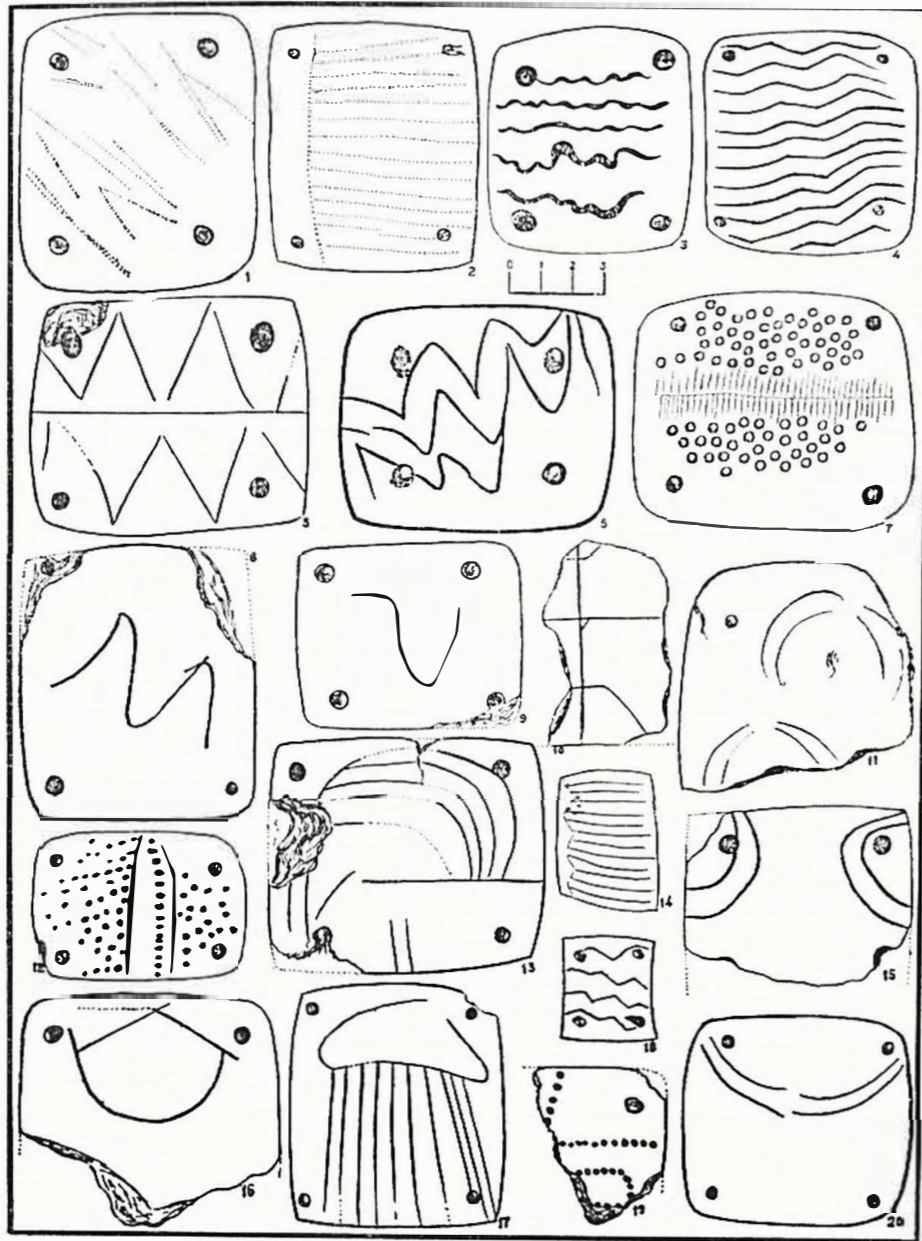


Fig. 3 — Placas ornamentadas de Vila Nova de S. Pedro (1-9 e 11-20) e Pedra de Ouro (10).

Numa pintura da Covatilha del Rabanero há um casal de cervos adultos acompanhados na carreira por um filho. Fig. 4, n.º 8.

Os fragmentos de placas contêm, um deles parte das hastes, n.º 5, outro o quarto traseiro, n.º 6, e o último o quarto dianteiro com uma pequena parte do pescoço, n.º 7.

Sem nos determos sobre os outros núcleos do neolítico europeu que utilizam figuras de animais na decoração da sua cerâmica, como o da Galitzia Oriental, Bukovina, Padólia, Bessarábia e Kolomza (Rússia), façamos ligeira referência às pinturas rupestres da península.

Podemos, com Obermaier no seu trabalho sobre Las Carolinas, dividir a representação dos veados em dois grupos: semi-naturalistas e esquematizados. A fig. 4, dá-nos um grupo dos primeiros, provenientes de Conchal de las Cabras Pintadas, n.º 7, Covatilha del Rabanero, n.º 8, Nossa Senhora da Esperança, n.º 9, Cueva de los Letreros, n.º 10, Cueva Negra de Meca, n.º 11 e outro de esquematizados de Cogul, n.º 12, e Reboso de Nuestra Señora del Castillo, n.ºs 13-15.

Todavia não é só nas representações animalistas que encontramos afinidades entre as placas de Vila Nova de S. Pedro e a cerâmica e pinturas rupestres suas contemporâneas.

É elevado o número daqueles objectos com representações solares e dentre eles, seja-nos lícito, para não alongar muito este trabalho, destacar apenas alguns.

Na fig. 1, n.ºs 10-11-12, os raios solares estão dispostos muito irregularmente. Na primeira o círculo solar apresenta exteriormente dois outros mais ou menos concêntricos. Na segunda é interiormente tracejado com linhas paralelas. No n.º 9 assemelham as vibrissas de um felino. Nos n.ºs 14 e 15 o artista foi mais esmerado que nas figuras anteriores, sendo estes desenhos solares os mais perfeitos.

Nos n.ºs 8 e 13 os raios estão muito afastados uns dos outros, sendo no último o sol enquadrado num rectângulo ornamentado de pontos e traços.

Outras placas solares poderíamos apresentar aqui, mas não deixaremos de referir que idênticos desenhos também aparecem em fragmentos de vasos, n.ºs 16, 17 e 18, no segundo como decoração exterior e no primeiro e último interior.

E ao lado destes sóis não haverá também representações da lua? Não poderemos considerar lunares os círculos sem radiação, como por exemplo os dos n.ºs 19, 20 e 21, dos quais o n.º 20 é o verso do n.º 8, havendo portanto uma placa com representação da lua de um lado e do sol do outro?

Não serão também lunares os círculos que rodavam o sol do n.º 10?

Um culto da lua não era novidade nos povos neolíticos das imediações do Tejo. O aparecimento de lúnulas nas grutas de Carenque (23) e Alapraia (24) veio trazer à superfície hipóteses expendidas de há muito pelo Prof. J. Leite de Vasconcelos (25).

Vejamos agora onde encontramos representações solares no eneolítico ibérico.

Siret recolheu em Los Millares (26) duas taças em que aquele corpo celeste vem representado, fig. 5, n.º 3 e 7. Entre as hastes dos veados de Las Carolinas, atrás referidas, também podemos ver representações solares, fig. 4, n.º 3. Igual desenho se observa num fragmento cerâmico da Cueva de la Mujer (27), fig. 5, n.º 5.

Últimamente Leonel Trindade recolheu para o Museu de Torres Vedras um pedaço de vaso com um desenho solar proveniente do Furadouro da Rocha Forte. Fig. 5, n.º 9.

Em pinturas rupestres encontramos sóis em Pala Pinta, fig. 5, n.º 1, La Gragera, n.º 2, El Zargalon, n.º 4, Cueva del Cristo, n.º 6, bem como em La Peña Escrita, La Galondrina, Cueva de Los Letreros, Mainon, etc. (28).

(23) Manuel Heleno, *Grutas artificiais do Tojal de Vila Chã (Carenque)*, Lisboa, 1933.

(24) Afonso do Paço e Eugénio Jalhay, *As Grutas de Alapraia*, in «Brotéria», vol. XXI, Lisboa, 1935.

(25) J. Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitania*, vol. I e II, Lisboa, 1897 e 1905.

(26) L. Siret, *Orientaux et Occidentaux en Espagne*, in «Revue des Questions Scientifiques», Bruxelles, 1897, e *L'Espagne préhistorique*, idem, Bruxelles, 1893.

(27) G. Macpherson, *Descripcion de una caverna conteniendo restos prehistoricos, descubierta en las inmediaciones de Alhama de Granada*, Cadiz, 1870.

(28) Abbé H. Breull, *Les peintures rupestres schématiques...*

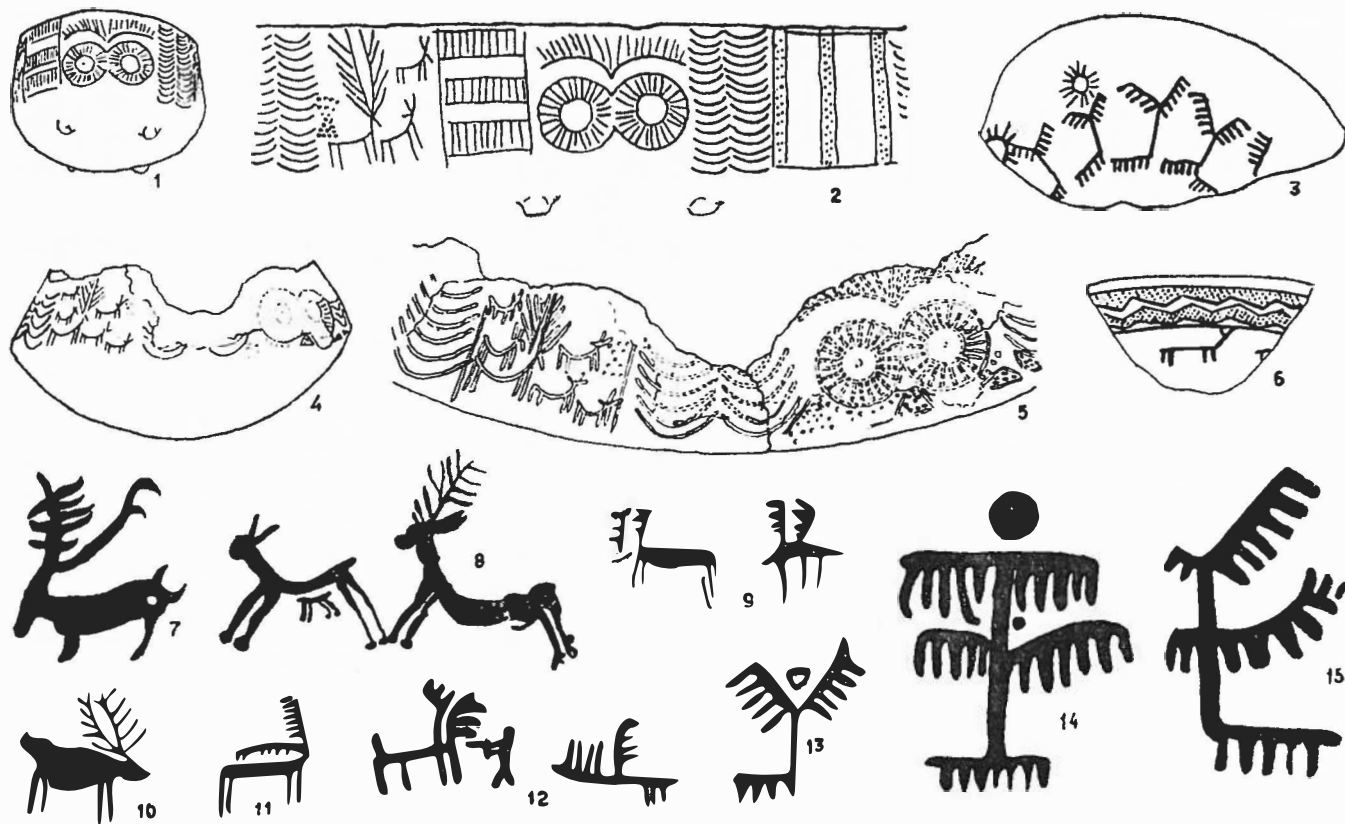


Fig. 4 — Figurações de veados em cerâmica, n.º 1-6, e pinturas rupestres, n.º 7-15. 1-2 e 4-5, Los Millares; 3, Las Carolinas; 6, Palmela; 7, Conchal de las Cabras Pintadas; 8, Covatilha del Rabanero; 9, Nossa Senhora da Esperança; 10, Cueva de los Letreros; 11, Cueva Negra de Meca; 12, Cogul; 13-15, Reboso de Nuestra Señora del Castilho.

Não devemos esquecer ainda dentro da península as figuras solares existentes nos esteios do dólmen da Granja de Toniñuelo ⁽²⁹⁾ e fora dela por exemplo a Pedra de Dowth ⁽³⁰⁾, fig. 5, n.º 8, a estátua de Mas Capelier ⁽³¹⁾, etc.

Mas não são apenas figuras zoomorfas ou solares que estão representadas nas placas do «Castelo» de Vila Nova. Vejamos sumariamente algumas outras, declarando desde já que, posto encontremos algumas afinidades com os desenhos da cerâmica local, a ornamentação das placas apresenta muitos motivos que naquela não aparece, parecendo-nos não ser prematuro considerar duas artes diferentes.

Os desenhos mais rudimentares constam de uma simples cruz que abrange toda a superfície da placa cortando-a em quatro rectângulos, fig. 2, n.º 1, de um quadrado constituído por linhas mais ou menos paralelas dispostas em forma de pauta, n.º 3. Há-os de reticulados mais ou menos perfeitos, de malha mais ou menos apertada, n.ºs 4-9.

Também existe a gravura em espinha, n.ºs 10 e 11, um traço vertical ao centro cortado por diagonais, n.º 12, perpendiculares às quatro arestas laterais formando uma espécie de encanastrado, n.º 14. O desenho de árvore dupla, n.º 13, não é raro, sendo muito frequente o zigue-zague, n.ºs 15-17.

Outras vezes aparece o dente de lobo, fig. 3, n.º 5, e o ondulado mais ou menos profundo, n.ºs 3-4, 6, 18.

Não falta o pontilhado, feito certamente com uma matriz ou roda serrilhada, constituída nuns por sinais dispersos, n.º 1, noutros por uma espécie de pauta, n.º 2. No n.º 7 o desenho deve ter sido executado com um colmo de gramínea ou pena de ave, como judiciosamente observou F. Alves Pereira ao estudar o Outeiro da Assenta ⁽³²⁾. É inte-

⁽²⁹⁾ J. R. Melida, *Arquitectura dolménica ibera. Dólmenes de la provincia de Badajoz*, in «Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos», tomo XXVIII, Madrid, 1914.

⁽³⁰⁾ George Coffey, *New Grange (Brugh na Boinne) and other incised tumuli in Ireland*, Dublin, 1912.

⁽³¹⁾ Commandant Octobon, *Enquête sur les figurations néo-et énéolithiques. Statues menhirs, stèles gravées, dalles sculptées*, in «Revue Anthropologique», Paris, 1931.

⁽³²⁾ F. Alves Pereira, *Estação arqueológica do Outeiro da Assenta*.

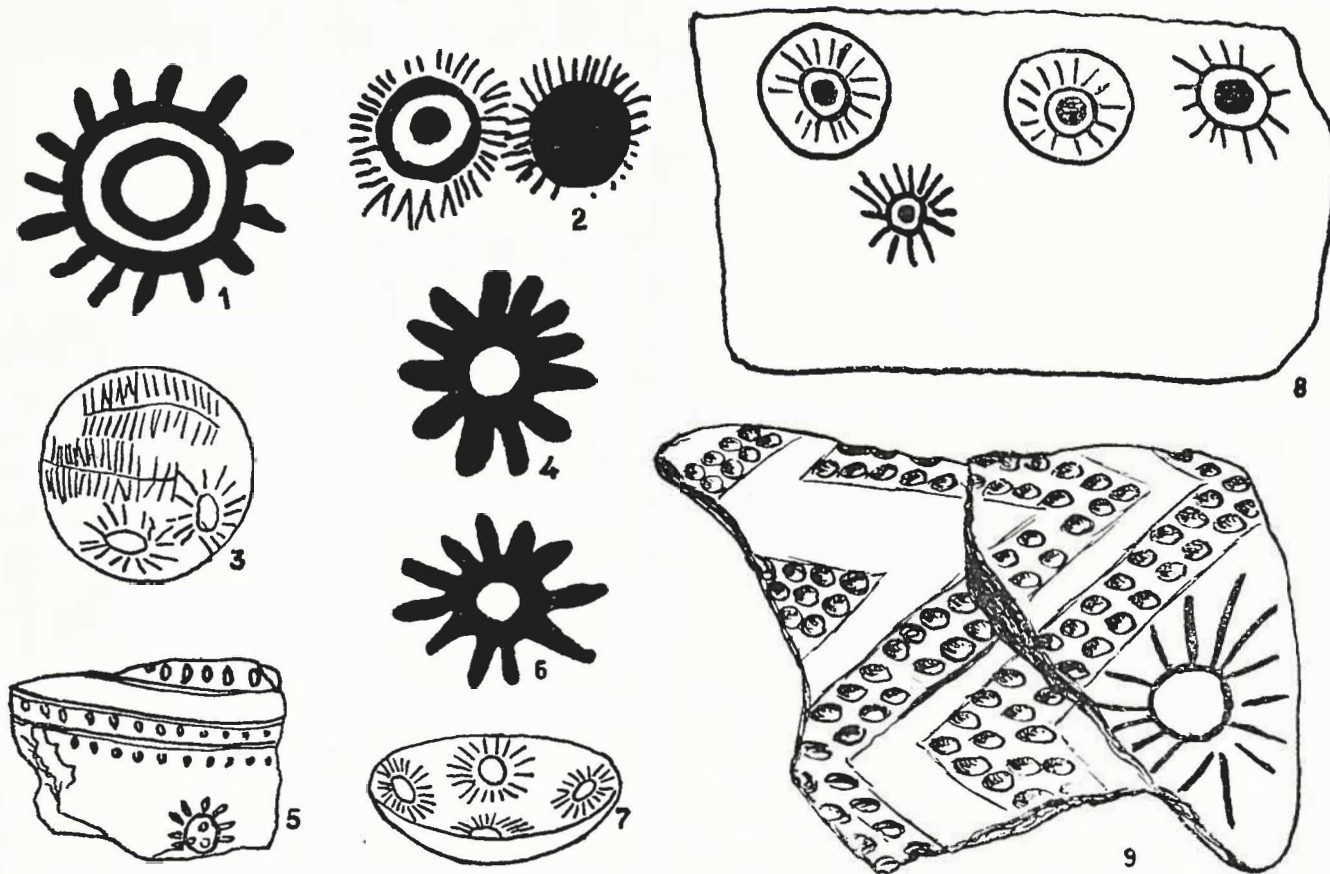


Fig. 5 — Representações solares: 1, Pala Pinta; 2, La Grajera; 3 e 7, Los Millares; 4, El Zargalon; 5, Cueva de la Mujer; 6, Cueva del Cristo; 8, Pedra de Dowth; 9, Furadouro da Rocha Forte.

ressante observar que idêntico motivo nos aparece numa placa de Pragança (33), num fragmento de vaso de Vila Nova de S. Pedro (34) e que Schlimann também o encontrou em cerâmica de Troia (35).

Nos n.º 12 e 19, além dos sulcos transversos num deles há variadas perfurações, quase superficiais no primeiro, atingindo seis milímetros no último. Este motivo é perfeitamente idêntico ao de um fragmento de vaso já recolhido nesta estação (36).

No n.º 8 damos um sinal alfabetiforme que se repete nas duas faces do objecto, e no n.º 9 um desenho muito semelhante ao do dólmen de Mané Lud, no Morbilhan (37).

Certos semi-círculos, simples ou duplos, n.º 15, em torno de dois ou quatro orifícios são comparáveis a idênticos ornatos das placas de xisto (38).

O desenho n.º 17 assemelha-se talvez a uma cabana. Breuil classifica também de habitação uma pintura rupestre de Nuestra Señora del Castillo, com traços muito semelhantes aos do n.º 13 (39).

No centro de uma placa de avantajadas dimensões encontra-se uma representação n.º 14, no género das de Peñon de las Grajas, La Visera, Retamoso, Rabanero, Los Gavilanes, Los Buitres, Malas Cabras, etc., sendo porém mais semelhante a um de Nuestra Señora del Castillo (40).

O n.º 16 assemelha-se a um arco que o caçador tivesse retesado, pronto a despedir a seta que iria ferir a caça ou o inimigo.

O n.º 20 é curiosíssimo por se assemelhar à tatuagem facial da

(33) Dr. J. Leite de Vasconcelos, *História do Museu Etnológico Português*.

(34) Afonso do Paço e Eugénio Jalhay, *A povoação eneolítica de Vila Nova de S. Pedro*.

(35) Dr. Henry Schlimann, *Atlas des antiquités Troyennes*, Paris, 1874.

(36) Afonso do Paço e Eugénio Jalhay, *A povoação eneolítica de Vila Nova de S. Pedro*.

(37) Marthe et Saint-Just Pequart et Zacharie Le Rouzic, *Corpus des signes gravés des monuments mégalithiques en Morbilhan*, Paris, 1917.

(38) Vergillo Correia, *El neolítico de Pavia*.

(39) Abbé H. Breuil, *Les peintures rupestres schématiques...*

(40) Idem, idem.

figurinha da Pedra de Ouro e aos cilindros de barro ou de calcário (41). Neste grupo ainda poderemos talvez incluir o n.º 11.

Muitos destes desenhos são por Breuil considerados antropomorfos. Citemos por exemplo o n.º 1 da fig. 2, e os zigzagues dos n.ºs 15, 16 e 17 (42). Estes últimos são pelo citado professor interpretados como sendo figuras humanas assentadas, fundamentando esta hipótese em gravuras assírias e sul-africanas (43). A título de curiosidade reproduzimos também aqui uma figura antropomorfa existente num fragmento de placa da Pedra de Ouro, que podemos considerar como sendo do sexo masculino, n.º 10.

Quantos outros paralelismos poderíamos estabelecer entre as placas do «Castelo» de Vila Nova de S. Pedro e as gravuras e pinturas das estações suas contemporâneas! Tal empreendimento levar-nos-ia muito longe e alargaria muito os limites deste trabalho. Todavia não queremos deixar de, entre outros, chamar a atenção para as afinidades que existem por exemplo entre os desenhos do n.º 18 da fig. 3 e n.ºs 11-12 da fig. 2, e os dos dólmenes do Padrão e de Côtá (44).

Já dissemos que uma grande percentagem de placas desta estação não contém ornatos. Seriam pintadas? Algumas apresentam exteriormente uma tenuíssima camada de uma espécie de envernizado. Lembremo-nos de que uma placa de xisto de Mamaltar e outra do Cabeço da Arruda se descobriram restos de pintura (45).

Em Vila Nova não encontramos até hoje senão placas com quatro orifícios, sendo desconhecido por enquanto o de dois.

Quanto às suas dimensões são elas bem variáveis, conforme se pode verificar pelos desenhos das figs. 1, 2 e 3. Permitimo-nos porém chamar a atenção para o exemplar minúsculo do n.º 18 da fig. 3 orna-

(41) Afonso do Paço, *Figurinha de barro da Pedra de Ouro*, comunicação apresentada a este Congresso.

(42) Abbé H. Breuil, *Les peintures rupestres schématiques...*

(43) Abbé Henri Breuil, *Le passage de la figure à l'ornement dans la céramique peinte des couches archaïques de Moussian et de Suse*, «XIIIème Congrès Int. Anth. Arch. Préhistoriques», Mônaco, 1906.

(44) Mendes Corrêa, *Os povos primitivos da Lusitania*, Porto, 1924.

(45) José Coelho, *Mamaltar do Vale de Fachas*, Famalicão, 1912.

mentada dos dois lados, tendo no verso uma cruz como a do n.º 1 da fig. 2.

Muitas outras considerações nos poderia sugerir o estudo das placas, mas deixemos alguma coisa que dizer para o relato de novas campanhas, pois os trabalhos do «Castelo» ainda não ultrapassaram um terço, esperançados em que S. Ex.ª o Ministro da Educação Nacional, por intermédio do Instituto para a Alta Cultura, não nos faltará com o seu prestimoso e inteligente auxílio financeiro.

PALEO- E MESOLÍTICO PORTUGUÊS (*)

(DESCOBRIMENTOS — BIBLIOGRAFIA)

II

DESDE a publicação da última nota sobre esta epígrafe nos volumes XLVI e XLVII da *Revista de Guimarães*, no ano de 1937, alguns descobrimentos se fizeram de estações paleolíticas e asturienses no nosso território, bem como novos elementos colhemos para uma bibliografia destas indústrias.

A) PALEOLÍTICO

Pelo que respeita a esta cultura, há a assinalar uma série de descobertas na bacia hidrográfica do rio Lima feitas pelo Rev. P.º Saraiva de Miranda, pároco da freguesia de Bárrio, que na sua faina arqueológica muito tem contribuído para estes estudos. São elas:

Cepões: Nas margens da ribeira que atravessa a freguesia deste nome e vai desaguar em frente de Ponte do Lima.

Labruja: Um pouco ao N de Cepões e Bárrio.

Rendufe: A NE de Labruja.

Vilar do Monte: Ao S de Bárrio.

Refojos: A NE de Ponte do Lima.

Olciros: A SW de Ponte do Lima, na margem esquerda do rio Lima.

Oliveira: A NE de Ponte do Lima, na margem direita do rio Lima.

(*) Trabalho publicado na revista *Brotéria*, vol. XXXI, Julho de 1940, Lisboa.

S. Paio da Vila: No lugar de Murrilhães, desta freguesia, que faz parte da vila dos Arcos de Valdevez.

Azere: Ao N de Arcos de Valdevez.

S. Cosme: Ao N de Azere, na margem esquerda do Vez.

Sá: Ao N de S. Cosme e margem esquerda do Vez.

Cabriro: Ao N da anterior e na mesma margem do Vez.

Britelo: Na margem esquerda do Lima, a L de Ponte da Barca.

Como se vê, uma série importante de localidades a juntar às anteriormente conhecidas, que vem enriquecer em muito não só o paleolítico da ribeira do Lima, mas também o do Minho.

A nosso ver, este paleolítico necessita de uma revisão, pois o P. Saraiva de Miranda presume que entre as peças que reputa de técnica paleolítica há algumas de tipo asturiense.

Fora do vale do Lima, há a registar duas descobertas, uma em Trás-os-Montes e Alto Douro e outra na Estremadura, e são:

Pastoria: Na freguesia deste nome, situada próximo de Chaves, não longe de um castro e a caminho de uma exploração mineira, encontrou o Eng. Lerenio Antunes Barradas um biface de tipo chelense.

Lourinhã: Com a designação de proveniência desta localidade existe, no Museu de Torres Vedras, um biface de tipo chelense recolhido por Leonel Trindade, na Quinta do Perdigão, propriedade que fica à direita da estrada Lourinhã-Bombarral, antes de chegar a Papagovos de Baixo e adiante do cruzamento da via acima referida com a ramificação que vai para a estação do Outeiro.

Infelizmente, para nós apenas se trata de estações de superfície. Contudo, cumpre-nos registar que no volume I da *Ethnos* (1) se afirma que o Prof. Manuel Heleno escavou uma estação com estratigrafia em Troia, fronteira a Setúbal.

Esperamos com justificado interesse o seu estudo, que, segundo declaração da mesma revista e o que escrevemos no número I desta série de nótulas (2), se presume que deva ter sido explorada em 1933 ou 1934.

(1) Lisboa, 1935.

(2) Afonso do Paço, «Páleo- e mesolítica portuguesa (Descobrimientos Bibliografias) I», em *Revista de Guimarães*, vol. XLVI e XLVII, Guimarães, 1937.

B) ASTURIENSE

Neste capítulo, também há a registar algumas descobertas. Na zona do Noroeste, além das estações anteriormente referidas pelo saudoso amigo R. de Serpa Pinto (3) e por nós (4), podemos assinalar as seguintes, na região costeira que vai do rio Lima ao Sul do Douro:

Bolinho: Na freguesia deste nome, descoberta pelos Rev. Dr. Luciano Afonso dos Santos e José Maria Mendes.

S. Bartolomeu do Mar: Próximo da antecedente, também foi descoberta pelos mesmos sacerdotes.

Fão: Em frente de Espozende, colheram os alunos do Colégio de Jesuítas de S. Barnabé (Braga), alguns picos. Sem saber deste achado, também o Dr. J. R. dos Santos Júnior encontrou em Fão vários materiais tipo asturiense, a cujo estudo está procedendo.

Apúlia: Numa trincheira da estrada de Viana do Castelo, entre Apúlia e Estela, encontraram-se também alguns picos asturienses.

Madalena: Ao Sul de Lavadores, na margem esquerda do Douro, foi descoberta por Carlos Teixeira e G. Zbyszewski, que recolheram, além de picos, muitos pesos de rede.

A juntar aos achados do Ribatejo, temos a assinalar uma nova descoberta do infatigável investigador Hipólito Cabaço, a quem a arqueologia nacional tanto deve, na bacia fluvial do Rio Maior, curso de água da margem direita do Tejo, que a SW de Santarém se vai lançar na Vala da Azambuja.

Os novos locais são: *Quinta do Grão, Pero Filho e Ponte do Celiro*.

Em Muge, também Hipólito Cabaço nos comunica que apareceu mais asturiense noutros locais da Ribeira da Lamarosa, além daqueles que foram citados no nosso trabalho sobre os concheiros do Vale do Tejo (5).

(3) R. de Serpa Pinto, «Nótulas asturienses, I», «Nótulas asturienses, II», «Nótulas asturienses, III».

(4) Afonso do Paço, loc. cit.

(5) Afonso do Paço, «Noves concheiros do Vale do Tejo», em *Brotéria*, vol. XXVII, Lisboa, 1938.

Vila Nova de Milfontes: Outra descoberta importante de asturiense é sem dúvida a que realizou no verão de 1938, na margem direita do Mira, junto da sua foz, no local denominado «Os Coitos», em Vila Nova de Milfontes, o ilustre arqueólogo Dr. A. Mesquita de Figueiredo, «em uma terra lavradia, sobranceira às escarpas do mar», conforme notícia publicada no *Diário de Lisboa* de 21-8-1938.

Esperamos que Mesquita de Figueiredo, da mesma forma que procedeu para com as duas estações paleolíticas que descobriu em Monsanto (*), não nos demore o estudo deste novo achado.

A hipótese de um roteiro Sul-Norte das indústrias de tipo asturiense, encontra de cada vez maiores verosimilhanças (†).

C) CONCHEIROS

Pelo que respeita a *concheiros*, cabe-nos rectificar o que escrevemos no número I destas nótulas acerca de concheiros do Vale do Sado. Conforme publicação feita pelo Eng. Lerenó Antunes, posteriormente à sua comunicação na Secção de Pré-história da Associação dos Arqueólogos Portugueses, é de dois e não de três o número de concheiros do vale daquele rio, respectivamente denominados: *Portancho* e *Quinta de Baixo* (*).

Devido à ausência deste nosso amigo, em África, só mais tarde, ao recebermos a separata do seu trabalho, tivemos conhecimento desta alteração.

(*) António Mesquita de Figueiredo, «Nota sobre duas estações paleolíticas», em *Revista de Guimarães*, vol. XXXII, Guimarães, 1922.

(†) Eugénio Jalhay, *L'industrie de type asturien scrat-elle une industrie purement locale*, em «Proced. Of. First Int. Cong. Preh. Protohist. Sciences», London, 1932; «Serão pré-asturienses as estações pré-históricas do litoral galalco-minhoto?», em *Brotéria*, vol. XVI, Lisboa, 1933.

(*) Lerenó A. Barradas, «Concheiros do vale do Sado», *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*, tomo XXI, Porto, 1936.

BIBLIOGRAFIA

- 211 — ALVES, FRANCISCO MANUEL, Reitor de Baçal — «Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança». Tomo X. Porto, 1938.
A pág. 821 há indicação das principais estações paleolíticas até então encontradas no distrito de Bragança.
- 212 — BARRADAS, LERENO A. — «Concheiros do Vale do Sado», em *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*, tomo XXI. Porto, 1936.
O autor localiza e descreve os concheiros que descobriu nas margens do Sado.
- 212 — BARRADAS, LERENO A. — «Estações paleolíticas do Cala inferior», em *Brotéria*, vol. XXVIII. Lisboa, 1939.
Acompanhada de esplêndidos desenhos, o autor dá-nos uma descrição completa das estações que descobriu nas margens do Cala, o chamado «paleolítico de Elvas».
- 214 — BELLUCCI, G. — «Congresso Internazionale di Antropologia e de Archeologia Preistoriche», em *Archivio per l'Antropologia e la Etnologia di Firenze*, vol. XI. Florença, 1882.
Refere-se ao Congresso de Lisboa de 1880, especialmente à arqueologia de Ota, Furninha, Mealhada e Muge.
- 215 — BELLUCCI, G. — «L'Uomo terziario in Portogallo», em *Archivio per l'Antropologia e la Etnologia di Firenze*, vol. XI, fasc. 3. Florença, 1882.
Em 47 páginas de texto e uma de desenhos o autor analisa a questão do homem terciário em Portugal.
- 216 — BOULE, M. — «L'origine des éolithes», em *L'Anthropologie*, vol. XVI. Paris, 1905. Historiando a questão dos éolitos, refere-se a Ota e discussões a que deu origem.
- 217 — CARDOSO, MARIO — «Clitânia de Briteiros», em *Revista de Guimarães*, vol. XLVII-XLIX. Guimarães, 1937-1939.
Ao estudar o quadro geral das indústrias pré-históricas, refere-se ao tipo asturiense português.
- 218 — CARTAILHAC, E. — «Matériaux pour l'Histoire Primitive et Naturelle de l'Homme». Pl. VIII. Paris, 1879.
Contém desenhos de alguns éolitos de Ota.
- 219 — CARTAILHAC, E. — «Notes sur l'archéologie préhistorique en Portugal», em *Bulletin de la Société d'Anthropologie de Paris*. Paris, 1881.
Refere-se a Ota e éolitos de C. Ribeiro, à colheita de biface, em Leiria, a Furninha e Muge, de que faz uma grande descrição.
- 220 — CHAVES, LUIS — «Belém na pré-história», em *Boletim Cultural e Estatístico da Câmara Municipal de Lisboa*, vol. I, n.º 2. Lisboa, 1937.
Contém enumeração de algumas estações paleolíticas dos arredores de Lisboa.
- 221 — CHOFFAT, P. — «Notice nécrologique sur Carlos Ribeiro», em *Bulletin de la Société Géologique de France*, tome XI. Paris, 1883.

- Estuda a vida científica de Carlos Ribeiro, falecido em 13 de Novembro de 1882, analisando os seus trabalhos acerca dos cólitos de Ota e concheiros de Muge.
- 222 — CHOFFAT, P. — «Notice nécrologique sur J. F. Nery Delgado», em *Jornal de Ciências Matemáticas, Físicas e Naturais*, tomo VII. Lisboa, 1908.
Referindo a vida científica de Nery Delgado, cita a Furninha e as escavações ali realizadas.
- 223 — CORRÊA, A. A. MENDES — «A propos des caractères inférieurs de quelques crânes préhistoriques du Portugal», em *Arquivo de Anatomia e Antropologia*. Vol. III, 1917.
O autor estuda, entre outros, os crâneos de Muge.
- 224 — CORRÊA, A. A. MENDES — «Sobre uma forma craniana arcaica», *Anais científicos da Faculdade de Medicina do Porto*, vol. IV, 1917.
O autor estuda, neste trabalho, a antropologia de Muge.
- 225 — CORRÊA, A. A. MENDES — «Sur les brachycephales pré-néolithiques et leur culture», em *Bulletin de la Société Portugaise de Sciences Naturelles*, vol. VIII. Lisboa, 1918.
Contém um estudo de braquicéfalos em geral e dos de Muge em especial.
- 226 — CORRÊA, A. A. MENDES — «Estudos de etnogenia portuguesa», em *Anais Científicos da Faculdade de Medicina do Porto*, vol. IV. Porto, 1918.
Contém um estudo antropológico de Muge.
- 227 — CORRÊA, A. A. MENDES — «As origens da cidade do Porto», em *Estudos Nacionais*, XIV. Gala, 1932.
O autor refere-se ao paleolítico e tipo asturiense da Ervilha e Castelo do Queijo.
- 228 — CORRÊA, A. A. MENDES — «Nouvelles observations sur l'*Homo Taganus*, nob», em *Revue Anthropologique*, vol. 33. Paris, 1933.
Contém um estudo sobre o homem de Muge.
- 229 — CORRÊA, A. A. MENDES — «Essai sur l'éthnogenie pré-romaine du Portugal», em *Revue Anthropologique*, vol. 35. Paris, 1925.
Contém referências às populações mesolíticas de Muge.
- 230 — CORRÊA, A. A. MENDES — «A propósito do *Homo Taganus* — Africanos em Portugal», em *Boletim da Junta Geral do Distrito de Santarém*, n.º 43. Santarém, 1936.
Contém a última palavra do que há publicado sobre as populações dos concheiros de Muge.
- 231 — DELGADO, J. NERY — «Les grottes de Peniche et de Casa da Moura, station et sépulture néolithique», em *Matériaux pour l'Histoire Primitive et Naturelle de l'Homme*. Paris, 1880.
O autor dá uma notícia do neolítico da gruta da Furninha, em Peniche, onde também apareceu material paleolítico.
- 232 — DELGADO, J. F. NERY — «Elogio histórico do general Carlos Ribeiro», em *Boletim da Associação dos Engenheiros Cívicos Portugueses*. Lisboa, 1905.

- O autor refere a obra arqueológica de Carlos Ribeiro, principalmente nos estudos de Ota e Muge.
- 233 — «Ethnos». Vol. I. Lisboa, 1935.
Referese à estação paleolítica de Troia já explorada pelo Prof. Manuel Heleno.
- 234 — FERREIRA, A. DA COSTA — «Negroides préhistóricos em Portugal», em *Anais científicos da Academia Politécnica do Porto*, vol. II. Porto, 1917.
Contém um estudo sobre as populações mesolíticas de Muge.
- 235 — FERREIRA, A. DA COSTA — «Crânes préhistoriques du type négroïde», em *Bulletin de la Société Portugaise de Sciences Naturelles*, vol. I. Lisboa, 1908.
Estuda o autor a antropologia dos concheiros de Muge.
- 236 — FONTES, JOAQUIM — «A questão do homem fóssil em Portugal», em *Arquivo Histórico de Portugal*. Lisboa, 1932.
O autor estuda o homem paleolítico e mesolítico português, referindo as principais estações que contêm estratigrafia.
- 237 — HARLE, EDOUARD — «Faune de la grotte des Fontainhas», em *Bulletin de la Société Géologique de France*, 1908.
Contém um estudo faunístico da gruta referida, onde se encontraram indústrias paleolíticas.
- 228 — HERVE, GEORGE — «Populations mésolithiques et néolithiques de l'Espagne et du Portugal», em *Revue de l'École d'Anthropologie de Paris*, vol. IX. Paris, 1899.
O autor refere-se às nossas populações mesolíticas de Muge.
- 239 — JALHAY, EUGENIO — «Serão pre-asturienses as estações préhistóricas do litoral galaico-minhoto?», em *Brotéria*, vol. XVI. Lisboa, 1933.
Neste trabalho, estuda o autor a hipótese de um roteiro Sul-Norte das indústrias asturienses, bem como a de corresponderem elas no nosso país ao paleolítico superior.
- 240 — JALHAY, EUGENIO — «Alguns raspadores da indústria galaico-minhota de tipo asturiense», em *Revista de Arqueologia*, tomo I. Lisboa, 1933.
O autor estuda alguns objectos líticos das estações de tipo asturiense.
- 241 — JALHAY, EUGENIO — «As novas directrizes no estudo da pré-história», em *Trabalhos da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, vol. II. Lisboa, 1936.
Contém referências aos primeiros trabalhos pré-históricos de Portugal, ao paleolítico da Guarda e mesolítico de Muge e Magos.
- 242 — MACHADO, F. FALCÃO — «A estação asturiense do Rodanho», em *Trabalhos da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, vol. II. Lisboa, 1936.
Estuda-se, neste trabalho, a estação de tipo asturiense do Rodanho, descoberta pelo autor na freguesia de Darque, fronteira a Viana do Castelo.
- 243 — MORTILLET, G. et A. — *Musée Préhistorique*. Pl. III, 1881.
Contém desenhos de cólitos de Ota.
- 244 — OBERMAIER, HUGO — «Das Paläolithikum und Epipaläolithikum Spaniens», em *Anthropos*, tome XIV, XV, 1919-1920.

- Estudando o paleolítico espanhol, refere também a sua relação com estações portuguesas.
- 245 — OLIVEIRA, F. PAULA — «Note sur les ossements humains existant dans le Musée de la Commission des Travaux Géologiques», em *Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geológicos*, tomo II, Lisboa, 1892.
Neste trabalho, há referência à antropologia dos concheiros de Muge.
- 246 — PAÇO, AFONSO DO — «Paleo-e mesolítico português (Descobrimentos — Bibliografia) I», em *Revista de Guimarães*, 1936-1937.
Contém indicação bibliográfica e notícia dos últimos descobrimentos páleo e mesolíticos.
- 247 — PAÇO, AFONSO DO — «Novos concheiros do vale do Tejo», em *Brotéria*, vol. XXVII, Lisboa, 1938.
Há, neste trabalho, uma descrição sumária dos concheiros ultimamente descobertos no Paúl de Magos.
- 248 — PEQUART, MARTE et SAINT-JUST, BOULE, M., VALLOIS — «Tevlec. Station-nécropole mésolithique du Morbihan», em *Archives de l'Institut de Paléontologie Humaine*. Paris, 1937.
Estudando as populações mesolíticas da Europa, tem referência a Muge e sua classificação antropológica.
- 249 — PINTO, R. DE SERPA — «Nota para um plano de estudos geológicos entre Minho e Lima», em *Anuário do Distrito de Viana do Castelo*, vol. I, Viana do Castelo, 1932.
Há, nesta nota, um plano de estudos geológicos e arqueológicos para a mesopotâmia de entre Minho e Lima que, devido à morte prematura deste distinto pré-historiador, ainda não foi posto em prática.
- 250 — PINTO, R. DE SERPA — «Notas sobre a indústria microlítica do Cabeço da Amoreira (Muge)», em *Congreso de la Asociación Española para el Progreso de las Ciencias*. Lisboa, 1932.
Contém um estudo das indústrias microlíticas de Muge, principalmente dos Cabeços da Arruda e da Amoreira.
- 251 — POISSON, GEORGES — «Les hommes du paléolithique supérieur», em *Revue Anthropologique*, vol. 48, Paris, 1938.
Refere-se o autor, neste trabalho, ao homem de Muge e sua classificação antropológica.
- 252 — RELLINI, HUGO — «Parallelismi Italo-Ibérico nello svolgimento della cultura primitiva», em *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, tomo XIX, Lisboa, 1933.
O autor, depois de um relato da pré-história italiana, refere-se aos nossos concheiros de Muge e indústria tipo asturicense.
- 253 — RIBEIRO, CARLOS — «Descrição do terreno quaternário das bacias dos rios Tejo e Sado». Lisboa, 1866.
Neste trabalho, Carlos Ribeiro classificava de quaternários os terrenos de Ota, etc., onde recolhera sílces, e que depois da teoria de Bourgeois sobre

- os cólitos passou a designar de terciários, conforme consta de publicação feita posteriormente em 1871.
- 254 — RIBEIRO, CARLOS — «Sur la position géologique des couches miocènes et pliocènes du Portugal qui contiennent des silex taillés» em *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques*, VI^e Session. Bruxelles, 1872.
Refere o autor a posição geológica dos terrenos do vale do Tejo que continham cólitos.
- 255 — RIBEIRO, CARLOS — «Quelques mots sur l'âge de la pierre en Portugal», em *Association Française pour l'avancement des Sciences*. Paris, 1878.
Contém um apreciável relato dos concheiros de Muge.
- 256 — PEDRO BOSCH GIMPERA — «La arqueología prerromana hispánica» (apêndice à «Hispania» de A. Schulten). Barcelona, 1920.
Contém referências às nossas estações paleolíticas e mesolíticas.
- 257 — SEVERO, RICARDO — «Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal de M. Emile Cartailhac», em *Publicações da Sociedade Carlos Ribeiro*, Porto, 1883.
Cita o autor as estações paleolíticas então conhecidas.
- 258 — SEVERO, RICARDO — «Carlos Ribeiro — Notícia necrológica», em *Revista de Ciências Naturais e Sociais*, vol. V, 1898.
Ao relatar a vida científica de Carlos Ribeiro, refere-se a Ota e seus cólitos.
- 259 — SEVERO, RICARDO — «Origens da nacionalidade portuguesa». Lisboa, 1912.
Contém referências aos primitivos povos que habitaram o território de Portugal.
- 260 — SIRET, LOUIS — «Questions de Chronologie et d'éthnographie ibériques», tome I. Paris, 1913.
Referindo-se aos concheiros de Muge, o autor relata as suas indústrias, sistema de enterramento e cronologia.
- 261 — SUEIRO, M. B. BARBOSA — «O buraco ocraniano», em *Arquivo de Anatomia e Antropologia*, vol. IX, Lisboa, 1925.
Estuda o autor a antropologia de Muge.
- 262 — SUEIRO, M. B. BARBOSA e FERNANDES, A. M. VIANA — «O índice enémico nas tibias humanas mesolíticas de Muge», em *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, tomo XIX, Lisboa, 1933.
Os autores dão-nos parte de um estudo antropológico que têm entre mãos. Salientam observações feitas numa série de tibias dos concheiros do Cabeço da Arruda e Moita do Sebastião.
- 263 — VASCONCELOS, J. LEITE DE — «Lisboa Arcaica», em *Boletim Cultural e Estatístico da Câmara Municipal de Lisboa*, vol. I, Lisboa, 1937.
Contém referência ao paleolítico de Monsanto e Campolide (Calçada dos Mestres).

264 — ZBYSZEWSKI, GEORGES — «Contribution à l'étude du littoral quaternaire au Portugal», em *Publicações do Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico da Faculdade de Ciências do Porto*, n.º XV. Porto, 1940.

O autor, ao estudar as formações geológicas do litoral português, refere as suas indústrias pre-históricas e noticia a descoberta de duas estações de tipo asturiense.

Lisboa, Maio de 1940

SANDALIAS DE ALAPRAYA (*)

EN Alapraya, pequena población vecina de Estoril, a unos 18 kilómetros de Lisboa, realizamos, con el ilustre arqueólogo P. Eugénio Jalhay, la exploración de una gruta sepulcral del tipo de Palmella y Carenque, a la cual pusimos el nombre de Gruta II por haber otra de este tipo en la misma localidad, Gruta I, completamente destruída en tiempos remotos, ignorándose a qué se debe su destrucción, además de una tercera (Gruta III), cuya excavación pretendemos llevar a cabo (¹).

Abiertas en la roca que abunda en la localidad tienen estas grutas eneolíticas el aspecto de un gran horno abovedado, la cámara, provista de una abertura superior, la claraboya, y de otra lateral que comunica con una galería de entrada descubierta o vestíbulo (²).

Los objetos arqueológicos recogidos en la gruta explorada, muy importantes, son varios cilindros de piedra, puntas de flecha en sílex de base pedunculada o recta, cuchillos de sílex y cuarzo hialino, placas

(*) Trabalho apresentado ao Conselho Superior de Investigações Científicas, tomo I, Madrid, 1941.

(¹) Estas excavaciones fueron costeadas por la extinguida Junta Nacional de Educación con ayuda de la Câmara Municipal de Cascaes.

(²) Emile Cartailhac, *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, Paris, 1886. — J. Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitania*, vol. I. Lisboa, 1898. — Nils Aoberg, *La civilisation énéolithique dans la Peninsule iberique*. Halle, 1921. — Afonso do Paço y Eugénio Jalhay, *As grutas de Alapraya*. Brotéria, vol. XXI. Lisboa, 1935.

de esquisto, una lúnula de piedra, cuentas de diferentes tamaños y sustancia, colgantes, objetos de hueso, cerámica de varias dimensiones, de las que se destacan algunos tipos campaniformes, y vasos de los del tipo de Palmella, uno de estos recubierto del todo de interesantes ornamentaciones, encontrándose también muchos restos antropológicos fragmentados.

Estos objetos estaban muy removidos, habiéndose encontrado también, en una especie de surco lateral que circunda la base, un par de sandalias de piedra, que son el objeto del presente estudio.

En este surco, que tiene cerca de medio metro de ancho y a una distancia aproximada de unos 0,80 metros unos de otros, se encontraron varios restos de cráneos acompañados de fragmentos de huesos largos, lo que nos hace suponer que los cadáveres serían depositados allí en posición de decúbito, con la cabeza recostada en la pared lateral de la cámara. En lo restante de la gruta, a pesar de nuestros esfuerzos, no nos fué posible alguna observación rigurosa, debido a que los restos se encontraban muy removidos, habiendo en el centro, a medio metro de la base, fragmentos de industrias contemporáneas y, según nos informaron personas de la localidad, no hace muchos años había en la claraboya de este monumento prehistórico una gran higuera.

Las sandalias estaban situadas al lado izquierdo de la gruta, en el surco antedicho, distantes una de otra unos 0,80 metros. Tienen poco más o menos la forma de un 8 y se ve claramente que la una pertenece al pie derecho y la otra al izquierdo, encontrándose esta última partida, como indica la fig. 1.

Miden exactamente 21 centímetros de longitud. La del pie derecho, mejor conservada, mide en la parte más ancha 85 milímetros y la del izquierdo, que está un poco deteriorada, apenas mide 81. El centro de la parte superior, que es plano, está seguido de un saliente, de un reborde levantado con orificios y de una zona exterior redondeada. La parte inferior está levemente arqueada; el reborde de la sandalia del pie izquierdo tiene 33 orificios y la del derecho, 32, estando colocados los de ésta más uniformemente distribuidos. Como la fig. 1 indica, una gran parte de ellos se encuentra incompleta por ser muy frágil y estar la piedra deteriorada por las infiltraciones que produce la lluvia..

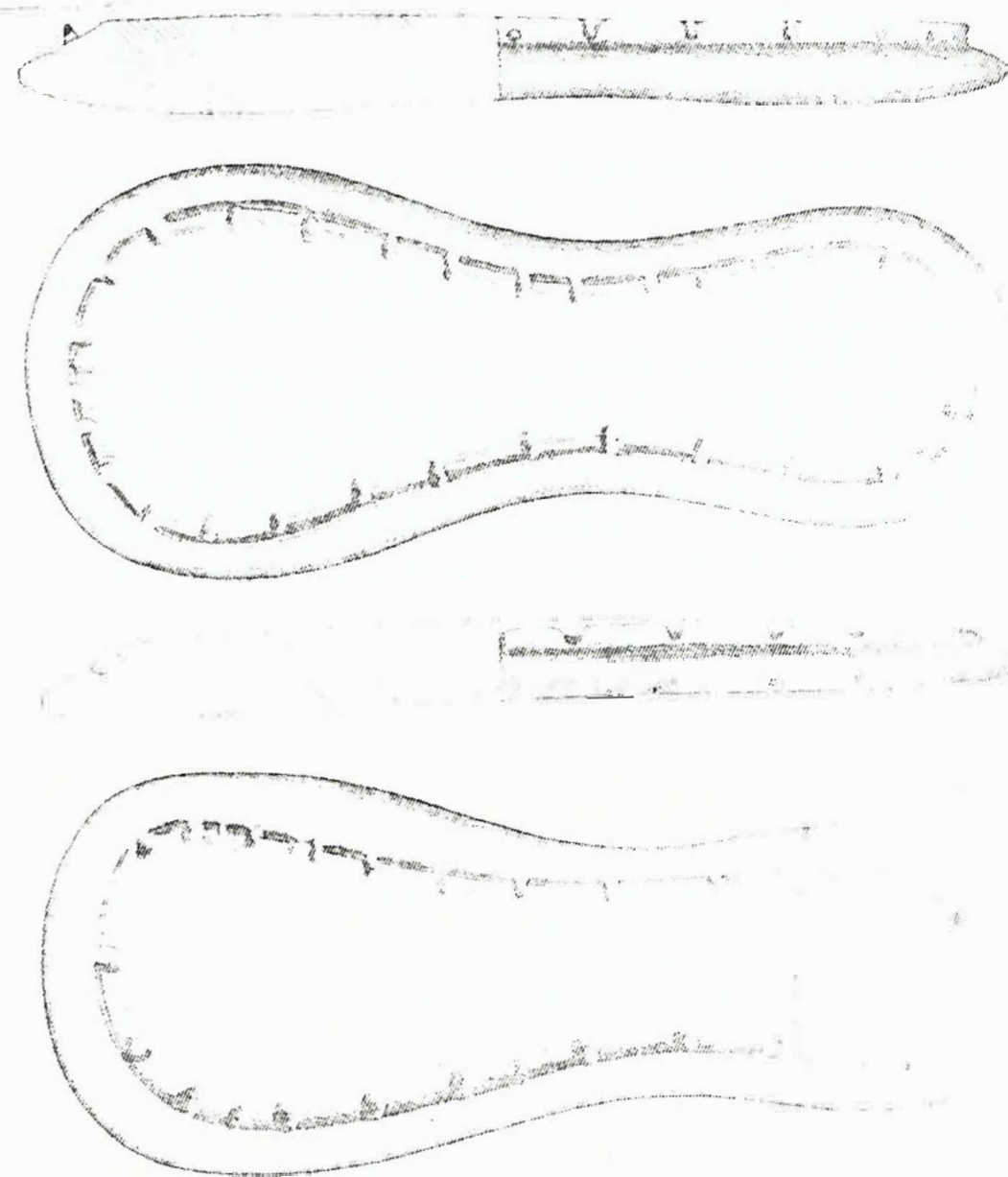


Fig. 1 — Par de sandalias de callza de la cueva sepulcral eneolítica de Alapraya II, cercanías de Lisboa (Longitud total: 0,21 m).

Estos orificios unas veces están abiertos en el reborde perpendicularmente a éste, otras están hechos por la unión de dos aberturas oblicuas en forma de V, una exterior y otra interior.

El espacio interior de los rebordes, entre la punta del pie y la parte posterior de la planta es de 19 centímetros y el ancho mayor a la altura de los dedos es de 7 centímetros en la del pie derecho y de 6 en la del izquierdo. Sin ser iguales una y otra, esta última se aproxima más a la forma real del pie.

En los orificios de los rebordes debían colocarse correas o tiras de cualquier tejido o sustancia que sujetasen las suelas a la planta del pie.

No siendo estas sandalias para calzarlas en el uso diario, pues no resistirían una caminata algo violenta, vemos que, por sus dimensiones, apenas se podrían aplicar al pie de un adolescente, tal vez una joven, quién sabe si a una virgem. Las medidas usuales de hoy tomadas por nuestros industriales de calzado nos permiten establecer que serían usadas por una criatura de cerca de diez años.

Se trata de sandalias votivas, simbólicas del viaje de ultratumba, o de objetos usados en algún ceremonial religioso? Son preguntas a las que no podemos responder afirmativamente.

Nada se encuentra, que sepamos, semejante a ésto en la arqueología mundial. Apenas si se puede comparar con un ídolo en forma de sandalia grabado en una placa de hueso, encontrado en Almizaraque (Almería) por el fallecido arqueólogo Luis Siret (3).

Sus dimensiones son por esto mucho mayores que la de los dos objetos de Alapraya. Siret apenas las denomina con el nombre de placa de hueso y dice que el dibujo, enteramente en relieve (fig. 2), es obra de una gran paciencia y las hace semejantes a las sandalias de esparto trenzado. Dice, además, que se pueden comparar a los dibujos de pies y dedos que se encuentran en ciertos monumentos prehistóricos y que fué hallado en una casa donde había cerca de 30 huesos pintados y grabados (4).

(3) L. Siret, *Orientaux et occidentaux en Espagne aux temps préhistoriques*, Revue des Questions Scientifiques, Bruxelles, 1907 (Lám. VI).

(4) Idem, idem.

Contiene lateralmente una serie de pequeños orificios. Su descubridor nos dió de estos objetos un dibujo muy acabado, fig. 2 (5). Ultimamente se publicó una fotografía exacta (6), donde podemos observar los estragos que le causó el tiempo.

El profesor H. Breuil, en su obra *Les peintures rupestres schematiques de la Peninsule Iberique* (7), dice que «este objeto extraño» se asemeja por su decoración a nuestras placas de pizarra y por su forma general a los ídolos femeninos de Almería, y como tal, acaso pueda verse en ello el resultado de una fusión de estos dos tipos.

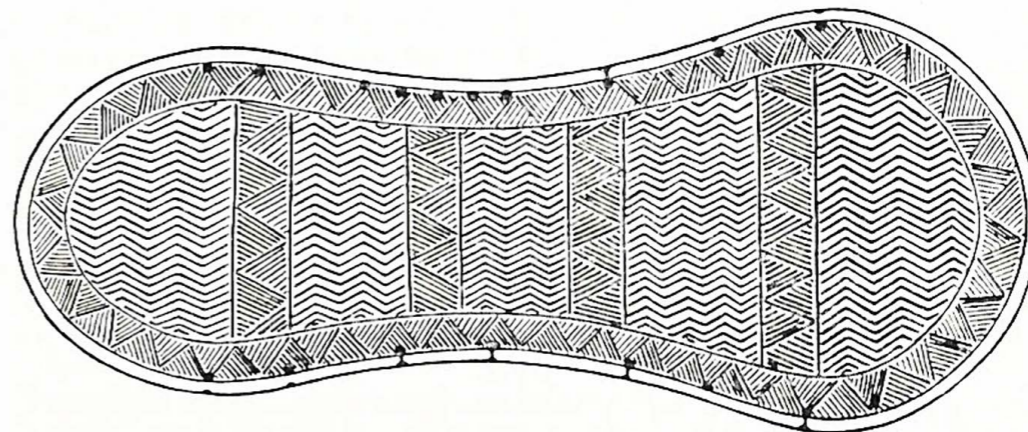


Fig. 2 — Sandalla de hueso decorado hallada en una casa de Almizaraque (Almería). Longitud: 0,29 m.

(Colección Siret)

Ahora bien, el descubrimiento de las sandalias de Alapraya, sin decoración alguna, es cierto, pero presentando también la forma de 8 de los llamados ídolos femeninos de Hissarlik, no hará colocar el objeto de Almizaraque donde hay también orificios laterales, en un

(5) Idem, idem.

(6) Luis Pericot García, *Epocas primitiva y romana*, en *Historia de España*, tomo I, página 155.

(7) Volumen IV. Paris, 1935.

grupo de sandalias rituales, diferentes de aquellos ídolos que además de la figura de 8 tienen muchas veces ojos y cejas? (*).

La sandalia de Almería, por sus dimensiones, 292 milímetros, debía corresponder, por lo tanto, a un adulto. Esta no tiene exactamente la forma del pie, como sucede a las de las momias del antiguo Egipto.

Además, en las de Alapraya, una, la del pie izquierdo, se aproxima más, por su trabajo interior, a las de los viejos túmulos egipcios, la del derecho tiene la forma de un 8 más perfeccionado, como la de Almizaraque y ciertos ídolos de Hissarlik.

Siret, al referirse, como antes dijimos, a la sandalia que encontró, dice se parece a las impresiones de pies y dedos figurados en varios monumentos prehistóricos (°). Ya en el Congreso de Arqueología, que se celebró en Lisboa en 1880, el barón J. de Baye, en su comunicación denominada «Les trois caractéristiques de l'époque néolithique en France tels qu'ils sont réunis dans les stations de la Champagne» (10), se refiere a unos pies humanos grabados en el dolmen de Petit-Mont y que, según el autor, son símbolo de viaje, de la partida para el otro mundo.

En este orden de ideas podemos agrupar con los hallazgos de Alapraya y Almizaraque, ciertos grabados de Pisselerand, Cloonfinlongh (11), Staigne Bridge (12) y acaso Dawoth (13), además de otros del Sahara Central (14). En Escandinavia misma hay también, entre sus ricos y variados grabados, algunas impresiones de pies, según hemos podido observar en una curiosa exposición de dibujos de

(*) Joseph Déchelette, Manuel d'Archéologie Celtique et Galo-Romaine, volumen I, página 599. París, 1928. — Louis Siret, Questions de Chronologie et d'Ethnographie Iberiques, tomo I, página 59. París, 1913. — Henri Breuil, Les peintures rupestres schématiques de la Peninsule Iberique, vol. IV, página 122. París, 1935.

(°) L. Siret. Orientaux et Occidentaux..., Lám. VI.

(10) Commandant Octobon, Enquête sur les figurations neo et néolithiques, Revue Anthropologique. París, 1931.

(11) Henri Breuil, Presidential adress, Proceedings of the Prehistoric Society of East Anglia, vol. VII, part. III, 1934.

(12) Idem, idem.

(13) Idem, idem.

(14) Maurice Reygasse, Contribution a l'étude des gravures rupestres et inscriptions Tifinar du Sahara Central. Alger, 1932.

grabados rupestres de la costa noruega, realizada en la Casa de Artistas en Oslo, con ocasión del segundo Congreso Internacional de Ciencias Prehistóricas y Protohistóricas que tuvo lugar en agosto de 1936.

Por tanto, nos encontramos o en presencia de dos sandalias rituales, utilizadas en ciertas ceremonias religiosas, en cuyo caso sólo podrían ser empleadas por una criatura, tal vez por una niña mayorcita, por la delicadeza del pie, o se trata de unas sandalias votivas, representando el viaje de ultratumba de los seres inhumados en esta gruta.

Ya en otro trabajo dijimos (15) que se presume que esta sepultura colectiva se encontraba consagrada a la luna, pues en el centro geométrico de la base se encontraba un saliente de piedra. En Folha de Barradas, Cascaes, Carenque y Palmella se encuentran también vestigios de cierto culto y los historiadores antiguos refieren que la Sierra de Cintra se llamaba Sierra de la Lua (16).

Se admita una hipótesis u otra, lo que sí es cierto es que tales objetos nos dan una idea del calzado utilizado en los poblados de aquellos tiempos.

AFONSO DO PAÇO

De la Academia Portuguesa de História

Lisboa, 1938.

(15) Afonso do Paço, Le culte a la lune a la grotte II de Alaprala (Portugal), II International Congress of Prehistoric and Protohistoric Sciences. Oslo, 1936.

(16) Ptolomeo, Geografía, II, 5.

AS GRUTAS DO POÇO VELHO OU DE CASCAIS (*)

CAPÍTULO I

NOTÍCIA HISTÓRICA

QUEM se dirigir a Cascais pela estrada marginal vindo de Lisboa e Estoril, encontra, depois da curva que esta via forma adiante da estação do caminho de ferro, e ao seu lado direito, umas rochas alcantiladas no cimo das quais existem algumas casas de habitação.

Na base destas rochas ficam as afamadas grutas do Poço Velho ou de Cascais, que constituem uma das mais importantes necrópoles eneolíticas do nosso país.

Os terrenos em frente destas grutas ou furnas, hoje desprovidas dos muros e casario que ainda há pouco as encobriam, estão em via de transformação, vindo a constituir talvez num futuro bem próximo um formoso parque, continuação do Jardim Visconde da Luz, tornando assim mais aprazível a entrada da vila a quem vem das bandas de Leste (Est. I).

Exploradas em Março e Abril de 1879 pelo ilustre geólogo Carlos Ribeiro, encontra-se o espólio no Museu da Comissão dos Serviços Geológicos, não tendo aquele cientista levado a cabo a sua publicação, por ter falecido pouco depois, em 1882.

(*) Trabalho publicado nas *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, tomo XXII.

Propondo-nos, por amável acedência dos illustres dirigentes daquela Comissão, fazer um relato do que se encontra arrecadado em duas vitrines do Museu, comecemos por referir o que até agora sobre elas se tem escrito.

Desconhecemos como foi C. Ribeiro levado a fazer estas explorações.

A primeira notícia escrita que sobre elas encontramos apparece-nos em Cartailhac. Este illustre arqueólogo francês estivera em Lisboa em 1880, tomando parte no IX Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-históricas que então reunira na nossa capital, de 19 a 29 de Setembro.

Chegado a França publicou um relato onde descreve as maravilhas do passeio de Lisboa a Cascais a bordo do transporte *África*, a alegria que sentiu ao encontrar na baía os couraçados da esquadra francesa vindos a Lisboa com demora de quatro dias e que ali tinham lançado ferro para tomar parte nas festas do aniversário do príncipe real D. Carlos. A passagem do *África*, todo engalado, por entre aqueles vasos de guerra, os acordes da *Marselhesa* e do *Hino da Carta*, o troar dos canhões e a fumarada da pólvora, deixaram o nosso hóspede tão enebriado, que apenas consagrou três linhas às grutas:

«Il ne faut pas s'étonner si l'on fut un peu en retard pour la visite des grottes qui avaient livré à M. C. Ribeiro de nombreux ossements humains et une quantité de superbes objets de l'âge de la pierre polie» (1).

É que nesse dia os congressistas ainda tiveram que voltar ao *África* para almoçar, partir a correr para Sintra onde os esperavam outras maravilhas, voltar a Cascais, mudar de trajo e assistir à noite a um baile oferecido por Suas Magestades.

É sempre assim nos congressos.

Não censuremos Cartailhac. Em dias mais calmos, já sem um programa tão sobrecarregado como o do dia 28 de Setembro, dedicou-

(1) Emile Cartailhac, «Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques». Paris, 1880, p. 17.

Idem, «Notice sur l'archéologie préhistorique en Portugal». Paris, 1881, p. 16 e 19.

-lhes uma parte do seu tempo, como adiante veremos, espalhando a sua fama pelo mundo científico.

Pouco depois, em 1884, saía a lume o «Compte-Rendu» daquela memorável reunião científica, onde, ao relatar-se o passeio a Cascais e Sintra se faz das grutas uma apreciável descrição (2).

«On descend à terre et, traversant la ville, on va visiter les grottes de Poço Velho. C'est là que le secrétaire général, M. Carlos Ribeiro, a fait d'importantes et fructueuses découvertes. Il y a recueilli en abondance des squelettes humains, des os d'animaux, des coquilles marines, et une grande quantité de magnifiques objets d'industrie de l'âge de la pierre polie, tels que: vases en terre de grandeurs et de formes diverses, des couteaux et des pointes de flèches en silex, des plaques de schiste ornées de dessins, des perles et d'autres pièces d'ornements, en jais, en callaïs et en serpentine; des couteaux et des nucléus de quartz hyalin et enfumé; des os longs fendus et travaillés, des stylets, des plaques, des pendeloques et d'autres pièces en os; des haches en pierre polie, des caillaux roulés et usés; des plaques et d'autres objets sculptés de calcaire, etc.» (3).

Uma fotografia, planta e cortes da gruta completam esta descrição (Est. II).

Dois anos depois, em 1886, apparece a obra de Cartailhac a que atrás nos referimos, contendo o relato mais completo até hoje publicado

(2) «Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques», IX^e Session. Lisbonne, 1880, p. 75-76.

(3) Por se nos afigurar inútil nada transcrevemos aqui do que outros congressistas disseram em seus países como:

G. Cotteau, «Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques — Session de Lisbonne — Notes de voyage». Auxerre, 1881.

Idem, «Le préhistorique en Europe». Paris, 1889.

Ad. de Ceuleneer, «Le Portugal — Notes d'art et d'archéologie». Anvers, 1882.

G. Bellucci, «Congresso Internazionale di Antropologia et Archeologia Prehistoriche». Archivio per l'Antropologia et la Etnologia de Firenze, vol. XI, fasc. III. Firenze, 1882.

destas grutas com descrição de objectos, etc., acompanhado de bastantes desenhos (1).

Por termos de fazer adiante um estudo de todo o espólio, abstermo-nos de repetir o que disse este arqueólogo, dando-se então em devido lugar, as referências necessárias.

Paula e Oliveira que começou um estudo sobre as antiguidades de Cascais e seus arredores, trabalho cuja conclusão a morte não permitiu, diz que a região ao Sul da montanha de Sintra, foi explorada por Carlos Ribeiro em 1879 e entre as escavações levadas a cabo cita a das grutas do Poço Velho (2).

Em 1891 Estácio da Veiga, também se refere com certa amplitude a Cascais dizendo:

«As grutas do Poço Velho, na propinquidade do oceano, foram escolhidas e utilizadas pelos homens da última idade da pedra para recôndito abrigo dos que cessavam de existir. Não sei se são originariamente devidas à natureza da rocha, se à impetuosa acção erosiva das ondas do mar, havendo interiormente espaços com altitude superior a 6 metros. Nesta última hipótese seríamos obrigados a admitir um levantamento naquele solo marginal, ou uma lenta retirada das águas numa época geológica anterior ao tempo da ocupação das grutas. Não vem, porém, ao meu propósito deixar aqui averiguada a causa que originou aquela formação.

Basta-me poder mostrar com o pecúlio funerário que Carlos Ribeiro fez dali remover para o Museu da Comissão Geológica, que os esqueletos humanos, que foram achados com ossos de animais, conchas de moluscos marinhos, louças, facas e frechas de sílex, núcleos e facas de quartzo, placas de xisto ardoso com gravuras geométricas, contas e outros adornos de azeviche, calaite e serpentina, vários artefactos de osso, machados

(1) Emile Cartailhac, «Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal». Paris, 1886, p. 104-108.

(2) Francisco de Paula e Oliveira, «Antiquités préhistoriques et romaines des environs de Cascais». *Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geológicos de Portugal*, tomo II, fasc. I. Lisboa, 1889.

polidos e percutores de pedra, apareceram também as duas lanças de cobre que represento com os n.ºs 15 e 16 da Estampa XVIII (3).

Não é lícito considerar estas lanças de cobre como significando uma posterior ocupação daquela caverna, ou referi-las a uma civilização mais adiantada, por isso que nenhum artefacto indicador de maior processo industrial foi achado na situação que ocupavam aquelas armas de cobre, nem mesmo envolto na camada superficial do depósito: logo, as lanças de cobre hão-de necessariamente corresponder ao tempo em que os mencionados característicos da última idade da pedra ainda estavam em uso; e portanto, o homem neolítico desta parte da Europa, conhecendo já e usando armas de cobre, passou deste modo a inscrever-se numa nova fase de progresso industrial, que eu denomino *idade do cobre*.

A gruta do Poço Velho em Cascais, em que tais instrumentos metálicos foram achados, ficou por este facto constituindo neste reino mais uma estação mortuária da *idade do cobre* (4).

Fundamenta Estácio da Veiga esta sua última asserção numa análise feita aos objectos metálicos destas grutas por C. Lepierre e M. Lachanel, que indicaram ser os mesmos de cobre sem estanho (5).

As grutas andavam ao abandono e o seu estado de acieiro era pouco cuidado. Assim as foi encontrar em 1895 o Prof. Dr. J. Leite de Vasconcelos que diz:

«Visitando as grutas pré-históricas do Poço Velho (Cascais) em Maio de 1895, vim de lá mal impressionado por as ver completamente abandonadas e desprezadas. Por esse motivo enviei ao Ex.º Presidente da Câmara de Cascais o seguinte officio (N.º 26 de 1895): Il.º Ex.º Sr. — Seguro como estou de que V. Ex.ª, pela sua illustração e dedicação corresponderá ao apelo que lhe faço em nome da ciência, dirijo-me a V. Ex.ª chamando

(3) Est. XXII do presente trabalho.

(4) Sebastião Filipes Martins Estácio da Veiga, «Antiguidades monumentaes do Algarve», vol. IV. Lisboa, 1891, p. 149-150.

(5) Idem, *ibid.* Nota p. 150.

a sua atenção para um assunto que, por interessar em geral o nosso país e em especial ao concelho de cuja Câmara V. Ex.^a é muito digno Presidente, creio merecerá o particular cuidado de V. Ex.^a.

Nos arrabaldes da vila de Cascais há umas grutas naturais denominadas do Poço Velho, que foram exploradas e estudadas por Carlos Ribeiro, do que resultou vir a saber-se que elas constituíam importantes e curiosos monumentos funerários dos tempos pré-históricos. Nesse sentido visitaram-nas os sábios estrangeiros que vieram a Lisboa em 1880, por ocasião da celebração do Congresso de Antropologia e Arqueologia Pré-Históricas. Ali se acharam muitos objectos industriais que hoje estão no Museu da Direcção dos Trabalhos Geológicos.

Ora, estando sendo estas grutas muito mal tratadas pelo povo, tomo a liberdade de lembrar à Ex.^{ma} Câmara da presidência de V. Ex.^a a conveniência de não só se manterem limpas, mas também resguardadas por um gradeamento, tanto mais que o local se presta admiravelmente, as referidas grutas, que de futuro poderiam ser atractivo para o público, como a afamada Boca do Inferno. Em tal caso, colocar-se-ia sobre a porta do gradeamento um dístico, por exemplo: *Grutas Pré-Históricas do Poço Velho*, que atestasse aos visitantes que o município de Cascais se não esquecia de tributar às gerações extintas o respeito e veneração que merecem, pois delas descendemos» (*).

Este pedido do Prof. Dr. J. Leite de Vasconcelos não caiu no vácuo como vamos ver. No ano seguinte *O Archeólogo Português* publicava:

«As grutas de Cascais. A propósito deste assunto tratado em *O Archeólogo Português*, I, 250, lê-se em *O Século de 6 de Abril* o seguinte que com todo o gosto aqui se transcreve:

(*) J. Leite de Vasconcelos, «Antiguidades das proximidades de Lisboa... 3—Grutas pré-históricas de Cascais». *O Archeólogo Português*, vol. I. Lisboa, 1895, p. 250.

Sobre a notícia que demos do estado de abandono e imundície em que se encontram as famosas furnas de Cascais, escreve-nos o ilustre Presidente da Câmara Municipal daquele concelho, Sr. Jaime Artur da Costa Pinto informando-nos que a Câmara já deliberou tomar as necessárias providências para a limpeza e conservação de tão importantes monumentos pré-históricos.

Não temos senão a louvar a resolução da Câmara de Cascais e agradecer ao Sr. Costa Pinto a sua carta que decerto será lida com agrado por todos quantos se interessam pelos vestígios dos nossos antepassados que vieram até nós.

Eis a carta do Sr. Presidente da Câmara de Cascais:

Refere-se *O Século* de hoje às furnas, monumento pré-histórico que existe na vila de Cascais, e reclama providências contra o estado de imundície em que as grutas se encontram. Cumpre-me na qualidade de Presidente da Câmara Municipal de Cascais informar que na penúltima sessão foi autorizada a limpeza às grutas e aprovado o orçamento de uma grade de resguardo para evitar o vandalismo que o público até agora praticava naquelas notáveis furnas, enchendo-as de imundícies.

O poço velho que se encontra junto às furnas também foi mandado limpar e cobrir com tampa. Destes trabalhos está encarregado o condutor de obras públicas, Manuel Ferreira dos Santos, empregado técnico da Câmara.

Lisboa, 5 de Abril de 1896 — Jaime Artur da Costa Pinto» (10).

Adiante se verá o que se passou.

Em 1897 publicou-se o I volume das «Religiões da Lusitânia» onde o seu autor apenas enumera as grutas de Cascais e nos dá delas duas fotografias tiradas em Novembro de 1895 pelo Sr. Maximiano Apolinário (Est. II) (11).

(10) J. Leite de Vasconcelos, «As grutas de Cascais». *O Archeólogo Português*, vol. II. Lisboa, 1896, p. 112.

(11) J. Leite de Vasconcelos, «Religiões da Lusitânia», vol. I. Lisboa, 1897, p. 215 e 219.

Idem, «Grutas pré-históricas do Poço Velho em Cascais» — IV Centenário da Índia — Câmara Municipal de Cascais — Maio de 1898.

No espaço de uma dezena de anos quase adormeceu o assunto das furnas. Apenas uma alusão bem ligeira aqui e além.

Assim por exemplo, Déchelette, no seu tão afamado «Manuel d'Archéologie» referindo-se a um objecto delas diz: «fac-simelé d'ermite en marbre. Grotte sépulcrale de Cascais (Espagne)» (12).

Sempre o hábito de confundir os dois povos peninsulares!

Voltam, porém, à cena em 1916 pela mão do Dr. Félix Pereira.

Será fastidioso tornar a referir factos já tratados nas transcrições acima feitas, mas perdoe-me o leitor trasladar ainda na íntegra a prosa agradável daquele abalizado pré-historiador (13).

«Existe em um recanto da linda vila de Cascais, uma venerável antigualha, que teima em se deixar esquecer dos seus naturais donos e que, por isso, tem permanecido miserandamente conspurcada. Afora aqueles, desejo que me ouçam os que devem ter ouvidos para estas coisas do passado as quais são elas da nossa história e factores da nossa educação.

É muito pequena a minha voz e muito insignificante o meu nome, para este ousio de publicidade, mas é tão necessário este apelo, que animosamente venho ao tablado jornalístico para agitar uma coisa que, por ser pacífica, não deixa de ser muito patriota (14).

* * *

A antigualha a que vou referir-me, é constituída por umas grutas que existem na vila de Cascais e já tiveram o seu dia de festa em 28 de Setembro de 1880, quando foram expressamente visitadas por nada menos que um Congresso de notabilidades científicas. Realizou-se naquele ano, em Lisboa o *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques*,

(12) J. Déchelette, «Manuel d'Archéologie Préhistorique Celtique et Gallo-romaine», vol. II. Paris, 1908.

(13) Félix Alves Pereira, «Antiquitas — I: As grutas de Cascais». *O Arqueólogo Português*, vol. XXI. Lisboa, 1916, p. 195-200.

(14) Neste texto que se transcreve, como noutros anteriores e posteriores há indicação de jornais em que vieram publicados artigos sobre estas grutas.

cujos membros ilustres foram trazidos ao nosso país pela mão do grande geólogo português Carlos Ribeiro.

Essas grutas, que a bem dizer, formam uma só caverna com várias entradas, são conhecidas pela designação de *Furnas do Poço Velho*, e ocupam a base de uma escarpa de rocha cretácica, que se ergue a curta distância da margem direita da ribeira de Cascais, em um recinto murado pertencente ao município. A sua notoriedade não tem merecido aos amigos de Cascais admissão nas variadas colecções de bilhetes postais ilustrados, mas ela vive bem mais honrosamente nas bibliotecas de todo o mundo culto, onde quer que se guarde um exemplar do *Compte-Rendu* daquele notável congresso. Efectivamente nesta publicação encontra-se uma foto-litografia em que a gruta do Poço Velho é representada no seu tríptico aspecto de vista geral, de planta e de secção. E, em obra portuguesa, pode ver uma xilo-gravura dessa estância pré-histórica, quem compulsar o vol. I, figs. 42 e 43 das *Religiões da Lusitânia* do Dr. J. Leite de Vasconcelos.

Aos sábios daquele congresso ofereceu el-rei D. Luís, na cidade de Cascais, um baile, enquanto a baía se polvilhava de luzes, muitas das quais desenhavam os contornos dos navios de guerra franceses, que tinham vindo solenizar o acontecimento. A Lisboa regressaram, alta madrugada, os congressistas, embarcando no *África*, que a Cascais os conduzira, já na véspera, para a visita das grutas e de Sintra.

Carlos Ribeiro honrava o seu país, empolgando os sábios com o fruto do seu grande e sugestivo labor, que, só no tocante às furnas de Cascais, enchia, no Museu da Comissão Geológica, a Jesus, quatro altos armários. Ainda hoje esse magnífico espólio pré-histórico ali se admira e não sou eu quem o vai adjectivar com descolorido qualificativo; é E. Cartailhac, um dos eminentes paleoetnólogos que ali estiveram, o qual, na sua obra *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, o distingue com a denominação de *très remarquable*.

Ora eu, que há muito alimentava o desejo de tomar conhecimento com as furnas do Poço Velho, procurei em um dos dias do passado mês de Agosto o ensejo de as ver. Transpuz uma

singela porta de madeira, ao fim de uma rua sem outra saída, para os lados de trás do jardim chamado agora da República. Encontrei-me dentro de um recinto quadrilongo, vedado por um muro para a banda da ribeira e no topo, em frente da entrada. A elevada escarpa da rocha constitue a face esquerda deste espaço, e é na base que se abrem as bocas da *gruta do Poço Velho*. Ainda lá existe este poço (13).

É muito desigual o solo deste recinto; não seria difícil regularizá-lo. Pareceu-me, pela heteróclita acumulação de cosas, que o município de Cascais relegara, para aquele aliás notável lugar, a arrecadação de inutilizados veículos e outros artigos de limpeza e rega da vila. Sem custo descobri as entradas da famosa gruta. A primeira, que a menor distância da entrada se me patenteava, achava-se obstruída por velhas barricadas de cimento e uma aglomeração de tábuas e chapas de ferro; não pude transpor esta desconcertante barricada. As outras bocas da gruta ocupam o extremo do quadrilátero do mesmo lado. São três e quase contíguas, mas uma só me permitiria fácil ingresso, por ser mais ampla e encontrar-se desobstruída.

Aqui, porém, recuei, irresistivelmente enjoadado. Os modestos empregados municipais, que frequentam este recinto, conspurcam cotidianamente o pavimento desta entrada da gruta com a mais despreocupada *aisance!* Não há paixão arqueológica, que resista a esta prova. Decerto não é para estes humildes trabalhadores, que nós devemos dogmatizar que os recessos escuros das furnas do Poço Velho foram um vasto ossuário do fim da época neolítica e que hoje, em toda a parte, ele seria alvo da mais carinhosa veneração por parte da municipalidade ou do governo do país, que tivesse a dita de as possuir no âmbito das suas fronteiras.

Todos os variados e típicos objectos, como os ossos que Carlos Ribeiro colheu na sua exploração, preliminar da reunião do Congresso, encontram-se classificados e expostos no Museu a que já me referi; do seu exame pode aquilatar-se a singular

(13) É interessante notar que na vila de Cascais há também o tópico de *Poço Novo*.

importância, que esta gruta funerária adquiriu na antiga civilização, que a utilizou.

Este culto piedoso devia ser bem compreendido por nós todos, que somos pródigos de exibições fúnebres em honra dos mortos do nosso tempo. É certo que já lá vão, à distância de alguns milhares de anos, estes nossos protoparentes, mas, à parte o valor geral etnográfico dos monumentos desta ordem, os filhos de Cascais (14) deviam sentir um grande respeito por estes autênticos legados dos povos que, por estes mesmos sítios, viveram a sua existência rude, não tão rude, porém, nem asselvajada, que, no seu estado social, não tivessem a consagração de uma sentimentalidade, ainda hoje pressentida nos instrumentos do seu ritualismo fúnebre.

* * *

Sem embargo da universal celebridade desta caverna, uma indiferença contumaz tem pairado sobre a sua existência.

Já em 1895, o Sr. Dr. José Leite de Vasconcelos, visitando estas furnas e, tendo-as encontrado abandonadas e votadas ao desprezo, oficiou ao então Presidente da Câmara de Cascais, recordando a sua importância, e sugerindo a conveniência de serem resguardadas com um gradeamento e assinaladas com um dístico, onde se lesse *Grutas Pré-Históricas de Cascais*, para servirem de instrutiva digressão aos visitantes (*Archcólogo Português*, vol. I, p. 250).

Em 1896, *O Século* referia-se ao estado de imundície, em que se achavam as grutas do Poço Velho. A sua voz foi ouvida. O Presidente da Câmara Municipal, Jaime A. da Costa Pinto, respondeu àquele jornal, informando-o de que fora autorizada a limpeza e a grade de resguardo, para se evitarem vandalismos e torpezas (*Archcólogo Português*, vol. II, p. 112). Colocou-se o gradeamento? Ignoro-o; não vi geito dele em Agosto de 1915.

(14) Os habitantes de Cascais designam-se por *cascaenses*, mas a gente dos arredores alcunha-os de *cascarejos*.

* * *

O estado actual desta famosa gruta pré-histórica não pode ser mais vilipendioso. Rodeá-la de respeito e defendê-la do monturo seria orgulho patriótico.

Julgo poder o município de Cascais conservar o recinto, que descrevi, em estado de limpeza, ainda que o destinasse também a guarda das viaturas de rega.

Um alto letreiro, como sugeriu o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos, colocado ali, chamaria, mesmo a distância, a atenção dos viajantes ilustrados; um sinal ou taboleta, erguidos na guarda da ponte nova, indicariam ao transeunte o caminho do Poço Velho. Às pessoas, que ali se dirigissem, seria distribuída uma concisa notícia da gruta, com uma planta adjunta, ou um postal ilustrado gratuito, e um guarda permanente poderia, a troco de uma pequena cotização de entrada, acompanhar os visitantes através dos corredores subterrâneos da gruta, munindo-se de uma lanterna...

O processo não tem novidade.

* * *

No povo há a crença de que as grutas do Poço Velho têm saída para o mar, pelas alturas do farol da Guia! É o misterioso que, mais ou menos, acompanha estas cavidades, cuja origem é puramente natural, mas que o homem pré-histórico aproveitou para seu uso, ou em vida, ou para depois da morte. Nada é mais inexacto, pois, do que esta lenda. Perfeitamente estudadas, as furnas do Poço Velho formam uma caverna pouco profunda, mas diversamente ramificada, e sem comunicação com ponto algum da costa.

A zincogravura que ilustra este meu apelo, é calcada sobre uma das figuras que acompanham o volume já referido do *Compte-Rendu*. Apenas a adaptei aos leitores de agora ⁽¹⁷⁾.

(17) Não se repete aqui o desenho, que é o da Est. II.

* * *

Sem pretensão a conceituoso, direi todavia que o respeito dos monumentos antigos é o primacial índice do estado de civilização de um povo; quem não venera o passado é indigno do presente e nem o compreende, nem o assimila. A instrução é uma ficção pura, quando dela não resulta, como efeito lógico, o respeito do passado, ainda o mais longínquo, como este que as grutas de Cascais representam. Por isso, se no meu brado há o intuito de ver divulgada entre nós a importância, que aos vestígios da antiguidade é devida, há também o pondunor patriótico de quem deseja o seu país honrado em tudo perante o estrangeiro.

Que a Câmara de Cascais ou a entidade oficial, a quem o assunto incubir, ouça o meu apelo e todo o mérito da causa lhes pertencerá».

A grade de resguardo aprovada em sessão da Câmara de 1896 nunca chegou a ser colocada. Certamente se limpou o recinto mas com o andar dos tempos voltou a ficar conspurcado. Assim se explica o estado em que F. Alves Pereira o encontrou em 1915. O muro de vedação já existia em 1880, como se pode ver pela análise da Est. I.

O brado de Alves Pereira foi ouvido pela edilidade de Cascais. Este autor assim o proclama em 1917 quando diz:

«De carácter pré-histórico, as *Furnas do Poço Velho*, que eram conhecidas desde os notáveis trabalhos de Carlos Ribeiro, foram alvo da minha preocupação e tendo-as visitado, publiquei no *Diário de Notícias* de 17-9-915 uma notícia acompanhada de uma planta icnográfica. O senado municipal de Cascais, tomando talvez em consideração as minhas legítimas reflexões, realizou a primeira iniciativa em Portugal para conservar e defender um monumento pré-histórico, ajardinando e vedando o recinto, que serve de acesso a estas notáveis grutas. É um exemplo que devia ter a maior divulgação no país» ⁽¹⁸⁾.

(18) F. Alves Pereira, «A antiguidade no concelho de Cascais». *A Nossa Terra*. Cascais, 1917.

O accio destas furnas tem-se mantido, para honra da municipalidade de Cascais e de todos nós, é-nos muito agradável dizê-lo e o aformoseamento do local está agora sofrendo grandes beneficiações, como dissemos no início deste trabalho (Est. IV e V).

O acesso ao interior não é de grande facilidade. Pratica-se é certo, mas não saímos de lá com o fato imaculado.

Em 7 de Agosto de 1935, depois de uma prelecção que fizemos com o Sr. P.^o Eugénio Jalhay no curso de férias da Universidade de Lisboa, que então se realizava em Cascais, visitámo-las com algumas dezenas de alunas e alunos, rapazes e raparigas da nossa melhor sociedade da Costa do Sol. Todos fizeram uma digressão pelo interior. Apenas a registar umas meias de seda que se rasgaram e uns vestidos que perderam um pouco da alvura que ostentavam à entrada.

* * *

As grutas continuaram a ser nomeadas aqui e além em diversos trabalhos de pré-história.

Vergílio Correia em 1921 faz-lhes referências ao estudar os cilindros de calcário e placas de xisto de Pavia ⁽¹⁹⁾.

Ainda neste ano o ilustre pré-historiador sueco Nils Aberg, num volume dedicado ao eneolítico ibérico consagra a Cascais algumas páginas acompanhadas de vários desenhos ⁽²⁰⁾.

Mendes Corrêa em «Os povos primitivos da Lusitânia» ⁽²¹⁾, Bosch Gimpera no apêndice à «Hispania» de Schulten ⁽²²⁾ ou de colaboração com L. Pericot em «Les civilisations de la peninsule ibérique pendant de néolithique et l'énéolithique» ⁽²³⁾, L. Pericot em «La pre-

⁽¹⁹⁾ «El neolítico de Pavia». Memória n.º 27 da C. I. P. P. Madrid, 1921, p. 75, 88 e 91.

⁽²⁰⁾ «La civilisation énéolithique dans la péninsule Ibérique». Halle, 1921, p. 71-75.

⁽²¹⁾ Porto, 1925, p. 200.

⁽²²⁾ «La arqueología preromana hispanica» — Apêndice à «Hispania» de Schulten. Barcelona, 1920, p. 158 e 175.

⁽²³⁾ «L'Anthropologie», vol. XXXV. Paris, 1925.

historia de la Peninsula Ibérica» ⁽²⁴⁾ e artigo «Prehistoria» da «História de España» ⁽²⁵⁾, J. Perez de Barradas ⁽²⁶⁾, Manuel Heleno ⁽²⁷⁾, trabalhos nossos de colaboração com Eugénio Jalhay ⁽²⁸⁾ ou somente de Eugénio Jalhay ⁽²⁹⁾ e tantos outros que nos levaria muito longe enumerar, contêm referências a este afamado monumento pré-histórico.

CAPÍTULO II

DIÁRIO DAS ESCAVAÇÕES

São raros os elementos que hoje possuímos relatando as escavações levadas a cabo por Carlos Ribeiro. Apenas umas pequenas notas foi possível encontrar nos arquivos da Comissão dos Serviços Geológicos.

De uma lista de objectos colhidos em cada uma das grutas consta:

«*Primeira gruta de Cascais*: Cinco tijelas sendo duas completas, dois bocados de louça com desenho, nove bocados de facas de sílex e quatro completas, dois machados, uma faca de osso, e várias peças de calcário, duas contas, ossos de animal e algumas conchas».

«*Segunda gruta*: Oito crânios, três completos; nove maxilas superiores completas, N. B., quase completas, sete metades das

⁽²⁴⁾ Vol. XLI da colecção Minerva. Barcelona, 1923, p. 28.

⁽²⁵⁾ Tomo I. Barcelona, 1934, p. 117 e 597.

⁽²⁶⁾ «La infancia de la humanidad» — Manuales «Germen». Madrid, s/d., p. 135.

⁽²⁷⁾ «Grutas artificiais do Tojal de Vila-Chã (Carenque)». Lisboa, 1933, p. 18 e 24.

⁽²⁸⁾ Afonso do Paço e Eugénio Jalhay, «As grutas de Alapraia» *Brotéria*, vol. XXI. Lisboa, 1935.

Idem, idem, «A póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro». *Brotéria*, vol. XXVIII e XXIX. Lisboa, 1939.

Eugénio Jalhay e Afonso do Paço, «A gruta II da necrópole de Alapraia». Academia Portuguesa da História — Anais — Ciclo da fundação da nacionalidade, vol. IV. Lisboa, 1941.

⁽²⁹⁾ «A cerâmica eneolítica de Alapraia e a cultura do vaso campaniforme». *Brotéria*, vol. XXIII. Lisboa, 1936.

ditas, oito inferiores, havendo uma completa, duas inferiores de indivíduo novo, duas tibias, sete fêmures incompletos, alguns bocados de osso roídos ou chupados, onze tijelas algumas completas, e alguns bocados com desenhos diferentes, maças de calcário e alguns seixos preparados; algumas peças de calcário são furadas. Cinquenta e cinco machados perfeitamente trabalhados, contas, estiletos e vários utensílios de arte, dez pontas de lança de silex e grandes bocados de facas idem. Duas placas com desenhos, uma lança de cobre, vários arames e argolas do mesmo metal, um brunidor e algumas conchas, três dinheiros de cobre, uma imensidade de ossos humanos, bocados de crânio com grande espessura, fragmentos de maxilares superiores e inferiores, alguns fragmentos de cozinha com diversas cascas de mariscos, quarenta e cinco facas de silex, uma grande ponta de lança, e algumas serras ou serrotes do mesmo silex, cinco úmeros quase completos, ossos queimados e alguns crâneos e mais ossos de animal».

«*Terceira gruta*: Quatro crâneos incompletos, cinco tijelas perfeitas, três massas de calcário, uma esfera e alguns cacos pequenos, dezassete machados perfeitos, alguns seixos, conchas, bocados de placa, seis facas de silex, alguns furadores e estiletos e alguns instrumentos de osso e cobre, também uma lança, fragmentos de cozinha com diferentes ossos humanos e animal, uma grande quantidade de ossos humanos».

Numa agenda de Carlos Ribeiro, datada de «Abril, 29-1879» consta:

«Fui a Cascais examinei o solo das grutas — A ribeira de Cascais corre num pequeno vale fundo de flancos agrestes e rijos em parte abruptos. — Próximo à vila são formados de muito grossas bancadas de calcário inclinado para o mar.

Encerra fósseis moldes de terebrátulas e de outros.

Este calcário é silicioso, semi-duro, castanho sub-lamelar com ninhos e lâminas de cristais le spatho-calcário.

Dissolve-se facilmente com acção de agentes exteriores porque nos pontos onde pára uma pedra forma-se uma em

forma de calote. Na superfície são frequentes os pequenos retalhos deste calcário concrecionado no fundo e na superfície de calcário pré-existente.

Ocupando as cavidades da superfície terras mais ou menos argilosas, mais ou menos arenosas, mais ou menos marnosas. Estas últimas são calcáreos encerrando muitos grãos de calcário, é o tufo, cor averdengada passam a argilosas; e estas arenosas avermelhadas, como na Ericeira» (30).

Alguns dos objectos expostos no Museu são acompanhados de uma pequena nota escrita na época da exploração indicando a data em que foram achados, o que nos permitiu reconstituir alguns dias em que se trabalhou nestas escavações: Na «2.ª furna» pelo menos em 26, 27 e 28 de Março e em 5 e 9 de Abril. Na «3.ª furna» em 17 e 22 de Abril, do ano de 1879.

CAPÍTULO III

INDÚSTRIAS

1 — INDÚSTRIA LÍTICA

Iniciemos o estudo do espólio de Cascais pelas indústrias líticas e dentro destas dando-se primazia às de talhe mais grosseiro.

Excluimos deste capítulo os objectos de adorno e aqueles a que se atribui significado religioso.

a) — *Percutores e alisadores*: Encontram-se bastantes calhaus rolados, de variadas dimensões, apresentando indícios bem evidentes de terem sido usados como percutores ou esmagadores. Um deles, de

(30) Estes apontamentos escritos no campo pelos colectores, carecem como se vê de especial cuidado.

Também os de C. Ribeiro a lápis numa agenda e em caligrafia imperceptível, contém lacunas que foi impossível decifrar apesar de toda a boa vontade do Ex.º Sr. Engenheiro Melo Nogueira, dos Serviços Geológicos, a quem rendemos os nossos agradecimentos.

grande talhe, contém uma parte completamente plana, indicativa de fricção muito prolongada sobre uma superfície que bem poderia ser horizontal. Outros, de menores dimensões, estão de tal maneira polidos que não nos devem restar dúvidas da sua longa utilização. Certo, tem a forma achatada e arredondada semelhante por exemplo a alguns de Vila Nova de S. Pedro.

Em algumas estações pré-históricas, como nos dólmenes de Monte Abraão, Belas e Caneças, foi apreciável o número de seixos recolhidos, o que levou Carlos Ribeiro a atribuir-lhes significado religioso, ou então «a expressão de uma homenagem de sentimento, de respeito e de saudade prestada pelos parentes e amigos aos finados ali depositados, lançando cada qual na jazida uma pedra trazida de longe, de forma arredondada, que simbolizasse uma idéia, um pensamento, o da eternidade por exemplo»⁽³¹⁾.

J. Leite de Vasconcelos, porém, diz que não se julga autorizado a tirar de tais pedras «nenhuma dedução religiosa»⁽³²⁾.

Santos Rocha não repele o presumível costume admitido por Carlos Ribeiro, comparável ao que ainda hoje existe em certas terras do nosso país, de as pessoas que acompanham um enterro, lançarem uma mão cheia de terra na sepultura⁽³³⁾.

Nas grutas de Alapraia não nos foi possível tirar qualquer conclusão dos seixos que ali recolhemos⁽³⁴⁾, e em Cascais, de 19 exemplares existentes na Comissão dos Serviços Geológicos, nada mais podemos adiantar de que apresentam sinais evidentes de terem sido utilizados como percutores e alisadores.

b) — *Amoladçiras*: Recolheram-se várias, com bem evidentes sinais de uso, algumas contendo um orifício de suspensão, facto este que não se observa em fragmentos que encontramos em Alapraia. Uma delas é um objecto completo, posto que partido ao meio. Na parte superior

(31) Carlos Ribeiro, «Estudos pré-históricos» — II. Lisboa, 1880, p. 61.

(32) «Religiões...». Vol. I, p. 314-315.

(33) Santos Rocha, «Antiguidades pré-históricas da Figueira da Foz». Vol. I, p. 38.

(34) E. Jalhay e A. Paço, «A gruta II da necrópole de Alapraia».

tem um orifício aberto de topo que se ramifica para as duas faces laterais (Est. VI).

Dois fragmentos são delgados como placas de xisto.

c) — *Machados, enxós e goivas*: Acerca deles diz Cartailhac: «... Les haches proprement dites sont rares. Une d'elles est une plaquette de porphyre avec trace de sciage longitudinal sur le plat, comme si on avait essayé de la diviser; les autres, souvent massives, cylindriques, n'ont que le tranchant soigneusement poli et toujours regulier. Il faut citer une de ces petites gouges déjà signalées, spéciales au Portugal»⁽³⁵⁾.

É apreciável o número de «erminettes» e machados propriamente ditos recolhidos nestas grutas⁽³⁶⁾, não obedecendo porém todos ao mesmo tipo (Est. VII-XIV). Há-os de pequeninas dimensões, não ultrapassando 4 centímetros de comprimento, geralmente considerados como machados votivos, quem sabe se talvez utilizados em trabalhos mais delicados (Est. IX).

Outros são redondos, de secção circular ou elíptica, de forma triangular e o gume arredondado, tidos os primeiros como mais antigos. Também os há de secção rectangular, bastante espessos e gume um tanto curvo.

As enxós, vulgarmente conhecidas também pelo nome de «erminettes», não são em quantidade reduzida, podendo-se contar um bom número de peças, além da célebre encabada de que mais adiante falaremos.

Déchelette diz que são «beaucoup plus rares que les haches, en différent par cette particularité qu'au lieu de présenter deux faces semblables, elles sont plates ou sensiblement plates sur l'une d'elles et un peu bombée, sur l'autre. Le tranchant affecte parfois la forme d'un biseau simple. Elles s'emmanchaient à la façon des haches, mais dans un sens différent, leur manche étant perpendiculaire au plan du taillant»⁽³⁷⁾. Acrescenta que estes instrumentos serviriam para

(35) «Les âges...», p. 105.

(36) Ao todo 75.

(37) Déchelette, «Manuel d'Archéologie...». Vol. I. Paris, 1928, p. 515.

aplainar a madeira e são vulgares nas palafitas suissas, mas raros em França. Cartailhac falando delas ao tratar do mobiliário pré-histórico de Cascais diz: «Ce qui caractérise l'âge néolithique du Portugal, tel qu'il nous est révélé par les sépultures, ce sont les pierres polies aiguës en biseau, et qui par conséquent ont dû servir emmanchées à la manière des erminettes. Deux pièces nous renseignent exactement sur leur système d'emmanchure, L'une a été retirée des grottes de Cascais, l'autre de l'anta d'Estria» Acrescenta que esta última, bem conservada «constitue l'imitation parfaite d'une hache montée en erminette. On dirait le moulage d'un util composé d'un manche coudé vraisemblablement en bois, et d'une hachette s'appliquant sur la tête ou branche courte du manche», sólidamente ligadas por fios (28).

As goivas, já vimos que Cartailhac as assinala como espectais de Portugal. Déchelette diz que são raras em França e na Suíça, mas mais abundantes na península escandinávia (29).

Em Cascais recolheu-se o exemplar da Est. XIV, c. Aparecem noutras estações portuguesas como: Palmela, Vila Nova de S. Pedro, Cadaval, Pragança, Carenque, Casa da Moura, Peniche, Canidelo, Estoril, etc.

A goiva é de xisto anfibólico e os machados e enxós são da mesma rocha e ainda de xisto silicioso.

d) — *Objectos de sílex e cristal de rocha — micrólitos, setas, punhais, lanças, serras, facas, raspadores e núcleos*: Aberg ao enumerar os objectos de sílex recolhidos em Cascais, não fala de um micrólito trapesoidal (30). Não admira que tivesse escapado à observação deste ilustre pré-historiador, pois nós só casualmente demos com ele (Est. XV, a).

Como noutros trabalhos já referidos (31) são estes objectos, segundo Siret (32), sobrevivências dos tempos mesolíticos. Nas grutas

(28) «Les âges...», p. 128.

(29) «Manuel d'Archéologie». Vol. I, p. 515.

(30) «La civilisation énéolithique...», p. 72.

(31) A. Paço e E. Jalhay, «A póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro».

(32) L. Siret, «Questions de chronologie et d'ethnographie ibériques». Paris, 1913, p. 394.

de Alapraia, vizinhas das de Cascais, recolhemos seis exemplares. Encontram-se noutras estações do eneolítico português como: Furninha, Cabeço-da-Ministra, Cova-da-Moura, Carrasca, Cabeço-da-Arruda, Fura-doiro-da-Rocha-Forte, Idanha-a-Nova, Sátão, Palmela, Anta-das-Vargas, Arca-do-Rio-Torto, Monsanto, Columbeira, Herdade-das-Antas, Sobreda, Vila-Nova-de-S.-Pedro, Porto-Covo, Fontalva, Pavia, Cunha-Baixa, Cerro-das-Pedras, Serranheira, Ribeira-da-Lage, etc.

As pontas de setas (Est. XV, b-j), em número de nove, são: uma de base redonda, b, duas biconvexas, c, d, três intermediárias apenas com uma ligeira convexidade basal, e, f, g, duas de base côncava, h, i e uma pedunculada, j. São todas de sílex, excepto a última que é de quartzo opalino. Os primeiros grupos são geralmente tidos como mais antigos. As de base côncava e as pedunculadas como mais modernas, e destas as primeiras são ainda consideradas do apogeu desta indústria. Em Vila Nova de S. Pedro por exemplo, um povoado do pleno eneolítico, já recolhemos mais de um milhar de setas de base recta ou côncava.

A equivalência cronológica que se estabeleceu para Alapraia, em relação a Palmela, talvez se possa também aplicar a Cascais (33).

Algumas das setas destas grutas são notáveis pelo fino serrilhado que apresentam.

Uma folha de punhal que é um pouco semelhante a uma de Folha das Barradas, está bem trabalhada e algo polida (Est. XV, l).

Quatro lanças completas, duas maiores e duas mais pequenas, além de um fragmento de outra, muito nos fazem lembrar idênticos objectos de Vila Nova de S. Pedro (34) (Est. XV, m, n e Est. XVI, a, b).

Para alguns autores como Schmidt (35) e O'Riordain (36) são estas lanças e punhais precursores das de metal. Siret, porém, não admite tal prioridade e é de parecer que fossem sincrónicas (37). Cascais,

(33) E. Jalhay e A. Paço, «A gruta II da necrópole de Alapraia».

(34) A. Paço e E. Jalhay, «A póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro».

(35) H. Schmidt, «Estudios acerca de los principios de la edad de los metales en España». Memória n.º 8 da C. I. P. P. Madrid, 1915.

(36) S. P. O'Riordain, «The Halberd in Bronze Age Europa». Oxford, 1937.

(37) L. Siret, «Orientaux et Occidentaux en Espagne». *Revue des Questions Scientifiques*. Bruxelles, 1907.

onde também há lanças de cobre como adiante veremos, parece dar razão a este pré-historiador.

Aberg ainda classifica como lança uma bela lâmina alongada, de fino retoque, que apresenta uma extremidade redonda e outra truncada, de 10 centímetros de comprimento, por 22 milímetros na sua maior largura (Est. XVI, *d*).

Dentre as serrinhas, poderemos citar quatro, no género das de Palmela e Vila Nova de S. Pedro (Est. XVI, *c, f, g*). Uma delas tem forma rectangular e outra a de um crescente.

Estes utensílios são lâminas de silex, todas trabalhadas, em que a parte cortante está substituída por uma série de retoques tornando o bordo rugoso (⁴⁸).

A julgar por exemplares provenientes dos palafitas, eram encaçados até meio da sua largura.

As faquitas de silex também são muito abundantes (Est. XVII e XVIII), havendo-as de dimensões variadas e larguras que vão de 10 a 32 milímetros. São ao todo em número de 76. Uma delas apresenta dois retoques semi-circulares que lhe dão o aspecto de uma cabeça (Est. XVI, *c*). Outras são ligeiramente curvas e retocadas nas extremidades (Est. XVIII, *a, b, c, e a', b', c'*).

De cristal de rocha temos apenas três exemplares.

A juntar a tudo isto há um grupo elevado de lascas de silex, e núcleos de quartzo hialino.

* * *

Ainda entre os objectos líticos a que certamente se não atribue significado religioso devemos lembrar os seguintes:

Gral de calcário (Est. XIX, *b*). Dele diz Cartailhae: «Il y avait un bol de calcaire à parois minces, hémisphérique, tel que d'autres gisements du Portugal ont fourni et que je ne connais pas ailleurs» (⁴⁹).

Idênticos recipientes aparecem no Algarve principalmente em Alcalar, e também em S. Martinho de Sintra, Vila Nova de S. Pedro, etc.

(⁴⁸) «Les âges...», p. 129.

(⁴⁹) «Les âges...», p. 107.

Outro objecto curioso, de que não encontramos par, é o da Es. XIX, *a*. Consta de uma lâmina de calcário, ligeiramente curva à guisa de alfange, com uma das extremidades larga e outra mais estreita acabando em espigão.

Não deixemos de enumerar uma espécie de maça com uma extremidade em forma de cabo e outra espalmada e lisa, além de uma esfera de calcário cuja utilização não é fácil prever, a não ser que servisse de percutor (Est. XIX, *c*).

2 — INDUSTRIA OSSEA

Entre os objectos de osso contam-se:

Duas cabeças de alfinete.

Duas lâminas delgadas com orifício de suspensão e fragmentos de uma terceira.

Uma espátula incompleta.

Vinte e quatro utensílios mais ou menos aguçados, alguns dos quais completos. (Vários são aparados dos dois lados).

Dois cabos de instrumento, completos, e mais dois fragmentados.

Três cilindros com gola.

Quatro peças de feição cilíndrica, sem gola.

Parte de um recipiente sem ornato, apenas com um sulco ou gola.

* * *

Os alfinetes de osso constam de uma longa haste arredondada, que às vezes atinge de dez a quinze centímetros de comprimento, aguçada numa extremidade, tendo na outra uma cabeça cilíndrica com ou sem desenho, talhada no mesmo osso ou nele encaixada.

De Cascais possuímos duas cabeças de objectos deste tipo, uma talhada no próprio osso da haste e ornamentada apenas com um sulco em cada extremidade, outra postiça e toda desenhada (Est. XX, *c, i*).

Há similares nas estações portuguesas de Palmela, Rotura, Alapraia, Monte Abraão, Carvalhal, Furninha, Pragança, Carrasca, Outeiro de S. Mamede, Cova da Moura, etc.

Das lâminas (Est. XX, *f, g*), uma é de forma rectangular e tem dos orifícios de suspensão, um dos quais intacto. A outra, também

perfurada, muito se assemelha a algumas de Carenque expostas no Museu Etnológico.

A espátula (Est. XX, *h*), de que falta quase todo o cabo, pode emparelhar com idênticas da Routra e Chibanes.

Dos utensílios em forma de furadores ou punções (Est. XX, *a, d*), alguns estão incompletos e abundam semelhantes nas estações pré-históricas da nossa cultura eneolítica.

De quatro objectos aguçados dos dois lados (Est. XXI, *a, c-e*), particularidade rara que não nos recorda neste momento ter visto em qualquer parte, um deles, *a*, tem uma fractura ao centro, dando à primeira vista impressão de existir nesse local um sulco. Neste sentido a tomou Cartailhac que, desenhando-o maravilhosamente, *b*, diz acerca dele: «Une pièce un peu plus forte que celle qui est ici dessinée, et plus symétrique, s'est rencontrée dans une caverne polonaise. M. le Comte Zawisza lui trouve une certaine ressemblance avec les parures que les Toutsagmioutes de l'Amérique du Nord portent suspendus à la cloison du nez»⁽⁵⁰⁾.

A simples leitura de Cartailhac já nos tinha levado a pôr em dúvida que os primitivos sepultados nas grutas de Cascais usassem tais enfeites pendentes do nariz, por em nenhuma outra estação eneolítica aparecer coisa que se lhe assemelhe, ou a que se pudesse dar tal aplicação.

Uma observação cuidadosa do objecto, de fabrico bastante irregular, levou-nos, porém, à conclusão de que aquilo que Cartailhac julgara um sulco artificial não passa de uma fractura, e tal utensílio em nada difere, na contestura, dos três outros que se encontram ao seu lado na vitrine da Comissão dos Serviços Geológicos.

Deixa portanto de existir a semelhança com o exemplar da caverna polaca e enfeite dos Toutsagmioutes da América do Norte.

Os artefactos da Est. XXI, *f, g*, devem ser considerados cabos e não recipientes. Fazemos esta afirmativa escudados nas observações a que se procedeu na póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro⁽⁵¹⁾, onde se encontrou um cutelo de cobre encabado em osso, e diferentes

⁽⁵⁰⁾ «Les âges...», p. 106, fig. 126.

⁽⁵¹⁾ A. Paço e E. Jalhay, «A póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro».

outros cabos apenas com a abertura de entrada para o instrumento lítico ou metálico.

Se se tratasse de um recipiente, como por exemplo em Alapraia, ter-se-ia talvez utilizado um osso de paredes delgadas e não espessas como as daqueles. Os orifícios onde se applicasse a obturação abririam para fora e não teriam a aresta exterior arredondada, tal qual se pratica ainda hoje nos cabos de madeira.

Os cilindros de osso com gola (Est. XXI, *i, j*), são peças curiosas, não muito vulgares, mas alguns se encontram em S. Martinho de Sintra, Vila Nova de S. Pedro, Palmela, Linceia, Barro, Serra das Mutelas, etc.

A gola que tem numa das extremidades serviria para se prender qualquer fio de suspensão⁽⁵²⁾. Há ainda alguns exemplares sem ela, *h*.

O recipiente de osso tem 50 milímetros de altura por 45 de diâmetro. Infelizmente não está completo, mas dele nos resta a maior parte. Numa das extremidades há uma gola a toda a volta, certamente para facilidade de obturação e onde prenderia qualquer fio (Est. XXI, *l*).

Idênticos objectos, sem desenhos, nos parecem três fragmentos ósseos da anta de Belas, monumento do Barro e S. Martinho de Sintra, existentes no Museu Etnológico.

Outros vasos deste tipo seriam cuidadosamente trabalhados, como se observa por exemplo em fragmentos de Vila Nova de S. Pedro, S. Martinho de Sintra, etc.

3 — INDÚSTRIA METÁLICA

Como objectos metálicos, além de outros mais recentes que não vem para o caso enumerar aqui, encontraram-se duas lanças de cobre (Est. XXII) e um fragmento indefinido do mesmo metal.

Delas diz Cartailhac: «Au milieu de ces objects variés et d'une époque indiscutable, gisaient deux pointes en métal... qui sont de petites lames minces de poignard au de lance. L'une... à une soie avec

⁽⁵²⁾ Aberg, «La civilisation encolithique...», chama a este tipo de cilindros, bem como ao objecto da fig. 126 de Cartailhac em «Les âges...» (Est. XXI, *b* do presente texto) «objects de parure en os», p. 75.

de légers ailerons produits par le martellement... l'autre... semble avoir passé par le feu» (53).

Aberg diz apenas: «deux coteaux ou poignards à lame mince» (54).

Já atrás vimos que Estácio da Veiga não as considerava elementos de uma ocupação posterior aos objectos líticos e ósseos acima referidos, mas sim seus contemporâneos (55).

Uma das lanças foi analisada pelos engenheiros químicos do Laboratório de Química Mineral da Escola Politécnica de Lisboa Sr. Charles Lepierre e Marce Lachanel, e o resultado publicado por Alfredo Ben-Saúde no opúsculo «Notice sur quelques objets préhistoriques fabriqués en cuivre» (56).

Este trabalho contém a análise de vários instrumentos metálicos das nossas estações pré-históricas, entre eles o referido das grutas de Cascais com a seguinte constituição:

Cobre	88,87
Estanho	0,50
Chumbo	0,33
Zinco	0,21
Ferro	1,22
Insolúvel	7,31
Não doseados	1,56
	<hr/>
	100,00

Acusa, portanto, segundo A. Ben-Saúde, cobre impuro, o que provavelmente se explica pela imperfeição dos processos metalúrgicos, que não permitiam uma separação completa dos metais estranhos contidos no cobre nativo ou talvez nos minerais de cobre. Portanto, para os 88,87 de cobre, os 0,71 de estanho e zinco são em quantidade bem insuficiente para concluir pela existência de ligas.

(53) «Les âges...», p. 107-108.

(54) «La civilisation énéolithique...», p. 75.

(55) «Antiguidades...». Vol. IV, p. 150.

(56) Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geológicos de Portugal, tomo II. Lisboa, 1888-1892, p. 199 ss.

Em face das análises feitas e da abundância de cobre nativo na península, admite este autor que o fabrico de objectos deste metal devia preceder os de bronze.

Cartailhac sustentava em «Les âges...» (57) que o primeiro cobre da península devia ser importado, pois este mineral nativo falta na Europa Ocidental. Ora Ben-Saúde diz que examinando os nossos jazigos se conclue o contrário.

As escavações de Vila Nova de S. Pedro, onde encontramos minério de cobre para fundição que tinha lugar nesse povoado pré-histórico, levariam hoje Cartailhac a pensar de outra maneira.

Será curioso ainda observar, que L. Siret, que além de notável arqueólogo foi excelente engenheiro de minas, era partidário da existência de uma idade do cobre, anterior à do bronze.

4 — INDUSTRIA CERAMICA

A cerâmica da necrópole de Cascais apresenta algumas características curiosas como sejam a abundância de recipientes de pequenas dimensões, a ausência de campaniformes (58) e pequena quantidade de vasos com desenhos.

Referindo-se aos primeiros, diz Cartailhac:

«Les poteries étaient très nombreuses dans l'ossuaire de Cascais. Il y avait de très petits vases qui n'ont certainement pas servi ni à garder des comestibles, des céréales ou de l'eau, ni à boire; ce sont peut-être des jouets que la tendresse d'une mère avait placés près des restes de son enfant; peut-être encore ont-ils contenu des parfums ou du poison» (59).

Deste tipo de recipientes de pequenas dimensões podemos contar dezoito exemplares mais ou menos completos, além de oito fragmentos que nos permitem bem ajuizar da sua forma.

(57) P. 201 ss.

(58) Alberto del Castillo Yurrita, «La cultura del vaso campaniforme». Barcelona, 1928, p. 62 e 68.

(59) «Les âges...», p. 107.

A sua variedade é grande, como indicam as Est. XXIII a XXVI. No maioria de fundo esférico, enquanto uns têm pouca profundidade e boca larga, no género de taça (Est. XXIII, *c* e Est. XXIV), outros são bojudos, de gargalo estreito, de maiores ou menores dimensões (Est. XXIII, *d*, *e*). A Est. XXVI, *b* assemelha-se algo a um minúsculo campaniforme.

Quanto à sua utilização inclinamo-nos para a segunda hipótese de Cartailhac: recipientes de perfumes, matérias corantes, talvez venenos.

Posto que a indústria cerâmica destes povos primitivos seja no geral julgada obra de mulheres, não nos parece muito de aceitar, salvo o devido respeito pelo ilustre arqueólogo a quem a nossa pré-história tanto deve, a opinião de que se trate de brinquedos de criança.

Não sei se nos restos antropológicos recolhidos nestas grutas sepulcrais existem muitos elementos que afoitamente se possam classificar como sendo de meninos. Pertence aos antropólogos a resolução deste assunto. Porém, depois da leitura do que adiante se transcreve sobre os restos humanos de Cascais, nada nos leva a admitir que houvesse ali enterrados muitos seres de tenra idade.

Em Alapraia também encontramos no fundo da gruta alguns vasos pequeninos, sem que ossos de criança estivessem nas imediações. Num nível superior estavam os ossitos de uma, com cercadura de pedras à volta, mas sem nenhum deste recipientes minúsculos.

Um dos de Cascais contém ainda nas paredes interiores e no fundo abundantes resíduos de tinta vermelha (Est. XXV, *a*).

O seu fabrico é grosseiro e apenas um (Est. XXVI, *a*), contém como ornamentação exterior uns pequenos sulcos verticais, muito primitivos.

Além destes recipientes menores há a considerar cinco exemplares de um tipo médio, também sem desenhos (Est. XXVII e Est. XXVIII, *a*, *b*).

Há ainda os vasos grandes, de que se possuem fragmentos variados que não nos permitem com facilidade ajuizar qual fosse a sua forma, excepto de um, tipo alguidar, que teria de largura na boca uns 27 centímetros (Est. XXVIII, *c*).

Destas grandes vasilhas algumas eram de fundo plano, como se pode observar pelo alguidar referido e restos que se encontram

guardados em duas gavetas. Um destes fundos ainda contém agarrados ossos e pedaços de vasos menores. Um bordo de avantajadas dimensões, permitiu-nos determinar que teria pertencido a um recipiente com 315 milímetros de diâmetro de boca (Est. XXX, *c*, *d*). Há depois outros menores com ligeira curvatura, *a*, *e*.

Quanto a cerâmica ornamentada estão as grutas de Cascais, muito longe das suas vizinhas de Alapraia, aparecendo contudo alguns fragmentos apreciáveis.

Dois bordos de vasos contém serrilhados, sendo o de um bastante largo (Est. XXIX, *a*), e o do outro mais miúdo. Três fragmentos são decorados com sulcos paralelos, num em número de cinco, noutro em maior quantidade (Est. XXIX, *c*), e no terceiro seguidos de uma zona de reticulados. A Est. XXIX, *b*, dá-nos um bordo com uma zona de traços oblíquos entre duas fiadas de pontos. Outro contém triângulos pontilhados que se tocam pelos vértices (Est. XXIX, *f*). Num fragmento maior há uma decoração de linhas paralelas, em número de quatro junto do bordo, seguida de uma faixa de enxadrezados, limitada por uma linha cheia (Est. XXIX, *e*). Citaremos por último um desenho em espinha contendo na parte superior uma linha seguida e na parte inferior uma série de pequeninas impressões triangulares (Est. XXIX, *d*).

Das taças tipo Alapraia e Palmela, de tão rica ornamentação, apenas se encontram dois fragmentos de bordo (Est. XXIX, *g*, *h*), um deles bastante espesso, podendo emparelhar com alguns da gruta da Ribeira da Lage.

Esta espécie cerâmica é por alguns autores considerada votiva ⁽⁶⁰⁾ e entre nós, aparece, afora os três lugares referidos, no Estoril, Carenque, S. Martinho de Sintra, Rotura, Figueiredo (Runa), Carrasca, Cova da Moura, etc.

Por último anotaremos um vaso ricamente ornamentado e de fundo horizontal. É o da Est. XXX, *c*, *b*, *f*, de que apenas se possuem alguns fragmentos, que nos permitem contudo reconstituir mais ou menos a sua forma, excepto a do bordo que, abrindo em campânula, não indica a parte terminal.

(60) José Ramon de Mélida, «La cerâmica prehistórica decorada». *O Arqueólogo Português*, vol. XXIV. Lisboa, 1920, p. 23.

Decorações no género da deste vaso são frequentes na póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro, em recipientes de boas dimensões, mas de bordo recto, isto é, sem a curvatura da parte extrema, o que dá ao exemplar de Cascais uma grande beleza que aqueles não têm.

Não deixaremos de referir, também, alguns processos de suspensão usados nas vasilhas destas grutas. Em primeiro lugar citemos os orifícios em V, situados um pouco abaixo do bordo. Depois as protuberâncias mamilares, maiores ou menores, em número variável (Est. XXXI, c, c), algumas das quais são atravessadas por um orifício vertical. Há mesmo um rebordo com uma minúscula saliência (Est. XXXI, d), que de pouco devia servir. Por último, certamente o mais prático de todos eles, constituído pela asa prismática, saliente, colocada perpendicularmente ao gargalo (Est. XXXI, f).

Nenhum destes sistemas de suspensão é particular destas grutas. São os vulgares da nossa cerâmica eneolítica.

Antes de terminar vejamos um cossoiro de barro, de forma cónica, atravessado por um largo orifício (Est. XXXI, a).

São estes objectos assás curiosos e vulgares em estações principalmente do eneolítico, sendo Pragança, se não estamos em erro, quem nos deu até hoje maior número. Também se denominam «fusaioles» e Goury considera-os instrumentos necessários à indústria têxtil, acrescentando que «marcam a primeira manifestação do génio humano aplicada à mecânica». Diz ainda que fusaiola, roca e fuso desempenharam papel primacial «através das idades e do mundo inteiro» ⁽⁶¹⁾.

Idênticos artefactos utilizam ainda hoje as populações campesinas para torcer o fio de linho.

Para Siret são os cossoiros de fim problemático e para J. Marañón não passam de botões ⁽⁶²⁾.

⁽⁶¹⁾ Georges Goury, «L'Homme des cités lacustres». Vol. II. Paris, 1932, p. 428 ss. — Veja-se ainda sobre este assunto:

Eugénio Jalhay, «Alguns cossoiros notáveis do Castelo de Tendais». *Revista de Arqueologia*, tomo I. Lisboa, 1934.

A. Paço e E. Jalhay, «A póvoa eneolítica de V. N. S. Pedro».

⁽⁶²⁾ «Una interpretación acerca de los fusaiolos». *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*, fasc. VIII-IX. Valladolid, 1935, p. 436.

Vejamos agora os artigos que se trariam ao pescoço, suspensos isoladamente de qualquer fio, ou em colar: contas, berloques, etc.

É certo que talvez tivessem idêntica aplicação os pequenos cilindros de osso que ostentam uma gola numa das extremidades, e a que já nos referimos (Est. XXI, i, j).

Também seria para trazer sobre o peito o crescente de que adiante falaremos, incluído entre os objectos a que se atribui significado religioso.

É avultado o número de contas achadas nestas grutas sepulcrais, tendo-se para melhor exposição constituído com elas os dois colares das Est. XXVII e XXXIII.

Há-as de muito diversas formas e feitios e mesmo substâncias, predominando a calaíte e o azeviche.

Umás são discos minúsculos, outras esféricas, cilíndricas ou bi-cónicas, e o seu fabrico devia ser difícil ao homem destas épocas que dispunha de limitados recursos de utensilagem.

Algumas pequenas espécies marinhas também foram utilizadas como adorno, depois de perfuradas.

Os berloques são curiosos, em número de seis os maiores, e vão representados na Est. XXXIV além de constarem do colar da Est. XXXII.

São talhados em ribeirite, calcário, osso e mesmo num fragmento de placa de xisto.

Referindo-se a alguns deles, o Professor J. Leite de Vasconcelos diz: «Estas placas pequenas é que, pela exiguidade das suas dimensões, eram próprias para poderem andar penduradas ao pescoço, à cinta, etc. Trazia assim consigo o povo como que uma imagem reduzida dos objectos maiores, que podiam ficar guardados em casa, ou que só mais raramente se trarião» ⁽⁶³⁾.

Considerava pois este nosso saudoso mestre e amigo alguns berloques como diminutivos das placas de xisto de maiores dimensões, de que adiante falaremos. Nós permitimo-nos incluí-los no grupo dos objectos de adorno. É apenas uma questão de arrumação, pois quanto ao seu significado não está ele ainda perfeitamente definido.

⁽⁶³⁾ «Religiões...». Vol. I, p. 166.

Nas vizinhas grutas de Alapraia também se encontraram idênticos berloques, porém, em muito menor quantidade.

Ainda como material de adorno não devemos olvidar as tintas, certamente usadas na pintura corporal.

Provenientes desta necrópole encontram-se no Museu da Comissão dos Serviços Geológicos várias fragmentos de matéria corante, de cor vermelha.

Como acima dissemos, num dos vasos, ainda é bem visível um corante rubro.

Não nos levem a mal que alonguemos este capítulo, ouvindo um pouco Déchelette ⁽⁶⁴⁾ e Goury ⁽⁶⁵⁾ acerca do que se presume que seriam os adornos corporais destas primitivas gentes.

O homem do neolítico, assim como o seu antecessor da era quaternária, tinha o hábito de pintar o corpo.

Provam-no as sepulturas de Baoussé-Roussé onde os esqueletos jaziam em camadas de ocre vermelho; os vasos contendo matérias corantes; os fragmentos de hematite, etc. encontrados aqui e além nas necrópoles; as sepulturas suíças de Chamblandes que continham pedaços de ocre junto da cabeça e das mãos do esqueleto e tantos outros indícios, desde o Oriente ao Ocidente europeu, que seria longo enumerar.

Na Dordogne (França), descobriu-se uma mina então explorada para extracção de ocre, cujo fundo continha objectos do neolítico e começo do bronze. Supõe-se mesmo que o recipiente de osso das sepulturas de Tours-sur-Marne não era mais que um estojo para corantes vermelhos usados pelas elegantes de então.

Nas sepulturas italianas da Liguria e fundos de cabana de Reggio Aemilia, num túmulo de Derbyshire (Inglaterra) e em Cronstadt (Rússia) recolheram-se matrizes de barro e osso, utilizadas por aqueles primitivos para facilitar a pintura, tal qual as *pintaderas* dos antigos índios da Venezuela, Columbia, México, etc.

O Prof. Breuil supõe que as placas de xisto eram usadas no verso para preparar tintas.

⁽⁶⁴⁾ «Manuel d'Archéologie... Vol. I, p. 565 ss.

⁽⁶⁵⁾ «L'Homme des cités lacustres». Vol. II, p. 654 ss.

Sem querer alongar as citações, diremos que são raras as necrópoles e povoados do neolítico português que não contenham elementos destas tão procuradas substâncias: hematite, cinábrio, limonite, ocre, etc., em maior ou menor abundância.

Alguns fragmentos daquelas substâncias, recolhidos em Vila Nova de S. Pedro, contêm uma face lisa com sinal bem evidente de fricção.

Completando este hábito de pintura, que se prolongou mais ou menos até à idade do bronze, existia o da tatuagem.

É que no bronze, segundo aqueles autores, o vestuário complicou-se, tornou-se ele mesmo um adorno, levando a pintura e a tatuagem à decadência.

Também o homem do neolítico usava em profusão os objectos de adorno: colares e berloques, constituídos pelos elementos mais variados, desde as pedras raras até às pequenas conchas marinhas, ossos, dentes de animais, casca de ovo de avestruz, etc.

Foi somente no fim deste período que começou a adornar-se com objectos de ouro, e isto pelo facto de se ter descoberto este metal.

É certo que Déchelette nos fala de ouro neolítico, facto que Goury contesta dizendo que este metal só aparece em França com a cultura megalítica ⁽⁶⁶⁾.

Entre nós, porém, os dólmenes, não nos revelaram ainda tais artefactos, que começam a aparecer nas grutas como Palmela, etc. ⁽⁶⁷⁾, facto que virá em apoio da hipótese de maior antiguidade para a nossa cultura dolménica, do que a da Bretanha.

«Em terra portuguesa as jóias consideradas mais antigas remontam ao eneolítico final» diz Mário Cardozo, e cita apenas neste grupo o diadema de Alcalar e os canutilhos, placa rectangular e anel serpentiniforme de Palmela ⁽⁶⁸⁾.

⁽⁶⁶⁾ «L'Homme des cités lacustres». Vol. II, p. 670.

⁽⁶⁷⁾ A gruta da Ermejeira, próximo de Torres Vedras, cujo espólio vandálicamente destruído ainda não foi estudado no pouco que nos resta, deve poder enfileirar ao lado de Palmela.

⁽⁶⁸⁾ «Jóias arcaicas, encontradas em Portugal». Nós, A. Gruña, 1930.

Sobre este assunto, entre tantas obras pode consultar-se: Florentino L. Cuevillas e Fermin Bouza-Brey, «Os Oestrimios, os Saefes e a Ofiolatria en Galiza». Nós, A. Gruña, 1929.

Seja-nos permitido fazer um agrupamento especial dos objectos a que é de uso mais corrente atribuir-se significado religioso ou votivo: «erminette», cilindros de calcário, placas de xisto e crescente, visto os cilindros de osso com gola serem considerados por Aberg objectos de adorno, como acima se referiu.

A «erminette» recolhida em Cascais, a que aludimos quando se transcreveu Cartailhac, a propósito das enxós de xisto silicioso e anfibólico, não será mais que a representação dum destes objectos com o respectivo encabamento (Est. XXXV), e de que se conhecem presentemente no nosso país os seguintes exemplares:

- 1—Grutas de Cascais—na Comissão dos Serviços Geológicos (Est. XXXV).
- 1—Anta da Estria—idem (Est. XXXVI, d).
- 1—S. Martinho de Sintra—no Museu Etnológico (Est. XXXVI, a).
- 1—Grutas de Palmela—idem (Est. XXXVI, c).
- 2—Grutas de Carenque—idem, de que está publicada apenas uma (Est. XXXVI, b).

Aberg, referindo-se a elas diz: «Nous sommes donc ici en présence d'une imitation en marbre des erminettes en schiste emmanchées». Acrescenta que, graças à de S. Martinho de Sintra «dont le décor a tout à fait le même caractère que celui des idoles en schiste» uma e outras se poderão classificar certamente do fim do neolítico, contemporâneas do vaso campaniforme ⁽⁶⁹⁾.

Cartailhac duvida que fossem objectos úteis. São frágeis, sem gume cortante, pois a ponta de mármore para nada serviria. Perguntando então se teriam carácter simbólico, diz que nesta ordem de ideias as hipóteses não poderão encontrar uma base séria. Informa ainda que os machados encabados são às vezes na Oceania insignias de comando ⁽⁷⁰⁾.

⁽⁶⁹⁾ «La civilisation néolithique...», p. 49-50.

⁽⁷⁰⁾ «Les âges...», p. 109.

Sobe a vinte e dois o número de cilindros de calcário de secção circular ou elíptica e objectos afins que poderemos incluir neste grupo, recolhidos nas grutas do Poço Velho, sendo de grandes dimensões uns (o maior tem 0,22 m de comprimento e 0,058 m de espessura) e bem pequenos outros (o menor tem 0,058 m de comprimento por 0,023 m de diâmetro) ⁽⁷¹⁾ (Est. XXXVII).

Referindo-se a eles diz Cartailhac: «Quelques-uns sont légèrement et régulièrement amincis vers les extrémités qui sont tout à fait planes» ⁽⁷²⁾.

Ao lado destes objectos poderemos colocar quatro mais ou menos prismáticos, também de calcário, com as arestas ligeiramente arredondadas e uma pequenina placa que mede 0,056 m × 0,017 m × 0,007 m (Est. XXXVIII).

Em Alapraia também se recolheu um objecto deste tipo.

De todos estes cilindros só dois contêm desenhos (Est. XXXVII, c, d).

O segundo que é de pequenas dimensões, 60 milímetros de comprimento por 21 de diâmetro, tem numa das extremidades dois pares de sulcos paralelos e curvilíneos e já foi publicado por Virgílio Correia ⁽⁷³⁾ e por nós ⁽⁷⁴⁾. O primeiro não é mais que um objecto tronco-cónico, com uma face ligeiramente plana, um pouco no género dos de Folha das Barradas ⁽⁷⁵⁾, Carenque ⁽⁷⁶⁾, etc., tendo na parte mais delgada dois sulcos horizontais. Mede 73 milímetros de altura ⁽⁷⁷⁾.

Os dois pares de sulcos do segundo, são por uns autores considerados como simbolizando *tatuagem facial*, e por outros *braços*.

Sobre estes assuntos chamamos a atenção para o que escrevemos num trabalho apresentado ao 1.º Congresso do Mundo Português e

⁽⁷¹⁾ Um deles é talhado num fragmento de estalagmite.

⁽⁷²⁾ «Les âges...», p. 105.

⁽⁷³⁾ «El neolítico de Pavia», p. 88.

⁽⁷⁴⁾ «Figurinha de barro da Pedra de Ouro». 1.º Congresso do Mundo Português. Lisboa, 1941.

⁽⁷⁵⁾ Carlos Ribeiro, «Estudos prehistóricos em Portugal» — II. Lisboa, 1880, p. 83.

⁽⁷⁶⁾ Manuel Heleno, «As grutas artificiais do Tojal de Vila Chã (Carenque)», p. 11 e 15.

⁽⁷⁷⁾ Aberg («La civilisation néolithique...», p. 74) referindo-se aos cilindros de Cascais diz: «idoles en marbre à section ronde, non ornées».

onde, depois de várias comparações, nos inclinamos para o primeira das hipóteses (78). A figurinha de barro da Pedra de Ouro e outra recolhida em Vila Nova de S. Pedro assim o parecem comprovar.

Esta presumível tatuagem encontra-se em cilindros das estações pré-históricas da Serra das Mutelas, Barro, Outeiro de S. Mamede, Estria, Folha das Barradas, S. Martinho de Sintra, Rotura, Alapraia, Casa da Moura, Monte Abraão, Moncarapacho, Vila Nova de S. Pedro, etc.

Se os pré-historiadores não estão de acordo quanto ao significado dos desenhos, muito menos o estão quanto à utilidade destes objectos.

Carlos Ribeiro ao encontrar os primeiros nas estações dos arredores de Lisboa, considerava-os *clavas* ou *maças* (79) e é com este último nome que figuram nas relações de material desta gruta existente nos arquivos da Comissão dos Serviços Geológicos, relações estas que datam do tempo daquele geólogo.

Cartailhac não se pronunciou acerca do seu significado (80).

Virgílio Correia, na exploração a que procedeu na Serra das Mutelas, constatou que cada montículo de ossos era anunciado, pode dizer-se, por um cilindro (81) e noutro trabalho afirma que «placa ou cilindro representavam uma divindade protectora, que acompanhava na morte o inumado, como o acompanhava ou protegia durante a vida» (82).

Para Aberg os «ídoles em marbre» ou cilindros de calcário, assim como as placas de xisto de que adiante trataremos, deviam representar um ser semelhante ao homem «un dieu ou une déesse, l'âme du mort, un esprit protecteur ou quelque autre être qui se trouvait en rapport avec les vivants sur la terre et les morts dans les grottes et les tombes mégalithiques...». «A la fin, peut-être ne restait-il plus que le sentiment vague que les cylindres de marbre représentaient quelque chose et étaient doués d'une puissance particulière» (83).

(78) A. Paço, «Figurinha de barro da Pedra de Ouro».

(79) «Estudos prehistóricos em Portugal» — II, p. 31, etc.

(80) «Les âges...», p. 102.

(81) «Exploração arqueológica da Serra das Mutelas». *O Archeólogo Português*, vol. XIX, p. 264.

(82) «El neolítico de Pavia», p. 90-91.

(83) «La civilisation énéolithique...», p. 46.

Do mesmo modo que na gruta II de Alapraia explorada com o P. Eugénio Jalhay, o número de cilindros não corresponde em Cascais ao de pessoas enterradas. Estas sobrelevam em muito o daqueles.

Passando às placas de xisto diremos que se recolheram duas completas (Est. XXXIX) (uma delas tem uma pequena falha e está partida ao meio), dois fragmentos grandes e dois menores (Est. XL).

A placa da Est. XXXIX, *a*, a única que não está partida, tem uma particularidade rara, além das suas pequenas dimensões e disposição do desenho: não apresenta orifício de suspensão. As arestas do seu contorno estão perfeitamente alisadas, o equilíbrio do objecto e do seu adorno mostram-se perfeitos. Um sulco longitudinal corta-a ao meio de cima a baixo e sobre ele assentam os desenhos, triângulos cheios de reticulados, atingindo o vértice de um, o meio da base do outro.

Creemos que é a esta que se refere o Prof. J. Leite de Vasconcelos, quando ao estudá-las nas «Religiões da Lusitânia» diz: «Todas quantas tenho visto, à excepção de uma, que é feita de outra placa, possuem um ou mais orifícios de suspensão» (84).

Não nos revelou, é certo, aquele mestre e amigo a sua proveniência, mas não nos parece que seja outra senão a de Cascais.

A placa da Est. XXXIX, *b*, um pouco maior que a anterior, apresenta um tipo de desenho completamente diferente. Sete zonas horizontais, de triângulos, preenchidos com reticulados, ornamentam a parte média e inferior. Na parte superior ficam quatro faixas ligeiramente oblíquas com idêntico reticulado e ao centro um orifício de suspensão sem indício de grande uso.

Dos dois fragmentos maiores, um (Est. XL, *a*), tem na parte inferior uma faixa de reticulados, a seguir um desenho em espinha disposto de um e de outro lado de um sulco central, e superiormente três zonas com triângulos. O restante é desconhecido.

O fragmento da Est. XL, *d*, apresenta o objecto dividido de cima a baixo em quatro zonas delimitadas por traços verticais, que por sua vez são cortadas por faixas em zigue-zague lisas e reticuladas, alternando entre si.

(84) Vol. I, p. 158.

O da Est. XL, b, de pequenas dimensões, apresenta um tipo de ornamentação completamente diferente dos anteriores, e o da Est. XL, c, é a parte superior direita de uma placa, contendo um orifício de suspensão.

Estes objectos são outro problema arqueológico que está também longe de obter solução.

A sua área de dispersão, como a dos cilindros, não abrange todo o país. São vulgares no centro e Sul escasseando para o Norte, onde atingem Viseu. Há, ainda, ramificações para a parte adjacente de Espanha.

Uns consideram esta zona ocidental na península berço de uma civilização própria, e portanto seriam originárias daqui. Outros, como o célebre professor polaco E. Frankowski vêem nelas afinidades com similares objectos de civilização egípcia⁽⁸⁷⁾. Já mesmo serviram para estabelecer correlação com povos primitivos da América do Sul⁽⁸⁸⁾.

Se o problema de origem permanece obscuro, o da sua utilidade não lhe fica atrás.

Estácio da Veiga, em 1887, classificando-as de neolíticas, não chega a conclusão sobre o seu significado⁽⁸⁷⁾.

Leite de Vasconcelos abordou o problema em 1897, dizendo que em virtude de apresentarem orifícios de suspensão, certamente seriam para se pendurarem. Quanto à sua utilidade: insignias, enfeites ou objectos religiosos, conclue afirmando que o conhecimento da etnografia dos chamados povos primitivos não faz pôr de parte esta última⁽⁸⁸⁾.

Frankowski, vendo nelas influência egípcia, diz que representam a figura do inumado⁽⁸⁹⁾.

Virgílio Correia e Hernandez Pacheco, designam-nas por ídolos, e baseados num exemplar de Viseu (Mamaltar), dizem que todas elas seriam pintadas⁽⁹⁰⁾.

(87) Eugeniusz Frankowski, «Estelas discoideas de la península ibérica». Memória n.º 25 da C. I. P. P. Madrid, 1920, p. 46.

(88) Estácio da Veiga, «Antiguidades...». Vol. II, p. 447-448.

(89) «Antiguidades...». Vol. II, p. 429 ss.

(90) «Religiões...». Vol. I, p. 158 ss.

(91) «Estelas discoideas...», p. 23 ss.

(92) «El neolítico de Pavia», p. 74-75.

Aberg, já acima vimos quando tratamos dos cilindros, como as considera, acrescentando ainda ao que então transcrevemos: «Il est clair cependant que cette pensée a rapidement dégénéré et qu'elle a perdu son expression dans les idoles elles-mêmes et n'a survécu que dans les traditions... les plaques de schiste devinrent des amulettes qui portaient bonheur sans qu'on sut bien exactement par quel procédé»⁽⁹¹⁾.

L. Siret emitiu a hipótese, que não logrou adeptos, de que os desenhos das placas representariam simplesmente a fecundação da palmeira⁽⁹²⁾. Déchelette⁽⁹³⁾ e H. Breuil⁽⁹⁴⁾ consideram-nas paletas de pintura.

É certo que algumas, como a de Mamaltar⁽⁹⁵⁾ e uma que vimos no Museu de Torres Vedras, proveniente do Cabeço da Arruda (Freixofeira), apresentam sinais de tintas vermelhas.

O seu estudo tem dado origem a algumas classificações, dando-se delas um pequeno resumo, pois mais largamente se relataram no trabalho sobre a gruta II de Alapraia.

A primeira que conhecemos é a de Estácio da Veiga, que as divide em:

a) — Placas rectangulares;

b) — Placas em forma de báculo ou crossa⁽⁹⁶⁾.

Muitas delas têm figurados os olhos, e a maneira como estes estão representados, levou Vergílio Correia a dividi-las em seis grupos a saber:

a) — Placas em que os olhos coincidem com os orifícios de de suspensão;

(91) «La civilisation néolithique...», p. 46-47.

(92) L. Siret, «Questions de chronologie et d'ethnographie ibériques. Paris, 1913, p. 394.

(93) «Manuel d'Archéologie...». Vol. I, p. 569-570.

(94) «Les peintures rupestres schematiques de la péninsule ibérique». Vol. IV. Lagny, 1935, p. 129.

(95) José Coelho, «Estudos pré-históricos e o seu ensino — Mamaltar do Vale de Fachas». Famalicão, 1912, p. 49.

(96) «Antiguidades...». Vol. II, p. 430.

- b) — Placas em que os olhos, coincidindo com os orifícios de suspensão, têm representados os arcos supraciliares;
- c) — Placas em que existe apenas a representação dos arcos orbituários superiores, inferiores ou incompletos;
- d) — Placas em que se descobre na parte superior um espaço claramente dedicado à representação dos olhos;
- e) — Placas em que os olhos estão representados por pequenas cavidades;
- f) — Placas em que os olhos estão representados por um circo radiado ou não (97).

Se Vergílio Correia atendeu aos olhos, Breuil, que também fez uma classificação, baseou-se no recorte, que representaria a maior ou menor esquematização da figura humana, dividindo-as em quatro grupos:

- a) — Placas com cabeça e braços recortados;
- b) — Placas com cabeça recortada ou gravada e braços gravados;
- c) — Placas com cabeça recortada e braços figurados;
- d) — Placas com cabeça triangular, não recortada (98).

Anteriormente Aberg dissera que as placas teriam originariamente uma forma semelhante a um ser humano, depois degenerando passariam, por sucessivos aspectos, acabando na placa rectangular ordinária sem vestígio algum de cabeça (99).

Vejamos agora o crescente.

Teve em 1932 o Professor Manuel Heleno a boa sorte de encontrar quatro crescentes de calcário na exploração que levou a cabo das grutas do Tojal de Vila Chã (Carenque) (100). Este achado permitiu-lhe identificar como pertencentes a idênticos objectos certos fragmentos de calcário que se encontravam nas nossas colecções pré-históricas, provenientes de Cascais, Belas e Odívelas.

(97) «El neolítico de Pavia...», p. 80.

(98) «Peintures rupestres schematiques...», Vol. IV, p. 129.

(99) «La civilisation néolithique...», p. 37.

(100) «Grutas artificiais...».

Três anos depois, isto é, em 1935, encontrava-se outro esplêndido crescente, também de calcário, na gruta II de Alapraia. Um cilindro de Palmela e outro de Folha das Barradas tinham figurado igual símbolo.

Um facto se observou: um núcleo de representações lunares, quer em crescentes, quer gravadas em cilindros.

Ao referir-se ao de Folha das Barradas disse o Prof. J. Leite de Vasconcelos: «A hipótese de que nesse objecto há um simbolismo do culto lunar é perfeitamente admissível» (101).

Ora Ptolemeu refere (102) que no começo da nossa era, a Serra de Sintra tinha a denominação de *Serra da Lua*. «Não poderia este culto vir desde os tempos pré-históricos, e não ser apenas atribuído a influência romana?» escreveu-se ao estudar a gruta II de Alapraia. É que todos aqueles lugares estão nas proximidades ou à vista da Serra de Sintra.

Manuel Heleno, que também admitiu para tais objectos, um culto da lua, levou mais longe as suas suposições, vendo «a existência de relações marítimas entre a Irlanda e Portugal 2.500 a. C.» e mesmo «a origem ibérica das lúnulas irlandesas» (103), hipóteses muito curiosas que seria interessante comprovar em absoluto.

O fragmento de Cascais (Est. XLI), rudimentarmente ornamentado com traços verticais, tem ao centro um orifício e pela reconstrução de M. Heleno devia ter um outro, e trazer-se pendente do pescoço. Teríamos então que os povos sepultados nestas grutas, como diz este professor no trabalho citado, «levavam crescentes para a sepultura».

Não deixaremos de observar, que ainda hoje, certas tribus da Melanésia e da América usam lúnulas ao peito (104).

(101) «Religiões...». Vol. I, p. 106-107.

(102) Geog. II, 5.

(103) «Grutas artificiais...», p. 23.

(104) «Las Razas Humanas». Instituto Gallach, Barcelona, vol. I — Veja-se também bibliografia sobre este assunto em: «Religiões...», vol. I, p. 105, nota.

CAPÍTULO IV

ANTROPOLOGIA

A antropologia das grutas de Cascais mereceu uma referência a Paula e Oliveira, no seu trabalho «Notes sur les ossements humains que se trouvent dans le Musée de la Section Géologique de Lisbonne», onde se diz:

«On ne retrouve pas parmi les crânes de Cascais le type brachycéphale qui figure dans quelques-unes des autres séries de la Section. Ces crânes sont dolichocéphales, rarement sous-dolichocéphales, volumineux; ils ont un front spacieux, une voûte régulièrement contournée. Les faces sont larges et prognathes les orbites quadrangulaires. Leur type est très uniforme: les différences qu'ils présentent entre eux peuvent être considérées comme de simples variations individuelles.

Dans les maxillaires, il y a à noter principalement la saillie du menton, la forme arrondie et l'extroversion du gonion.

En essayant d'assigner à ces crânes une place dans la classification, je ferai remarquer que les caractères qui les distinguent s'observent en grande partie dans la race de Cro-Magnon. J'en dirai autant au sujet de quelques autres crânes dolichocéphales du musée qui, par leur morphologie, se rapprochent de ceux de Cascais» (105).

Completa o autor este trabalho, dando-nos um quadro com algumas medidas de um crânio masculino, que nos abstermos de transcrever aqui. Voltando mais tarde a referir-se a este assunto acrescenta (106):

(105) «Congrès Int. d'Anthr. et d'Arch. Préhistoriques» — IX Session. Lisbonne, 1880, p. 302.

(106) F. Paula e Oliveira, «Note sur les ossements humains existants dans le Musée de la Commission des Travaux Géologiques». *Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geológicos*, tomo II, fasc. I. Lisboa, 1887.

«Sur quelques crânes des stations néolithiques ou constate, coexistant avec la forme oblongue de la voûte, un certain raccourcissement de la région faciale; cette circonstance rend les crânes disharmoniques dans leurs proportions.

On constate ce fait dans le crâne n.º 2 de Casa da Moura e dans presque tous les crânes des cavernes de Cascais. Le n.º 1 de cette dernière série est représenté dans la Est. XLII. Ces crânes, chez lesquels l'indice céphalique monte rarement au-dessus de la limite de la dolichocéphalie, montrent des faces relativement courtes et larges, et des orbites de forme quadrangulaire dilatées transversalement: ces caractères, on le voit, sont privatifs de la race de Cró-Magnon. D'autres caractères moins importants maintiennent toutefois quelques divergences entre la morphologie des crânes de cette race et celle des crânes de Cascais: ces dernières ont la voûte proportionnellement plus élevée, leur prognathisme est plus considérable, le nez est moins saillant, sa racine moins profonde et l'ouverture nasale un peu plus large. Ces différences, si elles ne permettent pas en toute rigueur qu'on assigne aux crânes de Cascais une place dans le groupe de Cró-Magnon, ne sont pas toutefois de nature à détruire les caractères de similitude énumérés. On peut dire que les crânes de Cascais, s'éloignant par leurs formes autant du type dolichocéphale de Muge, de Casa da Moura, etc. que de celui de Cró-Magnon, établissent en quelque sorte une transition entre le premier type et le second» (107).

J. Leite de Vasconcelos ao dar-nos na «Religiões da Lusitânia» uma resenha dos grupos étnicos existentes no nosso território durante o período eneolítico fala também do «tipo dolicocefálico intermédio, de Cascais» (108), que estabelece uma transição do tipo de Muge e

(107) Veja-se idêntica afirmação deste mesmo autor em: Emile Cartailhac, «Les âges...», p. 305. A parte quarta deste volume é dedicada à antropologia peninsular, começando por um estudo de Paula e Oliveira: «Les ossements humains du Musée Géologique de Lisbonne» — Referência a Cascais a p. 317-318.

(108) Vol. I, p. 65-66.

da Casa da Moura, Monte Junto, Alcobertas, etc. para o de Cró-Magnon (109).

Mas deixemos este assunto aos antropologistas, e para terminar apresentemos a relação dos ossos humanos recolhidos nas escavações, conforme documento arquivado na Comissão dos Serviços Geológicos:

Crânios completos	3
Crânios incompletos	6
Frontais	7
Abóbada craniana, grandes fragmentos	13
Temporais	30
Maxilares superiores, completos	5
Maxilares superiores, incompletos	22
Maxilares inferiores, completos	4
Maxilares inferiores, incompletos	55
Dentes soltos	901
Atlas	13
Axis	11
Vértebras cervicais	19
Vértebras dorsais	50
Vértebras lombares	80
Sacos	11
Costelas	25
Costelas externas	2
Clavículas completas	17
Clavículas, fragmentos	45

(109) Em autores que posteriormente têm tratado da antropologia portuguesa há mais ou menos referências a Cascais. Citemos entre muitos outros:

Mendes Corrêa, «Raça e Nacionalidade». Porto, 1919, p. 51; «Os povos primitivos da Lusitânia». Porto, 1924, p. 200.

M. B. Barbosa Sueiro, «La trépanation crânienne chez l'homme néolithique des stations portugaises». *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, tomo XIX. Lisboa, 1933.

M. B. Barbosa Sueiro e A. M. Viana Fernandes, «O índice cénico nas tibias humanas das estações neolíticas portuguesas». *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, tomo XX. Lisboa, 1938.

Omoiplatas completas	12
Omoiplatas incompletas	63
Úmeros completos	20
Úmeros incompletos	43
Cúbitos	100
Rádios incompletos	112
Metacarpos	400
Primeiras falanges	298
Segundas falanges	120
Iliaco, fragmentos	26
Fémures incompletos	120
Rótulas	23
Tíbias incompletas	63
Peróneos incompletos	31
Calcâneos completos	115
Astragalos	129
Escafoides	7
Primeiros cuneiformes	4
Segundos cuneiformes	2
Cuboides	2
Metatarsos	280
Falanges diversas	174

Muitos fragmentos de ossos estão cortados ou roídos e outros bastante queimados

CAPÍTULO V

F A U N A

A fauna destas grutas mereceu apenas ligeiras referências aos primeiros que delas trataram (110), e para mais completa elucidação do leitor, daremos uma relação das espécies animais encontradas e principais ossos de cada uma, conforme classificação feita ultimamente pelo Prof. Henri Breuil, e que são as seguintes:

(110) «Congrès Int. Anth. Arch. Préhistoriques. IX Session», p. 75. Cartallhac, «Les âges...», p. 104.

Gen felis: Alguns maxilares e vários ossos dos membros anteriores e posteriores.

Gen bos: Fragmentos de crânio, maxilares, vértebras, úmero, rádio, além de vários dentes e falanges, um astragalo e um escafoide.

Gen equus: Úmero, fragmentos de fémur, de omoplata e de vértebras.

Gen sus: Fragmentos de maxilar, tibia, dentes, falanges, etc.

Gen ovis: Fragmentos de maxilares, úmeros, vértebras e vários dentes.

Afora estas espécies de que o número de ossos era mais elevado, ainda se encontraram vários, também antigos, de galináceos, palmípedes e outras aves, além de fragmentos de maxilares de um lagarto.

De uma relação de fauna destas grutas existente nos arquivos da Comissão dos Serviços Geológicos, consta existirem «fragmentos de ossos longos, lascados no sentido longitudinal e cortados noutras direcções com fim intencional, e além disso mostrando nos bordos das fracturas e na superfície, incisões de dentes».

Paralelamente a estas espécies dos tempos neolíticos, outras se encontram que Breuil classificou de mais modernas, isto é, levadas para ali, ou que ali morreram em tempos posteriores, como vários ossos de *Canis*, *Lepus* e *Meles taxus*.

Ao lado desta fauna terrestre também se recolheram bastantes elementos marinhos como:

Ranella scrobiculata, *Triton nodiferus*, *Patela lusitanica*, *Cardium edule*, *Patela athlética*, *Helix aspersa*, *Monodonta lineata*, *Mytilus edulis*, *Pecten maximus*, *Ostrca edulis*, *Purpura haemastoma*, etc., etc.

CAPÍTULO VI

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de terminar digamos algumas palavras sobre o que se nos afigura da antiguidade destas grutas e certas particularidades que apresentam.

Sendo elas uma necrópole, desconhecemos qual tivesse sido a povoação ou lugar onde habitaram as gentes ali enterradas. Não deixaremos, porém, de observar que no parque do Estoril encontrou

o falecido arqueólogo Dr. Félix Alves Pereira alguns restos de uma civilização eneolítica, que contém, como todas as estações deste período, muito de semelhante com a de Cascais. Isto como dissemos não passa de uma mera associação de ideias, pois é hoje completamente impossível afirmar que os incolas do Estoril tivessem a sua necrópole em Cascais ou mesmo em Alapraia.

Das particularidades com que se nos apresentam as grutas do presente estudo, notemos em primeiro lugar a ausência completa de exemplares, ou mesmo fragmentos, do chamado vaso campaniforme, assim denominado pela sua forma de campânula ou sino.

É esta vasilha o expoente de uma civilização interessantíssima, das que têm mesmo apaixonado mais os pré-historiadores, conhecida geralmente pelo nome de «cultura do vaso campaniforme».

Apresenta este ciclo cultural modalidades especiais, objectos que são particularmente característicos dele. E Cascais, sem nos mostrar o mínimo fragmento de um vaso campaniforme, enquadra pelo seu conjunto de objectos, dentro daquela cultura. Senão vejamos: os cilindros de calcário e de osso, o crescente, as placas de xisto, a «erminette», os fragmentos de taça tipo Alapraia e Palmela, etc. tudo são elementos daquela civilização eneolítica.

Certamente foi o espólio destas grutas bastante violado e na mira de encontrar tesouros escondidos se destruiu muito do seu material. Entre os objectos de culturas muito posteriores, que Carlos Ribeiro encontrou dentro da gruta, podemos citar uma fivela de cinturão, visigótica.

Outra particularidade que nos apresentam as grutas de Cascais é a abundância de «erminettes» ou enxós. Nenhuma estação portuguesa, que nós saibamos, contém tamanha percentagem destes objectos. Sendo certamente estes instrumentos utilizados para aparelhar a madeira, bastantes trabalhos se deviam executar na região com a matéria-prima proveniente de florestas que nas imediações existiriam.

As pontas de seta recolhidas, segundo a classificação tipológica de Nils Aberg, levariam a enquadrá-las, mais ou menos como Alapraia, no apogeu do eneolítico, a que já pertenciam as de Palmela.

Não será de todo descabida ainda a sua comparação com a Ribeira da Lage e Porto Covo, ambas necrópoles eneolíticas situadas

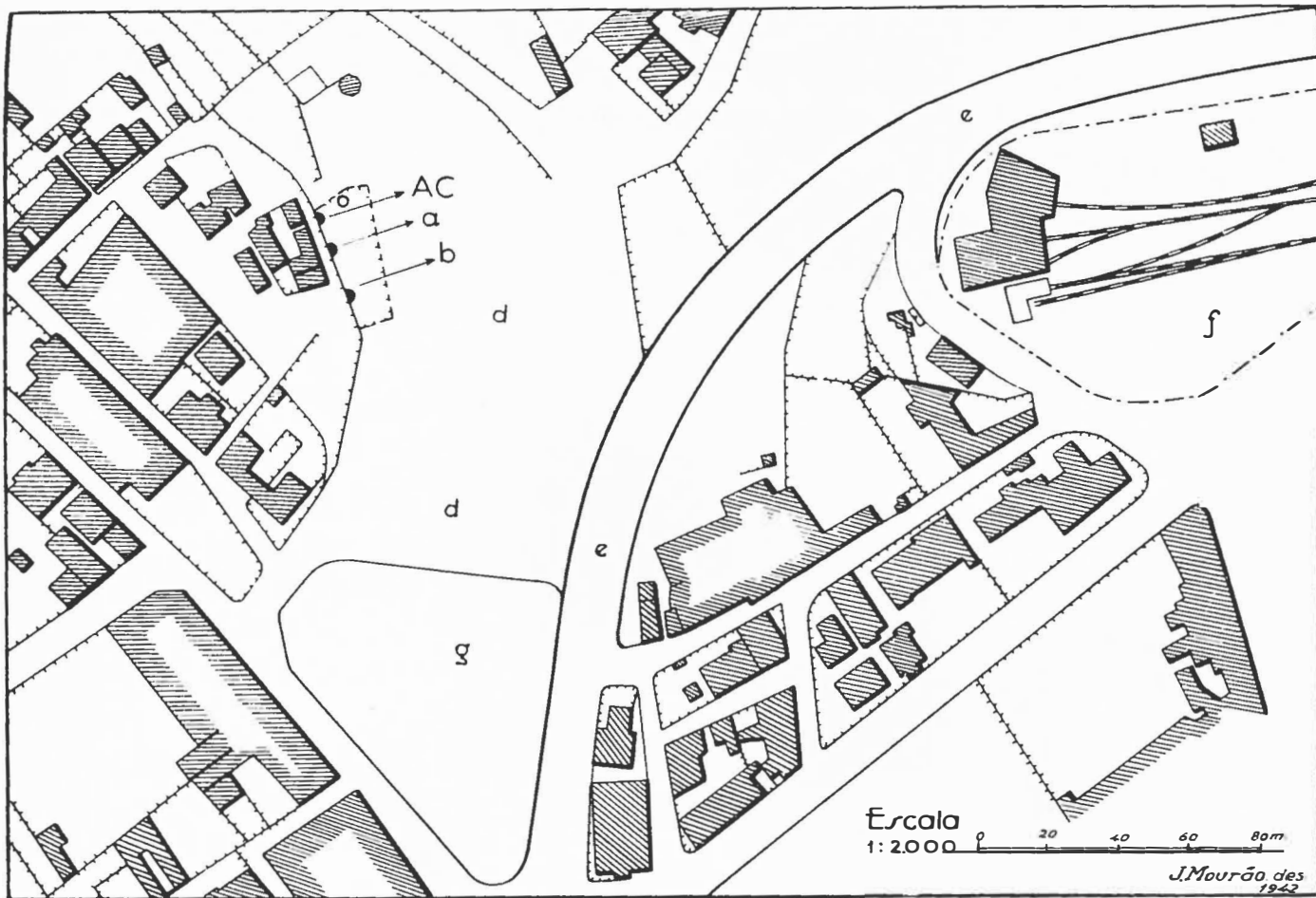
em grutas naturais da região. Porto Covo é relativamente pobre em cerâmica e outro mobiliário; Ribeira da Lage é muito rica em taças tipo Alapraia e Palmela, mas desacompanhadas de outro espólio valioso. Contudo apresentam ambas, como Cascais, objectos de cobre do mesmo tipo primitivo.

Bem diversa tem sido a opinião dos pré-historiadores quanto à cronologia desta civilização.

Atendendo à presença de metal em Cascais, seríamos tentados à sua colocação numa data cronológica que talvez seja posterior à das grutas de Alapraia. Mas por outro lado, o espólio da gruta II desta necrópole recorda bem, como vimos ⁽¹¹¹⁾, o das grutas de Palmela e segundo Bosch-Gimpera e L. Pericot a cultura de Palmela introduz-se no pleno eneolítico, ou seja 2.500 a 2.200 anos antes de Cristo ⁽¹¹²⁾.

⁽¹¹¹⁾ E. Jalhay e A. Paço, «A gruta II da necrópole de Alapraia».

⁽¹¹²⁾ L. Pericot, «História de España». Tomo I, p. 592.

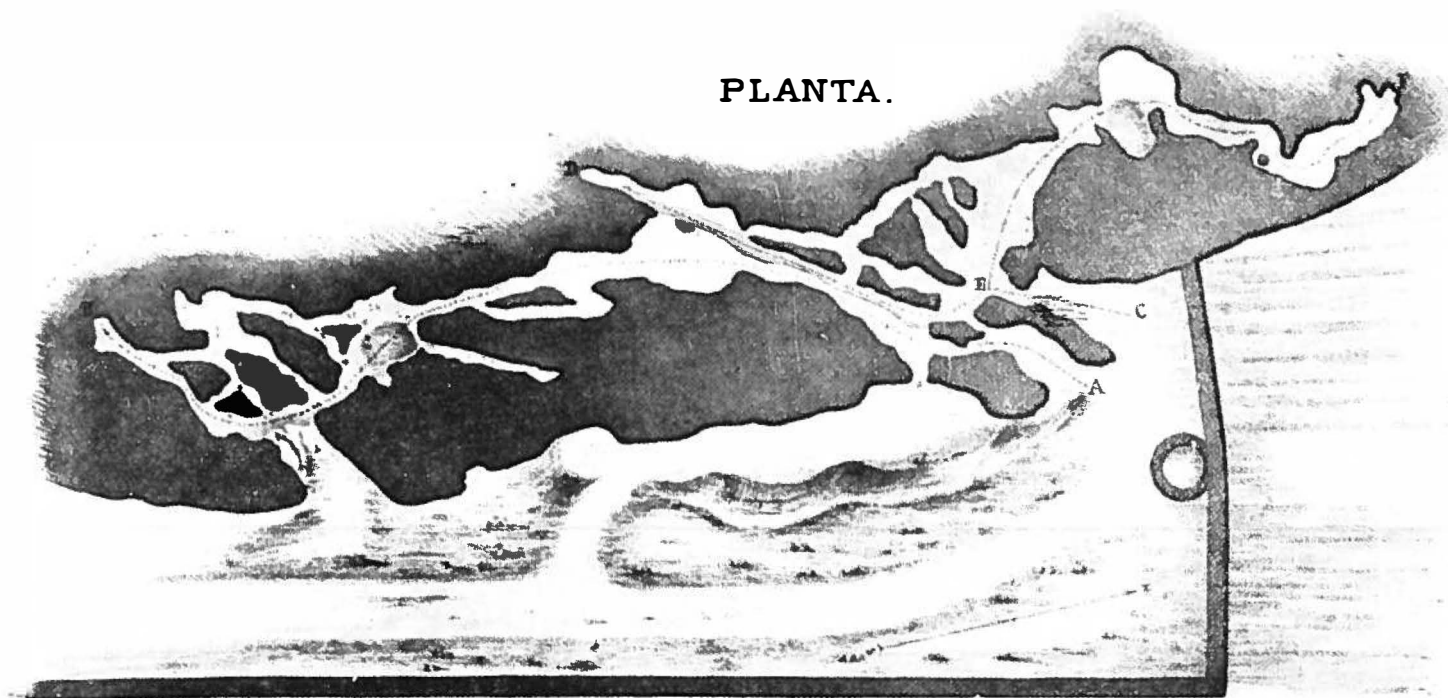


Trecho da planta de Cascais mostrando o local das grutas e seu acesso: AC, a, b, entradas das grutas; d, terrenos em via de transformação; e, estrada marginal; f, estação do caminho de ferro; g, jardim Visconde da Luz.

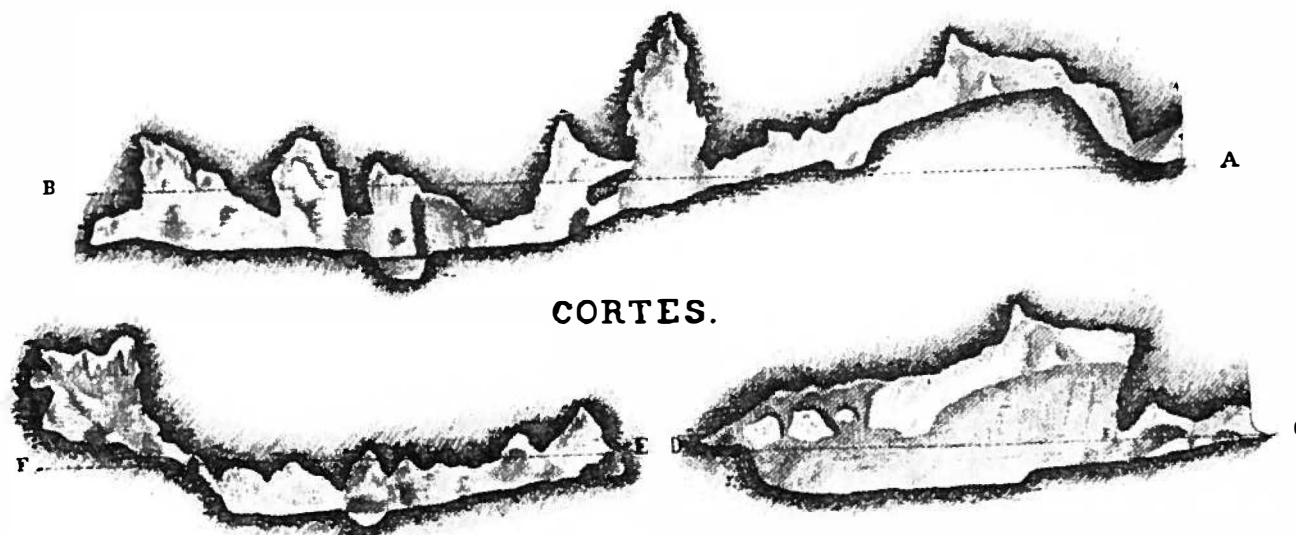
VISTA GERAL



PLANTA.



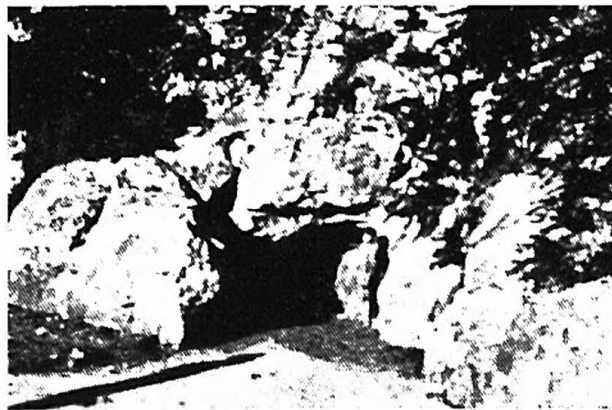
CORTES.



Vista geral, planta e cortes das grutas.
(Congrès Intern. d'Anthr. e d'Arch. Préhistoriques — Lisbonne, 1880).



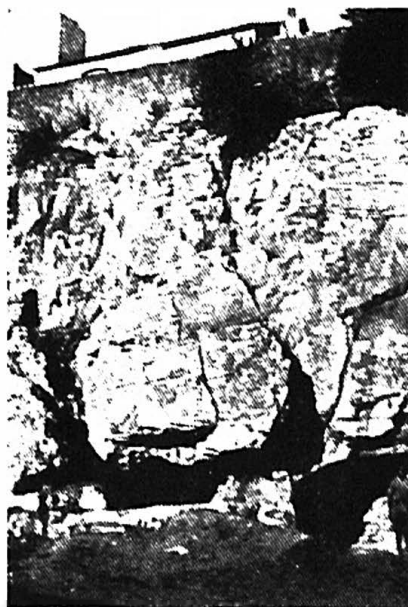
As grutas de Cascais em 1895.
(«Religiões da Lusitânia», por Leite de Vasconcelos).



Gruta b



Gruta a



Gruta AC

As grutas de Cascais em 1941.

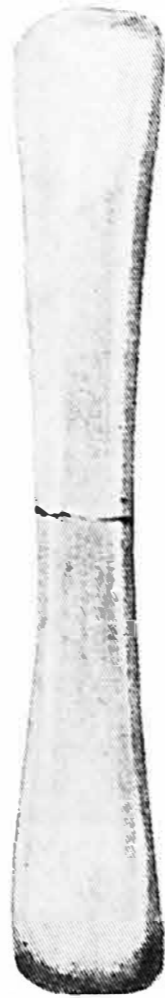
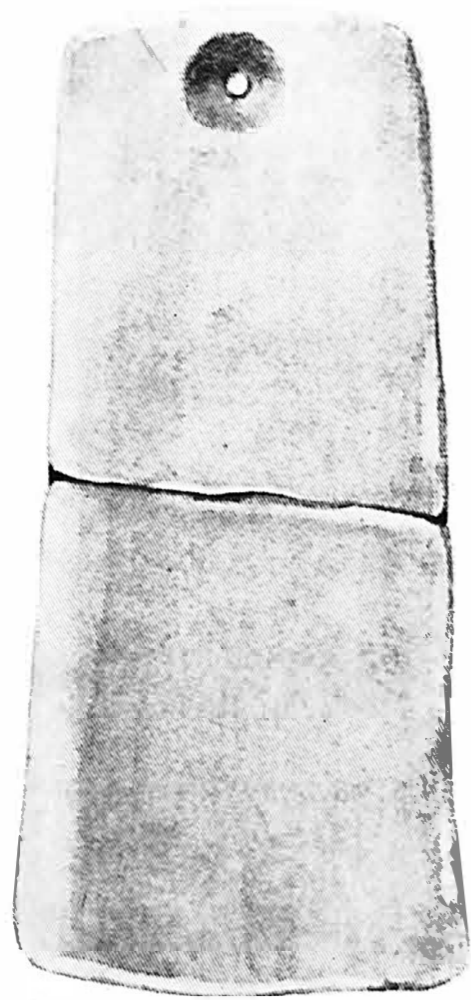
(Fotografias do Engenheiro A. de Castelo Branco).



EST. V

Vista actual das grutas de Cascais.
(Fotografia da Sociedade Estoril-Plage).

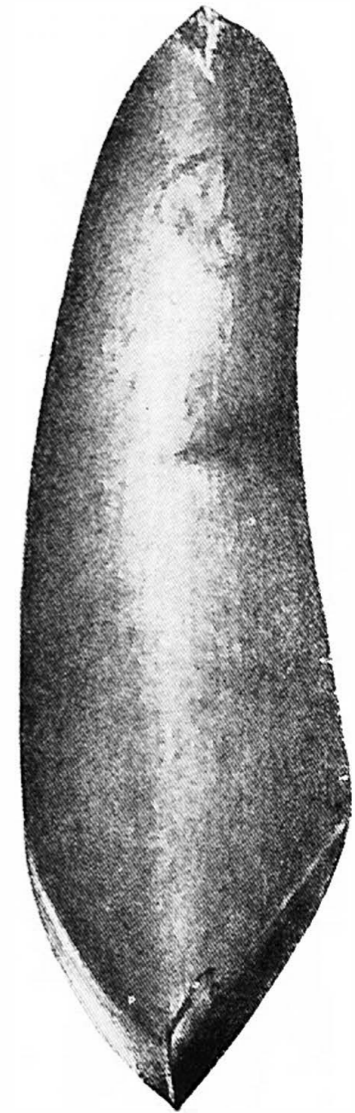
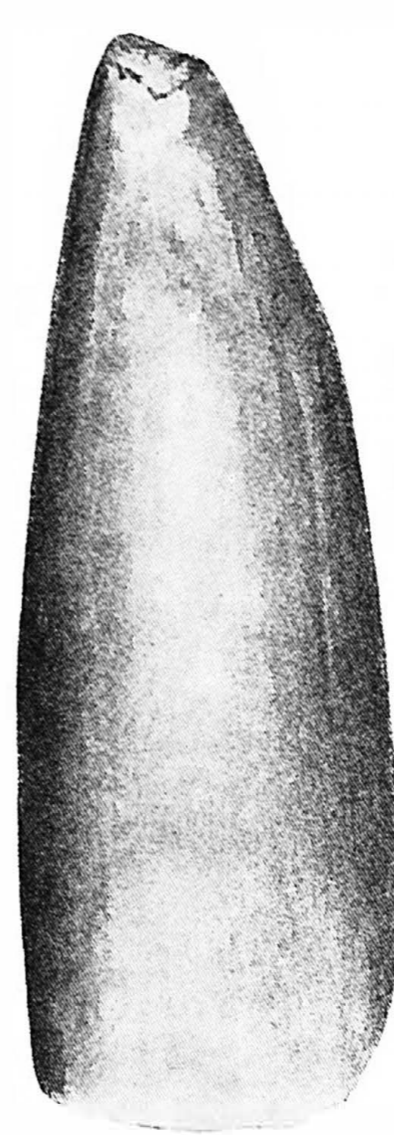
EST. VI



V. Correia e J. Mourão, des.

Amoladeira. A parte branca de α indica a ligação entre o orifício vertical e o horizontal ($1/4$).

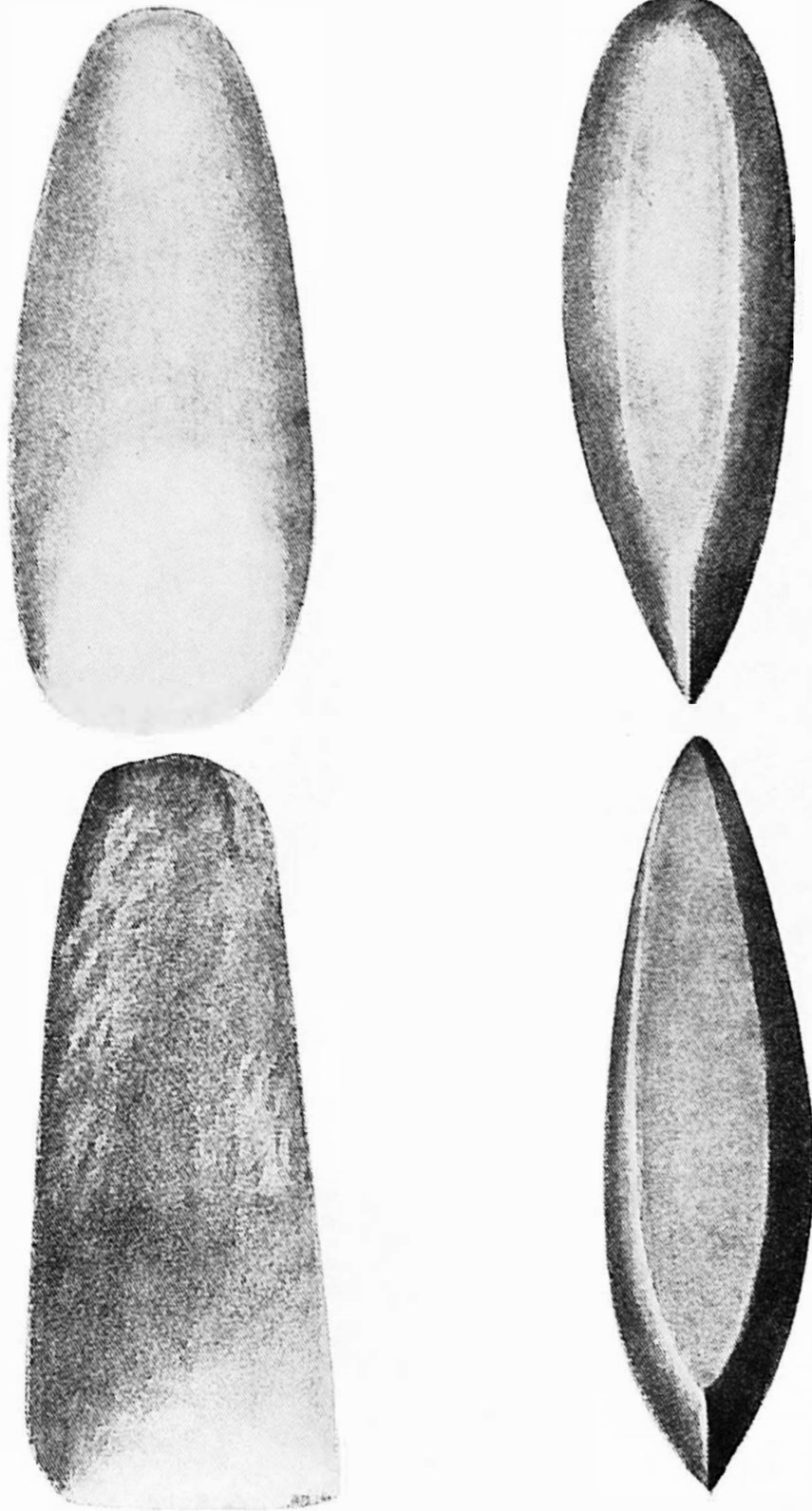
EST. VII



J. Mourão, des.

Machado — de face, perfil e corte ($1/4$).

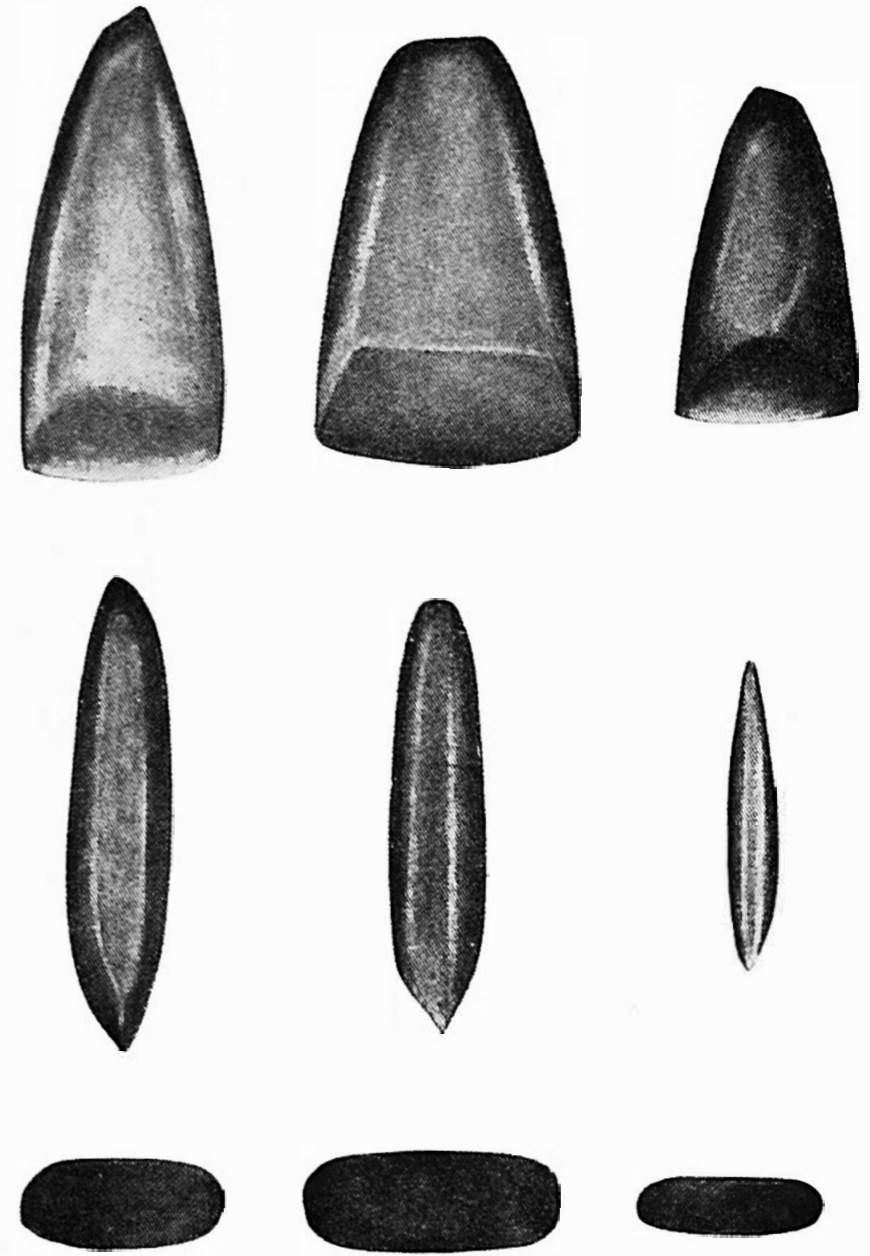
EST. VIII



J. Mourão, des.

Dois machados — de face e perfil ($\frac{1}{2}$).

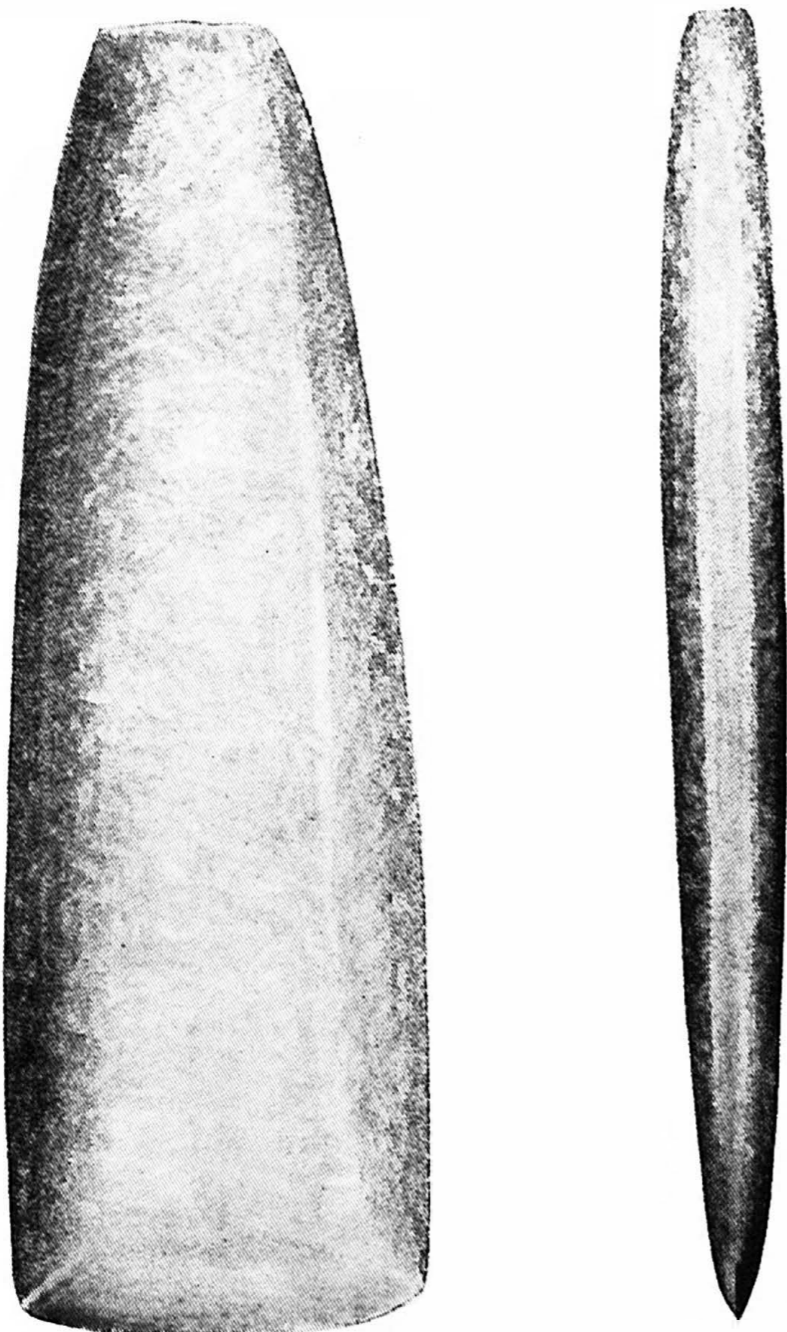
EST. IX



J. Mourão, des.

Três machados de pequenas dimensões — de face, perfis e cortes ($\frac{1}{4}$).

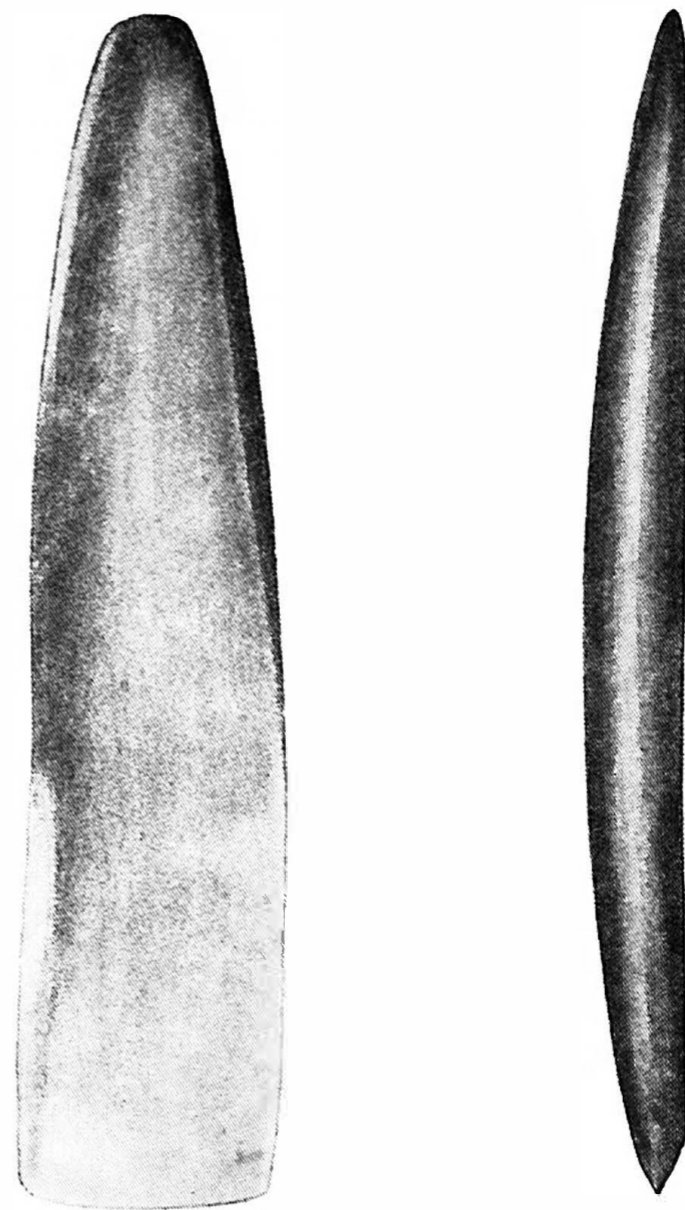
Est. X



J. Mourão, des.

Enxó — de face, perfil e corte ($\frac{1}{4}$).

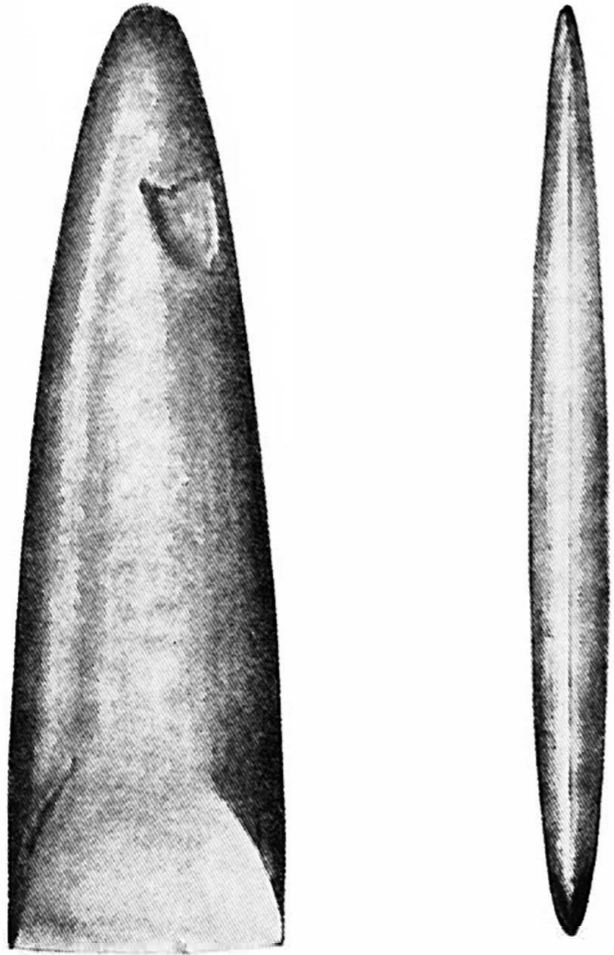
Est. XI



J. Mourão, des.

Enxó — de face, perfil e corte ($\frac{1}{4}$).

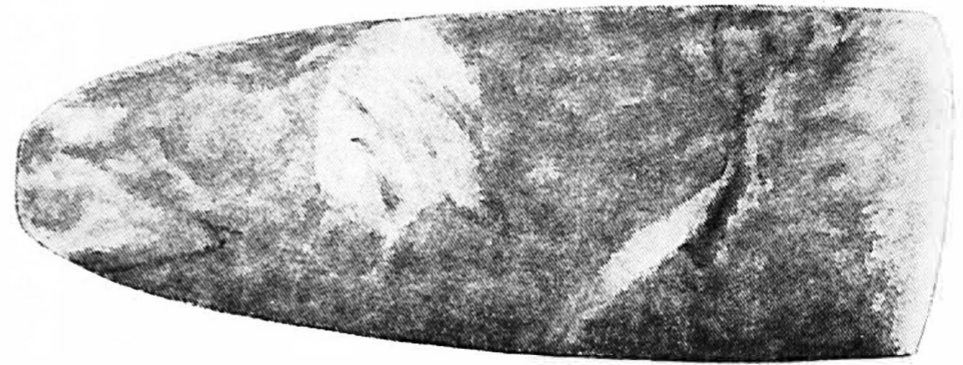
EST. XII



J. Mourão, des.

Enxó — de face, perfil e corte ($\frac{1}{4}$).

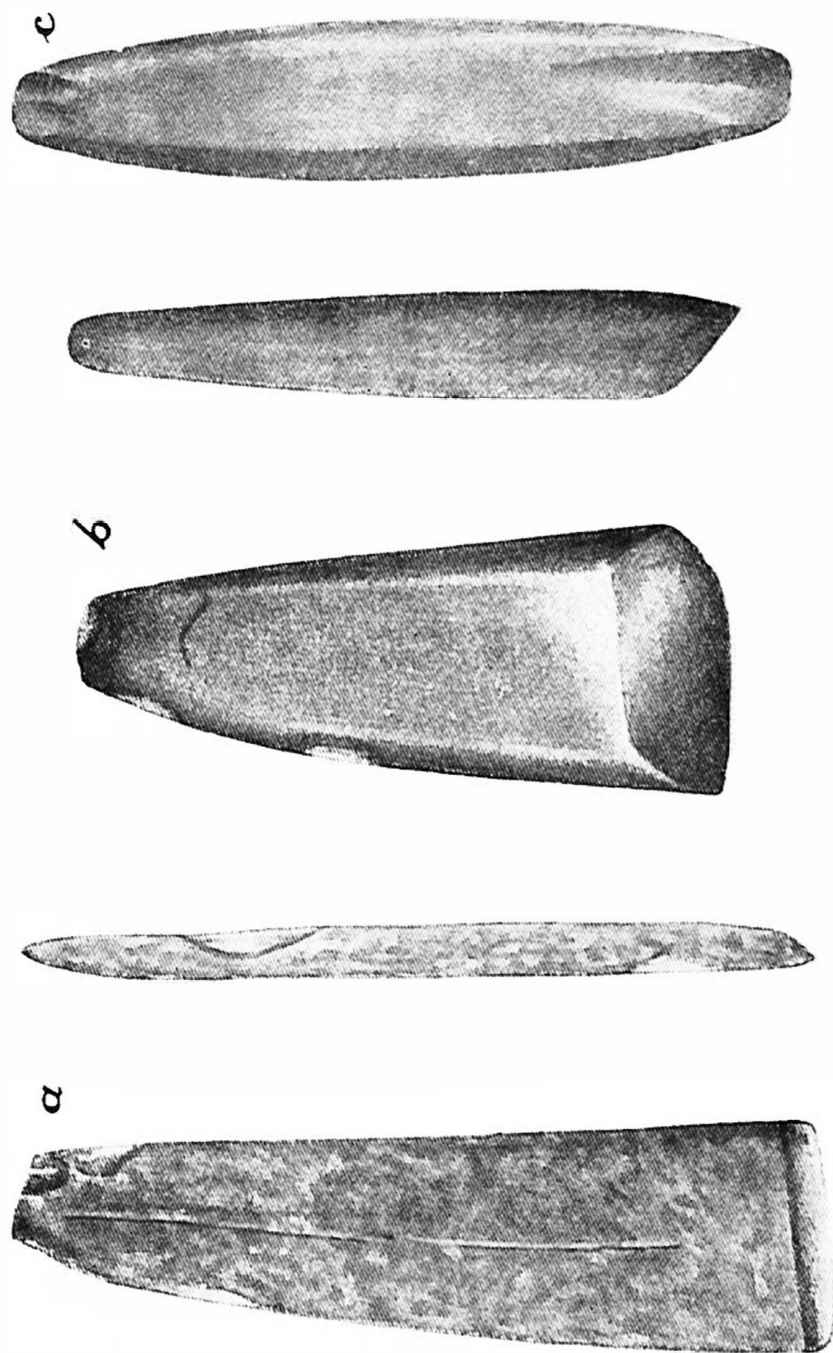
EST. XIII



J. Mourão, des.

Dois enxós — de face e perfis ($\frac{1}{4}$).

EST. XIV



J. Mourão, des.

Enxós a, b (de face e perfil); golva c (1/3).

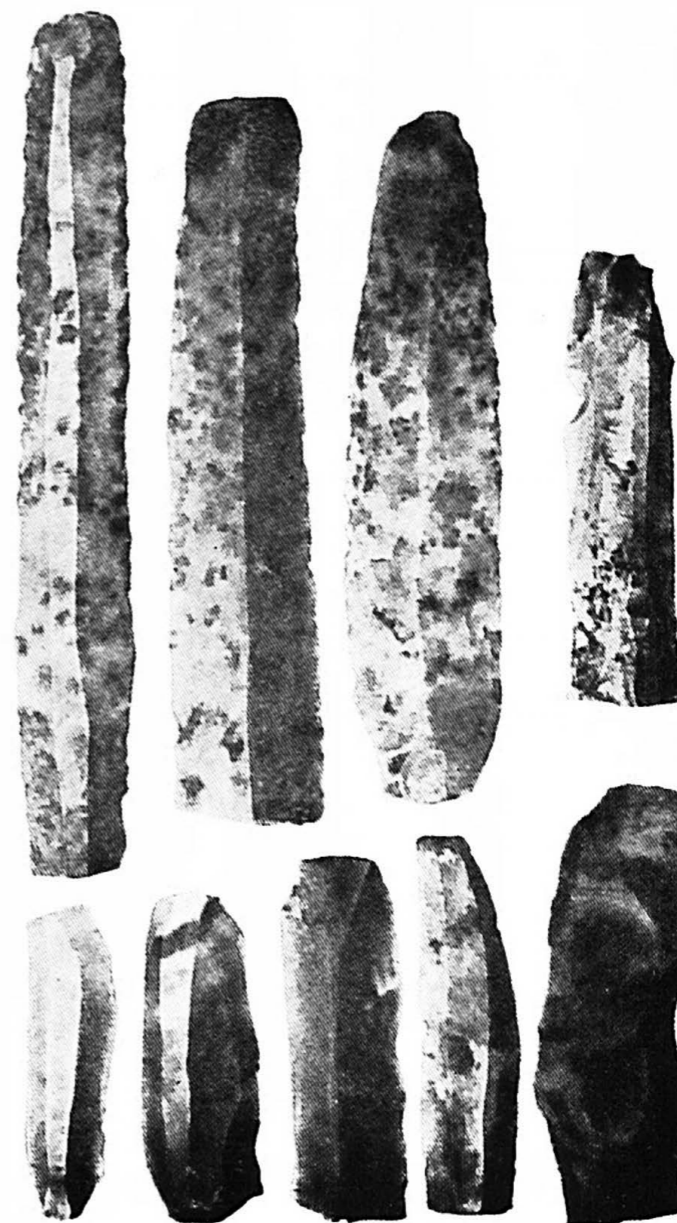
EST. XV



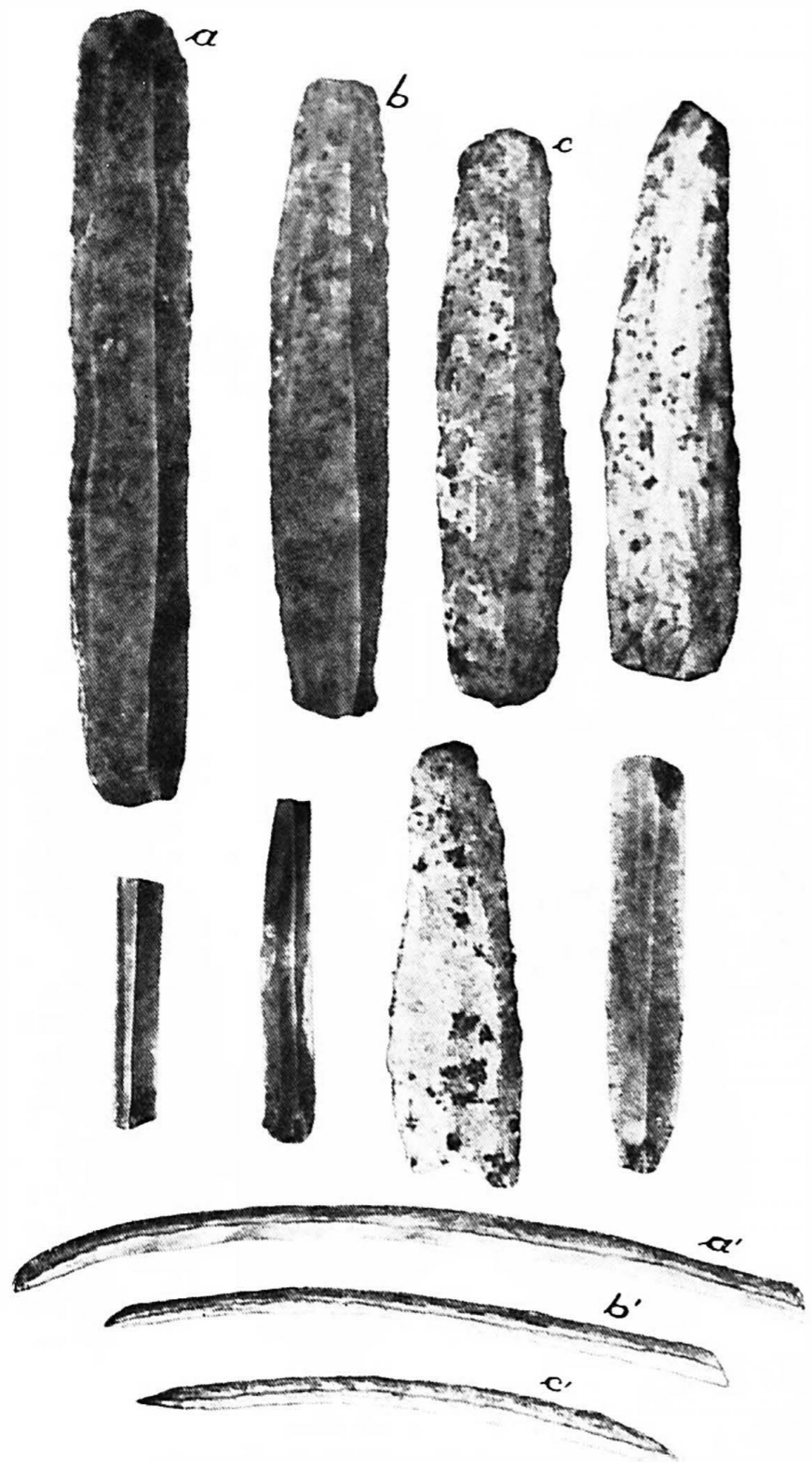
Micrólito trapezoidal a; setas b-j; punhal l; lanças m, n (1/3).



Lanças *a, b, d*; serrinhas *c, f, g*; faquinha com retoques semi-circulares semelhante uma cabeça *e* ($\frac{1}{4}$).

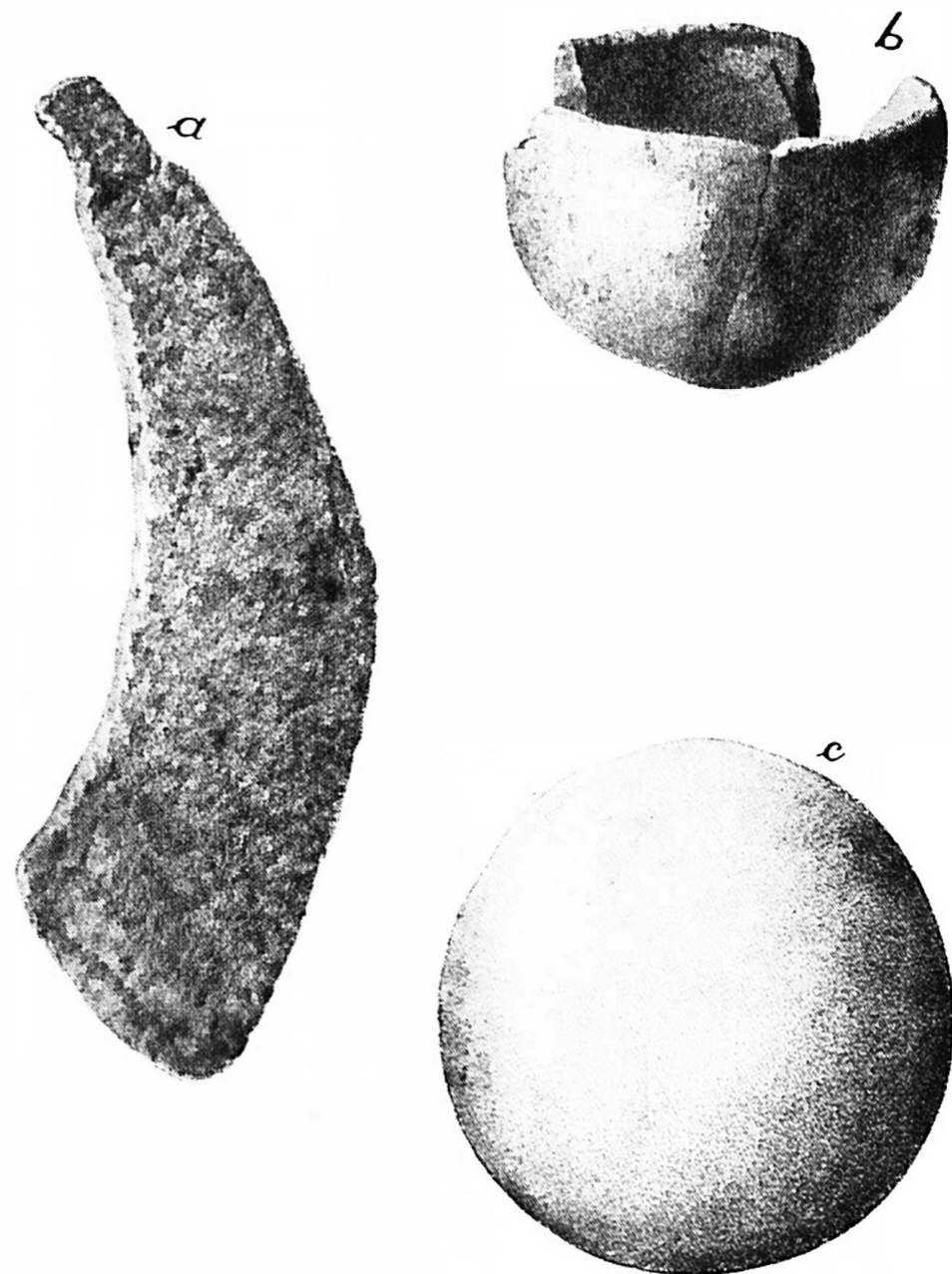


Faquinhas ($\frac{1}{4}$).



J. Mourão, des.

Faquinhas: *a, b, c* têm curvatura de *a', b', c'* ($\frac{1}{2}$).

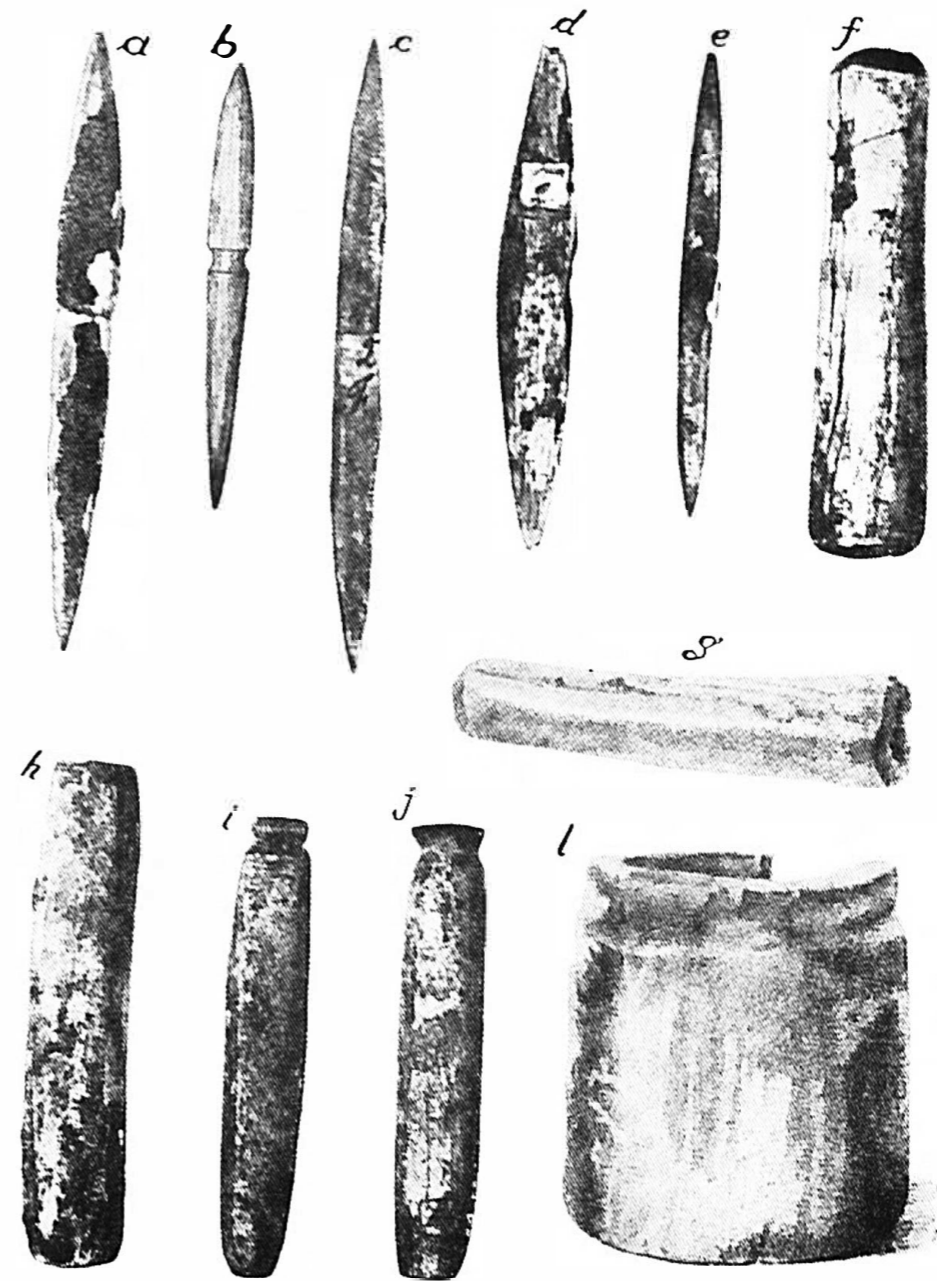


J. Mourão, des.

Objectos de calcário: *a*, espécie de alfange; *b*, gral; *c*, esfera ($\frac{1}{2}$).

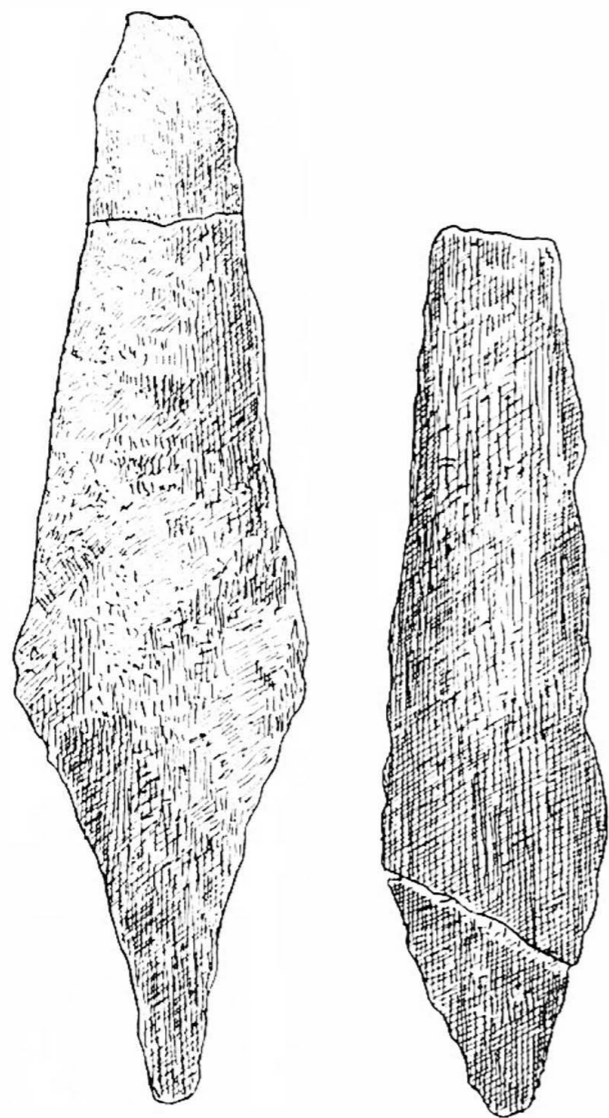


Objectos de osso: *a-d*, furadros e punções; *e, i*, cabeças de alfinete; *f, g*, lâminas com orifícios; *h*, fragmento de espátula ($\frac{1}{2}$).



Objectos de osso: *a, c-e*, objectos aguçados nas duas extremidades; *b*, desenho dado por Cartailhac do objecto *a*; *f, g*, cabeças de utensillos; *h*, cilindro sem gola; *i, j*, cilindros com gola; *l*, recipiente ($\frac{1}{2}$).

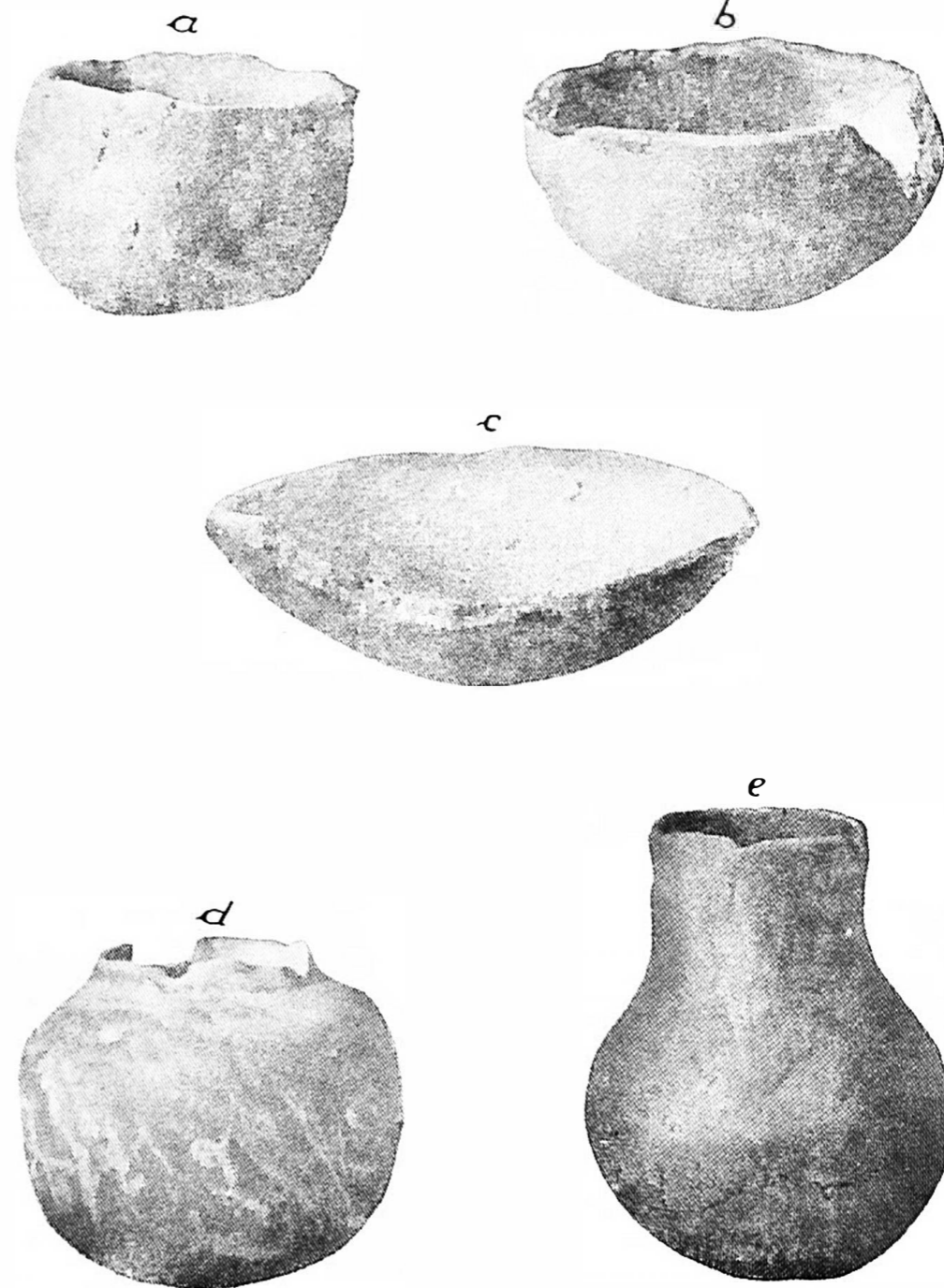
EST. XXII



Lanças de cobre.

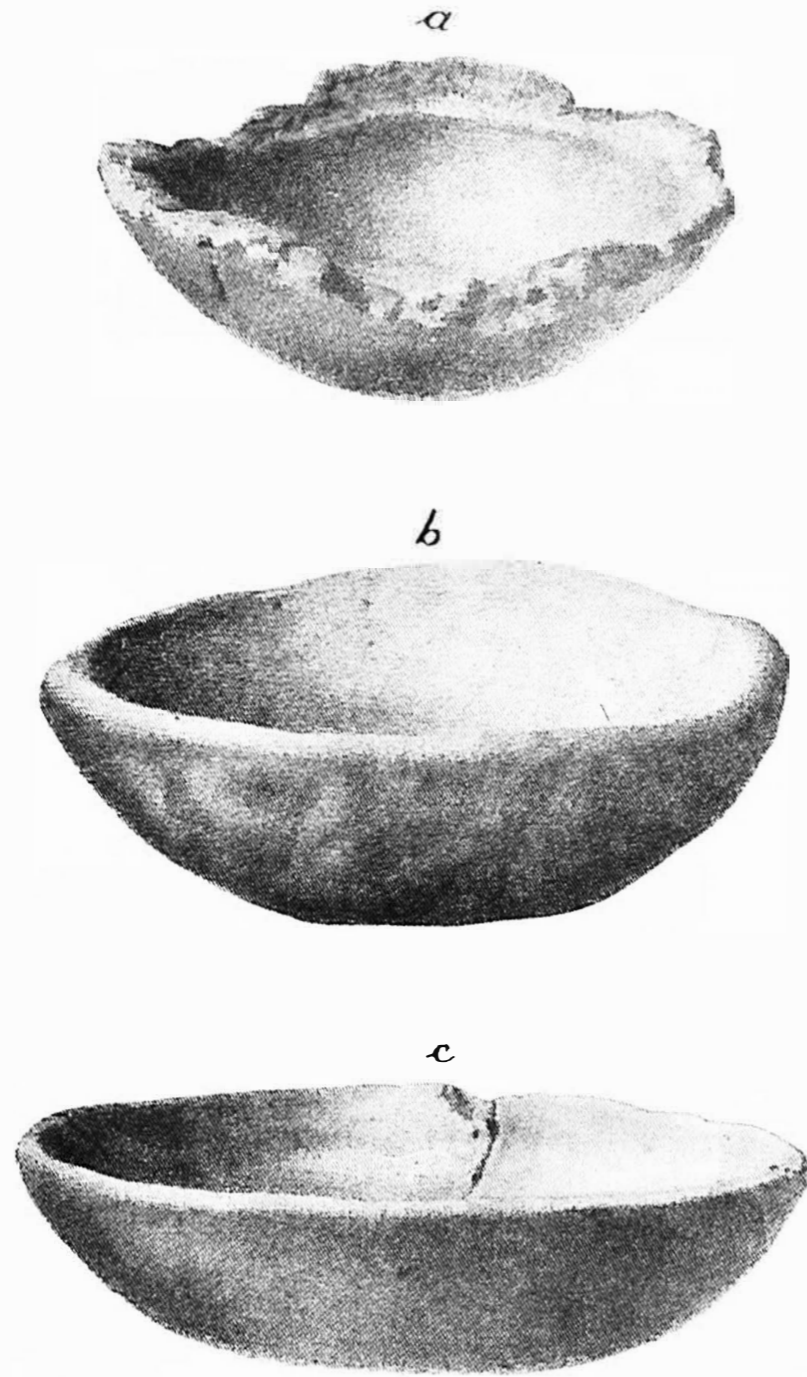
(*Antiguidades Monumentais do Algarve, por Estácio da Veiga*).

EST. XXIII

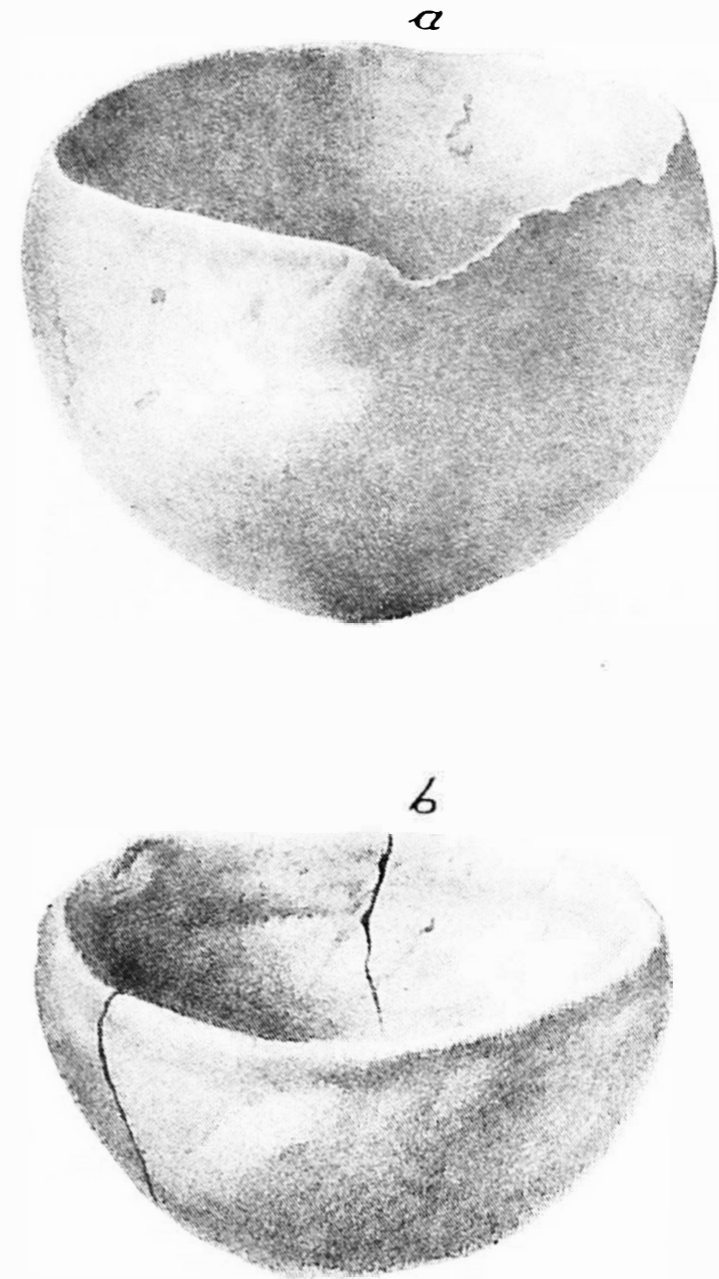


Almeida, des.

Vasos de barro (1/1).

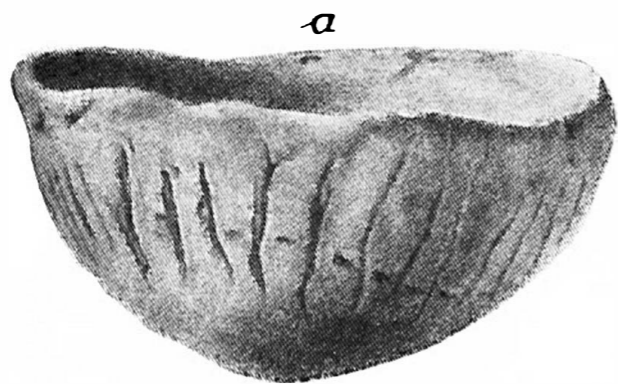


Vasos de barro (1/4). Almeida, des.



Vasos de barro (a contém resíduos de um ccrante vermelho). Almeida, des.

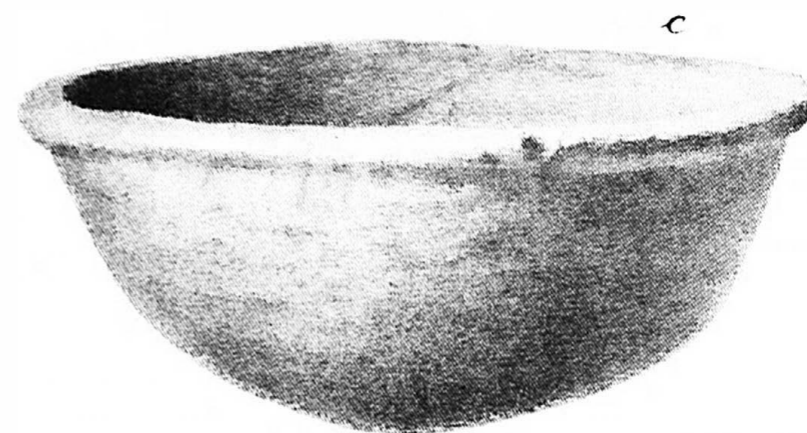
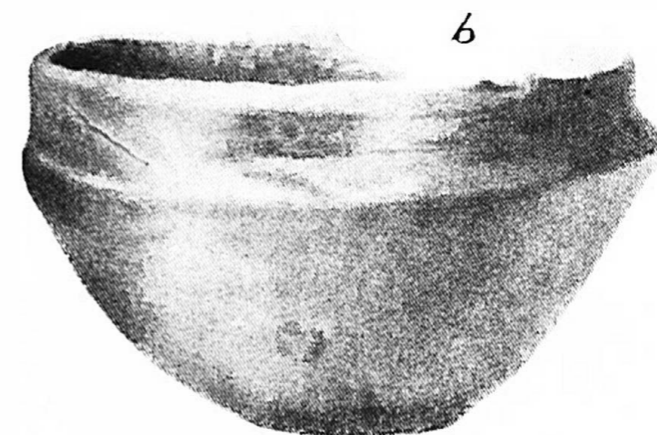
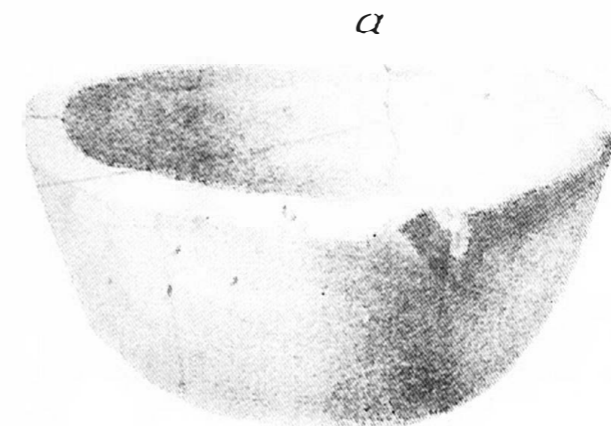
EST. XXVI



Almeida, des.

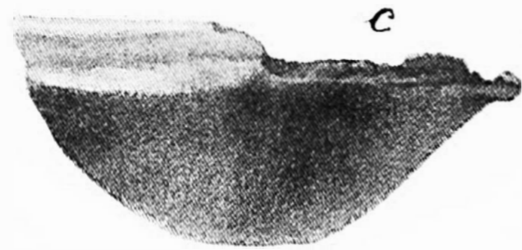
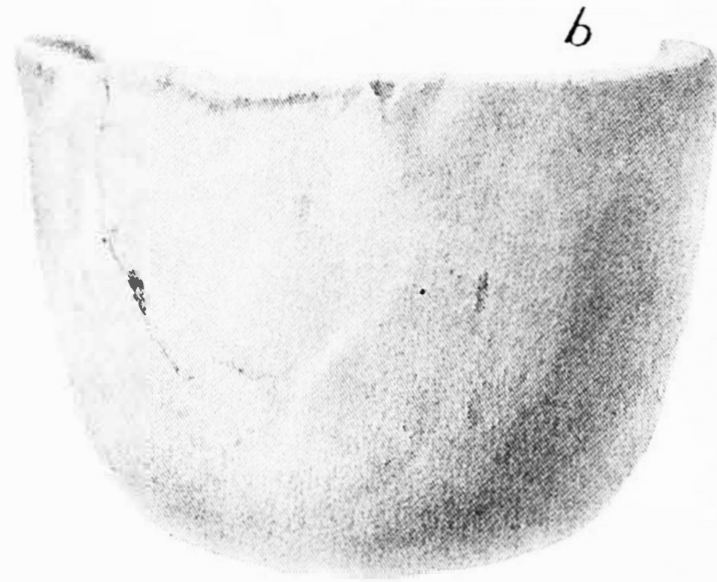
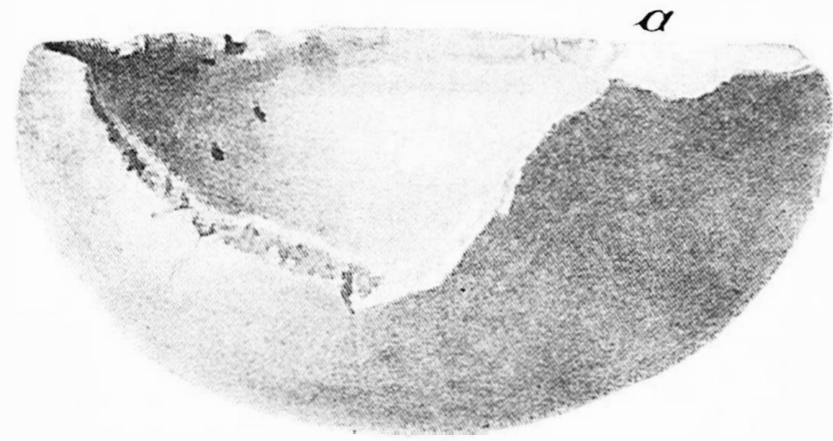
Vasos de barro ($\frac{1}{1}$).

EST. XXVII



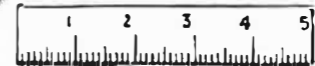
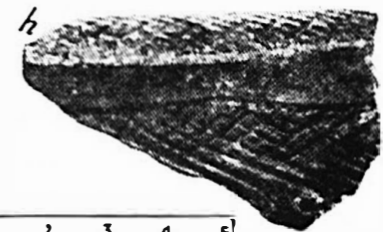
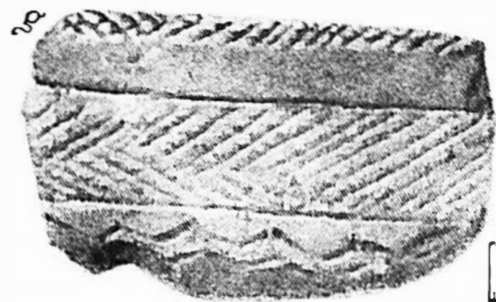
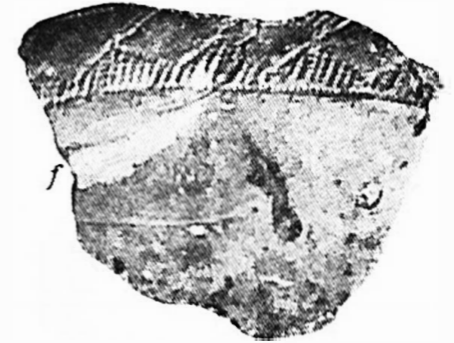
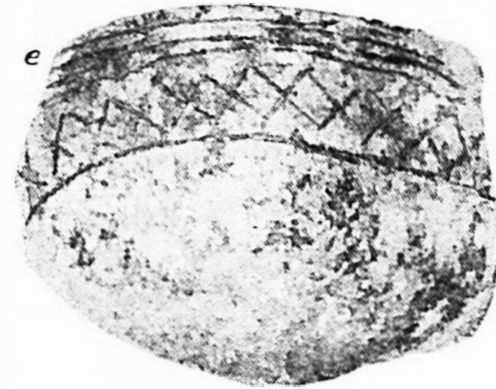
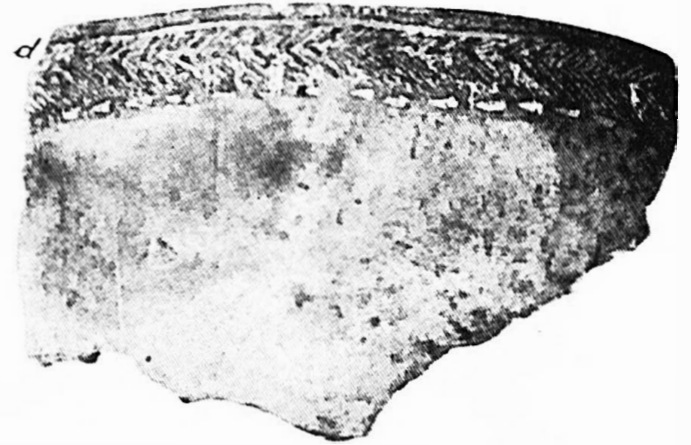
Almeida, des.

Vasos de barro ($\frac{2}{3}$).

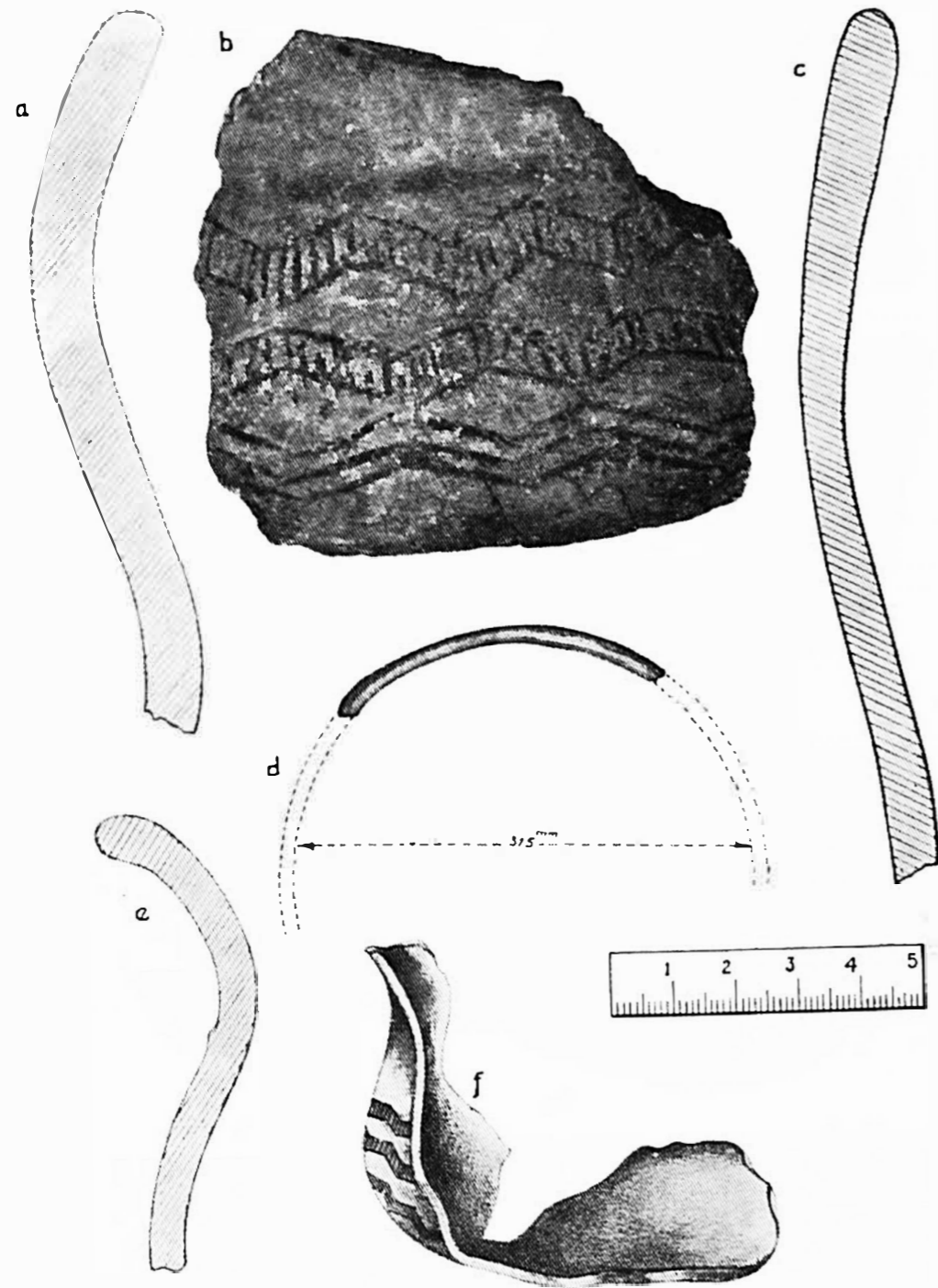


Almeida, des.

Vasos de barro: a e b, reduzidos a 2/3; c, reduzido a 1/4.

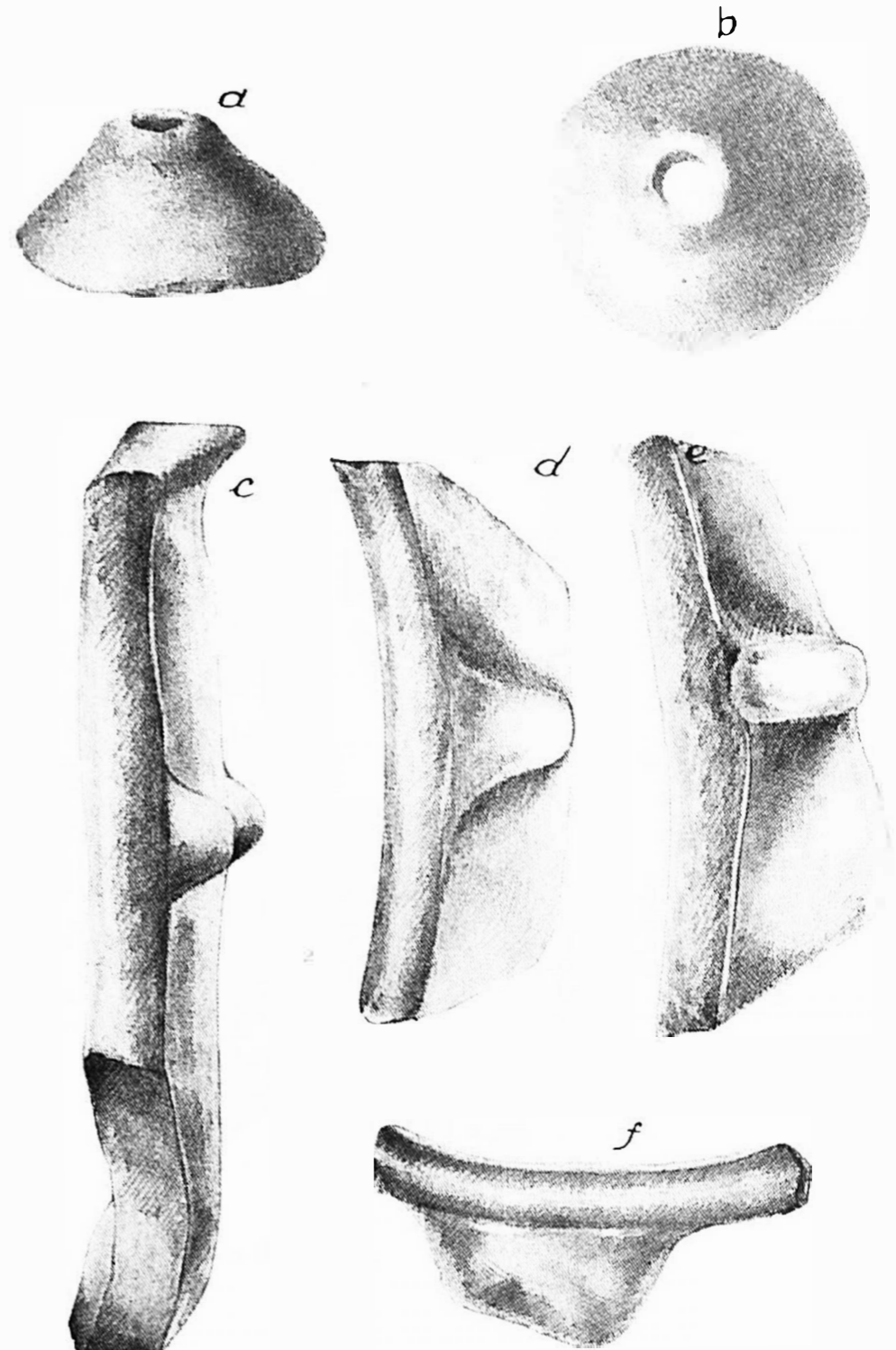


Fragmentos de vasos. com desenhos.



J. Mourão, des.

Perfis de bordos de vasos, *a*, *c*, *e*; reconstrução, *d*, da boca do vaso de perfil, *c*; fragmento, *b*, do vaso, *f*; reconstrução de parte da vasilha de fundo plano; *f* (reduzida a $\frac{1}{2}$).



J. Almeida, V. Correia e J. Mourão, des.

Cossoiro, *a*, *b*; pegas ou suspensões, *c*, *d*, *f*.

EST. XXXII



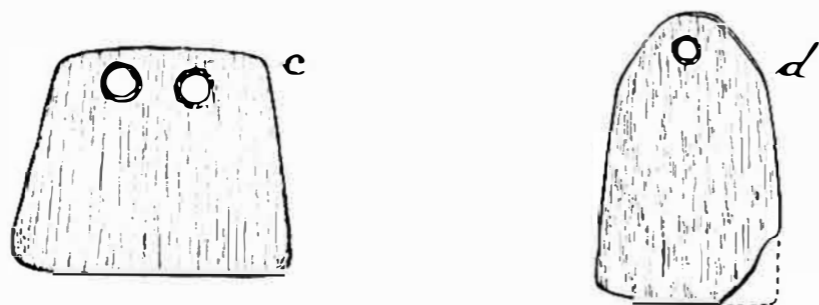
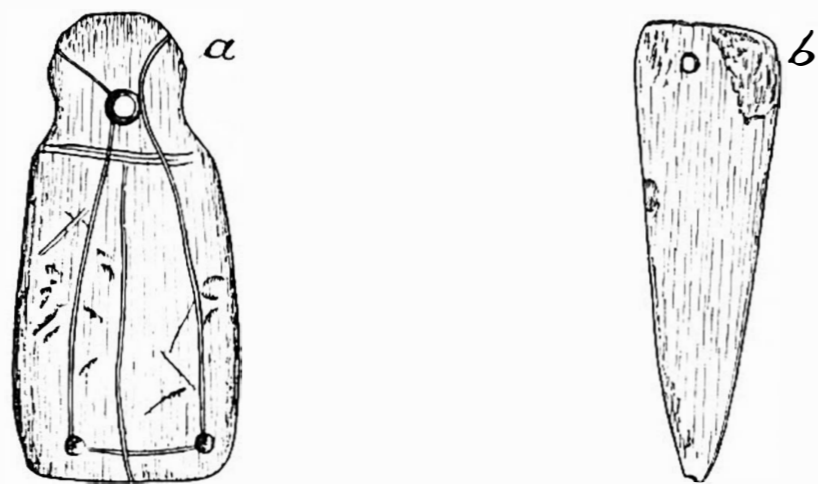
Contas e berloques das grutas de Cascals enfiadas de maneira a constituirem um colar.

EST. XXXIII



Contas das grutas de Cascals enfiadas de modo a constituirem um colar.

EST. XXXIV



V. Lázaro, des.

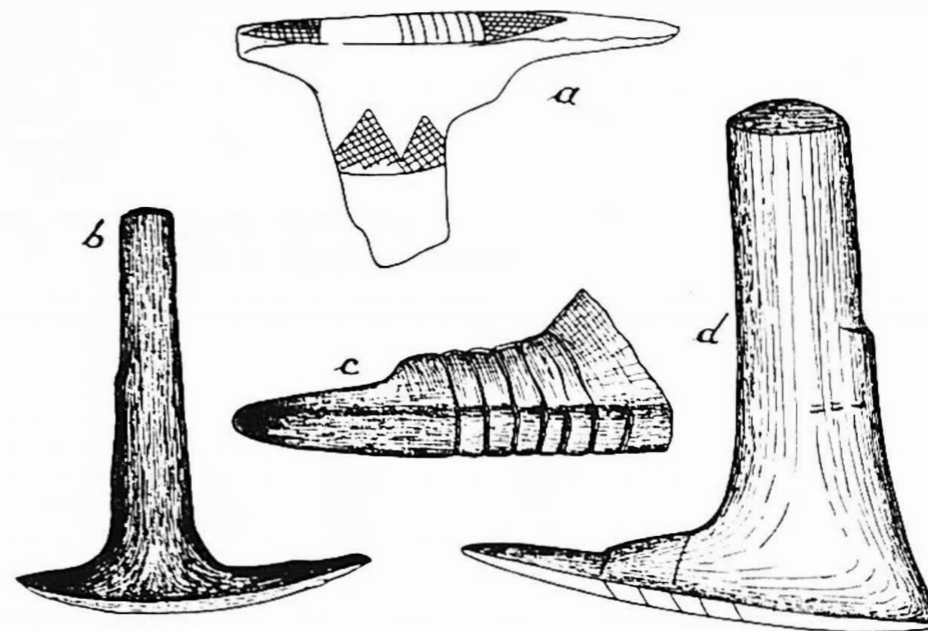
Berloques das grutas de Cascais.



Almeida, des.

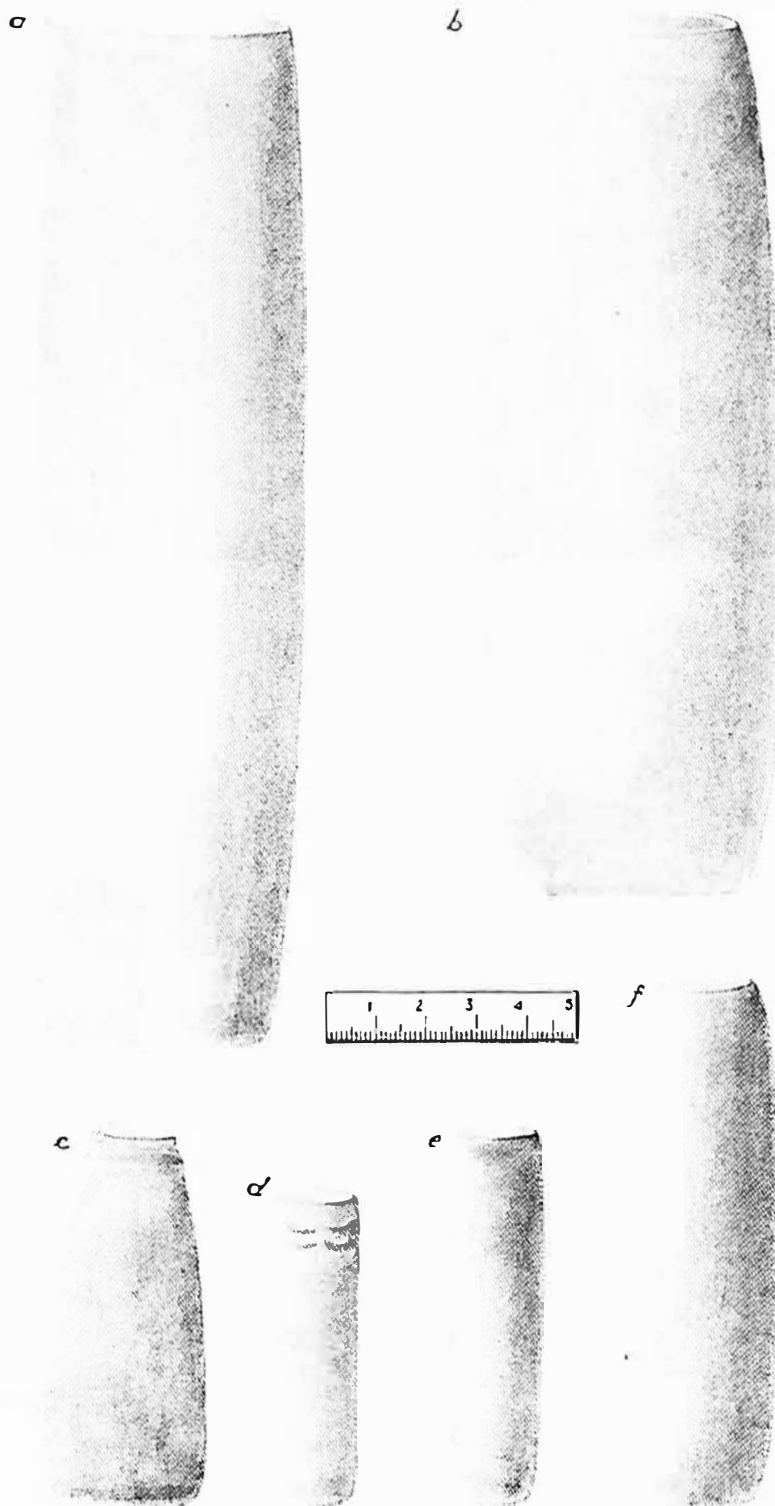
«Erminette» de mármore de Cascais (1/1).

EST. XXXVI



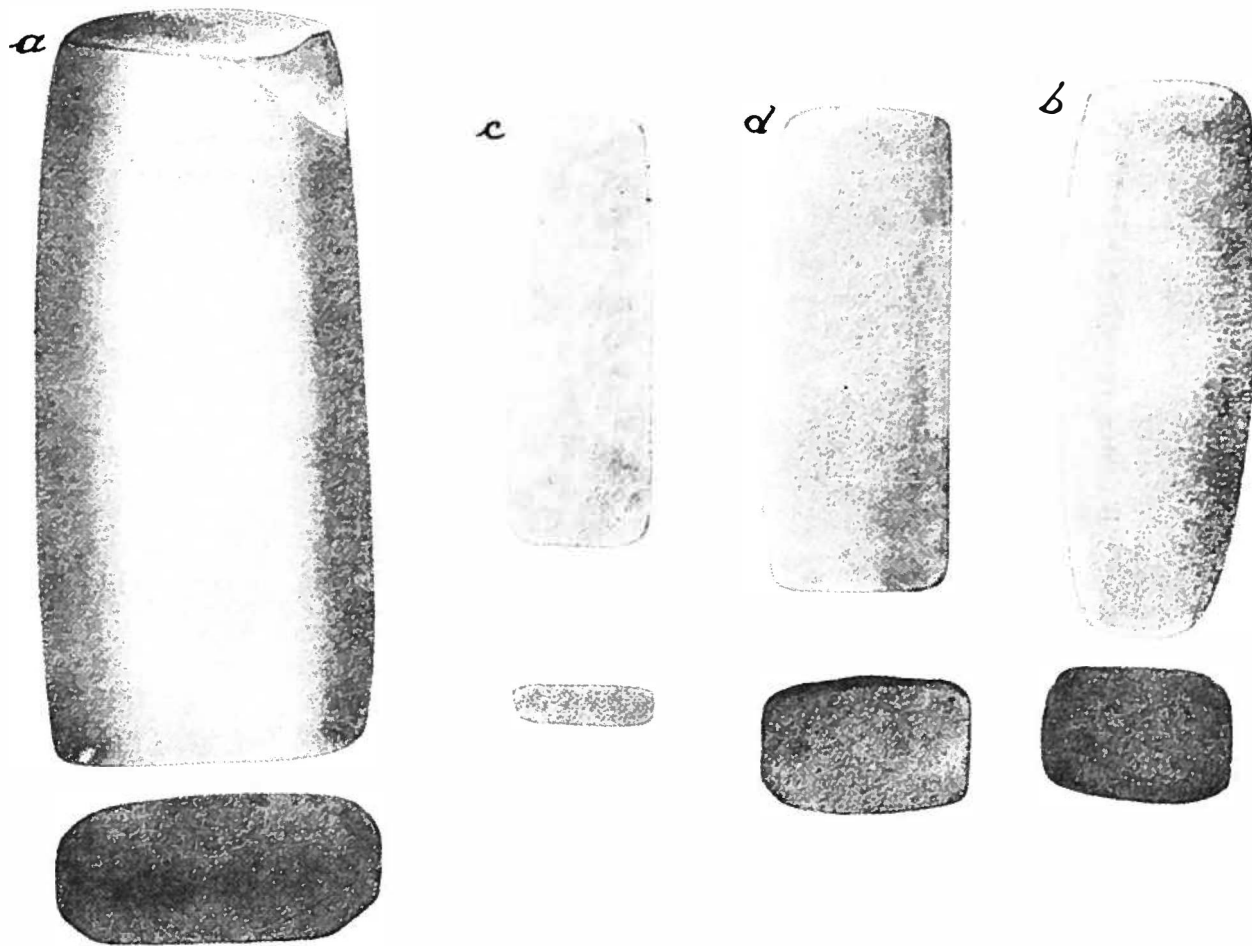
V. Lázaro, des.

«Erminettes» de mármore recolhidas noutras localidades: a, S. Martinho; b, Carenque; c, Palmela; d, Estria (reduções).



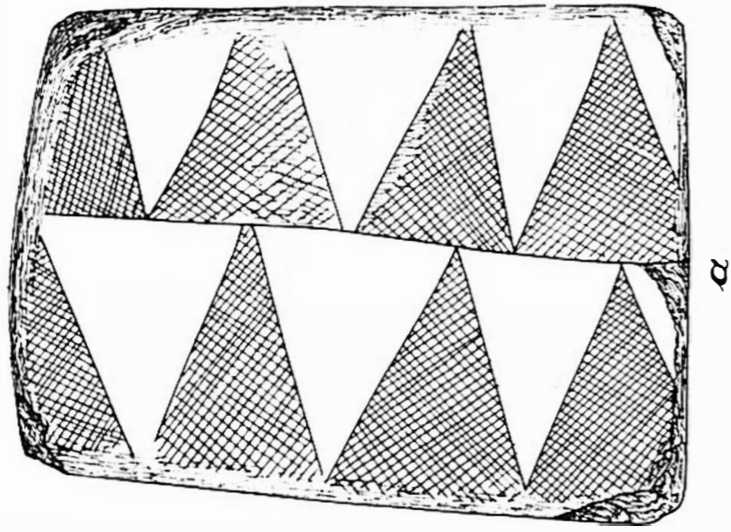
V. Correia e J. Mourão, des.

Cilindros de calcário das grutas de Cascals.

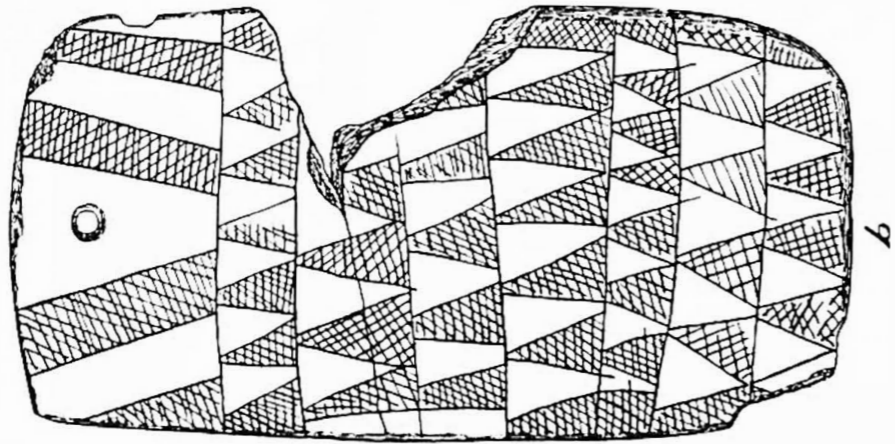


V. Correia e J. Mourão, des.

Objectos de calcário mais ou menos prismáticos, das grutas de Cascais.

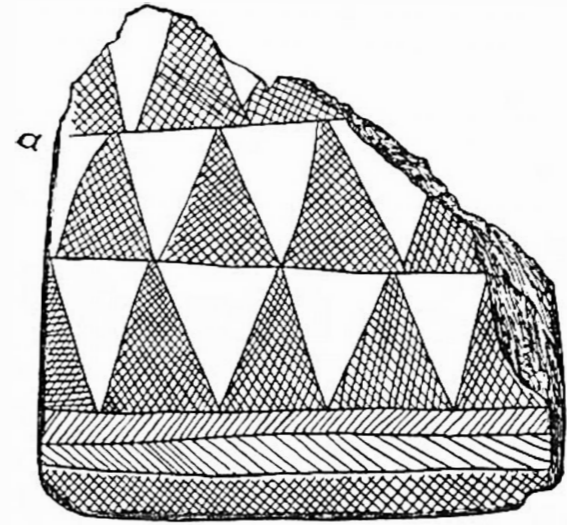


a

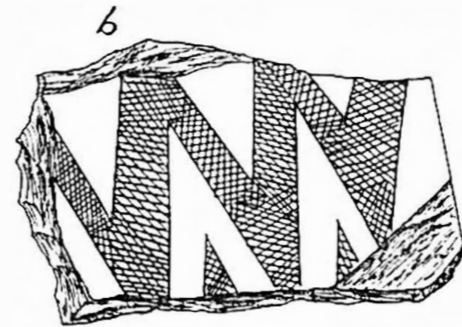


b

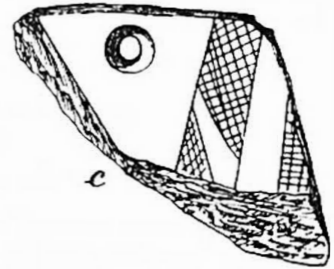
V. Lázaro, des.
Placas de xisto, das grutas de Cascais.



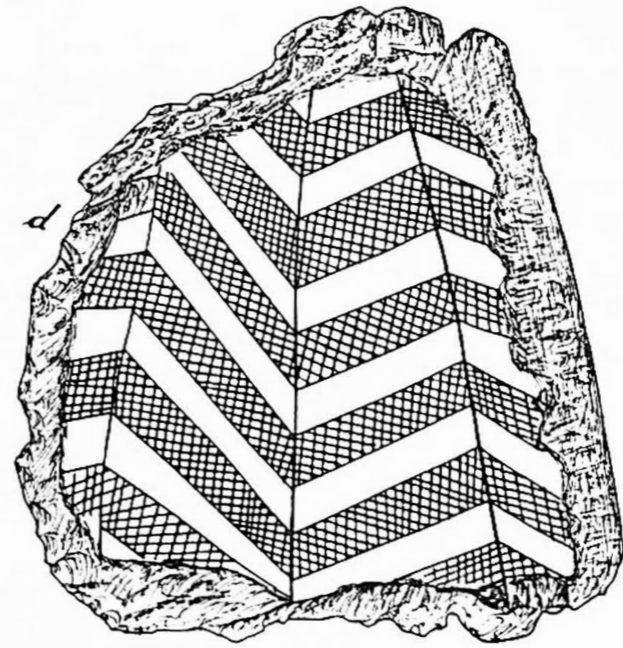
a



b



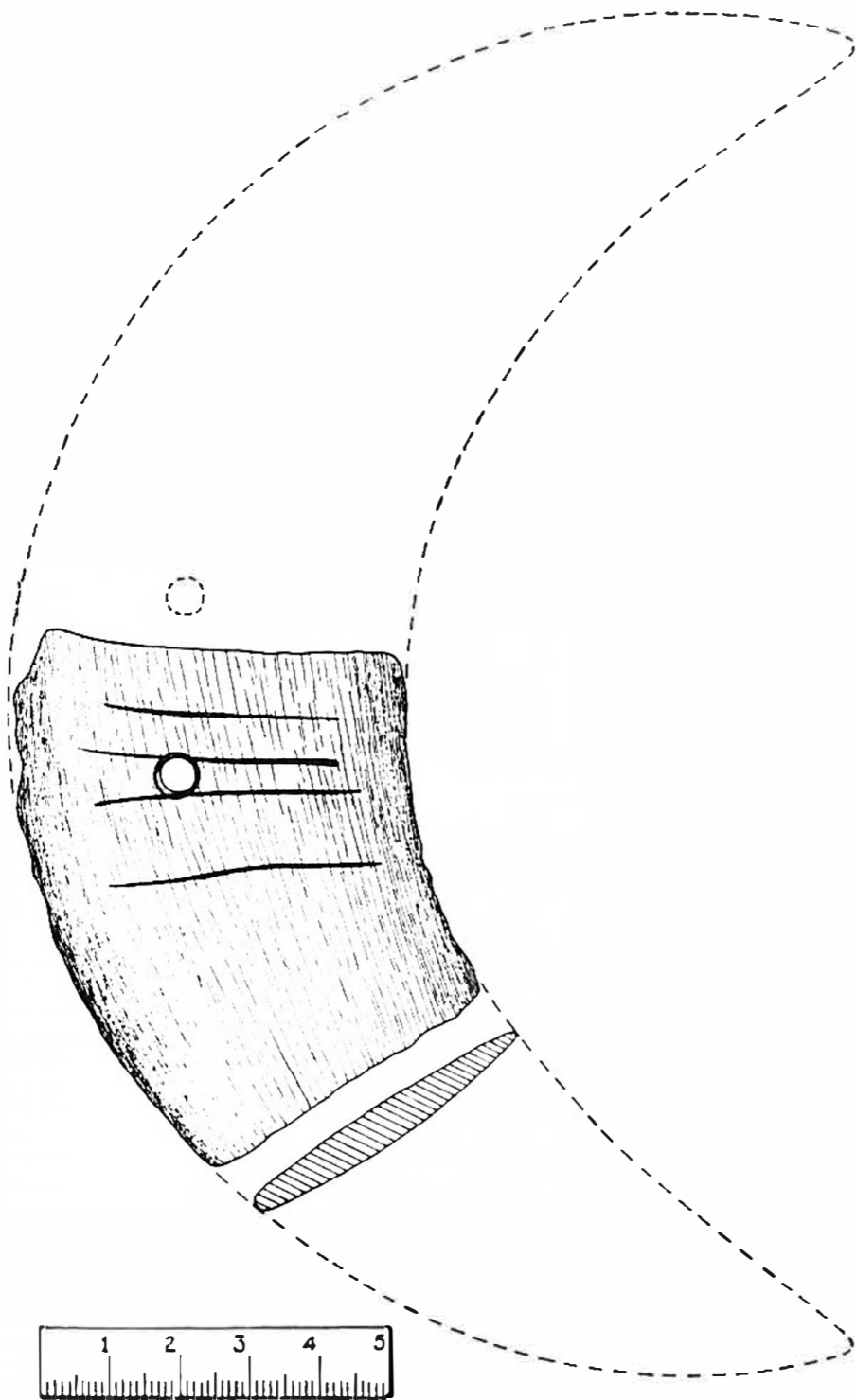
c



d

V. Lázaro, des.
Fragmentos de placas de xisto, das grutas de Cascais.

EST. XLI



V. Lázaro, des.

Crescente de calcário das grutas de Cascais.
(Reconstituição do Prof. Manuel Heleno).

EST. XLII



a



b



c

Crânio n.º 1 das grutas de Cascais.

(Congrès Intern. d'Anthr e d'Arch. Préhistoriques — Lisbonne, 1880).

GRAVURAS RUPESTRES DE OUTEIRO E CARREÇO (VIANA DO CASTELO) (*)

NUMA das nossas deambulações arqueológicas pelo Alto Minho, encontrámos em 1930 dois grupos de gravuras rupestres, um situado na freguesia de Outeiro e outro na de Carreço, ambos no concelho de Viana do Castelo.

O grupo do Outeiro fica na encosta da Chã, sobranceira ao lugar de Mezieiro, no sítio da Pégada, local assinalado no livro de S. Cipriano como contendo tesouros ocultos.

Numa laje horizontal, que não excede dois metros na sua maior dimensão, conseguimos distinguir ainda umas treze cruces, dispostas mais ou menos em círculo à volta de uma pequena parte central que fica em branco. Algumas covinhas pouco perceptíveis na fotografia completam o conjunto (Fig. 1).

Como o local é ponto frequente de passagem para caçadores, pastores e ovelhas, encontram-se as insculpturas um pouco gastas.

O grupo de Carreço fica no lugar de Montedor, sítio dos Moinhos, em frente das casas da Bica e da Belosa, num agrupamento de penedos. Um destes, talhado a pique, sobranceiro a uma vinha, medindo cerca de seis metros de largura por cinco de altura, tem na face voltada para o Sul gravadas algumas cruces, formando como que dois agrupamentos, encontrando-se o da esquerda já bastante danificado pelos cortes de pedra, bem visíveis na fig. 2.

(*) Trabalho publicado na revista *O Instituto*, vol. 100. Coimbra, 1942.

O estado de conservação destas gravuras, quer pelo resguardado do rochedo, quer por não servir o local de passagem como o anteriormente referido, é bastante perfeito. Dispostas todas verticalmente, apresentam algumas um pequeno rectângulo escavado na base.

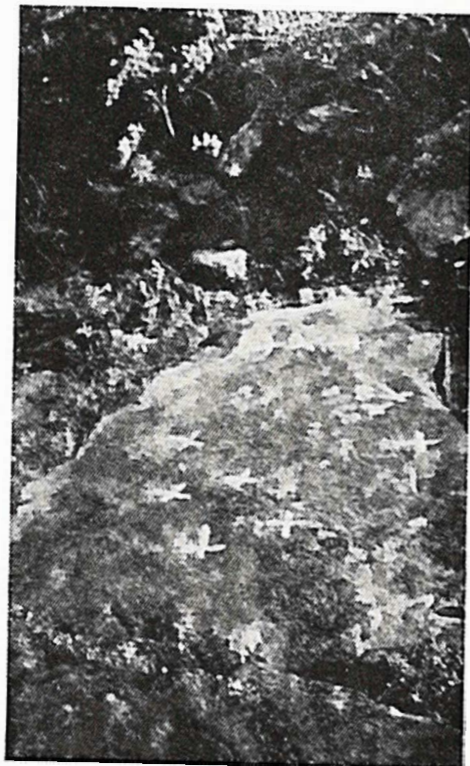


Fig. 1 — Gravuras rupestres de Outeiro.

Comparando as figuras cruciformes de Outeiro e Carreço, notamos logo que nas primeiras não houve a preocupação de bem arrumar como nas segundas, e nestas o artista foi mais esmerado no seu trabalho.

O Prof. Hugo Obermaier que estudou as insculpturas do noroeste peninsular, classificou-as em dois grandes grupos. Um deles, o mais antigo, datando dos últimos períodos da idade da pedra, é constituído

por estilizações zoomorfas e antropomorfas, figuras rectilneas, rectangulares, etc. O outro, mais moderno, desenvolve-se em plena idade do bronze e compreende as figuras em espiral, círculos, etc. (1).

Pertencerão sem dúvida as gravuras de Outeiro e Carreço ao primeiro grupo da referida classificação, podendo-se afirmar certamente que as de Outeiro serão mais antigas. Obermaier diz ainda que estes penhascos esculpidos não eram mais do que lugares dedicados ao



Fig. 2 — Gravuras rupestres de Carreço.

culto, reunindo-se à sua volta as gentes das redondezas para prestar homenagem às forças desconhecidas da natureza, ou ouvir o oráculo dos seus feiticeiros (2).

Estas cruzes representam a esquematização da figura humana, conclusão a que chegaram de há muito afamados pré-historiadores. Para não sairmos do nosso país, e mesmo do Minho, podemos observar a evolução destas esquematizações num dos nossos mais importantes

(1) Hugo Obermaier, «Impresiones de un viaje prehistórico por Galicia», *Boletín Arqueológico de la Comisión Provincial de Monumentos de Orense*, n.º 148, p. 19. Orense, 1923.

(2) Hugo Obermaier, «Die bronzezeitlichen Felsgravierungen von Nordwestspanien (Galicien)». *Ipek* — Berlin, 1935.

agrupamentos de gravuras rupestres, o santuário do Gião, Arcos de Valdevez, conforme série apresentada pelo Prof. Joaquim Fontes (²).

As cruzes com o pequeno rectângulo na parte inferior indicarão certamente figuras femininas, comparáveis talvez às de Azogue, Cueva Negra e mesmo Mas-d'Azil (¹). Antes de fecharmos esta breve notícia, pois os moldes que nos prescreveram não permitem que nos alonguemos em considerações, diremos que a grande maioria das gravuras rupestres são insculpidas em penedias horizontais, sendo muito raras as que, como as de Carreço, ficam num rochedo talhado a pino (³).

Afonso do Paço

(²) Joaquim Fontes, «Várias modalidades do sinal cruciforme no santuário pré-histórico do Gião (Arcos de Val-de-Vez)», *Revista de Arqueologia*, fasc. VIII. Lisboa, 1934.

(¹) Vejam-se quadros esquemáticos apresentados por H. Obermaier em «El hombre fósil», 2.ª edição. Madrid, 1925, p. 367.

(³) Eugénio Jalhay: «Novas descobertas pre-históricas do sudoeste da Galiza e norte de Portugal», *Congreso da Asociación Española para el Progreso de las Ciencias*. Lisboa, 1932.

UMA VASILHA DE BARRO, DE GRANDES DIMENSÕES, DO «CASTRO» DE VILA-NOVA-DE-SÃO-PEDRO (*)

EM várias das nossas estações eneolíticas tem-se encontrado fragmentos de grandes vasilhas de barro, mas até hoje, nenhum nos permitiu determinar completamente a forma do exemplar de que faziam parte (¹).

Na póvoa de Vila-Nova-de-São-Pedro, situada nas proximidades do Cartaxo, que desde 1937, graças a subsídios postos à disposição da Associação dos Arqueólogos Portugueses pelo Instituto para a Alta Cultura e Direcção dos Monumentos Nacionais, vimos explorando com o P.º Eugénio Jalhay, encontramos em 1939 um recipiente completo de dimensões até então desconhecidas nas estações pré-históricas portuguesas, e em condições de jazida também inéditas (²).

Temos por hábito, na exploração deste «Castro», levar a escavação até terrenos que não foram movimentados, por nos lembrar que na zona espanhola do Mediterrâneo apareceram sepulturas sob os restos de habitação que é impossível conservar ao ar livre. Ora na

(*) Trabalho apresentado à 7.ª secção do Congresso Luso-Espanhol de 1942, no Porto.

(¹) Nos nossos museus encontram-se fragmentos de grandes vasilhas provenientes de várias estações eneolíticas como: Monge, Montejunto, Outeiro-da-Assenta, Outeiro-de-São-Mamede, Pragança, Refugidos, Cascals (?), Ribelra-da-Lago (?).

(²) Afonso do Paço e Eugénio Jalhay, *A póvoa eneolítica de Vila-Nova-de-São-Pedro* (Notas sobre a 3.ª, 4.ª e 5.ª campanha, 1939, 1940 e 1941). «Brotéria», vol. XXXIV. Lisboa, 1942.

parte ocidental do «castelo», notamos por baixo das terras arqueológicas uma camada barrenta, com o aspecto de saibro amassado (figs. 1 e 3), que nos começou a intrigar pela extensão e profun-

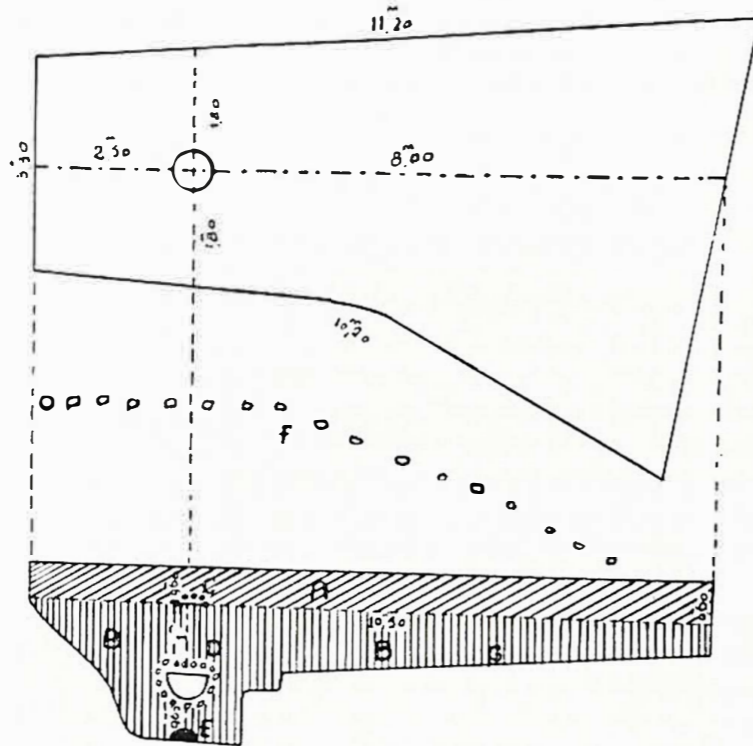


Fig. 1 — Planta e corte do terreno no local onde foi encontrada a vasilha de barro. *A*, terras arqueológicas; *B*, barro amassado; *C*, fundo de cabana; *D*, vasilha de barro cercada de pedras; *E*, local onde estavam ossos de um bovídeo e outros animais; *F*, muro de pedra a Sul, encontrado na escavação de 1940; *G*, local onde estavam os ossos de um grande bovídeo.

didade que apresentava. Encontravamo-nos em frente de qualquer coisa de anormal e com prejuízo de todos os trabalhos fizemos incidir nesse ano o maior esforço na escavação e remoção de tal saibro até às dimensões e profundidade da fig. 1.

Apresentava-se ele mais ou menos estéril sob o ponto de vista arqueológico, a não ser com um ou outro fragmento desgarrado de cerâmica incaracterística, de machado polido, ou placa de barro muito grosseira, mesmo um de ponta de seta do tipo das que apareciam à superfície, isto é, na camada arqueológica de cerca de 0,60 m de espessura. Conjuntamente alguns ossos de animais, e pedras aqui e além, tudo parecendo ter sido lançado para ali com o barro amassado.



Fig. 2 — A vasilha de barro aflorando no meio das terras escavadas.

Em *G* (fig. 1), o agrupamento de ossos de grandes dimensões era maior, e pela sua extensão e disposição parecia tratar-se de um corpulento bovídeo enterrado quando do lançamento da argamassa. Se a operação tivesse sido realizada posteriormente, o saibro devia apresentar indícios disso: menos homogêneo que o circundante, mesmo com terras negras da superfície, factos estes que se não observavam.

Enquanto na parte oriental e central deste fosso atingíamos terreno firme, a ocidente continuava a aprofundar mais, formando como que uma cavidade, e aparecia pouco depois uma pequena camada de pedras de medianas dimensões (fig. 1, *D*). Logo abaixo começou a

desenhar-se a borda de uma grande vasilha (figs. 2 e 3), que se mostrava intacta, apenas com uma parte do bordo deslocada.

O operário que procedia a este trabalho, vendo a tal profundidade a configuração de tamanho recipiente, largou a ferramenta e deitou a fugir.

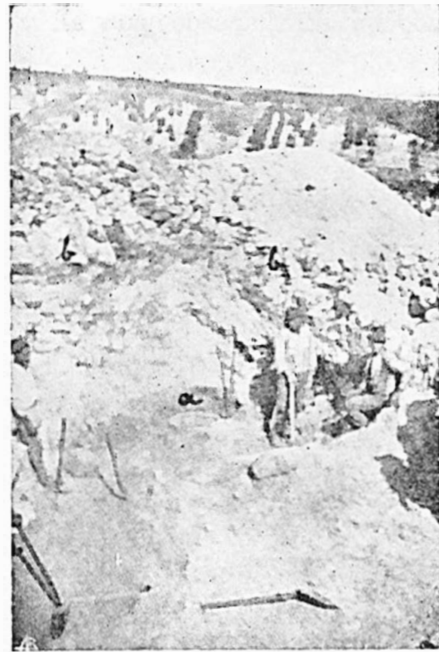


Fig. 3 — Vista da escavação e do local onde estava a vasilha, *a*.
Nível do terreno, *b*.

No primeiro relato que se fez das escavações de Vila-Nova-de-São-Pedro, recolheram-se todas as lendas de mouras encantadas e tesouros escondidos que corriam acerca desta póvoa, uma das quais diz:

«No alto do 'Castelo' estão enterradas duas panelas, perfeitamente iguais, uma transbordando de riqueza, outra repleta de peste. Todos desejariam cavar no solo para encontrar a panela da fortuna,

mas temendo dar com a dos malefícios, que mataria toda a gente, ninguém se atreve a procurá-las» (*).

Foi o que aconteceu. A lenda, referida como outras a rir e a cada passo entre os operários, transformava-se de repente aos olhos daquele homem em realidade, e ao ver o bordo que se desenhava numa panela intacta, como que impellido por oculta mola largou a correr espavorido. O Ernesto, assim se chamava o operário, estava noivo, e viu que da panela só «transbordava» terra. Seria a da peste? O ouro é de cor amarela. Não queria morrer e fugiu. Serenados, logo se convenceram de que não se tratava de panelas de ouro ou de peste, mas sim de uma vasilha de grandes dimensões, cheia de terra, algumas pedras e ossos, idêntica a outras que já tínhamos recolhido, posto que menores e fragmentadas.

Continuando a escavação notou-se que semelhantes às pedras que havia por cima, outras existiam dos lados, formando como que um muro de suporte e amparo do recipiente.

Uma inspecção cuidadosa ao seu estado, revelou-nos que não se encontrava intacta, apesar da sua espessura, mas sim muito partida, em fragmentos de grandes dimensões que, mercê de um revestimento externo de pedras, não se encontravam deslocados, mas sim no seu lugar.

Um problema se nos apresentava: o da sua extracção. Se lhe tirássemos as pedras e terra exteriores, com o peso das que estavam dentro tudo se desmoronaria, como se observou numa pequena parte que se pôs a descoberto.

Esvaziou-se então a pouco e pouco o interior, e paralelamente se retiraram as terras externas, revestindo-se ao mesmo tempo a vasilha, por fora, e por dentro com uma espessa camada de greda, que nos permitiu conservar todos os fragmentos no seu lugar, excepto uma parte do bordo que se guardou de lado (figs. 4 a 6).

Enfaixada com tiras de pano e ligada convenientemente (fig. 7), conseguiu-se depois levá-la para Lisboa, onde, não sem paciência,

(*) Afonso do Paço e Eugénio Jalhay, *A póvoa eneolítica de Vila-Nova-de-São-Pedro* (Notas sobre a 1.ª e 2.ª campanha, 1937 e 1938). «Brotéria», vol. XXVIII. Lisboa, 1939.



Fig. 4—A vasilha de barro depois de retiradas as terras exteriores e guarnecida com uma camada de greda. Do lado esquerdo algumas pedras da base do muro lateral de suporte.



Fig. 5—Vista do local da escavação com a vasilha já liberta das terras que estavam ao redor.

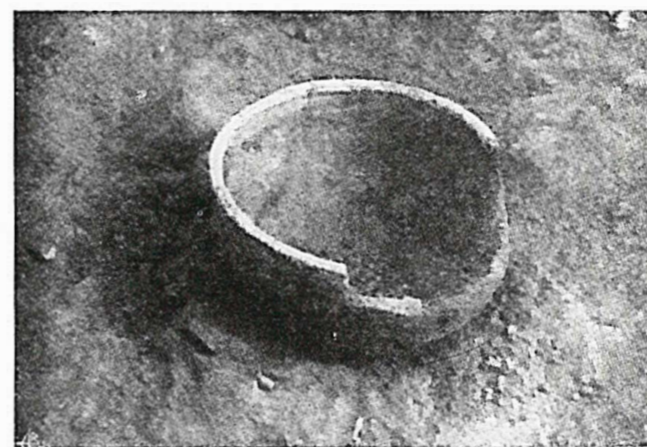


Fig. 6—A vasilha desprovida das terras de dentro e de fora.



Fig. 7—A vasilha coberta de greda, enfaixada exteriormente com panos e atada.

Hipólito Cabaço e sua Ex.^{ma} Filha D. Piedade procederam à reconstituição, colando os fragmentos.

Extraída a vasilha, vimos que por baixo havia uma nova camada de pedras, continuando depois o barro amassado. A uma profundidade de 0,65 m da parte inferior do vaso, e na sua vertical, mesmo junto do terreno firme, havia escassos restos ósseos de animais de mediana corpulência (fig. 1, *E*), um dos quais era evidente que fora deposto na direcção N-S, ficando para este último ponto cardeal a cabeça bem definida por parcelas de maxilar e outros ossos, quase pulverizados, enquanto que na outra extremidade, isto é, do lado Norte, se notavam elementos das patas.

Junto do focinho deste animal havia fragmentos cerâmicos de vasilha de medianas proporções, sem decoração alguma, e resíduos duma fogueira que não se extinguiu completamente em cinzas, mas sobre que, parece, fora despejado o barro amassado, quando ainda estava ao rubro ou mal queimada. Também se notava perfeitamente que ela não atingira os ossos daquele.

Foi isto o que pudemos observar na campanha de 1939.

Em 1940 depois de se retirar com uma vagoneta a imensidade de terras e pedras que se acumulavam aos lados provenientes da escavação do ano anterior, e como esta camada de barro se estendesse para Sul, continuámos a sua exploração até à linha F (fig. 1), onde havia uma espécie de parede constituída por algumas pedras toscas sobrepostas ou colocadas umas ao lado das outras. Uma inspecção realizada para além revelou-nos que as argamassas terminavam ali, e aquele murozito era o seu extremo Sul. Para o Norte, estende-se ainda por baixo de uns restos de casas que deixamos intactos na escavação de 1941; para Leste prolonga-se para o morro central, não explorado, e para Ocidente encosta ao pano de muro que certamente constituiria uma das defesas do recinto habitado.

Analisando, em presença dos escassos elementos que possuímos, como as coisas se teriam passado, poderemos fazer a seguinte reconstituição:

1.º — Que os povos eneolíticos de Vila-Nova-de-São-Pedro procederam a uma escavação no solo, de grandes dimensões, delimitada a Sul e Oeste por uma linha de pedras em forma de muro (figs. 8 e 11).



Fig. 8 — Vista geral do local da escavação no fim da campanha de 1939. A vasilha estava no fosso *a*. Nível do terreno, *b*.



Fig. 9 — Vista do local da escavação no começo da campanha de 1940. Local onde estava a vasilha, *a*. Muro de superte que começa a desenhar-se a Sul, *b*.

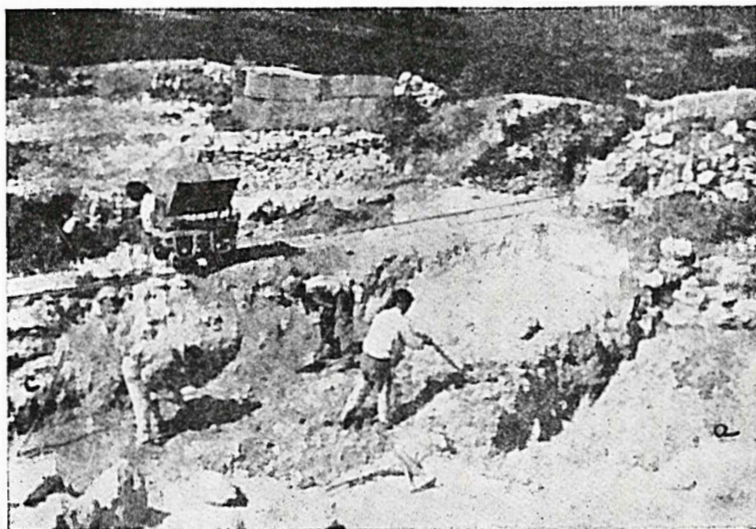


Fig. 10 — Vista do lado Sul, do local que continha o barro amassado e sua remoção na campanha de 1940. Local da vasilha, *a*. O murozito toma mais ou menos a direcção *b-c*.



Fig. 11 — Remoção das terras da escavação, do lado Norte. Local da vasilha, *a*. Começo do muro, *b*.

2.º — Que essa escavação atingia 2,60 m na parte mais profunda, contados da superfície do solo, dos quais 0,60 m eram actualmente de terras arqueológicas.

3.º — Que essa cavidade foi depois preenchida por um compacto barro amassado, com algumas pedras de permeio, que da parte mais profunda do fosso até ao limite superior desta espécie de argamassa atingia dois metros.

4.º — Que antes de preenchido o fosso com barro amassado, se depositou na parte mais profunda um bovídeo, e talvez outros animais, estendido aquele na direcção N-S, ficando deste último lado a cabeça (¹).

5.º — Que sobre estes animais, certamente sacrificados na ocasião, se acendeu uma fogueira, bem visível junto do focinho do bovino e se colocou ao lado uma vasilha de barro, de formato vulgar e sem decoração alguma.

6.º — Que sobre a fogueira não extinta completamente, e sobre o bovídeo, vasilha, etc., se começou a lançar barro amassado, até atingir a espessura de cerca de 0,50 m.

7.º — Que mais ou menos nesta altura, e por cima da argamassa e do ventre do animal, se estendeu uma pequena camada de pedras.

8.º — Que sobre esta camada de pedras se depôs um vaso de barro de 0,38 m de alto e 0,58 m de largura de boca, de fabrico grosseiro e sem ornamentação alguma, tendo dentro qualquer coisa de animal, de que nos restam apenas escassos fragmentos ósseos, alguns dos quais o Prof. Breuil pôde classificar como pertencendo aos géneros *Cervus* e *Sus* (²).

9.º — Que o resguardo deste recipiente, certamente com o seu conteúdo, merecia àqueles povos eneolíticos os maiores cuidados, pois cercaram-no de um muro de pedra, bastante consistente.

(¹) O Prof. Henri Breuil que ultimamente classificou a fauna da póvoa eneolítica de Vila-Nova-de-São-Pedro, onde há *Bos*, *Sus*, *Cervus*, *Capra*, *Equus*, *Asinus*, *Ursus*, *Histriz*, *Meles*, *Taxus*, *Canis*, *Linx* e *Cuniculus*, conseguiu determinar entre os muitos fragmentados ossos que estavam debaixo da grande vasilha, elementos de *Bos* (em maior abundância), *Cervus*, *Sus* e *Capra*, bem como de um *Pecten*. Também havia dols fragmentos trabalhados de silex (faca e raspador) e escassa cerâmica de mais duas ou três vasilhas.

(²) Havia ainda dentro do vaso minúsculos fragmentos cerâmicos, restos de um machado de pedra polida e uma valva de ameijoia.

10.º — Que depois desta operação, se continuou a preencher o fosso com barro amassado, indo muitas vezes de permeio, casual ou propositadamente, fragmentos de machados, de cerâmica, de placas de barro muito grosseiras, de ossos de animais e bastantes pedras para ali atiradas sem ordem alguma.

11.º — Que depois de coberta a grande vasilha, se colocou sobre ela uma camada de pedras, igual à da parte inferior, certamente para que ficasse melhor protegida.

12.º — Que depois disto se continuou a operação de tapar o fosso com o mesmo barro amassado até atingir a altura de um metro mais ou menos acima da borda do vaso.

13.º — Que para Leste deste (fig. 1, G), dentro do mesmo fosso, e pouco mais ou menos à sua altura, se encontraram abundantes ossos de um corpulento bovino que dava a impressão de ter sido colocado ali quando das operações atrás descritas e por certo obedecendo, como o restante, a um fim ritual.

São os factos que mais ou menos saltam à vista ao proceder-se a uma análise das condições de jazida deste espólio. O cuidado e precauções tomadas para que tudo se conservasse intacto a tamanha profundidade, faz-nos crer que se trata de uma cerimónia religiosa, praticada certamente no princípio, talvez uma consagração do local levada a cabo pelos habitantes do «castelo» quando ali se estabeleceram ou então ante-câmara de ritual fúnebre.

Local sagrado durante algum tempo? Quem o sabe. Todavia encontramos na camada de terra arqueológica que se estendia por cima numa espessura de 0,60 m, alguns fundos de cabana e bastante mobiliário eneolítico.

Nada mais podemos avançar por enquanto sobre este singular achado, que não nos lembra ter paralelo em qualquer povoado pré-histórico até hoje explorado no nosso país. Aguardemos que o restante da escavação em curso nos traga mais luz, permitindo-nos um estudo analógico mais desenvolvido com as civilizações do Mediterrâneo Oriental, com quem este «castro» mantém bastantes afinidades (4).

(4) Desenho do Ex.º Sr. José Luís de Castro e Sola. Fotografias de Eugénio Jalhay e do autor.

ESTAÇÃO ENEOLÍTICA DO ESTORIL (*)

NUMA manhã de Agosto de 1915, encontrou o saudoso arqueólogo Dr. Félix Alves Pereira uma estação arqueológica, no Estoril, enquanto esperava a abertura das termas onde ia buscar alívio para os seus padecimentos.

Um grupo de operários trabalhava numas terraplanagens para os ajardinamentos do actual parque e, F. Alves Pereira, aproximando-se do local, começou a ver espalhados pelo chão, ora lascas de sílex, ora fragmentos cerâmicos muito primitivos, reveladores da existência de uma estação pré-histórica.

Tratando de salvar o que casualmente se lhe deparava, e obtida a necessária licença junto da empresa executora das obras, conseguiu que os operários, dia após dia, reunissem o espólio que hoje possuímos e que maior seria se, quando da sua descoberta, uma parte da camada superficial dos terrenos que continham maior abundância de material, não tivesse sido já retirada.

Não deixou Alves Pereira o seu achado no olvido, e dele nos deu relato em jornais (1), «O Arqueólogo Português» (2) e revista «A Nossa Terra» (3).

(*) Trabalho apresentado à 7.ª secção do Congresso Luso-Espanhol de 1942, no Porto.

(1) «Diário de Notícias» de 18 de Janeiro, 3 de Março, 2 de Abril e 14 de Julho de 1916.

(2) F. Alves Pereira, «Antiquitas». V-VIII — *Estação pré-histórica do Estoril*, «O Arqueólogo Português», vol. XXI. Lisboa, 1916, p. 210-221.

(3) F. Alves Pereira, *A antiguidade no concelho de Cascais*. «A Nossa Terra». Cascais, 1917.

O material recolhido foi depositado no Museu do Carmo, sede da Associação dos Arqueólogos Portugueses, sem que o seu descobridor nos chegasse a dar, como era seu intento, «o estudo técnico de todo o espólio» (1).

Ficava situada a estação, como se disse, nos terrenos do antigo parque, a uns 40 m a NW da hoje demolida «casa do Viana», numa elevação que foi rebaixada em cerca de três metros.

Por amável acedência do Dr. Fausto de Figueiredo, da Sociedade Estoril-Plage e Junta do Turismo de Cascais, a quem manifestamos os nossos agradecimentos, é-nos permitida a publicação de uma planta local antes das obras actuais, e portanto coetânea da época em que o espólio eneolítico ainda existia sepultado no solo (fig. 1).

Não se encontraram vestígios arqueológicos de apreço nas imediações desta estação. É certo que Paula e Oliveira, no seu trabalho póstumo «Antiquités pré-historiques et romaines des environs de Cascais» (2) diz que visitara a Leste do muro da mata de um antigo convento, junto de Santo António do Estoril, «duas cavidades verticais, de cerca de quatro metros de profundidade, comunicando entre si por um pequeno orifício aberto na parte inferior», acrescentando ser a sua idade de difícil determinação e que à sua volta havia entulhos demonstrativos de que se tinha feito uma escavação em época relativamente moderna. Delas não há hoje notícia alguma, e certamente foram destruídas pelas habitações e outras obras que transformaram completamente o local.

Ora, poderíamos às vezes ser levados a pensar que o espólio recolhido por Alves Pereira proviesse daquelas grutas ou covas, mas a sua distância do local, e natureza dos objectos, leva-nos a pôr de parte tal eventualidade. Este arqueólogo, que conhecia bem o trabalho de Paula e Oliveira acima referido, nunca encarou tal possibilidade e considerou a sua descoberta uma estação de superfície.

Os estudos a que está procedendo sobre o paleolítico português, levaram o Prof. Henri Breuil a visitar o espólio do Estoril, e ao veri-

(1) *Idem.* «O Arch. Port.», vol. XXI, p. 217, nota 1.

(2) «Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geológicos», tomo II, fasc. I, Lisboa, 1889.



Fig. 1 — Trecho da planta do antigo parque do Estoril, indicando a «casa do Viana» e local aproximado da Estação: A.

ficar os instrumentos de sílex, divergiu um tanto de F. Alves Pereira quanto à classificação. Este arqueólogo, cujo trabalho meticolosissimo é credor dos maiores elogios, não dispunha ao tempo dos elementos de comparação hoje existentes.

Analisando o material lítico da estação do Estoril, diremos, que ele é constituído por alguns seixos rolados, uma pequenina enxó e dois fragmentos de secção mais ou menos circular, um dos quais de goiva, uma lança e fragmento de outra, além de uma serrinha.

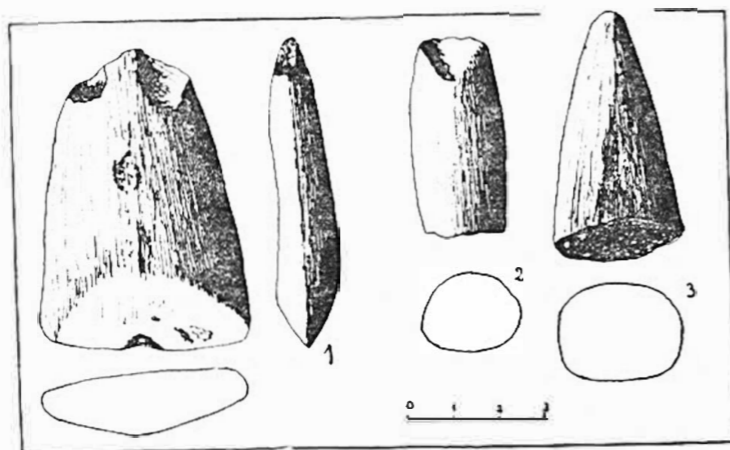


Fig. 2 — Enxó, 1; goiva, 2 e fragmento indefinido, 3.

Os calhaus rolados seriam utilizados umas vezes como *percutores* ou *martelos*, outras como *alisadores*. Os exemplares que possuímos, apresentam indícios daquelas duas aplicações e tratando-se de uma estação de superfície não se lhes pode atribuir o sentido religioso admitido por alguns autores (6).

A enxó é de pequenas dimensões (fig. 2, n.º 1), e apresenta as características requeridas por Dechelette (7) para os objectos deste tipo,

(6) Eugénio Jalhay e Afonso do Paço, *A gruta II da necrópole de Alapraia* — Academia Portuguesa de História. Anais, vol. IV. Lisboa, 1941.

(7) J. Dechelette, *Manuel d'Archeologie Préhistorique, Celtique et Gallo-Romaine*, vol. I. Paris, 1928.

isto é, uma das faces plana e a outra ligeiramente abaulada. O gume é em bisel duplo.

As necrópoles vizinhas de Cascais (8) e Porto-Covo (9), apresentam-nos elevada percentagem de objectos deste tipo, e certamente poderemos também incluir nele dois fragmentos de Alapraia (10).

A fig. 2, n.º 3, tanto pode ser considerada parte de um machado arredondado como de uma goiva de maiores dimensões. Com segurança nada podemos adiantar sobre ela.

Porém a fig. 2, n.º 2 é de uma goiva, objecto este que, como afirmam alguns autores, é bem característico da nossa arqueologia (11). A sua abundância não é muito grande e em várias estações tem aparecido um ou outro exemplar. Na vizinha gruta de Cascais encontrou-se um completo.

Estes três instrumentos são de xisto anfibólico.

Entre os objectos de sílex não se nota a mesma escassez. Começemos primeiro por nos referir a uma pequena ponta ou raspador e três fragmentos que, pela sua patine poderiam classificar-se de paleolíticos. Analisados porém com cuidado, notou o Prof. Breuil no primeiro (fig. 3, n.º 1), talhado num sílex amarelado, que além do trabalho primitivo, muito lustroso, continha retoques mais modernos. Trata-se pois de uma peça de dupla patine: uma, a primeira, mustierense; a outra, a mais moderna, eneolítica.

Os povos desta última civilização, que habitaram no Estoril, recolheram tais objectos algures e aproveitaram-nos, como a tantos outros fragmentos de sílex, para as suas necessidades. Não havendo nesta localidade outros instrumentos paleolíticos, seremos levados a pôr de parte a ideia de uma sobreposição local de civilizações.

De faquitas há muito escassos elementos (fig. 3, n.º 3), e pontas de seta não apareceu nenhuma. Não as haveria no local? A colheita

(8) Afonso do Paço, *As grutas do Poço-Velho ou de Cascais*. «Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal», tomo XXII. Lisboa, 1942.

(9) Afonso do Paço e Maxime Vaultier, *A gruta de Porto-Covo*. — Comunicação a este Congresso.

(10) Eugénio Jalhay e Afonso do Paço, *A gruta II da necrópole de Alapraia*.

(11) E. Cartailhac, *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*. Paris, 1886.

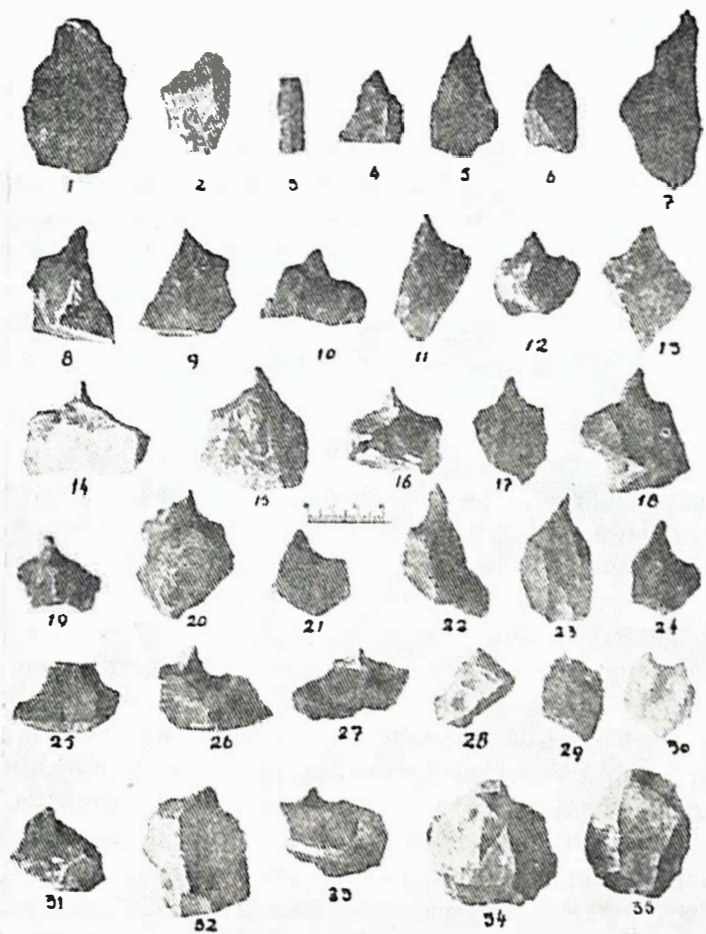


Fig. 3 — Raspadores (1-2), lâmina (3), furadores (4-33) e discos 34-35) de sílex, da estação do Estoril.

dos objectos desta estação foi feita pelos trabalhadores, que de material pré-histórico nada conheceriam, além de umas muito rudimentares indicações que certamente lhes teria dado F. Alves Pereira. Não se fez nenhuma peneiragem de terras, e apenas se lançou mão de um

ou outro objecto mais visível que appareceu na frente do alvião ou da enxada.

É natural mesmo que a obra em execução tivesse de prosseguir em ritmo que não era nada compatível com a meticulosidade que requiere uma colheita arqueológica. Em compensação é grande a abundância de *furadores*, de que se contam algumas dezenas de exemplares, todos porém de talhe muito grosseiro, estando-se muito longe dos instrumentos deste tipo retocados com esmero, provenientes de outras estações como por exemplo Vila-Nova-de-São-Pedro.

O Prof. Breuil divide os *furadores* em quatro tipos diferentes, a saber:

- 1.º — De bico esguio, isto é, sem curvaturas laterais (fig. 5, n.º 5).
- 2.º — Apenas com uma curvatura lateral (fig. 3, n.ºs 7, 8, 9 e 11).
- 3.º — Com duas curvaturas laterais, uma à direita e outra à esquerda (fig. 3, n.ºs 10, 12 e 20).
- 4.º — Com o bico inclinado à direita ou à esquerda (fig. 3, n.ºs 22-24).

Alguns dos furadores desta estação, apresentam, um recorte circular junto da ponta, mais visível por exemplo na fig. 3, n.ºs 25, 26, 30 e 33.

Ainda entre os instrumentos da fig. 3 há a salientar dos raspadores em forma de disco, n.ºs 34 e 35.

São também talhados em sílex duas *lanças* ou *foicinhas*, uma com a ponta bastante gasta (fig. 4, n.º 1), de outra apenas existindo um fragmento (fig. 4, n.º 3).

O Prof. Breuil diz que estes instrumentos não passavam de *foicinhas* para cortar ervas. Outros autores porém, como Schmidt⁽¹²⁾ e O'Riordain⁽¹³⁾, consideram-nas apenas lanças de sílex anteriores às suas similares de cobre ou bronze. L. Siret contudo era de opinião que elas seriam contemporâneas das metálicas, fabricando-se umas e outras indistintamente, pela carência de metal⁽¹⁴⁾.

(12) H. Schmidt, *Estudios acerca de los principios de la edad de los metales en España*. Memória n.º 8 da C. I. P. P. Madrid, 1915.

(13) S. P. O'Riordain, *The Halberd in Bronze Age Europa*. Oxford, 1937.

(14) L. Siret, *Orientaux et Occidentaux en Espagne*. «Revue des Questions Scientifiques». Bruxelles, 1907, p. 63.

Ao lado destas lanças colocaremos o utensilio da fig. 3, n.º 2, que segundo Cartailhac não passa de uma *serrinha* de silex finamente trabalhada, cujo bordo rugoso lhe daria excelente propriedade cortante⁽¹³⁾. Estes instrumentos de que se recolheram bastantes exemplares nas palafitas suíças, seriam encabados até meio da sua largura, segundo desenho que Goury nos apresenta⁽¹⁴⁾.

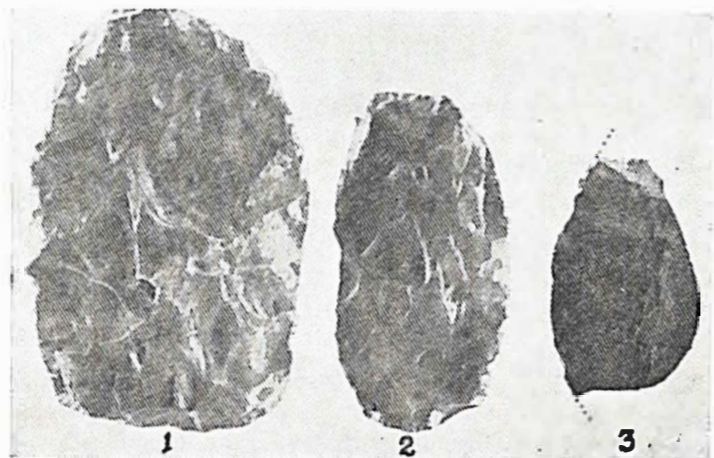


Fig. 4 — Lanças ou folcinhas (1-3) e serrinha (2) de silex, da estação do Estoril.

Objectos dos dois tipos acima referidos são muito vulgares na póvoa eneolítica de Vila-Nova-de-São-Pedro e em outras estações portuguesas desta civilização. Nas grutas de Cascais recolheram-se vários exemplares e em Alapraia um.

Descritos assim os objectos líticos, passemos ao estudo da *cerâmica*.

Desta só se encontraram pequenos fragmentos, e alguns deles sendo de bordos (fig. 5), ainda nos permitem ajuizar da sua forma e espessura, que aqui e além era avantajada conforme já observara F. Alves Pereira.

(¹³) E. Cartailhac, *Les âges...*, p. 129.

(¹⁴) Georges Goury, *L'Homme des cités lacustres*, vol. I. Paris, 1932, p. 281-282.

Os exemplares desenhados sobem a quinze, alguns dos quais com sulcos muito simples, horizontais ou secantes, em número mais ou menos variado (fig. 6).

Noutros apresentam enxadrezados, fig. 6, n.º 8, desenhos em espinha, n.º 10 e mesmo formas triangulares, n.º 13. Este tipo é muito vulgar nas nossas estações eneolíticas e assemelha-se a decorações de Mairos⁽¹⁷⁾ ou de São-Lourenço⁽¹⁸⁾.

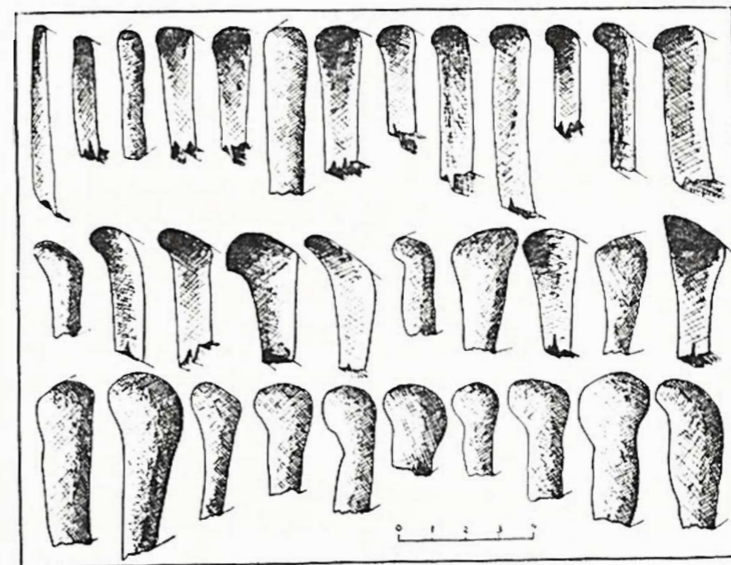


Fig. 5 — Alguns perfis de bordos de vasos da estação eneolítica do Estoril.

Dois fragmentos pela sua técnica, parecem ser de vasos campaniformes.

O primeiro (fig. 6, n.º 11), é formado por zonas de paralelas a cheio, contendo interiormente traços obliquos de inclinação alternada

(¹⁷) J. R. dos Santos Júnior, *A cerâmica campaniforme de Mairos (Trás-os-Montes)*. «Homenagem a Martins Sarmento». Guimarães, 1933.

(¹⁸) Maxime Vaultier, *Estação eneolítica de São-Lourenço*. «Brotéria», vol. XXXI. Lisboa, 1940.

numa e noutra zona. Este tipo de desenho, faz-nos lembrar certos exemplares de Palmela ⁽¹⁹⁾ se não quisermos procurar idêntico trabalho fora do país, por exemplo na Bretanha francesa ou Altos Pirinéus ⁽²⁰⁾.

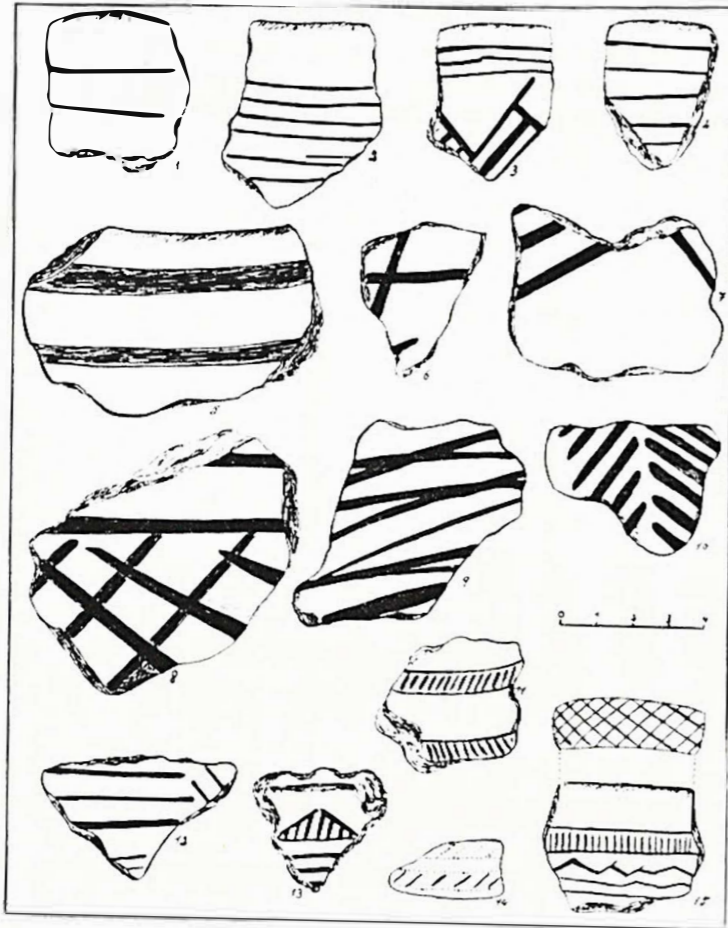


Fig. 6 — Fragmentos de cerâmica com desenhos da estação do Estoril.

⁽¹⁹⁾ E. Cartailhac, *Les âges...*, p. 118.

⁽²⁰⁾ Alberto del Castillo Yurrita, *La cultura del vaso campaniforme*. Barcelona, 1928, Lam. XCIV e CII-3.

No segundo (fig. 6, n.º 14), a decoração é formada por duas zonas paralelas bastante apertadas, contendo interiormente linhas oblíquas, pontilhadas numa zona, cheias na outra, todas porém com a mesma inclinação.

Finalmente o exemplar da fig. 6, n.º 15, bem pequeno, é certo, mas não nos deixando dúvidas quanto à sua identidade, é particularmente curioso por pertencer a uma taça tipo Alapraia ou Palmela.

Dele nos resta um pequeno bordo com reticulados na parte superior, e mais abaixo duas paralelas contendo interiormente traços verticais, seguidas de sulcos mais ou menos em ziguezague.

Este tipo cerâmico está representado em todos os monumentos funerários desta região, excepto em Porto-Covo, e alguns autores presumem que ele seja de utilização ritual ⁽²¹⁾.

* * *

A estação eneolítica do Estoril pertence à chamada cultura do vaso campaniforme como as suas vizinhas de Cascais, Alapraia, Porto-Covo, Ribeira-da-Laje e mesmo Monge, se quisermos subir aos pináculos da serra de Sintra. É certo que todas estas são monumentos funerários, enquanto que no Estoril, como dissemos, se trata de um povoado.

Quanto ao modo de vida das gentes que ali habitavam, há uma particularidade curiosa: o grande uso que faziam nas suas indústrias de instrumentos denominados *furadores*, facto este que as distingue das de todas as estações dos arredores, onde tais objectos não existem.

Que utilidades fabricariam com tais instrumentos? Não o sabemos.

Também desconhecemos onde estariam depositados os seus habitantes. Em Cascais, em Alapraia? Nada nos leva a perfilhar ou registar tal hipótese, mas é natural que não estivessem muito afastados do povoado em que viviam.

⁽²¹⁾ José Ramon Mélida, *La cerámica prehistórica decorada*. «O Arqueólogo Português», vol. XXIV, p. 23. Lisboa, 1920.

Quanto à sua cronologia devemos aproximar o conjunto eneolítico do Estoril e vizinhanças, da cultura de Palmela, civilização que alguns pré-historiadores julgam introduzida no nosso território entre os anos de 2500 a 2200 antes de Cristo ⁽²²⁾.

⁽²²⁾ L. Péricot, *Historia de España*, vol. I. Barcelona, 1934, p. 592.
— Desenhos da Ex.^{ma} Sr.^a Dr.^a D. Maria João Lopes do Paço, José Luis de Castro e Sola e Vitor de Miranda Correia. Fotografias da Casa Kodak. A todos os nossos agradecimentos.

A GRUTA DE PORTO-COVO (*)

A O Norte do concelho de Cascais, no calcário jurássico da vertente meridional da serra de Sintra ⁽¹⁾, fica situada uma gruta natural denominada de Porto-Covo, pela sua localização dentro da propriedade e margem (direita) da ribeira do mesmo nome, que vai desaguar a Cascais, com o apelativo de ribeira das Vinhas, depois de passar em frente das notáveis grutas pré-históricas do Poço-Velho.

A exploração deste monumento foi realizada por Carlos Ribeiro, em Março de 1879, e arrecadado o produto no Museu da Comissão dos Serviços Geológicos, juntamente com o de tantas outras escavações que levou a cabo ⁽²⁾.

A primeira referência, e mais longa, ao seu espólio, deve-se a Cartailhac que, ao estudar as colecções pré-históricas da nossa península, não deixou no olvido a de Porto-Covo ⁽³⁾, a quem dedicou uma dúzia de linhas.

Paula e Oliveira, em trabalho publicado após a sua morte, apenas refere esta gruta, adiantando que toda a região ao Sul da serra de

(*) Trabalho apresentado à 7.^a secção do Congresso Luso-Espanhol, em 18 de Junho de 1942, no Porto.

⁽¹⁾ Emile Cartailhac, *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*. Paris, 1886, p. 112.

⁽²⁾ A Ex.^{ma} Direcção dos Serviços Geológicos, que nos deu todas as facilidades para o estudo deste espólio e prestou auxilio esclarecido, patentemos os nossos maiores agradecimentos.

⁽³⁾ *Les âges...*, p. 112-113.

Sintra tinha sido minuciosamente percorrida sob o ponto de vista arqueológico em 1879 (1).

J. Leite de Vasconcelos nas «Religiões», nada mais nos dá do que o seu nome (2), o mesmo acontecendo posteriormente a Vergílio Correia (3), a Manuel Heleno (4) e a um de nós, quer em trabalho seu (5) quer de colaboração com o P.º Eugénio Jalhay (6).

Nils Aberg foi, depois de Cartailhac, quem mais longamente aludiu ao seu espólio (7).

Além de todas estas referências à gruta pré-histórica perfeitamente localizada, outra se encontra na «Sintra pinturesca» a «grutas de cristalização» daquelas imediações: «A pouca distância deste mosteiro (*Convento da Penha Longa*), está uma gruta de cristalização, que antigamente foi fechada e que foi descoberta, segundo me afirmam (por constar de memórias antigas) por um monge deste convento no reinado de el-rei Dom João III» (8).

(1) F. Paula e Oliveira, *Antiquités préhistoriques et romaines des environs de Cascais*. «Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geológicos», tomo II, fasc. I. Lisboa, 1889.

(2) *Religiões da Lusitânia*, vol. I, p. 215.

(3) *No concelho de Sintra. Escavações e excursões... II — Umás voltas pela Serra de Olelas*. «O Archeologo Portuguez», vol. XIX, p. 205.

(4) *Cartailhac e a arqueologia portuguesa*. «O Archeologo Portuguez», vol. XXV.

(5) Afonso do Paço, *As grutas do Poço-Velho ou de Cascais*. «Comunicações dos Serviços Geológicos», vol. XXII. Lisboa, 1942.

(6) Eugénio Jalhay e Afonso do Paço, *A gruta II da necrópole de Alapraia*. Academia Portuguesa de História. Anais, vol. IV. Lisboa, 1941.

Afonso do Paço e Eugénio Jalhay, *A povoação eneolítica de Vila-Nova-de-S.-Pedro* (Notas sobre a 3.ª, 4.ª e 5.ª campanhas — 1939, 1940 e 1941). «Brotéria», vol. XXXIV. Lisboa, 1942.

(7) Nils Aberg, *La civilisation énéolithique dans la péninsule ibérique*. Halle, 1921, p. 82. No guia *Collections de préhistoire du Service Géologique de Portugal*, editado em 1930 quando da visita dos membros do XV Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-histórica, vem uma notícia sumária da situação desta gruta e seu espólio, p. 18.

(8) António A. R. de Carvalho, *Sintra pinturesca*. Lisboa, 1905, p. 126-127. Em nota ao texto acima transcrito acrescenta este autor: «Esta gruta está situada no concelho de Cascais, na propriedade denominada de Porto-Covo, e pertence actualmente ao Dr. Feliciano Gabriel de Freitas. Próximo, na tapada que foi de Francisco Isidoro Viana, formosíssima propriedade que hoje pertence ao Conde

Fica a gruta situada na borda da estrada que vem de Cascais, ao lado esquerdo, um pouco antes de chegar ao cruzamento a Sul da barragem do rio da Mula (fig. 1).



Fig. 1 — Carta local com indicação da gruta.

de Vale-Flor, foi ultimamente descoberta uma outra gruta, bem mais formosa e de mais fácil acesso, que muitos visitantes julgam ser a de Porto-Covo, hoje parece que esquecida». A quinta passou depois por diversas mãos e hoje pertence ao Estado que nela tem instalado um asilo. (Obsequiosa informação bibliográfica do Dr. Fausto de Figueiredo).

O seu acesso é muitíssimo cómodo, pois não sabemos que mãos beneméritas dotaram a entrada de uma escada e firmaram as terras laterais com um muro de suporte que evita qualquer desmoronamento.

Depois da entrada topa-se uma espécie de sala larga, com uma cúpula bastante alta. Lateralmente há algumas galerias, uma das quais mais extensa.

O espólio arqueológico, que não é muito numeroso, consta de machados, enxós, alguns sílex, quatro vasos de barro, uma ponta de cobre, além de vários fragmentos ósseos, de homens e animais.

Machados de anfíbolite e xisto silicioso; foram recolhidos seis exemplares, dos quais quatro de secção rectangular, um redondo, e outro, posto que também arredondado, de secção um tanto irregular. A juntar a estes há mais um fragmento de machadinho, de anfíbolite, de pequenas dimensões, gume acerado e secção elíptica (fig. 2).

Enxós, também da mesma substância dos machados grandes, encontraram-se quatro exemplares (fig. 3).

Esta abundância de enxós em tão reduzida quantidade de machados, fez-nos aproximar esta gruta das de Cascais, que também contém um elevado número de tais objectos.

Passando aos artefactos de sílex notamos:

Dois *micrólitos* trapezoidais, sobrevivência do paleolítico superior que se nota também nas grutas vizinhas de Cascais, Alapraia e Ribeirada-Lage. Uma *lâmina* de sílex que se encontra partida e fragmentos de mais duas, além de um pedaço de forma indefinida (fig. 4, n.º 1 e 6).

A cerâmica é diminuta e apresenta particularidades bastante curiosas, entre elas a de nenhuma das peças ser provida de decoração.

Em primeiro lugar referiremos um vasito de fundo redondo, paredes espessas e pequena altura (fig. 4, n.º 10), idêntico a muitos outros do Poço-Velho e Alapraia, para não fazer alusão senão a estações do concelho de Cascais.

O recipiente da fig. 4, n.º 12, mede 125 mm de largura na parte superior e 65 de altura. É também de paredes bastante espessas, tendo na base uma espécie de pé, um pouco no género de algumas vasilhas dos nossos dias.

O exemplar da fig. 4, n.º 11 é uma elegante taça, de 200 milímetros de largura na boca, com a particularidade de também estar provida

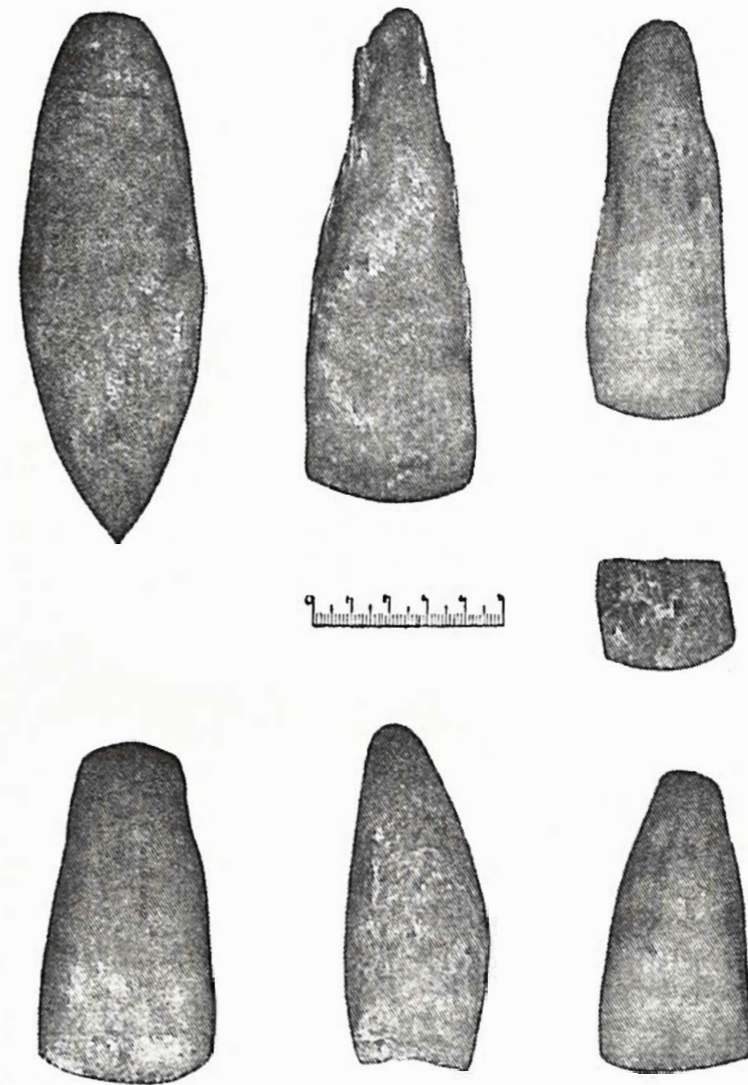


Fig. 2 — Machados da gruta Porto-Covo.

de um pequeno suporte, como nas tijelas de hoje, que lhe permite excelente estabilidade e por certo apresenta um avanço de técnica na arte de oleiro destes tempos.

É curioso notar que estes pés ou suportes, incipientes nos vasos desta gruta, aparecem-nos posteriormente mais ou menos desenvolvidos

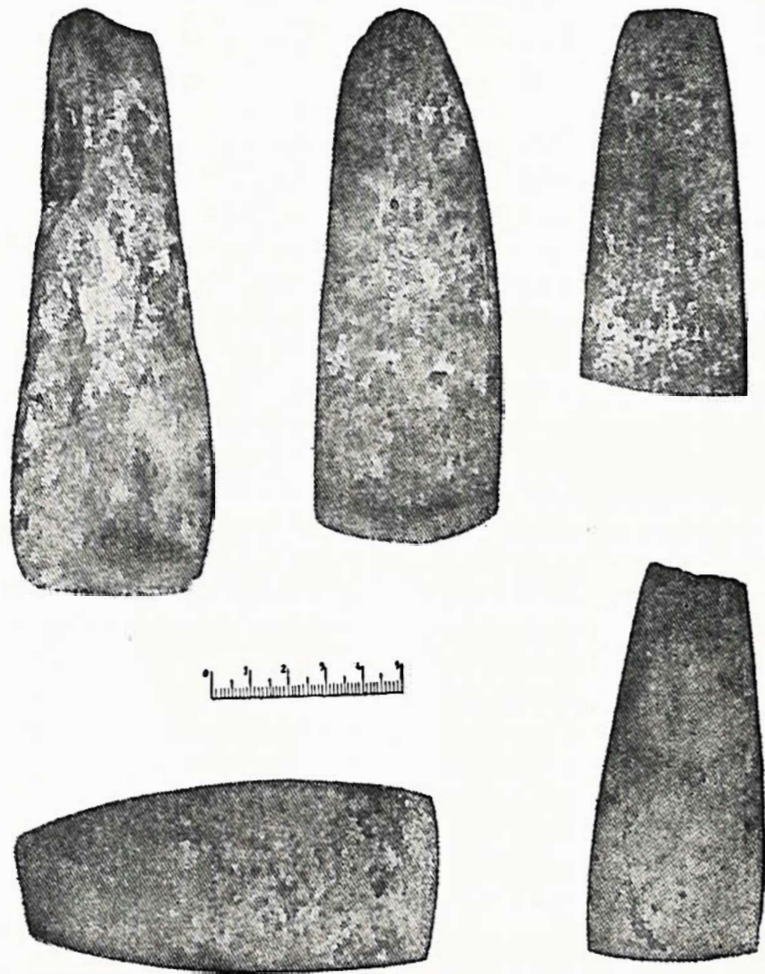


Fig. 3 — Enxós da gruta Porto-Covo.

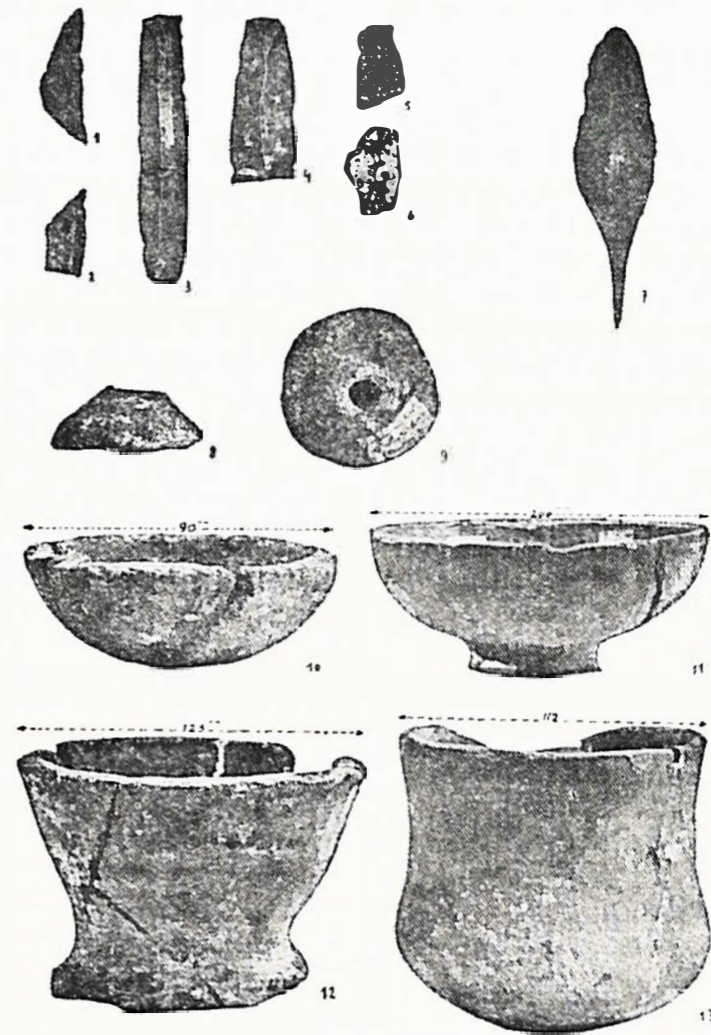


Fig. 4 — Objectos da gruta do Porto-Covo: 1 e 2, micrólitos; 3 e 5, lâminas; 6, fragmento indefinido; lança de cobre; 8 e 9, cossoiro; 10 a 13, vasos de barro.

na cerâmica argáica do levante espanhol ⁽¹²⁾ e nos «Urnfelder» de Alpiarça ⁽¹³⁾.

Estes dois vasos não estão ornamentados.

Por último referiremos um campaniforme (fig. 4, n.º 13), com 112 milímetros de abertura por 80 de alto, de aspecto elegante, mas apresentando como a restante cerâmica desta gruta a particularidade de não conter desenho algum. São raros os vasos deste tipo com tais características, e Alberto del Castillo, apenas nos apresenta alguns exemplares da Boémia e da Morávia ⁽¹⁴⁾ e Bosch Gimpera dois provenientes do dólmen de Tuchen-ar-Hroök (Morbihan) que se encontram no Museu de Saint-Germain ⁽¹⁵⁾.

Ainda de barro existe um cossoiro de secção tronco-cónica (fig. 4, n.ºs 8 e 9). Estes objectos seriam usados nos fusos para torcer fios de fibras vegetais ⁽¹⁶⁾, não parecendo de admitir a hipótese de J. Marañón que os julga simples botões ⁽¹⁷⁾.

Se a cerâmica ou instrumentos líticos desta gruta não são numerosos, os objectos metálicos ainda escasseiam mais, pois deles só conhecemos um exemplar de pequena lança, no género de folha vegetal (fig. 4, n.º 7), semelhante a algumas de Palmela, e que deve ser de cobre como

⁽¹²⁾ G. Bonsor, *Les colonies agricoles preromaines de la vallée du Bétis*. «Revue Archeologique». Paris, 1899, p. 127.

L. Siret, *Orientaux e Occidentaux en Espagne aux temps préhistoriques*. «Revue des questions scientifiques». Bruxelas, 1907, Estampas X e XI.

Nils Aberg, *La civilisation énéolithique dans la péninsule ibérique*. Halle, 1921, p. 124.

P. Bosch-Gimpera, *Etnologia de la península ibérica*. Barcelona, 1932, p. 172, etc.

⁽¹³⁾ A. A. Mendes Corrêa, *Urnfelder de Alpiarça*. «Anuário de Pré-história Madrilena», vols. IV, V e VI, Lâmina II, fig. 4. Idem, *A Lusitânia pré-romana*. «História de Portugal», vol. I. Barcelos, 1928, p. 147.

⁽¹⁴⁾ Alberto del Castillo Yurrita, *La cultura del vaso campaniforme*. Barcelona, 1928, p. 152, Láminas CXLIII, CXLIV, CXLVI.

⁽¹⁵⁾ P. Bosch-Gimpera, *Relations préhistoriques entre l'Irlande et l'Ouest de la Península Ibérica*. «Préhistoire», tomo II, fasc. II. Paris, 1933, fig. 20 b.

⁽¹⁶⁾ G. Goury, *L'Homme des cités lacustres*, vol. II. Paris, 1932, p. 428.

⁽¹⁷⁾ *Una interpretación acerca de los fusos*. «Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología», fasc. VIII. Valladolid, 1935, p. 436.

muitas outras ⁽¹⁸⁾ que se recolheram em Vila-Nova-de-São Pedro, Serra das Mutelas, São-Martinho-de-Sintra, Chibanes, etc.

Estudadas assim as indústrias de Porto-Covo digamos algumas palavras acerca do seu espólio antropológico e fauna.

O primeiro é constituído por escassos restos de ossos humanos em que se podem distinguir fragmentos de abóboda craniana, maxilares, vértebras, dentes, metatarsos, úmeros e cúbitos, fémures e tíbias.

A fauna não é mais abundante, mas nela se encontram vários fragmentos de hiena, lince, lobo, boi, veado, javali, coelho e tartaruga, segundo classificação feita ultimamente pelo Prof. Breuil.

Como espécies marinhas há elementos de *Purpura haemastoma*, *Cassis Saburon* e *Cardium*.

Para terminar diremos que a estação de Porto-Covo é bastante curiosa, apesar do seu reduzido espólio.

Já salientamos que a abundância de *coxós* a faziam aproximar de Cascais, o que nos leva a supor que os seres que ali viviam ou estavam inumados teriam executado bastantes trabalhos de madeira.

Não enterrariam estas gentes os seus mortos com rica cerâmica decorada como em Alapraia, Ribeira-da-Lage ou mesmo Cascais? Não o sabemos, mas não podemos asseverar que o seu espólio estivesse intacto quando da exploração. Sendo conhecida pelo menos desde o reinado de D. João III, como atrás se disse, é muito natural que tivesse sofrido mutilações.

O seu conjunto arqueológico coloca-a dentro da chamada cultura do vaso campaniforme (mantendo portanto estreitas afinidades com as estações eneolíticas da vizinhança: Cascais, Alapraia, Ribeira-da-Lage, Estoril e mesmo Monge), introduzida no nosso país talvez por via marítima, num período que se presume distar de nós 4.500 a 5.000 anos ⁽¹⁹⁾.

⁽¹⁸⁾ Não possuímos uma análise que nos garanta em absoluto esta suposição.

⁽¹⁹⁾ Desenho do Ex.º Sr. José Luis de Castro e Sola e fotografias obsequiosas dos Serviços Geológicos.

ESTAÇÃO PRÉ-HISTÓRICA DE MONTES-CLAROS (*)

INTRODUÇÃO

EM fins de Abril de 1943, andando em digressão pelo miradouro de Montes-Claros e suas imediações, ao examinar um dos signatários deste trabalho (Dr. Leonel Ribeiro), as terras revolvidas pela abertura de arruamentos do Parque Florestal, deparou com alguns fragmentos de cerâmica pré-histórica, um dos quais com ornamentação ponteadada, do mesmo tipo da que se encontra ordinariamente na cultura do vaso campaniforme.

Poucos dias depois o caso era comunicado ao digníssimo Director dos Serviços Centrais da Câmara Municipal Dr. Jaime Lopes Dias, e aos outros dois signatários, ficando desde logo projectada uma visita ao local, para dele se fazer um mais amplo reconhecimento.

O tempo porém foi passando e, férias, explorações em curso, manobras militares, etc., tudo contribuiu para que só em 23 de Janeiro de 1944 se voltasse a falar do assunto, aprazando-se então uma ida a Montes-Claros na tarde desse mesmo dia.

E melhor foi que assim tivesse sucedido.

Chegados a Monsanto, e examinada a berma da estrada no local primitivamente visitado em Abril de 1943, recolheram-se outros elementos pré-históricos, mas a nossa atenção foi logo desviada para uma

(*) Trabalho publicado na *Revista Municipal*, n.º 20 e 21. Lisboa, 1945.

cavidade aberta no solo e que se destinaria a receber algum arbusto, do género dos que aos milhares nos últimos anos têm sido dispostos para o futuro Parque.

Uma sondagem feita nas paredes interiores da tal cova, deu-nos alguns fragmentos cerâmicos ricamente decorados, pertencentes a mais do que uma vasilha.

Nas imediações deste local mandara a Câmara construir um pavilhão para recolha de cavalos, em digressões hípicas tão frequentes nestas paragens, onde existe uma pista de galope de 14 quilómetros.

Tal edificação, então em curso, ocasionara uma grande remoção de terras que examinadas nos revelaram a existência de muitos sílices trabalhados, sobretudo lâminas, além de variados fragmentos cerâmicos. Duns e doutros se fez farta colheita.

Satisfeitos com tão importantes achados, pusemo-los logo em conhecimento do Dr. Jaime Lopes Dias, que na tarde seguinte, com alguns dos signatários visitou Montes-Claros, combinando-se para o dia 27 um reconhecimento mais aprofundado do que já se nos afigurava uma importante estação arqueológica.

Fizeram-se depois as indispensáveis comunicações à Junta Nacional da Educação, e, obtidas as licenças necessárias, iniciou-se a primeira fase de trabalhos deste ano, com algumas intermitências é certo, e que consistia na escolha das terras removidas dos caboucos e pavimento da edificação acima referida, operação que foi suspensa em 23 de Maio, por se terem esgotado as disponibilidades financeiras que a subsidiavam, e mesmo por serem necessários para trabalhos imprescindíveis do Parque os operários distraídos nas pesquisas arqueológicas.

Mais tarde, e quando o pavilhão estava quase acabado, abriu-se à sua volta e pelos lados Oriental, Norte e Oeste, um arruamento de três metros de largura, ocasionador de novo movimento de terras que aguardam oportunidade para serem convenientemente crivadas.

Para todos os trabalhos adestrámos uma razoável equipa de operários, que dão admiravelmente conta da sua missão, pois, como é óbvio, as actuais pesquisas não exigem a nossa contínua permanência no local.

* * *

Montes-Claros despertou a maior curiosidade e interesse, pois parece tratar-se de uma das mais importantes povoações pré-históricas até hoje identificadas dentro dos limites da actual urbe ulissiponense.

Em 10 de Fevereiro reuniu no local a secção de Pré-história da Associação dos Arqueólogos Portugueses, e às 10 h, 30 m da manhã de 11 de Março recebíamos na estação os membros da Comissão de Arte e Arqueologia da cidade.

A visita a Lisboa do professor da Universidade de Madrid Dr. Júlio Martinez Santa-Olalla, não podia deixar de incluir uma ida a Monsanto, e assim, na tarde de 23 de Abril, depois de um exame ao espólio de lá retirado e conservado no Palácio das Galveias, aquele professor foi a Montes-Claros, acompanhando-o, além do seu colaborador D. Bernardo Sáez, várias individualidades do Município de Lisboa como os Drs. Lopes Dias e Silva Pinto e D. Julieta Ferrão, o Director dos Monumentos Nacionais arq. Baltasar de Castro e os signatários.

As condições geológicas da estação e o seu estudo não foram descurados e para isso acompanhou-nos ao local em 20 de Maio o Dr. Georges Zbyszewski dos Serviços Geológicos de Portugal.

* * *

Antes de terminar este pequeno preâmbulo seja-nos permitido manifestar o nosso agradecimento às entidades camarárias com quem mantivemos maior contacto, como: Drs. Jaime Lopes Dias e Silva Pinto, respectivamente directores dos Serviços Centrais e Serviços Culturais, engenheiros silvicultores Pulido Garcia e Cardoso Rodrigo, dos Serviços de Jardins e Parque Florestal de Monsanto, pelas facilidades concedidas, acompanhando-nos, adquirindo materiais e facultando pessoal, reveladores do carinho que lhes merecem as coisas do espírito, a ponto de, espontaneamente, terem procedido à instalação de uma secção de pré-história no Museu da Cidade.

O LOCAL

Quem, vindo do bairro do Alto da Ajuda, se encaminhar pela estrada que à direita do edificio escolar do mesmo bairro se dirige para Monsanto, contorna pouco depois pelo levante o Miradouro de Montes-Claros e metendo pela primeira via que encontrar à esquerda, desemboca numa ampla rotunda, que tem a Sul uma formosa pérgola assente no montículo outrora culminado por um reduto, e a Norte, depois de ultrapassados uns marcos a balizar a estrada, depara com uma edificação airosa onde os rocinantes podem descansar e desse-dentar-se, enquanto os cavaleiros fazem outro tanto debaixo das frescas arcaicas da pérgola adjacente.

A abertura de uma pequena estrada que contorna a Leste o terreno onde está a estrebaria, foi a causa remota do encontro de uma importante estação arqueológica, como atrás se referiu.

A área desta não está ainda bem definida. Para a sua delimitação seria necessária a abertura de algumas trincheiras, trabalho que a seu tempo se realizará sob os auspícios da Câmara Municipal de Lisboa.

Pode-se contudo dizer por agora, de uma maneira geral, que ela ocupa o terreno entre a referida estrada, a edificação, e um grande fosso que lhe fica a Norte.

Presumimos que se alargue para o outro lado da via, onde alguns elementos pré-históricos já se recolheram, faltando-nos porém, um reconhecimento com abertura de vala, para conscientemente nos pronunciarmos sobre o assunto.

Um pouco para nordeste do local fica uma pequena altura coroada por um maciço de vegetação, conhecida pela denominação de «Moinho do Alferes», oriunda de antigo moinho que ficava no meio de umas pedreiras. Ora a Sudeste do moinho ainda existente, hoje civilizado pelas obras camarárias, também se recolheu material que podemos atribuir ao período eneolítico na classificação antiga.

Devemos dizer que o local da estação não se conservou intacto pelos séculos adiante, sofrendo muito mais que a acção dos agentes externos da natureza. Afora as alterações profundas provocadas nos últimos anos pela abertura de arruamentos e plantações de árvores

do Parque Florestal que picaram o solo quase de metro a metro, outras se deram anteriormente.

A serra é muito batida pelos ventos, e se consultarmos uma planta de Lisboa e arredores do século passado, por exemplo a de 1835 de J. J. F. de Sousa ⁽¹⁾, ou de 1878 (referida a 1876) de Filipe Folque e Pereira da Silva ⁽²⁾, notamos uma correnteza de moinhos, dos quais os de Montes-Claros, da Marta e do Penedo deviam ficar em local mais ou menos ocupado pela povoação arqueológica. Os mesmos mapas acusam-nos a existência de algumas casas, certamente ao tempo habitações de moleiros, bem como de campos cultivados, que as actuais obras fizeram desaparecer.

Estas cartas, assim como a de 1/100.000 ⁽³⁾, anteriores à construção do reduto de Montes-Claros, não nos assinalam a existência de uma grande escavação que topamos ao Norte do local pré-histórico. Porém na carta do Estado Maior de 1/20.000, já vêm representados ambos, o que nos faz supor que a tal cavidade não tenha sido mais que uma pedreira donde se extraiu a matéria-prima para aquela obra de engenharia militar, ou qualquer outra.

Os rebutalhos de pedra por ali existentes são disso prova bem segura. Também ela teria contribuído muito para uma destruição, pelo menos parcial, do povoado eneolítico ⁽⁴⁾.

⁽¹⁾ «Plano da cidade de Lisboa». Reduzido e gravado no Archivo Militar por J. J. F. de Sousa. Ano de 1835.

⁽²⁾ «Carta topográfica da cidade de Lisboa e seus arredores» referida a 20 de Junho de 1876; redigida e gravada sob a direcção de general Filipe Folque e do contra-almirante F. M. Pereira da Silva — Direcção-Geral dos Trabalhos Geodésicos, 1878.

⁽³⁾ A folha n.º 23, Lisboa-Sintra, da carta 1/100.000 foi levantada nos anos de 1853 a 1854 e publicada em 1856. (Luís de Pina Manique, «Subsidios para a História da Cartografia Portuguesa». Lisboa, 1943, p. 25, 83, 84 e 89).

⁽⁴⁾ O forte de Montes-Claros fazia parte do campo entrincheirado de Monsanto, que ia do Cabeço de Mouro, em Benfica, até ao Tejo, próximo de Pedrouços e compreendia o reduto circular de Monsanto, Montes-Claros, Alto do Duque e Bom Sucesso.

A iniciativa da sua construção deve-se ao Marquês de Sá da Bandeira que em Março de 1857 mandou proceder à elaboração dos planos, tendo sido votado

pelo governo em 1861 um crédito de 400 contos para aquisição de terrenos e obras de arte. Nesse ano e nos dois seguintes procedeu-se a estudos locais e em 30 de Dezembro de 1863 inauguraram-se na serra de Monsanto os trabalhos de fortificação, dirigidos pelo coronel de engenheiros Caetano Pereira Sanches de Castro, depois general de divisão. Seguiram estes com mais ou menos regularidade até que em 1878 foi mandada considerar praça de guerra de 1.ª classe.

Este grupo de fortificações nunca teve grande valor militar.

Montes-Claros constituía o prédio militar n.º 4 e a sua descrição diz: «Reduto de terra exagonal. A escarpa do fosso é por vezes revestida de pedra. Não tem quartéis para a guarnição nem abrigos para as munições». Faziam parte do reduto, terrenos anexos, casas, moinhos, etc., que estavam arrendadas. Por determinação do Decreto-Lei n.º 23.565 de 12/2/1934 avaliaram-no em 144 contos. Em 1938 foi entregue ao Ministério das Finanças por ter sido cedido à Câmara Municipal de Lisboa.

Os terrenos para o reduto de Montes-Claros, foram adquiridos por escritura de 3 de Abril de 1878, lavrada no tabelião José Maria de Barcelos Júnior, pela quantia de 8.144\$84. Eram constituídos pelas seguintes parcelas:

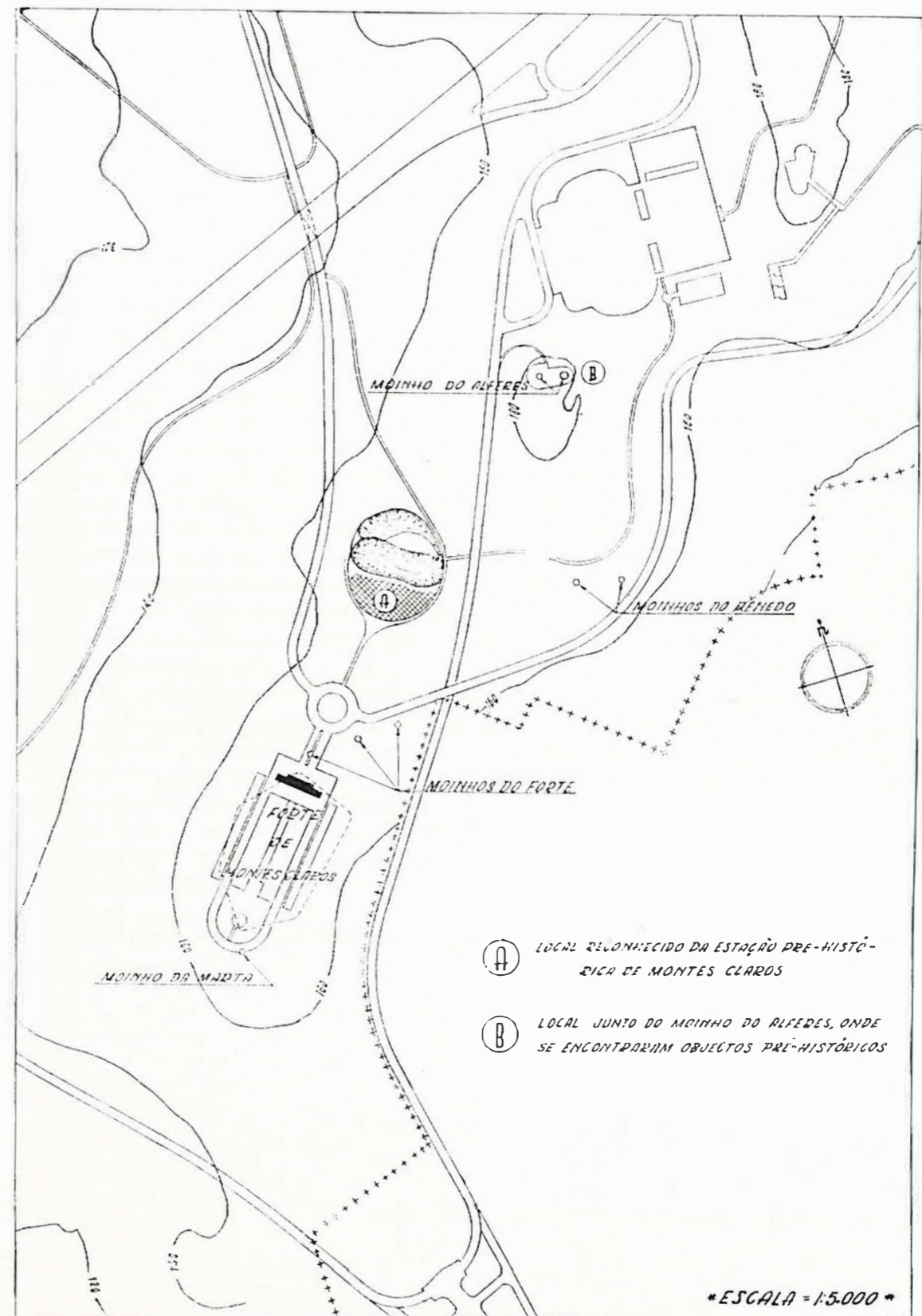
1.ª — «Um moinho denominado 'o Novo', com respectivo terreno, o qual parte pelo norte com o casal do Penedo... e com terra do moinho da Martha, sul com terra do casal de António Maria Valete, poente com o casal de João Roque Simões e nascente com terra do moinho da Martha». Media 6.240 metros quadrados e ficava situado em Montes-Claros.

2.ª — «Uma propriedade de casas... com terras rústicas e seus logradouros, e um moinho de vento denominado 'da Martha', parte do norte com terras do casal do Penedo, sul com estrada real para Benfica, nascente com terras do moinho denominado Tapada... e poente com terras do casal de Casellas». Media 10.550 metros quadrados e ficava no Alto do Penedo.

3.ª — «Um moinho denominado 'a Tapada' e competentes terrenos o qual parte do norte com o casal do Penedo, sul com a estrada, nascente com a terra do moinho 'Velho' e poente com o moinho da Martha». Media 19.694 metros quadrados e ficava situado no alto do Penedo.

4.ª — «Uma pequena courela de terra, situada na frente das casas rústicas, ao moinho 'Velho' no alto do Penedo, parte do norte com terreno referido dos herdeiros de Florindo Luís da Cruz, sul com estrada pública, nascente com propriedade de Manuel Nunes Fernandes e poente com propriedade do estado...».

5.ª — «Um moinho denominado 'Velho' com casas rústicas e terras de logradouro, parte do norte com terra do casal do Penedo, sul com a dita courela mencionada sob o número quarto, nascente com terras de Manuel Nunes Fernandes, e poente com o moinho denominado da 'Tapada'». Mediam estes dois últimos 9.306 metros quadrados e ficavam situados no Alto do Penedo. (Arquivo do Comando de Engenharia do Governo Militar de Lisboa — Propriedades Militares).



Trecho da carta de Monsanto, indicando o local dos achados arqueológicos.

GEOLOGIA

Um exame feito à carta geológica de Lisboa (°), revelava-nos a existência, em Montes-Claros, de um manto basáltico. Porém não dispensámos a ida ao local de um técnico e assim, como atrás se referiu, em 20 de Maio, acompanhou-nos à estação pré-histórica o Dr. Georges Zbyszewski, dos Serviços Geológicos de Portugal.

Estava naquela altura quase concluído o novo corte de terras que se levava a cabo por via da abertura de um arruamento à roda da cavaliçada, e Zbyszewski pôde assim mais facilmente pronunciar-se sobre a determinação exacta do terreno.

Por cima da camada basáltica fica um extracto de terras aráveis, olocénico, de espessura variável aqui e além. A parte superficial, de uns 20 a 30 centímetros, outrora revolvida pela charrua e alvião em contínuas sementeiras, é um pouco mais solta e quase desprovida de cacos e pedras de que o lavrador a ia limpando. A parte inferior, virgem da acção daqueles instrumentos agrícolas, é um tudo nada mais consistente e contém em abundância material arqueológico.

A camada basáltica em contacto com a terra arável encontra-se decomposta, como que pulverizada, mas sem nenhum objecto pré-histórico.

PRÉ-HISTÓRIA DAS IMEDIAÇÕES

Em Monsanto e suas imediações há variadas estações pré-históricas, sobretudo do paleolítico (°), mas como não é destas que vimos tratar hoje, passaremos adiante, referindo apenas as do neolítico ou eneolítico de que há indícios mais seguros. Para outra vez ficará o alongamento das nossas vistas para o vasto horizonte arqueológico que se divisa da serra: Oeiras, S. Pedro do Estoril, Murtal, Alapraia, Estoril e

(°) Direcção-Geral de Minas e Serviços Geológicos — Serviços Geológicos de Portugal — Carta Geológica de Lisboa, 1940 — Ano dos centenários.

(°) Uma bibliografia mais ou menos completa destas estações encontra-se nos seguintes trabalhos: Afonso do Paço, «Carta paleolítica e epipaleolítica de Portugal». *Trabalhos da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, vol. I. Lisboa, 1943; Eugénio Jalhay e Afonso do Paço, «Páleo e mesolítico português». *Academia Portuguesa da História. Anais*, vol. IV. Lisboa, 1941.

Cascais, à beira do Oceano; Liceia, Carenque, Porto-Covo, Monge, etc., para o lado do interior; Palmela, Rotura, Chibanes, na margem Sul do Tejo.

Também de momento não nos ocuparemos da Serra de Monsanto na tradição, na lenda e nos textos clássicos. As escavações agora iniciadas levarão anos a concluir, e consequentemente muitos estudos se publicarão sobre elas, mais completos do que o presente.

Introduzindo-nos dentro do aro citadino, e começando pela zona marginal do Tejo, vindos do lado da barra e subindo a ribeira de Alcântara, encontramos as seguintes estações até agora identificadas:

1.º — *Cerca dos Jerónimos*: — Nos terrenos do antigo convento de Santa Maria de Belém, hoje pertença da Casa Pia, recolheu em tempos o professor de desenho Palear Pinto Ferreira, alguns instrumentos pré-históricos que guardou no pequenino museu existente naquele estabelecimento.

Vergílio Correia, conhecedor do facto, visitou-o e conseguiu identificar dentro da cerca, a Sul de uns terrenos cultivados que se destinavam a campo de *golf* e onde havia umas pedreiras, uma estação pré-histórica quase totalmente destruída.

Todavia ainda separou 18 fragmentos de mós, uns 23 percutores, trituradores, algumas balas de funda, um machado polido de basalto, uma ponta de seta de sílex (°), alguns raspadores que pouco diferem dos do paleolítico, um furador, duas conchas perfuradas, numerosos fragmentos cerâmicos, dos quais uns de pasta muito grosseira e outros mais fina. Alguns deles tinham junto ao bordo dois ou três orifícios. Havia-os também ornamentados com linhas paralelas, dentes de lobo, espinha, etc. e notavam-se mesmo em dois, indícios de pintura vermelha.

Aquele malgrado professor concluiu que se tratava de «uma povoação pacífica, e em suma pouco importante, que apenas chama a nossa atenção por se encontrar dentro da área de Lisboa» (*).

(°) Vergílio Correia diz-nos que o director da Casa Pia, Dr. A. da Costa Ferreira encontrou mais uma.

(*) Vergílio Correia, «Lisboa pré-histórica. III — A estação neolítica da cerca dos Jerónimos». Novembro de 1913.

Júlio de Castilho, «Lisboa antiga», vol. 1.º, 2.ª edição. Lisboa, 1935, nota a p. 85 do Eng. Augusto Vieira da Silva.

2.^o — *Quinta do Almargem*: — Um pouco adiante, na Junqueira, encontrou recentemente Maxime Vaultier uma outra estação pré-histórica, com abundantíssimo material, que em breve irá enriquecer as colecções arqueológicas do Museu da Cidade de Lisboa. Fica situada junto da fábrica de óleos e correias da casa H. Vaultier & C.^a, na quinta do Almargem, a Leste do campo de *foot-ball*.

Por enquanto apenas se realizou nela um reconhecimento, com recolha de peças que aparecem à superfície do solo, não se tendo ainda solicitado as indispensáveis licenças para se iniciar uma exploração metódica.

Uma coisa podemos desde já asseverar: é que contém muitíssimo material idêntico ao de Montes-Claros.

Não temos na presente ocasião elementos que nos permitam um estudo detalhado da beira rio de Lisboa antes dos aterros levados a cabo na margem direita do Tejo, e a urgência da apresentação deste trabalho não nos dá tempo para buscas demoradas.

Todavia, chegados à confluência da ribeira de Alcântara, que noutros tempos teria sido caudalosa e portanto muito diferente do malsano caneiro de hoje, prestes a desaparecer pelas obras citadinas em curso, transformado em formosa Avenida, deixemos a margem do Tejo e sigamos ribeira acima.

Um pouco à direita, se dirigirmos os olhos para o levante, notamos dois topónimos ainda hoje conservados nas artérias da urbe do século XX, que não são para desprezar: «Cova da Onça» e «Cova da Moura», sabido como é que tais nomes andam muito ligados a coisas pré-históricas.

Por alturas do cemitério dos Prazeres, ficam-nos as tão celebradas furnas, cavernas ou grutas da Rua Maria Pia, de Alcântara, do «Sertão» ou como lhes queiram chamar, de que tanto se ocupou a imprensa diária dos últimos dias de Janeiro de 1938 (9). Sobre elas nada podemos

J. Leite de Vasconcelos, «Lisboa arcaica». *Boletim Cultural e Estatístico* da C. M. L., vol. 1.^o, n.º 2. Lisboa, 1937, p. 159.

Luís Chaves, «Belém na pré-história», *ibidem*, p. 183-184.

(9) Vejam-se entre outros, por exemplo: *Diário de Notícias* de 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31 de Janeiro e 2 de Fevereiro de 1938, *Diário de Lisboa* de 27 de Janeiro, *Fixe* de 3 de Fevereiro e *Arquivo Nacional* n.º 312, de 2 de Fevereiro do mesmo ano.

dizer, visto que nenhum relato se publicou até hoje de pesquisas feitas, embora estas tenham sido autorizadas pelo Ministério da Educação Nacional (10).

3.^o — *Tapada da Ajuda*: — Na margem direita da ribeira também há vestígios arqueológicos. Na tapada da Ajuda, descobriu-se em 4 de Março de 1879, quando um grupo de operários procedia à abertura de uma avenida, uma sepultura constituída por oito pedras laterais (três de cada lado, uma à cabeceira e outra aos pés), além de três outras servindo de cobertura. Interiormente jazia um esqueleto de mulher, a que os operários na sua faina cortaram a princípio inadvertidamente os pés. Como único mobiliário continha uma «ponta de frecha de sílex» a que se atribui um comprimento de 0,13 m, situado ao lado do crânio. Esta sepultura orientada E-W, tinha de extensão 1,64 m e de largura cerca de 0,45 m sendo mais estreita do lado da cabeça.

Possidónio da Silva dá-nos de tudo isto uma descrição pormenorizada, acompanhada de excelentes desenhos (11), que Cazalis de Fondouce repete (12). J. Leite de Vasconcelos diz que a descrição de Possidónio não lhe permite determinar rigorosamente a época a que pertencia (13) e Nils Aberg chama-lhe cista rectangular (14).

4.^o — *Sctc Moinhos*: — Na margem esquerda da ribeira, junto ao viaduto Duarte Pacheco, fica um local elevado, constituindo áspero promontório, no dizer de Vergílio Correia, de escarpa abrupta, encimado por um planalto, onde existiam alguns moinhos e casas de habitação.

Pedreiras antigas e as modernas obras destruíram o local quase por completo.

(10) *Diário de Notícias* de 29 de Janeiro de 1938.

(11) J. da Silva, «Túmulo da idade da pedra». *Boletim de Architectura e Archeologia* da Real Associação dos Archeólogos e Architectos Portugueses, tomo II. Lisboa, 1880, p. 177.

(12) Cazalis de Fondouce, «Découverte d'une sépulture préhistorique à Lisbonne». *Matériaux pour l'Histoire Primitive et Naturelle de l'Homme*, vol. XIV. Paris, 1879, p. 271.

(13) J. Leite de Vasconcelos, «Religiões da Lusitânia», vol. I. Lisboa, 1897, p. 310, nota 6.

(14) Nils Aberg, «La civilisation énéolithique dans la Péninsule Ibérique». Halle, 1921, p. 111.

Vergílio Correia passeava um dia na base da escarpa quando se lhe deparou um resto de mó. Foi o bastante para lhe revelar a presença de uma estação onde recolheu muito material como: dois pedaços de mó, um percutor, um raspador, uma espécie de *coup-de-poing*, várias faixas partidas, três grosseiras pontas de lança, uma seta incompleta, várias lascas com sinais de trabalho humano, etc.

A cerâmica não faltava, sendo avultado o número de fragmentos, uns de pasta mais grosseira, outros mais fina. Seis de entre eles continham desenhos, com linhas cheias ou ponteadas. Junto de alguns bordos havia um ou mais mamilos.

Ossos de animais e moluscos completavam este espólio. O seu descobridor presume que se tratava de uma tribo que vivia em certa abundância, comerciando com os povos de entre Tejo e Sado (15).

5.º — *Vila Pouca*: — Em frente de Sete Moinhos, na margem direita da ribeira e um pouco a montante daquela, estende-se o agrupamento populacional de Vila Pouca. Na vertente da serra de Monsanto, a um terço da encosta, ficavam algumas pedreiras, entre elas uma maior, denominada *pedreira grande* ou *pedreira do francês*. Esta devia ocupar um pequeno planalto onde estaria localizada uma estação pré-histórica.

Foi descoberta pelo Prof. Vergílio Correia, tendo porém antes, quando por ali passava vindos da estação paleolítica de Santana que lhe fica próximo, uns funcionários do museu Etnológico apanhado vários cacos, um fragmento de mó e um machado, facto este que aquele arqueólogo desconhecia quando procedeu à sua identificação.

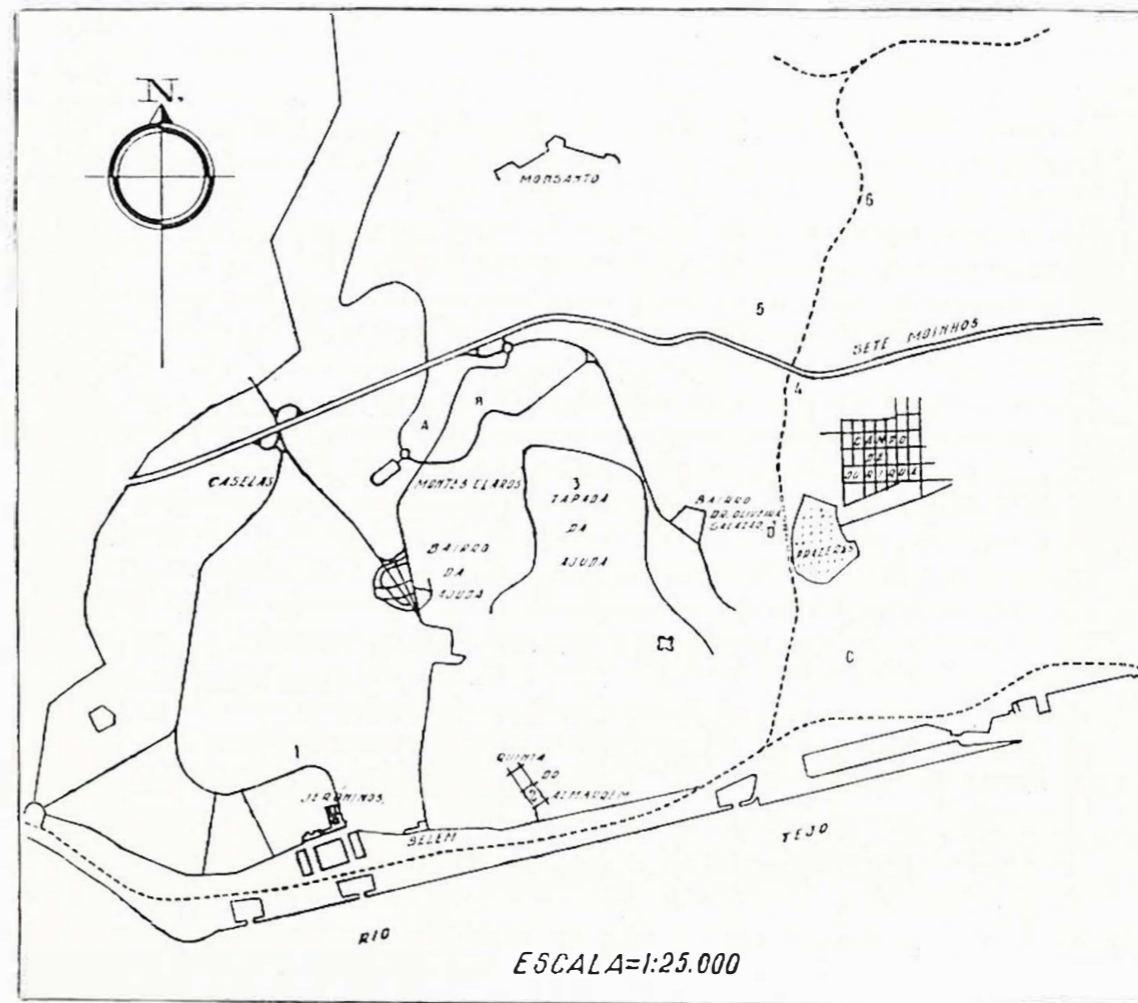
Entre o material recolhido por V. Correia figuram mós, percutores e trituradores, objectos de osso (punções, furadores e espátulas), um escopro e dois machados de pedra polida, numerosas lâminas de sílex, uma serrinha da mesma substância, vários núcleos, talvez um fragmento de placa de ardósia e vários de quartzo hialino, numerosos seixos rolados e uma bela lança.

(15) Vergílio Correia, «Lisboa prehistorica. I — A estação neolítica dos Sete Moinhos». Lisboa, Janeiro de 1912.

Júlio de Castilho, «Lisboa antiga», vol. 1, 2.ª edição, Lisboa, 1935, nota a p. 35 do Eng. Augusto Vieira da Silva.

J. Leite de Vasconcelos, «Lisboa arcaica», *Bol. Cult. Art.*, vol. I, p. 158.

Luís Chaves, «Belém na prehistoria», *idem, ibidem*, p. 183.



Estações pré-históricas da Ribeira do Tejo e Vale de Alcântara.

- | | |
|-------------------------|--|
| 1 — Cerca dos Jerónimos | A — Estação de Montes-Claros |
| 2 — Quinta de Almargem | B — Local junto do Moinho do Alferes onde se encontraram indústrias pré-históricas |
| 3 — Tapada da Ajuda | C — Cova da Moura e Cova da Onça |
| 4 — Sete-Moinhos | D — Grutas dos Prazeres |
| 5 — Vila-Pouca | |
| 6 — Túnel de Rossio | |

Quanto a cerâmica não era a quantidade menor, sendo porém diminuta a que continha ornatos. Abundam contudo os fragmentos de bordos com um, dois ou vários mamilos a toda a volta, bem como os dentados. A pasta é bastante grosseira, com muitos grãos de quartzo, sendo notável a variedade de formas.

Os mesmos restos de animais e mariscos.

V. Correia deduz que se tratava de uma tribo próspera, bastante diferente da que existia em *Sete Moinhos* ⁽¹⁶⁾.

Também em Vila Pouca mandou Mesquita de Figueiredo proceder à escavação de alguns fundos de cabana na *pedreira grande*, tendo recolhido muito material neolítico: «umas três dezenas de machados polidos, instrumentos de osso, muitos fragmentos cerâmicos, alguns ricamente ornamentados, entre eles uma colher de barro...» «e até alguns pequenos fragmentos de instrumentos de cobre e bronze» ⁽¹⁷⁾.

6.° — *Campolide*: — Quando em 1888 se procedeu a desaterros nesta localidade, para a abertura do túnel, descobriram-se duas galerias utilizadas pelos povos pré-históricos para extracção do sílex, dentro dos quais havia restos humanos, que os operários destruíram antes da chegada de P. Choffat, falando-se mesmo de um crânio. Este geólogo descreve-nos desta localidade vários materiais que reputa neolítico, ao todo umas quinze peças, na maioria percutores ⁽¹⁸⁾.

Durante muitos anos estas galerias conservaram-se defendidas por uma grade, até que ultimamente tudo foi demolido por causa das obras de alargamento do túnel.

⁽¹⁶⁾ Vergílio Correia, «Lisboa prehistorica. II — A estação neolítica de Vila Pouca (Monsanto)». Lisboa, Fevereiro de 1912.

V. Correia, «Facas e raspadores da estação paleolítica de Monsanto». *O Arqueologo Português*, vol. XVII, p. 275.

Júlio de Castilho, «Lisboa antiga».

J. Leite de Vasconcelos, «Lisboa arcaica».

Luis Chaves, «Belém na prehistória».

⁽¹⁷⁾ António Mesquita de Figueiredo, «Nota sobre duas estações paleolíticas». *Revista de Guimarães*, vol. XXXII. Guimarães, 1922, p. 195.

⁽¹⁸⁾ Paul Choffat, «Etude géologique du tunnel du Rocio». Lisbonne, 1889, p. 61.

Idem, «Etude géologique du tunnel du Rocio — Contribution à la connaissance

INDÚSTRIAS

Resta-nos agora dizer algumas palavras acerca dos objectos recolhidos em Monsanto.

No estado actual dos trabalhos arqueológicos, não podemos fazer grandes conjecturas, nem tirar conclusões definitivas. Ao contrário, teremos de proceder com a maior prudência. É que parece surgir diante de nós qualquer coisa de novo na arqueologia portuguesa. Pelo menos, consultando as nossas publicações científicas, não encontramos nenhuma estação que a esta se assemelhe.

Lancemos contudo um rápido olhar sobre os instrumentos vindos de Montes-Claros.

Pelo que respeita a indústrias líticas, diremos que a matéria-prima principalmente empregada é o sílex. Aparece todavia alguma utensilagem de basalto, granito e xisto anfibólico.

A quase totalidade dos *percutores*, de que há grande profusão, é de sílex, havendo também alguns de basalto.

De *mós*, encontramos poucos fragmentos, e *machados* polidos apareceram por enquanto dois de pequenas dimensões. Um deles muito espalmado e imperfeito, tem de comprimento 0,07 m e foi recolhido nas terras ultimamente removidas. O outro, esbranquiçado, de quartzo fibroso, bem trabalhado, de 0,047 m de comprimento e 0,027 m de largura, provém das imediações do Moinho do Alferes. O volume de terras trabalhadas é grande, mas escasso o de machados polidos.

du sous-sol de Lisbonne». *Mémoires de la Commission des travaux géologiques du Portugal*, tome IV. Lisbonne, 1901.

Idem, «Exploitation du sílex à Campolide aux temps préhistoriques». *O Arch. Português*, vol. XII. Lisboa, 1907, p. 338.

J. Leite de Vasconcelos, «Religiões da Lusitânia», vol. I, p. 47.

Mendes Corrêa, «Os povos primitivos da Lusitânia». Porto, 1929, p. 187.

Júlio de Castilho, «Lisboa antiga», vol. I, nota do Eng. Augusto Vieira da Silva.

Eugénio Jalhay e Afonso do Paço, «Paleo e mesolítico português». *Academia Portuguesa da História. Anais*, vol. IV. Lisboa, 1941, p. 60.

J. Leite de Vasconcelos, «Lisboa arcaica».

Luis Chaves, «Belém na prehistoria».

Abundam os *núcleos* e *lascas* de sílex, indicativos de uma indústria local exercida em larga escala. Não admira que assim fosse, pois muito próximo encontra-se abundante matéria-prima.

Outro grupo de objectos existentes em apreciável quantidade, é o de *discos*, das mais variadas dimensões, e mais ou menos perfeitos.

Notamos profusão de *lâminas* ou *faquitas*, de tamanhos variados, porém bastante partidas. Algumas apresentam retoques, quer unilateral, quer numa das extremidades, em geral arredondada, formando excelentes *raspadores*. É certo que o mesmo tipo de objectos também aparece sem ser talhado num extremo de lâmina.

O grupo de *furadores* é elevado, havendo-os de todas as dimensões, adaptados num extremo de lâmina ou periferia de um disco. Nalguns mesmo, o bico perfurante fica ladeado por duas asinhas.

Passando a referir-nos a alguns objectos de pequenas dimensões cnumerando-os apenas, pois no presente trabalho preliminar não entraremos pròpriamente no seu estudo crítico, diremos por exemplo, que o número de *micrólitos* quer trapezoidais, quer em gomo de laranja, alguns dos quais verdadeiramente minúsculos, é já elevado.

Pelo que respeita a pontas de *seta*, possuímos três exemplares: um de forma bastante primitiva, outro dando a impressão de imperfeito acabamento, e de uma terceira, de belo talhe, sòmente a parte média, faltando-lhe as duas extremidades.

Todos estes objectos, existem mais ou menos nas nossas estações pré-históricas. Porém uma outra série de instrumentos foi recolhida, que nos apresenta certa diferença e para os quais, como dissemos, na presente ocasião, não podemos estabelecer analogia com o que há publicado em estudos científicos nacionais.

Trata-se de uma utensilagem microlítica de que há grande profusão e variedade. Para o seu fabrico escolheu-se de preferência um sílex muito rijo, no geral de cor amarelo-esbranquiçado, diferente do da quase totalidade dos restantes objectos da estação.

As suas dimensões, no geral, variam entre 2 e 3 centímetros; tem o aspecto, à primeira vista, de um furador esguio ou de um micrólito inacabado, retocado em geral dos dois lados, porém às vezes sòmente de um deles.

Se os encontrássemos isolados, em camada estratigráfica, desacompanhados de cerâmica, etc., não apresentaria dúvidas a sua classificação, e imediatamente os diríamos do paleolítico superior.

Mas em Montes-Claros a posição da camada arqueológica é bem nítida, manifestando uma grande homogeneidade de cultura. É certo contudo que a pátina de alguns instrumentos acusa para eles uma maior antiguidade, o que facilmente se explica pela proximidade de várias estações paleolíticas.

Ora se alongarmos as nossas vistas para a zona mediterrânica e para a costa marroquina do Atlântico, talvez encontremos certas estações pré-históricas que se assemelham a Montes-Claros. Em publicações que temos presentes da Argélia, o Dr. H. Marchand dá-nos gravuras de séries de instrumentos que diríamos colhidos na serra de Monsanto (19) e o P.^o Koehler fala-nos de estações com material de técnica paleolítica, que aparece conjuntamente com cerâmica e raros instrumentos de pedra polida (20).

Enfim, como dissemos, o problema das indústrias da nova estação não é senão ligeiramente esboçado e ao assunto voltaremos mais tarde. Não queremos porém encerrar este trabalho sem dizer algumas palavras acerca da cerâmica, que não é menos curiosa.

Nas terras até aqui peneiradas, provenientes, do que talvez se possa chamar parte Ocidental da estação, os fragmentos cerâmicos são de menores dimensões, e talvez menor a percentagem dos que contêm desenhos.

Destes, os mais importantes provêm do Oriente da mesma, do local a que acima nos referimos como abertura para plantação de algum arbusto.

A variedade de bordos é indicativo seguro de grande diversidade de recipientes. Alguns são providos de um dentado ou serrilhado, outros

(19) Dr. H. Marchand et A. Aymé, «La station préhistorique du plateau de Souanine». *Bulletin de la Société d'Histoire Naturelle de l'Afrique du Nord*, tome 24^{ème}. Alger, Avril, 1933.

Dr. H. Marchand, «Contribution à l'étude paléolithographique du Sahara central». *Bul. Soc. Hist. Nat. Afrique du Nord*, tome 24^{ème}. Alger, Mai, 1933.

(20) Henry Koehler, «Etudes des stations côtières atlantiques de la zone nord de Rabat et Tanger». *Anuario de Prehistoria Madrileña*, vol. IV-VI. Madrid, 1936.

de um cordão em relevo, de mamilos em número variável ou mesmo de orifícios de suspensão.

Há fragmentos de taças do género das de Alapraia, de queijeiras, de campaniformes variados, predominando entre estes os de um bellissimo exemplar de grandes dimensões.

Esperamos apenas, como acima se disse, abrir algumas valas de reconhecimento, para sobre todos estes assuntos possuir bases mais seguras de identificação. Só assim nos abalçaremos a publicar sobre a estação de Montes Claros o estudo desenvolvido e pormenorizado que ela merece e há-de ter.

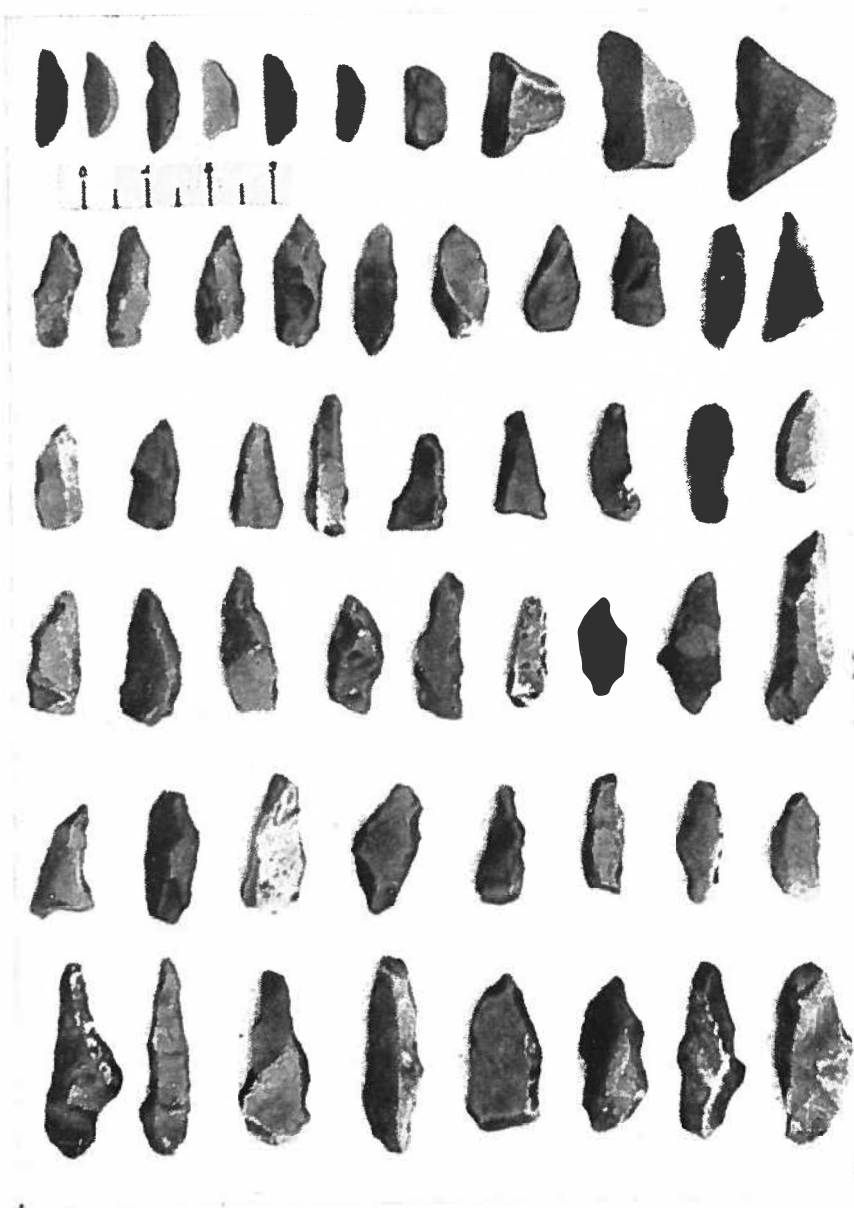
ESTAÇÃO PRÉ-HISTÓRICA



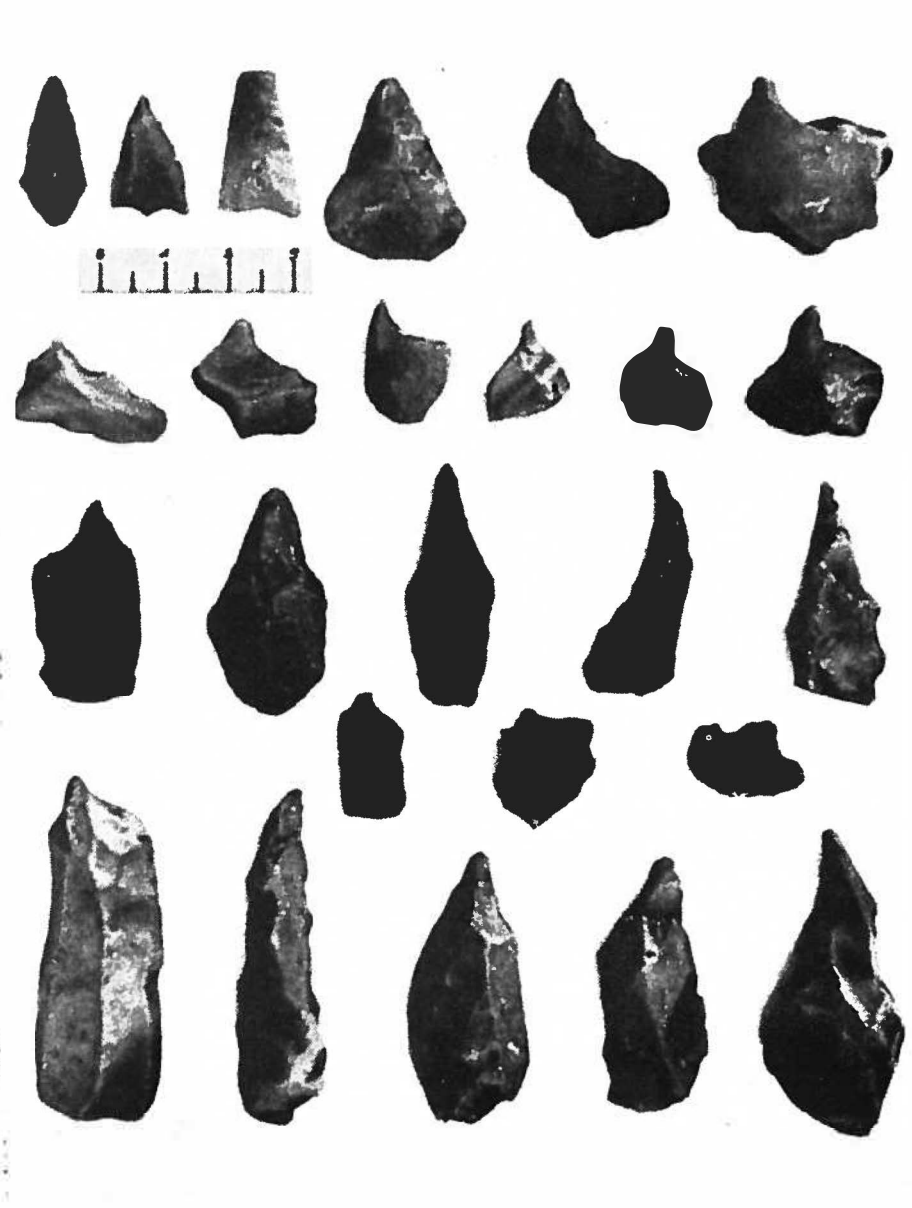
Alguns aspectos dos trabalhos realizados em 1944:

- A — Abertura de vala à volta da cavaleriça
- B — Local da estação, cavaleriça, rotunda e pérgola
- C — Monte de terras que aguardam vez de ser peneiradas
- D — Vala à roda da cavaleriça
- E — Peneirando terras saídas da vala

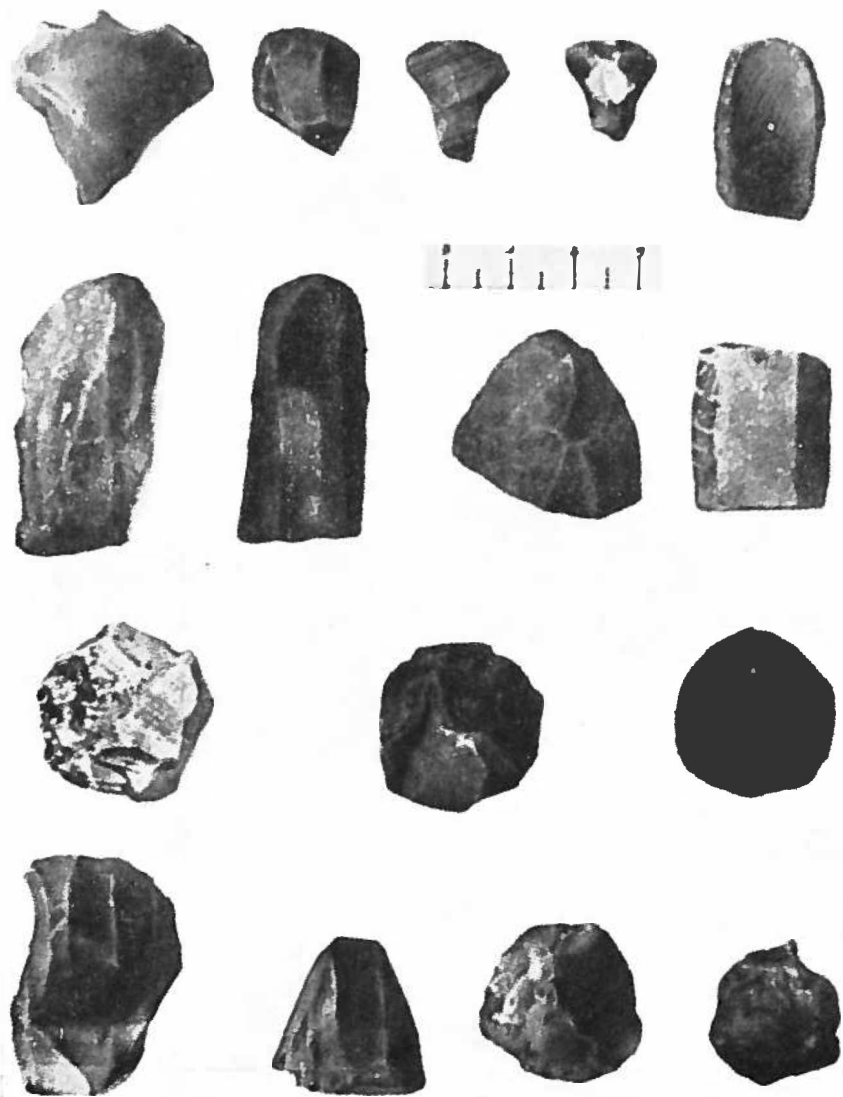
DE MONTES-CLAROS



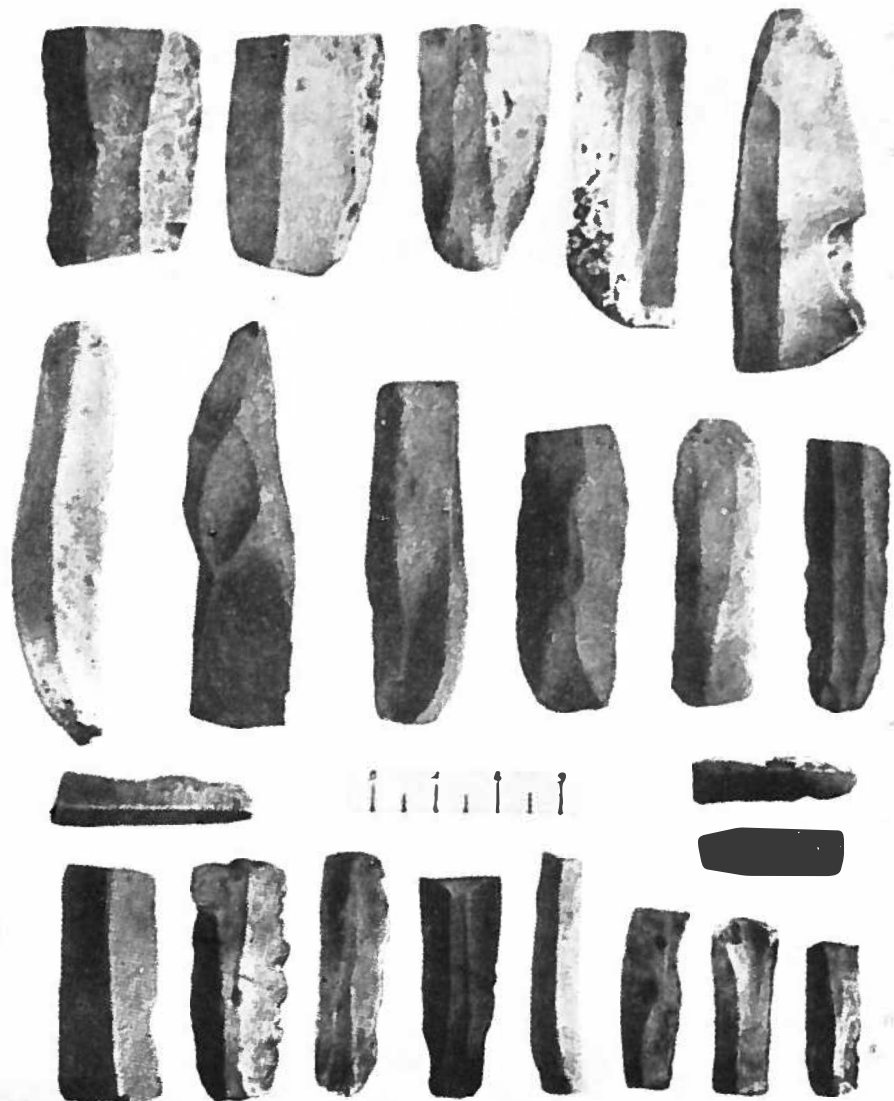
Indústria microlítica de sílex.



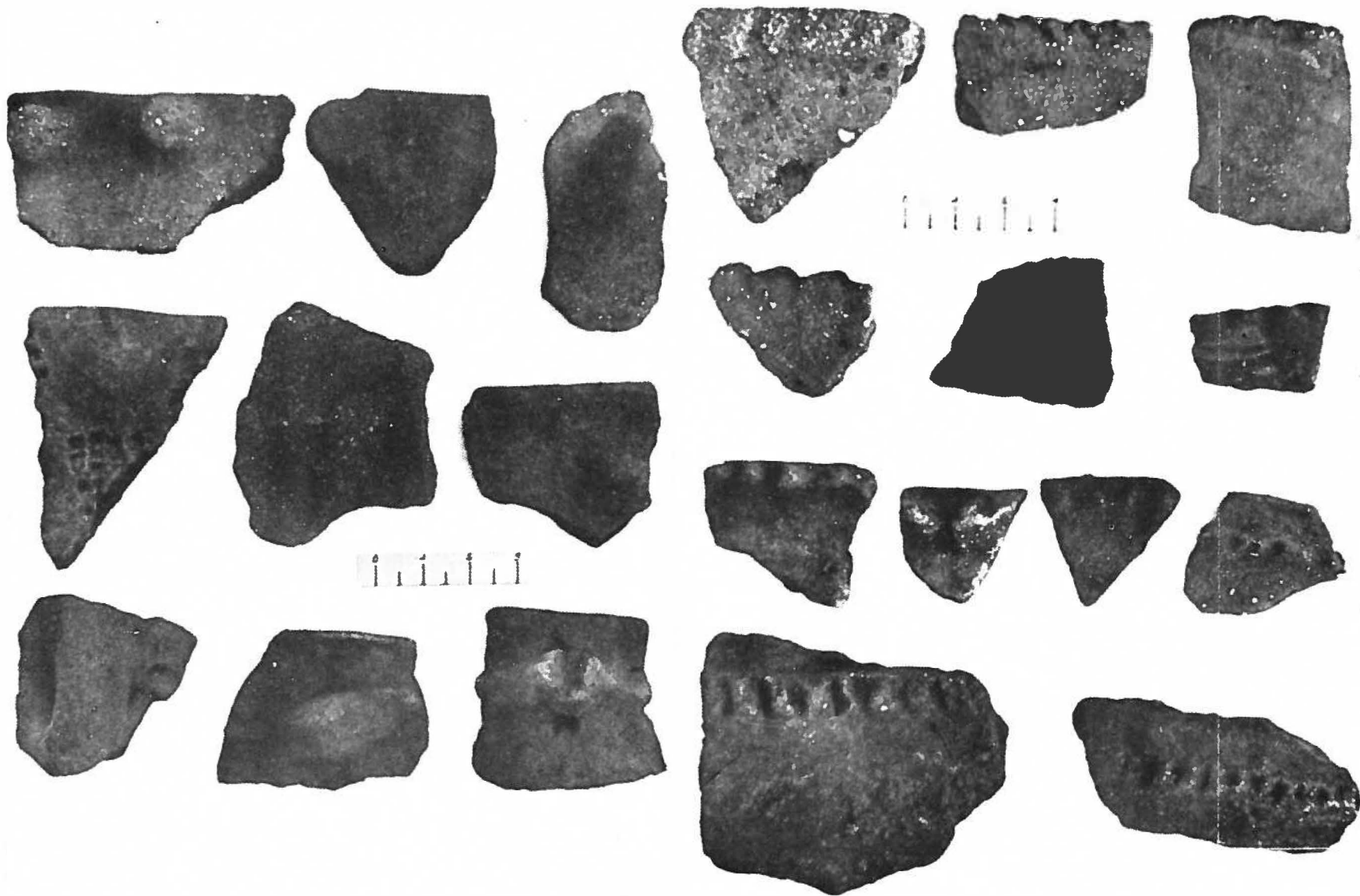
Pontas de seta e furadores de sílex.



Raspadores, discos e núcleos de sílex.

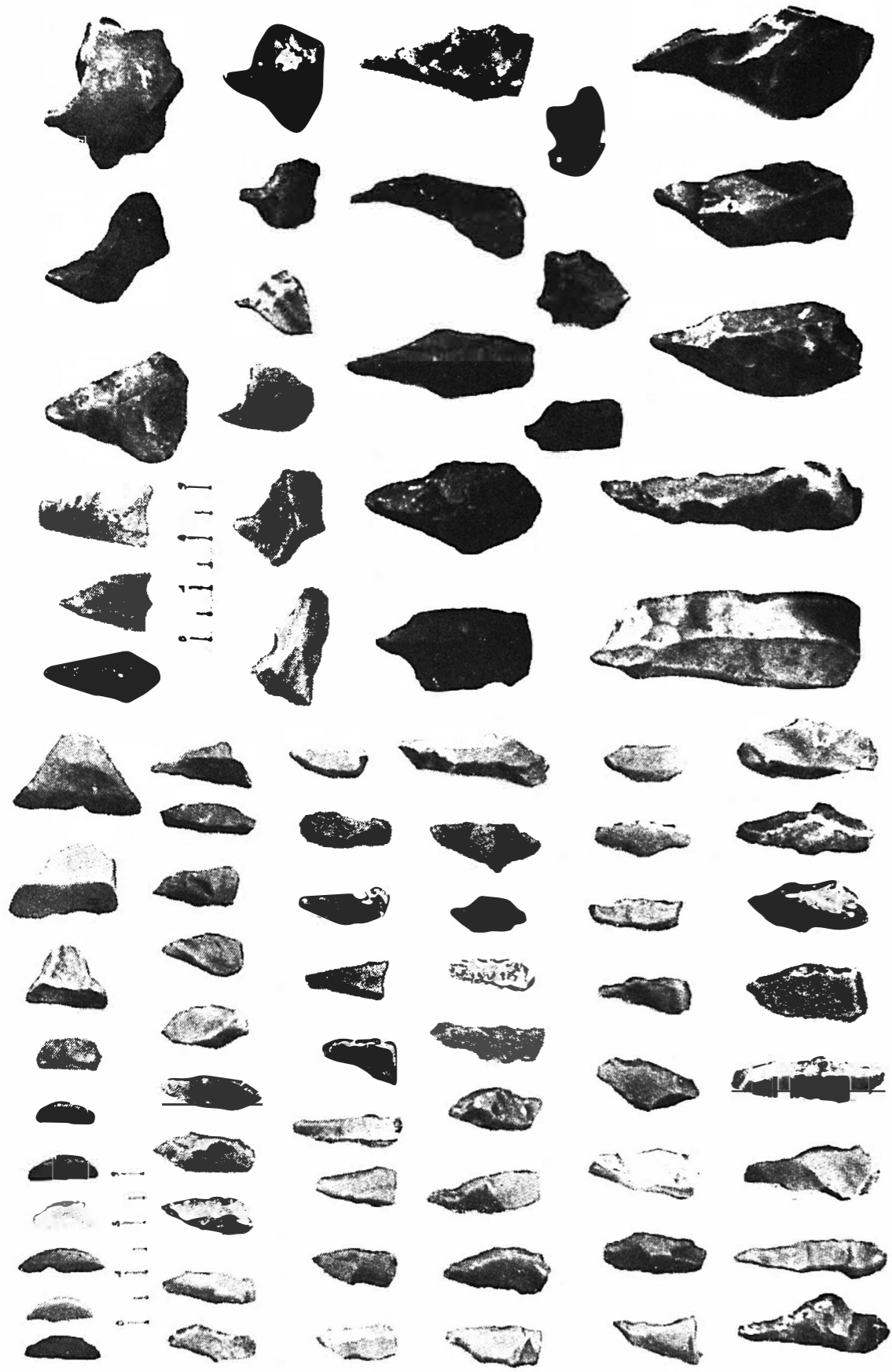


Lâminas de sílex.



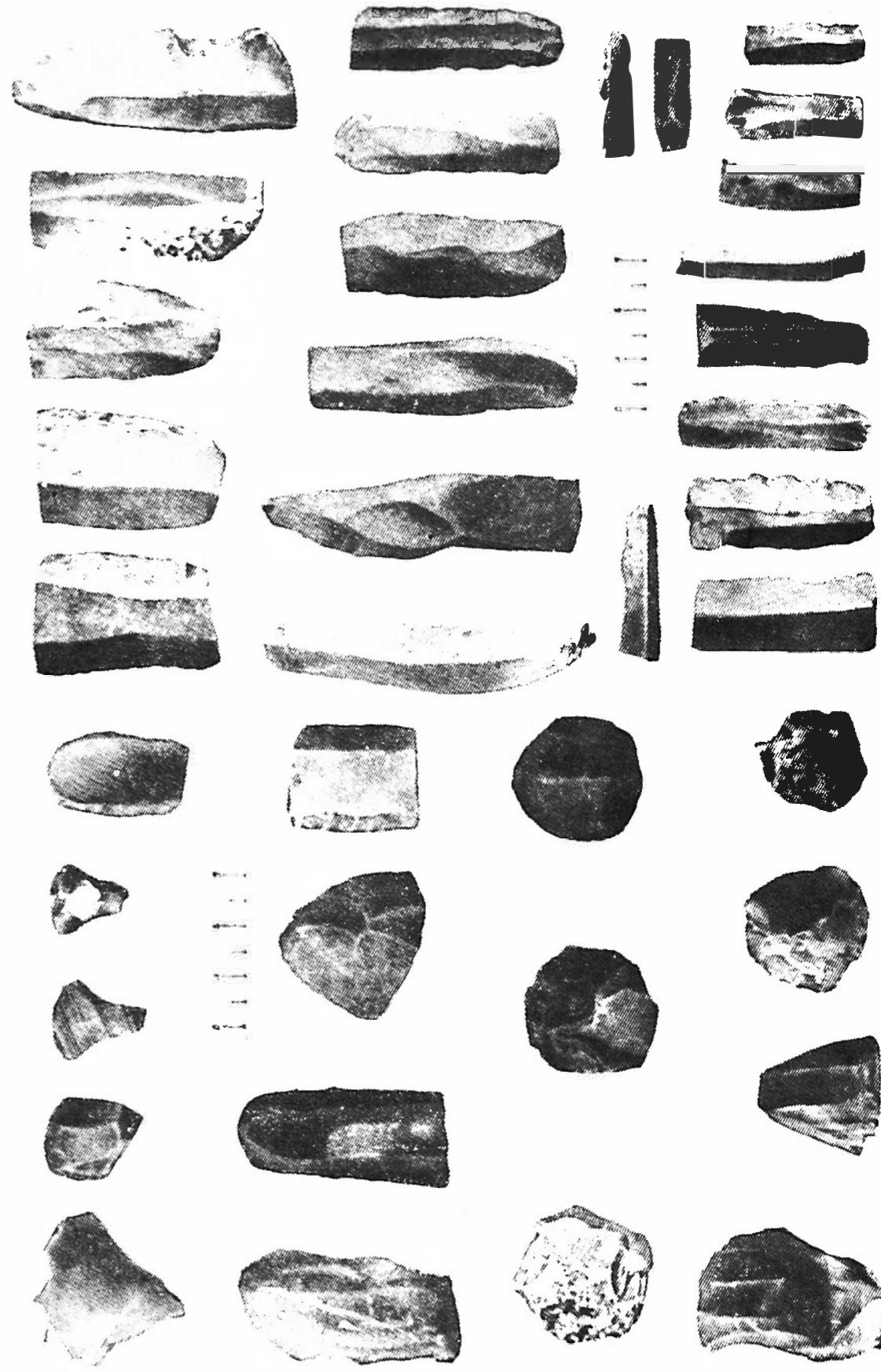
Bordos de vasos com mamilos e asas com e sem perfuração

Bordos de vasos dentados ou ornamentados com pequenos mamilos.



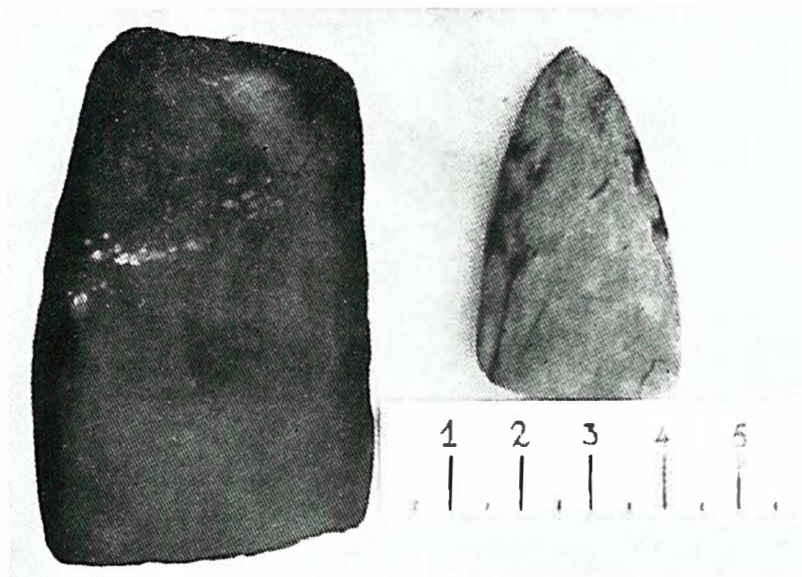
Industria microlítica de sílex.

Pontas de seta e furadores de sílex.

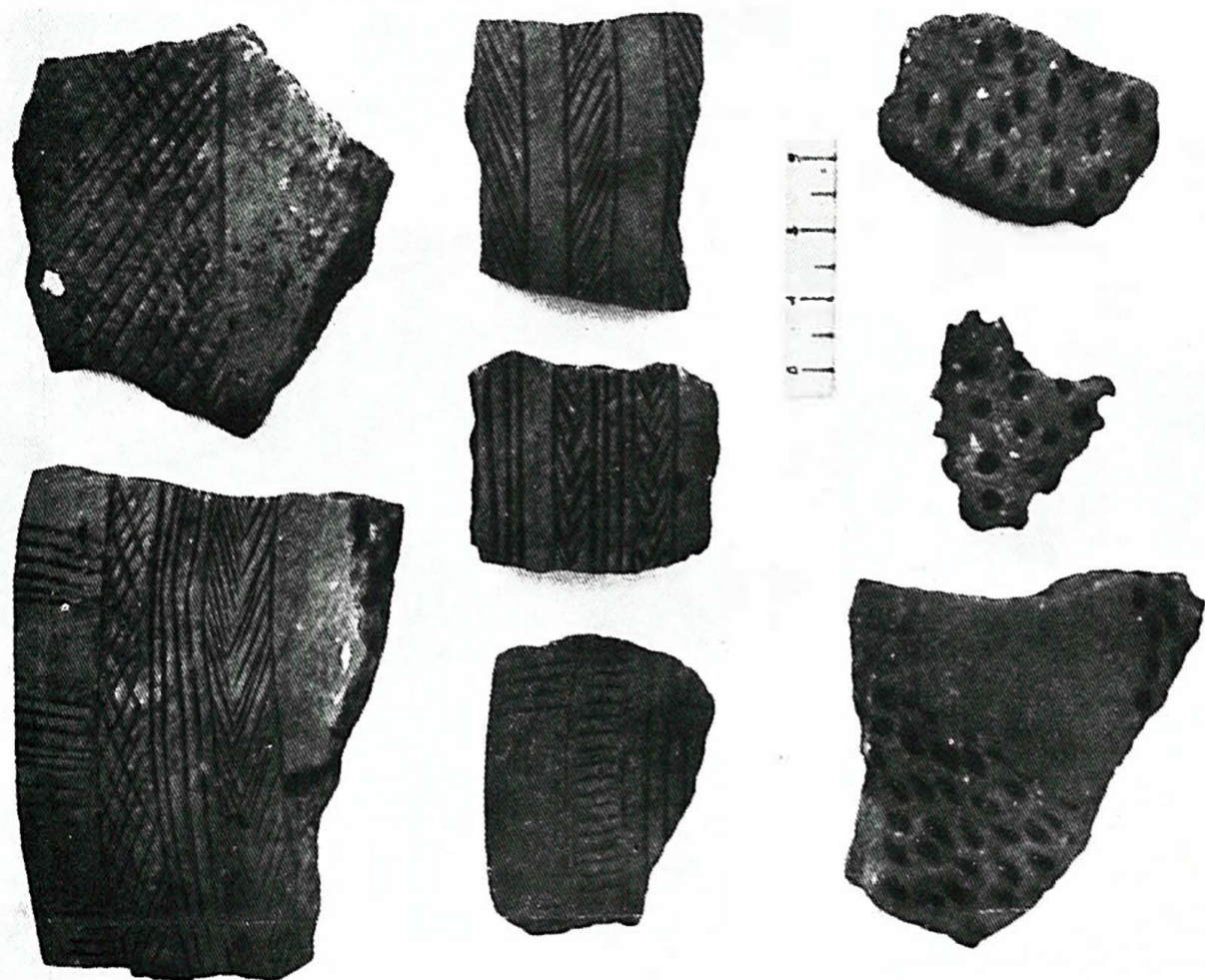


Raspadores, discos e núcleos de sílex.

Lâminas de sílex.



Machados polidos.



Fragmentos de vasos decorados e de queljeiras.

EL CASTRO DE VILANOVA DE SAN PEDRO (*)

CAPÍTULO I

SITUACIÓN — NOTICIA HISTÓRICA — LEYENDAS MEDIO ARQUEOLÓGICO — CAMPAÑAS DE EXCAVACIONES

1.º — SITUACIÓN

EL viajero que, partiendo de Cartaxo, villa situada en el camino de Lisboa a Santarém, se dirige al NO, a lo largo de la carretera que lleva a Almoester, encuentra, nada más salir de la población a la izquierda, un ramal de la misma carretera que nos conduce a Vilanova de San Pedro. Después de andar unas docenas de metros nos encontramos en una bifurcación, debemos tirar a la derecha.

Es fácil llegar a Vilanova, el asfalto hace posible utilizar hasta allí el transporte mecánico.

Situada en el extremo Nordeste del concejo de Azambuja, dista de Lisboa — capital de la provincia — 62.500 metros en línea recta, 13.750 de Santarém — que se ve desde allí — y unos 7.000 de Cartaxo.

(*) Trabalho publicado nas *Actas y Memórias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria*, tomo XX, Madrid, 1945.

Población relativamente antigua, formó parte sucesivamente de San Pedro de Arrifana y de Manique do Intendente, formando desde 16 de julio de 1924 parroquia civil propia. Según los resultados provisionales del censo de 1940, contiene 1.280 habitantes y 378 hogares, repartidos por los lugares de Vilanova, Torre de Penalva, Casais de Além, Outeiro, Carrascal y Moita do Lobo.

Al N del lugar de Torre se alza un pequeño otero de una altura aproximada de 100 metros, que la toponimia local designa como «alto del Castillo». Forma una especie de península, rodeada al Norte y Noroeste por los arroyos de Almoster y Massuça, al E por el regato que corre entre Casais de Além y Carrascal. El canal de Alviela le corta del lado N. El istmo que queda en dirección a Vilanova es bastante ancho, pero sus pendientes E, N y NO son muy abruptas.

El mapa y el perfil del terreno en las figs. 1 y 2 nos aclararán mejor todo esto.

2.º — NOTICIA HISTÓRICA

El nombre «Castillo» puede pasar inadvertido, pero no para quien tenga alguna noción de arqueología. Así, en otoño de 1936, nuestro amigo Hipólito Cabaço, a quien tan relevantes servicios debe la arqueología portuguesa, pasando por Vilanova de San Pedro, preguntó, como de costumbre, si había por allí «cosas viejas», y de pregunta en pregunta consiguió averiguar que existía un sitio próximo llamado «Castillo».

Visitó el lugar e hizo algunas observaciones. Poco después procedió a nuevos reconocimientos, que le costaron unos miles de escudos, y le revelaron la existencia de abundante material arqueológico.

Comunicado el hecho a la Asociación de Arqueólogos Portugueses, se pidieron, de acuerdo con la legislación, las autorizaciones oportunas del Ministerio de Educación, así como auxilios económicos para realizar una campaña de excavaciones en el año 1937.

Visitaron el lugar el profesor de la Universidad de Oporto doctor A. A. Mendes Corrêa y el de Coimbra doctor J. Pereira Dias, como delegados del Ministerio y se concedió una subvención por medio del Instituto de Alta Cultura, organismo que se halla estrechamente rela-

cionado con la exploración de tan notable yacimiento prehistórico, pues sin su ayuda nada podríamos haber hecho.

El morro del «Castillo» se hallaba cubierto de plantas silvestres, hasta que hace algunos años su propietario, movido por las historias de tesoros escondidos, mandó hacer una zanja honda a ver si encontraba tales riquezas fabulosas. Como, habiendo excavado dos días, no apareciese nada, abandonó sus proyectos, pero se puso a cultivar esa parte del terreno. No descubrió oro, pero se puso a recoger espigas de trigo.

Un día el arado puso al descubierto un hacha de cobre y dos o tres fragmentos de cerámica que el propietario, Antonio Ferreira, ofreció al difunto general Victoriano J. César, quien a su vez los remitió al Museo Etnológico del Dr. J. Leite de Vasconcelos, según consta en una nota publicada en el *Archeologo* (1).

Pero este hecho se había olvidado, y H. Cabaço lo desconocía cuando identificó el poblado prehistórico.

3.º — LEYENDAS

Como todos los lugares arqueológicos, el «Castillo» tiene sus leyendas, algunas de las cuales hemos logrado recoger de las personas más viejas que habitan Vilanova.

Una de las más curiosas se refiere a la fundación de Santarém: «En tiempos muy antiguos fundaron los moros una población en lo alto del 'Castillo' y allí vivieron felizmente cien años. Pasado ese tiempo resolvió la tribu mudarse a otro lugar, y una noche, después de arrasar las habitaciones, se trasladaron sus riquezas y ganados, armas y bienes a un cabezo que se veía a lo lejos, en el lugar donde hoy está Santarém. Allí edificaron el nuevo pueblo, que es, por tanto, más moderno que el otro».

Tendríamos así que ir a buscar los orígenes de Santarém a una época mucho más lejana que la de su mítica fundación por Abidis,

(1) J. Leite de Vasconcelos, *Antiquilhas Cartaxenses*, en *O Archeologo Português*, vol. XXVIII. Lisboa, 1929.

Por error se atribuyeron estos hallazgos al concejo de Cartaxo; realmente pertenecen al de Azambuja.

hijo de Ulises y Calipso, que sucedió en el gobierno de España a su abuelo Gágoris (*).

La leyenda de Esca-Abidis es más poética, más llena de sentimiento; pero la que recogimos en Vilanova de San Pedro tiene más visos de verdad, si admitimos que las leyendas encierran a veces un fondo real.

Nadie sospechaba la existencia en el «Castillo» de una población prehistórica, y, sin embargo, vemos cómo en la tradición oral no se perdió esa noción.

La primera parte de la leyenda se apoya, pues, en un substrato de verdad. Sería interesante que la arqueología nos revelase en Santarém una cultura que, entroncando con la de Vilanova, la continuase.

Otras leyendas se refieren a tesoros encantados:

«En tiempos muy remotos andaba una chavalilla pobre buscando leña en lo alto del 'Castillo' cuando se le apareció una morita muy linda, de piel aceitunada y vestido blanco, que le dijo:

— Pequeña, dentro de siete años ve al hueco del tronco de aquel viejo olivo y recoge un tesoro que hay allí y que es toda mi fortuna. Pero, fíjate bien, sólo dentro de siete años, y sin contar nada a nadie.

La chavalilla, llena de miedo, dijo que nada contaría, y la morita desapareció.

Recobrada del susto, la pequeña echó a correr a casa, y sin acordarse de lo prometido, se lo contó todo a su madre. Las dos se dirigieron a la carrera al 'Castillo', no fuese que alguien llegase antes y recogiese los tesoros de aquella morita tan generosa que se proponía, de modo tan singular, entregarles su fabulosa fortuna.

Llegadas al viejo olivo, rebuscaron el agujero del tronco. Con gran tristeza sólo hallaron carbón.

Llorosas y tristes, sólo entonces se acordaron de las condiciones impuestas por la morita, lamentando la chavalilla no haber obedecido a quien se había mostrado tan bondadosa para con ella».

(*) Eugénio de Lemos, *Santarém, lenda e história*. Santarém, 1940, p. 2 y 3. Ignacio da Piedade y Vasconcellos, *História de Santarém edificada*. Lisboa, 1740, p. 4 ss.

«En los tiempos antiguos andaba un rapaz guardando ganado en lo alto del 'Castillo' cuando se le apareció un lagarto de dos rabos y le dijo, subiéndosele encima:

— No temas, no te haré daño. Quiero dejarte mi gran riqueza, que está debajo de aquella piedra. Ven mañana a buscarla, pero no digas nada a nadie de esto que te acabo de decir.

Después de esto, el lagarto, no era sino una morita encantada, desapareció. El muchacho quedó espantado de lo que había visto y oído, y llevado por la idea de ser rico de un momento a otro, dejó las ovejas, tiró el cayado y corriendo como un gamo por encima de piedras y matas, se fué a casa y contó a su madre:

— Madre, se me subió encima un lagarto de dos rabos que me dejaba toda su riqueza, pero que no se lo contase a nadie.

Incrédula al principio, pero convencida después de la veracidad de lo que el pequeño decía, dejó todos los quehaceres de casa y corrió con él al 'Castillo' a buscar el tesoro, no fuese que otros lo cogiesen antes de que ellos llegasen.

Se dirigieron a la piedra indicada por el lagarto, removieron la tierra y cuál no fué su asombro cuando en vez de monedas de oro y piedras deslumbrantes encontraron un monte de carbón que se deshacía al simple contacto de los dedos».

Esto cuesta desobedecer a las moritas encantadas. Si los muchachos se hubiesen callado, decía la tía Quiteria al contarnos desolada estas historias, serían ricos y harían mucho bien a la parroquia y a los pobres.

No falta tampoco aquí la leyenda de las dos tinajas, una llena de oro y otra de peste:

«En el alto del 'Castillo' están enterradas dos grandes tinajas, perfectamente iguales, una reventando de riqueza, otra llena de peste. Todos querrian cavar para encontrar la de la fortuna, pero temen dar con la de los maleficios, que mataría a toda la gente, y por eso nadie se atreve a buscarlas» (*).

(*) Sobre idénticas leyendas de dos vasijas, una de peste y otra de oro, véase, además de otros muchos ejemplos, F. M. Alves, rector del Baçal, *Memorias Arqueológico-históricas do distrito de Bragança*, tomo IX, p. 326 y 489; tomo X, p. 644.

También es costumbre de Vilanova asustar a los chiquillos cuando se suben al «Castillo», diciendo que allí está «el cacharro lleno de peste que mata a todos».

«Cuentan los libros antiguos que en lo alto del 'Castillo' había dos torres muy grandes y una iglesia con dos puertas; la gente entraba por una y salía por otra. En este templo existían muchas riquezas, mucho oro y pedrería. Torres e iglesia, todo fué destruido por un cataclismo, encontrándose el fabuloso tesoro debajo de la tierra que se amontona en la parte superior del 'Castillo'.

Quien excavase allí encontraría toda esa riqueza».

Esto es lo que nos espera, pensaban los habitantes de Vilanova al vernos exhumar pacientemente los restos de la población prehistórica que allí se encuentra sepultada, alimentando la esperanza de que les tocaría algo en la distribución final.

«Antiguamente los habitantes de Torre de Penalva, lugarcillo próximo al 'Castillo', veían, cuando se levantaban muy temprano, blanquear en lo alto la ropa de nieve de las moritas. Pero en cuanto los ojos profanos se posaban sobre ellas, corrían presurosamente a ocultarse, desapareciendo todo el encanto».

Las moritas también salían del «Castillo» y paseaban por las inmediaciones.

«La abuela de la tía Bica ⁽¹⁾, cuando era muy joven, fué un día a la fuente vieja de la Torre ⁽²⁾, que está al pie del 'Castillo', y vió allí una morita que le pidió de beber. Después de haberle dado fué a llenar la 'cuarta' ⁽³⁾. Cayó dentro del agua una bolita de carbón, que la muchacha echó fuera, limpiando la vasija. Se puso de nuevo a llenarla y le cayó otra bolita; esta vez la dejó, y en casa, al vaciar la cántara, vió que el carbón se transformaba en oro. Corrió a la fuente

(1) La tía Bica, ya difunta, era una vieja casi centenaria cuando empezaron las excavaciones.

(2) Esta fuente es muy antigua y en ella se ve una lápida con la siguiente inscripción: «Lembrae-vos das almas do Purgatorio com um Padre Nosso e uma Ave-Maria. 1680». Sus aguas, dicen, tienen la virtud de que el que las bebe no más se olvidará de Vilanova.

(3) «Cuarta», nombre popular de cierto cántaro.

a ver si había más, pero ya no encontró nada. Esa bolita de oro fué la paga de la morita por el servicio recibido».

«En tiempos muy antiguos estaba una mujer guardando pavos al pie del cabezo de Penalva, fronterizo del 'Castillo', cuando las aves empezaron a volar y a huir asustadas. Fué a ver qué pasaba y vió una niña desnuda ⁽¹⁾ muy gordita y linda.

Al ser descubierta, ésta huyó, y nadie supo más de ella.

Era una morita encantada del 'Castillo'».

El cancionero popular de Vilanova contiene bastantes referencias al «Castillo», que nos abstenemos de transcribir para no alargar demasiado este trabajo.

4.º — MEDIO ARQUEOLÓGICO

Descrito el lugar y las leyendas que lo envuelven, digamos algunas palabras sobre su situación y alarguemos nuestra mirada sobre lo que arqueológicamente existe en la región vecina.

Hemos hallado una especie de península, rodeada en tres direcciones por arroyos (figs. 1 y 2); pero hay que hacer notar que la localidad arqueológica no cubre toda el área de ésta, sino sólo una parte.

Su aspecto es el de una meseta con una ligera prominencia en el límite oriental. En el centro de esta elevación se construyó un recinto circular, como describiremos más adelante, que constituye el «Castillo» propiamente dicho. Allí se hallaba el poblado y quizá, aún dos líneas más de murallas.

Este morro del «Castillo» se halla en plena región eneolítica o del bronce (lám. I, fig. 1). En efecto, si de allí dirigimos la visita al N, divisamos la Sierra del Aire, que nos recuerda las grutas de Almonda ^(*) y de Bugalheira ^(^o), recientemente descubiertas, en una

(1) La narración popular dice «pinta nua» = totalmente desnuda. Forma no recogida en los diccionarios.

(*) Eng.º A. de Melo Nogueira, Maxime Vaultier y Georges Zbyszewski, *Primeiras pesquisas na gruta do Almonda*. Brotéria, vol. XXXII. Lisboa, 1941.

(^o) Afonso do Paço, Maxime Vaultier y Georges Zbyszewski, *Nota sobre a «Lapa da Bugalheira»*. Comunicación al Primer Congreso Nacional de Ciencias Naturales. Lisboa, 1941.

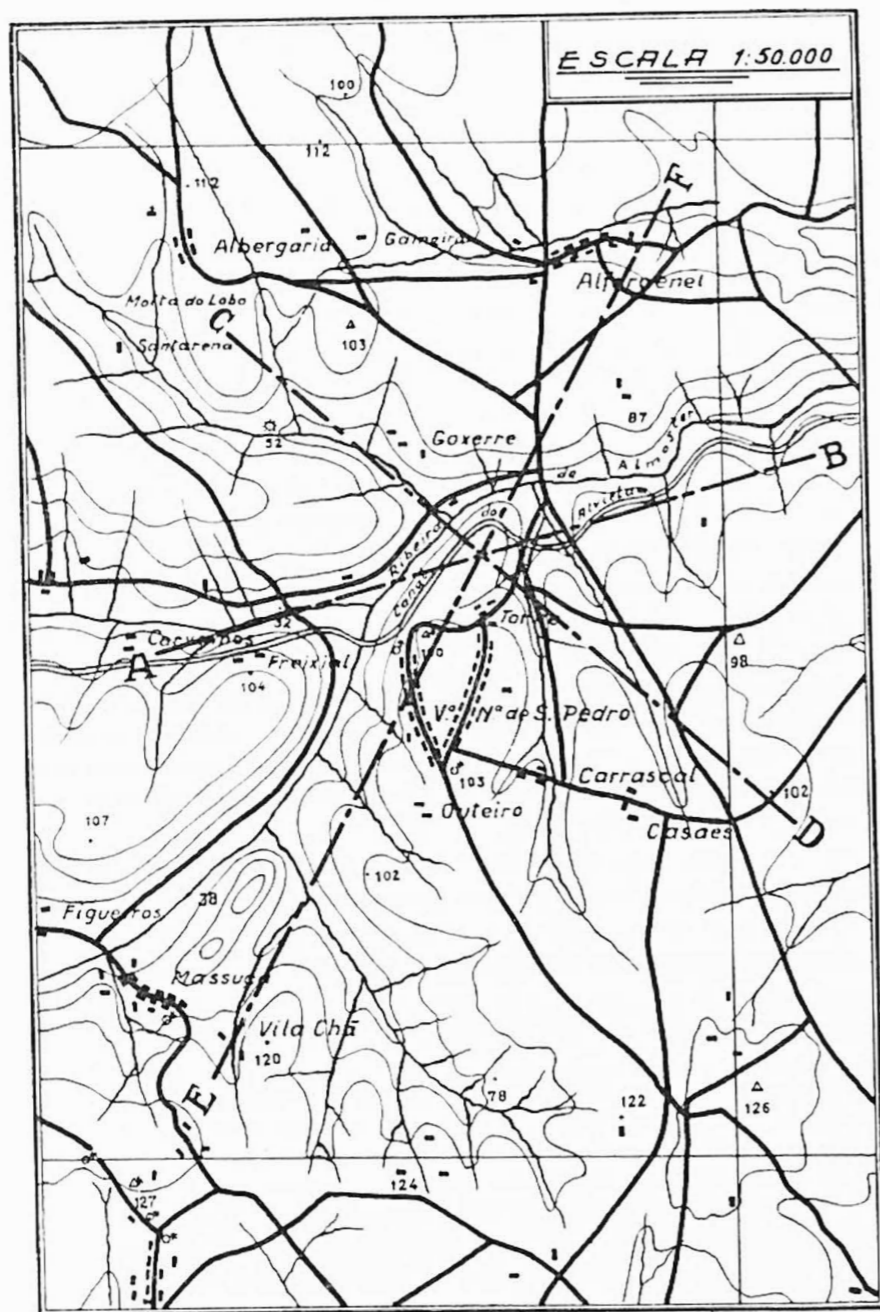


Fig. 1 — Mapa de la zona de Vilanova de San Pedro. El «Castelo» se encuentra en el cruce de las líneas A-B, C-D, E-F.

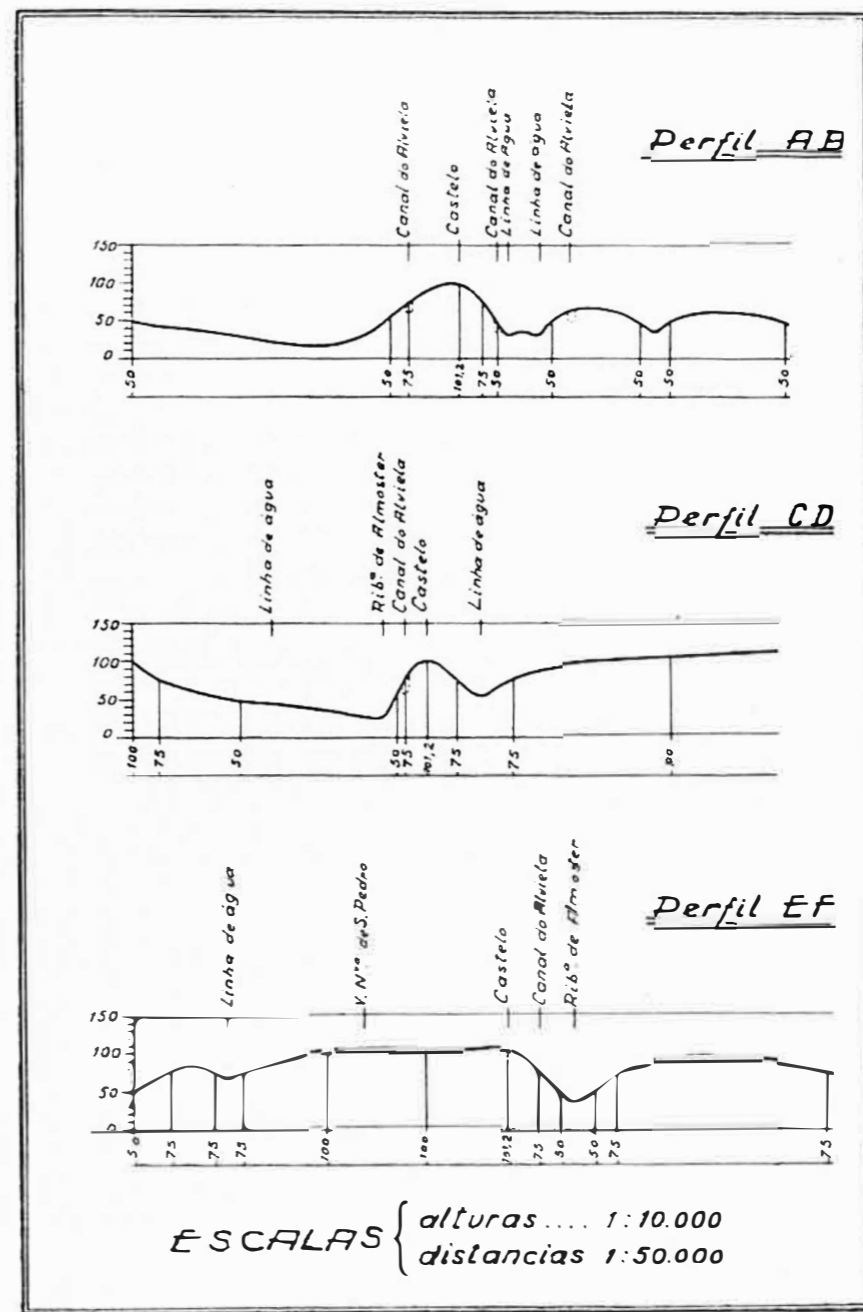


Fig. 2 — Perfiles de la cumbre del «Castelo» siguiendo las líneas A-B, C-D, E-F.

de las cuales se recogió — aparte otros hallazgos valiosísimos — cerámica propiamente algárica. No lejos de la Sierra, en el concejo de Torres Novas, se descubrió la gruta de Carrascos (Monsanto) ⁽¹⁰⁾, y del mismo concejo son las osamentas humanas de Casal do Marchão (Casevel), exhumadas con varios objetos de principios del bronce, entre los que destaca una bellísima lámina de sílex. De Casevel procede también la hermosa daga de bronce de Quinta de la Romeira ⁽¹¹⁾, actualmente en el Museo Municipal de Torres Novas, así como la espléndida alabarda de sílex que vemos en el Museo de los Servicios Geológicos y que fué hallada em Montiraz ⁽¹²⁾, dentro del concejo de Santarém. El más hermoso ejemplar de cráneo trepanado procede de Lapa de la Gallina ⁽¹³⁾, en la Quinta de Rabaçal, cerca de Alcanena, igualmente en el concejo de Torres Novas, cuyo magnífico ajuar se halla hoy en el Museo Etnológico, aún sin publicar ⁽¹⁴⁾.

Del lugar de Lapas (Torres Novas) son las láminas de sílex, vasijas de barro, alfileres óseos de cabeza torneada, etc., que fueron hallados casualmente, con varias osamentas, en los cimientos de un edificio en construcción recientemente. Tampoco han sido aún publicados; parte se halla en el Museo Etnológico y parte en el de Torres Novas.

Seguendo para el NO, la región de Alcobaça nos trae a la memoria las excavaciones de Vieira Natividade en las numerosas grutas de los

⁽¹⁰⁾ El ajuar de esa gruta, en el que destaca una hermosa colección de placas ornamentadas de esquisto, se conserva aún inédito en el Museo Etnológico del Dr. Leite de Vasconcelos.

⁽¹¹⁾ Eugénio Jalhay, *A adaga da Quinta la Romeira*. Brotéria, vol. XIX. Lisboa, 1934.

⁽¹²⁾ Aún inédita.

⁽¹³⁾ J. Leite de Vasconcelos, *Medicina dos Lusitanos*. Lisboa, 1925, p. 12 y fig. 1 de la p. 33.

⁽¹⁴⁾ Georg y Vera Leisner, *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel*. Berlin, 1943, p. 418 y 445.

El Dr. Alves Pereira alude también a una lámina triangular de sílex proveniente de esta cueva en su trabajo *A Pedra d'Anta ou um monumento megalítico na Beira Baixa*. O Archeologo Português, vol. XXIX, p. 65.

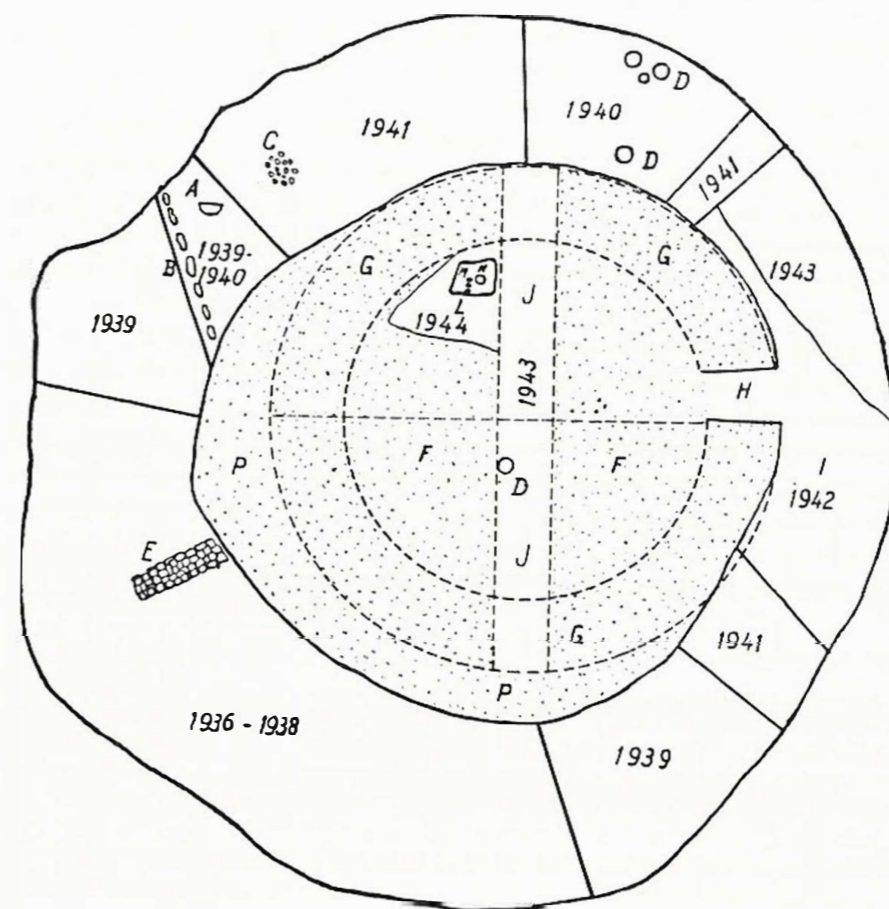


Fig. 3 — Planta del «Castelo» o Castro de Vilanova de San Pedro.

- A — Foso donde se halló la gran vasija de barro.
- B — Muro de soporte al Sur del foso.
- C — Depósito de mineral de cobre.
- D — Silos.
- E — Muro al SO del morro central (Lám. II, fig. 2).
- F — Parte central del «Castelo» aún por excavar.
- G — Muralla que circunda la parte central.
- H — Reconocimiento hecho en la muralla en 1942.
- I — Fondos de cabaña con piedras y pavimento de greda.
- J — Trinchera abierta en el morro central.
- L — Excavación de 1944, con el foso respectivo.
- M — Escalones de la pared Sur del foso, acceso de la cisterna (?).
- N — Cisterna (?).
- P — Parte no excavada al exterior del morro central.

alredores, uno de los primeros trabajos publicados en la Península sobre el neo-eneolítico y que aún hoy es de gran utilidad ⁽¹⁵⁾.

Mirando en la misma dirección hallamos, en los montes que dominan Río Maior, los lugares en que el profesor doctor Manuel Heleno identificó y continúa aún explorando una de las grutas más interesantes para la prehistoria portuguesa: la de Nuestra Señora de la Luz.

Hacia el O queda Obidos, en cuyo concejo descubrió el doctor Félix Alves Pereira, en 1911, la magnífica estación del Outeiro de Assenta, y que más tarde describió tan exhaustivamente en el *Archeologo Português* ⁽¹⁶⁾. Esta es una de las que más semejanzas presentan con Vilanova de San Pedro, con la diferencia de que siguió siendo habitada hasta la época romana, mientras la de Vilanova no presenta huellas de pueblos posteriores a la edad del bronce.

El Castro del Outeiro de San Mamede ⁽¹⁷⁾, del mismo concejo, y el de Pragança ⁽¹⁸⁾, más al S y dentro del concejo de Cadaval, son del mismo tipo y llegan también hasta la conquista romana.

Dirigiendo la vista hacia el SO, vemos a lo lejos la Sierra de Montejunto, que domina toda la región habitada por el hombre eneolítico, los alrededores de Torres Vedras con los *tholoi* de Barro ⁽¹⁹⁾ y Sierra

⁽¹⁵⁾ M. Vieira Natividade, *Grutas de Alcobaça*. Portugalia, tomo I, p. 433-474.

⁽¹⁶⁾ F. Alves Pereira, *Estação arqueológica do Outeiro da Assenta (Obidos)*. O Archeologo Português, vol. XIX, p. 135, y vol. XX, p. 107.

Luis Chaves, *Segunda exploração arqueológica do Outeiro da Assenta (Obidos)*. O Archeologo Português, vol. XX, p. 258.

⁽¹⁷⁾ Nils Aberg, *La civilisation énéolithique dans le péninsule ibérique*. Halle, 1921, p. 90.

Dr. J. Leite de Vasconcelos, *História do Museu Etnológico Português*. Lisboa, 1915, p. 182.

⁽¹⁸⁾ Nils Aberg, *La civilisation énéolithique...*, p. 92.

Dr. J. Leite de Vasconcelos, *História do Museu...*, p. 183.

⁽¹⁹⁾ F. Alves Pereira, *Processo oficial do monumento pré-histórico do Monte da Pena*. O Archeologo Português, vol. XIV, p. 354.

Georg y Vera Leisner, *Die Megalithgräber...*, p. 288 y 447.

de las Mutelas ⁽²⁰⁾, las sepulturas de Furadouro ⁽²¹⁾ y las grutas de Cova da Moura ⁽²²⁾, Ermejeira ⁽²³⁾ y Quinta de Lapas ⁽²⁴⁾, el monumento de Casal de Zambujal ⁽²⁵⁾, etc. Aún más al SO adivinamos dónde se hallan los castros de Ota ⁽²⁶⁾ y Pedra de Ouro ⁽²⁷⁾, explorados cuidadosamente por el benemérito investigador Hipólito Cabaço, de Alenquer. Localizamos después la gruta de los Refugidos ⁽²⁸⁾, cuyas osamentas neolíticas fueron tan bien estudiadas por el Profesor Ataíde, de la Universidad de Oporto, y la sepultura de la Quinta do Valle das Lages ⁽²⁹⁾, con microlitos trapezoidales, martillos de piedra pulimentada, osamentas, etc.

Al E, del otro lado del Tajo, se extiende la región de Muge, Almeirim y Alpiarça, que recuerda otras culturas y otras edades. Pormenor interesante: parece que el gran río es el límite oriental de esa cultura tan rica llamada cultura de Palmela o del vaso campaniforme, que pobló tan extensamente, hace cuatro mil años, la actual Extremadura portuguesa.

⁽²⁰⁾ Vergilio Correia, *A exploração arqueológica da Serra das Mutelas (Torres Vedras)*. O Archeologo Português, vol. XIX, p. 264.

⁽²¹⁾ Maximiano Apolinário, *Grutas do Furadouro*. O Archeologo Português, vol. III, p. 86.

⁽²²⁾ El material hallado en esa gruta se halla inédito, parte en el Museo Etnológico y parte en las colecciones del Museo Municipal de Torres Vedras y del Dr. Ricardo Belo.

⁽²³⁾ Dr. Manuel Heleno, *Gruta artificial da Ermejeira*. Ethnos, vol. II, p. 449.

⁽²⁴⁾ *Idem, ibid.*, p. 449.

⁽²⁵⁾ Eugénio Jalhay, *O monumento pré-histórico do Casal do Zambujal (Torres Vedras)*. Comunicación presentada a la Academia Portuguesa de la Historia en 22 de noviembre de 1944.

⁽²⁶⁾ La principal colección de objetos recogidos en este castro pertenece hoy al Ayuntamiento de Alenquer.

⁽²⁷⁾ Afonso do Paço, *Figurinha de barro da Pedra de Ouro*. Primer Congreso del Mundo Português. Oporto, 1940.

⁽²⁸⁾ Dr. Alfredo de Athayde, *Ossadas pré-históricas da gruta dos Refugidos*. Homenaje a Martins Sarmiento. Guimarães, 1933.

⁽²⁹⁾ A. A. Mendes Corrêa, *A sepultura neolítica do Vale das Lages e os «cólitos» de Ota*. Butletí de l'Associació Catalana d'Antropologia, Etnologia i Preterria, III. Barcelona, 1925.

Idem, O homem terciário em Portugal. Lusitânia, vol. III. Lisboa, 1936, p. 329 ss.

5.º — CAMPAÑAS DE EXCAVACIONES

Como decimos, la exploración realizada en 1936 por H. Cabaço, aunque no continuada, constituyó una prospección de varios días, con apertura de zanjas y sondajes aquí y allá (tres zanjas en la parte S) y recolección muy abundante y variada de material.

La primera campaña de excavaciones propiamente dichas se realizó en agosto de 1937, después de obtenida la oportuna autorización ministerial y una subvención del Instituto de Alta Cultura.

De entonces para acá, todos los años, aproximadamente en la misma fecha, se siguió trabajando con dotación del referido Instituto, que a partir de 1940 fué reforzada por otra de la Dirección General de Monumentos Nacionales.

Se emprendió una excavación sistemática, como aún no se había realizado en nuestro país en estaciones prehistóricas de este género, rodeando el morro central, cuya excavación dejamos para lo último.

Las dos primeras campañas — 1937 y 1938 — tuvieron lugar en la parte S del «Castillo» (lám. I, fig. 2), en una zona que tiene que haber sido de población muy densa, tal es la riqueza del material recogido: hachas y otros objetos de cobre, muelas, pereutores y hachas de piedra pulimentada, lanzas, láminas y puntas de flecha de sílex, objetos de hueso, placas y fusayolas de barro y cerámica muy variada. Se han identificado varios fondos de cabaña (lám. II, fig. 1), con piedras más o menos dispuestas en círculo, rodeando una porción de tierras y cenizas.

Los trabajos agrícolas, el arado y el paso del tiempo lo habían removido todo y destruído la mayor parte del ajuar.

Al E, N y O la población debe de haber sido menos densa; no deja, con todo, de haber detalles de interés.

La campaña de 1939 nos dió al O, por debajo de las capas propiamente arqueológicas, un barro amasado muy consistente, que excavando hasta terreno virgen nos reveló a grandes profundidades una gran vasija rodeada de piedras, ciertamente colocada allí con fines rituales, como se describirá más tarde (fig. 6 y láms. XXIII y XXIV).

Del mismo lado apareció en 1940 un grupo de tres silos cavados en la capa calcárea (lám. IV), sobre la que se asienta gran parte del

«Castillo», y en 1941 un depósito de cerca de 13 kilogramos de limonita y malaquita, mineral del que extraían el cobre, aparte de unos restos de muralla (lám. III, fig. 2).

En 1942 y 1943 se terminó la excavación del terreno que rodea al cabezo central; en el primero de esos años se hizo un reconocimiento de la muralla, y en el segundo se abrió una zanja en sentido N-S a lo largo de todo el morro (lám. V).

La excavación de 1944 fué toda ya dentro del recinto amurallado (fig. 3 y lám. VI).

CAPÍTULO II

MATERIAL RECOGIDO

Vilanova de San Pedro es, sin duda, de nuestros poblados prehistóricos, el que nos dió un material más abundante y variado. Es verdaderamente fantástica la riqueza de este castro, contándose por millares las puntas de flecha y láminas de sílex, las hachas de piedra pulimentada, los pereutores y las placas de barro, y por toneladas los fragmentos cerámicos y restos animales.

Trataremos en este capítulo, ciertamente bastante largo, de lo que más propiamente podemos llamar «industrias», dividiéndolo en *útils de uso común, armas, vestuario y adorno, objetos a que se atribuye finalidad religiosa y cerámica*.

A su vez agruparemos todo esto según la materia prima, y empezando por los ejemplares más simples tendremos:

A) ÚTILS DE USO COMÚN

1 — Objetos de piedra

De los instrumentos de piedra que no exigirían gran trabajo figuran en primer lugar los siguientes:

Muelas — Son de granito, como la casi totalidad de las muelas de nuestras estaciones prehistóricas. Se componen de dos piedras: una

de mayores dimensiones, aplanada por una de las caras, sobre la que se colocaría la materia que habría que triturar, y la otra redondeada, de menor tamaño, que haría de trituradora.

Los indígenas de algunas de nuestras provincias africanas usan aún hoy utensilios de este tipo.

Su abundancia es grande en el «Castillo», lo que indica una población muy densa o que vivió allí mucho tiempo, siendo incluso corriente el hallazgo de dos o tres juntas en un mismo fondo de cabaña. La parte inferior se encuentra generalmente partida.

Piedras de afilar — La mayoría presentan evidentes señales de utilización, a veces hasta surcos muy profundos. La materia prima — gres — vendría de lejos, pues no existe en la región ni en sus inmediaciones.

Discos — Son objetos, en general, calcáreos, de variadas dimensiones, con una de las caras — la inferior — lisa, y la superior ligeramente abovedada o cónica. Acaso eran tapas de vasos pequeños.

Percutores — De sílex, granito, calcáreo, anfibolita, etc. Es grande la profusión de estos objetos. Generalmente presentan la forma de una esfera, pero los hay de calcáreo con aspecto de pequeño queso o de cilindro truncado con aristas redondeadas. De los de anfibolita, unos se parecen a un disco de un centímetro y medio de grueso (lám. VII, núm. 28), y otros a un hacha pulida cuadrangular (lám. VII, núm. 24) con las extremidades truncadas, mostrando en los extremos o en la periferia señales evidentes de utilización.

Hachas — Llega al orden de los millares el número de objetos de este tipo, de anfibolita, esquisto anfibólico o diorita, casi siempre cuadrangulares y de muy imperfecta construcción (lám. VII, núm. 18, 25, 27, 29; lám. VIII, *q-t*).

Los habitantes del «Castillo», eximios artifices en sílex, no se esmeraban en la fabricación de las hachas de piedra pulimentada, dejando mucho que desear la perfección de muchas de ellas, sobre todo las de sección prismática.

Son raras las de tipo redondo (fig. 12, núm. 8), atribuidas por Menghin a una cultura que existiría en la India en tiempos muy

antiguos, en Siria en el quinto milenio, en Egipto en el siguiente y entraría en la Península entre 3600 y 3000 años antes de C. (30).

En tanta profusión de objetos es natural que sus dimensiones sean variadas, habiendo unos minúsculos y otros de proporciones bastante aventajadas.

Uno de ellos, de sección elíptica, presenta en medio de uno de los lados un entalle transversal, ciertamente utilizado para la fijación del mango.

Se encontraron también algunos en bruto, es decir, no pulimentados, lo que nos lleva a admitir que incluso así, incompletos e imperfectos, serían objeto de comercio.

Azuclas — De la misma materia de las hachas, pero en muy pequeña proporción, lo que nos lleva a suponer que los habitantes del «Castillo» no tendrían una gran industria de madera.

Gubias — También de anfibolita; estos objetos, que Cartailhac considera tan característicos de la arqueología portuguesa (31), no se hallan en número elevado, sobre todo si se los compara con la infinidad de hachas.

La proporción entre unos y otros viene a ser de uno por ciento, pues hemos recogido algunos ejemplares en que era muy escogida la materia prima (lám. VII, núm. 21-23).

Escoplos, cincelcs o formones — Hay un grupo de objetos de roca dura a los que no irían mal estas denominaciones. Cierto es que Vieira Natividade no simpatizaba con ellas (32), pero entre los utensilios del «Castillo» topamos con profusión de objetos, de sección más o menos cuadrangular, teniendo unos 7 centímetros de largo y 15 milímetros de ancho, con una de las extremidades en cuña, como las hachas, y otra lisa (lám. VII, núm. 30, y lám. VIII, *o-p*). Tales instrumentos no serían empleados como hachas, sino más bien como escoplos, etc.

Almireces — Entre los objetos líticos de uso común incluimos en este lugar algunos almireces de calcáreo, en general de pequeñas dimen-

(30) Oswald Menghin, *Egipto y la Península Hispánica*. Corona de Estudios, vol. I. Madrid, 1941, p. 167 ss.

(31) Emile Cartailhac, *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*. Paris, 1886, p. 175.

(32) Vieira Natividade, *As grutas de Alcobça*, p. 461.

siones, excepto uno que posee H. Cabaço (lám. XX, núm. 2), tallado en un bloque cilíndrico de aventajado diámetro, teniendo de altura un poco más de un centímetro. Es curioso un ejemplar de nuestra colección, de paredes muy delgadas, que mide de diámetro 55 milímetros y de altura 45 milímetros (fig. 4, núm. 11).

Podemos considerar como parte de un almirez una mano de mortero de lo mismo, tronco-cónico, con señales de uso bastante prolongado.

Es curiosa la figura 12, núm. 10, de forma redondeada, con la cara interior plana; tiene aspecto de ser un triturador.

Cabeza de maza (?) — Entre los hallazgos de la campaña de 1936 de Hipólito Cabaço se encuentra una especie de cabeza de maza esférica que mide aproximadamente 55 mm por 70 mm, con una perforación en V (fig. 5, núm. 5). Se parece bastante a las que cita Gordon Childe procedentes de Egipto (33).

Cuchillos — Son muy numerosas las hojas de sílex, «objetos realmente indispensables al hombre neolítico», según Vieira Natividade, que las encontró en gran cantidad en las grutas de Alcobaça (34).

La mayor parte son de tamaño pequeño; también hay muchas de lo que podríamos llamar tipo medio (láms. VII, VIII y IX).

De los ejemplares de grandes dimensiones puede decirse que ninguno aparece entero, excepto uno que se encontró en el lado N y que es sin duda uno de los más hermosos de nuestro país (lám. VIII, a). Tiene unos 275 milímetros de largo, y a pesar de estar roto en tres partes, éstas se pueden componer y enmendar.

Al lado de estos cuchillos de sílex hay decenas de otros de cuarzo hialino y muchos también de ágata (lám. IX, núm. 17-23).

Raspadores — De los objetos que entran en esta clasificación, unos son tallados en un fragmento de lámina con retoques en una o en las dos extremidades y a veces lateralmente (lám. IX, núm. 9-12; lám. XI, núm. 39-41; lám. XII, j-l), y otros han sido fabricados directamente, sin preocuparse por la lámina preexistente.

(33) V. Gordon Childe, *L'Orient préhistorique*. Paris, 1935, p. 64, fig. 15.

(34) V. Natividade, *As grutas de Alcobaça*, p. 434.

Al lado de estos instrumentos con forma de raspadores hay también restos de láminas con señales de percusión en los dos extremos, a los que suponemos la misión de encender la lumbre, a modo de chisqueros (lám. IX, núm. 7-8).

Punzones — Otros fragmentos de lámina o pedazos de sílex están aguzados en las extremidades, siendo así excelentes punzones (lám. IX, núm. 25-27 y 32-34; lám. XI, núm. 52-58; lám. XII, n-o). El objeto mayor de esta especie tiene 125 mm de longitud (lám. IX, número 24).

Sierras — Son artefactos finamente trabajados, con retoques muy parecidos a los de la técnica solutrense, de forma oval o rectangular, paralelos a los de Cascais o Palmela, sin filo dentado, pues este apenas serviría, según Cartailhac, para estorbar la operación cortante (35) (lám. VII, núm. 15-16; lám. IX, núm. 13-16).

Utensilios semejantes, aunque con entalles laterales, recogidos en las estaciones lacustres de Robenhausen y Moosseedorf iban enmangados (36) y fijados con resina (37). En esta hipótesis sólo se usaría, para cortar, uno de los bordes. Pero hallándose retocados por todas partes hay quien supone que se usarían ya por un lado ya por otro. Pero Goury tiene la impresión de que se trata de raspadores y no de sierras (38).

De estas sierras del tipo de Cascais y de Palmela se halló una en Vilanova de San Pedro, provista de una especie de espiguilla (lám. XI, núm. 49), que debía servir para incrustarse en mango por un proceso de fijación distinto del de los palafitos.

Hoces, hocccillas o elementos de hoces. — No están de acuerdo los autores sobre la clasificación de estos objetos. Unos opinan que se trata de hojas de puñal o de lanza, como Schmidt (39) y O'Riordain (40), que las juzgan precursoras de las similares de bronce.

(35) Cartailhac, *Les âges...*, p. 130.

(36) Jacques Morgan, *L'Humanité préhistorique*. Paris, 1924, p. 92.

(37) J. Déchelette, *Manuel d'Archéologie préhistorique celtique et galloromaine*, vol. I. Paris, 1928.

(38) G. Goury, *L'Homme des cités lacustres*, vol. I. Paris, 1932, p. 281-282.

(39) H. Schmidt, *Estudios acerca de los principios de la edad de los metales en España*. (Trad. de Bosch-Gimpera). Memoria núm. 8 de la C. I. P. P., Madrid, 1915.

(40) S. P. O'Riordain, *The Halberd in Bronze Age Europa*. Oxford, 1937.

L. Siret piensa que son contemporáneas, inspirándose las líticas en las metálicas ⁽¹¹⁾.

Pero el profesor H. Breuil es del parecer que se trata de pacíficas hoces con las que el hombre eneolítico cortaba hierbas. Fúndase esta hipótesis en el hecho de que estos elementos presentan una pátina especialmente lustrosa, como resultado de un uso muy continuo, en su borde.

Los dos primeros autores, basados en objetos semejantes de los palafitos de Vinelz y Chevroux, llegaron a presentar el dibujo de una reconstrucción completa de la empuñadura de un puñal de Monte Abraham ⁽¹²⁾. Instrumentos de este tipo son muy numerosos en Vilanova de San Pedro (lám. VII, núm. 1-6 y 9-11; lám. VIII, *b-f*; lám. IX, núm. 1-6).

También se identificaron fragmentos de sílex procedentes de una pieza dentada (lám. XI, núm. 42-47; lám. XII, *p-r*). Con fragmentos iguales que éstos reconstruyó Bonsor una hoz ⁽¹³⁾ de acuerdo con los modelos que Petrie encontró en Egipto, cuyos dientes se hallaban incorporados por medio de una masa bituminosa en la ranura de una pieza de madera.

En el yacimiento de El Oficio también los hermanos Siret encontraron fragmentos de sílex semejantes con sierrecilla unilateral, dos de los cuales aún tenían restos del betún ⁽¹⁴⁾.

Núcleos — Son muy variados los ejemplares recogidos, unos de sílex, otros de cristal de roca y de cuarzo, todos con extracción bien definida de pequeñas láminas (lám. XI, núm. 50, 51 y 59).

Otros objetos — Podemos aún enumerar otros objetos, como por ejemplo:

⁽¹¹⁾ L. Siret, *Orientaux et Occidentaux en Espagne*. Revue des Questions Scientifiques. Bruxelles, 1908, p. 63.

⁽¹²⁾ Schmidt, *Estudios acerca...*, p. 42.

O'Riordain, *The Halberd...*, p. 248.

⁽¹³⁾ G. Bonsor, *Les colonies agricoles pré-romaines de la vallée du Betis*. Revue Archéologique, tomo XXXV. Paris, 1899, p. 134.

⁽¹⁴⁾ H. y L. Siret, *Les premiers âges du métal dans le sud-est de l'Espagne*. Atlas et Texte. Anvers, 1887, p. 190.

Fragmentos de piedra alisada, de poca espesura, que bien pudieron ser empleados como espátulas.

Pedazo de anfibolita de cerca de 15 centímetros de longitud, sección elíptica, redondo en una de sus extremidades, provisto de una pequeña cavidad, quién sabe si utilizado para triturar cualquier sustancia colorante o para preparar tintas.

Fragmento tronco-cónico de cuarcita, de paredes perfectamente pulimentadas, cuya utilización no es posible adivinar.

2 — *Objetos de hueso*

Aunque con menos variedad que lo anterior, no deja el utensilio de hueso de ser importante, como veremos en el estudio de esta industria, tanto en los objetos de uso común como en los de vestuario y armas y en los de uso religioso.

Mangos — En la mayor parte de los casos están constituidos por un hueso provisto de una abertura en cada lado; son de pequeñas dimensiones, no pasando en general de 8 a 9 centímetros (lám. XIII, núm. 16-20).

Uno de los más curiosos fué hallado en nuestras primeras excavaciones y enmangaba aún un magnífico cuchillo de cobre (lám. XIX, núm. 1), de que hablaremos más adelante. Otro conserva en el interior restos de metal, acaso fragmentos de un punzón (lám. XV, núm. 13).

Perforadores — Llamamos así a ciertos artefactos de pequeñas dimensiones con una de las puntas aguzadas (lám. XIII, núm. 3-8, 13-15 y 22-25; lám. XIV, núm. 6; lám. XV, núm. 4-7), que debían cumplir muy bien las mismas funciones que sus similares de sílex.

Espátulas — Son, en su mayor parte, objetos delicados, teniendo una extremidad en pico y otra adelgazada en forma de pala (lám. XIII, núm. 26-31; lám. XV, núm. 8-10; lám. XVI, núm. 42-43 y 45-49).

Alisadores — Más gruesos y anchos que los anteriores, estos utensilios eran aptos para un mayor esfuerzo. Algunos en forma de cuña (lám. XIV, núm. 2-5; lám. XV, núm. 2-3) se parecen al ejemplar de V. Natividade, de las grutas de Alcobaça, que él llama «pulidor» ⁽¹⁵⁾.

⁽¹⁵⁾ *Grutas de Alcobaça*. Est. XVIII, núm. 145, p. 69.

Childe describe objetos análogos de Marmadas bani Salama, delta del Nilo ⁽⁴⁶⁾.

3— *Objetos metálicos*

Dos palabras previas sobre la metalurgia del «Castillo» y los análisis que encargamos hacer.

Este castro es contemporáneo de los primeros instrumentos del metal.

La forma y la materia de muchos entran efectivamente en lo que hay de más primitivo en la metalurgia prehistórica. Nos pareció que casi todos los instrumentos serían de cobre. Para asegurarnos tomamos al azar dos fragmentos y obtuvimos que fuesen analizados por el ilustre profesor del Instituto Superior Técnico, ingeniero Amilcar de Jesús. He aquí el resultado del análisis:

«Por medio del ingeniero señor Augusto de Melo Nogueira me fueron entregados dos fragmentos de objetos prehistóricos, uno de forma tabular y otro oblongo, procedentes de las excavaciones realizadas en la región de Cartaxo por los investigadores P. E. Jalhay y teniente Afonso do Paço, para determinar si estaban hechos con bronce.

El análisis me permitió reconocer la falta de estaño en ambos fragmentos, por lo que concluyo que no son de bronce, sino simplemente de cobre.

Lisboa, 22 de julio de 1939. — (Firmado): Amilcar Mario de Jesús».

Es fácil que algunos de estos objetos hayan sido fabricados aquí o, al menos, en la Península. Son bien conocidas las conclusiones a que llegó L. Siret sobre las explotaciones metálicas y sobre todo argentíferas del Cabezo de Herrerías, en Almizaraque (Almería), conclusiones luego confirmadas por Bosch Gimpera ⁽⁴⁷⁾. Por ellas sabemos que en una fase avanzada del eneolítico hubo verdaderas explotaciones de metal en la mina argentífera de Las Herrerías. Esta actividad se

⁽⁴⁶⁾ *L'Orient préhistorique*, p. 65.

⁽⁴⁷⁾ Pedro Bosch Gimpera y Francisco de Luxán, *Exploración de yacimientos argentíferos en el Eneolítico, en Almizaraque (pro. de Almería)*. Investigación y Progreso, año IX, núm. 4, p. 112.

refería principalmente al mineral de plata, pero se extendía también al de cobre, traído éste de yacimientos un poco distantes. También se hallaron verdaderos lingotes de cobre al lado de carbonatos del mismo metal, aún por tratar, en hornos y crisoles especiales para este objeto.

La bibliografía de las minas prehistóricas es ya muy extensa ⁽⁴⁸⁾. Una de las más antiguas de la Península es la encontrada en las obras del túnel de Rossio, para la explotación de pedernal, por el ingeniero Paulo Choffat, de la que dió una pequeña descripción ⁽⁴⁹⁾. Pero aun sin salir del país tenemos otras explotadas desde los primeros momentos de la utilización de los metales. Las minas de Rui Gomes, Monte do Judeu, Heredad de Bugalho, Algares, etc., de Alentejo, y las de Margalho, Penedo, Picalto, Santo Estevão y otras, de Algarve, presentan vestigios bastante claros de actividad metalúrgica de esa época.

El cobre abunda, sobre todo, en el S de Portugal y SO de España, en forma de piritas; pero también le vemos al N del Tajo en calcopiritas y otros minerales. Cobre nativo y malaquita se extrae en las minas del Palhal y Valle do Bicho, en Aveiro, y existe más o menos en todas las regiones cobreras de Portugal.

En Vilanova de San Pedro se trabajó también el cobre. Lo prueban los numerosos fragmentos de crisoles encontrados (lám. XXVIII, núm. 4), algunos de ellos aún con incrustaciones de metal derretido, la abundancia de escorias recogidas en varios fondos de cabaña y los montones de mineral, alguno de hasta 13 kilos y medio, recogido em 1941

⁽⁴⁸⁾ Para los hallazgos anteriores a 1882 puede verse:

John Evans, *L'Age du Bronze*. Paris, 1882, p. 457, nota 2.

Para los trabajos posteriores y determinadamente de nuestra Península, véase:

Estácio da Veiga, *Antiguidades Monumentais do Algarve*, vol. III

J. de C. Serra i Ráfols, *Els començos de la mineria i la metallúrgia del coure a la Península Ibérica*. Butlletí de la Associació Catalana d'Antropologia, Etnologia i Prehistoria, vol. II, p. 147.

R. de Serpa Pinto, *Activité minière et métallurgique pendant l'âge du Bronze en Portugal*. Oporto, 1933.

Idem, *Exploraciones mineras de la Edad del Bronce en Portugal*. Investigación y Progreso, año VII, núm. 6, p. 177.

⁽⁴⁹⁾ Paul Choffat, *Exploitation souterraine du silex à Campolide aux temps néolithiques*. O Archeologo Português, XII, 1907, p. 338-342.

(fig. 3, c). Enviamos una muestra al referido profesor Amilcar de Jesús, que nos respondió con este atento informe:

«En relación con mi informe del 22 de julio, debo añadir que los objetos prehistóricos que me fueron confiados venían acompañados de fragmentos de mineral limonítico con incrustaciones de malaquita.

No hay en la región de Cartaxo minas de cobre conocidas, por lo que se supone que esos materiales vendrían de lejos, probablemente de Alentejo, sin que se pueda establecer relación de origen con alguna de las numerosas minas de cobre de nuestro país.

Lisboa, 31 de agosto de 1939. — (Firmado): Amilcar Mario de Jesús».

Este informe es de gran interés, pues nos da a conocer que los habitantes del «Castillo» iban a buscar el cobre a un lugar distante, aún ignorado por nosotros.

Estudemos ahora los tipos principales de instrumentos metálicos que creemos poder incluir en los de «uso común»:

Hachas — Son numerosas y de varios tamaños (lám. XVII, núm. 1-4 y 11; lám. XVIII, núm. 1), teniendo la mayor de longitud 185 mm (lám. XVIII, núm. 1) Algunas están rotas. Pertenecen al tipo primitivo de las hachas planas de sección subrectangular, que en su mayoría son de cobre⁽²⁰⁾. Aparecen con frecuencia en Portugal y en España (zona S principalmente). Es curioso observar — como ya lo hicieron el profesor Mendes Corrêa y el fallecido ingeniero R. de Serpa Pinto — que su área de expansión, entre nosotros, acompaña de un modo clarísimo la región de las grandes minas de cobre⁽²¹⁾.

Al lado de estas hachas, de dimensiones relativamente aventajadas, hay una infinidad de otras de la misma forma, pero minúsculas (una de ellas no tendría más de 3 centímetros de longitud), ciertamente destinadas a trabajos más delicados (lám. XV, núm. 22; lám. XVII, núm. 5-8; lám. XVIII, núm. 15-17).

(20) Emile Cartallhac, *Les âges...*, p. 230.

Estácio da Veiga, *Antiguidades Monumentais...*, vol. III, p. 91.

(21) R. de Serpa Pinto, *Activité minière...*, fig. 3.

A. A. Mendes Corrêa, *A Lusitania pré-romana*. História de Portugal. Barcelos, 1928, vol. I, p. 152.

Es natural que fuesen enmangadas. No nos parece razonable incluirlas en la categoría de «amuletos». Habiendo en este castro muchos objetos útiles de cobre de formas varias y muy pequeños, es de presumir que estas hachas serían también objetos útiles.

Cuchillo o puñal — Es una de las piezas más interesantes de este poblado, pues se halló perfectamente enmangada en hueso duro (lám. XIX, núm. 1). El trabajador que la encontró dió con la azada en el mago, reduciéndolo, desgraciadamente, a varios fragmentos. Logramos, sin embargo, reconstruirlo recogiéndolos todos y restaurando esta bellísima pieza prehistórica.

Mide de longitud, en total, 237 milímetros, incluyendo la espiga, que mide 75 milímetros. El mango tiene 107 milímetros, encerrando naturalmente toda la espiga y aun parte de la hoja.

La forma curva de ésta recuerda las halladas en Lapa de Rotura, si bien éstas no estaban dotadas de espiga ni tenían mango⁽²²⁾. Quizá se pueda establecer un paralelo con la navaja curva de cobre que Bonsor halló en una sepultura de Acebuchal⁽²³⁾. Mariano Vidal habla también de un cuchillo de cobre con mango de hueso de Cova Fonda (Tarragona), que infelizmente desapareció⁽²⁴⁾.

La influencia egipcia parece indudable, tal es la semejanza con los objetos que nos presenta Morgan de las márgenes del Nilo⁽²⁵⁾.

También se hallaron bastantes láminas curvas de cobre.

Escoplos — Ya nos referimos a objetos líticos que podían ser designados así. En el grupo de objetos metálicos hay otro grupo de algunos que son más delgados, de cerca de un centímetro de lado y bastante largos. Uno de ellos mide 153 milímetros (lám. XVII, núm. 22; lám. XVIII, núm. 14). Termina una de las extremidades en forma de cuña, estando la otra ligeramente aplastada por haber sido golpeada con un percutor. Hay objetos idénticos en otras estaciones como: Barro, Rotura, Pragança, Outeiro de S. Mamede, Sabugal, etc.

(22) A. J. Marques da Costa, *Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal*. O Archeologo Português, vol. XIII, p. 275.

(23) G. Bonsor, *Les colonies agricoles...*, p. 132.

(24) Luis Mariano Vidal, *Cerámica de Ciempozuelos en una cueva prehistórica del N. E. de España*. Barcelona, 1916, p. 7.

(25) Jacques de Morgan, *L'Humanité préhistorique*, p. 120.

Sicrras — Conservamos varios fragmentos de ellas, el mayor de cerca de 6 centímetros de largo. Los dientes están bastante gastados por el uso y el paso del tiempo (lám. XVIII, núm. 12 y 14).

Estarían naturalmente enmangados, pues uno del castro de Rotura guarda aún los entalles de la base, como ciertos puñales. No son objetos raros en el eneolítico portugués.

Sovelas — Se usaban ciertamente con mango o empuñadura. Uno de los mangos de hueso citados contenían aún restos de una (lám. XV, núm. 13).

Unas son delgadas, otras ensanchan en el centro, afilándose en las extremidades. Algunas parecen pequeños punzones (lám. XIX, núm. 2).

Clavijas — Aunque esto parezca hallazgo de poca importancia, es de los más importantes de las excavaciones de 1938.

Se trata de dos clavijas de alabarda o puñal; la mayor tiene 15 milímetros de largo y la cabeza redonda (lám. XIX, núm. 14 y 16). Por su forma nos inclinamos a atribuir las a una alabarda del tipo de Alcalar o aun del Algar.

Como más adelante diremos al tratar de las armas, se halló un instrumento metálico con perforaciones en la base propio para ser enmangado (lám. XVIII, núm. 7).

B) ARMAS

1 — De piedra

Incluimos en este grupo las puntas de flecha y los puñales de sílex.

Flechas — Es verdaderamente asombrosa la riqueza de puntas de flecha de esta localidad; muchas de ellas, como es de suponer en objetos tan delicados, se encontraron partidas. En tal profusión es natural que aparezca una gran variedad de tipos (láms. X, XI y XII).

Predominan los ejemplares de base recta o cóncava, cuarto grupo de la clasificación de Aberg^(*), que este arqueólogo considera características del apogeo del eneolítico, siendo bastante raros los tipos

(*) Aberg, *La civilisation énéolithique...*, p. 51-52.

en forma de rombo, los foliáceos o los de base convexa, generalmente tenidos por más primitivos^(*).

El tipo mitriforme (lám. X, núm. 43-63; lám. XI, núm. 23-33; lám. XII, *c-d*), es decir, semejante a una mitra episcopal, es de los más curiosos y muy característico de la cultura de Alcalar^(**), de un bronce ya bastante avanzado. Algunas terminan como en un pico de alfiler, pareciéndose a los ejemplares que L. Siret recogió en la sepultura 40 de Los Millares^(***).

Hay algunas con una de las puntas laterales en pico y otra truncada o con una abertura basal muy profunda (lám. XI, núm. 34), como observó Estácio da Veiga en los ejemplares de Aljezur, Nora, Marela y Alcalar^(***), y G. Brunton en la cultura Badariense^(****).

En las últimas campañas, 1942 y 1943 principalmente, aparecieron algunos tipos con dentellado lateral más o menos profundo (lám. XII, *e-f*), y otros de vértice corto y base ancha muy abierta, que se parecen bastante a algunas egipcias^(****).

La materia prima, el sílex, no se encuentra en la región. Sin embargo, algo de sílex — de color rojizo — aparece a algunos kilómetros al N de Vilanova de San Pedro, según informaron los mismos trabajadores de la excavación.

Al lado de estos ejemplares hechos se hallan muchos sin terminar, en fases diversas de su elaboración (lám. X, núm. 70-73).

(*) Véase el magnífico estudio de los tipos de flechas según las diferentes fases de las culturas de Almería y de Los Millares en G. y Vera Leisner: *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel*. Berlín, 1943, I, p. 425 y ss., y II, láminas 141-144, y sobre todo el cuadro sintético de la lám. 163.

(**) Estácio da Veiga, *Antiguidades Monumentais...*, vol. I, láminas III, XIV, XVII.

(***) L. Siret, *L'Espagne préhistorique*. Revue des Questions Scientifiques. Bruxelles, 1893, p. 47.

(****) Estácio da Veiga, *Antiguidades Monumentais...*, I, p. 194-195, 224-225, 252-253, 262-263.

(****) Guy Brunton y Gertrude-Thompson, *The Badarian Civilisation*. Londres, 1928, lám. XXIX.

(****) V. Gordon Childe, *L'Orient préhistorique*, p. 62.

Oswald Menghin, *El origen del pueblo del antiguo Egipto*. Ampurias, volumen IV, Barcelona, 1942, lám. VI.

Lanzas o puñales — Ya aludimos a estos objetos al tratar de las hoces (láms. VII, VIII y IX), que algunos autores, como el profesor H. Breuil, consideran como instrumentos agrícolas.

Ciertos ejemplares son de hoja muy ancha. Por desgracia, están rotas las que tenemos de este tipo (lám. VII, núm. 6).

Schmidt y O'Riordain consideran lanzas las de hoja más ancha y puñales los más estrechos ⁽⁶³⁾. Un ejemplar de Vilanova de San Pedro, desgraciadamente incompleto, presenta dos entalles laterales en la base (lám. XI, núm. 48), igual que una encontrada en una sepultura de Los Millares ⁽⁶⁴⁾ y otra en Garrovillas (Cáceres), actualmente en el Museo Arqueológico Nacional de Madrid. Son copia de instrumentos de cobre de la misma época.

En una lista de utensilios con la misma característica que presenta O'Riordain figura como el más interesante un ejemplar de Monte Abraham que existe en el Museo de la Comisión de Servicios Geológicos ⁽⁶⁵⁾.

En España, además de los ejemplares citados, hay uno de Gádor (Almería) que Siret cita ⁽⁶⁶⁾. Pasando los Pirineos podemos determinar paralelismos con las del dolmen de Vinnac (Aveyron), Roufach (Alto Rhin) y Oermingen (Bajo Rhin) ⁽⁶⁷⁾.

Ejemplares con entalles aparecen también en el Nilo ⁽⁶⁸⁾.

⁽⁶³⁾ Schmidt, *Estudios acerca...*, p. 35.

⁽⁶⁴⁾ O'Riordain, *The Halberd...*, p. 248.

Georg y Vera Leisner, *Die Megalithgräber...*, II, lám. 10.

L. Siret, *L'Espagne préhistorique*, p. 48.

⁽⁶⁵⁾ Carlos Ribeiro, *Estudos pré-históricos em Portugal*, II. Lisboa, 1880, p. 28-30.

⁽⁶⁶⁾ Louis Siret, *Questions de chronologie et d'éthnographie ibériques*. Paris, 1913, p. 372.

⁽⁶⁷⁾ G. Goury, *L'Homme des cités lacustres*, I, p. 331, 332.

J. Déchelette clasifica el ejemplar de Vinnac como punta de flecha: *Manuel d'Archéologie*, I, p. 496.

⁽⁶⁸⁾ Gui Bruton y Gertrude Caton-Thompson, *The Badarian Civilisation*, lámina XX.

2 — Objetos de hueso

De entre los que podemos calificar de armas enumeraremos:

Puntas de flecha — Algunos objetos pequeños de hueso, puntia-gudos, parece que podrían ser utilizados como puntas de flecha, como ocurre aún hoy en algunos pueblos salvajes (lám. XIII, núm. 9-10).

Puñales — De los instrumentos de hueso es uno de los más abundantes en este castro y de los de fabricación más sencilla. Llamamos esto puñal porque, aparte de ser posiblemente esa su utilización, lo parece por el puño de que está dotado. Se usaría en el ataque o la defensa personal. Algunos son de aventajadas dimensiones, como el de la lám. XIII, núm. 1, que mide 18 centímetros y está provisto de un orificio de suspensión. Es ejemplar curioso el núm. 1 de la lám. XIV, hecho de un cúbito de bóvido.

Estácio da Veiga encontró otros semejantes en Algarbe ⁽⁶⁹⁾; el abate Philippe en Fort Harrouard, en niveles del bronce III y IV ⁽⁷⁰⁾; Vieira Natividade en el Cabeço da Ministra ⁽⁷¹⁾; el padre Koehler en la gruta de Achakar ⁽⁷²⁾, etc.

3 — Objetos de metal

Son las mejores de las armas recogidas.

Flechas pedunculadas — Por su forma recuerdan las de sílex de base cóncava con pedúnculo. No se conocen en el N de Europa. Son también raras entre nosotros. Aparecen a veces aquí o allí, pero no parece que se depositasen en las sepulturas, o al menos no se las encontró en el ajuar de las muchas que se exploraron por Siret. Es curioso que hasta bien entrada la edad de los metales el sílex parece preferirse para la fabricación de esta arma. Cogimos algunos ejemplares (lám. XVII, núm. 23-25), teniendo la mayor 57 milímetros de largo.

⁽⁶⁹⁾ Estácio da Veiga, *Antiguidades Monumentais...*, vol. III, p. 211.

⁽⁷⁰⁾ Abbé J. Philippe, *Le Fort-Harrouard*. L'Anthropologie, t. 47, p. 578.

⁽⁷¹⁾ Vieira Natividade, *Grutas de Alcobaça*, p. 469.

⁽⁷²⁾ Henry Koehler, *La grotte d'Achakar au cap Espartel*. Bordeaux, 1931. Plan, I y II.

Hojas de lanza — Aberg las llama hojas del tipo de Palmela (lám. XVII, núm. 20; lám. XVIII, núm. 8-13); aquí se hallaron dos ejemplares diferentes ⁽⁷²⁾. Su forma recuerda una hoja vegetal a la que falta el peciolo, figurado por el espigón. Las más pequeñas se llaman a veces puntas de flecha, y las mayores, puntas de lanza. Tenemos una de 92 mm de largo, y acaso fragmentos de otras. En Algarbe son bastante frecuentes; la conocida lanza de Aljezur señala el último grado de su evolución ⁽⁷³⁾. Estácio da Veiga habla de una de Balugaes (Barcelos), y apoyado en lo rudimentario del trabajo las supuso de fabricación local ⁽⁷⁴⁾. En efecto, no aparecen mucho fuera del área cultural del SO de la Península. Sin embargo, se hallaron en La Coruña, en la necrópolis de Puentes de García Rodríguez, que dió también ejemplares de vaso campaniforme, magníficos, ciertamente de origen portugués ⁽⁷⁵⁾, y en algunas localidades de Andalucía ⁽⁷⁶⁾.

Dagas o puñales — Las llaman unos autores «dagas», otros puñales (lám. XVII, núm. 16-19; lám. XVIII, núm. 2-7). Recuerdan ciertos instrumentos de sílex, por ejemplo de S. Martinho de Cintra o de Los Millares, en forma de larga hoja de lanza o de daga con dos entalles semicirculares en la base. Son precursores de los puñales y alabardas con clavijas, de que también recogimos un ejemplar, y se cuentan entre los más primitivos instrumentos de cobre. Las dagas más características de las que se encontraron en Portugal son, sin duda, las procedentes del monumento núm. 3 de Alcalar ⁽⁷⁷⁾. También se hallaron en España, en Gádor (Almería), por ejemplo. Siret opina que su forma procede de los puñales de sílex egipcios ⁽⁷⁸⁾, habiendo llegado a la Península por el N de Africa.

⁽⁷²⁾ Marques da Costa, *Estações pré-históricas...*, vol. XII, fig. 320.

⁽⁷³⁾ Estácio da Veiga, *Antiguidades Monumentais...*, IV, lám. V.

⁽⁷⁴⁾ Idem, *Antiguidades Monumentais...*, IV, p. 46.

⁽⁷⁵⁾ F. López Cuevillas y F. Bouza-Brey, *La civilización neo-eneolítica gallega*.

Archivo Español de Arte y Arqueología, núm. 19, p. 20, fig. 21.

⁽⁷⁶⁾ L. Siret, *Questions...*, pág. 395.

George y Vera Leisner, *Dis Megalithgräber...*, I, p. 535.

⁽⁷⁷⁾ Estácio da Veiga, *Antiguidades Monumentais...*, vol. III, lám. IX.

⁽⁷⁸⁾ L. Siret, *Questions...*, p. 374.

En cuanto a la forma de fijación podemos señalar tres procedimientos:

1.º — Por entalles junto a la base, parecidos al ejemplar de sílex antes referido.

2.º — Por una especie de espiga.

3.º — Por medio de tres orificios para tres clavijas, lo que le da un tipo marcadamente alcalarense o quizá algárico (lám. XVIII, núm. 7).

Esta última identificación parece demostrar que Vilanova de San Pedro alcanzó un bronce bastante avanzado.

Uno de los ejemplares del «Castillo» se halla entero, midiendo 145 milímetros (lám. XVII, núm. 17).

Algunos tipos alargados, de mayores dimensiones, presentan una nervadura central (lám. XVIII, núm. 4).

C) OBJETOS DE VESTUARIO Y ADORNO

Nada sabemos de las maneras de vestir de los habitantes de este castro, ni de las condiciones climáticas de entonces que les obligasen a ir más o menos abrigados.

Sin embargo, el uso de botones y agujas aparecidos entre el mobiliario, los alfileres de hueso considerados elementos de adorno femenino, las placas de barro tenidas como pesos de telar, fusayolas, etc., suponen una industria del vestido muy desarrollada, bien distinta de la casi desnudez de algunos salvajes.

Estudiaremos en este párrafo algunos objetos que parecen estar ligados a las industrias de hilado y tejido, a la indumentaria, al adorno corporal, pintura y tatuaje.

Cuentas y colgantes — La variedad de cuentas es grande, como puede verse en la lám. XV, núm. 25-28 y 32-42; lám. XVI, núm. 58; lám. XXII. La mayor parte son de piedra y abundan las muy pequeñas de calaite. El verde jade de algunas prueba la meticulosidad que el hombre de entonces ponía en la elección de materias que aún hoy nos hacen buen efecto.

Un buen número de ellas son ovales o ligeramente achatadas en sentido longitudinal. En las de forma cilíndrica la perforación dominante es en V.

Además de estos ejemplares líticos hallamos otros de barro, uno de ellos de grandes dimensiones (lám. XXII, *a*); de hueso, a veces decorados con círculos transversales paralelos, y de conchas horadadas (lám. XV, núm. 25).

También recogimos fragmentos de hueso con recortes más o menos profundos para extracción de cuentas, exactamente iguales a otras que se encuentran acabadas (lám. XIV, núm. 17; lám. XVI, núm. 29).

Hay colgantes, en su mayoría de esquisto, provistos de un orificio de suspensión; los hay de hueso, incluso dientes horadados o con un entalle en la parte superior de la raíz (lám. XV, núm. 14; lám. XVI, núm. 41, 53-54, 56-57, 59-60; lám. XXII).

Alfileres — De todos los objetos de hueso, son éstos los mejor trabajados y que representan mayor gusto.

Difieren bastante de los de Alcobaça, Cascais y Alapraya, constituidos por un asta comprimida provista de cabeza, en general postiza y decorada.

Los ejemplares de Vilanova de San Pedro se parecen más a los tipos orientales de que habla Childe ⁽⁸⁰⁾, y se alinean, en cuanto a hallazgos portugueses, con los de Pragança, población no muy lejana a Vilanova.

Sus dimensiones son menores que las de los citados de Cascais y Alcobaça. El asta es más fina, y las cabezas — de una pieza con ésta —, caprichosamente torneadas en la mayoría de los casos (lám. XIV, núm. 19-32 y 38-39; lám. XV, núm. 15-19; lám. XVI, núm. 7-18, 20-26). Un ejemplar existente en una colección de Alenquer tiene exactamente los mismos dibujos que una minúscula «piña» calcárea de San Martinho de Cintra ⁽⁸¹⁾.

Se piensa que estos objetos servirían de adorno para las cabezas femeninas.

Agujas — De hueso, muy rudimentarias, presentan una base muy ancha en la que se abre un orificio, no pudiendo servir para usos delicados (lám. XIV, núm. 9-12). A pesar de haberse hallado varios objetos metálicos, no hemos visto ninguno que pueda llamar-se aguja.

⁽⁸⁰⁾ *L'Orient préhistorique*, p. 65.

⁽⁸¹⁾ Maximiano Apolinário, *Necropole neolítica do Vale de S. Martinho*. O Archeologo Português, vol. II, p. 210.

No son piezas raras, y el Museo Etnológico conserva bastantes ejemplares idénticos, de localidades en estudio y, sin embargo, sin designación de origen.

Botones — Los ejemplares recogidos son de dos tipos, unos de forma redondeada y otros oblongos. Todos tienen en una cara la clásica perforación en V (lám. XIV, núm. 41-48; lám. XV, núm. 29; lám. XVI, núm. 50-52 y 55), salvo uno que lleva un orificio en la parte central que la atraviesa del todo (lám. XIV, núm. 44).

La forma de tortuga que se nota en algunos ejemplares oblongos se tiene como de influencia egipcia.

Pendientes — Entre el ajuar metálico hay dos anillas minúsculas (lám. XIX, núm. 12-13) que decidimos llamar pendientes. En sepulturas francesas, dice Déchelette que se han hallado objetos idénticos, casi siempre de oro ⁽⁸²⁾.

Espirales — Uno de los operarios descubrió una espiral de cobre y, sin que hiciésemos caso porque estábamos atendiendo a otro asunto, se entretuvo en desenrollarla, creyendo que se trataba de un objeto de oro. Nos quedan de ella dos fragmentos (lám. XIX, núm. 34-35), que conservamos tal como nos llegaron a las manos.

Ejemplares de cobre idénticos a los de Vilanova de San Pedro refiere Siret que aparecieron en sus excavaciones de Almería. El hecho de encontrarse espirales de plata junto a la cabeza de un esqueleto en una de las necrópolis de San Antón (Orihuela) ⁽⁸³⁾ apoya la idea de que se trataba de adornos para la cabellera femenina ⁽⁸⁴⁾. En localidades portuguesas hay anillos de oro de éstos o espirales en Barro, Agua Branca, etc., y últimamente en Estoril se encontraron cuatro en una sepultura, uno de ellos envolviendo una falange. Esto nos lleva a admitir que servían también de adorno a los dedos ⁽⁸⁵⁾.

⁽⁸²⁾ J. Déchelette, *Manuel...*, vol. II, p. 359.

⁽⁸³⁾ J. Furgús, *Sepulturas prehistóricas en la provincia de Alicante*. Boletín de la Sociedad Aragonesa de Ciencias Naturales, 1906.

⁽⁸⁴⁾ J. Déchelette, *Manuel...*, vol. II, p. 352.

⁽⁸⁵⁾ Excavaciones del Dr. Leonel Ribeiro, subvencionadas por la Junta de Turismo de Cascais, cuyos objetos se encuentran en el Museo de los condes de Castro Guimarães.

Espátulas — Algunas espátulas muy pequeñas de hueso pudieron servir también a las elegantes del tiempo para la manipulación de afeites, o bien a los curanderos para su farmacopea.

Frascos para perfumes, etc. — Se trata de recipientes de hueso caprichosamente trabajados, de los que nos quedan escasos ejemplares, y que serían empleados para perfumes u otros ingredientes de belleza femenina (lám. XIV, núm. 49-52; lám. XVI, núm. 5-6).

Se hicieron de un hueso tubular del que se extrajo la médula y alisó la parte interior y que, para mayor realce, fué parcialmente quemado. Por sus dibujos puede compararse a uno de Gor (Granada) ^(*) o a la placa de hueso de Marcela ^(**). Un ejemplar que conocemos de Cascais está provisto de un cuello y no tiene dibujo alguno ^(***). Hay de otras procedencias varios fragmentos también decorados.

Estiletes o punzones — Aparecieron objetos de este grupo, de metal o de hueso, y se aplicarían seguramente al tatuaje, procedimiento de embellecimiento tan usual en los primitivos. Creemos que algunos se emplearían también en usos clínicos (lám. XVII, núm. 9-10; lám. XVIII, núm. 18-19 y 27).

Colorantes — Son varios los fragmentos de colorantes amarillos o rojos, sobre todo de éstos, algunos con señales evidentes de fricción bien prolongada.

Déchelette ^(*) y Goury ^(**) se refieren a muchos hechos que comprueban el uso de colorantes en esas culturas.

En el fondo de un vaso pequeño de este castro se encontraron restos de un colorante rojizo que se notó ya en otro de las grutas de Cascais ^(***) y en dos de Pragança.

(*) N. Aberg, *La civilisation énéolithique...*, p. 133.

(**) Estácio da Velga, *Antiguidades Monumentais...*, vol. I, lám. XXI.

(***) Afonso do Paço, *Grutas do Poço Velho ou de Cascais*. Comunicaciones de los Servicios Geológicos de Portugal, tomo XXII. Lisboa, 1942, p. 25.

(*) J. Déchelette, *Manuel...*, vol. I, p. 563.

(**) G. Goury, *L'Homme des cités lacustres*, vol. II, p. 654 ss.

(***) Afonso do Paço, *As grutas do Poço Velho...*, p. 31.

D) OBJETOS A LOS QUE SE ATRIBUYE FINALIDAD RELIGIOSA

Pasemos ahora al estudio de otra categoría de objetos, a los que se atribuye una finalidad religiosa, en su mayoría líticos, aunque no falten algunos de hueso y de barro.

Cilindros — Casi todos de calcáreo, pero los hay de cristal de roca, de hueso, de marfil y hasta de barro.

Varían las dimensiones de los de calcáreo. No falta en alguno la conocida representación de los ojos y el hipotético tatuaje facial — indicación de los brazos en opinión de algunos prehistoriadores ^(*) —, constituido por dos surcos paralelos (lám. XX, núm. 3; fig. 4, núm. 1, 6 y 9). Uno tiene tres surcos en lugar de dos, prolongándose para atrás, como en el conocido ídolo de Moncarapacho ^(**) (fig. 4, núm. 3).

Para buena parte de los investigadores estos objetos son «dobles» del muerto, teniendo por fin fijar a éste en la sepultura y evitar que salga a hacer daño a los vivos ^(***). Por ese motivo los considera Linckenheld privativos de las sepulturas ^(***). Pero Vilanova de San Pedro es un poblado y no una necrópolis, y esto no confirma la opinión del profesor de la Universidad de Estrasburgo, apoyada también por publicaciones portuguesas, especialmente por las del malogrado profesor Vergilio Correia, que en la Sierra de Mutelas recogió un cilindro de calcáreo en cada montoncillo de huesos ^(***).

Los cilindros de hueso o marfil se presentan aquí de tres tipos:

1.º — De marfil, abultado en el centro, sin decoración (lám. XVI, núm. 1).

2.º — Provisto de un surco o garganta en una de las extremidades, como algunos de Barro, Palmela, Liceia, San Martinho de Cintra, Sierra de Mutelas, etc. (lám. XVI, núm. 2 y 3).

(*) N. Aberg, *La civilisation énéolithique...*, p. 42.

(**) Vergilio Correia, *El neolítico de Pavia*, p. 92.

(***) N. Aberg, *La civilisation énéolithique...*, p. 46.

(***) Linckenheld, *L'idole cylindrique énéolithique de Terville*. *L'Anthropologie*, tomo 47. Paris, 1937.

(***) Vergilio Correia, *A exploração arqueológica da Serra das Mutelas*. *O Archeólogo Português*, XIX. Lisboa, 1914, p. 266.

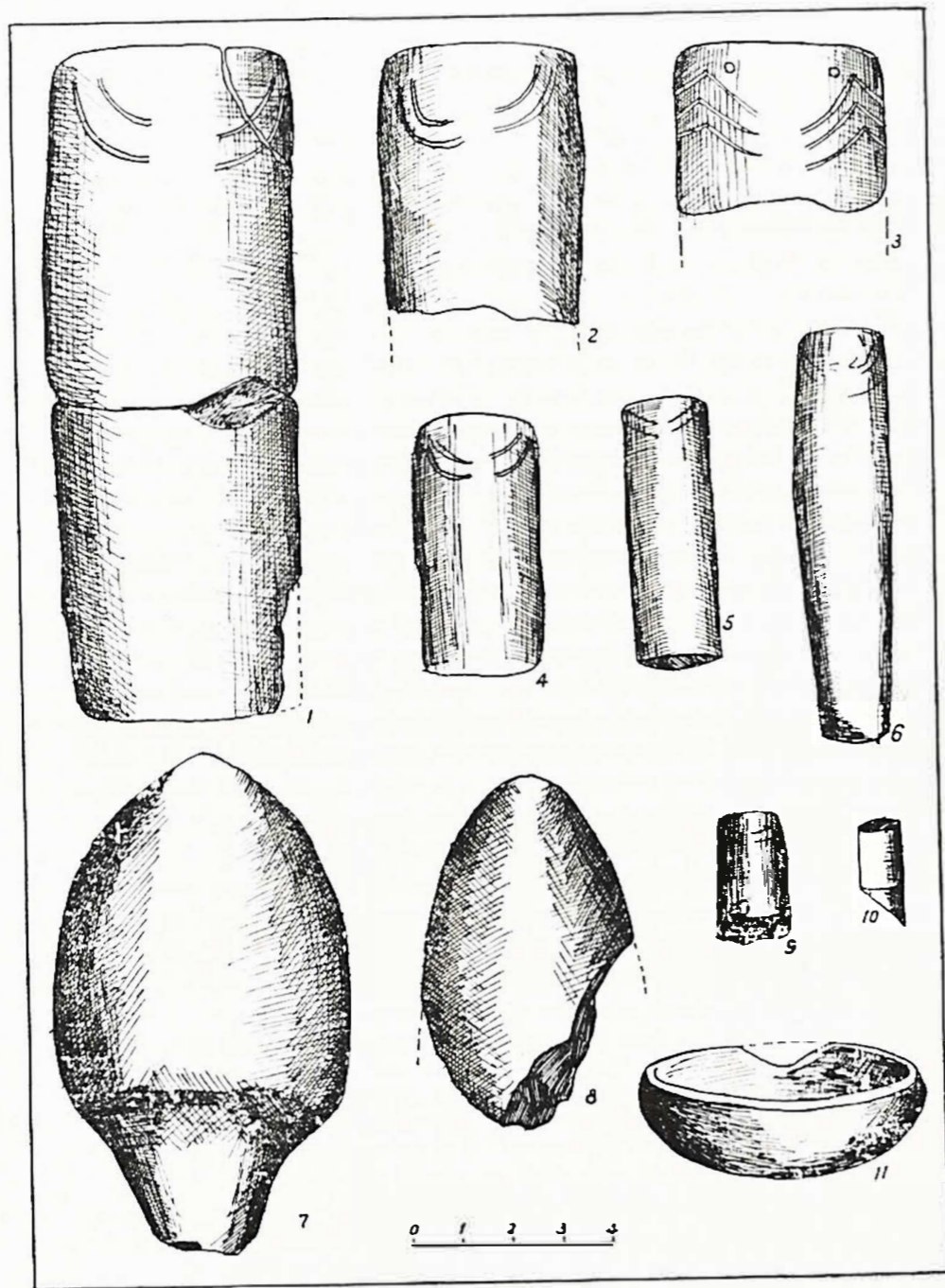


Fig. 4 — Cilindros de caliza (1-6-9-10); «piñas» de caliza (7-8) y cáliz (11).

3.º — Enteramente cilíndricos, de varios tamaños, o lisos o con pares de surcos en la extremidad superior (lám. XIV, núm. 14-15).

Uno de cristal de roca también presentaba un surco todo alrededor, lo que facilitaría la suspensión (fig. 4, núm. 10).

Falange con dibujos — También entre los objetos de hueso se halló en 1936 un fragmento de falange equina con dibujos, al parecer grabados, muy rudimentarios, del género de las que describe Siret en Los Millares (97) y Almizaraque (98) y de las citadas por Leisner (99) y H. Breuil (100).

En Portugal aparecen sobre todo en San Martinho de Cintra, Alcalar, Carenque y Gruta de Bugalheira. Los dos ejemplares de esta última localidad son ciertamente los mejores de cuantos se han recogido en la Península.

Placas de esquistó — Por lo que se refiere al simbolismo religioso, estas placas se alinean al lado de los cilindros calcáreos (101), aunque otros autores las consideren simplemente paletas de pintura (102). Escasean en esta estación, donde apenas hallamos fragmentos (fig. 5, núm. 1-2 y 4), uno de ellos con representación clara de ojos (núm. 4). Esta representación ocular en placas de esquistó sirvió de base a una clasificación de las mismas que hizo V. Correia (103).

Piña o flor de palmera — Se llama así a ciertos objetos de calcáreo, sobre los que Siret edificó curiosas teorías, viendo en ellos

(97) L. Siret, *L'Espagne préhistorique*, p. 56.

(98) L. Siret, *Orientaux et Occidentaux en Espagne*. Planche VI.

(99) G. y V. Leisner, *Die Megalithgräber...*, p. 486, donde se refiere a más de 250 ejemplares del SE de la Península.

(100) Abbé Henri Breuil, *Les peintures rupestres schématiques de la Péninsule Ibérique*, IV. Lagny-sur-Marne, 1935, p. 124.

(101) Eugeniusz Frankowski, *Estelas discoideas de la Península ibérica*. Memoria núm. 25 da C. I. P. P. Madrid, 1920, p. 46.

N. Aberg, *La civilisation énéolithique...*, p. 46-47.

L. Siret, *Questions...*, p. 394.

Afonso do Paço, *As grutas do Poço Velho...*, p. 36-37.

(102) H. Breuil, *Les peintures rupestres schématiques...*, p. 129.

(103) V. Correia, *El neolítico de Pavia*, p. 80.

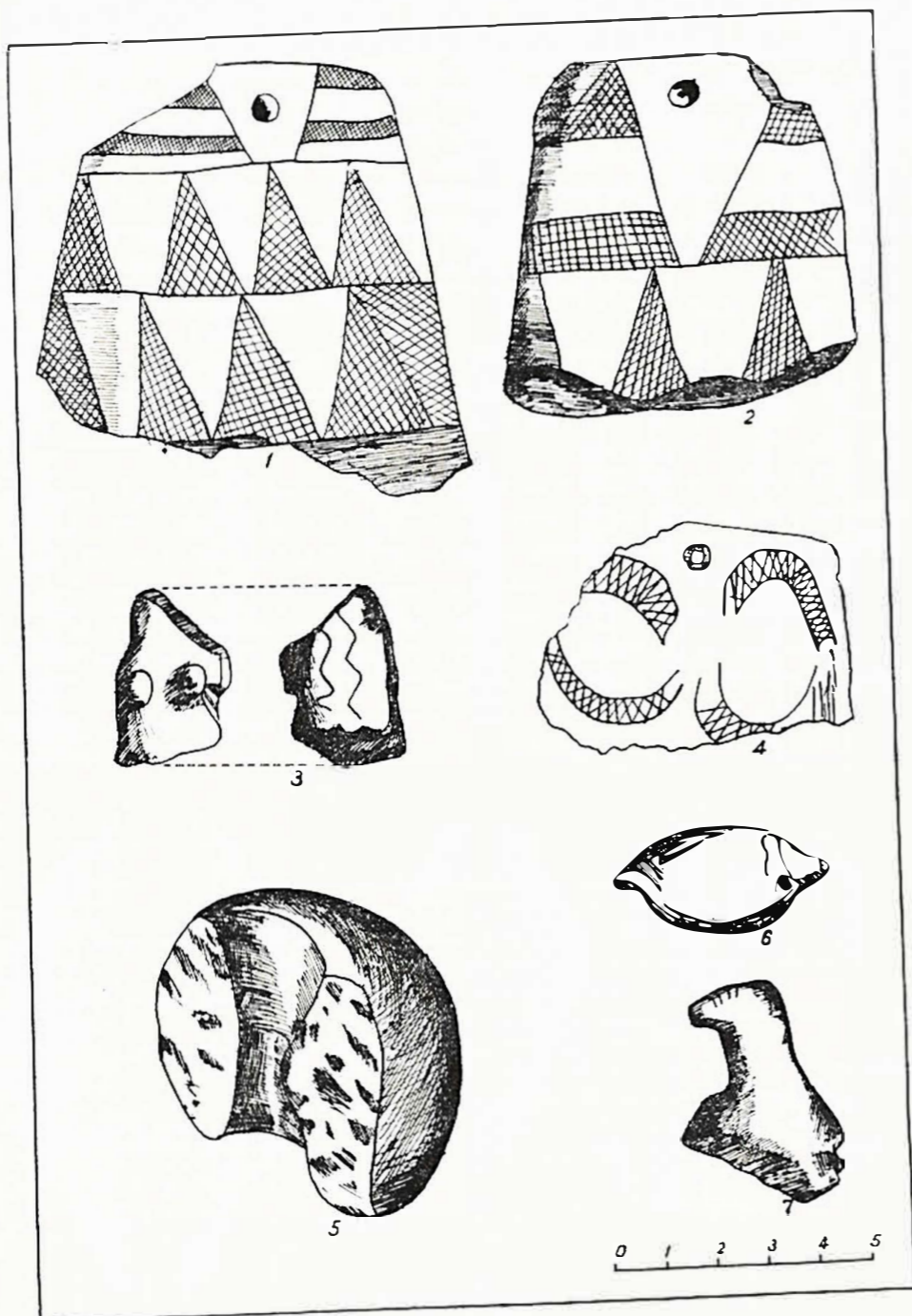


Fig. 5— Fragmentos de placas de esquisto ornamentadas (1-2-4); fragmentos de figurilla femenina de barro (3); fragmentos de maza (5); figurillas zoomórficas de barro (6-7).

un símbolo de la fecundación de la palmera, rito usual en la religión de los pueblos caldeo-asirios (104).

Pocos ejemplares se conocen de localidades portuguesas, unos completamente lisos y otros provistos de dibujos, formando una especie de ajedrezado que les da aspecto de piña, con o sin pedúnculo. Además de los dos ejemplares de Vilanova de San Pedro (fig. 4. núm. 7-8), ambos lisos y uno de ellos fragmentado, se conocen otros de San Martinho de Cintra, Carenque, Cova da Moura, Alapraia, Barro, Sierra de Mutelas y Monte Abraham.

V. Correia relacionó estos objetos con otros procedentes de Hissarlik, así como figuras de piedra sobre los túmulos de Volterra, que están en el Museo de Florencia (105).

Cuernos de barro y figuras zoomorfas— Los cuernecillos deben proceder de figuras animales, pues no presentan indicio de perforación que permitiese emplearlos como amuletos (lám. XXI, núm. 1-3).

Bonsor dice que Siret encontró ejemplares de estos objetos en la localidad de Campos (106).

La lám. XXI, núm. 6, y la fig. 5, núm. 6, representan: la primera, un cuadrúpedo muy tosco que tiene en la parte superior señal de rotura de algún elemento (cabeza del animal?), y la segunda, una figura de animal, probablemente un suido. En algunas placas de barro, como luego veremos, hay probablemente figuras de animales dibujadas.

Figuras humanas— Para terminar este grupo refirámonos a algunas figuras humanas o esquematizadas, de barro o de hueso.

De barro hay tres, una de forma prismática y sin la parte posterior. Tiene grabado en una de las caras el triángulo sexual, forma bien conocida de representación femenina (lám. XXI, núm. 5).

Este triángulo, con o sin punteado, aparece igualmente en Alcobaça, Almizaraque, Cueva de La Pileta, Egipto y Antiparos (107).

(104) L. Siret, *Questions de chronologie...*, p. 281-282.

(105) V. Correia, *El neolítico de Pavia*, p. 93.

(106) G. Bonsor, *Les colonies agricoles...*, p. 106.

(107) Afonso do Paço, *Figurinha de barro da Pedra de Ouro*, p. 38.

Simeón Giménez Reyna, *La Venus de Benaoján*. Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria, tomo XVI. Madrid, 1941, p. 444.

De otra sólo tenemos un fragmento, conservando, sin embargo, bien visibles los senos en la parte anterior, y en la posterior, unas líneas que representan probablemente los cabellos (fig. 5, núm. 3).

El abate Philippe encontró en Fort Harrouard idénticas figuras femeninas, más enteras que éstas, pero con los senos bien definidos (108).

La tercera es más importante. Está constituida por un busto, también de mujer, donde la cabeza, tronco y brazos están bien trazados, pero falta el resto del cuerpo por haberse encontrado partida (lám. XX, núm. 1). Presenta los senos bien marcados, así como la nariz y los ojos, además de dos surcos tatuados en la cara, igual que en los cilindros calcáreos.

Esta figurita, así como la de Pedra de Ouro (109) y San Martinho de Cintra (110), nos mueve a rechazar la teoría de Aberg, según la cual esos surcos representarían los brazos.

Pero el objeto más curioso encontrado hasta hoy, al que podemos atribuir un sentido religioso, es sin duda la estatuilla de hueso reproducida en la lám. XXI, *a, b, c*, encontrada en las últimas zanjas abierta al O en la campaña de 1941. Mide 51 milímetros de largo y está labrada en una sola pieza de hueso. La configuración del cráneo es claramente braquicéfala y, detalle curioso, deja ver ciertos caracteres neandertaloides. A pesar de su pequeñez tiene nariz, ojos, boca y cierta calvicie muy acentuada. Cruza los brazos delante del pecho, al modo de ciertas momias egipcias. Las piernas están bien indicadas, aunque no separadas. Faltan los pies. No hay indicación sexual clara, pero por el aspecto general parece representar un individuo masculino. Por la parte posterior parece que no está vestido y es notable el contorno de los hombros y la proporcionada exactitud de formas que presenta.

El profesor Breuil, al verla, se acordó de estatuillas caldeas y de Susa. De hecho el paralelismo es evidente y no estamos lejos de

(108) Abbé J. Philippe, *Le Fort-Harrouard*. L'Anthropologie, tomo 46. Paris, 1936, p. 608 ss.

(109) A. do Paço, *Figurinha de barro da Pedra de Ouro*, p. 33.

(110) Maximiliano Apollnário, *Necrópole neolítica do Vale de S. Martinho*. O Archeólogo Português, vol. II, p. 210.
V. Correia, *El neolítico de Pavia*, p. 92.

atribuirle un origen oriental y mas concretamente egipcio (111). No estaría descaminado compararla con las figurillas premicénicas de Amorgos (Grecia), más o menos sincrónicas de la nuestra de Vilanova de San Pedro (112).

Y terminemos la relación de los hallazgos de carácter religioso con algunas palabras sobre un curioso descubrimiento realizado en las excavaciones de 1939.

En la excavación de ese año notamos en la parte occidental del «Castillo», por debajo de las tierras arqueológicas, una capa de barro con aspecto de arena amasada que nos llamó la atención por su extensión y profundidad. Nos hallábamos en presencia de algo anormal, y aun con perjuicio de las otras, hicimos incidir el mayor esfuerzo en la excavación y remoción de esa arena en la medida indicada por la fig. 6 y por las láms. XXIII y XXIV.

Se presentaba más bien estéril desde el punto de vista arqueológico. Apenas aquí o allá un fragmento suelto de cerámica atípica, de hacha pulimentada o de placa de barro muy grosera, incluso alguna punta de flecha de tipo análogo de las que aparecían en la capa más superficial a menos de 0,60 metros de profundidad. Algunos huesos de animales y piedras aquí o allá, pareciendo haber sido arrojado todo allí con el barro amasado.

En el lugar G (fig. 6) la agrupación de huesos de grandes dimensiones era mayor y por su extensión y disposición parecía indicar un corpulento bóvido enterrado al tiempo de lanzar aquella argamasa. Si la operación hubiese sido posterior, la misma arena lo indicaría; por ejemplo, sería menos homogénea, aparecería mezclada con tierra negra de la superficie, etc. Nada de esto se observó.

Mientras que en la parte oriental y central de ese foso llegamos a terreno firme, al O seguíamos ahondando más, identificando una cavidad y después una capa de piedras de medianas dimensiones (fig. 6, D). Más abajo empezó a dibujarse el borde de una gran vasija que se mostraba intacta, apenas con una pequeña parte del borde rota.

(111) J. de Morgan, *L'Humanité préhistorique*, p. 120 y 202.

(112) J. Déchelette, *Manuel...*, vol. II, p. 45.

El obrero que efectuaba este trabajo, viendo a tal profundidad tamaño recipiente, se acordó de la leyenda antes referida de los dos cacharros uno con oro y otro con enfermedades y notando que allí no

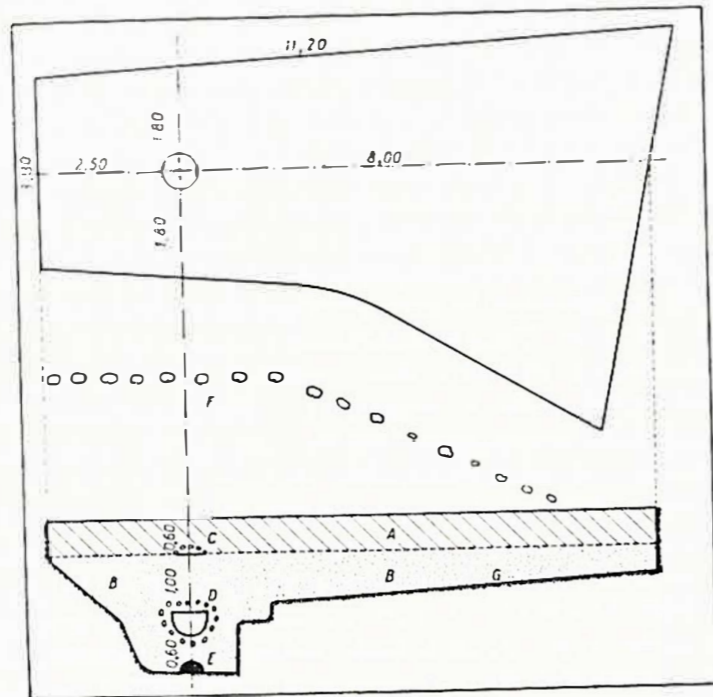


Fig. 6—Esquema del terreno donde se recogió el vaso de grandes dimensiones. *Parte superior:* Planta del lugar en que se halló la gran vasija. *F,* muro de piedra suelta al Sur del departamento. *Parte inferior:* Sección de excavación.

- A—Tierra arqueológica (0,60 m espesor).
- B—Barro amasado que llenaba la parte por bajo de A.
- C—Fondo de cabaña existente en la parte inferior del estrato A.
- D—Cercos de piedra suelta rodeando completamente la vasija.
- E—Bóvido depositado debajo de la vasija, en dirección N-S.
- G—Gran bóvido enterrado en la argamasa.

había nada de oro tiró la herramienta y se dió a la fuga, creyendo que iba a morir.

Serenados los ánimos, luego se convencieron los trabajadores que aquello nada tenía que ver ni con riqueza ni con maleficio, tratándose sólo de una vulgar vasija, aunque de grandes dimensiones, llena de tierra, piedras y huesos, idéntica a otras que ya habíamos recogido, aunque éstas fuesen de menor tamaño y estuviesen rotas.

Continuando la excavación notamos que había otras piedras a los lados, formando como un soporte y protección al recipiente.

Una inspección cuidadosa del estado de la vasija nos demostró que no estaba intacta, a pesar de su robustez, sino muy partida, en fragmentos de gran tamaño que sólo a causa del revestimiento externo de piedras no se habían separado unos de otros.

Resolvimos el problema de su extracción, que era algo difícil, revistiéndola de una capa de greda bastante gruesa y fajándola luego con tiras de tela, consiguiendo mantener así los elementos en su lugar, hasta que en Lisboa, en el Museo do Carmo, el señor Cabaço y su hija doña Piedad procedieron atentamente a su completa reconstrucción (lám. XXIII).

Extraída la vasija, comprobamos que debajo existía una nueva capa de piedras y luego otra de barro amasado. Cerca de 65 centímetros debajo del vaso en vertical y sobre el terreno firme había escasos restos óseos de animales de mediana corpulencia (fig. 6, *E*), uno de los cuales evidentemente había sido depositado en dirección N-S, con la cabeza hacia el S. La cabeza se podía identificar perfectamente por los dientes, restos del maxilar y otros huesos casi pulverizados; en cuanto a la otra extremidad, es decir, hacia el N, se hallaban restos de los miembros inferiores.

Junto a estos restos animales había fragmentos cerámicos no decorados, de pequeños vasos, y residuos de una hoguera que no se había deshecho completamente en cenizas, mostrando haber sido apagada en un momento con el barro amasado cuando estaba aún al rojo o mal extinguida. También se notaba perfectamente que el fuego no había alcanzado los huesos del animal.

El año siguiente, en 1940, después de retirar con una vagoneta la gran cantidad de piedras y tierra que se acumulaban a cada lado

de la excavación del año anterior, seguimos excavando en dirección S hasta la línea F de la fig. 6, donde había una especie de pared, constituida por algunas piedras toscas superpuestas o colocadas unas al lado de otras (lám. XXIV). Una inspección realizada más allá de este muro nos señaló que la argamasa terminaba allí, siendo este muro su extremo S. Hacia el N se extiende más, bajo unos restos de paredes intactos en la excavación de 1941. Para el E se prolonga por la parte del morro central, aún no explorado, y para el Oeste alcanza al muro, que ciertamente constituía una de las defensas del recinto habitado.

Analizando — en presencia de los escasos elementos que tenemos — cómo pudieron suceder las cosas, llegamos a la siguiente reconstitución:

1.º — Los habitantes de Vilanova de San Pedro, al fundar su poblado, probablemente procedieron a una excavación de grandes dimensiones, limitada al S y al O por una línea de piedras en forma de muro.

2.º — Esa excavación alcanzó cerca de 2,60 metros en la parte más profunda, de los cuales sólo 0,60 metros eran tierras arqueológicas.

3.º — Esa cavidad se llenó luego de un compacto barro amasado con unas piedras, que alcanzaba unos 2 metros desde la parte más profunda del foso hasta su contacto con las tierras arqueológicas.

4.º — Antes de llenar el foso de barro se depositó en él, en la parte más profunda, un bóvido y quizá otros animales, extendido en dirección N-S, con la cabeza para el S (113).

5.º — Sobre estos animales, acaso sacrificados en aquella ocasión, se encendió una hoguera, mayor ciertamente junto a la cabeza del bóvido, colocándose a su lado una vasija vulgar sin ornamentación alguna.

6.º — Sobre la hoguera, no apagada del todo, y sobre el animal, vasija, etc., se lanzó barro amasado hasta la altura de unos 50 centímetros.

7.º — Más o menos a esta altura, sobre la argamasa y el vientre del animal se tendió una capa de piedras.

8.º — Sobre ésta se colocó un gran vaso de barro, de 0,38 metros de alto por 0,58 de ancho de boca, de construcción grosera y sin

(113) Breuil, que clasificó la fauna del castro de Vilanova de San Pedro, consiguió determinar entre los restos de animales debajo de la gran vasija, elementos de «Bos» (los más abundantes), «Cervus», «Sus» y «Capra».

ornatos, teniendo dentro algunos restos de animal clasificados por el profesor Breuil como de los géneros «Cervus» y «Sus» (114).

9.º — La conservación de este recipiente y su contenido merecía la mayor atención del pueblo, pues lo rodearon de un muro bastante consistente.

10.º — Después se siguió llenando el foso de barro, y entre éste — casual o intencionadamente — fragmentos de hachas pulimentadas, de cerámica, de placas de barro muy bastas, de huesos de animales y bastantes piedras sin orden ninguno.

11.º — Una vez cubierta la gran vasija se colocó sobre ella una capa de piedra igual a la de la parte inferior, ciertamente para que quedase mejor protegida.

12.º — Luego se siguió la operación de llenar al foso de barro hasta un metro más o menos sobre la altura del borde del vaso.

13.º — En dirección E desde la vasija, en el lugar G (fig. 6), dentro del mismo foso y la misma altura se colocó en esta ocasión un corpulento bóvido, seguramente con un fin ritual.

Nada más es lícito conjeturar sobre este curioso hallazgo. Sería todo este recinto de carácter sagrado? Acaso. Sin embargo, en las tierras arqueológicas que lo cubrían logramos señalar un fondo de cabaña (fig. 6, C) con ajuar relativamente abundante.

E) CERÁMICA

Si Vilanova de San Pedro es un castro importantísimo por sus industrias lítica, ósea y cúprica, no lo es menos por su cerámica.

Desgraciadamente, tratándose en parte de terrenos cultivados, casi toda la cerámica se halló fragmentada y en fragmentos tan pequeños que casi es imposible intentar una reconstrucción de las vasijas.

En vista de esto, el estudio ha de aplicarse principalmente a la ornamentación, que consideramos muy rica; pero antes de entrar en esto y para mayor facilidad podemos dividirla en *cerámica de uso doméstico* y *cerámica industrial*.

(114) Dentro de la vasija había además escasos restos cerámicos, restos de un hacha pulimentada y una cáscara de almeja.

a) *Cerámica de uso doméstico*

Tipos de vasos — Había sin duda en este poblado una gran variedad de tipos de vaso, de los que apenas tenemos, como ya se ha dicho, restos muy fragmentarios. Como no era industria de serie, como las actuales, podemos suponer que cada vaso tendría su forma propia, si bien muchos se parecían unos a otros.

Una gran parte de estos recipientes de uso doméstico serían de fondo esférico o más o menos abovedado, habiéndolos también de base plana u horizontal. Algunos de los esféricos estrecharían mucho en la boca, que sería apenas una reducida abertura, provista o no de orificios de suspensión (lám. XXVIII, núm. 1 y 6).

Las paredes laterales presentarían gran variedad de alturas, y lo mismo puede decirse de los bordes, en lo que habría gran diversidad.

Algunos tendrían aspecto de platos o fuentes, tan escasa sería su profundidad.

No faltaban tampoco recipientes pequeños del género de algunos de Cascais ⁽¹¹⁵⁾, Alapraia ⁽¹¹⁶⁾, Vélez Blanco ⁽¹¹⁷⁾, etc., más fáciles de conservar, por su pequeñez, que los anteriores.

Entre estos vasos pequeñísimos (fig. 11, núm. 10-16) nos permitimos una especial referencia al núm. 13 de la fig. 11, que apenas medía de altura 15 milímetros, de ancho de boca — de borde exterior a borde exterior — 22 milímetros, y de profundidad, interiormente, 11 milímetros. Es comparable a un ejemplar del castro de Pragança existente en el Museo Etnológico. Presenta en el interior una coloración rojiza que nos hace creer que sería el recipiente de artículos de belleza de alguna elegante de entonces.

Las pastas en general son groserísimas, aunque algunos ejemplares se exceptúan de esto. En grandes vasijas, del género de la que apareció enterrada en una capa de barro amasado, la pasta recibía

⁽¹¹⁵⁾ Afonso do Paço, *As Grutas do Poço Velho...*, p. 27.

⁽¹¹⁶⁾ Eugénio Jalhay y Afonso do Paço, *A gruta II da necrópole de Alapraia*, p. 135.

⁽¹¹⁷⁾ Frederico de Motos, *La edad neolítica en Vélez Blanco*. Memória número 19 de la C. I. P. P. Madrid, 1918, p. 25-26.

para darle consistencia sustancias y granos de arena que, en efecto, se la daban bastante buena.

En algunos el requemado exterior da la impresión de gran exposición al fuego.

No faltan los campaniformes, grandes o pequeños (fig. 11, núm. 10; lám. XXIX, *a, b*), ni tazas del género de las de Alapraia y Palmela, de las que se recogieron algunos fragmentos.

También aparecieron recipientes de tipo ya argárico, con fondo abovedado y paredes laterales ligeramente curvas, pero en menor cantidad. Es de notar una pequeña vasija en forma de sartén de algunos milímetros de altura, provista de cuatro piecillos y de una especie de asa (lám. XXIX, *c*).

Suspensiones — Creemos que no hay nada nuevo, aparte de lo bien característico de esta cultura.

Algunas vasijas tienen, a mayor o menor distancia del borde, uno o dos orificios en V, diametralmente opuestos, que se usarían para introducir algún elemento de suspensión.

Otras tienen resaltes más o menos gruesos, simples o dobles, junto o muy cerca del borde, a veces atravesados por orificios verticales.

Este género de decoración, que quizá alguna vez sirviese como asa, es vulgar en localidades como Cascais, Pragança, Carenque, San Pedro de Estoril o Montes Claros ⁽¹¹⁸⁾. En España se hallan en Cova Fonda de Salomó ⁽¹¹⁹⁾, Los Millares ⁽¹²⁰⁾ y allende los Pirineos en Fort Harrouard, Auvernier o Muldolsheim ⁽¹²¹⁾.

El abate J. Philippe cree que tales execrecencias eran sólo decorativas, pues como órganos de suspensión los cree inútiles ⁽¹²²⁾. Goury

⁽¹¹⁸⁾ Eugénio Jalhay, Afonso do Paço e Leonel Ribeiro, *Estação pré-histórica de Montes-Claros (Monsanto)*. Boletim Cultural e Estatístico da Câmara Municipal de Lisboa, núms. 20 e 21, p. 17. Lisboa, 1944.

⁽¹¹⁹⁾ P. Bosch-Gimpera, *Etnología de la península ibérica*. Barcelona, 1932, p. 160.

⁽¹²⁰⁾ L. Siret, *L'Espagne préhistorique*, p. 51.

P. Bosch-Gimpera, *Relations préhistoriques entre l'Irlande et l'ouest de la péninsule ibérique*, Préhistoire, fasc. II, tome II. Paris, 1933.

L. Pericot, *Historia de España*, vol. I. Barcelona, 1934, p. 152 y 172.

⁽¹²¹⁾ J. Goury, *L'Homme des cités lacustres*, vol. II, p. 367-368.

⁽¹²²⁾ J. Philippe, *Le Fort-Harrouard*.

dice que en la cerámica de los palafitos las protuberancias tienen perforaciones que guardan aún huellas del cordel de suspensión (123). G. y V. Leisner incluyen esta cerámica en la que llaman cerámica simbólica (Symbolkeramik) (124).

En un ejemplar esférico de abertura reducida existen, en torno a toda la circunferencia del borde, una serie de abultamientos que no pasarían de ser decorativos (lám. XXV, núm. 1). Otras presentan estos salientes en varias series (lám. XXV, núm. 3, 4 y 8).

Aparte de esto separamos una colección entera de verdaderas asas, palmeadas o cilíndricas (fig. 45).

Temas ornamentales—Como los dibujos grabados en el barro no han sido destruidos por el tiempo, nos es fácil insistir en este estudio, que de por sí ya bastaría para dar lugar a un trabajo muy extenso.

La mayoría de los vasos que con más razón se podrían llamar de uso común no contienen dibujos. Lo prueba el que de las verdaderas toneladas de cerámica recogida en ocho campañas de excavaciones la mayor parte está desprovista del más ligero adorno. El porcentaje de fragmentos decorados es mínimo, no pasando del 3 por 100 en la hipótesis más favorable. No se juzgue por ello que tenemos poca cerámica con dibujos; al contrario, llena varios cajones.

La ornamentación es casi toda exterior. Hay pocos fragmentos de vasijas — en particular de los que llamamos platos — con decoración interior, en forma de espina o de surcos por lo general anchos y poco hondos. Otros recipientes presentan interiormente círculos, trazos rectilíneos, quebrados en espina, curvilíneos o puntos profundos (fig. 7, núm. 22-26); a veces también figuras solares (lám. XXVII, núm. 6).

Como temas ornamentales exteriores aparecen las simples líneas horizontales, todo alrededor del borde, formando a veces diferentes zonas (fig. 7, núm. 4). Vienen después los zig-zag, que pueden ser limitados por paralelas (fig. 7, núm. 2).

(123) J. Goury, *L'Homme des cités lacustres*, p. 368.

(124) G. und V. Leisner, *Die Megalithgräber...*, I, p. 513, y II, lám. 155.

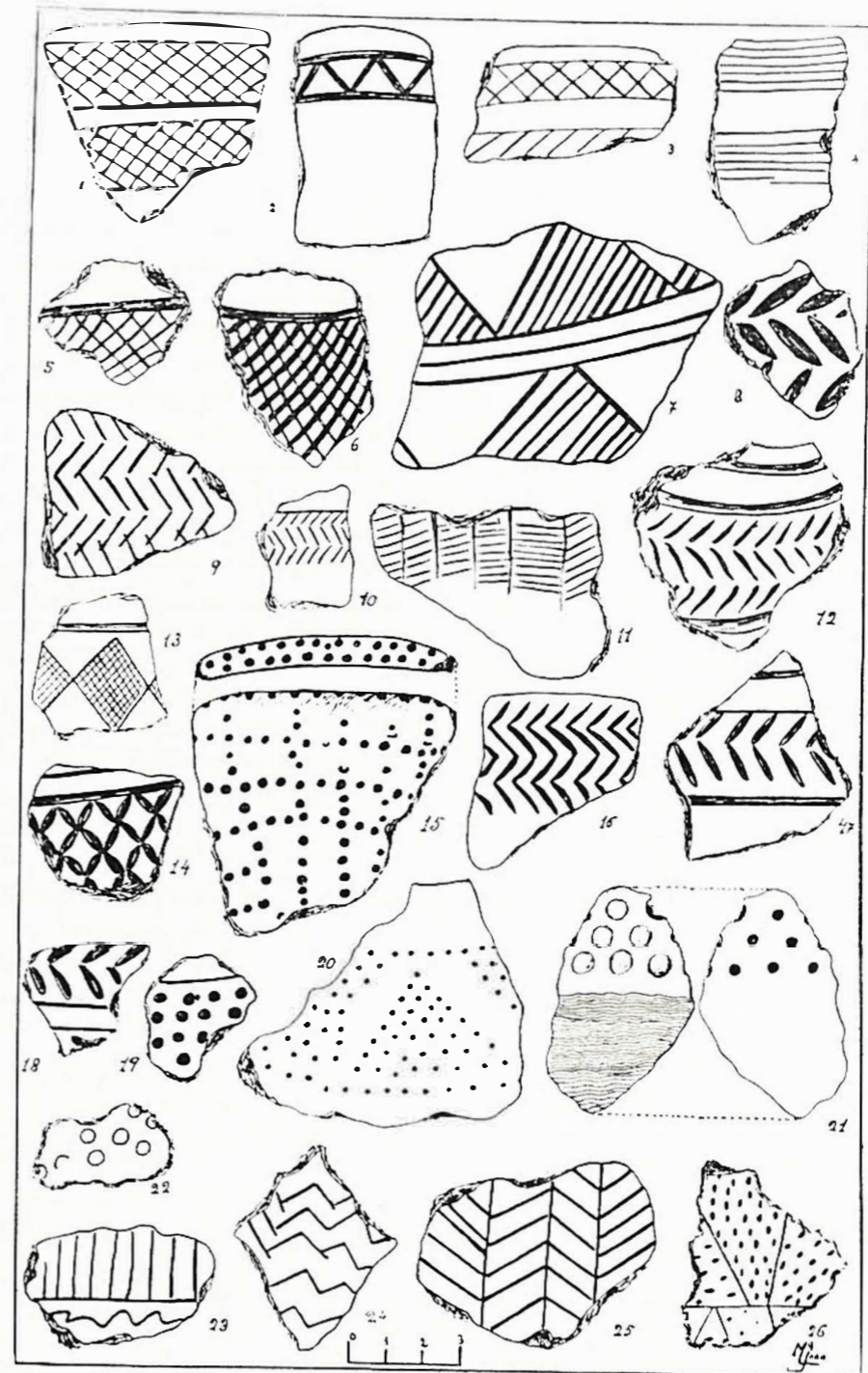


Fig. 7 — Fragmentos de cerámica ornamentada. Decoración exterior (1-21). Decoración interior (22-26).

Los reticulados, en hábiles combinaciones, como los ajedrezados, dan composiciones de buen efecto (fig. 7, núm. 1, 3, 5 y 6); igual puede decirse de los losanges (fig. 7, núm. 13).

Con dibujos en espina y paralelas resultan decoraciones muy curiosas (fig. 7, núm. 8-12 y 16-18), pudiendo ser el trazo de aquélla simple o ligeramente ovalado, a la manera de ciertas plantas. Los dientes de lobo también son abundantes (fig. 7, núm. 7), llenos de puntos, líneas horizontales u oblicuas. Dan asunto para decoración también los puntillados profundos (fig. 7, núm. 15, 19 y 20), rellenos a veces de una sustancia blanca que produce efecto excelente. Los del núm. 19 son regulares, ejecutados con un punzón de punta redondeada. Los del núm. 15, en cambio, son profundos, bastante imperfectos, de diferentes diámetros y dispuestos con poca regularidad. Este fragmento presenta la particularidad de ofrecer en el borde los mismos motivos ornamentales. Tal proceso decorativo se nos presenta también en los restos de una taza y aun en groseros fragmentos del borde de una gran vasija que no contiene ninguna otra decoración.

Los ondulados que llevaron a L. Siret a construir curiosas teorías no abundan tanto ⁽¹²⁵⁾ (fig. 7, núm. 21; lám. XXV, núm. 8).

En estos ejemplares, ambos del mismo vaso, encontrados distantes y en campañas diferentes, entre el borde y la zona dibujada se extienden tres líneas de pequeños abultamientos, que se obtuvieron empujando desde dentro la pasta aún fresca, sin perforar la pared exterior. La operación debió hacerse con un pequeño estilete de madera o de hueso, de lo que aún queda el orificio de perforación.

Otro procedimiento decorativo observado en las campañas de 1940 en adelante, en hallazgos de la parte N y O del castro, es el de las uñas (lám. XXV, núm. 5-7), que podremos poner en paralelo con los ejemplares de Cueva de Joan d'Os (Tartareu) ⁽¹²⁶⁾ y de Fort Harrouard. Es cierto que en esta última localidad no se halla sólo en ejemplares neolíticos, sino también de la edad del bronce, y entonces

⁽¹²⁵⁾ L. Siret, *Questions...*, p. 370.

⁽¹²⁶⁾ P. Borsch-Gimpera, *Etnologia...*, p. 74.

podemos compararlo también con las del cementerio polaco de Laski ⁽¹²⁷⁾.

Como ya dijimos, retiramos también ejemplares de vasos campaniformes, logrando incluso reconstruir algún ejemplar (fig. 11, núm. 10; lám. XXIX, A y B). Debían ser vasijas bastante vulgares, a juzgar por los innúmeros fragmentos con puntillado (lám. XXV, núm. 9; fig. 13), faltando en los ejemplares mayores las líneas incisas que aparecen, por ejemplo, en Palmela, Monge, San Martinho y gruta IV de Alapraia, y que en Vilanova de San Pedro sólo se manifestaron en un ejemplar pequeñísimo de la fig. 11, núm. 10.

Los puntillados, o mejor rectángulos pequeñísimos, matemáticamente iguales y rigurosamente distanciados, no debieron ser hechos — o al menos no todos — con una rueda dentada, como presume Schmidt ⁽¹²⁸⁾, o con una valva de concha, como propone Santos Rocha y, de acuerdo con él, F. Alves Pereira ⁽¹²⁹⁾. Es más plausible la hipótesis de un instrumento en forma de peine ⁽¹³⁰⁾ o matriz de mayores o menores dimensiones, pues es usual encontrarse aquí, además de la regularidad indicada, puntos superpuestos. No aparece el menor desvío u ondulación, como ocurriría en el caso de la rueda dentada. Creemos, incluso, que habría diversas matrices de tamaños diversos y dientes más o menos apretados ⁽¹³¹⁾.

La ornamentación más vulgar es la de líneas puntilladas, paralelas, cruzadas de otras oblicuas orientadas alternadamente en una zona para la derecha y en otra para la izquierda, como en los ejemplares de Alapraia, Rotura y aun de Galicia ⁽¹³²⁾ (fig. 13, núm. 1-3 y 5). También los hay con todas las líneas oblicuas en un mismo sentido (fig. 13,

⁽¹²⁷⁾ Michel Gwirko-Godycki e Aleksandra Karpinska, *Ornementation des poteries funéraires du cimetière de Loski*. XVème Congrès Int. Anth. Arch. Préhistoriques. Coimbra-Porto, 1930, p. 435.

⁽¹²⁸⁾ H. Schmidt, *Estudios acerca de los principios de la edad de los metales*, p. 50.

⁽¹²⁹⁾ F. Alves Pereira, *Estação arqueológica do Outeiro da Assenta*. O Arqueólogo Português, vol. XX, p. 144.

⁽¹³⁰⁾ A. del Castillo, *La cultura del vaso campaniforme*, p. 32, nota.

⁽¹³¹⁾ J. Philippe, *Le Fort-Harrouard*, p. 576.

⁽¹³²⁾ L. Pericot, *Los vasos campaniformes de la colección La Iglesia*. Boletín de la Real Academia Gallega, núm. 192, 1927.

núm. 4), o en ajedrezado y diente de lobo (fig. 13, núm. 6 y 8), y éstos son más raros.

Hay también una serie de recipientes del género «taza», de paredes rectas y dibujadas desde inmediatamente debajo de los bordes (fig. 14, núm. 3 y 6), y también fragmentos pequeños de otras con borde ornamentado, como las de Alapraia ⁽¹³³⁾.

Formando parte de esta cerámica de usos domésticos podemos considerar los trébedes, de barro groserísimo y mal cocido, horizontales en la parte superior y en pico más o menos cónico por la inferior, con orificios de ligazón a veces entre unos y otros; y las llamadas «cucharas», de las que hay elementos (lám. XV, núm. 16) y que algunos creen que son lamparillas de barro ⁽¹³⁴⁾.

b) Cerámica industrial

Pasemos revista en este grupo a las *queseras*, *crisoles*, *tubos de forja*, *fusayolas*, *carretes* y las *placas de barro*, tenidas comúnmente por pesos de telar.

Queseras — Se llaman así por el uso que se les atribuye desde Déchelette ⁽¹³⁵⁾, unas vasijas de paredes completamente atravesadas por infinidad de orificios, como un colador, procedentes de Campo de Chassey, en Francia. A pesar de haber recogido en Vilanova de San Pedro muchos fragmentos de estos objetos, no nos fué posible reconstruir ninguno.

G. Bonsor las encontró también en la necrópolis de Entremalo, calificándolas como coladores ⁽¹³⁶⁾.

El abate Philippe recogió varios ejemplares en Fort Harrouard,

⁽¹³³⁾ Esta última cerámica fué considerada funeraria por algunos autores. José Ramón Méllida, *La cerámica prehistórica decorada*. O Archeólogo Português, vol. XXIV, p. 23. Lisboa, 1920.

⁽¹³⁴⁾ J. Pérez de Barradas, *Excavaciones en el poblado eneolítico de Cantarranas (Ciudad Universitaria de Madrid)*. Anuario de Prehistoria Madrileña, vol. II-III, 1931-1932, p. 73 y lám. XXVIII.

⁽¹³⁵⁾ J. Déchelette, *Manuel...*, vol. I, p. 556.

⁽¹³⁶⁾ G. Bonsor, *Les colonies agricoles...*, p. 113.

y Estácio da Veiga en Alcalar; también aparecieron en Pragança, Rotura, Pedra de Ouro, etc.

Sin, en efecto, tales objetos fuesen queseras, tendríamos que admitir cierto grado de vida pastoril, pues dedicaban a la alimentación un producto de sus rebaños.

Crisoles — Como ya dijimos, practicaban la metalurgia. Usaban para ello crisoles como el de la lám. XXVIII, núm. 4, reconstrucción que hizo H. Cabaço de uno hallado en las excavaciones suyas de 1936.

Estos recipientes, según Siret, se colocarían en hornillos formados por piezas de barro en forma de media luna yuxtapuestas ⁽¹³⁷⁾. Pero aunque hemos encontrado en esta localidad muchísimos fragmentos de crisol, algunos de los cuales aún tenían partículas de metal adheridas a las paredes, jamás encontramos esos arcos de barro que V. Correia tenía, por su parte, por pesos de telar ⁽¹³⁸⁾. Salvo los pies o trébedes antes citados, no hallamos nada que pudiese servir de soporte para el acto de la fundición.

Estos crisoles son de un barro refractario, algo distinto del usado para otros objetos, y tiene unos pequeñísimos pies.

Ya nos hemos referido a la existencia de depósitos de mineral para la fundición y de la abundancia de escoria, pruebas bien claras de que la operación industrial citada se efectuaba en el «Castillo». Moldes no han aparecido hasta hoy, salvo que tengamos por tal un fragmento de roca diorítica provisto de un surco profundo (lám. XV, núm. 43).

Tubos de forja — Recogimos también diversos tubos de barro refractario, uno de ellos casi entero (lám. XXI, núm. 4), con un pequeño orificio en su extremidad más ancha.

Se usaría seguramente para la forja, dando así una prueba más de la actividad metalúrgica en este castro.

En las excavaciones posteriores hallamos también algunos fragmentos de tubos de mayor diámetro, con evidentes señales de fuego (fig. 12, núm. 9).

⁽¹³⁷⁾ L. Siret, *Orientaux et occidentaux...*, p. 60-61.

⁽¹³⁸⁾ Vergilio Correia, *El neolítico de Pavia*, p. 23.

Fusayolas— Hay varios ejemplares, alguno de ellos contiene, en torno al orificio central, pequeñas incisiones (lám. XXV, núm. 17-20).

Es problemático el uso a que se destinaban, según algunos prehistoriadores⁽¹³⁹⁾. Goury, sin embargo, partiendo de los hallazgos en las estaciones lacustres, coloca estos objetos entre los instrumentos de la industria textil⁽¹⁴⁰⁾, diciendo incluso que «señalan la primera manifestación del ingenio humano aplicado a la mecánica». La fusayola, como la rueca y el huso, desempeñan, añade, un papel importantísimo «a través de todas las edades y del mundo».

No se conservan ejemplares enteros en los palafitos, pero en el lago de Neufchatel, en el orificio de una de ellas, se halló un pedazo de madera.

Schliemann encontró en Hissarlik más de 20.000, a los que algunos atribuyeron una finalidad religiosa⁽¹⁴¹⁾.

No deja de ser curiosa la hipótesis de J. Marañón, que los considera simplemente botones⁽¹⁴²⁾.

Carretes o bobinas— Sólo hemos recogido hasta ahora un ejemplar (lám. XXV, núm. 21). No hay muchos en museos portugueses. El de la Comisión de Servicios Geológicos solo encierra uno, procedente de la cueva de Almonda⁽¹⁴³⁾.

Leite de Vasconcelos se refiere en su libro *De Campolide a Melrose* a uno existente en el Museo Etnológico, que procede de Beira Baixa⁽¹⁴⁴⁾, y también al ejemplar que V. Correia trajo del «Castillo» de Pavia y que es ciertamente el mismo que este investigador publicó en su trabajo *El neolítico de Pavia*.

Posteriormente Leite de Vasconcelos se refirió al ingreso de uno más, hallado en Tolosa (Alentejo), en el Museo de Belem⁽¹⁴⁵⁾. En

⁽¹³⁹⁾ L. Siret, *L'Espagne préhistorique*, p. 50.

⁽¹⁴⁰⁾ G. Goury, *L'Homme des cités lacustres*, p. 428 ss.

⁽¹⁴¹⁾ L. Siret, *Questions...*, p. 19.

⁽¹⁴²⁾ J. G. Marañón, *Una interpretación acerca de las fusaiolas. A propósito de un estudio del Padre E. Jalhay*. Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología, fasc. VIII-IX. Valladolid, 1935, p. 436.

⁽¹⁴³⁾ A. de Melo Nogueira, Maxime Vaultier e Georges Zbyszewski, *Primeiras pesquisas na gruta do Almonda*. Brotéria, vol. XXVII. Lisboa, 1941.

⁽¹⁴⁴⁾ Lisboa, 1915, p. 27.

⁽¹⁴⁵⁾ O Archeólogo Português, vol. XXV, p. 120.

el citado libro *De Campolide a Melrose* se refiere a otros, si bien de época distinta, pertenecientes al Museo Británico y al de Bolonia⁽¹⁴⁶⁾. Déchelette habla también de «bobinas» para enrollar el hilo⁽¹⁴⁷⁾, e L. Siret dice haber hallado uno en El Algar⁽¹⁴⁸⁾.

Placas de barro— Estos objetos, sobre cuya utilización no está de acuerdo los prehistoriadores, presentan hasta ahora un área de dispersión muy limitada en el centro de nuestro país y en el SE de España, siendo un elemento más de afinidad entre estos dos ciclos culturales.

Las estaciones españolas que encierran ejemplares de estos son: Tres Cabezos, Lugarico Viejo, Ifre, Zapata, El Argar, El Oficio, Fuente Alamo, Fuente Bermeja⁽¹⁴⁹⁾, Acebuchal⁽¹⁵⁰⁾, Mas de Menente⁽¹⁵¹⁾, Vélez Blanco⁽¹⁵²⁾, Mola Alta de Serelles⁽¹⁵³⁾ y otras.

En Portugal, que sepamos, se recogieron ejemplares en Outeiro de Assenta⁽¹⁵⁴⁾, Rotura⁽¹⁵⁵⁾, Pragança⁽¹⁵⁶⁾, Chibanes⁽¹⁵⁷⁾, Outeiro

⁽¹⁴⁶⁾ P. 27.

⁽¹⁴⁷⁾ J. Déchelette, *Manuel...*, vol. I, p. 558.

⁽¹⁴⁸⁾ L. Siret, *Les premiers âges du métal...* Atlas, Est. XXIV, núm. 76. Uno de nosotros ha podido ver en Málaga ejemplares procedentes de trabajos de la Comisaría General de Excavaciones en La Pileta (Benaolán, Málaga).

⁽¹⁴⁹⁾ H. e L. Siret, *Les premiers âges du métal...*

⁽¹⁵⁰⁾ G. Bonsor, *Les colonies agricoles...*, p. 113.

⁽¹⁵¹⁾ Fernando Ponsell, *Excavaciones en la finca «Mas de Menente»*, término de Alcoy (Alicante). Memoria 78 de la Junta Superior de Excavaciones y Antigüedades. Madrid, 1926.

L. Pericot y Fernando Ponsell, *El poblado de Mas Menente (Alcoy)*. Archivo de Prehistoria Levantina, vol. I. Valencia, 1928.

⁽¹⁵²⁾ Frederico Motos, *La idade neolítica en Vélez Blanco*. Memória núm. 19 da C. I. P. P. Madrid, 1918.

⁽¹⁵³⁾ Ernesto Botella Candela, *Excavaciones en la Mola Alta de Serelles (Alcoy)*. Memória 94 de la J. S. E. A. Madrid, 1928.

⁽¹⁵⁴⁾ F. Alves Pereira, *Estação arqueológica do Outeiro da Assenta (Óbidos)*. O Arch. Port., vol. XIX e XX.

⁽¹⁵⁵⁾ J. Marques da Costa, *Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal*. O Arch. Port., vol. XIII.

⁽¹⁵⁶⁾ Vergílio Correia, *Pesos de tear*. Aguiã. Porto, Dezembro de 1914.

Idem, *Etnografia artística*. Porto, 1916.

⁽¹⁵⁷⁾ J. Marques da Costa, *Est. préhist. dos arredores de Setúbal*. O Arch. Port., vol. XI e XIV.

de San Mamede (158), Pavia (159), Olelas (160), Mértola, Marvão, Cavaleiro, Liceia, Pedra de Ouro (161), Ota (162), Penedo y Fórnea (163). Ciertamente en el Museo Etnológico del doctor Leite de Vasconcelos se encuentran también ejemplares, pero no nos referiremos a ellos por estar todavía en estudio e inéditos.

Aparte de éstos, se halla en el mismo Museo otro ejemplar procedente de Fraga de Fojo (Moncorvo), que es exactamente igual a algunos de los más bastos de Vilanova de San Pedro.

F. Alves Pereira, que con V. Correia y otros las tiene por pesas de telar, presentó un ensayo de clasificación basado en las formas cuadradas y oblongas y en el número de orificios de que están provistas. Con todo, en la localidad de que nos ocupamos faltan las formas oblongas, a no ser que calificuemos así la del fragmento de barro imperfectamente definido de la fig. 11, núm. 8. También aquí son rarísimos los ejemplares con dos orificios (fig. 12, núm. 3).

Los arqueólogos han llegado a la hipótesis de que sean pesas de telar basándose, por analogía, en algunos grabados antiguos de Tebas o de Beni-Hassum, en el vaso de Chiusi, en que está Penélope delante de su telar y en otro en que Circe deja de tejer para dar de beber a Ulises (164).

Se dice que se usarían cada vez dos orificios de los cuatro, quedando los otros en descanso. Apoya esta hipótesis el hecho de que en algunos ejemplares sólo los dos orificios de un lado presentan señales de haber sido utilizados, mientras que los otros se ve que no han servido.

(158) J. Leite de Vasconcelos, *História do Museu Etnológico...*, Est. V.

(159) Vergilio Correia, *El neolítico de Pavia*.

(160) Augusto de Melo Nogueira, *Estação pré-histórica de Olelas*. Lisboa, 1933.

(161) Afonso do Paço, *Figurinha de barro da Pedra de Ouro*.

Eugénio Jalhay e Afonso do Paço, *A povoação eneolítica de Vila Nova de S. Pedro*. Brotéria, vol. XXVIII. Lisboa, 1939.

Afonso do Paço, *Placas de barro de Vila Nova de S. Pedro*. 1.º Congresso do Mundo Português. Contiene referencias a todas las localidades con placas de barro.

(162) Colección de H. Cabaço, en el Museo de Alenquer.

(163) Colección del Dr. A. R. Belo, en Maxlal (Torres Vedras).

(164) E. Saglio, E. Pottier e G. Lafaye, *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*, vol. XIV. Paris, 1912, p. 165.

En Vilanova se recogieron muchos cientos de placas; entre enteras y rotas, cerca de mil (165). Muestran generalmente los cuatro orificios sin señal alguna de uso, siendo raros los ejemplares en que se puede observar el desgaste producido por el peso de un hilo. En este caso tendríamos que admitir en este castro un centro importante de industria cerámica, pero no textil, lo que tal vez no corresponda mucho a la realidad.

La suposición de que sean elementos de hornos de fundición no nos parece muy aceptable (166). Hay también quien las considera como piezas para retorcer fibras, que luego se usarían como cuerdas (167). Pero otros autores las llaman solamente «objetos de uso indeterminado» (168).

No siendo unánime la opinión en cuanto al empleo de estas placas, nos permitimos hacer constar que en los palafitos de Europa central, donde existió una importante industria del lino, según varios autores (169), no se ha encontrado ninguna de estas placas que serían pesos de telar, y si sólo fusayolas.

Otra nota curiosa de estos objetos es su ornamentación, pues muchas placas de Vilanova de San Pedro tienen gran variedad de dibujos que presentan enorme semejanza con otros, tanto cerámicos como pictóricos del neo y eneolítico y principio del bronce.

Comecemos nuestro estudio por las figuras zoomorfas:

La placa núm. 1 de la fig. 8 representa un bóvido; acaso ocurre lo mismo con la núm. 2 de la fig. 11, y si no estamos en un error, es de las primeras veces que estos animales aparecen representados en cerámica peninsular de esa época. Las astas nos impedirían confundirlo con cualquier otro cuadrúpedo. Ya hicimos notar que en el «Castillo» se hallaron cuernecillos de barro y huesos de bóvidos, según los clasificó el profesor Breuil.

(165) En la estación española de El Algar se recogió más de medio millar de ejemplares: L. Pericot, *Prehistoria in História de España*. Instituto Gallach. Barcelona, p. 202.

(166) F. Motos, *La edade neolítica de Vêlez Blanco*.

(167) Ernesto Botella, *Excavaciones en la «Mola Alta» de Serelles (Alcoy)*, p. 8.

(168) L. Pericot y Fernando Ponsell, *El poblado de Mas Meneute...*

(169) G. Gcury, *L'Homme des cités lacustres*.

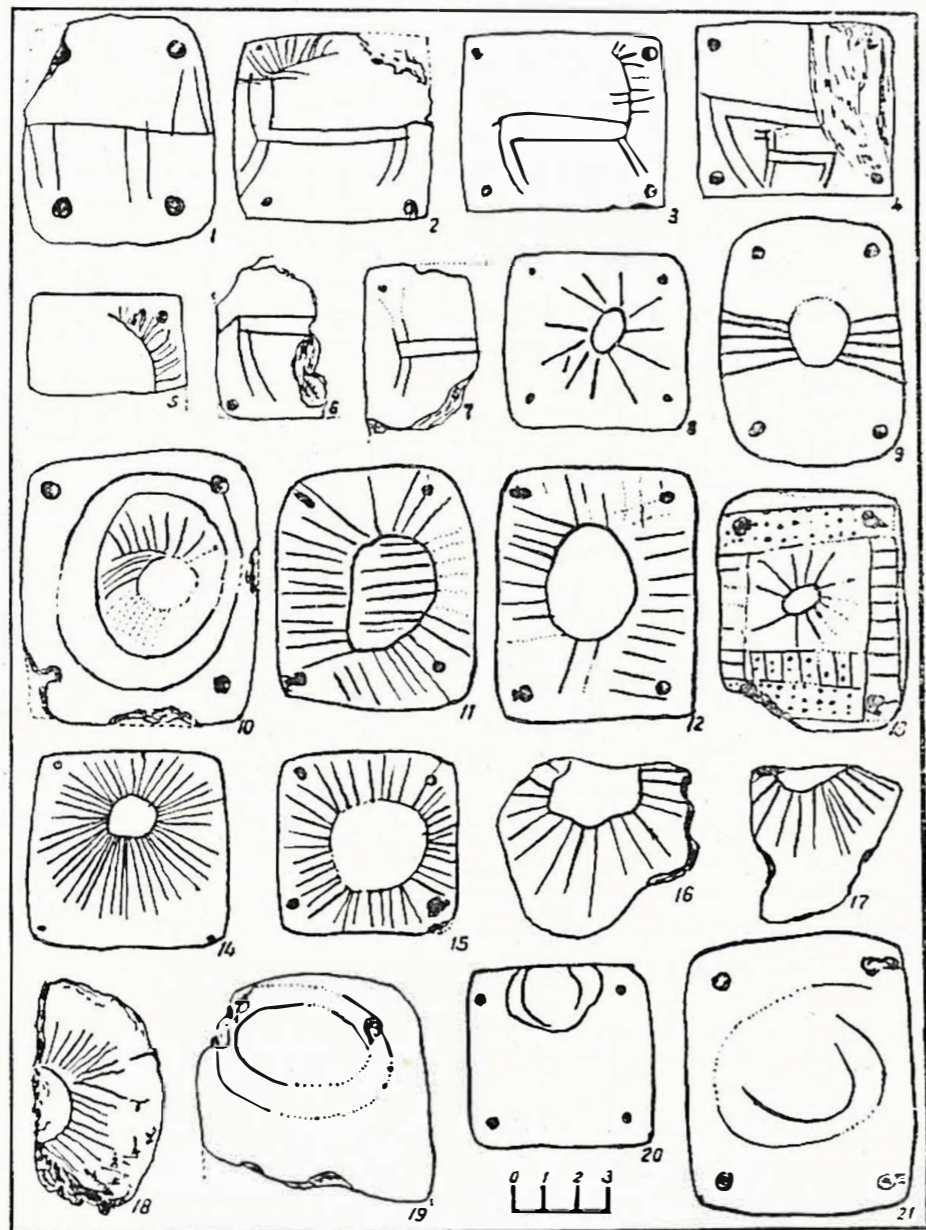


Fig. 8—Placas de barro y fragmentos de vasos (16-8) con representaciones zoomórficas y astrales.

En pinturas rupestres de Canchal de la Pizarra (Batuecas), Sierra de Nuestra Señora del Castillo, Minateda, Rabanero, etc., encontramos representaciones de bóvidos, pero nunca tan esquematizados como en estas placas de barro (170).

En mayor número aún aparecen representaciones de ciervos. Querría decir esto que habría mayor abundancia de tales animales? Breuil, en su magistral trabajo sobre las pinturas rupestres de nuestra Península, también registra la abundancia de ellos. En la figura 8, núm. 2-7, damos seis dibujos de placas o fragmentos de ellas que representan esquematizaciones que creemos de cérvidos. Estamos ciertos de que se nos puede objetar que no todas las representaciones son seguras, especialmente algunas muy fragmentadas. De acuerdo, pero tanta razón tenemos nosotros para incluirlas en este género — por analogía de dibujo — como otros para negarla.

En cerámica peninsular sólo se conocía hasta ahora esquematización de ciervos en un vaso de Palmela (171), otro de Las Carolinas (172) y dos recipientes de Los Millares (173).

Con el fragmento del vaso de Palmela hizo Marques da Costa la reconstrucción de la pieza a que ese fragmento pertenecía, ricamente decorado, como es propio de las grutas de Quinta do Anjo. Obermaier, al contemplar el ciervo de Palmela con el de Las Carolinas, tuvo dudas sobre el sexo. Con Breuil nos inclinamos a creer que se trata de una corza (174).

La duda que se da en Palmela no se da en Las Carolinas ni en Los Millares. En este último caso hay, por ejemplo, dos grupos de animales, y en los dos hay ciervos y corzas.

(170) Abbé Breuil, *Les peintures rupestres schématiques...*

(171) J. Marques da Costa, *Est. préhist. arredores de Setúbal*. O Arch. Port., vol. XII.

(172) H. Obermaier, *Yacimiento prehistórico de las Carolinas (Madrid)*. Memoria núm. 16 de C. I. P. Madrid, 1917.

(173) L. Siret, *L'Espagne préhistorique*, p. 50.

Georg und Vera Leisner, *Die Megalithgräber...*, I, p. 514, e II, Est. 156.

(174) H. Breuil, *Les peintures rupestres...* (Sobre este asunto y sus comparaciones con otras pinturas y dibujos de la Península véase: Afonso do Paço, *Placas de barro de Vila Nova de S. Pedro*).

Los ceramistas de Palmela, Las Carolinas y Los Millares se sirvieron, para representar el cuerpo de los ciervos, sólo de una línea horizontal; en cambio, en Vilanova de San Pedro, tenemos dos líneas paralelas en cuyos extremos se colocaron los pares de patas, no perpendiculares, sino curvos. Sólo en dos figuras, que creemos de bóvidos, se optó por la representación de una recta indicativa del tronco.

En la fig. 8, núm. 2, por encima de las patas delanteras, dos líneas dispuestas verticalmente representan al cuello del animal. De éste parten otros dos pares de horizontales en sentido opuesto. Uno representa ciertamente el hocico; el otro, las orejas. En la fig. 8, núm. 3, el cuello y los cuernos apenas está representados por una única vertical. El núm. 4 (reverso del núm. 3) es particularmente curiosa —no obstante estar partida— por representar bajo el vientre de un adulto una cría, seguramente en posición de ser amamantada. Por estar muy desgastado el dibujo no podemos saber si están representadas las ubres o no. En una pintura de Covatilla del Rabanero hay una familia de ciervos adultos representados corriendo con un pequeñuelo.

Además de los citados hay ciervos en las pinturas rupestres de Canehal de las Cabras Pintadas, Nuestra Señora de la Esperanza, Cueva de los Letreros, Cueva Negra de Meca y Cogul, etc. (172), algunas de otras épocas prehistóricas.

No podemos decir nada con seguridad respecto al animal de la fig. 11, núm. 1.

No encontramos sólo en las figuras zoomorfas afinidades entre las placas de Vilanova y las pinturas rupestres de la misma época.

Es elevado el número de placas con representaciones solares, y entre ellas es lícito destacar sólo algunas:

En la fig. 8, núm. 10-12, los rayos solares están dispuestos de un modo muy irregular, y en el núm. 10 el disco solar está rodeado por otros dos discos mayores desprovistos de rayos. En el núm. 5 de la fig. 11 hay también dos círculos concéntricos de los que parten rayos, tanto del interior como del exterior. En los otros (fig. 8, núm. 11), la corona circular está traceada con líneas paralelas. En el núm. 9 los rayos parecen los pelos vibrátiles de un felino. Los núm. 14 y 15 de

(172) *Idem, ibidem.*

la fig. 8 y el núm. 6 de la fig. 11 son los más perfectos. Merece especial mención el núm. 13 de la fig. 8, que tiene la figura solar dentro de un rectángulo limitado por fajas de punteado y traceado.

También aparecen decoraciones solares en vasos, de los que damos tres fragmentos (fig. 8, núm. 16-18), siendo la decoración interior en los núm. 16 y 18, y exterior en el núm. 17.

Al lado de estas figuras solares no habrá otras que representen la luna? No podremos considerar lunares los círculos sin radiaciones de la fig. 8, núm. 19-21, Una de ellas —núm. 20— es el reverso del núm. 8, y así tendríamos en la misma placa la figura de los dos astros.

Un culto lunar no sería novedad entre los pueblos eneolíticos de la región del Tajo. La aparición de lúnulas en las grutas de Carenque (176) y Alapraia (177) vino a sacar a la superficie hipótesis hace tiempo emitidas por el profesor J. Leite de Vasconcelos (178).

En el llamado eneolítico no son raras las representaciones solares. Siret recogió en Los Millares dos tazas en que se representa ese cuerpo celeste (179). Entre las astas de los ciervos de Las Carolinas también se puede ver representado el disco solar (180). Igual figura se observa en el fragmento cerámico de Cueva de la Mujer (181) y en ejemplares conservados en el Museo Arqueológico de Madrid, procedentes de Almizaraque (182).

Entre nosotros hay un ejemplar —entre otros— en el Museo de Torres Vedras, procedente de Furadouro de Rocha Forte (183).

En pinturas rupestres encontramos soles en Pala Pinta, La Gragera, El Zagalón, Cueva del Cristo, La Peña Escrita, La Golondrina, Cueva

(176) Manuel Heleno, *Grutas artificiais do Tojal de Vila Chã (Carenque)*. Lisboa, 1933.

(177) Eugénio Jalhay e Afonso do Paço, *A gruta II da necrópole de Alapraia*, p. 122.

(178) J. Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*, vol. I e II. Lisboa, 1897 e 1905.

(179) L. Siret, *L'Espagne préhistorique*, p. 50.

(180) H. Obermaier, *Yacimiento prehistórico de Las Carolinas (Madrid)*, fig. 9.

(181) G. Macpherson, *Descripción de una caverna conteniendo restos prehistóricos, descubierta en las inmediaciones de Alhama de Granada*. Cádiz, 1870.

(182) Georg und Vera Leisner, *Die Megalithgräber...*, II, Est. 155.

(183) Afonso do Paço, *Placas de barro de Vila Nova de S. Pedro*.

de los Letreros, Mainón, etc. (184). Aún podemos añadir en la Península las figuras solares grabadas en el dolmen de la Granja de Toniñuelo (185), y fuera de ella, en la Piedra de Dowth (186) y la estatua de Mas Capelier (187).

Aparte de esto hay otras figuras dibujadas en las placas de Vilanova de San Pedro que tienen pocas afinidades con el resto de la decoración cerámica.

Los dibujos más simples son una cruz que abarca toda la extensión de la placa, cortando ésta en cuatro rectángulos (fig. 9, núm. 1), o de un cuadrado que parece ligar entre sí los orificios del objeto (fig. 9, núm. 2). Luego líneas paralelas, como una pauta (fig. 9, núm. 3), o paralelas cortadas por otras transversales formando un enrejado de mallas de diferentes calibres (fig. 9, núm. 4-9; fig. 12, núm. 4 y 7). También aparecen grabados en espina (núm. 10 y 11), o un trazo vertical en el centro cortado por diagonales (núm. 12). De la parte central de la placa arrancan a veces perpendiculares a las cuatro aristas, originando una especie de ajedrezado (núm. 14). El dibujo de árbol doble (núm. 13) no es cosa rara, y otro muy frecuente es el zig-zag (fig. 9, núm. 15-17), o el ondulado (fig. 10, núm. 4; fig. 12, núm. 2); este último a veces muy profundo (fig. 10, núm. 3).

No falta el punteado, ejecutado con matriz o rueda dentada (fig. 10, núm. 1-2), que a veces toma forma de surcos diversos y a veces de una pauta.

Además de los llamados «dientes de lobo» (fig. 10, núm. 5) hay dibujos que debieron ser hechos con una caña o pluma de ave (fig. 10, núm. 7), como juiciosamente observó F. Alves Pereira al estudiar los hallazgos de Outeiro da Assenta (188). Es de notar que el mismo tema

(184) H. Breuil, *Peintures rupestres schématiques...*

(185) J. R. Mélida, *Arquitectura dolménica ibérica. Dólmenes de la provincia de Badajoz*. Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos, tomo XXVIII. Madrid, 1914.

(186) George Coffey, *New Grange (Brugh na Boinne) and other incised tumuli in Ireland*. Dublin, 1912.

(187) Commandant Octobon, *Enquête sur les figurations néo et énéolithiques. Statues menhirs, stèles gravées, dalles sculptées*. Revue Anthropologique. Paris, 1931.

(188) F. Alves Pereira, *Estação arqueológica do Outeiro da Assenta*.

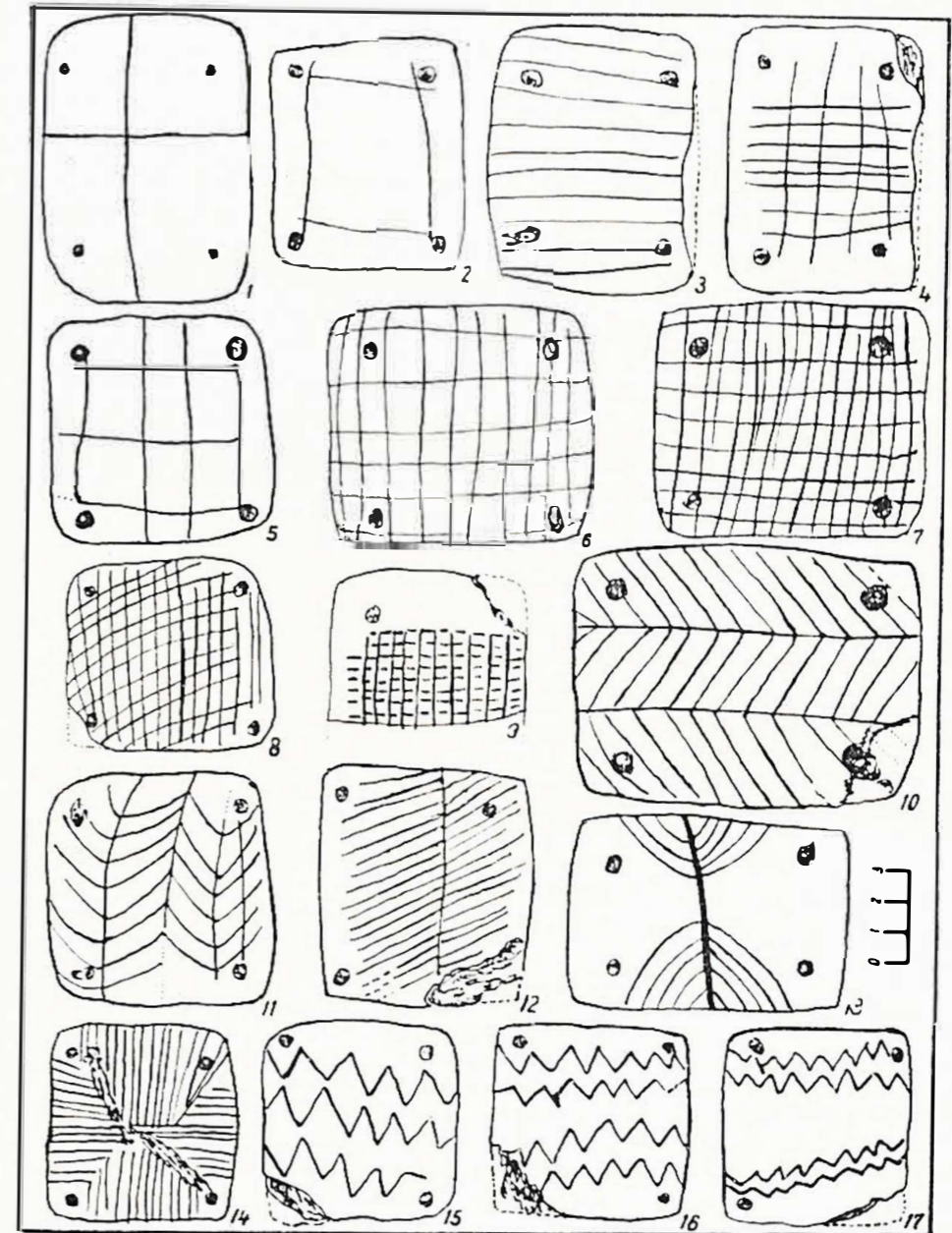


Fig. 9 — Placas de barro ornamentadas.

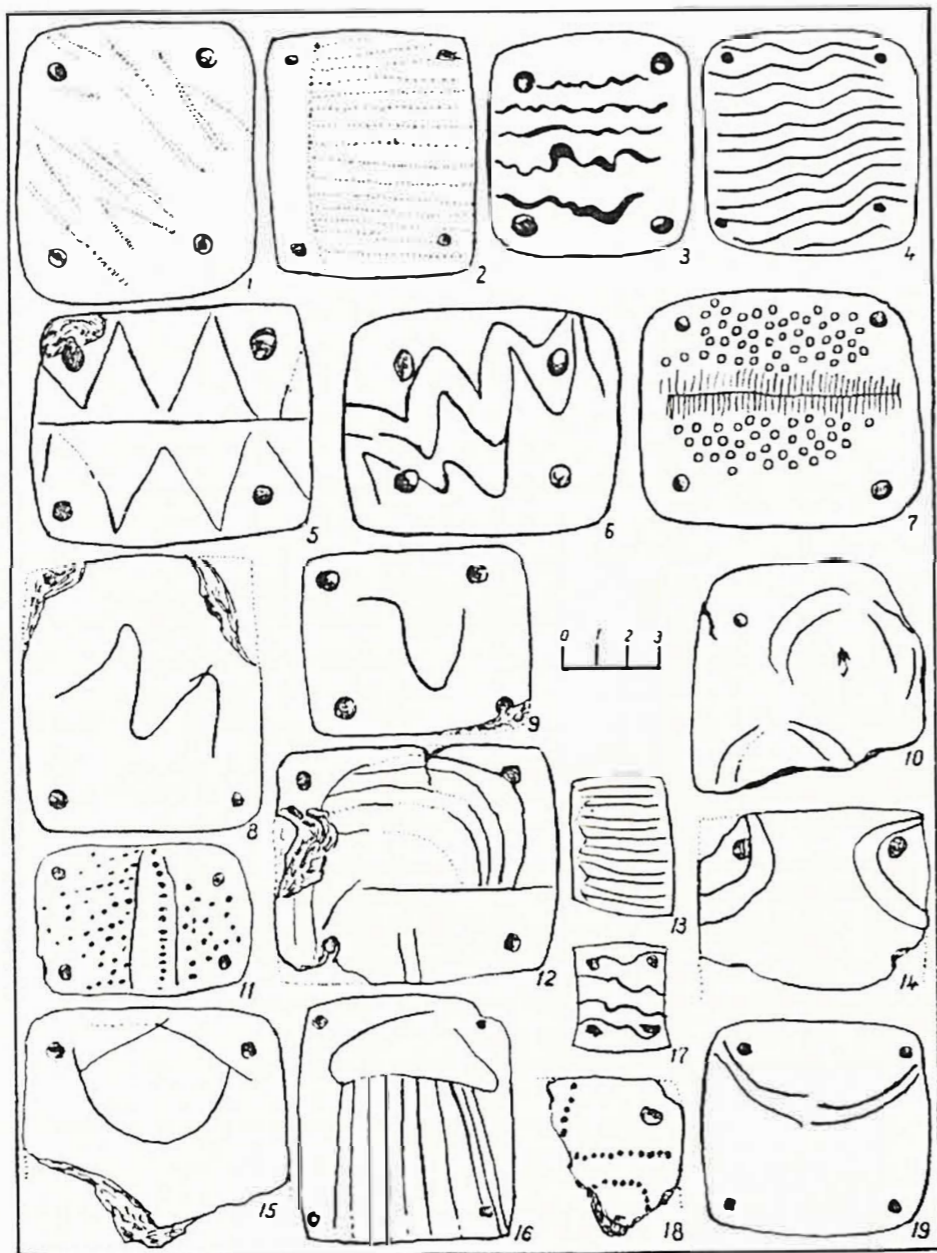


Fig. 10 — Placas de barro ornamentadas.

se halló en vasijas de Vilanova de San Pedro, en una placa de Pragança (189), y que Schliemann lo registró en cerámica de Troya (190).

Los núm. 11 y 18 de la fig. 10, además de surcos, presentan diversas perforaciones en desorden, poco profundas en el primero, alcanzando cerca de 6 milímetros en el segundo.

El núm. 8 de la fig. 10 y el núm. 5 de la fig. 12 contienen ambos una especie de signo alfabético que, en el primero, se repite en la otra cara.

El núm. 9 de la fig. 10 muestra un signo muy parecido al del dolmen de Mané Lud, en Morbihan (191).

Ciertos semicírculos simples o dobles (fig. 10, núm. 10 y 14) en torno a dos o cuatro orificios son comparables a otras decoraciones en placas de esquisto (192).

El núm. 16 de la fig. 10 parece una cabaña, y Breuil calificó también de «habitación» una figura semejante al núm. 12 de la fig. 10, de una pintura rupestre procedente de Nuestra Señora del Castillo (193). Acaso la misma significación se pueda dar a la fig. 11, núm. 7.

En el centro de una placa de aventajadas dimensiones se encontraba la fig. 10, núm. 13, del género de las del Peñón de las Grajas, La Visera, Retamoso, Rabanero, Los Gavilanes, Los Buitres, Malas Cabras, etc., siendo, sin embargo, más semejante a la de Nuestra Señora del Castillo (194).

El núm. 15 de la fig. 10 parece un arco tensado, presto a disparar contra la caza o el enemigo.

El núm. 19 de la misma figura es notable por parecerse al tatuaje facial de la figurilla de barro de Pedra de Ouro (195), y a los cilindros de calcáreo o de barro antes referidos procedentes de este mismo castro o de otras localidades (lám. XX, núm. 3, fig. 4).

(189) J. Leite de Vasconcelos, *História do Museu Etnológico...*

(190) Dr. Henri Schliemann, *Atlas des antiquités Troyennes*. Paris, 1874.

(191) Marthe et Saint-Just Péquart et Zacharie Le Rouzic, *Corpus des signes gravés des monuments mégalithiques du Morbihan*. Paris, 1917.

(192) Vergilio Correia, *El neolítico de Pavia*.

(193) H. Breuil, *Les peintures rupestres schématiques...*

(194) *Idem, ibidem*.

(195) Afonso do Paço, *Figurinha de Barro da Pedra de Ouro*.

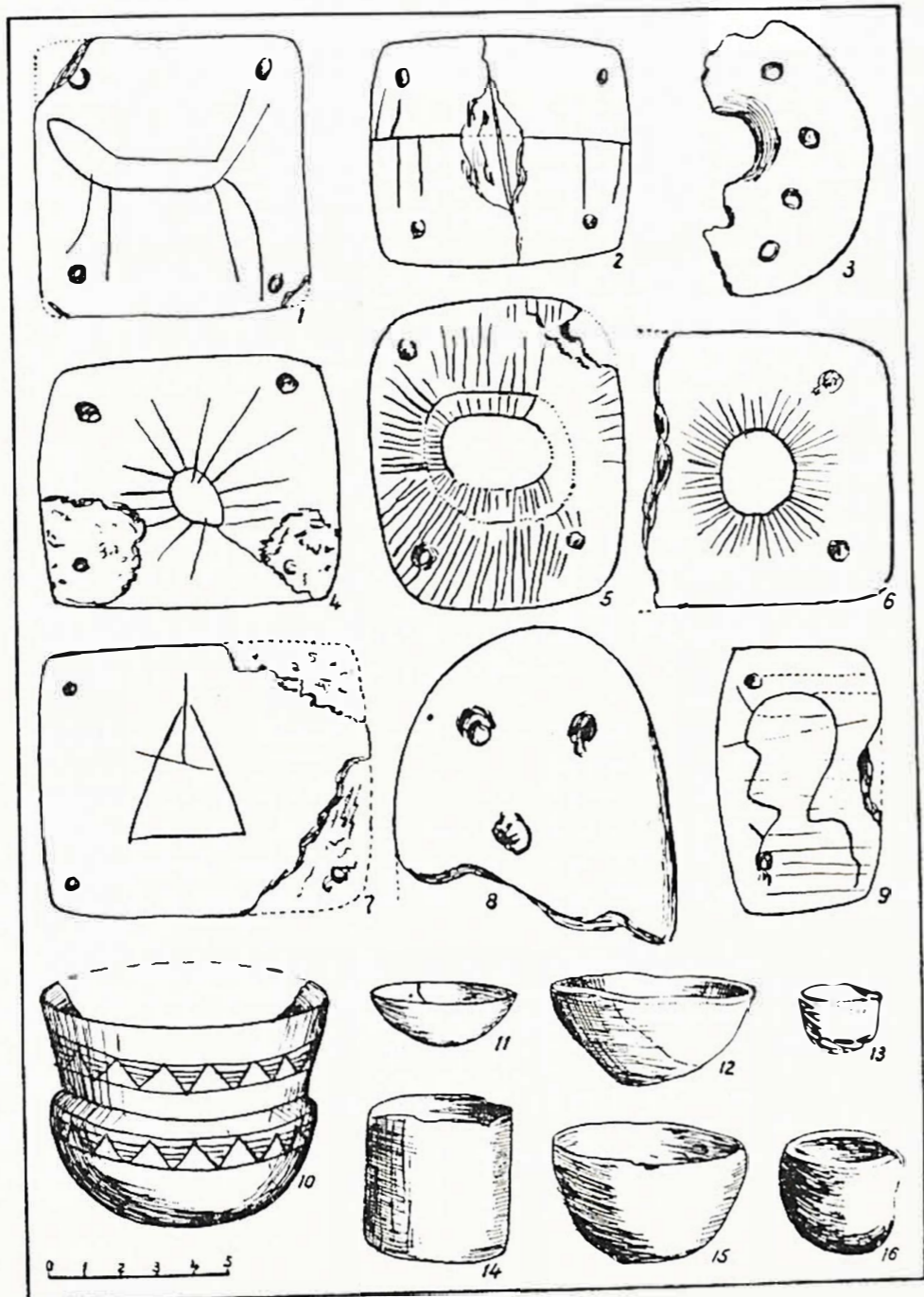


Fig. 11 — Placas de barro con figuras zoomórficas (1-2), soliformes (4-6) y antropomórficas (8-9). Vasos de pequeñas dimensiones (10-16).

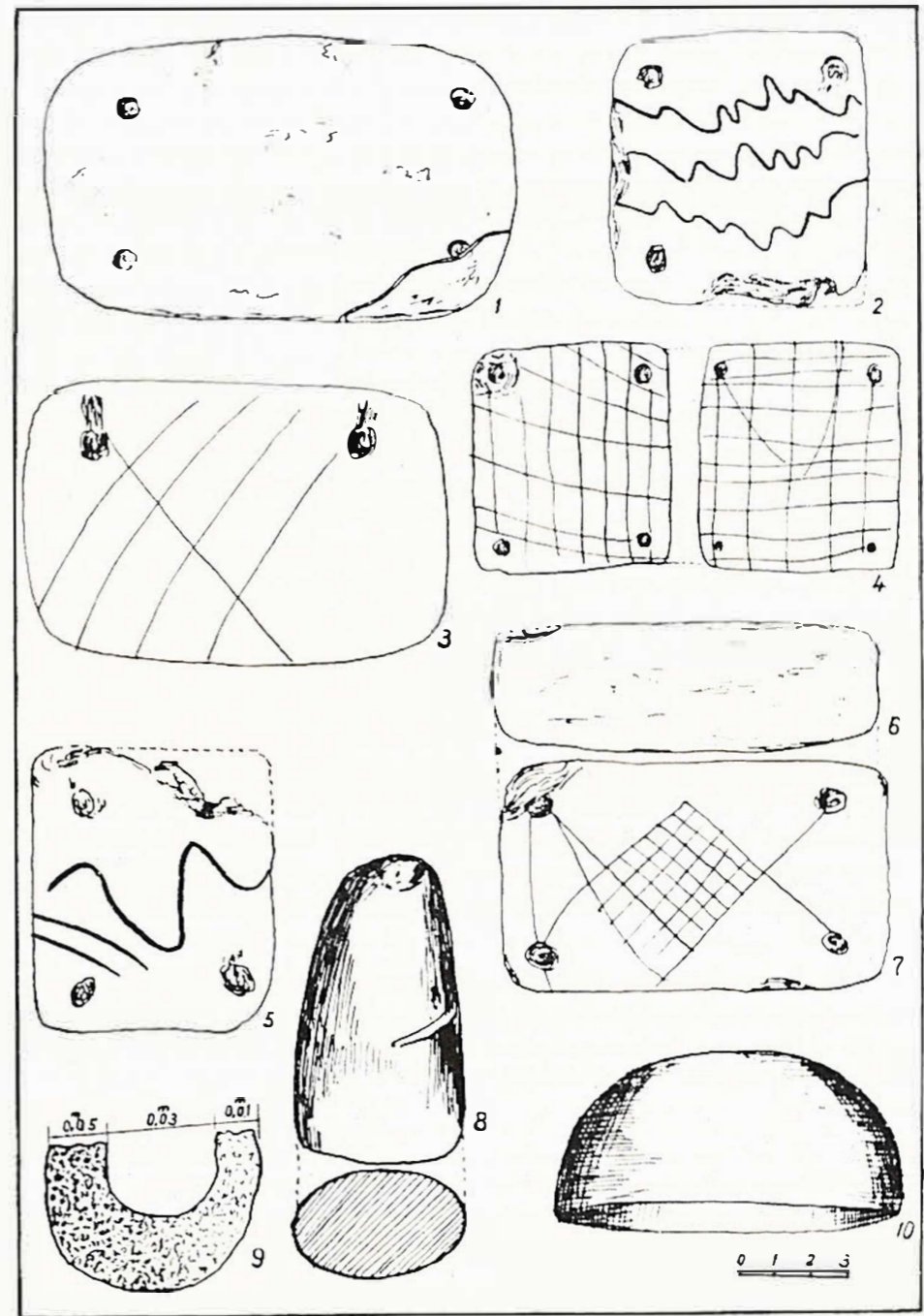


Fig. 12 — Placas de barro (1-7), hacha de sección ovalada (8), tubo de barro (9) y objeto semiesférico de piedra (10).

Breuil considera antropomorfos algunos de los dibujos antes indicados, como el núm. 1 de la fig. 9, y los núm. 15, 16 y 17 de la misma figura. Estos los interpreta como figuras sentadas, que recordarían ciertos grabados asirios y surafricanos ⁽¹⁹⁶⁾. Figuras antropomorfas parecen también el dibujo de la fig. 11, núm. 9, y el fragmento del núm. 8.

Cuántos otros paralelos podríamos establecer entre las placas del «Castillo» y los grabados y pinturas de otras localidades contemporáneas! Tal empresa nos llevaría demasiado lejos y alargaría mucho los límites de este trabajo. Sin embargo, no queremos dejar de llamar la atención, entre otras, sobre las afinidades que existen, por ejemplo, entre los dibujos núm. 17 de la fig. 10 y núm. 11 y 12 de la fig. 9 y los de los dólmenes de Padrão y de Cota ⁽¹⁹⁷⁾.

Las dimensiones y el grueso son muy variables; los ejemplares mayores no suelen presentar dibujo ninguno, excepto los núm. 3 y 7 de la fig. 12. Es curioso un ejemplar de dimensiones muy reducidas (fig. 10, núm. 17), que tiene en una de las caras cuatro órdenes de líneas quebradas y en otra dos surcos en cruz.

CAPÍTULO III

FORTIFICACIONES

Dice Martín Almagro refiriéndose a los pueblos inmigrantes que introdujeron la civilización neolítica en la Península: «vivían como colonizadores en tierra ajena, sobre cabezos fortificados con fosos y muros de piedra», añadiendo que estos «poblados, colocados en sitios preeminentes», denunciaban «su estado de guerra y alarma permanente» ⁽¹⁹⁸⁾.

⁽¹⁹⁶⁾ Abbé Henri Breuil, *Le passage de la figure à l'ornement dans la céramique peinte des couches archaïques de Mousson et de Suse*. XIIIème Congrès International d'Anthrop. et d'Arch. préhistoriques. Mónaco, 1906.

Idem, *Les peintures rupestres schématiques...*

⁽¹⁹⁷⁾ Mendes Corrêa, *Os povos primitivos da Lusitânia*. Porto, 1924.

⁽¹⁹⁸⁾ A. Martín Almagro, *Introducción a la arqueología*. Barcelona, 1941, p. 211.

Varias veces nos hemos referido a un morro central rodeado por las cabañas de la población y protegido por un lienzo de murallas que limitaría esta zona habitada y aun de los restos de otro (lám. III, B).

Esta tercera muralla es bastante curiosa. La parte visible tiene una extensión de 72 metros y se alinea a Oeste del castro. Una casua-

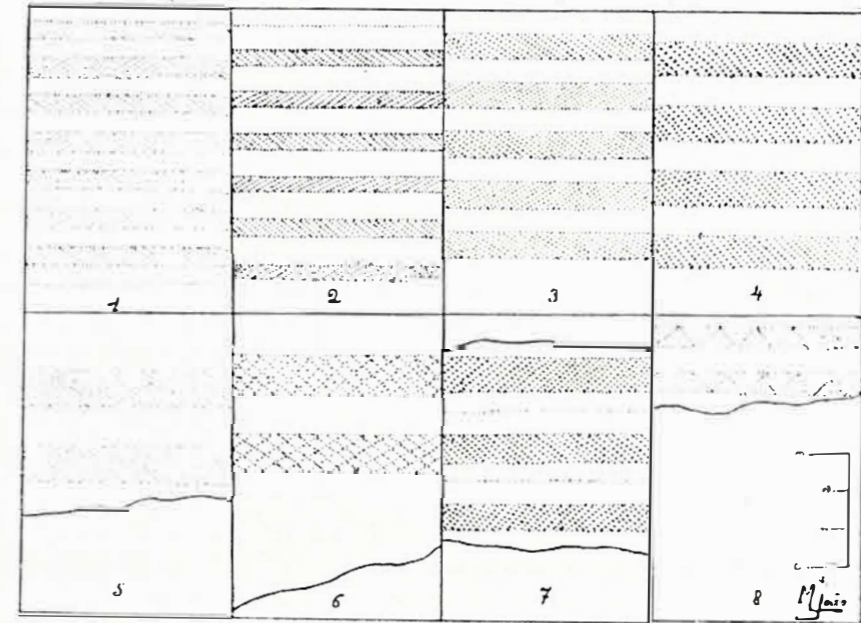


Fig. 13 — Tipos de decoración de bordes de vaso campaniforme.

lidad la puso al descubierto. Habiéndose procedido al corte del espeso matorral que la cubría, quedó a nuestra vista una serie de piedras alineadas que salían del suelo aquí y allá con una anchura de cerca de 1,70 metros. Eran bloques de calcáreo bastante grandes y se encontraban sólidamente fijados.

El profesor Mendes Corrêa la adivinó en una visita realizada en 1937 por orden del Ministerio de Educación Nacional, llegando entonces a afirmar que existiría naturalmente otro orden de murallas que limitaría exteriormente la zona poblada. Esta defensa se compondría

de piedras superpuestas y se diferenciaría bastante de la que rodea el morro central. Así sucedió, como veremos.

Parece que también puede afirmarse la existencia al Este de otro trozo de murallas, que en otras partes, sobre todo al Norte y Sur, falta completamente.

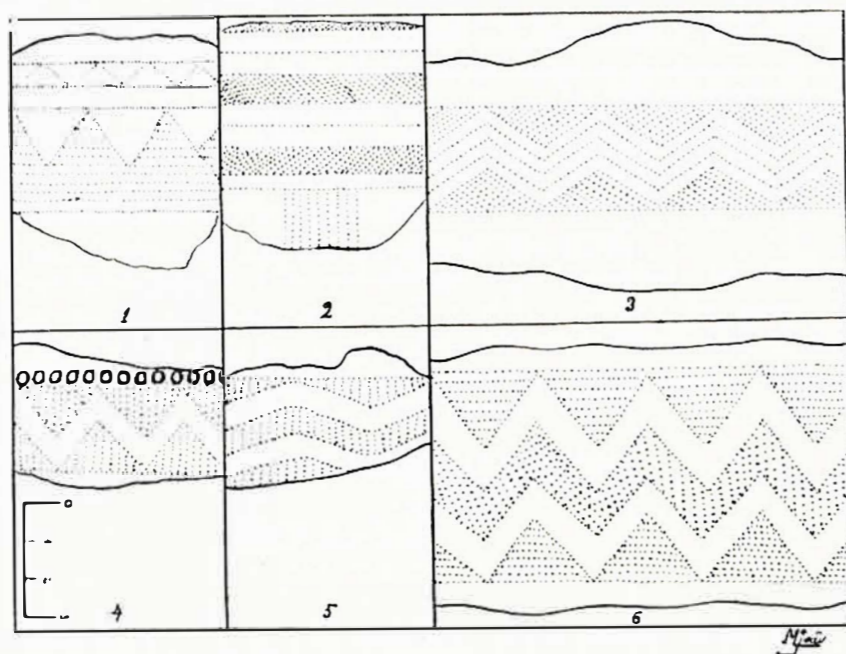


Fig. 14 — Tipos de decoración: de panza, de campaniforme (1, 2, 3, 6); de vasija grande (3, 6).

La segunda línea de fortificaciones dista de la tercera unos 26 metros. Serviría de linde exterior a la zona habitada y se encuentra reducida a un montón de ruinas, siendo rarísimos los elementos hasta ahora salinos a la superficie.

La primera defensa — a partir del interior — rodea, como dijimos, el morro central. De hace tiempo llamaba nuestra atención, y deseábamos proceder a un reconocimiento, identificar qué encerraba el «Castillo» propiamente dicho, lugar de riquezas maravillosas según

las leyendas. Pero los limitados medios de que disponíamos y el plan trazado desde 1937 no nos permitían explorar, aquí y allá, las zonas que nos pareciesen mejores, dejando para luego las que creyésemos inferiores.

No es que no se nos permitiese alterar el plan que nosotros mismos habíamos trazado, sino que en una excavación sistemática como ésta no son aconsejables tales saltos.

En 1942, al rodear el castro por el NE, se cortó una pequeña parcela de esa elevación. Ibamos a cerrar el círculo de las excavaciones y la ocasión era propicia. Pudimos distraer para este fin algunos obreros y poner manos a la obra.

Reconocimos que se había formado un muro de barro con piedras repartidas al azar sin pretensión de formar pared, sino sólo un conglomerado sólido. Un talud de cerca de 3,20 metros formaba con la muralla — que alcanzaba unos 2,70 metros — un todo único y de idéntica construcción. Una inspección de lo que creíamos ser la muralla, en su parte superior, nos mostró que era ésta bastante gruesa y que había en ella muchas piedras y tierra suelta, señal de desmoronamiento.

En 1943, durante la última semana de trabajos, se abrió una zanja a lo largo del morro central, de Norte a Sur. Aprovechamos para ello un sondaje hecho en 1936 por H. Cabaço (lám. V).

Terminada la obra, logramos extraer las siguientes conclusiones:

1.ª — El terreno natural forma de hecho allí una pequeña elevación, constituida por un tufo calcáreo de poca consistencia, igual que el que hoy se utiliza en forma de paralepípedos para construcciones y se llama vulgarmente «cascajo».

2.ª — Sobre ese «cascajo», por decir así, se asentaba una pequeña capa de cenizas conteniendo algunos instrumentos de sílex y hueso y fragmentos de barro.

3.ª — Por encima de estas cenizas se extendía una zona de tierras negras sin grandes piedras.

4.ª — Sobre ésta se extendía — hasta la superficie del suelo — una espesa camada de tierra y piedra, igual a otra que se halla por todo el castro, conteniendo material arqueológico muy escaso.

5.ª — La capa de «cascajo» era visible de un extremo a otro de la zanja abierta en una extensión de 17 metros.

6.ª Del lado Norte empezaba luego, interiormente, un nuevo talud, constituido por piedra y tierra amasada, semejante al que dijimos haber descubierto en 1942, limitado en su base por una hilera de piedras colocadas unas junto a otras.

7.ª — Al lado del Sur, a unos 3,20 metros de distancia de la muralla, se halló un silo, cavado en el «cascajo», de cerca de 1,26 metros de hondo, y de ancho de boca de 0,90 metros, ensanchado en su parte media. Contenía dentro tierra blanquecina, fragmentos de vasos de varios tamaños sin decoración, hachas pulimentadas (dos), lascas de sílex y puntas de flechas, huesos de animales y carbon.

8.ª — El mismo talud reaparecía por el Sur.

La excavación de 1944 se ocupó sólo — como ya se ha dicho — del interior del recinto amurallado (lám. VI, A).

Cantidades enormes de piedras, tal vez en más cantidad que en el resto de la excavación, cubrían restos de fondos de cabaña con bastante material arqueológico.

La misma capa de «cascajo» en la base.

A cierta altura ésta presentaba una solución rectangular de continuidad, con el fondo cubierto de piedras, por las que se filtraba la tierra que caía de arriba. Quitada la primera capa de piedra le seguían otras, también sueltas, entre las que se hundían las tierras. Algunas de estas piedras y tierra parecían estar muy quemadas, con señales evidentes de grandes hogueras. Contenían, entremezclados, huesos de animales, también atacados por el fuego, y fragmentos cerámicos muy groseros.

Conseguimos así descubrir una cavidad de 1,30 metros de hondo. Las paredes laterales no estaban cortadas a pico, sino que presentaban una ligera inclinación, y del lado Sur se veían, incrustados en la arena blancuzca, algunos bloques de piedra dispuestos en forma de escalones (lám. VI, B-a).

A 1,30 metros de profundidad se notó un reducido patamar, al Este del cual continuaban las mismas piedras sueltas quemadas y huesos calcinados revueltos con tierra.

Siguiendo la desobstrucción encontramos una especie de brocal de pozo, bien hecho y redeado, de cerca de 0,50 metros de alto. Esta boca da a una cavidad que se ensancha hacia el fondo, con paredes

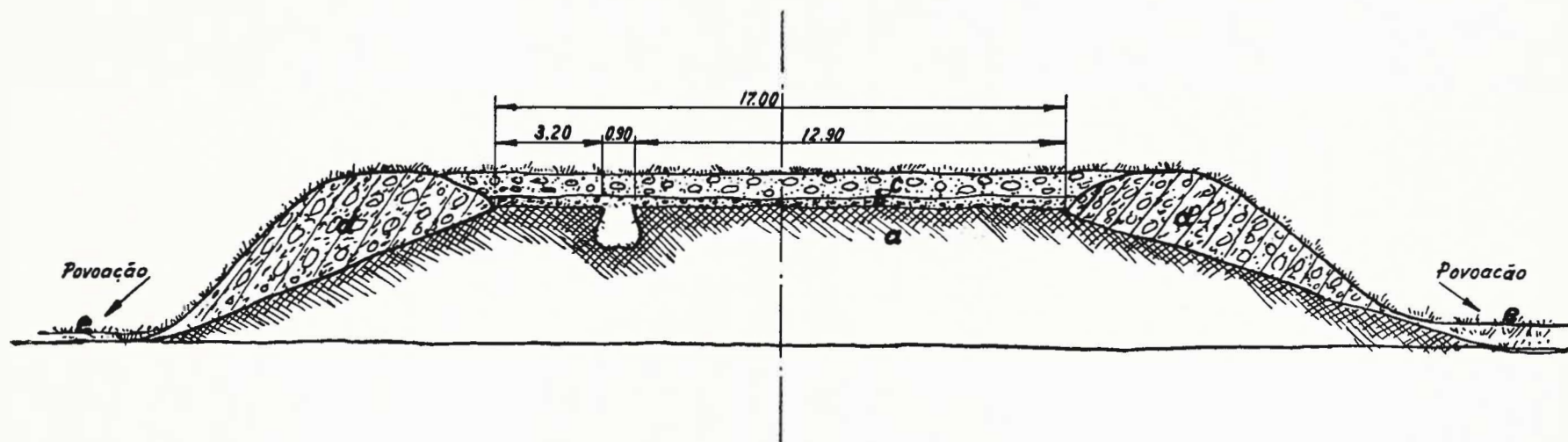


Fig. 15 — Corte esquemático del morro central y de la trinchera abierta para su reconocimiento.

- a — Tufo calcáreo.
- b — Capa entre a y c con cenizas y abundante material arqueológico.
- c — Capa con piedras mayores y poco material arqueológico.
- d — Talud artificial de tierra y piedras.
- e — Fondos de cabaña.

de grandes bloques de piedra y tierra amasada. Excavamos hasta la profundidad de 2 metros, sin que apareciese nada notable.

Estos reconocimientos no alcanzaron toda la extensión del rectángulo calcáreo, porque para ello habríamos tenido que derribar una

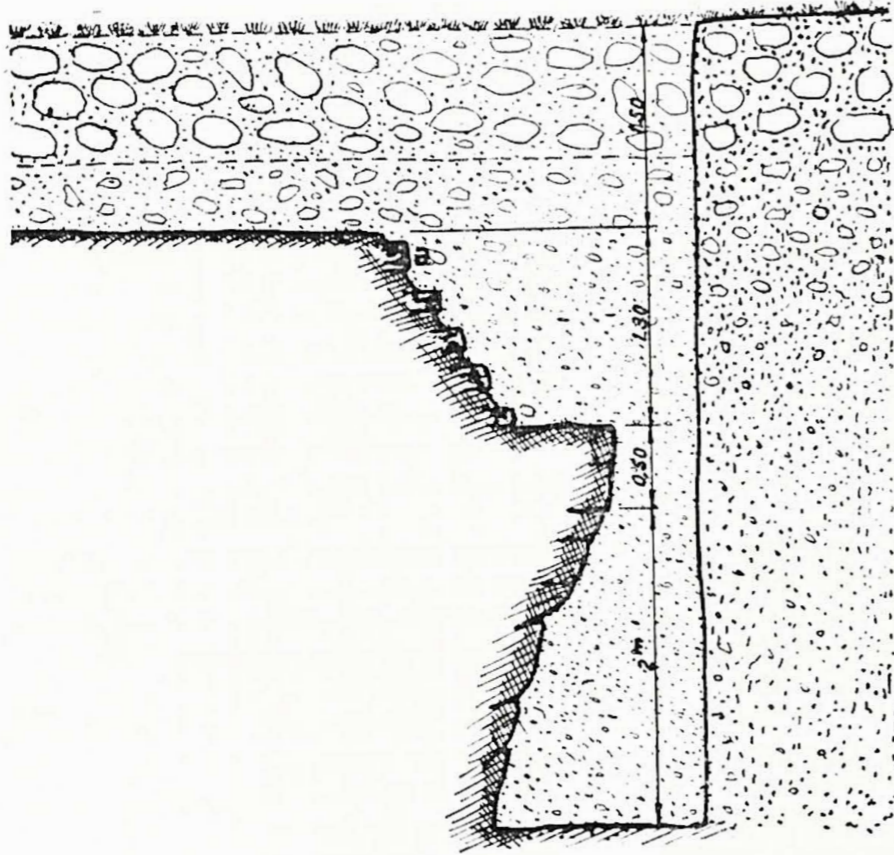


Fig. 16 — Corte esquemático de una cisterna (?) o pozo abierto artificialmente en el morro central, y en parte descubierto durante la campaña de 1944. En a se notan las gradas toscas de una escalera que conduce a dicho pozo.

tapia, y nos encontramos al final de la campaña con la subvención totalmente agotada.

Los gráficos de las figs. 15 y 16 dan una idea más aproximada de las obras realizadas.

CAPÍTULO IV

LA VIDA EN EL «CASTILLO»

Evidentemente no sabemos nada con certeza de la vida que llevaban los habitantes del «Castillo». Pero de lo que dejaron en sus modestas viviendas podemos, al menos, hacernos una imagen de su alimentación y su trabajo.

Todas las campañas de excavaciones nos proporcionaron fauna abundante, abandonada por casi toda la extensión del pueblo. Los despojos forman masas enormes, de tal modo que en la mayoría de los casos los dejamos junto al terreno excavado por dificultades de transporte.

El abate Breuil se apresuró atentísimamente a clasificar la fauna mamífera. Es la siguiente.

Bos (toro). Relativamente abundante. Hay ejemplares de gran tamaño.

Capra (cabra).

Equus (caballo). Abundante.

Asinus (burro). Raro.

Canis (piero). Raro.

Cervus (ciervo). Muy abundante.

Sus scropha (jabalí). Muy abundante.

Lupus (lobo). Raro.

Ursus (oso). Hay restos de uno grande y de otro de menor tamaño.

Hystrix (erizo).

Lynx (lince).

Meles taxus (tejón).

Se ve, pues, que la carne que más comían era la de ciervo, toro y jabalí, y acaso también la de caballo. Es de notar que había también

oso, lobo y lince, además del ciervo, que hoy han desaparecido de esa región.

Al tiempo que esto, también se han hallado todos los años grandes cantidades de simientes amontonadas en el fondo de las cenizas, lo que nos lleva a suponer que la población fué súbitamente abandonada o que no pudo resistir a la fuerza de un terremoto. No es la primera vez que simientes parecidas se encuentran en yacimientos de esa época. Las halló, por ejemplo, H. Cabaço en Pedra de Ouro (Alenquer) y el difunto J. de Pinho en Pepim (Amarante) ⁽¹⁹⁹⁾.

Esta particularidad, juntamente con la abundancia de hoces de sílex de forma lanceolada, muestra que los habitantes de Vilanova de San Pedro se entregaban a la agricultura. De hecho todos los investigadores están de acuerdo en que esa era una cultura fuertemente agrícola, siendo la agricultura uno de los principales elementos de su riqueza.

Solicitamos del ingeniero agrónomo António R. Pinto da Silva que hiciese el favor de clasificar las especies halladas y se prestó pronta y atentamente a satisfacer nuestra petición con el siguiente

«INFORME ACERCA DE LAS SIMIENTES CARBONIZADAS
RECOGIDAS EN EL PUEBLO ENEOLÍTICO
DE VILANOVA DE SAN PEDRO

Entre los hallazgos observados notamos, como en los años anteriores, aparte de los fragmentos de madera carbonizada, habas (*Vicia Faba* Lin.), bellotas (*Quercus* sp.) y mucho más raramente, cuerpos esféricos deprimidos que parecen pequeños bulbos.

⁽¹⁹⁹⁾ José de Pinho, *Sur des graines trouvées dans la station énéolithique de Pepim*. Amarante. Actes du XV^e Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques. Portugal, 1930, p. 356. También en Lapa de Rotura encontró Marques da Costa simientes carbonizadas parecidas al trigo actual (O Archeólogo Português, vol. VIII, p. 271), y V. Natividade habla también de «trigo carbonizado» en la gruta de las Redondas (*Grutas de Alcobaça*. Portugalia, I, p. 456). En el Outeiro da Assenta aparecen «granos carbonizados o oscurecidos que parecían de trigo y se amontonaban al lado de la cerámica» (F. Alves Pereira, *Estação Arqueológica do Outeiro da Assenta (Óbidos)*, en O Archeólogo Português, vol. XIX, p. 142).

Habas — Las recogidas en este pueblo eneolítico son bastante pequeñas. Mucho menores que las variedades actuales, pues sólo miden $7.2 \times 4.9 \times 4.8$ milímetros (media media de diez mediciones). Son de perfil elíptico, frecuentemente clavo-truncadas del lado del hilo, levisimamente reniformes y de sección subcircular. El índice de grosor (grosor :: longitud) es de 0.66.

La depresión hilar es más o menos acentuada desde la extremidad al dorso (a veces bastante, por corrupción?). El hilo es alargado, mide cerca de 4 milímetros de largo, y el microplo, situado en el tercio superior de la parte ventral, está sustituido muchas veces por un orificio por corrupción de la raicilla.

La separación de los cotiledones, en general, es clara y fácil.

En algunos rarísimos casos estas simientes presentan la superficie perforada por orificios circulares, como ocurre actualmente en las leguminosas parasitadas por insectos del género *Bruchus*.

Según Muratova ⁽²⁰⁰⁾ y otros autores, las habas comienzan a aparecer en los hallazgos neolíticos y del bronce en la región mediterránea y adyacentes. En el resto de Europa aparecen en la edad del hierro, y en Rusia sólo en los siglos VI, VII y VIII.

Refiere este autor que las simientes encontradas en las excavaciones son generalmente pequeñas (4.4 a 4.8 milímetros de largo), siendo las del Mediterráneo oriental las de menores dimensiones y contorno más redondeado. En cuanto a las halladas en regiones occidentales — como en España — son más largas, deprimidas y estrechas.

En efecto, Feinbrun ⁽²⁰¹⁾, que recientemente estudió las habas halladas en Beth-Ehean (Palestina), atribuidas al comienzo de la edad del bronce (bronce primitivo I), las describe como muy pequeñas, con 5.5 a $5.75 \times 4.6 \times 4.3$ milímetros, y el índice de grosor entre 0.7 y 0.8.

Las de Vilanova de San Pedro de mayores dimensiones y menor índice de grueso y, por tanto, de una forma más evolucionada, según

⁽²⁰⁰⁾ Muratova, V. S., *Common Beans (Vicia Faba L.)*. Suppl. 50.° Bul. Appl. Bot. Gen. Pl. Breed, 1931.

⁽²⁰¹⁾ Feinbrun, N., *New data on some cultivated plants and weeds of the Early Bronze age in Palestine*, en Palest. Journ. Bot., I Série, vol. I, n.° 2, 1938.

la expresión de Muratova, confirman las características señaladas por este autor para las variedades occidentales.

Es interesante notar que tanto el presente caso como el estudiado por Feinbrun constituyen los extremos del área, permitiendo así rectificar de modo importante sus límites.

Bellotas — No es posible indicar a qué especie de *Quercus* pertenecen las bellotas encontradas en esta localidad. Los ejemplares, en general, están constituidos por los cotiledones soldados o libres, fusi-formes, a veces encorvados, midiendo 21 a 29 × 9 a 13 milímetros.

Sacavém, junio 1943. — Estación Agronómica Nacional.

A. R. Pinto da Silva, ing. agr.»

No faltaban tampoco en esta variada alimentación los mariscos, que irían a buscar, Dios sabe con qué dificultades, en las playas de San Martinho, Foz de Arelho, Peniche y Santa Cruz. Las especies halladas son corrientes: *Patella*, *Tapes*, *Cardium*, *Pectunculus*, etc.

No menos evidentes que las actividades agrícolas son las metalúrgicas. Ya en las primeras campañas nos llamó la atención las cantidades relativamente grandes que salían de mineral limonítico con incrustaciones de malaquita. Pero en 1941, como ya se indicó, es cuando dimos con el depósito más importante de mineral, que estaba amontonado deliberadamente en un mismo lugar. No menos de 13 kilogramos pudimos retirar y guardar separados del resto. Al tiempo yacían dispersos aquí y allá bastantes crisoles en fragmentos, con la agravante de tener muchos de ellos aún unidos trozos de metal derretido.

Si los habitantes del «Castillo» conocían bien la industria del metal, no dejaban por eso de entregarse también en gran medida a la elaboración del sílex. Casi podemos considerar este poblado como una fábrica de instrumentos de sílex. Pruébalo la gran abundancia de éstos — puntas de flecha o cuchillos, por ejemplo — e igualmente las innumerables lascas esparcidas por todo el terreno y los cientos de instrumentos sin terminar. Al hablar del yacimiento de Almizaraque decía el difunto L. Siret que era una gran fábrica de una industria

metalúrgica, o quizá un laboratorio de ensayo de minerales ⁽²⁰²⁾. Lo mismo podemos aplicar a nuestro yacimiento, no sólo en lo referente al metal, sino también al sílex, y más aún a éste. Es una verdadera fábrica de sílices tallados.

El hallazgo de las fusayolas nos hace pensar en la posibilidad del conocimiento de la industria textil o cosa parecida, pues tales objetos serían probablemente pesas de telar. Por otra parte, no ignoraban el uso de la aguja. Sabiendo que podían tejer y coser, hay que suponer el uso de vestidos de tela.

Eran gentes que venían a la busca de metales, y, por tanto, constituidas en su mayor parte por traficantes. El movimiento de pueblos al principio de la edad del bronce se debe, sobre todo, al descubrimiento de las minas de cobre y a la lucha por su posesión ⁽²⁰³⁾.

No admira, pues, que estas poblaciones se compusiesen de gentes heterogéneas y recibiesen influencia de culturas de tierras lejanas.

Las de Vilanova de San Pedro, como todas las del vaso campaniforme, tienen ciertamente más de un elemento que las coloca en relación con Oriente. Los puñales encurvados y con espiga, como los hallados en 1937 y ya publicados por nosotros, son sin duda de origen egipcio ⁽²⁰⁴⁾. Las cuentas de collar discoideas, de pocos milímetros de diámetro, aparecen abundantemente en Egipto alrededor del año 3000 antes de Cristo. Lo mismo diremos de los alfileres óseos de cabeza torneada que han salido en todas las campañas. Son comunes en la cultura predinástica egipcia llamada badariense; lo mismo ocurre con las puntas de flecha de base cóncava y de puntas laterales prolongadas ⁽²⁰⁵⁾. Otro argumento en pro de estas relaciones con Egipto son los cuernecillos de barro que hemos recogido a decenas. Es sabido que

⁽²⁰²⁾ Louis Siret, *Caractères industriels du néo et l'énéolithique dans le Sud de la Péninsule Ibérique*, en Actes du XV^e Congrès International d'Anth. et d'Arch. Préhistorique, p. 341.

⁽²⁰³⁾ P. Bosch Gimpera, *Relaciones prehistóricas de Irlanda con el Occidente de la Península Ibérica*, en Miscelânea científica e literária dedicada ao Doutor J. Leite de Vasconcelos. Coimbra, 1934, pág. 44.

⁽²⁰⁴⁾ J. de Morgan, op. cit., p. 129.

⁽²⁰⁵⁾ V. Gordon Childe: *L'Orient préhistorique*, p. 62, fig. 14.

en Egipto, y en general en Oriente, el buey o el toro eran objeto de un culto religioso y que a veces se representaban sólo por los cuernos.

También de origen oriental son los botones en forma de tortuga (lám. XIV, núm. 41-48) y la figurilla de suino (fig. 5, núm. 6) encontrada en 1941. Pero sobre todo la estatuilla antes descrita, de hueso, deja ver claramente estas relaciones orientales ⁽²⁰⁶⁾.

CAPÍTULO V CRONOLOGIA

Quedan sólo por decir dos palabras acerca de la cronología de este poblado prehistórico. La industria recogida en estos ocho años de excavaciones se sitúa perfectamente en los períodos II-III y III de la clasificación de Siret, tomada recientemente como base por Leisner para la cultura megalítica en su obra monumental *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel* ⁽²⁰⁷⁾ y que corresponde perfectamente a la cultura de Los Millares.

El conjunto de la industria da, sin embargo, la sensación de ser algo posterior a la de Palmela, lo que confirmaría nuestros puntos de vista sobre la mayor antigüedad de esta cultura en relación a la de Los Millares. Aceptamos, no obstante, las bien fundadas objeciones que Leisner hace a nuestra clasificación ⁽²⁰⁸⁾, apoyadas por Martín Almagro en su reseña de la obra del investigador alemán ⁽²⁰⁹⁾. Martínez Santa-Olalla opina también años antes que Vilanova de San Pedro, «en su núcleo principal, corresponde a un bronce I muy avanzado que

⁽²⁰⁶⁾ Eugénio Jalhay, *O castro eneolítico de Vila Nova de S. Pedro e as suas relações com o Norte africano e o Mediterrâneo Oriental*. Comunicação apresentada ao Congresso das Associações Portuguesa e Espanhola para o Progresso das Ciências. Porto, 1943.

⁽²⁰⁷⁾ Op. cit., vol. I, p. 44 y sigs.

⁽²⁰⁸⁾ *Idem, ibidem*, p. 570, nota.

⁽²⁰⁹⁾ *Ampurias, Revista de Arqueología, Prehistoria y Etnología*, vol. VI. Barcelona, 1944, p. 370.

representa la expansión hasta la costa atlántica de la forma más pura de la cultura iberosahariana del SE español» ⁽²¹⁰⁾. La población de Vilanova de San Pedro comenzaría, pues, hacia 2000-1800 a. de C., pero, como ya dijimos, existen en ella indicios para afirmar su continuidad hasta posiblemente la época de la cultura algárica. Por esta razón la consideramos formando parte del segundo grupo de la del vaso campaniforme en este país, como dejamos dicho en otra publicación ⁽²¹¹⁾ y recientemente fué aceptado por el ilustre arqueólogo español, especialista en la cultura del vaso campaniforme, A. del Castillo ⁽²¹²⁾. Pero, después de esto período, ocurre lo mismo que V. Correia notó en el castro de Pavía. La ocupación del castro desaparece repentinamente, o por haber sido destruido éste en una lucha con tribus invasoras, o por haber sido abandonado totalmente por sus habitantes. No hay ningún indicio de ocupación posterior, nada que señale la presencia de pueblos de la edad del hierro, al contrario de lo que ocurre en el de Pragança, que muestra señales de haber estado habitado hasta la época romana.

Al terminar no queremos dejar de manifestar nuestro agradecimiento a las entidades oficiales y, sobre todo, al Ministerio de Obras Públicas y Comunicaciones (Dirección General de Edificios y Monumentos Nacionales) y Ministerio de Educación Nacional (Instituto

⁽²¹⁰⁾ Julio Martínez Santa-Olalla, *Sobre el neolítico antiguo en España*. Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria, tomo XVI. Madrid, 1941, p. 104.

⁽²¹¹⁾ Eugénio Jalhay e Afonso do Paço, *A gruta II da necrópole de Alapraia*. Academia Portuguesa de História, Anais, vol. IV. Lisboa, 1941, p. 127 e 138.

⁽²¹²⁾ Alberto del Castillo, *Cronología de la cultura del vaso campaniforme en la Península Ibérica*. Archivo Español de Arqueología, núm. 53, p. 412. Madrid, 1943.

Nota de la Redacción—Por vez primera y sin que se cite en este trabajo de A. del Castillo se habla de dos etapas de vasos campaniformes en España, vaso I y II, por J. Martínez Santa-Olalla, *Origen y cronología del vaso campaniforme*. Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía Prehistoria, XIV, 1935, p. 257-259. Posteriormente, P. Bosch Gimpera, sin tampoco citar la fuente original, repite tales ideas en *Man*, 1940, p. 6-10, y más tarde, con el mismo silencio, en *El poblamiento antiguo y la formación de los pueblos de España*. México, 1944, p. 61 y sigs.

para a Alta Cultura), por las subvenciones que han puesto a nuestra disposición para llevar a cabo estas excavaciones.

Sólo así nos ha sido posible desenterrar del silencio de tantos siglos una de las más bellas páginas de la prehistoria portuguesa (*).

(*) *Nota de la Redacción* — Este trabajo es la ampliación de la conferencia que uno de sus autores, Engénio Jalhay, dió en la solemne inauguración del curso de 1943-44 en la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria, el 27 de octubre de 1943.

INDICE

CAPÍTULO I

1.º — Situación	183
2.º — Noticia histórica	184
3.º — Leyendas	185
4.º — Medio arqueológico	189
5.º — Campañas de excavaciones	196

CAPÍTULO II — MATERIAL RECOGIDO

A) Utensilios de uso común	197
1 — Objetos de piedra	197
2 — Objetos de hueso	203
3 — Objetos metálicos	204
B) Armas	208
1 — De piedra	208
2 — Objetos de hueso	211
3 — Objetos de metal	211
C) Objetos de vestuario y adorno	213
D) Objetos a los que se atribuye finalidad religiosa	217
E) Cerámica	227
a) Cerámica de uso doméstico	228
b) Cerámica industrial	234

CAPÍTULO III — FORTIFICACIONES	250
--------------------------------	-----

CAPÍTULO IV — LA VIDA EN EL «CASTILLO»	257
--	-----

CAPÍTULO V — CRONOLOGÍA	262
-------------------------	-----

Láminas.

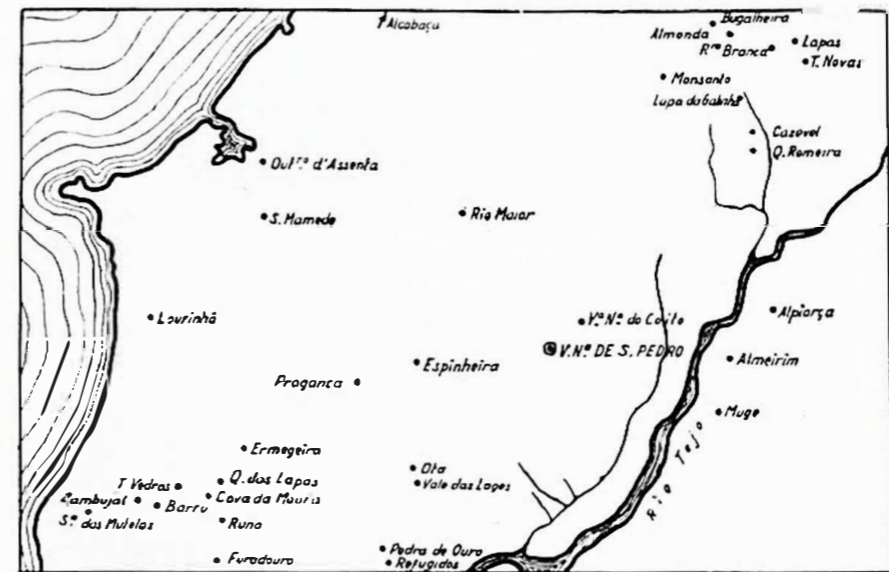


Fig. 1—Mapa de la región en que se encuentra Vilanova de San Pedro, con indicación de las principales estaciones prehistóricas de la misma época.

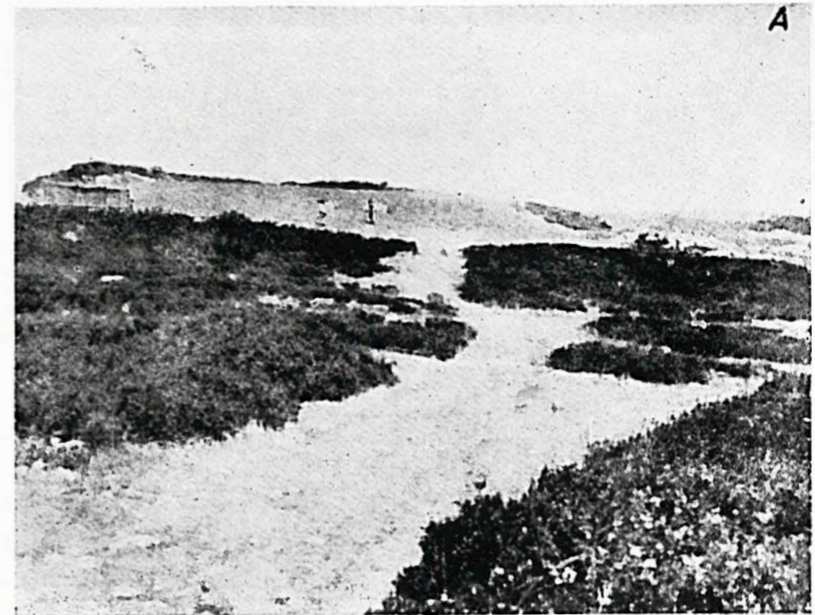


Fig. 2—Vista general del «Castelo» tomada desde el Sur.



Fig. 1 — Fondo de cabaña.



Fig. 2 — Trozo de muro encontrado al SO del morro central.



Fig. 1 — Apertura de una trinchera en el NO del castro.

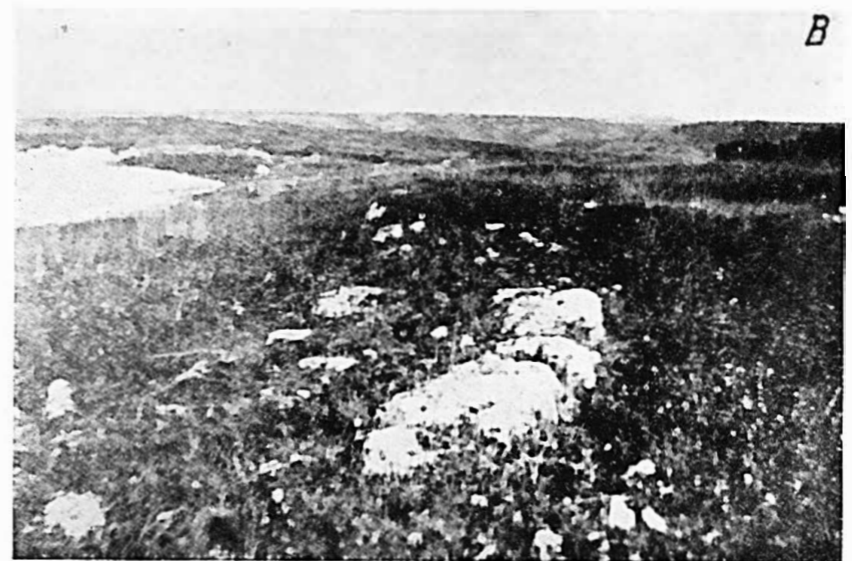


Fig. 2 — Parte de la muralla exterior, a puente.



Fig. 1 — Silos (?) abiertos artificialmente en el terreno.



Fig. 2 — Silos (?) de menores dimensiones, situados, como los primeros, al N del «Castelo».



Fig. 1 — Vista de la trinchera cavada longitudinalmente en el morro central, lado S.
En *a*, el silo encontrado.



Fig. 2 — La misma trinchera, lado N.
En *a*, el silo.



Fig. 1— Una cavidad subterránea descubierta en 1944 en la parte superior del morro central.

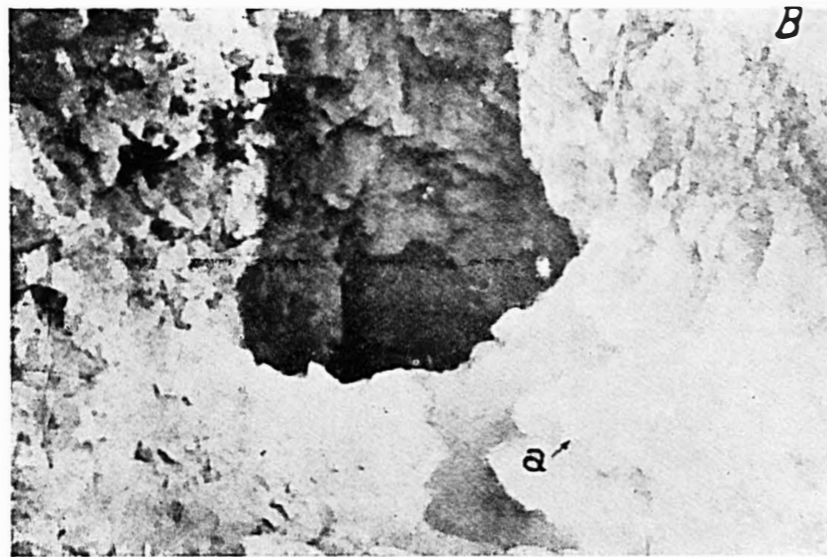
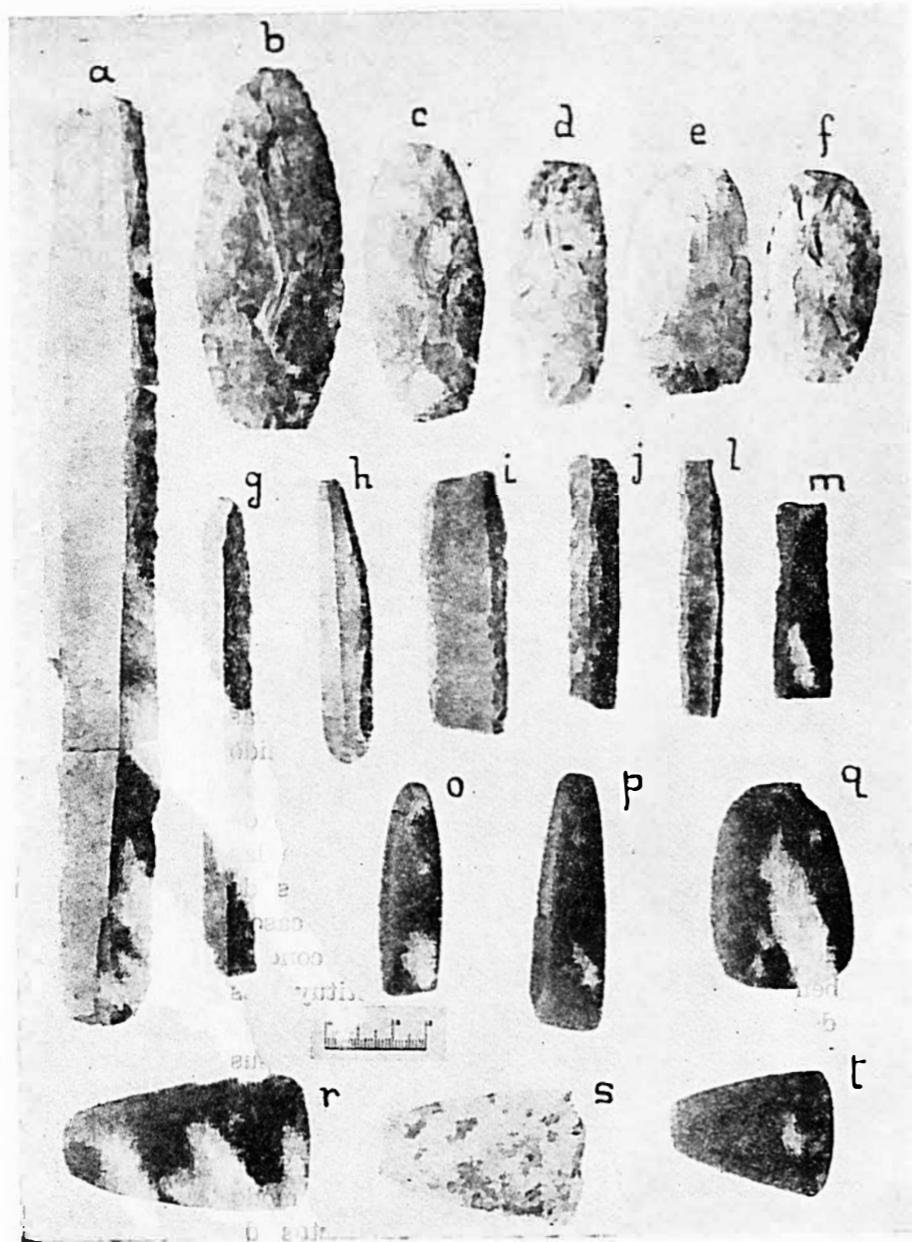


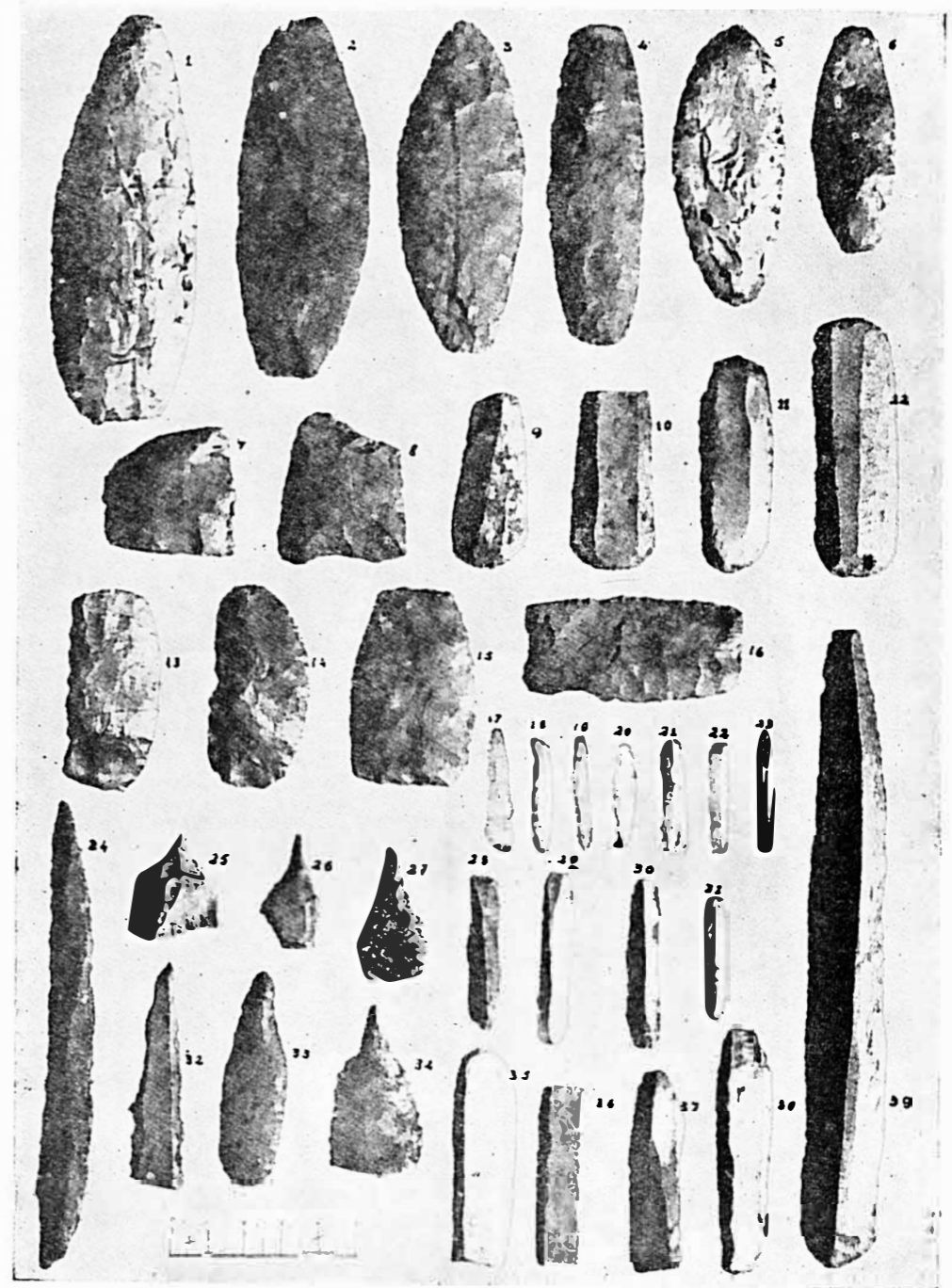
Fig. 2— Otra vista de la misma cavidad, mostrando en *a*, los toscos escalones que le dan acceso.



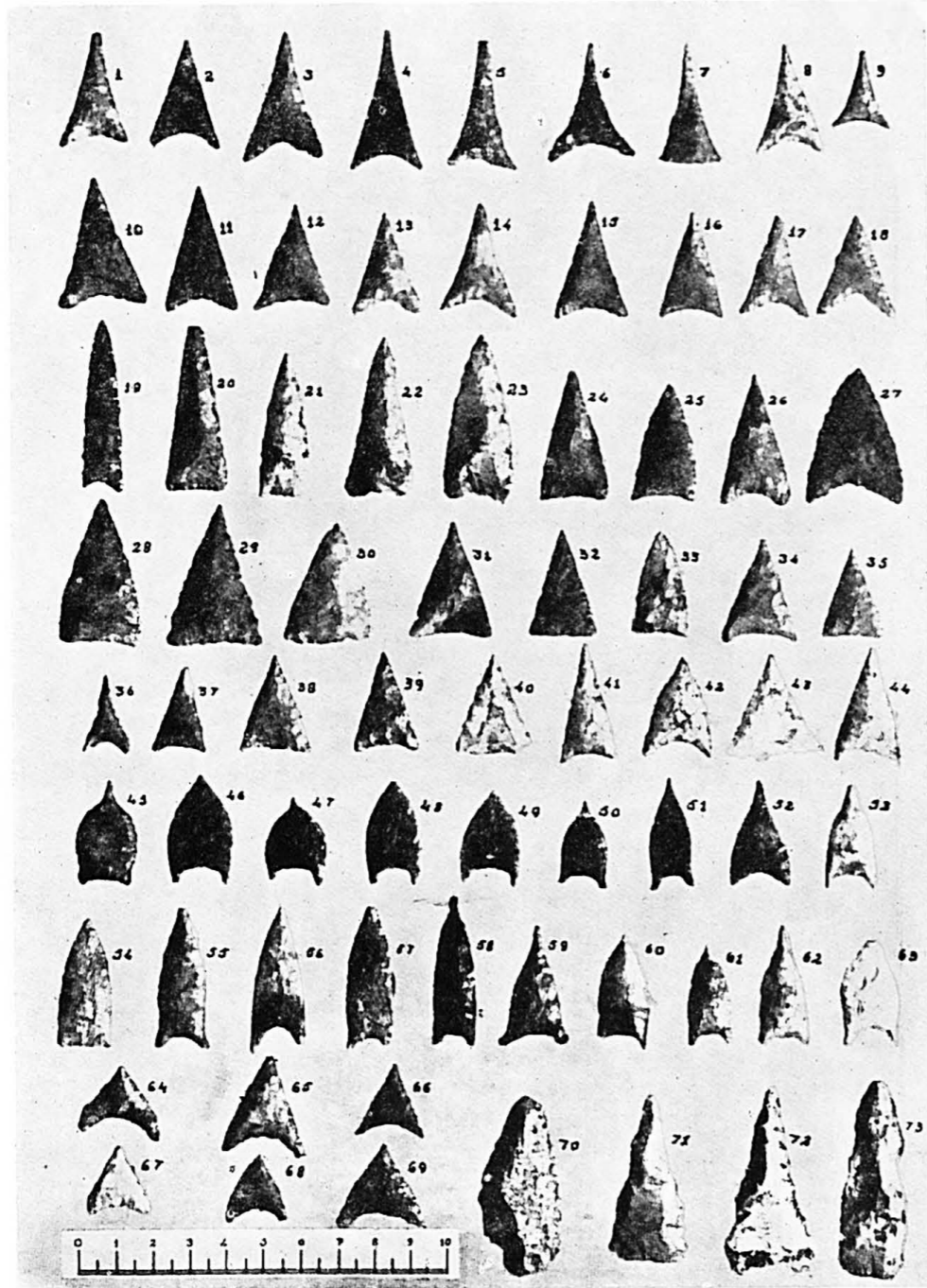
Hoces, lanzas y cuchillos de sílex (1-17). Hachas, gubias y martillos de rocas duras (18-30).



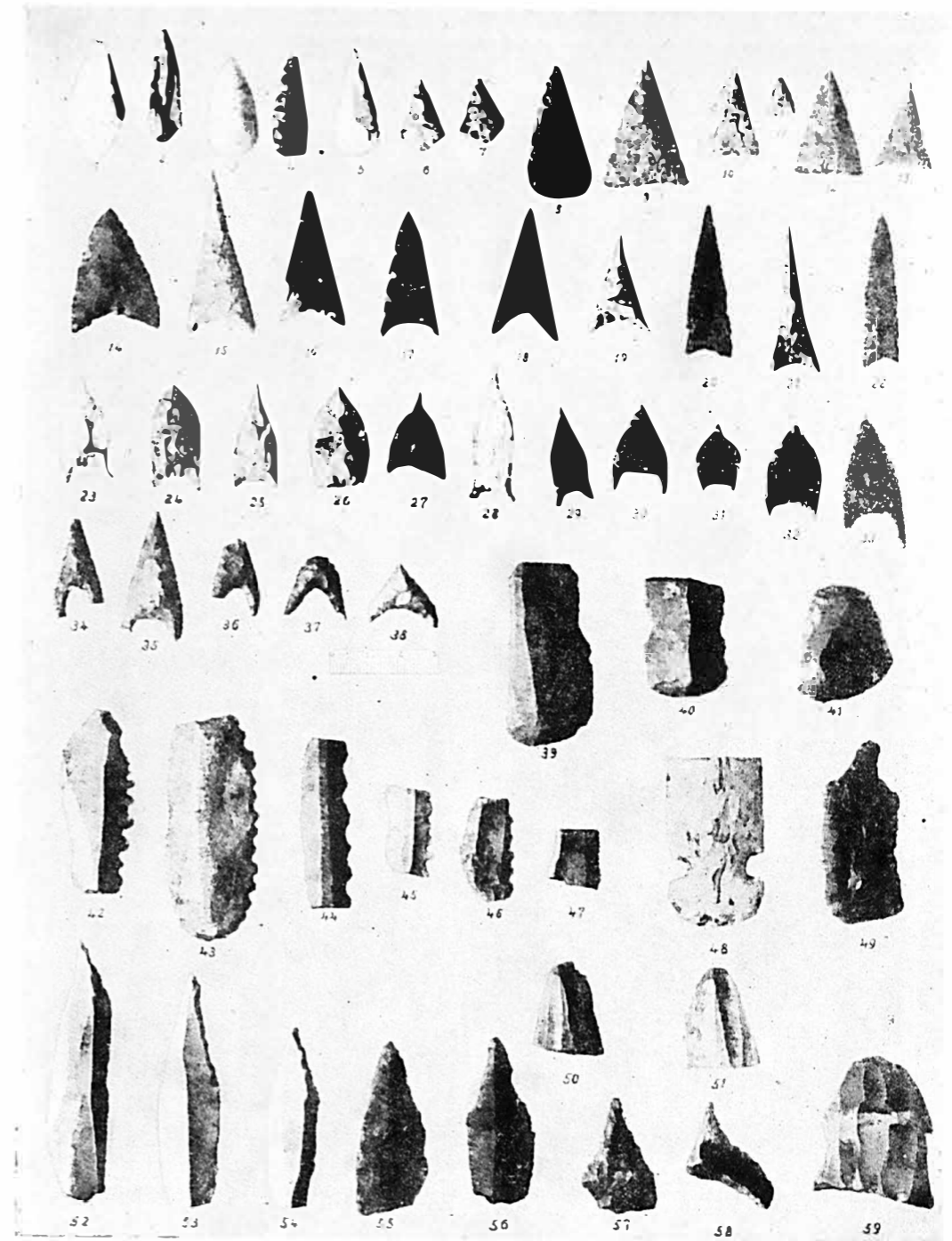
Cuchillos y hoces de sílex (a-m) y hachas de piedra pulida (o-t).



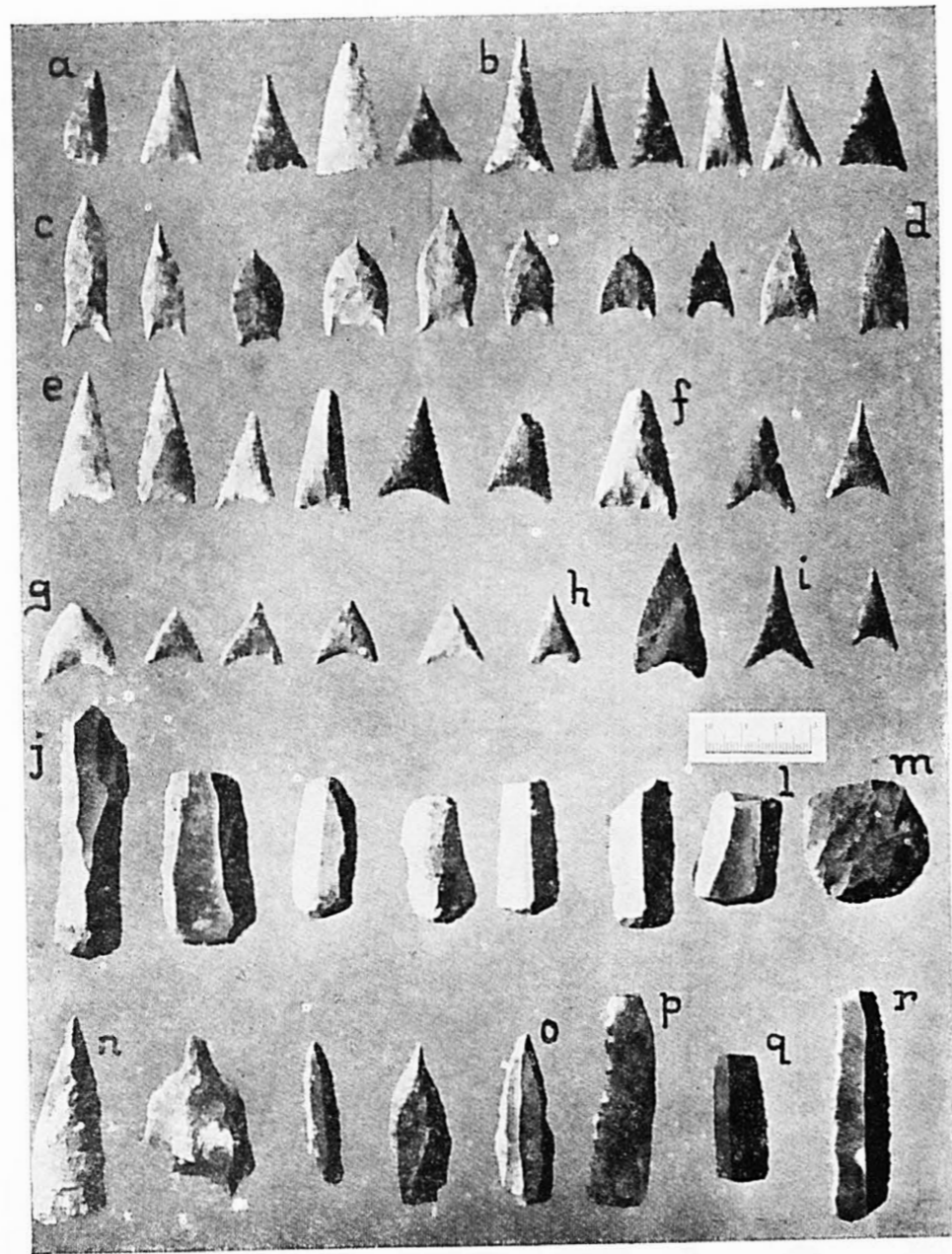
Hoces, raspadores, perforadores, hojas y cuchillos de sílex y de cristal de roca.



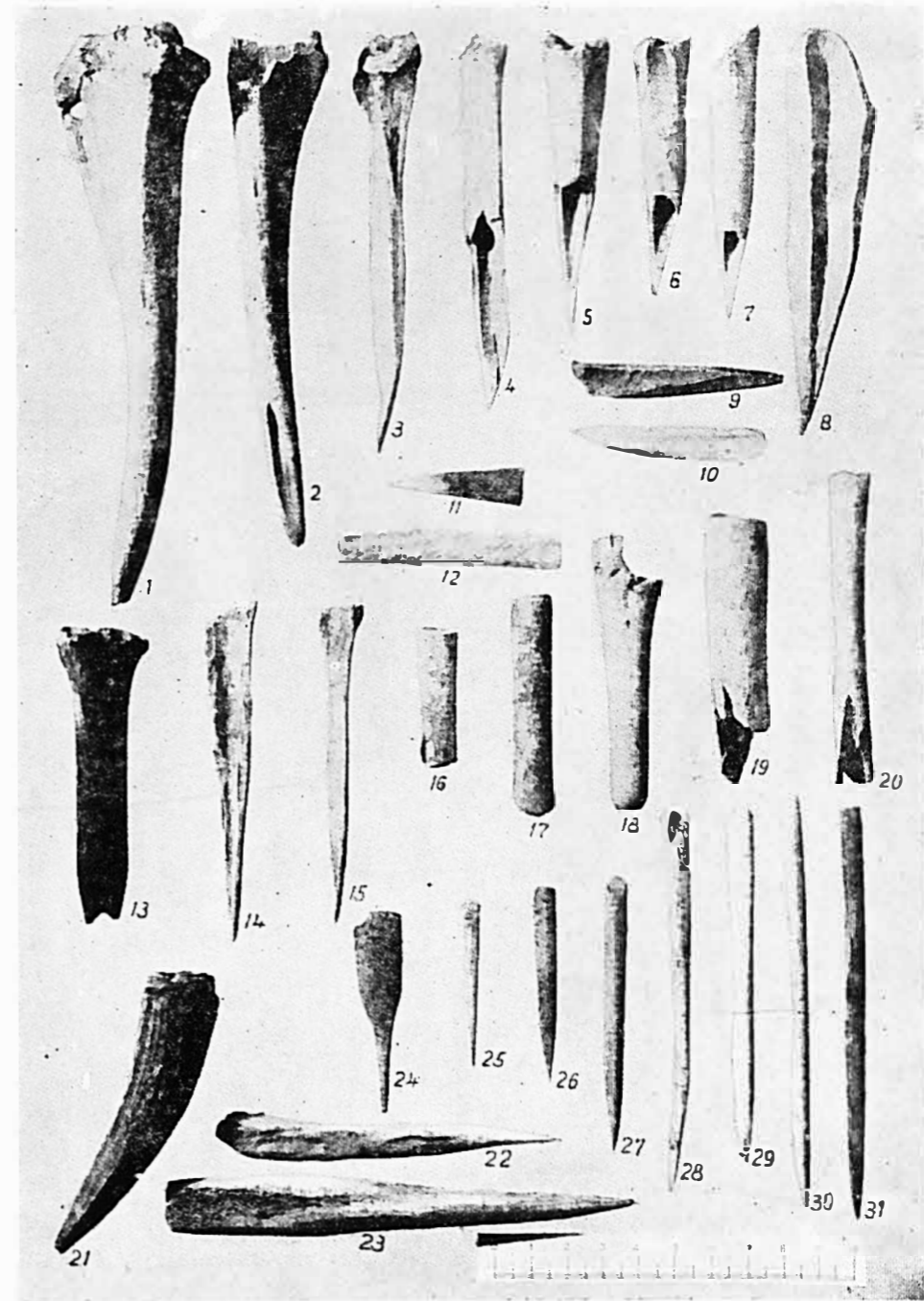
Diferentes tipos de puntas de flechas (silex).



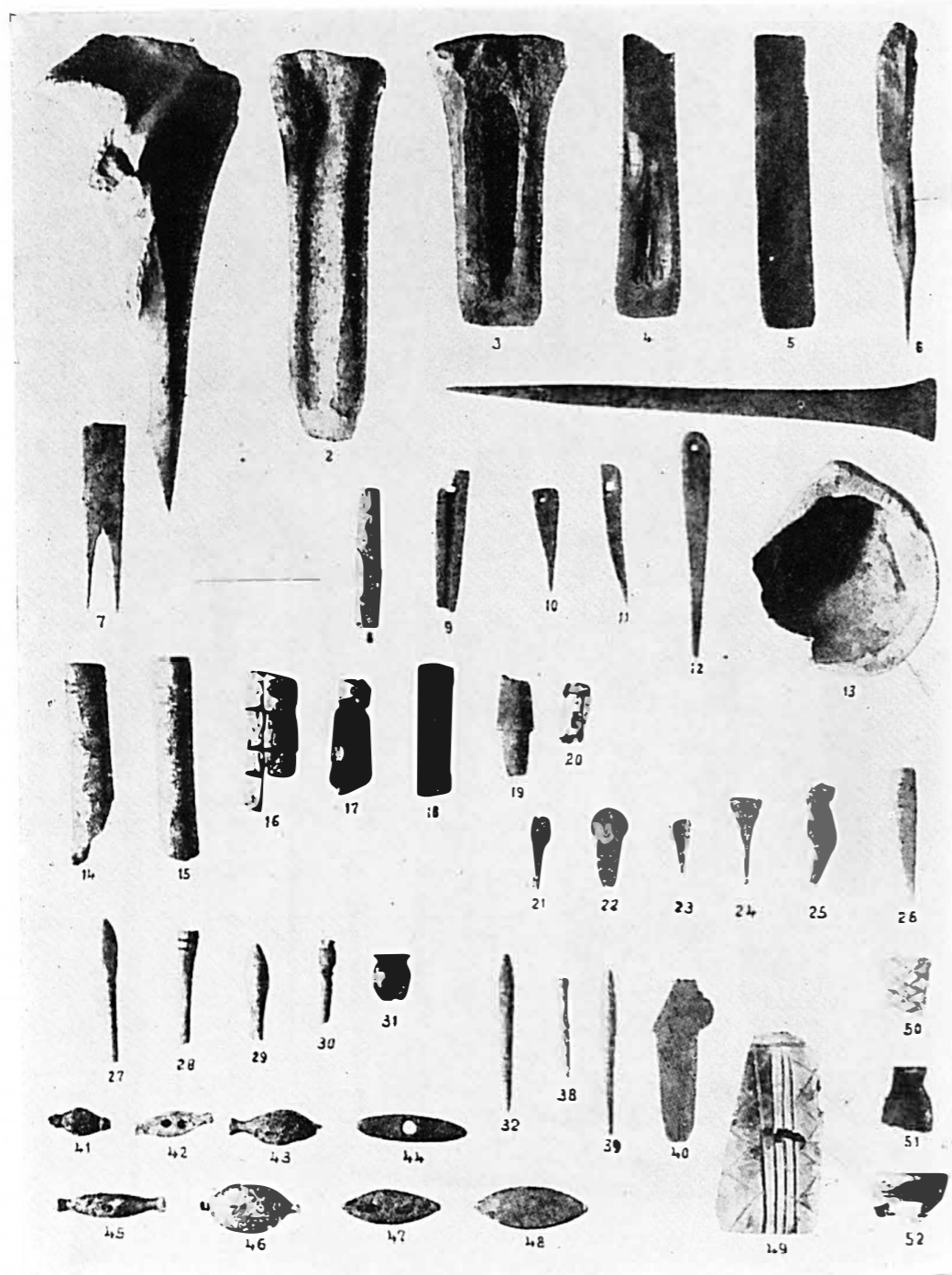
Puntas de flecha de tipos diferentes (1-38), raspadores (39-41), piedras de hoz (42-47), parte inferior de un puñal (48), núcleos (50, 51, 59) y perforadores de sílex (52-58).



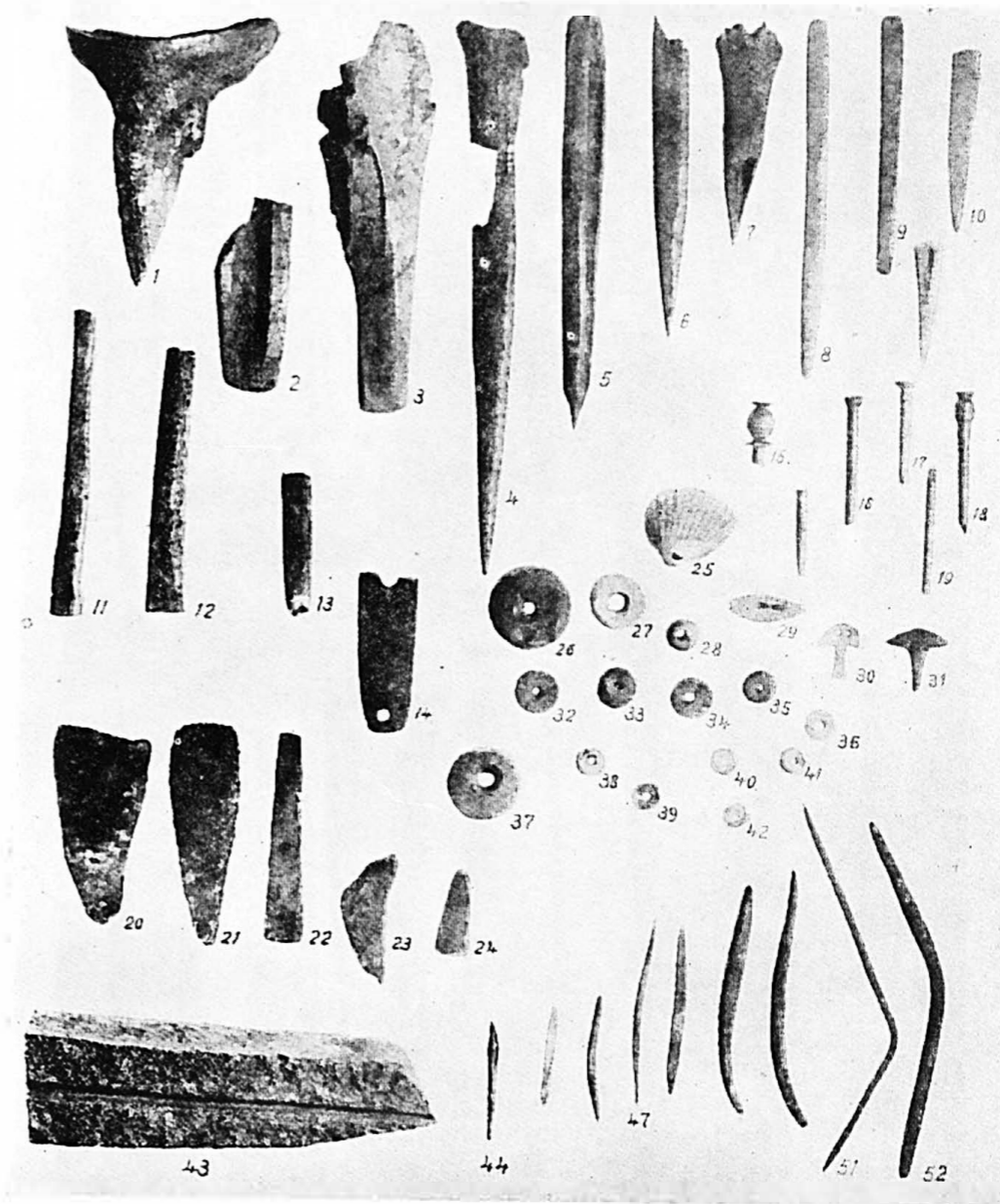
Otros tipos de puntas de flechas (desde *e* hasta *f*, ejemplares de borde dentado; de *g* hasta *h*, tipos africanos). Raspadores (*j-m*); perforadores (*n-o*); hojas con filo de sierra (*p-r*).



Industrias de hueso: puñales, alisadores, punzones, mangos y perforadores



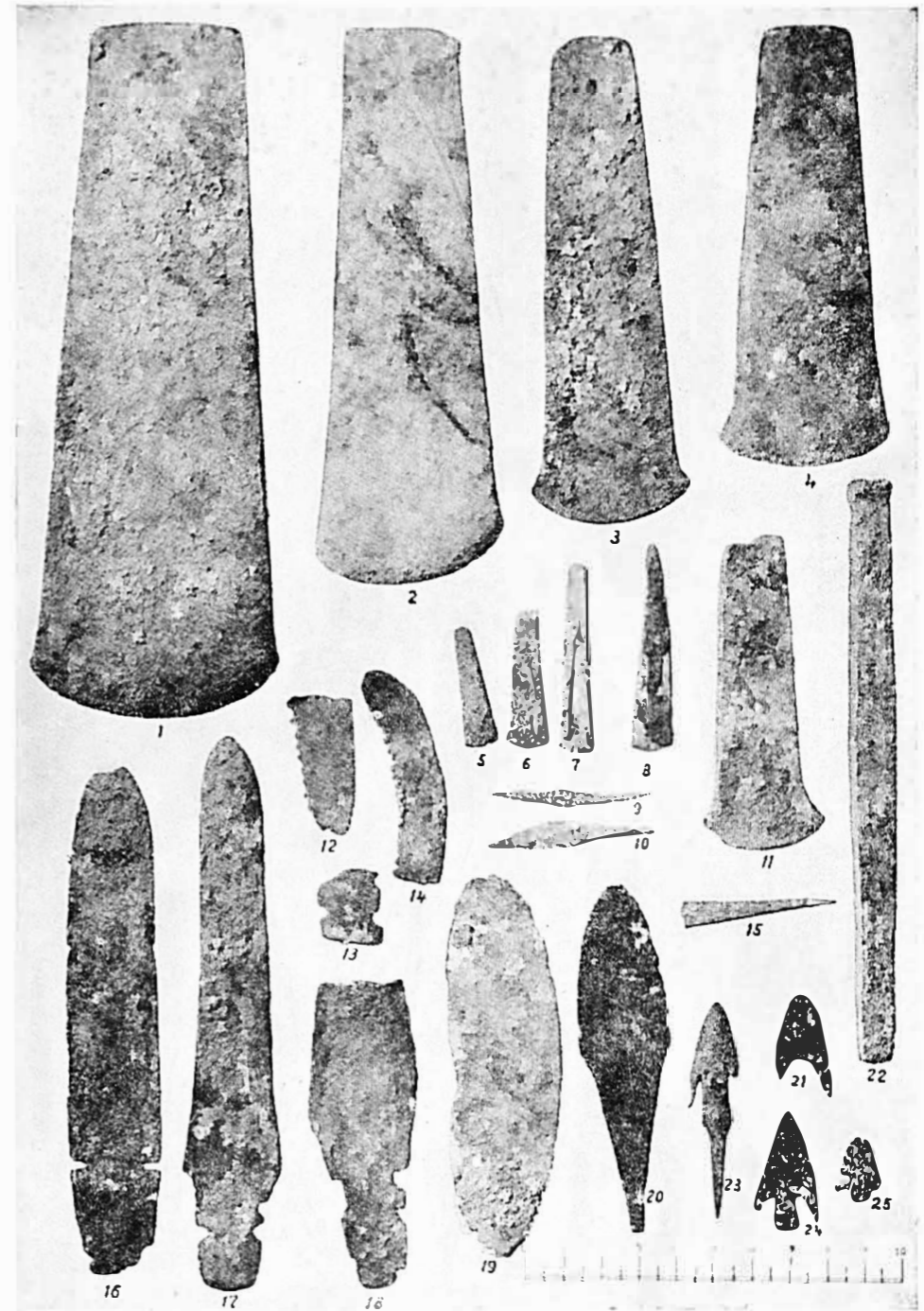
Alisadores de hueso, alfileres, idolos, cabezas de alfiler, agujas, botones y fragmentos de pequeños recipientes. Note-se en el núm. 26 una figura antropomórfica grabada.



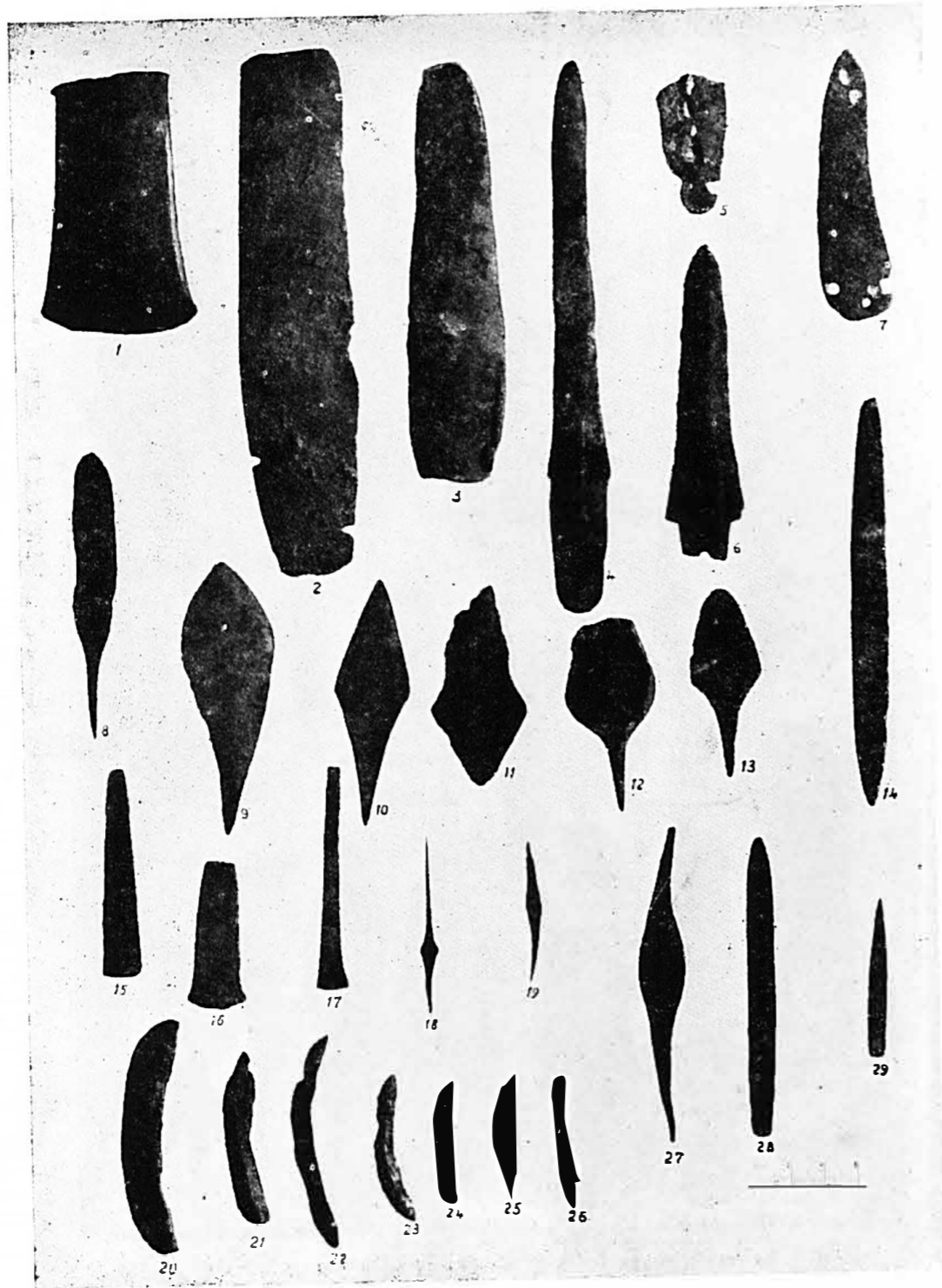
Alisadores, puñales, alfileres y botones de hueso. Del 20 al 24 y del 44 al 52, pequeños objetos de cobre. El 43, fragmento en diorita de molde de punzón o lezna de cobre.



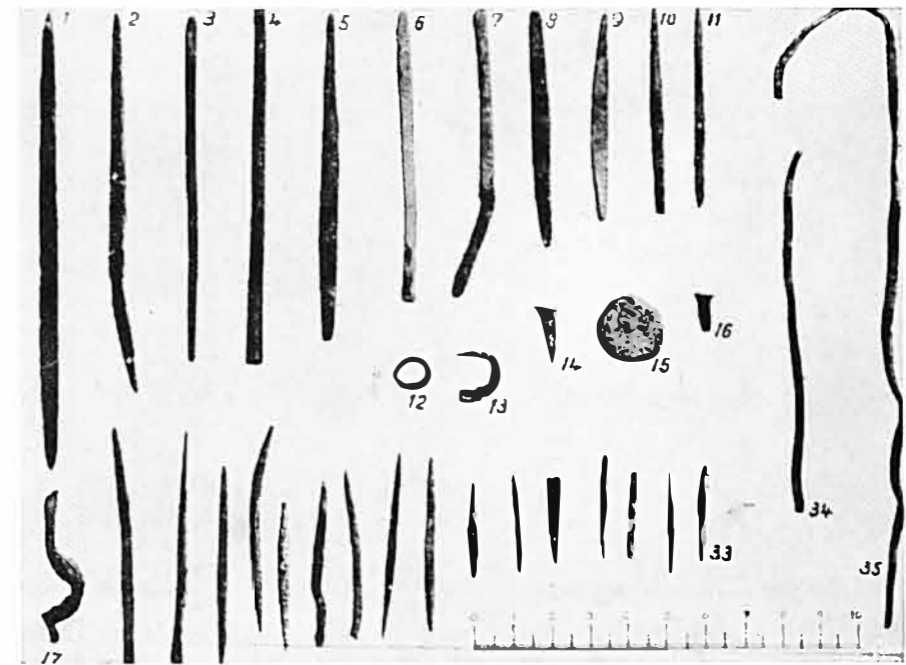
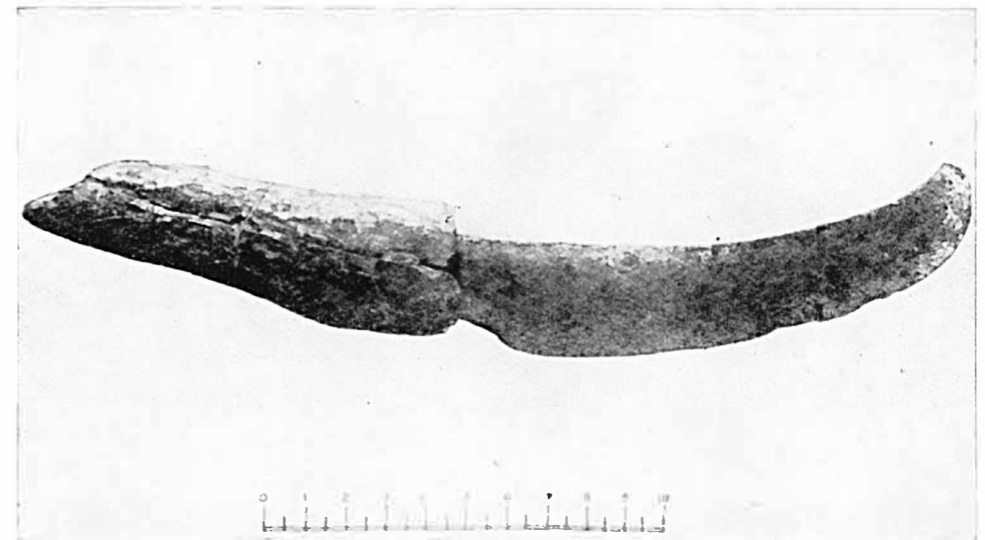
Idolos, alfileres, cabezas de alfiler, colgantes, botones y espátulas de hueso.
Cuentas de collar (58).



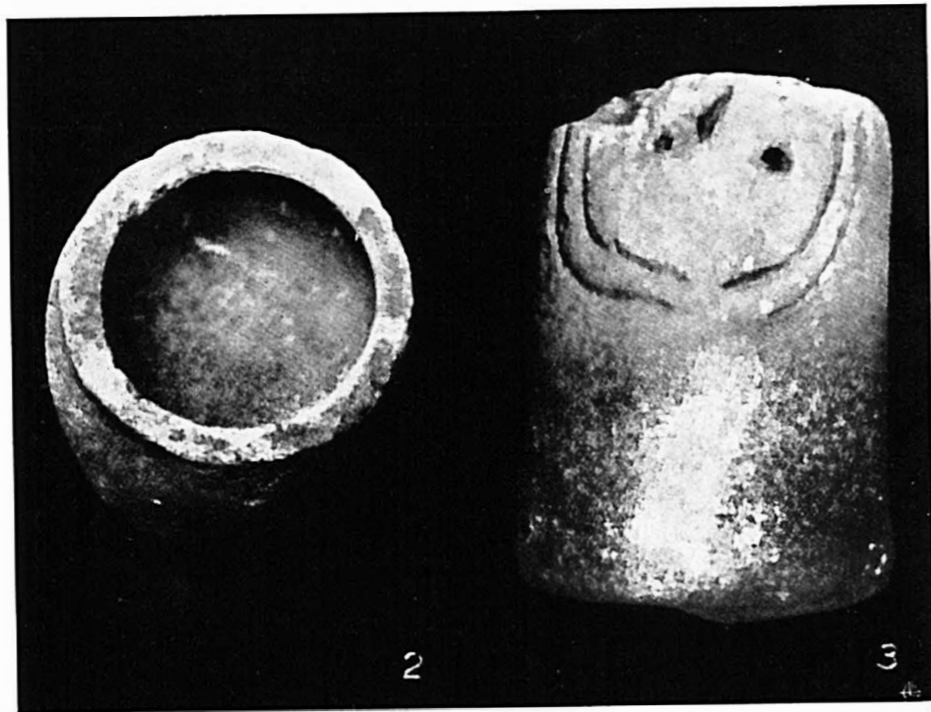
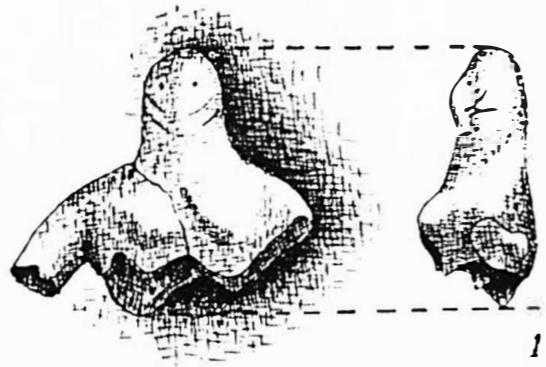
Industria de cobre: hachas (1-4, 11); escoplos (5-8); leznas (?) (9, 10, 15);
serruchos (12-24); dagas o puñales (13, 16-19); flechas (20-25).



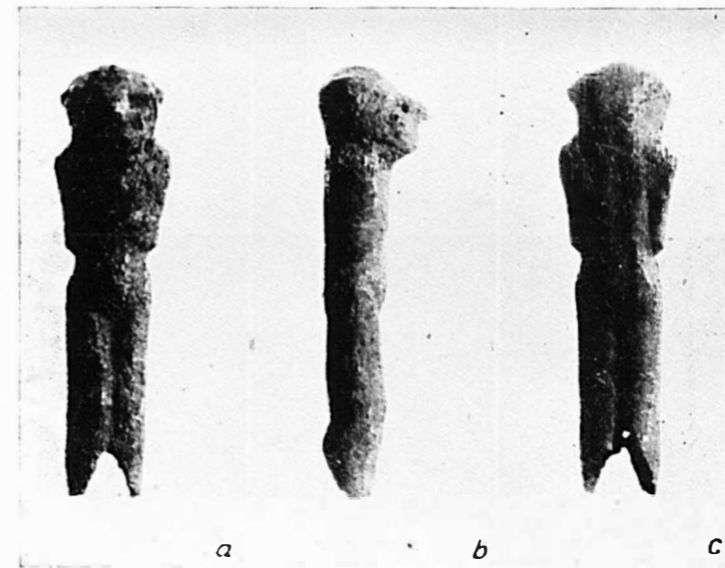
Industria de cobre. Puñales, escoplos, lanzas, leznas y punzones.



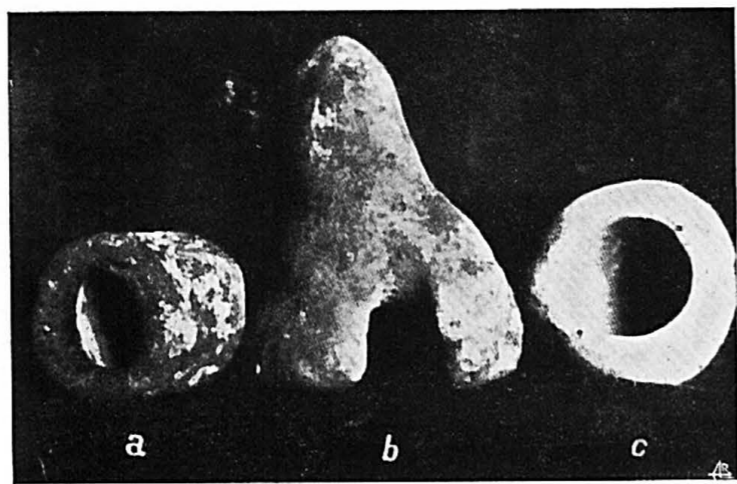
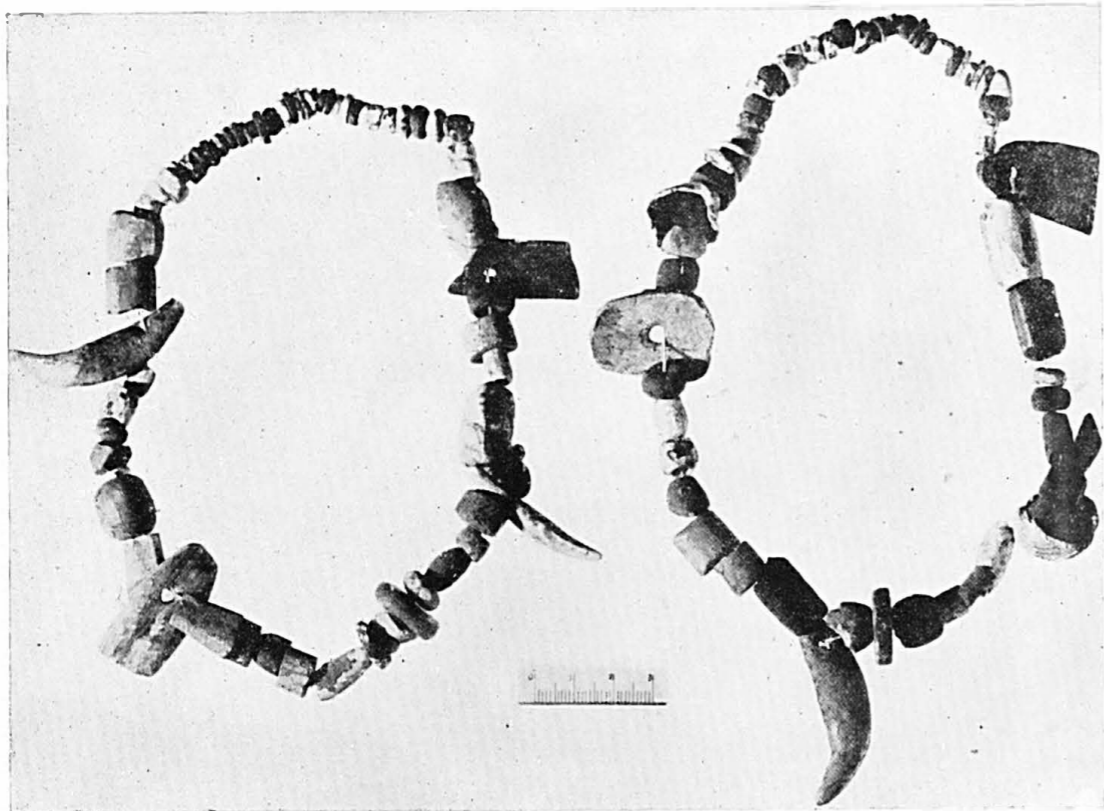
I—Puñal egipcio de cobre con mango de hueso. II—Punzones, pendientes (?) (12, 13), clavijas de daga o puñal (14, 16), agujas y porciones de espiral (34, 35).



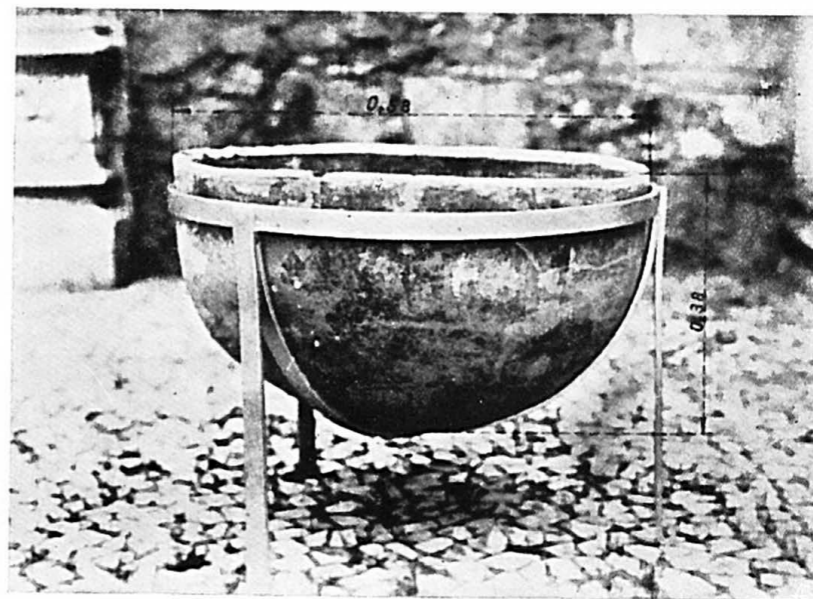
1—Figurilla femenina de barro (fragmento). 2—Almirez de piedra.
3—Cilindro de barro con tatuaje facial.



Cuernecillos de barro (1-3). Boquillo de horno (4). Fragmento de estatuilla femenina de barro (5) y objetos indeterminados (6-7). Estatuilla de hueso de procedencia oriental vista de frente (a), de lado (b) y de espaldas (c).



Cuentas, conchas, dientes y otros objetos perforados, enfilados a manera de collar. *a*, cuenta grande de piedra; *b* y *c*, objetos indeterminados.



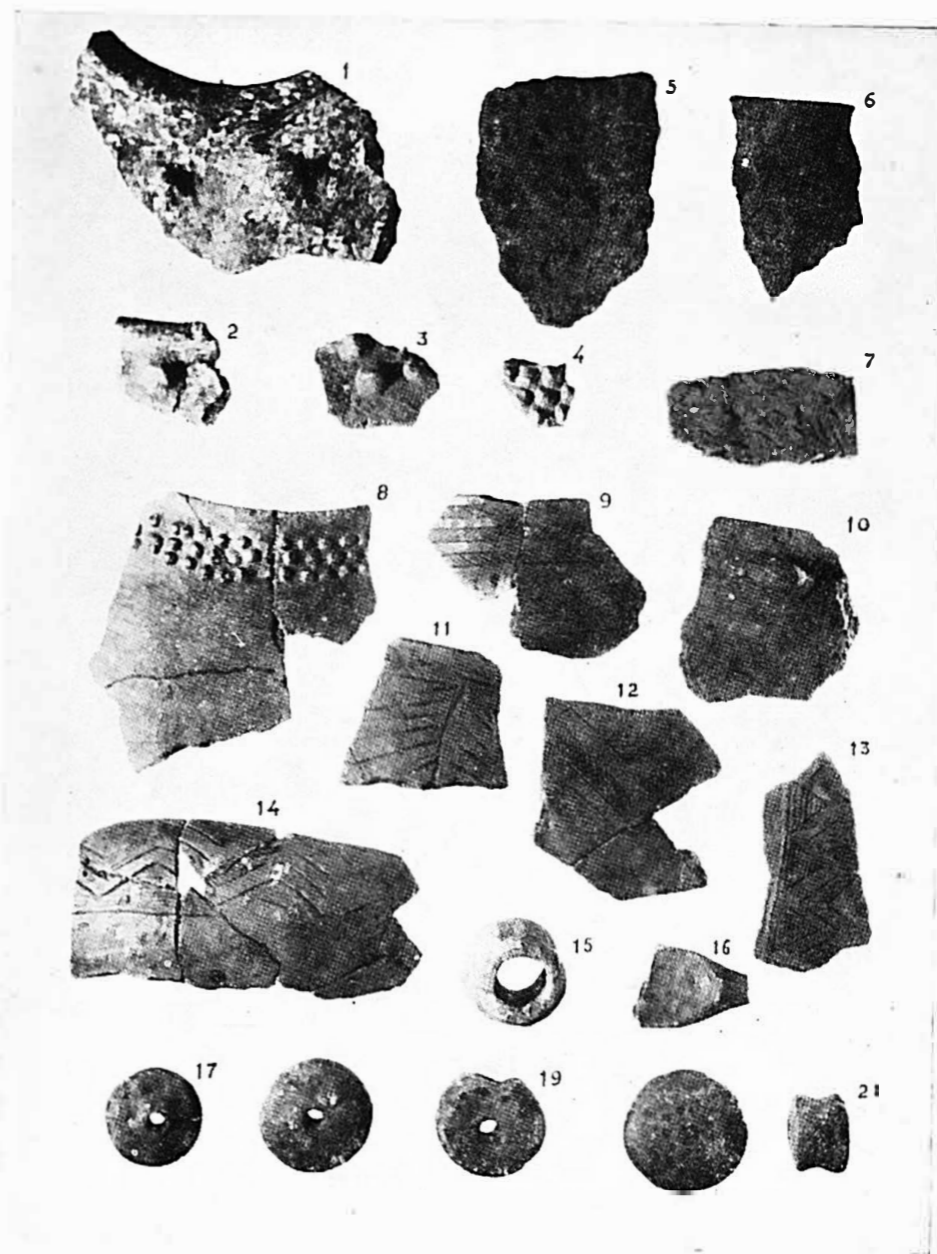
El gran vaso, ya restaurado, en el Museo de la Associação dos Arqueólogos.
Excavación del lugar donde estaba la vasija, *a*.



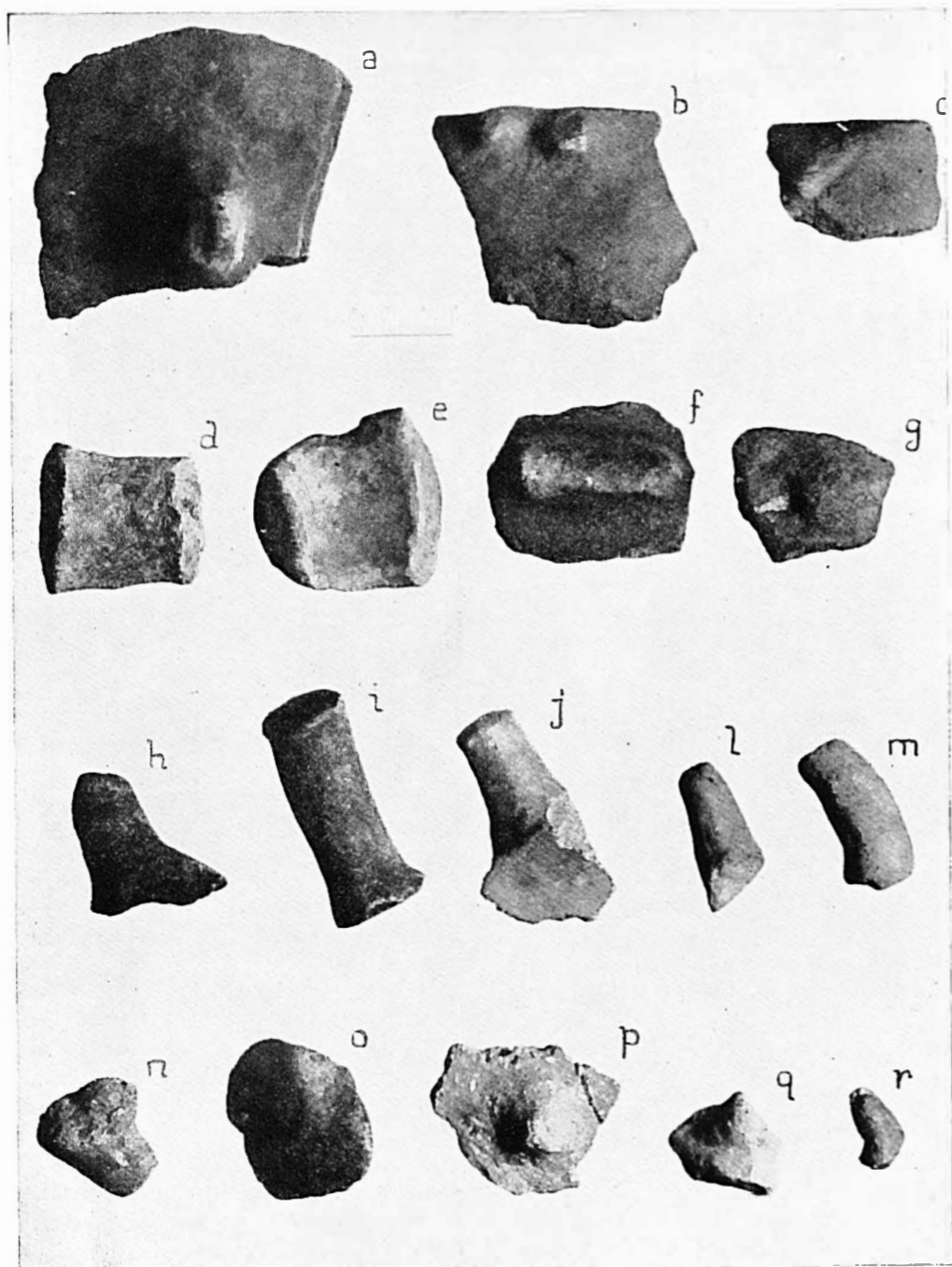
Fig. 1 — Remoción de las tierras de la excavación, del lado N
Lugar de la vasija, a. Comienzo del muro, b.



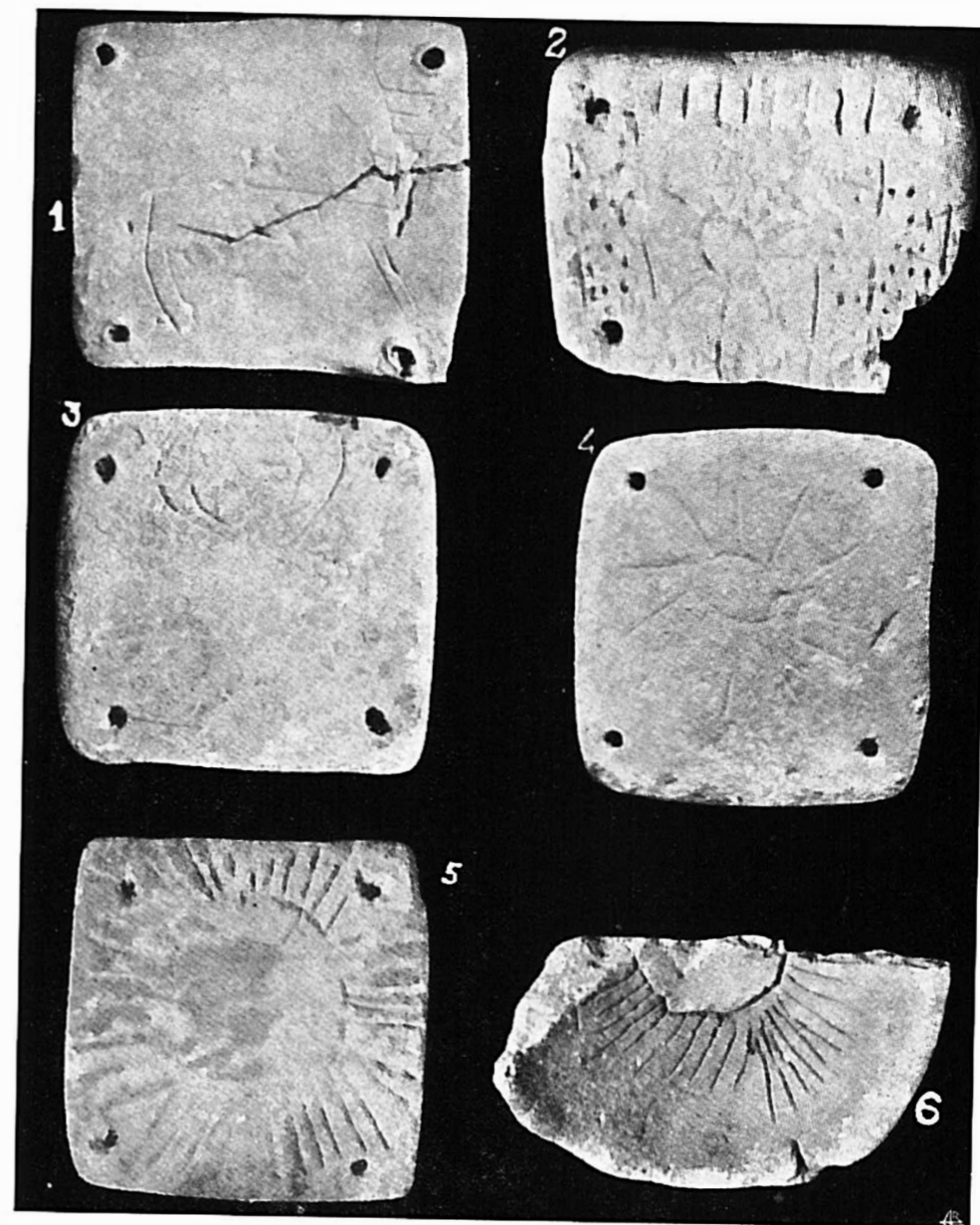
Fig. 2 — Vista del lugar de la excavación al inicio de la campaña
de 1940. Lugar donde estaba la vasija, a. Muro de soporte
que comienza a dibujarse al Sur, b.



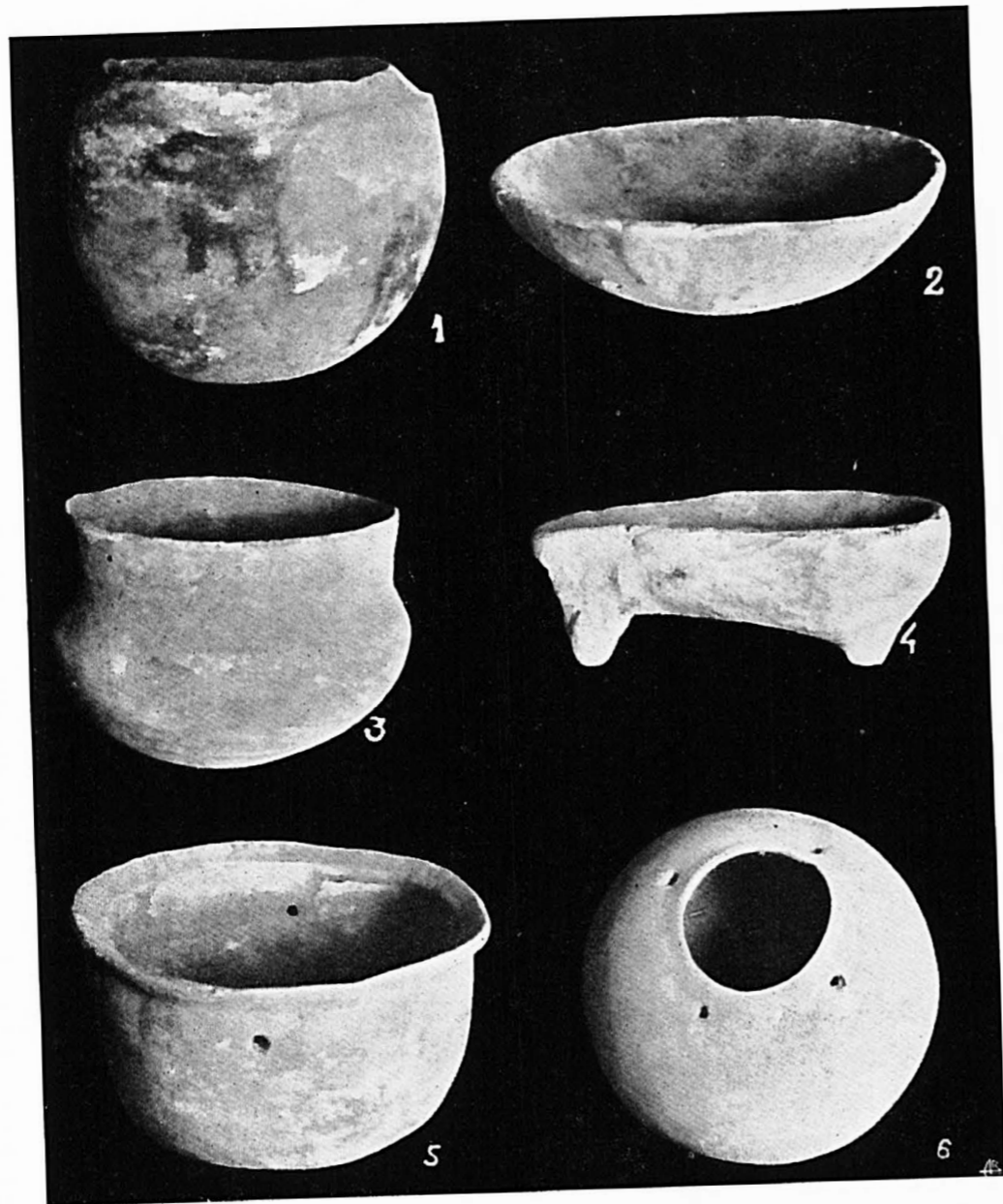
Cerámica decorada con unguilaciones (5-7) y protuberancias mamilares (1-4, 8, 10),
fragmentos de cerámica campaniforme (11-14), cuenta de collar de barro (15),
cuchara (candil ?) (16), fusiolas (17-20), carrete (21).



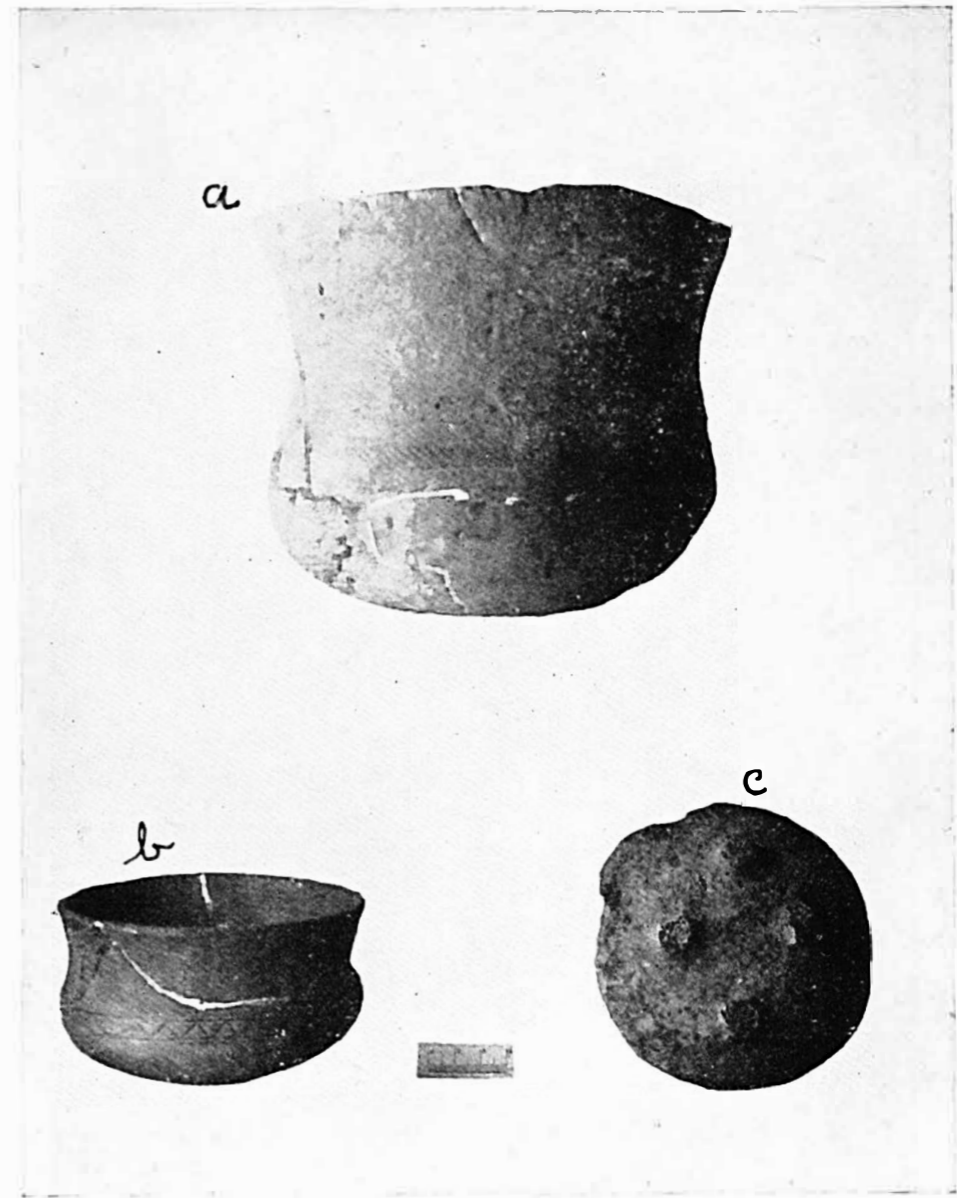
Bordes de vaso con un mamelón (a, c, f, g, o, p, q) y con dos mamelones (b). Asas (h-m).



Placas ornamentadas (1-5) y fragmento de vaso con representación solar (6).



Vasos y erisol (4) restaurados. (Colección de Hipólito Cabaço, Alenquer).



Gran vaso campaniforme (a) encontrado durante la campaña de 1941, con otro vaso (b) y recipiente achatado en forma de plato (c). La fotografía de este último muestra la parte inferior con cuatro pies o soportes.



Vista oblícua del castro de Vilanova de San Pedro.

LISBOA HÁ 4.000 ANOS (*)

A ESTAÇÃO PRÉ-HISTÓRICA DE MONTES
CLAROS (MONSANTO)1) — LOCAL E DATA DA 2.ª CAMPANHA
DE ESCAVAÇÕES

NA primeira notícia que da estação pré-histórica de Montes Claros publicámos em 1945 (1), deixámos bem expresso o propósito de renovar a sua exploração científica de modo a poder elaborar um estudo mais completo da mesma. Foi com essa esperança que um ano depois, e também desta vez com subsídio financeiro da Câmara Municipal de Lisboa, demos início à nova campanha de escavações, planeando abrir em cruz duas grandes valas ou trincheiras, a fim de orientarmos, logo de começo, as nossas investigações. Desejávamos assim, não dizemos já ultimar «o estudo desenvolvido e pormenorizado» que a estação de Montes Claros merece, como escrevíamos no final da notícia acima citada, mas contribuir ao menos em parte para isso, com umas boas duas semanas de trabalho. O subsídio de 5.000\$00 que a Ex.^{ma} Câmara Municipal nos oferecera, a tal nos alentava. Mas por um lado o mau tempo, e por outro a abundância verdadeiramente extraordinária de espólio arqueológico encontrado num espaço relati-

(*) Trabalho publicado no vol. I de «Lisboa e Seu Termo—Estudos e Documentos». Lisboa, 1948.

(1) Eugénio Jalhay, Afonso do Paço, Leonel Ribeiro, *Estação Pré-Histórica de Montes Claros (Monsanto)*, separata dos n.ºs 20 e 21 da «Revista Municipal», Lisboa, 1945.

vamente restrito, impediram-nos de aprofundar e de prolongar as nossas pesquisas, conforme planeávamos, não chegando a aplicar nem metade do subsídio concedido. Em vez de quinze dias, apenas pudemos aproveitar cinco, e em lugar das projectadas trincheiras de 10 metros, não alcançámos passar duma faixa de terreno com apenas uns 5 metros de comprimento e 3 ou 4 de largura. Apesar, contudo, destes contratempos, lográmos identificar pormenores de grande importância para o estudo e classificação desta riquíssima estação arqueológica, como abaixo descrevemos.

Deu-se início à 2.^a campanha de escavações na segunda-feira de Páscoa, 22 de Abril, no mesmo local que tínhamos começado a explorar em 1944, isto é, a Nordeste da cavaliçã edificada junto à pérgola do Miradouro de Montes Claros (Est. I). Com uma equipa de 9 trabalhadores, entre homens e mulheres (estas para peneiragem das terras), começámos a prolongar para Oeste a pequena vala aberta dois anos antes, mas logo às primeiras enxadadas apareceu tal abundância de instrumentos de sílex e sobretudo fragmentos de cerâmica ornamentada, que nos vimos obrigados a proceder com grande cautela e propositada lentidão. Nessa mesma direcção continuámos a trabalhar nos dias seguintes até sexta-feira, 26, em que, voltando atrás, deliberámos alargar um pouco para a esquerda a dita vala, junto à abertura feita em 1944. Em toda a extensão da vala, mas principalmente em dois pontos, notámos grande quantidade de pedras facetadas (basalto), dando toda a aparência de terem servido de pedras de construção. Nesses mesmos dois pontos, a uns 0,50 m de profundidade, identificámos uma camada de cinzas de mais de um decímetro de espessura, sinal certo de ali terem existido fundos de cabana (Est. III).

2) — INDÚSTRIA LÍTICA

Os tipos principais de instrumentos líticos podem reduzir-se aos seguintes:

Machados. Recolheu-se nesta campanha o fragmento dum machado de xisto anfibólico, em que a parte do gume aparece muito desgastada pelo uso (Est. III, n.º 2).

Percutores. Encontrámos vários, tanto de sílex como de basalto. Reproduzem os tipos conhecidos das nossas grutas e castros da cultura de Palmela e Alcalar (*ibid.*, n.º 1).

Micrólitos. É esta uma característica bem vincada da estação de Montes Claros. Há-os em forma de triângulo escaleno, alguns com chanfraduras laterais muito retocadas (Est. IV, n.ºs 1, 5, 15); outros apresentam todos os três lados trabalhados (Est. IV, n.ºs 12, 17, 22), e alguns aproximam-se dos do tipo de meia lua ou gomo de laranja (*ibid.*, n.ºs 3, 12). Aparecem muitos com formas pouco definidas, não passando de lascas aproveitadas, mas por vezes com retoques delicadíssimos (*ibid.*, n.ºs 17, 19, 25). A abundância destes últimos é verdadeiramente extraordinária.

Lâminas e pontas. Estes artefactos representam o segundo elemento característico desta estação de Montes Claros. Recolheram-se lâminas de todos os tamanhos: grandes, médias e pequenas. Algumas têm o gume lateral todo retocado (Est. V, n.ºs 2, 7, 9); outras são simultaneamente raspadores (Est. V, n.º 17); e algumas há que são uma réplica exacta de certas pontas do neolítico africano de tradição capense (*ibid.*, n.º 1). Uns exemplares apresentam também chanfraduras laterais, como as que vemos em certos micrólitos. Várias são de talhe bifacial.

Raspadores. A maior parte são discóides ou em forma de quilha. O raspador era talvez o instrumento mais fabricado e mais procurado entre os povoadores de Montes Claros. Na sua grande variedade, predominam três tipos principais: uns discóides ou arredondados (Est. VI, n.ºs 2, 5), outros em forma de leque (n.ºs 6, 12, 15), e finalmente não poucos à maneira de quilha, imitando muito o raspador aurinhacense (n.ºs 13, 20). Vários raspadores parecem ter servido, ao mesmo tempo, de buris, se atendermos às lascas levantadas propositadamente nos bordos do instrumento.

Buris. Não resta a menor dúvida de que, na estação de Montes Claros, existem buris e até micro-buris. Há buris laterais e bi-laterais (Est. VII, n.ºs 5, 6, 9, 10), formando ponta de bisel, outros em lâminas (n.º 9), outros servindo também de raspador, como já notámos, e por último autênticos micro-buris (Est. VII, n.ºs 1, 4).

Elementos de foicinha. Colhemos nesta campanha pelo menos três. Todos mostram um dos gumes laterais com a conhecida pátina lustrosa, proveniente do roce prolongado de cereais ou ervas. Um deles é dentado (Est. V, n.º 3), outro oferece a particularidade curiosa de ser raspador em ambas as pontas, e um terceiro, de sílex esbranquiçado, com retoques finíssimos do lado que serviu de foice. É de notar que em todos os três instrumentos se vê perfeitamente a zona que ficava descoberta e servia para cortar, e a que se introduzia nalgum cabo de madeira ou osso, possivelmente fixa com matéria resinosa.

3) — INDÚSTRIA CERÂMICA

No trabalho anteriormente publicado sobre Montes Claros, ao fazer-se ligeira referência à cerâmica da primeira campanha, já notávamos a diferença que havia entre a que provinha da parte leste da estação e a recolhida na parte ocidental da mesma.

Esta última continha uma percentagem maior de fragmentos lisos; os ornamentos, eram na maior parte constituídos por bordos serrilhados, cordões em relevo no gargalo ou bojo; as suspensões constituídas por orifícios, botões ou mamilos perfurados ou não, asas rudimentares, etc.

A primeira recolheu-se nas imediações de umas das covas destinadas a plantações de árvores e que providencialmente não fora utilizada para tal fim.

Neste local e suas vizinhanças é que incidiu a campanha de 1946 e neste ano, como em 1944, se a colheita de material lítico foi notável, não o foi menos a da cerâmica.

Sendo a camada de solo arável de pouca profundidade, não é possível definirem-se sobreposições stratigráficas, e demais, tendo sido em tempos aqueles terrenos agricultados para horta ou campo de sementeira, e mesmo existindo a alguns metros de distância, senão por ali mesmo, paredes de casas ou muros de quintalejo que as actuais obras do Parque destruíram por completo, tanto o arado e o alvião dos nossos avós, como a picareta camarária, deveriam ter produzido estragos enormes e irreparáveis.

Assim é que os restos cerâmicos chegados até nossos dias se encontram muito fragmentados e mesmo dispersos, situados de prefe-

rência nas terras inferiores que assentam sobre o basalto em decomposição, pois é sabido como o saloio dos arredores de Lisboa expurga as hortas e campos de todos os elementos daninhos que estorvem o desenvolvimento das plantas.

Também nesse primeiro trabalho dissemos que a variedade de bordos recolhidos era indicativo seguro da multiplicidade de vasilhas, a que não faltavam os campaniformes, as taças de tipo Alapraia, queijeiras, etc.

Façamos desta vez incidir a nossa atenção em especial sobre as ornamentações.

Reparando nas Estampas VIII a XIV, notamos desde logo que os desenhos são principalmente constituídos por linhas incisivas, sendo muito raro, quase uma excepção, o pontilhado tão vulgar noutras estações relativamente próximas como Alapraia ou S. Pedro do Estoril. Podemos acrescentar que o mesmo facto se observa em duas outras estações do Parque Florestal: Moinho das Perdizes e Casal de Palos.

A ausência de ondulosos é até hoje, completa. Os exemplares que com eles apresentam ligeira semelhança, não passam de segmentos de recta justapostos (Est. X, n.º 14).

Na Estampa VIII, n.ºs 1, 2 e 4, as incisões são finíssimas e as malhas do enxadrezado apertadas como em nenhuma outra estação.

Em certos fragmentos o sulco não é feito verticalmente, mas sim com certa obliquidade, o que dá bastante beleza ao ornato (Est. IX, n.º 5).

Nas Est. VIII, n.º 6, Est. XI, n.ºs 10 e 11 e Est. XII, n.º 11, encontram-se elementos de vasilhas de pequenas dimensões, feitas de um barro finíssimo, como que coado, sem o menor grão de impureza, notáveis ainda pela perfeição e complicado do desenho. A espessura mesmo é bastante inferior à do comum dos outros recipientes e mantém uma regularidade que não se encontra na restante cerâmica. Achamo-nos portanto em face de um tipo novo, que poderá ser de importação ou então obra de artistas de gosto mais apurado. Em qualquer dos casos o número de fragmentos desta qualidade é bastante diminuto. Os ornatos da Est. XI, n.ºs 10 e 11, talvez possam sofrer comparação com o n.º 5 da Est. XX do «Esquema paletnológico...» (2). Os círculos

(2) Julio Martinez Santa-Olalla, *Esquema Paletnológico de la Península Hispánica*, 2.ª ed., Madrid, 1946.

do exemplar por nós recolhido são feitos com um punção cilíndrico, aplicado mais ou menos profundamente.

Quanto a taças podemos dizer que só nos escassos dias da campanha de 1946 encontrámos fragmentos de 13 exemplares diferentes (Est. XIII, n.º 1-4 e Est. XIV, n.º 1-9), uns bastante perfeitos, outros porém muito grosseiros e de ornamentação descuidada. Estamos longe, na maioria dos exemplares, da meticulosidade de desenho observada em Alapraia, S. Pedro do Estoril ou Palmela. Todas apresentam o bordo ornamentado, e o perfil de uma Est. XIII, n.º 1, é cavado interiormente, como que em ângulo recto.

O fragmento da Est. XIV, n.º 9, pertencia a uma taça de grandes dimensões, de bordo muito espesso, semelhante a outros do Monge, Ribeira da Lage (Oeiras), S. Pedro do Estoril ou gruta IV de Alapraia.

Uma observação curiosa: esta diferença de cerâmica nos dois extremos da estação, parece não ter correspondência nas indústrias líticas, pois os sílices são idênticos nos dois lugares.

4) — OBSERVAÇÕES E CONCLUSÕES

A indústria lítica de Montes Claros, embora recolhida ainda num sector reduzidíssimo da estação, revela-se-nos uma indústria especificadamente microlítica, de raspadores, de pontas e de lâminas. São raras as pontas de seta e os machados de pedra pulida. Pelo contrário, a cerâmica, mesmo ornamentada, aparece com uma tal profusão que somos tentados a afirmar que neste particular nenhuma estação pré-histórica dessa época se lhe pode comparar no nosso País. Tal «contraste», digamos assim, é que, na nossa modesta opinião, nos levanta um pouco o véu que encobre a origem e a cronologia desta notabilíssima estação.

Partimos do *facto* de o nível ou estrato arqueológico desta estação ser homogéneo, isto é, de não encerrar mais que uma cultura. Já expusemos noutro lugar os argumentos em que baseamos esta afirmação. Temos portanto elementos duma só civilização. Que civilização será essa?

Na nossa notícia anterior, vislumbrávamos já um certo paralelismo entre determinadas culturas africanas e a nossa de Montes Claros,

apoiados nos trabalhos de alguns autores (*). A partir de então mais se intensificou ainda o estudo dessas culturas do continente e do litoral africano, de modo a possuímos hoje muito maior luz sobre o assunto. Efectivamente os recentes trabalhos de Vaufrey (1), de Koeler (2), de Martinez Santa-Olalla (3), de Bernardo Sáez (4), de Martin Almagro (5), de Alberto del Castillo (6), etc., levam-nos à conclusão de que a cultura de Montes Claros deriva do encontro ou fusão da denominada «neolítica de tradição capsense» ou «ibero-saharina», com elementos da civilização já do Bronze mediterrâneo. Quem se fixar nas excelentes gravuras que os autores citados nos dão das indústrias de África, e observar depois a de Montes Claros, julgará que aquelas são a representação exacta de exemplares desta.

Pormenor interessante: a Estampa IV do trabalho publicado pelo Prof. Martin Almagro na revista «Ampurias», volume VII-VIII sob o título *Un yacimiento del neolítico de tradición capsense del Sahara español*, poderia duplicar-se só com exemplares idênticos de Montes Claros — tal a semelhança, para não dizermos igualdade, das peças de uma e outra estação.

Alguns micrólitos e pontas de seta e sobretudo os inúmeros fragmentos de cerâmica decorada mostram-nos que existem nesta estação

(*) Dr. H. Marchand et A. Aymé, *La station préhistorique du plateau de Souanine*, «Bulletin de la Société d'Histoire Naturelle de l'Afrique du Nord», t. 24., 1933. Dr. Marchand, *Contribution à l'étude paléthnographique du Sahara Central*, inlb., Alger, 1933.

(1) R. Delcroix et R. Vaufrey, *Le Toumbien de Guinée Française*, «L'Anthropologie», t. 49, p. 265. Paris, 1939.

(2) Henry Koeler, *Etude des stations côtières atlantiques de la zone nord de Rabat et de Tanger*, «Anuario de Prehistoria Madrileña», vol. IV-VI. Madrid, 1936.

(3) Julio Martinez Santa-Olalla, *El Sahara español anteislámico*. Madrid, 1944. *Idem*, *Esquema paleolítico de la Península Hispánica*. Madrid, 1946.

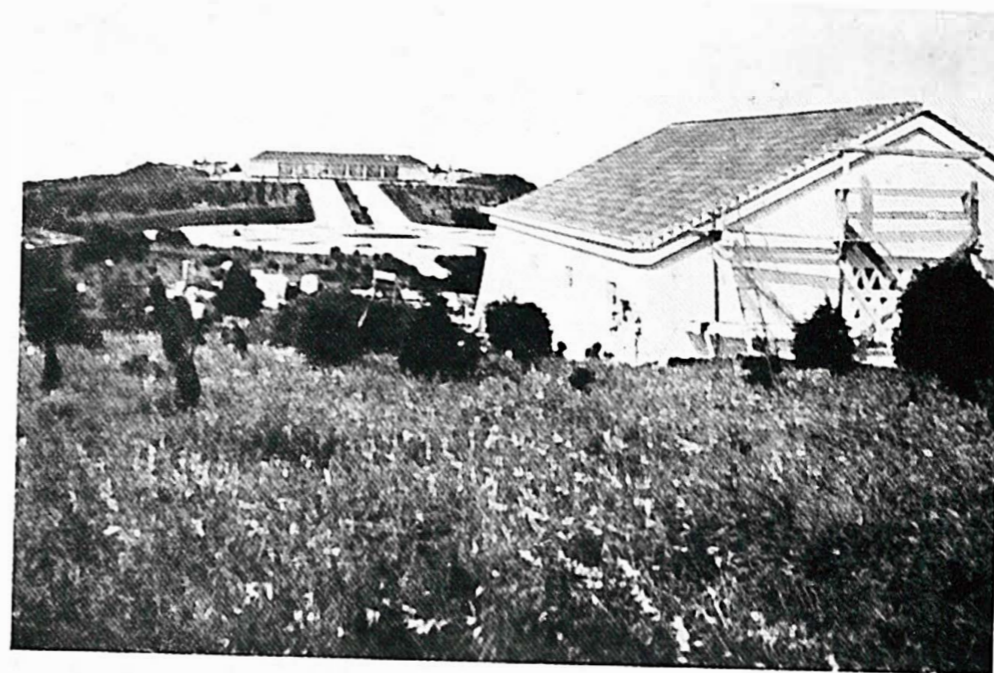
(4) Bernardo Sáez Martin, *La primera expedición paleolítica al Sáhara español*. Madrid, 1944.

(5) Martin Almagro, *El Paleolítico Español*. Barcelona, 1947. Veja-se principalmente o cap. IV, onde vem citada a principal bibliografia sobre as relações do continente africano com a Península Ibérica durante o Paleolítico superior e depois dele.

(6) Alberto del Castillo, *El Neoneolítico* (História de España), Barcelona, 1947.

elementos do Bronze I ou Bronze mediterrâneo, comuns a outras estações portuguesas. Quando e onde se terá dado esse primeiro contacto ou essa fusão? No nosso País? Antes de as duas correntes chegarem às nossas costas atlânticas? Por enquanto, e até possuímos mais dados com o estudo e comparação de outras estações congêneres, será difícil responder com exactidão a estas perguntas. Mas a pouca abundância de sílex da cultura de Almeria a contrastar com a abundância verdadeiramente excepcional que se observa nesta e nalgumas estações costeiras de Portugal, parece indicar que essa compenetração se terá realizado preferentemente no nosso País, vindo ambas as correntes do exterior, por via marítima, mas chegando em primeiro lugar, claro está, a neolítica de tradição capsense. E assim a estação de Montes Claros, tal como a encontramos hoje, poderá situar-se num momento bastante avançado do nosso Bronze inicial, se atendermos principalmente à sua cerâmica.

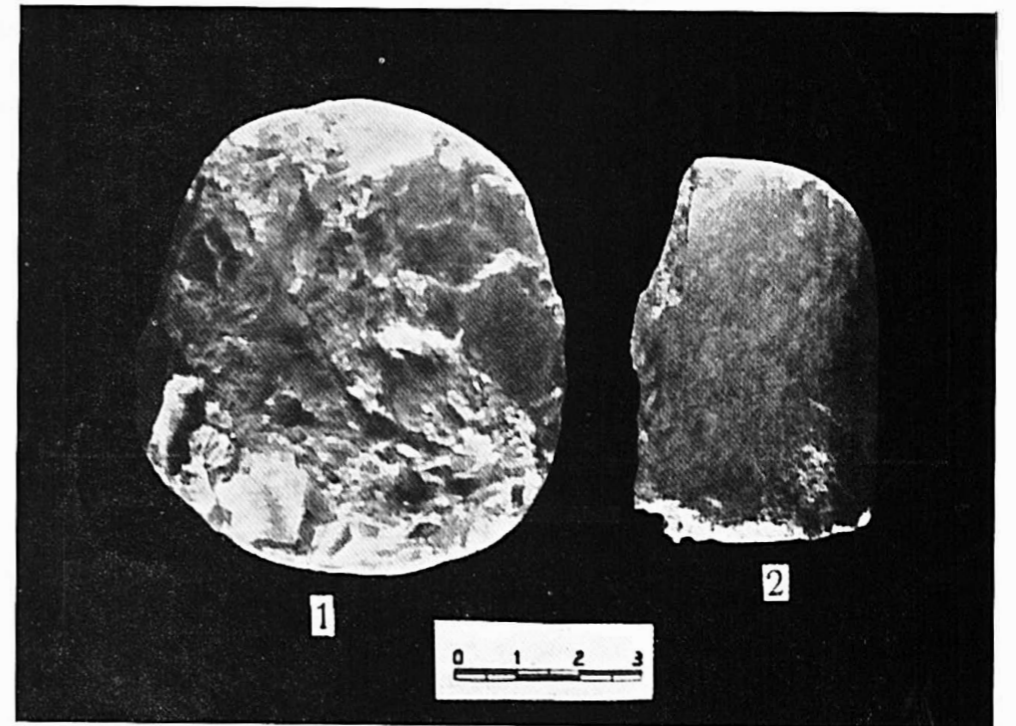
Ninguém deixará de notar, à vista de tais conclusões, a importância que assume para nós esta estação arqueológica. Situada, por assim dizer, à beira-rio e quase à beira-mar, nela se foram estabelecendo, já muitos séculos antes de Cristo, colónias de imigrantes, vindas do Sul e do Oriente, atraídas com toda a certeza pela paisagem, pela fertilidade, pelo clima e pelo encanto desta faixa de terreno, em que, séculos mais tarde, havia de assentar a cidade de Lisboa.



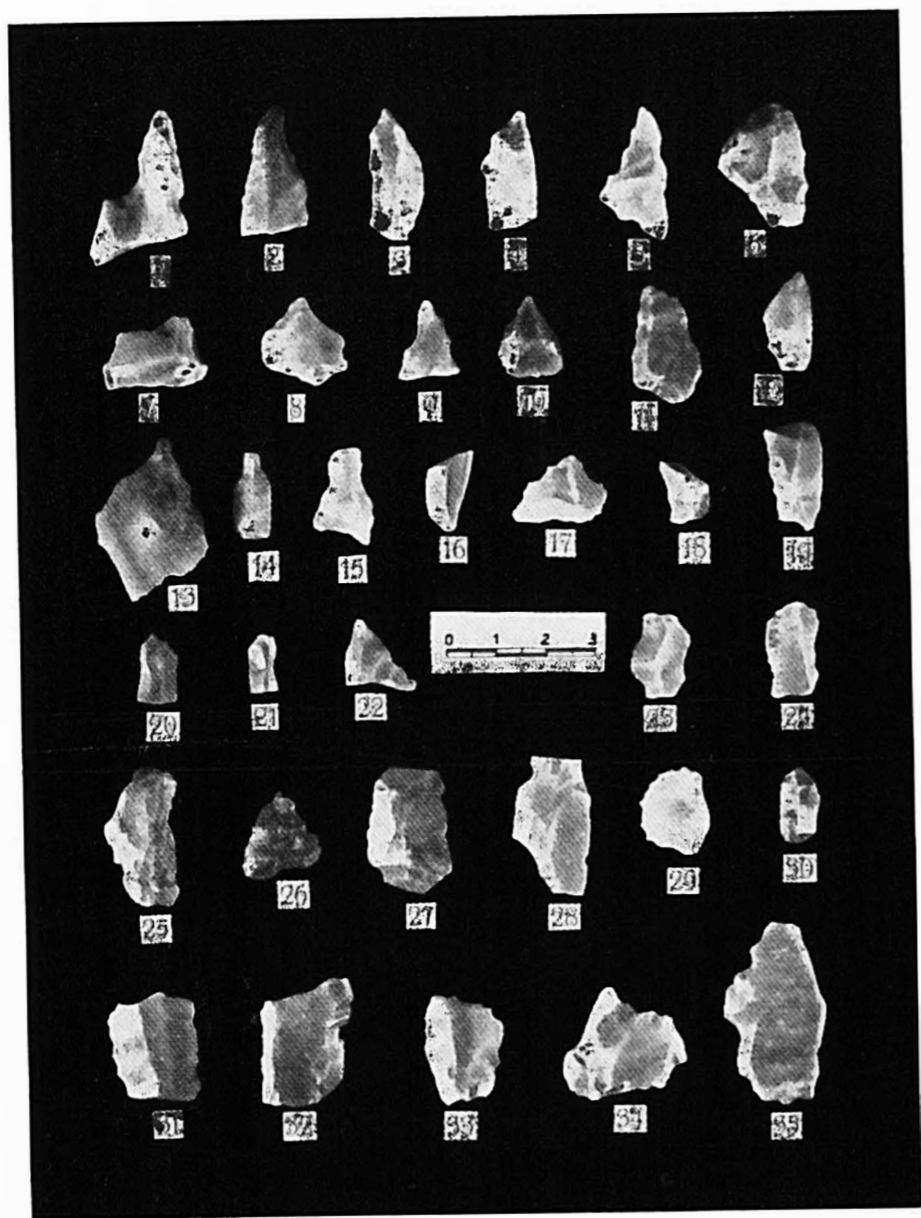
Estação pré-histórica de Montes Claros (Monsanto).



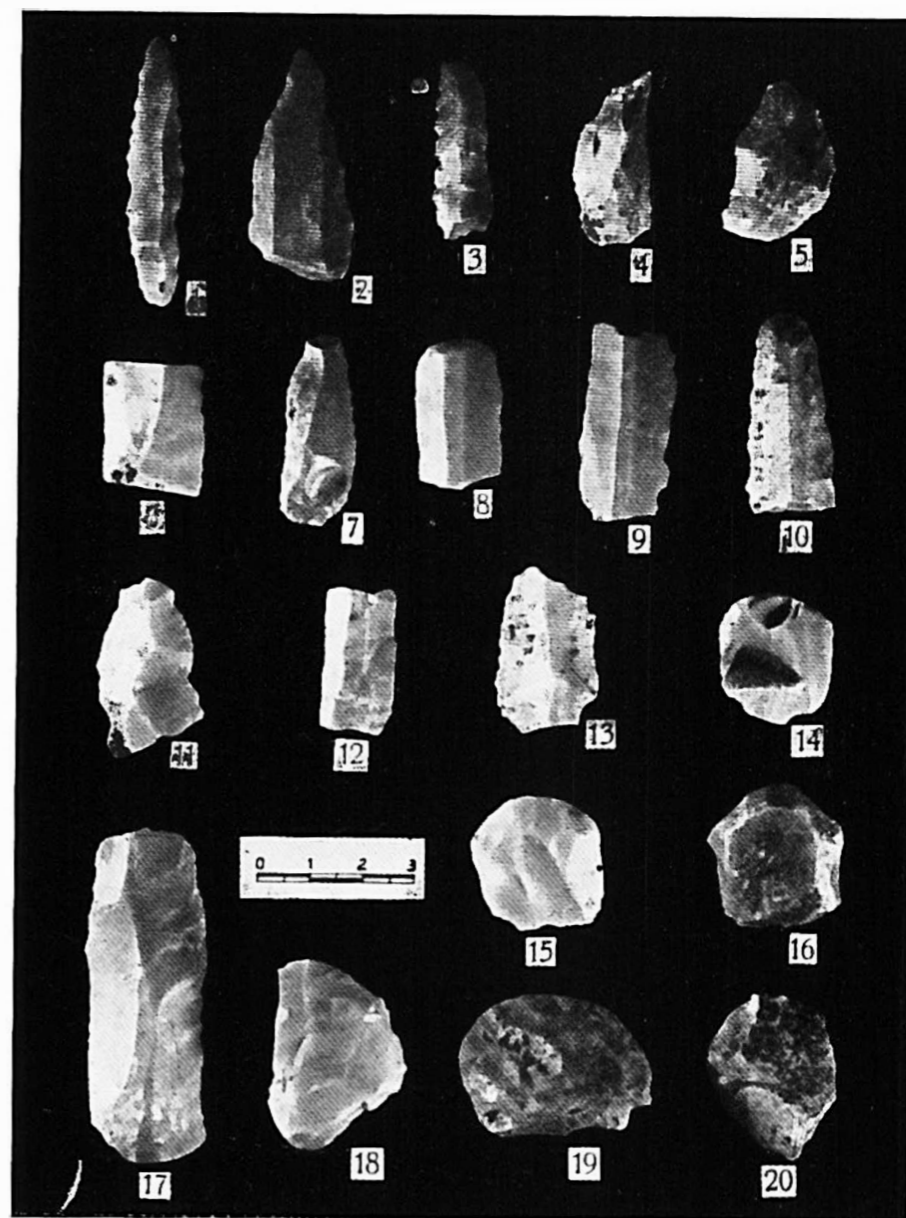
Vários aspectos das escavações.



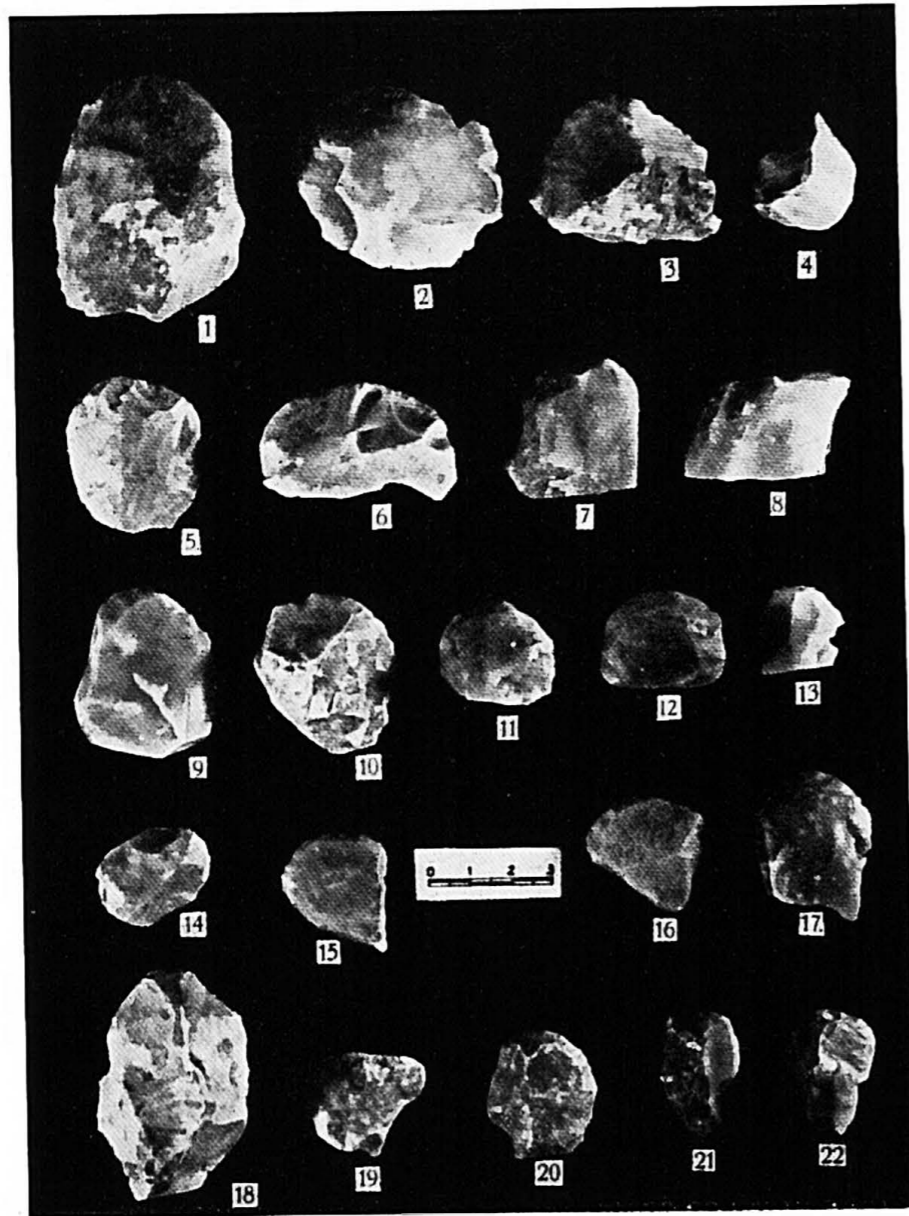
Fundos de cabana e objectos de pedra polida.



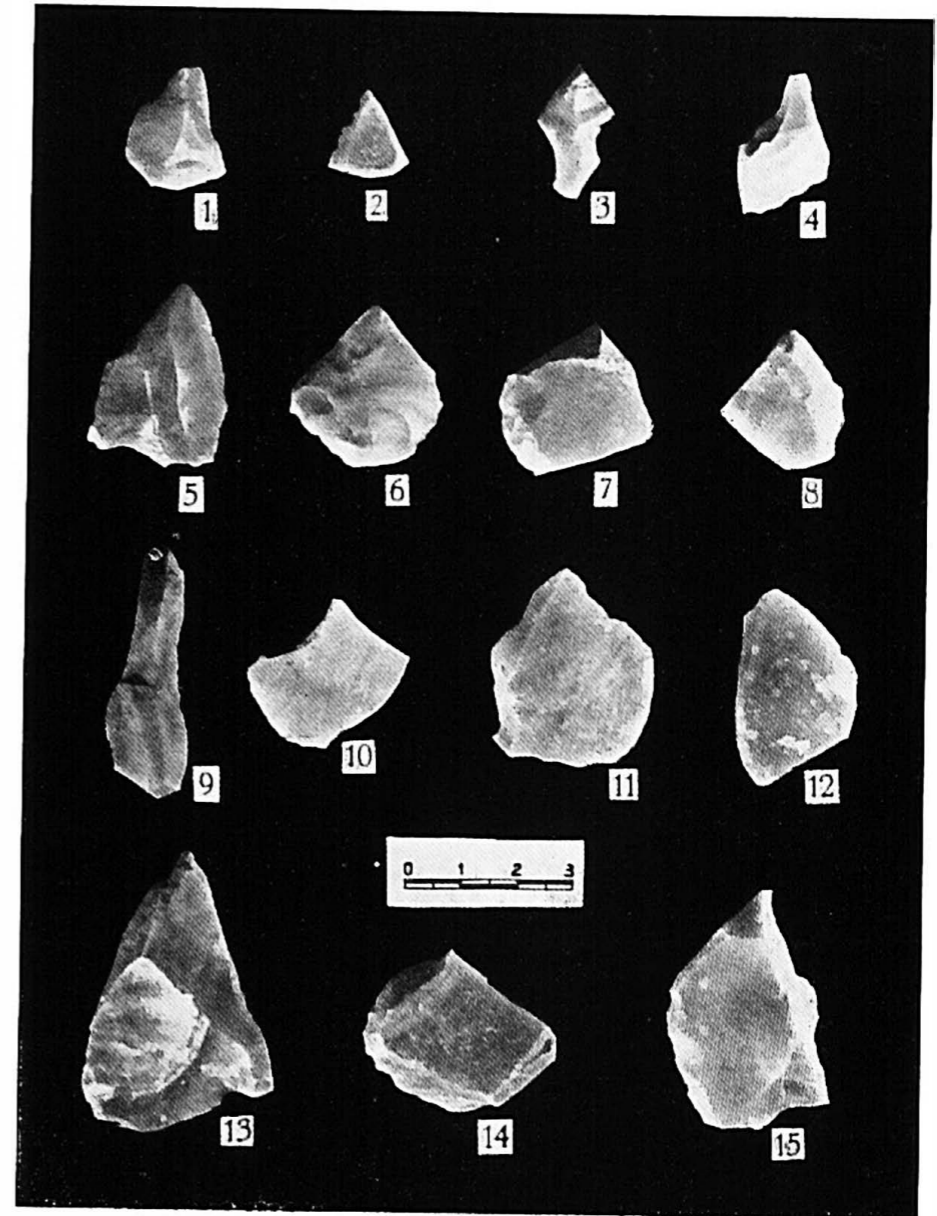
Indústria microlítica.



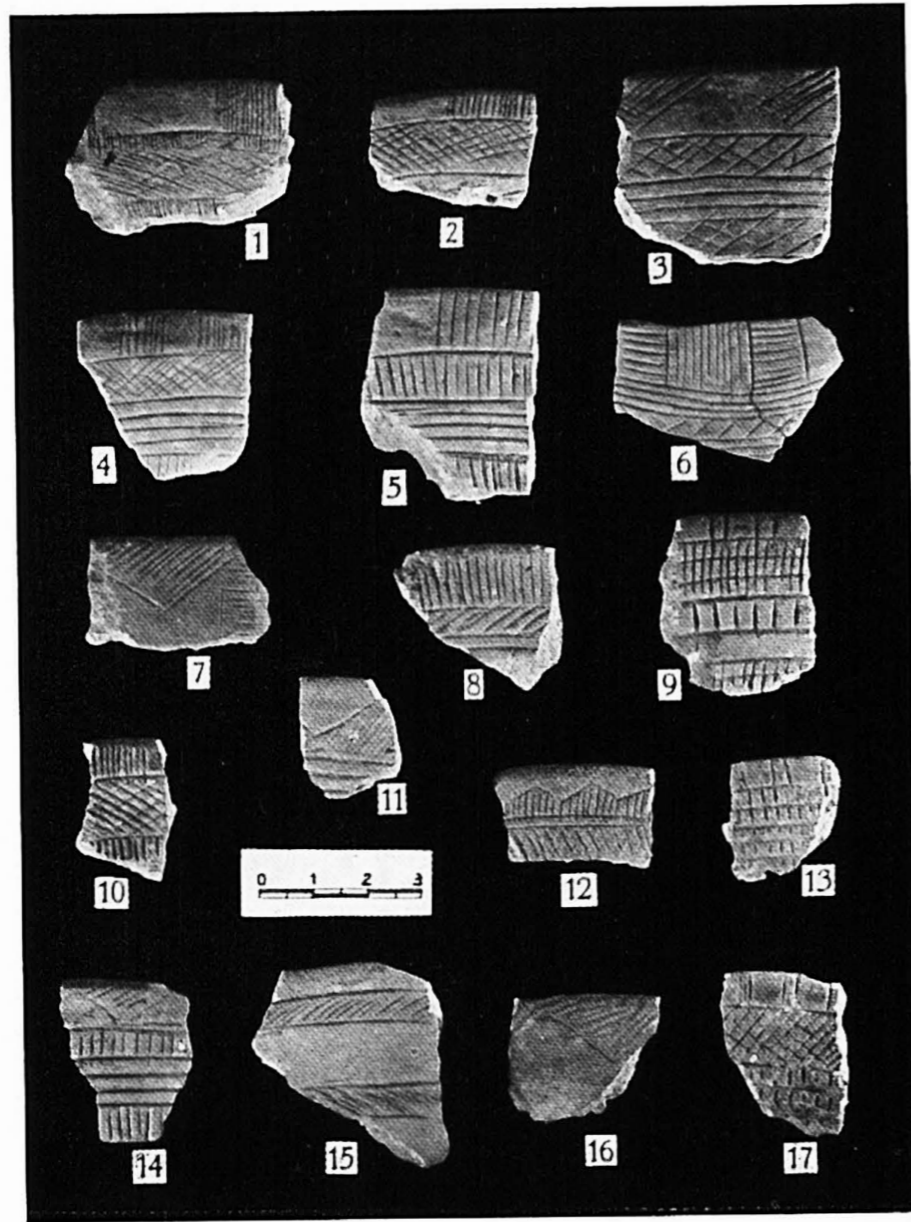
Lâminas, elementos de foicinha e raspadores.



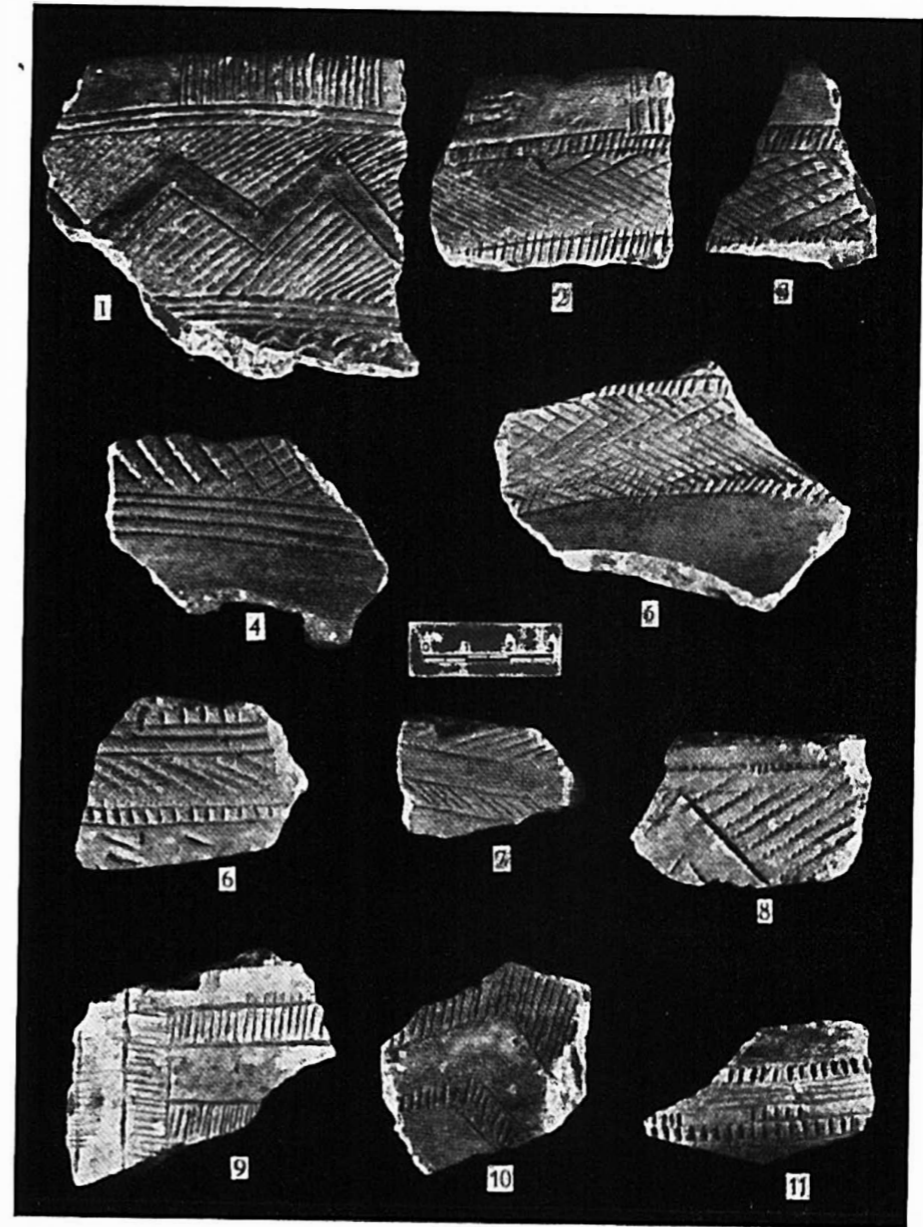
Raspadores.



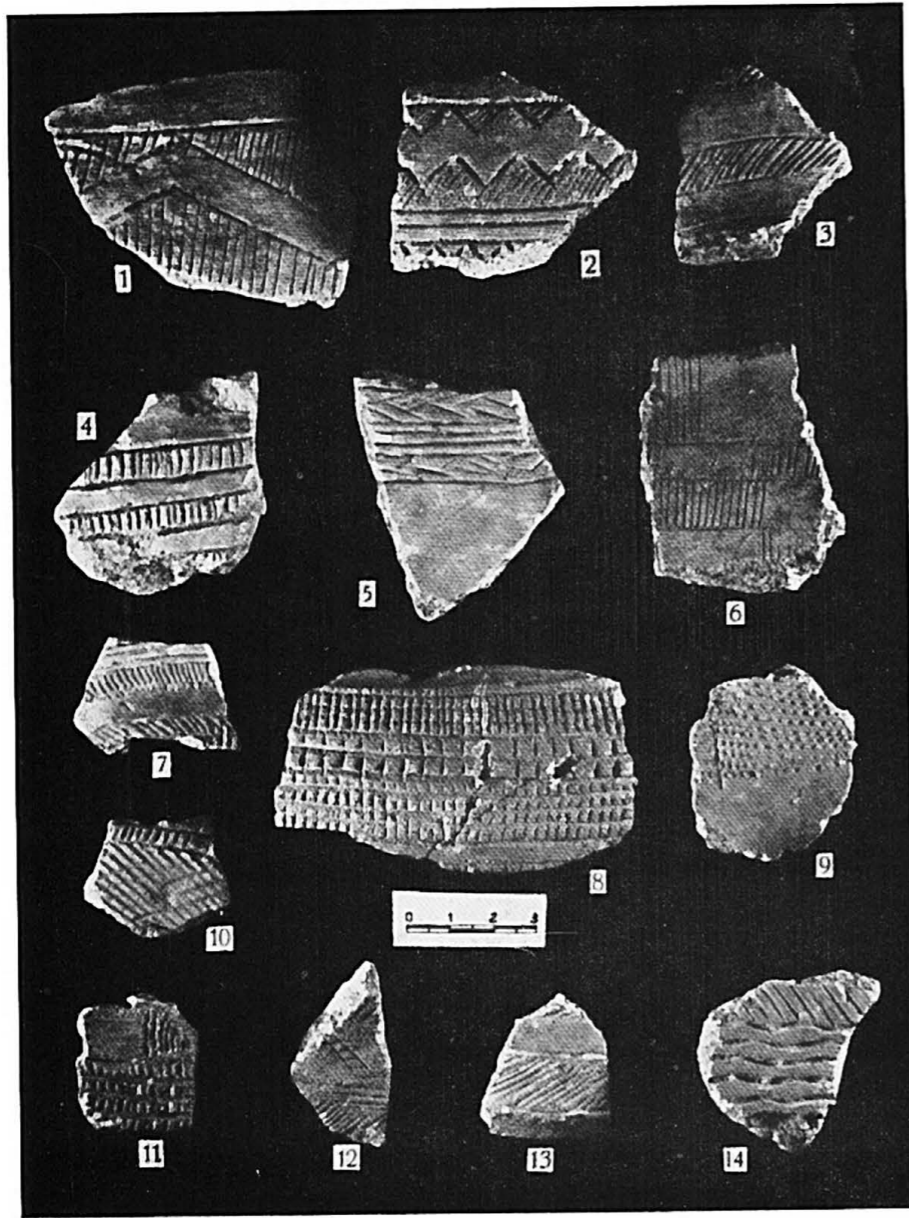
Buris e micro-buris.



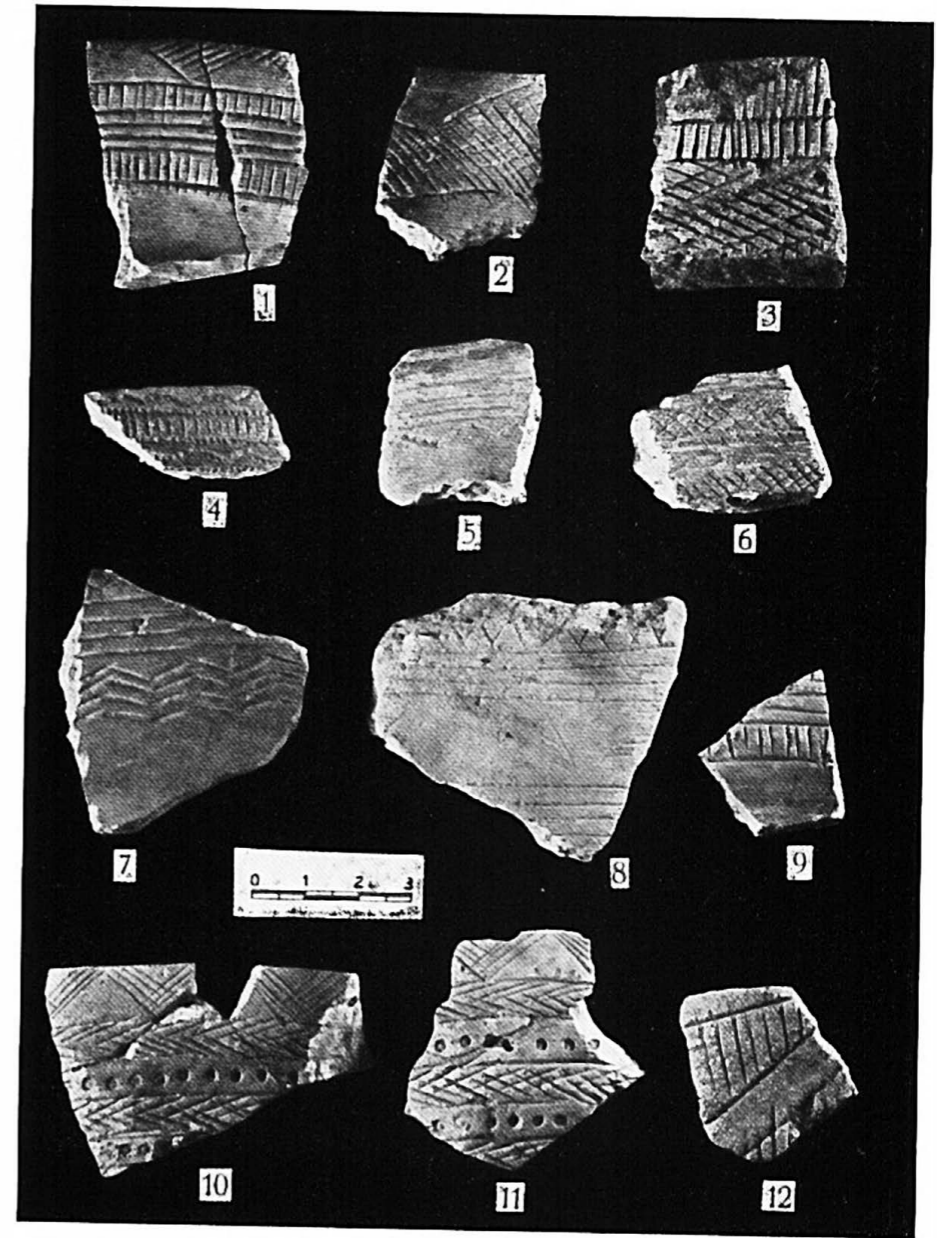
Cerâmica ornamentada.



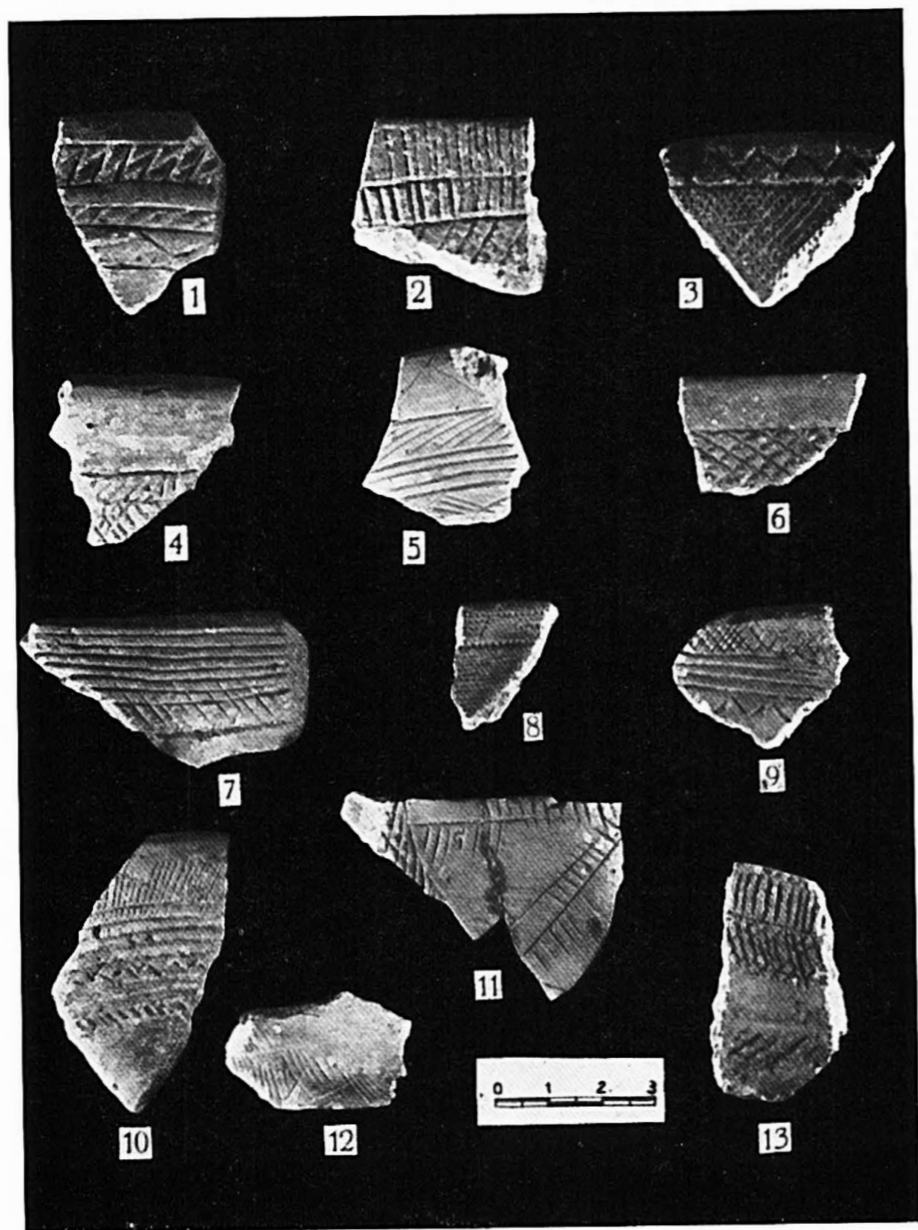
Cerâmica ornamentada.



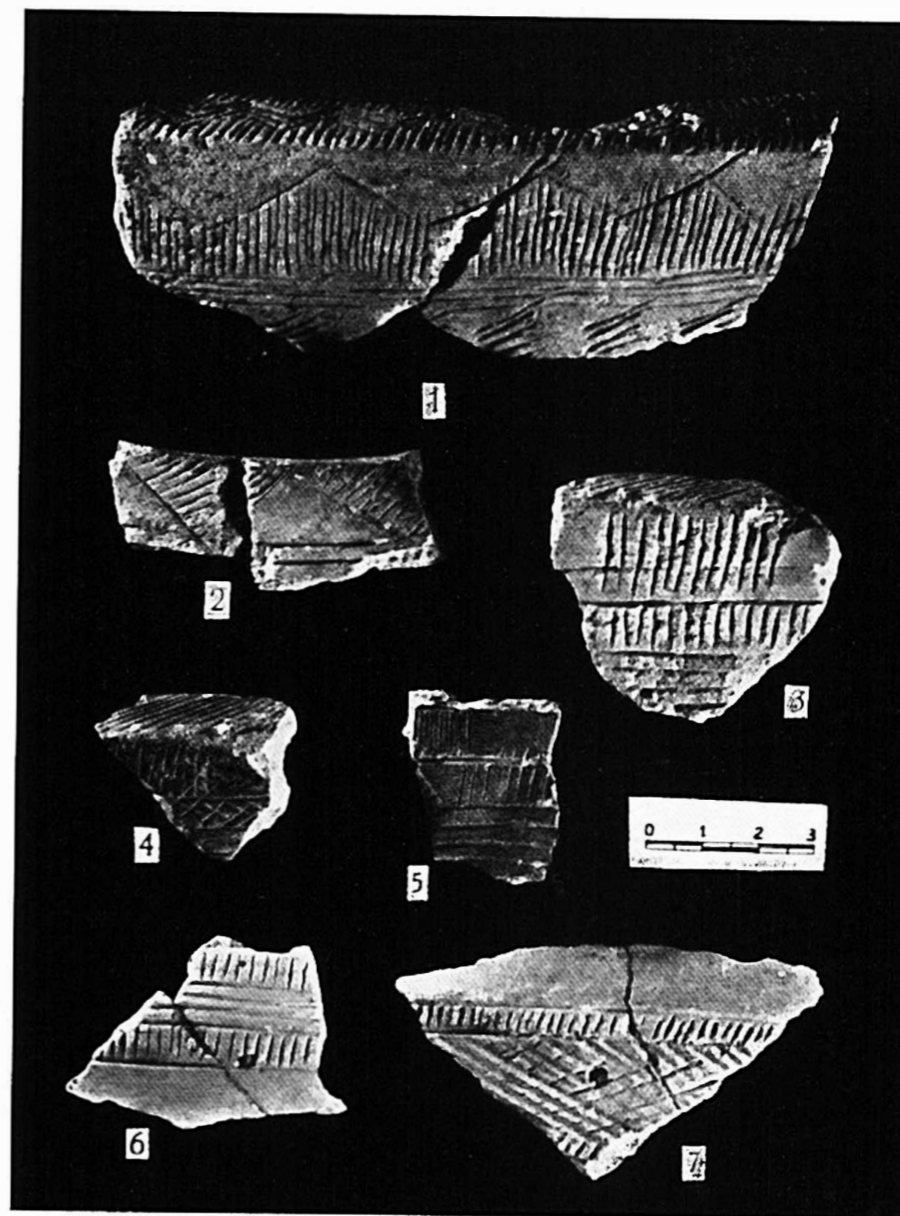
Cerâmica ornamentada.



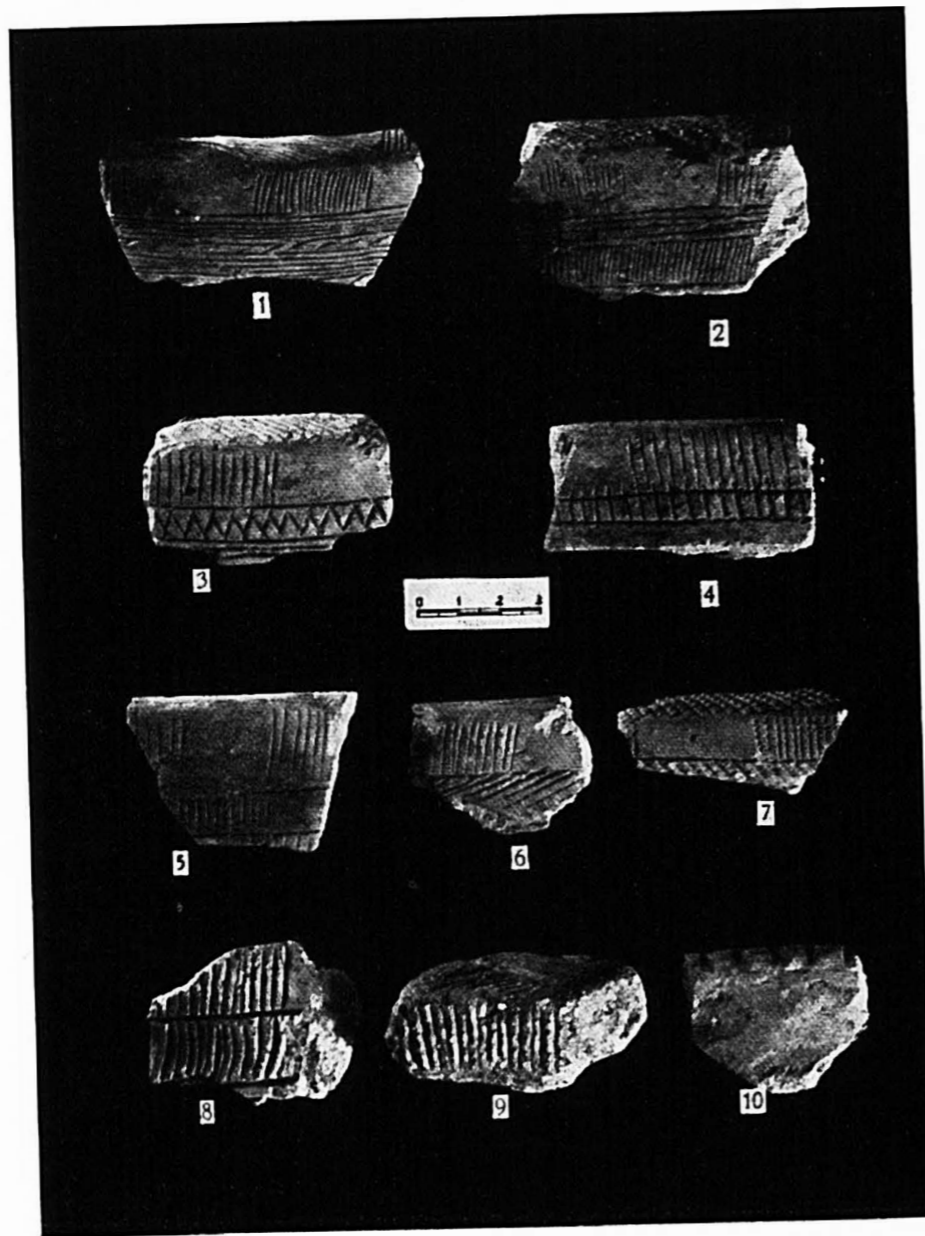
Cerâmica ornamentada.



Cerâmica ornamentada.



Fragmentos de taças de tipo Alapraia (1-4).



Fragmentos de taça de tipo Alapraia (1-9).

NOTA SOBRE A LAPA DA BUGALHEIRA (*)

AS explorações em curso na gruta do Almonda levaram-nos um dia, bem como aos nossos companheiros de trabalho P.^o Eugénio Jalhay e Eng. Melo Nogueira, a visitar outra gruta que nos disseram ficar a cerca de um quilómetro de distância. Em um dos contrafortes da Serra de Aire, denominado Arife, sobranceiro ao pequeno aglomerado populacional chamado Almonda, freguesia da Zebreira, concelho de Torres Novas, fica uma encosta de declive áspero, salpicada de oliveiras frutificando por entre a inóspita penedia, que aqui e além apresenta «covas» profundas, bem conhecidas de caçadores e pastores. De estas, uma das mais importantes é a que o vulgo denomina «Lapa da Bugalheira». Os terrenos de sementeira que ficam no sopé da escarpa têm também o nome de Bugalheira, e Bugalheira, diz a lenda, se chamava uma velha quase centenária que ali habitou com sua fortuna e haveres, fugindo do bulício do Mundo e convívio dos Homens.

Em épocas menos longínquas, no tempo dos franceses, os reduzidos íncolas do Almonda, deixando suas terras e lares ante as hostes napoleónicas, treparam a montanha e esconderam-se na «Lapa», ali vivendo durante todo o período da ocupação. Os franceses chegaram com seus cavalos ao sopé da montanha, mas como não pudessem subi-la a quatro patas de rocinante, quedaram-se por ali e àquelas gentes foi possível viver mais tranquilamente dentro da «Bugalheira» que é pouco visível

(*) Trabalho publicado no Livro II de «Actas do I Congresso Nacional de Ciências Naturais». Lisboa, 1941.

do lugar. Neste abrigo cozinham durante a noite, saindo o fumo por uma abertura superior em forma de chaminé, evitando assim denunciar-se às vistas do inimigo. Diz-se ainda no lugar que era de uso passarem ali a lua de mel os recém-casados que não possuíam habitação sua.

A «Lapa da Bugalheira» não é mais que um abrigo sob rocha, escavado pela acção das águas subterrâneas nos calcários do Dogger que constituem uma grande parte da Serra de Aire. Podem-se ainda observar um certo número de diaclases e chaminés, algumas das quais se encontram actualmente entulhadas. O Dr. António de Barros Machado, que visitou ultimamente a Bugalheira encontrou nela uma aranha característica das cavernas de certa profundidade, o que parece indicar uma grande extensão de fendas do calcário.

Durante a primeira parte das escavações, executadas em fins de Janeiro do corrente ano, com o concurso de operários da Fábrica de Papel «A Renova», muito gentilmente postos à nossa disposição pelos Directores da mesma, Ex.^{mos} Srs. Cerejo e Tavares, fomos obrigados a remover bastante entulho constituído por terras remexidas e pedras que os pastores se entretêm a atirar pela abertura superior da caverna, entulho este que atingia em alguns pontos uma espessura de perto de dois metros. A posição da gruta não nos obrigando a um grande transporte de materiais, permite-nos lançá-los pela escarpa depois de devidamente escolhidos e peneirados à entrada, facto este que facilita em muito a sua escavação.

De início abriu-se uma trincheira em diagonal desde a entrada ao fundo da caverna, onde a rocha se encontra fortemente polida pelo contacto permanente dos seus primitivos habitantes. Esta primeira camada de entulho continha restos de natureza variada, como: uma mó manual granítica, cossoiros, uma grande quantidade de cerâmica, fragmentos de bronze, algumas pontas de seta eneolíticas, além de cerâmica romana, objectos de ferro de era recente, um botão pombalino e moedas de bronze do princípio do século XIX. Esta mistura mostra que a gruta foi habitada ou pelo menos frequentada em épocas recentes e remexida pelos pesquisadores dos tesouros da Bugalheira.

A dois metros de profundidade, ao fundo da «Lapa» conseguimos atingir um nível francamente eneolítico, assinalado a princípio pela

aparição de numerosos ossos humanos. Escavando pouco a pouco esta camada ossífera, constatámos a existência de bastantes esqueletos, alguns dos quais se achavam enterrados nas anfractuosidades da rocha e outros na parte central da gruta e cobertos por pequenas lajes de calcário, numa posição que nos pareceu ser a de dobrados sobre si mesmos. A totalidade destes ossos humanos estava quebrada ou esmagada. Além destes, também se encontraram inúmeros ossos de Bovideos, Cervideos, Carneiros, Porcos, Coelhos, Raposas, além de conchas de Caracóis e fragmentos de Pectens.

Entre os materiais recolhidos nesta camada inferior, podem contar-se numerosas facas de sílex de grandes dimensões, micrólitos de forma trapezoidal, pontas de seta eneolíticas, machados de pedra polida, numerosa cerâmica, fragmentos de placas de xisto com desenhos, objectos de osso, duas falanges de Bovino gravadas e pintadas e numerosos núcleos de quartzite. De entre a cerâmica, onde havia bastantes bordos e fundos de vasos de formas e naturezas variadas, uns bastante grosseiros e outros de barro fino e micáceo, merecem especial referência alguns fragmentos de campaniforme e em particular um pequeno vaso com protuberâncias mamilares.

Porém os objectos mais curiosos até hoje recolhidos foram as duas falanges a que acima nos referimos (fig. 2, A e B). A fig. 2, A é a melhor trabalhada; à frente dois olhos e quatro sulcos dispostos em ângulo recto. A parte posterior é coberta de linhas paralelas onduladas, excepto na metade inferior onde há duas faixas em branco. A fig. 2, B é apenas desenhada na metade superior, distinguindo-se à frente dois pequenos orifícios.

L. Siret apresentou-nos em 1897 os primeiros objectos deste tipo recolhidos em «Los Millares» (1), dizendo depois que eram muito frequentes nas sepulturas de Almizaraque, mas raramente ornamentados (2). Mais tarde, este pré-historiador, encontrou afinidades destas falanges com os ídolos de alabastro em forma de garrafa e com uma figura ou estela cônica existente na parte central do templo de Paphos repre-

(1) L'Espagne préhistorique, *Revue des Questions Scientifiques*, Bruxelles, 1897.

(2) Orientaux et Occidentaux en Espagne, *Revue des Questions Scientifiques*, Bruxelles, 1907.

sentado em uma moeda chiprota, dizendo ⁽²⁾: «La nécessité de couronner la petite stèle par une figure à cornes explique la préférence donnée aux phalanges d'animaux plus ou moins travaillées». É que uns e outros representavam, para este Autor, a Terra Mãe. O Prof. H. Breuil,

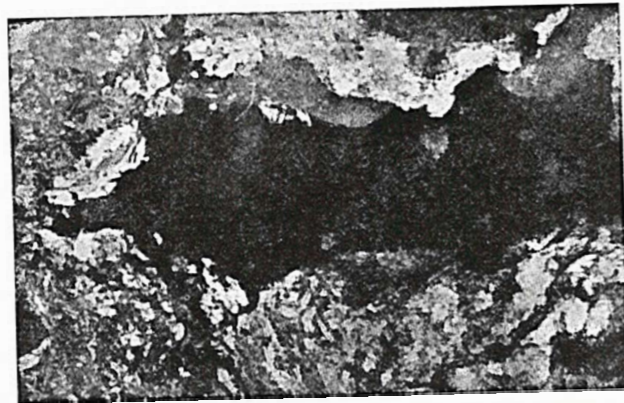


Fig. 1—Entrada da Lapa da Bugalheira.

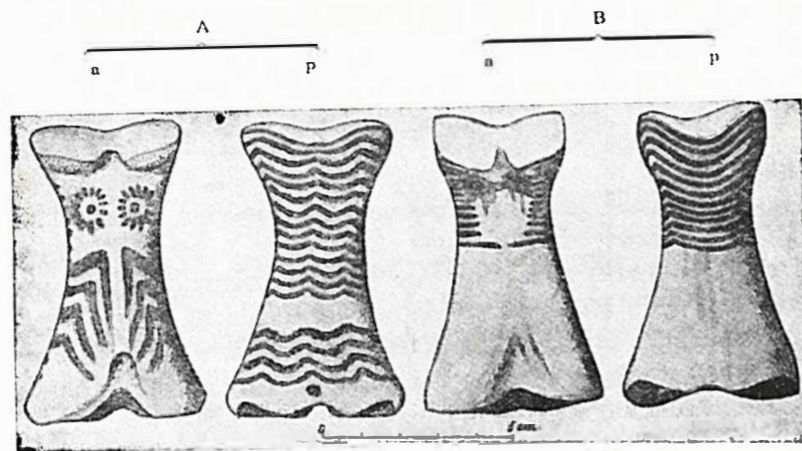


Fig. 2—Falanges de Bovideo esculpidas e pintadas, recolhidas na Lapa da Bugalheira.

⁽¹⁾ Questions de chronologie et ethnographie iberiques, Paris, 1913.

que visitou as colecções de L. Siret, diz-nos que as falanges e outros ossos gravados aparecem nas sepulturas do eneolítico superior da região de Almeria associados a machados de cobre, belas facas de sílex, setas de base côncava com asas, ou pedunculadas e com asas de um tipo evolucionado. Siret afirmou mesmo àquele ilustre professor do Colégio de França que as falanges seriam primitivamente pintadas e que a corrosão da superfície do osso pelas tintas é que daria a impressão de gravura. Breuil, porém, é de opinião que elas seriam primeiro gravadas e depois pintadas ⁽⁴⁾. É reduzido o número destes objectos até hoje aparecidos entre nós. O Prof. Manuel Heleno ao estudar as grutas de Carenque fala-nos apenas de dois exemplares: um recolhido em S. Martinho-de-Sintra ⁽⁵⁾ e outro em Carenque ⁽⁶⁾. O Prof. Breuil refere ainda dois exemplares muito simples descobertos num dolmen de Alcalar ⁽⁷⁾. A estas quatro falanges há a juntar na presente ocasião mais três: uma proveniente da póvoa eneolítica de Vila-Nova-de-S. Pedro e existente na colecção de Hipólito Cabaço e as duas da «Bugalheira».

As falanges por nós descobertas não estando, pelo menos até hoje, associadas a um material tão evolucionado como o de Almeria, não deixam de estabelecer mais um elo entre as civilizações de Almizaraque e as do Centro e Sul de Portugal. As escavações em curso na gruta da Bugalheira certamente nos permitirão descobrir maior quantidade de material e então, num futuro mais ou menos próximo, em trabalho definitivo, poderemos apresentar conclusões mais seguras, que nesta ocasião se nos afiguram inúteis por serem bastante prematuras.

⁽⁴⁾ Breuil, Abbé Henri, Peintures rupestres schématiques de la péninsule ibérique, vol. IV, Paris, 1935.

⁽⁵⁾ Apollnário, Maximiano, Necrópole neolítica do Vale de S. Martinho, *Archeólogo Português*, 1896.

⁽⁶⁾ Heleno, Manuel, As grutas artificiais do Casal de Vila Chã (Carenque), Lisboa, 1933.

⁽⁷⁾ Santos Rocha, *Boletim da Sociedade Arqueológica Santos Rocha*, tomo I; Abbé Breuil, *Peintures rupestres schématiques*, etc., vol. IV, Paris, 1935.

ESBOÇO ARQUEOLÓGICO DO CONCELHO DE CASCAIS (1)

O Concelho de Cascais, pela sua diminuta superfície de 9.856 hectares, apenas ultrapassa, em grandeza, 38 dos restantes 270 municípios do Continente Português (2), mas, por um contraste verdadeiramente singular, poucos haverá que tenham proporcionado aos investigadores uma tão completa sequência de vestígios etnológicos. Na realidade quase todos os povos cuja presença mais contribuiu para transformar a civilização da Península Ibérica deixaram copiosos indícios neste pequenino recanto de Portugal.

Assim, das mais recuadas eras da humanidade, as do Paleolítico, em que o homem usava grosseiros instrumentos de pedra lascada e a cujo início determinados autores assinalam para cima de 100.000 anos antes de Cristo (3), possuem-se alguns objectos recolhidos na *Praia do*

Trabalho publicado no *Boletim do Museu-Biblioteca dos Condes de Castro Guimarães*. Ed. da Junta de Turismo de Cascais, 1943.

(1) Para não sobrecarregar demasiadamente as anotações deste ligeiro esboço limitar-nos-emos a citar a bibliografia mais recente ou mais elucidativa. Nessas anotações procuraremos adoptar o método aconselhado pelo falecido investigador Comandante Fontoura da Costa (Fontoura da Costa, *Unificação das anotações*).

(2) Oliveira Coutinho, *Código da Contribuição Predial*, p. 34 a 43.

(3) Mário Cardozo, *Citânia de Briteiros*, quadro entre as p. 22 e 23; Obermaier e García y Bellido, *El hombre prehistórico*, p. 5 e 31.

Guincho ⁽⁴⁾, no Outeiro ⁽⁵⁾, no Alto Estoril, na Galiza e junto do Forte de Santo-António-da-Barra ⁽⁶⁾ ou Forte Velho ⁽⁷⁾.

Temos, depois, os da pedra polida ou do Neolítico, período colocado pouco mais ou menos entre 7.000 e 4.000 anos antes de Cristo ⁽⁸⁾, encontrados nas imediações de Carcavelos e Parde ⁽⁹⁾, na Madcira ⁽¹⁰⁾ e, perto de Cascais, na Ribeira das Vinhas e num pinhal a noroeste da vila ⁽¹¹⁾.

Dos tempos Eneolíticos é o Concelho de Cascais particularmente rico, pois das grutas artificiais de Alapraia, compreendidas entre 3.300 ou 3.000 e 2.500 anos antes de Cristo ⁽¹²⁾, das naturais do Poço-Velho e Porto-Covo ⁽¹³⁾, assim como da estação pré-histórica do Estoril ⁽¹⁴⁾, todas aproximadamente daquela mesma época, reti-

(4) Breull, Vaultier e Zbyszewski, *Plages anciennes*, p. 1, 4 e 5.

(5) Eugénio Jalhay e Afonso do Paço, *Páleo e Mesolítico Português*, p. 48.

(6) Existiam no Museu dos Serviços Geológicos de Portugal, em Lisboa, desde os tempos de Carlos Ribeiro, alguns sílces com a nota de terem sido recolhidos na Galiza e na escarpa do Forte de Santo António. A sua escassez e trabalho pouco definido não permitira admiti-los entre os objectos paleolíticos all expostos. Todavia o Prof. H. Breull, na classificação a que procedeu do material daquele Museu, incluiu-os nesse período. Também deram entrada, recentemente, no mesmo Museu alguns outros sílces obtidos no Alto Estoril pelo Eng. Alves Costa e que o referido professor igualmente atribuiu ao paleolítico.

(7) Leite de Vasconcellos, *Etnografia Portuguesa*, II, p. 716.

(8) Mário Cardozo, l. c. [3].

(9) Leite de Vasconcellos, *Religiões da Lusitania*, I, p. 215; *idc.*, *Acquisições do Museu Ethnographico*, n.º 62; Lulz Chaves, *Belém na Pré-história*, p. 181.

(10) Leite de Vasconcellos, *Acquisições do Museu Ethnographico*, n.º 94.

(11) Alves Pereira, *A antiguidade no Concelho de Cascais*, 3.ª página

(12) Eugénio Jalhay e Afonso do Paço, *A Gruta II de Alapraia*. Hoje nenhuma dúvida resta de que são pelo menos 4 as grutas existentes neste local, por se ter desobstruído, graças à louvável actuação da Junta de Turismo de Cascais e muito particularmente do seu digno Presidente, Sr. Eng. Augusto Jayme Telles d'Abreu Nunes, a Gruta III e descoberto, em 12 de Março de 1943, uma quarta gruta.

(13) Afonso do Paço, *Grutas do Poço Velho*.

(14) Afonso do Paço e Maxime Vaultier, *Estação Eneolítica do Estoril*.

raram-se preciosos espólios, de alguns de cujos objectos até hoje se não conhecem iguais em todo o mundo.

Da permanência dos Romanos, que já no ano de 138 antes de Cristo eram senhores de Lisboa ⁽¹⁵⁾, ficaram sinais evidentes na Arcia ⁽¹⁶⁾, no Bom-Successo ⁽¹⁷⁾, em Caparide ⁽¹⁸⁾, no Casal de Santa Teresinha ⁽¹⁹⁾, no Casal da Freiria ⁽²⁰⁾, no Alto do Cidreira ⁽²¹⁾ no

(15) Schulten, Bosch Gimpera e Pericot, *Fontes Hispaniae Antiquae*, IV, p. 135, 137, 138 e 333.

(16) Alves Pereira, *Antiquitas*, XVIII, p. 56.

(17) Alves Pereira, *Antiquitas*, XVII, p. 54.

(18) Leite de Vasconcellos, *Antigualhas das proximidades de Lisboa*, p. 249. Saavedra Machado, *Aquisições do Museu Etnológico*, p. 244. Diz-se neste segundo trabalho publicado no volume XXIV do *Archeólogo*, relativo aos anos de 1919 e 1920, que as duas últimas lápides romanas de Caparide foram adquiridas pelo «Conservador Sr. Pinto da Fonseca», ao passo que na p. 369 dos n.ºs 7 a 12 do volume XIX da mesma revista, relativos aos meses de Julho a Dezembro de 1914, se afirmara que o tinham sido pelo «conservador do Museu, Sr. Vergílio Correia». A divergência teve sem dúvida o propósito de ocultar os nomes pelos quais é mais conhecido o ilustre professor da Universidade de Coimbra Sr. Doutor Vergílio Correia Pinto da Fonseca (Martinho da Fonseca, *Aditamentos ao Dicionário Bibliográfico*, p. 342), por causa de polémicas havidas entre ele e o falecido Redactor daquela revista (Vergílio Correia, *Ainda a propósito da «Arte Rupestre Gallega y Portuguesa»*).

(19) Alves Pereira, *Inscrições Romanas das Vizinhaças de Cascais*, p. 47 e 48. Esta lápide encontra-se presentemente no Museu-Biblioteca do Conde de Castro Guimarães, em Cascais.

(20) Vergílio Correia, *Sepultura romana nos arredores de Oeiras*.

(21) l. c. [17], p. 52 e 54. O nome correcto deste local é o de Alto do Cidreira ou do João Cidreira e não o de Encidreiras nem Sancidreiras (Filipe Folque, *Memoria sobre os Trabalhos Geodesicos*, p. 277, 278, 280, 284, 286, 287, 300 a 302, 307, 316, 317, 320 e 331; *id.*, *Continuação da Memoria sobre os Trabalhos Geodesicos*, p. 7, 10, 27, 32, 34, 38 e 2.º mapa apenso ao verso da p. 435).

Goilão⁽²²⁾, em *Morouços*⁽²³⁾, em *Murches*⁽²⁴⁾, no *Outeiro*⁽²⁵⁾, em *Pau-Gordo*⁽²⁶⁾ e na *Quinta da Bela-Vista*⁽²⁷⁾.

Dos Visigodos, por quem foi conquistada Lisboa no ano 469 depois de Cristo⁽²⁸⁾, forneceu Cascais abundantes vestígios, obtidos no *Alto da Peça*⁽²⁹⁾, nas *Mercirias*⁽³⁰⁾, no *Poço-Velho*⁽³¹⁾ e no *Rossio-Pelado*⁽³²⁾.

Dos Muçulmanos, enfim, cuja ocupação de Lisboa parece datar de 716 depois de Cristo⁽³³⁾, conhecem-se, pelo menos, referências à povoação de *Alcabidche*, feitas por dois ou três escritores árabes⁽³⁴⁾ e talvez um silo na berma da estrada que vai de Cascais ao lugar de *Alvide*⁽³⁵⁾.

Estão bem longe, porém, de ser apenas esses os iniludíveis testemunhos de tão recuadas épocas, na região de Cascais, pois, além deles, há também variadíssimos informes, cuja divulgação tem sido

(22) Leite de Vasconcelos, l. c. [18], p. 248 e 249; id., *Acquisições do Museu Ethnographico*, n.º 61.

(23) Leite de Vasconcelos, l. c. [18], p. 247.

(24) Borges de Figueiredo, *Inscrição dos arredores de Cascaes*; Paula e Oliveira, *Antiquités des Environs de Cascaes*, p. 91; Leite de Vasconcelos, *Epigrafia do Museu Etnológico*, p. 227.

(25) l. c. [20], p. 94.

(26) Alves Pereira, *Antiquités*, III, p. 204. Esta lápide, assim como a do Casal de Santa Teresinha, encontra-se presentemente no Museu-Biblioteca do Conde de Castro Guimarães, em Cascais.

(27) l. c. [19], p. 48 e 49. Estas duas lápides, assim como as do Casal de Santa Teresinha e Pau Gordo, encontram-se presentemente no Museu-Biblioteca do Conde de Castro Guimarães, em Cascais, onde todas quatro foram recolhidas por diligência das mesmas entidades a quem nos referimos em a nota 12.

(28) Manuel Torres, *Reinos Germânicos de España*, p. 38.

(29) Paula e Oliveira, l. c. [24], p. 87; Alves Pereira, l. c. [16], p. 58.

(30) Alves Pereira, *Antiquités*, IV, p. 208 e l. c. [16], p. 58.

(31) l. c. [13], p. 44.

(32) Paula e Oliveira, l. c. [24], p. 89 e 90; Leite de Vasconcelos, *Coisas Velhas*, n.º 69.

(33) Simonet, *Historia de los Mozárabes*, p. 52, nota 1, p. 144, nota 2, p. 181, nota 3 e p. 296, nota 4.

(34) David Lopes, *Cousas arabico-portuguesas*, p. 279; id., *Os arabes nas obras de Alexandre Herculano*, III, p. 222 e 223.

(35) Alves Pereira, *Antiquités*, XXIII, p. 174.

feita sem tanto rigor cronológico, mas que não devem julgar-se de menos vetusta idade.

Assim por uma diligência ordenada pelo Marquês de Pombal, em 7 de Março de 1774, sabe-se que foram descobertos, em *Alcoitão*, três pedaços de ouro muito antigos, com o feitio de argolas⁽³⁶⁾ e uma questão judicial, havida em 1777, permite averiguar a existência de *covas dos mouros* em *Santo-António-do-Estoril*⁽³⁷⁾, as mesmas fossas, porventura, que, a leste do muro da cerca do antigo convento, Paula e Oliveira muito depois visitou, sem colher, aliás, grande resultado⁽³⁸⁾.

Notícias mais recentes por último, se conservam: de objectos pré-históricos achados no *Alto-Estoril*⁽³⁹⁾; de «um pequeno triturador preistórico de grês», nas *Mercirias*⁽⁴⁰⁾; de «dois machados de pedra», na *Alapraia*⁽⁴¹⁾; de «pedras de raio», na *Malvcira*⁽⁴²⁾; da provável reminescência, no sítio das *Antas*, de monumentos preistóricos» assim denominados⁽⁴³⁾; de «covas dos mouros», no *Covão*⁽⁴⁴⁾; de um subterrâneo bastante vasto, no *Casal da Lobcira*⁽⁴⁵⁾; de uma «mó», no *Alto-Estoril*⁽⁴⁶⁾; de lápides, infelizmente perdidas, em *Alcoitão*⁽⁴⁷⁾, *Murches*⁽⁴⁸⁾ e *Morouço*⁽⁴⁹⁾; de «uma canalização do tempo dos mouros (!)», no *Alto da Luz*⁽⁵⁰⁾; de pesos de tear, na *Malvcira*⁽⁵¹⁾ e perto do *Alto da Peça*⁽⁵²⁾; de «um bico de ânfora» e um «forno de

(36) Arthur Lamas, *Miscelânea*, I.

(37) *Causa de Nunciação do Conselheiro João da Silva Carvalho com Manoel Joaquim Jorge*, p. 10 e 13.

(38) Paula e Oliveira, l. c. [24], p. 84.

(39) Chaves Lopes, *Acquisições do Museu Etnológico*, p. 144; l. c. [11], 1.ª p.

(40) Alves Pereira, l. c. [30].

(41) Saavedra Machado, l. c. [18], p. 264.

(42) Leite de Vasconcelos, l. c. [18], p. 246.

(43) Alves Pereira, *Antiquités*, II, p. 202.

(44) Alves Pereira, *Antiquités*, XXI, p. 69.

(45) Paula e Oliveira, l. c. [24], p. 83.

(46) Saavedra Machado, l. c. [18], p. 267.

(47) Paula e Oliveira, l. c. [24], p. 87.

(48) Paula e Oliveira, l. c. [24], p. 90.

(49) Paula e Oliveira, l. c. [24], p. 86; Leite de Vasconcelos, l. c. [32], n.º 68.

(50) l. c. [11], 4.ª p.

(51) Leite de Vasconcelos, l. c. [18], p. 248.

(52) Paula e Oliveira, l. c. [24], p. 88.

mouros», em *Tires*, assim como de «um cemitério, cujas sepulturas eram caixas de lages de calcáreo», entre essa povoação e a da *Abóbada* ⁽⁵³⁾; de uma «necropole cristã», nas *Abrizes* ⁽⁵⁴⁾; de «lagaretas» e cavidades idênticas, no *Casal do Geraldo* ⁽⁵⁵⁾, *Alapraia* ⁽⁵⁶⁾ e *Poço-Velho* ⁽⁵⁷⁾; de múltiplos destroços, ruínas e despojos, no *Morouço* ⁽⁵⁸⁾, *Bicesse* ⁽⁵⁹⁾, *Alcoitão* ⁽⁶⁰⁾, *Murches* ⁽⁶¹⁾, *Vilares* ⁽⁶²⁾, *Espigão das Ruivas* ⁽⁶³⁾ e *Casal do Geraldo* ⁽⁶⁴⁾, bem como próximo do *Alto da Peça* ⁽⁶⁵⁾ e a leste de *Alapraia* ⁽⁶⁶⁾, na *Quinta da Bela-Vista* ⁽⁶⁷⁾.

O conjunto dos factos apontados parece denotar, sem favor, uma contínua predilecção do homem pela região de Cascais, motivada, sem dúvida, pelo seu favorável clima, pelo exercício da pesca no seu litoral, pelas boas condições do seu porto e pela sua vizinhança de Lisboa.

Uma das mais apreciáveis homenagens à consagrada fama do clima de Cascais, tributou-lha Fr. Nicolau de Oliveira, na descrição desta vila, em 1620, porquanto, dizia, «sendo a vltima do mundo da parte do Occidente», nela «parece que quis a natureza ajuntar tudo o bom, que ha do Oriente té a mesma villa, dandolhe purissimos, & tēperadissimos ares, de modo que naõ ha veraõ tam caluroso, que nella faça sentir grande calma pella vizinhança do mar Oceano Atlantico, que quasi a cerca, & da fresquissima Serra de Sintra, que lhe está refrescando o ar, que o Sol com seus rayos aqueuta. Nê ha inuerno tam riguroso, que nella faça sentir grande frio por respeito

⁽⁵³⁾ l. c. [20], p. 94.

⁽⁵⁴⁾ l. c. [43], p. 203.

⁽⁵⁵⁾ Alves Pereira, *Antiquités*, XX.

⁽⁵⁶⁾ l. c. [44], p. 68 e 69.

⁽⁵⁷⁾ Paula e Oliveira, l. c. [24], p. 84.

⁽⁵⁸⁾ Paula e Oliveira, l. c. [24], p. 86.

⁽⁵⁹⁾ Paula e Oliveira, l. c. [24], p. 86.

⁽⁶⁰⁾ Paula e Oliveira, l. c. [24], p. 87.

⁽⁶¹⁾ Paula e Oliveira, l. c. [24], p. 90.

⁽⁶²⁾ Paula e Oliveira, l. c. [24], p. 91.

⁽⁶³⁾ Paula e Oliveira, l. c. [24], p. 92.

⁽⁶⁴⁾ l. c. [55], p. 64.

⁽⁶⁵⁾ Paula e Oliveira, l. c. [24], p. 88.

⁽⁶⁶⁾ Paula e Oliveira, l. c. [24], p. 86.

⁽⁶⁷⁾ l. c. [44], p. 69 e 70.

dos ventos Sul, & Noroeste, que de ordinario naquelle tempo ventaõ, & de si saõ mais brandos que o Norte, & Nordeste do veraõ. E assi he a mais çadia terra, que se sabe em Portugal, & em que os homens mais viuem, & mais saõs, & donde de todo está desterrado hum mal, que a tantos consume a vida, que he a malenconia» ⁽⁶⁸⁾.

Muito se tem escrito a respeito da salubridade da região de Cascais e alguns trabalhos há dotados, mesmo, do mais elevado cunho científico, embora nocivos, por vezes, à região cujo desenvolvimento pretendem fomentar. No entanto poucos elogios haverá tão eloquentes, na sua expontânea sinceridade, como as insuspeitas palavras desse

⁽⁶⁸⁾ Nicolao d'Oliveira, *Grandezas de Lisboa*, fol. 78.

Dois espécies de melancolia descreveu Bluteau, como doenças, no seu Vocabulário: em primeiro lugar a *melancolia mórbida*, própria da dita, que se traduzia por um «delirio com grande tristeza, mas sem febre», em consequência do qual um «homem, q imagnavia ser vaso de barro, fugia da gente de medo que o quebrassem: outro entendendo que era gallo, batia os braços, como se forão azas, & procurava imitar a voz do gallo; a outro lhe parecia não ter cabeça; outro que imaginava ter os pés de vidro, não caminhava, receoso de os quebrar: & hum pasteleiro de Ferrara, persuadido de q era composto de mantelga, olhava de longe para a boca do forno, para não ficar derretido»; em segundo lugar a «melancolia hypocondriaca, ou flatuosa», proveniente «dos fumos do baço, ou dos viclos do cérebro, com depravação da faculdade imaginativa, & com allenação da faculdade intellectiva, & outros symptomas, q os Medicos» apontavam, a qual «depois de inveterada »era «tão difficullosa de curar, que communmente» se designava pelo nome de *opróbrio dos médicos* (Bluteau, *Vocabulário*, V, p. 404).

Acerca dos meios empregados outrora para debelar semelhante moléstia é curioso lembrar uma obra digna do particular apreço de Cascais, não só como fruto das instigações do seu 3.º Marquês, D. Manuel José de Castro Noronha Ataíde e Sousa, mas também por ter sido a expensas dele mandada publicar e que por esse duplo motivo lhe foi dedicada pelo autor, ao tempo seu familiar. Trata-se do compêndio de medicina prática intitulado *Âncora Medicinal*, onde o seu autor, Francisco da Fonseca Henriques, o célebre Doutor Mirandela (Innocencio, *Diccionario Bibliographico*, II, p. 377), indicava: «para as melancolias inclplentes», as «Melras» ou melrcas, fêmeas do melro; para debelar as crises dos «melancolicos adustos», os ouriços do mar; «para os melancolicos», em geral, as maçãs camoesas, quer em «xarope», quer sob a forma de «camoezadas ou, conservas de camoezas purgativas»; para «temperar o sangue melanclico adusto», as «Laranjas bicaes» (Fonseca Henriques, *Âncora Medicinal*, dedicatória e p. 136, 187, 242 e 251), o mesmo, segundo Alves Nogueira, que laranjas amargas (Alves Nogueira, *Evoluções da Civilização*, p. 79).

bondoso trino, que «entretinha os seus ócios conventuais juntando os pingos de cera para os conventos pobres» (69) e cujo livro, escrito no intuito de «se mostrar grato á patria que lhe dera o berço», a cidade de Lisboa (70), «foi mal criticado por ser pouco desenvolvido»; mas esses «críticos eram, naturalmente os autores daqueles espessos tratados teológicos que ninguém lê». Tal é, quantas vezes, a «falibilidade da crítica...!» (71).

Para comprovar a longevidade dos habitantes de Cascais, o P.^o Manuel Marçal da Silveira, na sua Memória Paroquial redigida com data de 6 de Abril de 1758, depois de citar o caso de ter havido, na Ermida de Santa Marta, um ermitão falecido em 24 de Maio de 1607 com 120 anos de idade, apontou nada menos de 19 pessoas que teriam morrido também centenárias, além de mais uma que chegou a conhecer os netos de seus próprios netos (72).

(69) Matos Sequeira, *Carmo e Trindade*, II, p. 306.

(70) Barbosa Machado, *Biblioteca Lusitana*, III, p. 489.

(71) l. c. [69].

(72) «Fica mais próximo a Villa a Ermida de Santa Marta, e de São Sebastião, em que se celebraõ nos seus dias as suas festas com grande devoção, e concurso, e Em cada hũa há seu Ermitão, ou Ermitã que cuidaõ dellas. Na de Santa Martha houve hũ Ermitão de especial virtude que faleceu em 24 de Majo de 1607 chamado George Alvres, com 120 annos de idade como consta do livro dos defuntos desta freguezia livro 3.º...

As cousas mais dignas de memoria, h eviver aqui a gente de idades muy avantejadas e com boa saude, Alem do Ermitão de Santa Marta de que ja se dise que morrera de 120 annos, há ahinda Roque Fernandes o Borgels que faleceu em 28 de Majo de 1597 com 117 annos de idade livro 2.º dos defuntos folhas 164, Catharina Luis a Negrela, com 108 — Garcia Afonso falecida em 5 de Setembro de 1580, a qual vio em seus dias, vivos a sua quarta geração, Filhos, Netos, Bisnetos, e Terceiros Netos, tomo 1.º dos obitos folhas 231 — Ercia Alvres com 120 falecida em 17 de Majo de 1608 — Brites Alvres a Estorninha com 113 annos, e para 114 — Brizida Ribejra com 118 falecida em 18 de Majo de 1626 e seu Paj de 115 livro da freguezia tomo 3.º folhas 131 — No anno de 1651 Maria Lopes a mata sete com 105 annos, e pelo seculo de 1500 cinco homens de mais de 100 anos e sete molheres de outros tantos mais...

Cascaes, 6 de Abril de 1758.

Do Rejtor da Igreja Matris da Villa de Cascaes Manoel Marçal da Silveira» (Memória Paroquial da Freguesia de Nossa Senhora da Assunção da Vila de Cascais; vid. Pereira de Sousa, *Terremoto de 1755*, III, p. 505).

O remoto exercício da pesca, no litoral de Cascais, é-nos atestado pela Carta Régia de 11 de Maio de 1282, que transmitiu ao concelho de Tavira as normas de conduta usadas pelo alcaide-do-mar de Lisboa (73). Se tanto não bastasse para mostrar desde quão longínquos tempos o litoral de Cascais tem sido aproveitado como lugar de pesca, poderíamos acrescentar o tradicional aparecimento da imagem de Nossa Senhora da Graça, em 14 de Agosto do ano de 1362 ou, talvez, de algum dos anteriores e atribuído, sem discrepâncias, aos pescadores de Cascais (74). Isto permite desmentir o erróneo conceito de «que Cascais, nunca foi de facto uma terra de pescadores, porquanto, nunca verdadeiramente os seus naturais se dedicaram à pesca» (75); pelo contrário, no dizer de Fr. Nicolau de Oliveira raro era o dia em que barcos de Alfama, *Cascais*, Ericeira, Peniche, Sesimbra e Setúbal ao porto de Lisboa não viessem descarregar peixes das mais variadas espécies (76).

Através do porto de Cascais consta, por exemplo, que já no Século XIV, à data do Foral da Portagem de Lisboa, de 5 de Outubro de 1377, se exportava para diversas terras a saborosa fruta de Sintra (77).

No tocante à vizinhança de Lisboa, bem cedo, por certo, contribuiria para o desenvolvimento da região de Cascais, visto que já cerca de 530 anos antes de Cristo no magnífico estuário do Tejo eram permutadas as mercadorias trazidas por mar dos países nórdicos, pelas que vinham dos mediterrânicos (78). Em grande parte, na verdade, muitos dos factores do seu progresso deve-os Cascais à circunstância da sua localização ficar tão próxima da capital do país.

O melhoramento das suas principais comunicações terrestres, facilitadas por algumas velhas pontes, como a da vila, destruída por uma cheia em 23 de Janeiro de 1518 (79), a de Cai-Água ou São-Pedro-

(73) Santarém, *Inéditos*, p. 415 e 416; Gama Barros, *Historia da Administração Publica*, IV, p. 173, nota.

(74) Leal, *Noticias da Confraria de Nossa Senhora da Graça*.

(75) Câmara Municipal de Cascaes, *Relatório e Contas de 1919 e 1920*, p. 62.

(76) Nicolau d'Oliveira, l. c. [68], fols. 5 e 91.

(77) Gama Barros, l. c. [73], p. 359 e 470.

(78) Schulten e Bosch Glimpera, *Fontes Hispania Antiquae*, I, p. 7, 8, 11, 18, 92 e 93.

(79) *Cintra Pinturesca*, p. 123.

-do-Estoril, para cujo fazimento em 17 de Março de 1604 foi autorizada uma finta ou derrama na vila e termo de Cascais ⁽⁸⁰⁾, a de Oeiras, que dividia o termo de Cascais do termo de Lisboa ⁽⁸¹⁾ e as de Caxias, Cruz-Quebrada e Algés, obra, pelo menos as duas últimas, na qual já durante o verão de 1606 o incansável Fr. Rodrigo de Deus andava empenhado e concluída em 1608 ⁽⁸²⁾; os trabalhos de ampliação da velha fortaleza, mandada erguer no verão de 1494 por D. João II ⁽⁸³⁾ e dos quais resultou a moderna Cidadela; a presença do Regimento de Infantaria 19 e das forças militares anteriores ⁽⁸⁴⁾; a utilização das águas medicinais do Estoril, frequentadas, através do Século XVIII, pelo Infante D. Carlos, filho do Rei D. João V ⁽⁸⁵⁾, pelo Marquês de Alorna ⁽⁸⁶⁾, pelo Marquês de Pombal ⁽⁸⁷⁾ e pelo Rei D. José ⁽⁸⁸⁾; os banhos de mar, que os frades do Convento de Santo António do Estoril tanto apreciavam ⁽⁸⁹⁾ e que, decerto, constituíam um dos atractivos das aprazíveis excursões a bordo do *Formiga*, minuciosamente descritas em páginas de amena crónica pelo Almirante Celestino Soares ⁽⁹⁰⁾,

⁽⁸⁰⁾ Sousa Viterbo, *Diccionario dos Architectos*, II, p. 185-186.

⁽⁸¹⁾ Carvalho da Costa, *Corografia Portuguesa*, III, p. 450.

⁽⁸²⁾ Freire de Oliveira, *Elementos*, II, p. 156 e 157; Sousa Viterbo, *Cruzeiros de Portugal*, I, p. 33 e 66 a 76.

⁽⁸³⁾ Ruy de Pinna, *Chronica d'ElRei D. João II*, p. 181 e 183; Garcia de Resende, *Obras*, fol. 103.

⁽⁸⁴⁾ Souza Escrivanis, *Regimento de Infantaria n.º 19*.

⁽⁸⁵⁾ Sousa, *Historia Genealogica*, VIII, p. 367; Celestino Soares, *Quadros Navaes*, III, p. 428; Matos Sequelra, *Depois do Terramoto*, IV, p. 453; Caetano Beirão, *Cartas da Rainha D. Mariana Vitória*, I, p. 106 e 120; Brazão, *Diário do Conde da Ericeira*, p. 158, 160, 163, 164, 172, 174, 180, 184, 185 e 189.

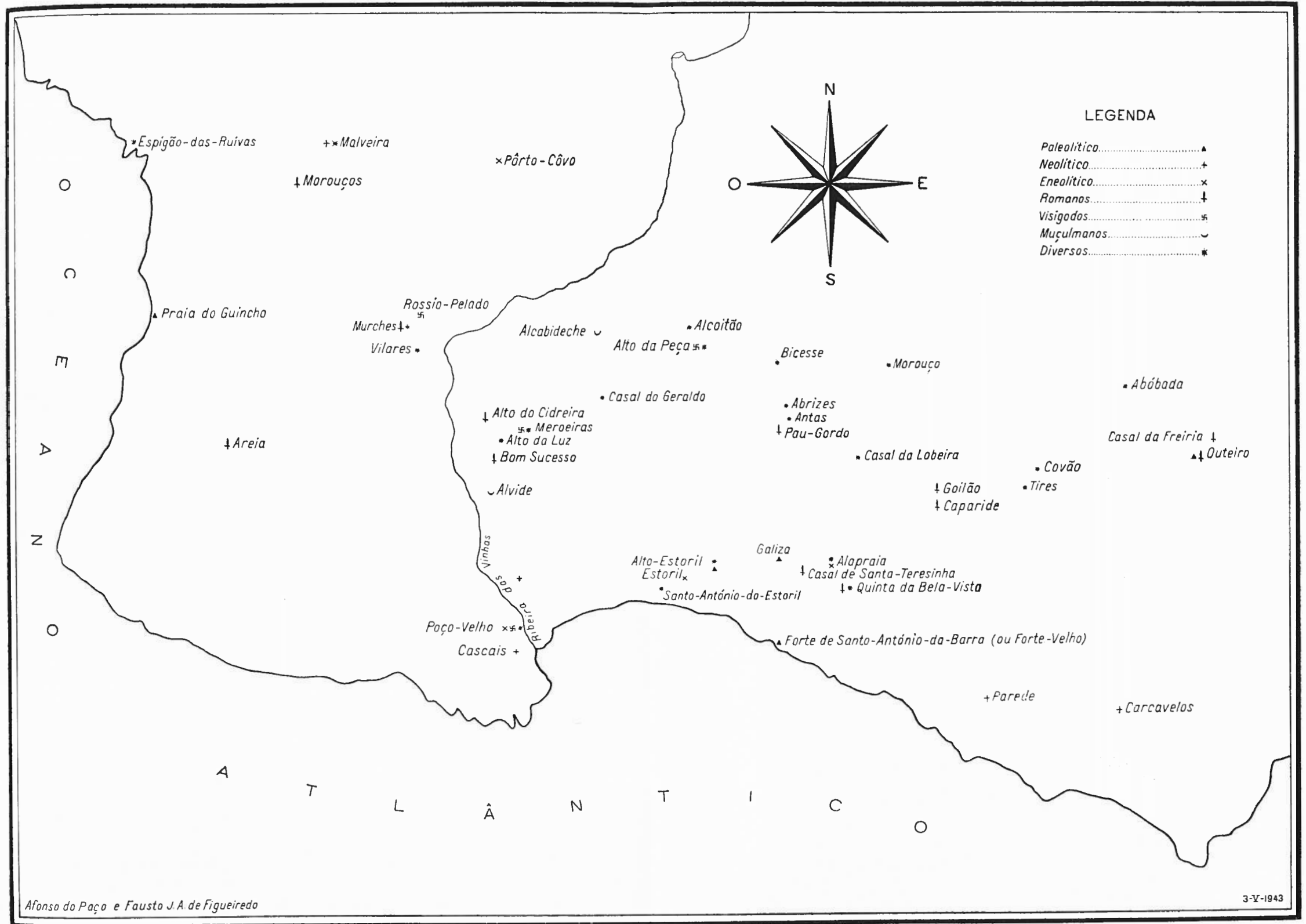
⁽⁸⁶⁾ Baião, *O Convento de Santo António, do Estoril*, p. 131.

⁽⁸⁷⁾ Oliveira e Sousa, *O Marquês de Pombal acusado e defendido*, II, p. 108.

⁽⁸⁸⁾ *Annaes das Sciencias, Artes e Letras*, VIII, p. 158; Santarém, *Quadro Elementar*, VIII, p. 93.

⁽⁸⁹⁾ Ferrelra, *Banhos do Estoril*, p. 26.

⁽⁹⁰⁾ Celestino Soares, *Quadros Navaes*, IV, p. 45 a 59, 175 a 180, 315 a 320 e 353 a 360.



CARTA ARQUEOLÓGICA DO CONCELHO DE CASCAIS

tudo isso, provavelmente, nunca teria concorrido para notabilizar a região de Cascais, se porventura não fosse tão curta a distância que a separa de Lisboa.

Estoril, 3 de Maio de 1943.

Afonso do Paço

e

Fausto J. A. de Figueiredo

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

- AFONSO DO PAÇO e MAXIME VAULTIER — *Estação Eneolítica do Estoril*: Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências. Porto, 18 a 24 de Junho de 1942. Resumo das Comunicações. 5.ª, 6.ª e 7.ª Secções (Imprensa Portuguesa, Porto), p. 40 e 41.
- AFONSO DO PAÇO — *Grutas do Poço Velho*: As grutas do Poço Velho ou de Cascals, por Afonso do Paço. Separata do tomo XXII das Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal. Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1942.
- ALVES NOGUEIRA — *Evoluções da Civilização*: Evoluções da Civilização em Portugal, pelo Dr. M. T. Alves Nogueira. Paris, Vve Auguste Thomas & Ch. Thomas, 1893.
- ALVES PEREIRA — *A Antiguidade no Concelho de Cascais*: F. Alves Pereira — A antiguidade no Concelho de Cascais (Resenha dos trabalhos realizados em 1915 e 1917). Lisboa (XI-1917).
- Id., *Antiquités*, II: O Archeologo Português, vol. XXI. Lisboa, Imprensa Nacional, 1916, p. 200 a 203.
- Id., *Antiquités*, III: *ibid.*, p. 203 a 207.
- Id., *Antiquités*, IV: *ibid.*, p. 207 a 210.
- Id., *Antiquités*, XVII: *ibid.*, vol. XXIII; *ibid.*, 1918, p. 51 a 54.
- Id., *Antiquités*, XVIII: *ibid.*, p. 55 a 58.
- Id., *Antiquités*, XX: *ibid.*, p. 62 a 64.
- Id., *Antiquités*, XXI: *ibid.*, p. 64 a 70.
- Id., *Antiquités*, XXIII: *ibid.*, vol. XXVI; *ibid.*, 1924, p. 171 a 178.
- Id., *Inscrições Romanas das Vizinhanças de Cascais*: Revista de Arqueologia Director J.-M. Cordeiro de Sousa, tomo II, MCMXXXIV, p. 47 a 49.

Annaes das Sciencias, Artes e Letras, VII: *Annaes das Sciencias, das Artes e das Letras*, tomo VII. Paris, impresso por A. Bobée, 1820.

ARTHUR LAMAS — *Miscelânea*, I: *O Archeologo Português*, vol. XXIII. Lisboa, Imprensa Nacional, 1918, p. 370 e 371.

BAIAO — *O Convento de Santo António, do Estoril*: Almanaque Bertrand, 1939, p. 129 a 131.

BARBOSA MACHADO — *Biblioteca Lusitana*, III: *Biblioteca Lusitana*, por Diogo Barbosa Machado, tomo III, segunda edição. Lisboa, 1933.

BLUTEAU — *Vocabulário*, V: *Vocabulário Portuguez & Latino*, pelo Padre D. Raphael Bluteau. Lisboa, na Officina de Pascoal da Sylva. M.DCCXVI.

BORGES DE FIGUEIREDO — *Inscrição dos arredores de Cascaes*: *Revista Archeologica*, vol. III. Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias, 1889, p. 86.

BRAZAO — *Diário do Conde da Ericeira*: *Diário de D. Francisco Xavier de Menezes 4.º Conde da Ericeira (1731-1733)*. Apresentado e anotado por Eduardo Brazão. Coimbra, 1943.

BREUIL, VAULTIER e ZBYSZEWSKI — *Plages anciennes*: *Anals da Faculdade de Ciências do Porto*. Extracto do tomo XXVII. Les plages anciennes portugaises entre les caps d'Espichel et Carvoeiro et leurs industries paléolithiques, por L'Abbé H. Breuil, M. Vaultier et G. Zbyszewski. Porto, Imprensa Portuguesa, 1942.

CAETANO BEIRÃO — *Cartas da Rainha D. Mariana Vitória*, I: *Cartas da Rainha D. Mariana Vitória apresentadas e anotadas por Caetano Beirão*, I. Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1936.

CAMARA MUNICIPAL DE CASCAIS — *Relatório e Contas de 1919 e 1920*: *Câmara Municipal do Concelho de Cascaes*. Relatório e Contas das Gerências de 1919 e 1920, 1921, Tip. Costa Sanches, Succ. Galhardo & Costa, Ltd. Lisboa.

CARVALHO DA COSTA — *Corografia Portuguesa*, III: *Corografia Portuguesa*, tomo terceiro, author o P. António Carvalho da Costa. Segunda edição. Braga, Typographia de Domingos Gonçalves Gouveia, 1869.

Causa de Nunciação do Conselheiro João da Silva Carvalho com Manoel Joaquim Jorge — *Causa de Nunciação de Nova Obra do Conselheiro João da Silva Carvalho com Manoel Joaquim Jorge*, no Juízo de Cascaes — *Escrivão Raposo*. Lisboa, na Imprensa Nacional, 1845.

CELESTINO SOARES — *Quadros Navaes*, III: *Quadros Navaes*, por Joaquim Pedro Celestino Soares. Parte II — *Epopéia*. Segunda impressão, tomo III. Lisboa, Imprensa Nacional, 1863.

Id., *Quadros Navaes*, IV: *Aditamentos aos Quadros Navaes*, por Joaquim Pedro Celestino Soares, tomo IV. Lisboa, Imprensa Nacional, 1869.

CHAVES LOPES — *Aquisições do Museu Etnológico*: *O Archeólogo Português*, vol. XVIII. Lisboa, Imprensa Nacional, 1918, p. 131 a 165.

Cintra Pinturesca: *Cintra Pinturesca*. Nova Edição, por António A. R. da Cunha. Lisboa, Empresa da História de Portugal, 1905.

DAVID LOPES, *Cousas arabico-portuguesas*: *O Archeologo Português*, vol. L. Lisboa, Imprensa Nacional, 1895, p. 273 a 279.

Id., *Os arabes nas obras de Alexandre Herculano*, III: *Academia das Sciencias de Lisboa*. Boletim da segunda classe, vol. III. Lisboa, por ordem e na Typographia da Academia, 1910, p. 198 a 253.

EUGENIO JALHAY e AFONSO DO PAÇO, *A Gruta II de Alapraia*: *Academia Portuguesa da História*. *Anais*, vol. IV. Lisboa, MCMXLI, p. 103 a 140.

Id., *Paleo e Mesolítico Português*: *ibid.*, p. 9 a 101.

FERREIRA — *Banhos do Estoril*: *Memoria Sobre a Utilidade e Uso Medicinal dos Banhos do Estoril*, por V. J. F. Lisboa, na Typ. de Vieira & Torres, 1839. (Vid. *Subsídios para um Diccionario de Pseudonymos*, por Martinho Augusto da Fonseca. Lisboa, por ordem e na Typographia da Academia Real das Sciencias, 1896, p. 157, n.º 388).

FILIPPE FOLQUE — *Continuação da Memoria sobre os Trabalhos Geodesicos*: *Memorias da Academia R. das Sciencias de Lisboa*, 2.ª Série, tomo III, parte II. Lisboa, na Typographia da mesma Academia, 1856.

Id., *Memoria sobre os Trabalhos Geodesicos*: *Historia e Memorias da Academia R. das Sciencias de Lisboa*, 2.ª Série, tomo III, parte I. Lisboa, na Typographia da mesma Academia, 1851.

FONSECA HENRIQUES, *Ancora Medicinal*: *Ancora Medicinal*, escrita pelo Doutor Francisco da Fonseca Henriques, Segunda Impressão dedicada ao Marquez de Cascaes. Lisboa Oriental, na Officina Augustiniana, ano M.D.CC.XXXI.

FONTOURA DA COSTA — *Unificação das Anotações*: *Ethnos*, vol. I. Lisboa, MCMXXIV, p. 37 a 39.

FREIRE DE OLIVEIRA — *Elementos*, II: *Elementos para a História do Município de Lisboa*, por Eduardo Freire de Oliveira, 1.ª parte, tomo II. Lisboa, Typographia Universal, 1885.

GAMA BARROS — *História da Administração Pública*, IV: *História da Administração Pública em Portugal*, por Henrique da Gama Barros, tomo IV, 1922, Typographia Castro Irmão, Lisboa.

GARCIA DE RESENDE — *Obras*: *Livro das obras de Garcia de Resende*, 1554.

INNOCENCIO — *Diccionario Bibliographico*, II: *Diccionario Bibliographico Portuguez*, de Innocencio Francisco da Silva, tomo segundo. Lisboa, na Imprensa Nacional, MDCCLIX.

LEAL — *Notícias da Confraria da Nossa Senhora da Graça*: *Noticias da Antiga Confraria de Nossa Senhora da Graça*, pelo R. P. o Doutor Fr. Manoel Leal, *Chronista da mesma Ordem*. Lisboa, Impressor da Casa Real. An. 1670.

LEITE DE VASCONCELLOS — *Aquisições do Museu Ethnographico*: *O Archeologo Português*, vol. III. Lisboa, Imprensa Nacional, 1897, p. 107 a 111.

Id., *Aquisições do Museu Ethnologico*: *ibid.*, p. 122 a 125.

Id., *Antigualhas das proximidades de Lisboa*: *ibid.*, vol. I; *ibid.*, 1895, p. 246 a 250.

Id., *Coisas Velhas*: *ibid.*, vol. XXII; *ibid.*, 1917, p. 107 a 169.

Id., *Epigrafia do Museu Etnologico*: *ibid.*, vol. XXVIII; *ibid.*, 1929, p. 209 a 227.

- Id., *Etnografia Portuguesa*, II: Etnografia Portuguesa, pelo Dr. J. Leite de Vasconcellos, vol. II. Imprensa Nacional de Lisboa, 1936.
- Id., *Religiões da Lusitania*, I: Religiões da Lusitania, por J. Leite de Vasconcellos. Vol. I. Lisboa, Imprensa Nacional, 1897.
- LUIZ CHAVES — *Belém na Pré-história*: Câmara Municipal de Lisboa. Bolétim Cultural e Estatístico, vol. I. Lisboa, 1937, p. 175 a 184.
- MANUEL TORRES — *Reinos Germânicos de Espanha*: História de Espanha, dirigida por Ramón Menéndez Pidal, tomo III. Espasa-Calpe, S. A., Madrid, 1940, p. 1 a 140.
- MARIO CARDOZO — *Citânia de Briteiros*: Citânia de Briteiros. Palestra aos Alunos do Liceu de Martins Sarmiento, pelo ex-aluno do mesmo Liceu, Mário Cardozo. Guimarães, 1939, Tip. Minerva Vimaranesense.
- MARTINHO DA FONSECA — *Aditamentos ao Dicionário Bibliográfico*: Aditamentos ao Dicionário Bibliográfico de Inocêncio Francisco da Silva, por Martinho da Fonseca. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1927.
- MATOS SEQUEIRA — *Carmo e Trindade*, II: Gustavo de Matos Sequeira, O Carmo e a Trindade, vol. II. Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa, 1939.
- Id., *Depois do Terramoto*, IV: G. de Matos Sequeira, Depois do Terramoto, vol. IV. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1933.
- NICOLAO D'OLIVEIRA — *Grandezas de Lisboa*: Livro das Grandezas de Lisboa Composto pelo Padre Frey Nicolao d'Oliveira. Impresso em Lisboa por Jorge Rodriguez, anno 1620.
- OBERMAIER e GARCIA Y BELLIDO — *El hombre prehistórico*: Hugo Obermaier y Antonio García y Bellido, El hombre prehistorico y los origenes de la humanidad. Segunda edición corregida y ampliada. Revista de Occidente, Madrid.
- OLIVEIRA COUTINHO — *Código da Contribuição Predial*: Joaquim Tavares de Oliveira Coutinho. Código da Contribuição Predial, 2.ª edição, bastante refundida. Coimbra Editora, Lim. Coimbra, 1939.
- OLIVEIRA E SOUSA — *O Marquês de Pombal acusado e defendido*, II: João de Saldanha Oliveira e Sousa (Marquês de Rio Maior). O Marquês de Pombal acusado e defendido, II. Desabar de lendas e ocaso de calúnias, 1940. Comp. e Imp. na Tipografia Inglesa, Ltd., Lisboa.
- PAULA E OLIVEIRA — *Antiquités des Environs de Cascaes*: Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geológicos de Portugal, tomo II. Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias, 1888-1892, p. 82 a 108.
- PEREIRA DE SOUSA — *Terremoto de 1755*, III: O Terremoto do 1.º de Novembro de 1755, por Francisco Luís Pereira de Sousa, vol. III. Lisboa, Tipografia do Comércio, 1923.
- RUY DE PINNA — *Chronica d'Elrei D. João II*: Coleção de Livros Ineditos Publicados de Ordem da Academia Real das Sciencias, por José Corrêa da

- Serra, tomo II. Lisboa, na officina da mesma Academia, anno M. DCC. XCII, p. 1 a 204.
- SAAVEDRA MACHADO — *Aquisições do Museu Etnológico*: O Archeologo Português, vol. XXIV. Lisboa, Imprensa Nacional, 1920, p. 241 a 270.
- SANTAREM — *Inéditos*: 2.º Visconde de Santarem. Inéditos colligidos, coordenados e annotados por Jordão de Freitas e trazidos à publicidade pelo 3.º Visconde de Santarém. Lisboa, Imprensa Libânio da Silva, 1914.
- Id., *Quadro Elementar*, VIII: Quadro Elementar das Relações Políticas e Diplomáticas de Portugal com as Diversas Potencias do Mundo, pelo Visconde de Santarem, tomo oitavo. Pariz, em Casa de J. P. Aillaud, 1853.
- SCHULTEN, BOSCH GIMPERA e PERICOT — *Fontes Hispaniae Antiquae*, IV: Fontes Hispaniae Antiquae, publicadas bajo los auspicios y a expensas de la Universidad de Barcelona, por A. Schulten, P. Bosch Gimpera y L. Pericot, fasciculo IV. Barcelona, Libreria Bosch, 1937.
- SCHULTEN e BOSCH GIMPERA — *Fontes Hispaniae Antiquae*, I: id., A. Schulten y P. Bosch Gimpera, fasciculo I. Barcelona, Libreria Universitaria de A. Bosch. Berlin, Weidmannsche Buchhandlung, 1922.
- SIMONET — *Historia de los Mozárabes*: Historia de los Mozárabes de España, por D. Francisco Javier Simonet. Madrid, establecimiento tipográfico de la viuda é hijos de M. Tello, 1897, 1903.
- SOUSA — *Historia Genealogica*, VIII: Historia Genealogica da Casa Real Portuguesa, por D. Antonio Caetano de Sousa, tomo VIII. Lisboa, na Regia Officina Sylviana, e da Academia Real, M. DCC. XLI.
- SOUSA VITERBO — *Cruzeiros de Portugal*, I: Sousa Viterbo, Cruzeiros de Portugal. Primeira série. Separata do Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes. Lisboa, Typ. Lallemand.
- Id., *Diccionario dos Architectos*, II: Diccionario Historico e Documental dos Architectos, Engenheiros e Constructores Portuguezes ou a Serviço de Portugal. Coordenado por Sousa Viterbo, vol. II. Lisboa, Imprensa Nacional, 1904.
- SOUZA ESCRIVANIS — *Regimento de Infantaria n.º 19*: Investigações Historicadas do Regimento de Infantaria n.º 19 e Praça de Cascaes, por Augusto Carlos de Souza Escrivanis. Lisboa, Typographia de Companhia Nacional Editora, 1900.
- VERGILIO CORREIA — *Ainda a propósito da «Arte Rupestre Gallega y Portuguesa»*: Terra Portuguesa, Revista Ilustrada de Arqueologia Artistica e Etnografia (3.º volume), 1917. Na Officina do Anuario Commercial, Praça dos Restauradores, 24 — Lisboa, folha apensa à p. 248.
- Id., *Sepultura romana nos arredores de Oeiras*: O Archeólogo Português, vol. XVIII. Lisboa, Imprensa Nacional, 1913, p. 93 a 95.

NOTA ACERCA DE UMA TAÇA DE BARRO DA GRUTA II DE ALAPRAIA (*)

EM diversas localidades do centro de Portugal existem núcleos de grutas artificiais, cavadas pelo homem pré-histórico e utilizadas como sepulturas, constituindo, pela sua proximidade umas das outras, verdadeiras necrópoles.

A sudoeste de Lisboa, na margem esquerda do Tejo, fica o agrupamento de Palmela, formado por quatro grutas (1). A noroeste, o de Carenque (2), e a ocidente o de Alapraia (3) com igual número delas. Nas proximidades de Torres Vedras e Torres Novas, tem-se encontrado outras mais ou menos idênticas, porém bastante mutiladas.

Obedecem as primeiras ao mesmo tipo de construção: uma cavidade hemisférica, a que se dá o nome de *câmara*, provida superiormente de um orifício circular, a *claraboia*, e lateralmente de um outro que a liga a uma galeria descoberta, o *vestíbulo*. Cada uma destas partes principais apresenta nas diferentes grutas dimensões muito variadas.

(*) Trabalho publicado no *Boletín de la Comisión de Monumentos de Orense*, tomo XIV, 1943-44.

(1) A. I. Marques da Costa, «Estações prehistóricas dos arredores de Setúbal. Grutas sepulcrais da Quinta do Anjo». *O Archeólogo Português*, vol. XII. Lisboa, 1907.

(2) Manuel Heleno: «Grutas artificiais do Tojal de Vila-Chã (Carenque)». Lisboa, 1933.

(3) Afonso do Paço e Eugénio Jalhay, «As grutas de Alapraia». *Brutéria*, volume XXI. Lisboa, 1935.

Por exemplo a gruta I de Alapraia, tem na câmara 5,70 m de base e no vestíbulo 12,50 m de comprimento (*).

Quando em 1935 terminámos com o ilustre arqueólogo P.^o Eugénio Jalhay, a escavação da gruta II de Alapraia, situada próximo do Estoril, concelho de Cascais, tivemos de deixar intacta uma parte do vestíbulo, que ficava debaixo de uma estrada, por não nos ser permitido então inutilizar esta via pública.

Passaram-se os anos, e nos fins da primavera de 1942, mercê dos bons officios da Junta de Turismo de Cascais, e muito especialmente do seu Ex.^{mo} Presidente, Engenheiro Abreu Nunes, para quem vão os nossos maiores agradecimentos, foram aplanadas todas as dificuldades e votados os créditos necessários, não só para se terminar a exploração da gruta II, mas também a da gruta III (**).

Os trabalhos da gruta II foram de pouca duração, pois o vestíbulo, cortado em parte, como dissemos, pela estrada, era de extensão diminuta, ao contrário do que sucede por exemplo nas grutas I e III da mesma necrópole. Todavia recolheram-se nele, além de ossos humanos, setas, faixas de sílex e variada cerâmica, muitos fragmentos de uma bela taça, os quais, adicionados aos que dela já possuíamos da campanha de 1934, nos permitiram a sua completa reconstituição (Fig. 1).

Já em estudos anteriores se fizera alusão a este recipiente, dando-se dele um desenho, sua provável forma e dimensões (**).

Tendo-se procedido, como se disse, à reconstituição de tão importante peça cerâmica, operação que se encontra concluída, pode-se hoje dizer que as dimensões foram então rigorosamente calculadas, sendo de facto a largura de boca de 0,370 m e a altura de 0,095 m.

Nenhuma das outras taças desta localidade atinge tamanhas proporções, pois a imediatamente inferior não excede 0,310 m de abertura, e a mais pequena, hoje também reconstituída, apenas mede 0,250 m (').

(*) Eugénio Jalhay e Afonso do Paço, «A gruta II da necrópole de Alapraia». Academia Portuguesa da História. *Anais*, vol. IV. Lisboa, 1941.

(**) A escavação de 1942, foi como as anteriores, levada a cabo pelo Rev. Eugénio Jalhay e pelo signatário.

(*) Eugénio Jalhay, «A cerâmica eneolítica de Alapraia e a cultura do vaso campaniforme». *Brotéria*, vol. XXIII. Lisboa, 1936, fig. 2. *Anais*, vol. IV, fig. 35.

(') As taças maiores de Palmela medem 0,265 m e 0,285 m, segundo J. Ramón Mélida.

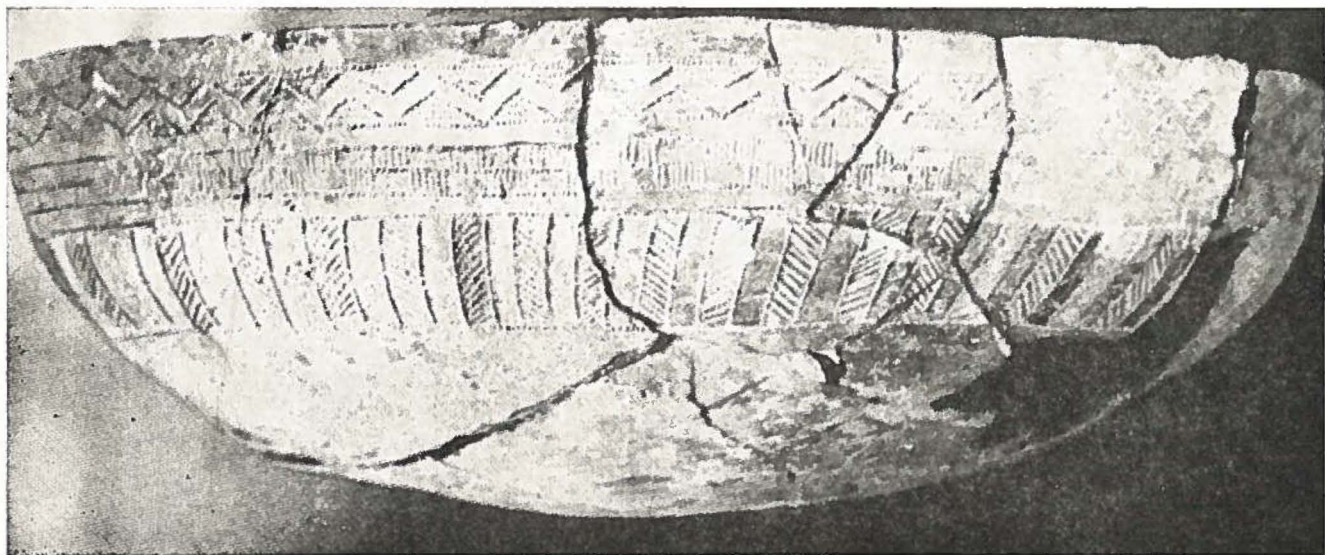


Fig. 1 — Taça de barro da gruta II de Alapraia.
(Fotografia do Engenheiro Abreu Nunes).

Não são muitos os recipientes deste tipo até hoje estudados, sendo os de Palmela os mais divulgados, graças a Cartailhac (*). Exemplos mais ou menos completos apenas se encontram no Museu da Comissão dos Serviços Geológicos (provenientes de Palmela), no Museu do Conde de Castro Guimarães, em Cascais (provenientes de Alapraia), e no Museu de Torres Vedras. De outras localidades como Estoril, Cascais, Monge, Ribeira-da-Lage, Carenque, S. Martinho-de-Sintra, Rotura, Cova da Moura, Vila-Nova-de-S. Pedro, etc., apenas se recolheram, que nos conste, fragmentos de maiores ou menores dimensões.

Existem na taça do presente estudo particularidades curiosas que não conhecemos em nenhuma outra. Além das dimensões, é de notar a pequena profundidade que lhe dá uma curvatura de base inferior à das suas congéneres. A espessura de bordo também é menor que nas suas similares pois regula entre 0,010 m e 0,012 m oscilando a das paredes laterais e fundo entre 0,005 m e 0,007 m.

A sua ornamentação é toda feita de pontilhados, não havendo nela uma única linha cheia.

O bordo apresenta um enxadrezado perfeitíssimo.

A seguir a este, e distante dele uns 0,008 m, podemos considerar exteriormente três zonas de desenhos, abrangendo uma largura de 0,054 m, separadas umas das outras por linhas paralelas de pontilhados e por duas pequenas faixas em branco. Sobre as duas paralelas que limitam a primeira daquelas zonas, e que distam entre si uns 0,014 m, assentam duas filas de triângulos em dente de serra, com os vértices voltados para dentro e alternando entre si, de modo a, o reentrante de um, coincidir com o saliente do outro. Entre eles medeia uma faixa em ziguezague sem desenho algum. Os triângulos estão por sua vez cheios com linhas paralelas. A segunda zona, que ocupa o espaço de cerca de 0,01 m de largura, está dividida ao meio por uma outra paralela, formando assim duas sub-zonas, cada uma com rectângulos, ora cheios de traços verticais ora em branco, alternando entre si. A terceira zona que ocupa aproximadamente 0,020 m, está cortada por faixas verticais,

(*) Emile Cartailhac, «Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal». Paris, 1886.

ora em branco ora cheias, sendo estas constituídas por linhas oblíquas de sentido diferente em duas faixas consecutivas (Fig. 2).

É de apreciar nestes desenhos a correcção com que foram executados. Não há linhas que se sobreponham, que saiam fora dos limites que lhe são atribuídos, factos estes que não se observam no comum da cerâmica ornamentada destas épocas.

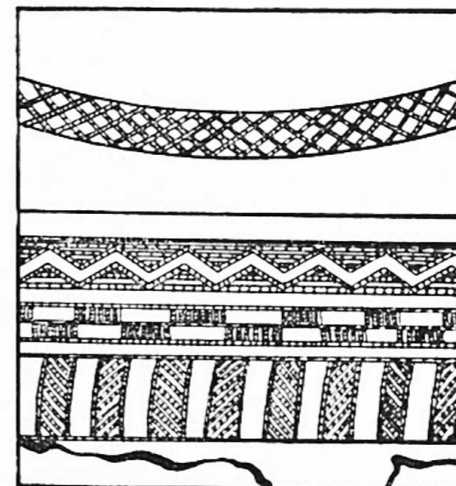


Fig. 2 — Um trecho do descobro lateral e projecção do bordo.

Quere-nos parecer que se utilizou uma matriz, e não uma roda dentada ou *cardium*, devendo talvez haver, o que era muito natural, matrizes de variadas dimensões, como já se observou em cerâmica desta época, e desta mesma localidade. Fundamentamos esta nossa opinião no facto das linhas de pontilhados serem completamente rectilíneas.

É ainda de notar nesta taça a finura e homogeneidade do barro de que foi feita. Trata-se de uma matéria-prima finíssima, de cor escura, e sem grãos de quartzo.

Quanto à sua utilização o ilustre arqueólogo Ramón Mélida é de opinião que se trata de vasos funerários, pois exemplares completos

só nos têm aparecido até hoje em sepulturas (¹⁰). O facto de se terem encontrado fragmentos destes recipientes em povoados como por exemplo Estoril e Vila-Nova-de-S. Pedro em nada invalida este parecer.

* * *

Antes de terminar porém, digamos duas palavras sobre o meio arqueológico em que tal recipiente apareceu.

Trata-se, como dissemos, de uma gruta sepulcral cavada pelo homem num mioceno bordigaliano que na localidade aflora à superfície do solo. Das quatro grutas de Alapraia até hoje conhecidas, uma de há muito que se encontrava devastada (gruta I), outras estavam cheias de entulho relativamente moderno, tendo sido portanto totalmente violadas (grutas III e IV) (¹⁰). Só uma, a gruta II, é que continha espólio arqueológico de notável valor, constituído por micrólitos, setas, faquitas e uma lança de sílex, fragmentos de machados de pedra, placas de xisto e cilindros de calcário, duas sandálias e um crescente da mesma substância (¹¹), várias contas de calaite, quartzo, azeviche e osso cerâmico de variadas formas, como tigelas hemisféricas, vasitos de pequenas dimensões, alguns campaniformes, um dos quais idêntico ao que foi encontrado em Pontes de Garcia Rodrigues (¹²), além de

(¹⁰) José Ramón Mélida, «La cerámica prehistórica decorada». *O Archeologo Português*, vol. XXIV.

(¹⁰) A gruta IV foi descoberta casualmente no dia 12 de Março de 1943, quando uns operários procediam à escavação do solo para a condução de água destinada a um fontenário.

(¹¹) Em 1938 visitou as grutas de Alapraia, depois de ter examinado detidamente o seu espólio arqueológico, o falecido Prof. Leo Frobenius, cujo renome científico de relevo mundial nos abtemos de pôr em destaque, por desnecessário («Atlantis», t. VI, Madrid, 1941, p. 243). Uma vez no local, Frobenius, indagou qual a posição do crescente de calcário e direcção das pontas do mesmo, facto que reputava de alto valor saber-se. Dissemos-lhe o que constava do diário de escavações. Conhecedor admirável da etnografia dos povos indígenas, tão semelhante à dos pré-históricos, dissertou sobre o culto lunar, etc., não divergindo no fundo a sua opinião do que nós pensávamos sobre o assunto.

(¹²) Luís Pericot, «Los vasos campaniformes de la colección La Iglesia». La Ceruña, 1927.

várias taças no género da que é objecto da presente nota. Nenhum aparecimento metálico se registou. O espólio antropológico também era bastante numeroso, encontrando-se porém os ossos muito fragmentados. Considera-se esta cultura «anterior ao segundo milénio antes de Cristo, embora não vá para além do terceiro» (¹³).

Estoril, 1943.

(¹³) *Anais*, vol. IV, p. 139.

BRACELETES DE OURO DA ATOUGUIA DA BALEIA (*)

(PENICHE)

NA tarde de 6 de Março do ano de 1944, uma chamada telefónica da ourivesaria Barreto & Gonçalves para um de nós, comunicava que tinham chegado àquele estabelecimento uma «argolas de ouro antigo», as quais estavam à nossa disposição para ver e dizer sobre elas o que se nos afigurasse.

Ao findar o dia passámos pela referida casa, Rua Eugénio dos Santos, n.º 17, onde nos mostraram dois interessantes braceletes pré-históricos. Depois de colhidas algumas informações sobre a proveniência (Atougua-da-Baleia — Peniche), peso e preços, encarou-se a possibilidade da sua compra, transacção que teve lugar na manhã seguinte pela quantia de 17.644\$00, salvando-os assim do cadinho, tantas vezes inimigo da joalheria arcaica. Hoje encontram-se livres de perigo e fazem parte do recheio artístico da casa de um dos signatários (Maxime Vaultier).

Se consultarmos a carta «*Distribuição geográfica dos achados de jóias arcaicas em Portugal*», do coronel Mário Cardozo (1), notamos que a região de Peniche e suas vizinhas de Óbidos, Lourinhã e Bom-

(*) Trabalho publicado no *Boletim Estremadura*, II Série, n.º 10, da Junta do Província, 1946.

(1) Mário Cardozo, «*Jóias arcaicas encontradas em Portugal*», *Nós*, A Cruña, 1930.

barral, são das mais escassas em ouro pré-histórico, figurando nela com as seguintes peças:

- a) Os fragmentos de anel da Cesareda;
- b) As «argolas» do Outeiro da Assenta.

Dos primeiros diz-se no «*Archeologo*»:

«Agosto de 1913. O sr. Director (2) adquiriu por compra os seguintes objectos:

Um fragmento de uma espiral de ouro, da época do bronze, aparecida em tempos na Cesareda, perto do Po» (3).

Uma referência anterior continha ainda: «o resto fora vendido a um ourives das Caldas-da-Rainha» (4).

Sobre as segundas, relata Félix Alves Pereira, que a pedra para a estação de caminho-de-ferro de Óbidos fôra cortada no Outeiro-da-Assenta, tendo aparecido, por essa ocasião, no local, umas ossadas e sepulturas, acrescentando: «O achado porém que mais impressionou a vizinhança, fôra o de duas argolas de ouro. Vi o local que me foi mostrado pelo... guia. Estas jóias não estavam juntas, mas tinham sido colocadas um pouco desviadas e ocultas debaixo de pedras firmes do outeiro. Isto deu lugar a que fossem descobertas em dias diferentes. Pude averiguar que eram duas, e que foram vendidas por 14 libras a um ourives das Caldas-da-Rainha. Eram fechadas, mas o diâmetro do aro era maior em uma do que em outra. Não tinham desenhos» (5).

(2) Director do Museu Etnológico, Prof. Dr. José Leite de Vasconcelos.

(3) Luís Saavedra Machado, *Aquisições do Museu Etnológico Português* — «*O Archeologo Português*», vol. XXIV, p. 245. Lisboa, 1920.

(4) «*O Archeologo Português*», vol. XIX, p. 368. Lisboa, 1914.

(5) Félix Alves Pereira, *Estação arqueológica do Outeiro da Assenta* — «*O Archeologo Português*», vol. XIX, p. 138. Lisboa, 1914.

A estes achados poderíamos adicionar, «uma fita de ouro, talvez diadema» (6) proveniente do Outeiro de S. Mamede, «há muitos anos roubada das colecções do Museu Etnológico» (7).

Posteriormente à publicação da carta acima referida há o encontro de um primeiro bracelete em Atouguia-da-Baleia, vendido em Lisboa a 1 de Março de 1940 pelo ourives João Couceiro, de Peniche, à casa Maia & Pinheiro, Lda., da Rua de S. Paulo.

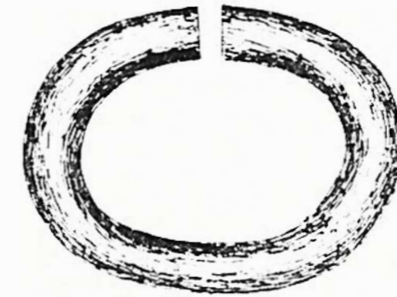


Fig. 1 — Primeiro bracelete de Atouguia-da-Baleia, fundido em 1940 (1/2). Reconstituição conforme desenho fornecido pela casa Maia & Pinheiro.

Nos últimos dias de Abril desse ano, comunicava-nos o nosso amigo Hipólito Cabaço, que não longe de Peniche se tinha achado uma argola de ouro e que a mesma fôra vendida para o Banco de Portugal a fim de ser derretida. Imediatamente nos dirigimos àquele estabelecimento do Estado, na esperança de que o «crime» não tivesse sido ainda cometido. Disseram-nos porém que nenhum ouro se adquiria senão em barra ou em moeda, razão porque tal objecto não podia ter dado ali entrada. Pedimos novos informes e dias depois viemos a saber que de facto a jóia tinha sido transaccionada na ourivesaria Maia & Pinheiro. Com grande desolação soubemos ao chegar à Rua de S. Paulo, que aquela peça tinha sido vítima do cadinho, havia já alguns dias.

(6) Dr. J. Leite de Vasconcelos, *História do Museu Etnológico Português*, p. 182. Lisboa, 1915.

(7) Dr. Manuel Heleno, *Jóias pré-romanas* — «*Ethnos*», vol. I, p. 228. Lisboa, 1935.

Pelos registos que nos facultaram, pudemos ainda verificar que o seu peso era de 461 gramas, o toque de 832 milésimos e o preço de compra 11.294\$50. Tratava-se de um bracelete mais ou menos elíptico, segundo desenho que nos fôra dado pelo dono da casa (Fig. 1), de secção circular, dando a impressão de uma barra de ouro que se tinha vergado para mais fácil transporte, nunca pensando o Sr. Maia que tivesse sido em tempos objecto de adorno. Adiantou ainda que radicara esta sua impressão o facto de as duas extremidades estarem cortadas verticalmente, sem nenhum enfeite terminal e serem concordes com ele diversas pessoas cultas que passaram pelo estabelecimento e a quem o mostrara para saber a sua opinião (*).

O conhecimento das condições de achado dos braceletes de Peniche impunha-se e numerosas diligências se fizeram nesse sentido, algumas com pequeno resultado é certo, pois sendo o segredo a alma do negócio,

(*) Dissemos nessa ocasião ao Sr. Maia que, se outro objecto arqueológico lhe viesse parar às mãos, o não sacrificasse no cadinho e nos prevenisse.

Cumprindo o que prometera, a 23 de Outubro desse mesmo ano, telefonava-nos dizendo que outras jóias pré-históricas tinham chegado ao seu estabelecimento e se as desejávamos ver. O correlo dessa manhã trouvera de Portalegre um bracelete, e dias antes um ourives ambulante dois brincos.

Tomaram-se então todas as precauções para que desta vez se não perdessem. Por amável aquiescência apresentamo-los na reunião da Secção de Pré-História da Associação dos Arqueólogos Portugueses de 21 de Novembro e dias depois o Sr. P.^o Eugénio Jalhay levava-os à Junta de Educação Nacional e tendo este organismo providenciado para que fossem adquiridos pelo Estado, encontram-se hoje no Museu Etnológico, em Belém.

O bracelete de Portalegre não é perfeitamente circular. O aro tem de diâmetro numa das dimensões 75,5 mm e na outra 69,5.

Mais ou menos de secção elíptica, a sua maior espessura é de 10,5 mm. Pesa 192,7 gramas, não tem botões terminais e as suas extremidades são justapostas (Fig. 2).

Acerca do seu achado, transcrevemos de *O Século*, de 18 de Novembro de 1940:

«A pouca sorte duma mulher que achou um objecto de valor. — Urra, 5. — A sr.^a Maria Joaquina Azinhaga, ao proceder, há tempo, a certos trabalhos agrícolas, num curral perto da sua residência, achou uma argola que levou para casa e dependurou num prego, ignorando que tinha ali um objecto de grande valor. Há dias apareceu nesta freguesia António Maçãs, ferro-velho, que vendo a argola propôs a sua venda, o que foi aceite por 1\$00. Desconfiado que tinha feito uma

pretendia-se envolver tudo no mais denso mistério, que felizmente se dissipou, devido principalmente a esforços dos arqueólogos Hipólito Cabaço e Leonel Trindade, da professora de Serra de El-Rei, Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Fernanda Freire de Oliveira e do tenente da G. N. R. Raul L. Carvalho Branco.

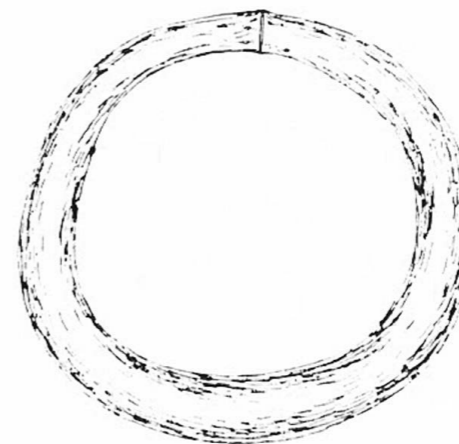


Fig. 2 — Bracelete de Portalegre (Urra).
Reduzido.

boa compra, o Maçãs, ao chegar a Portalegre, numa ourivesaria, verificou, com grande espanto, que a argola valia 3.643\$00, pelo que a vendeu. A pobre mulher, ao saber do caso, ficou, como é de calcular, bastante pesarosa».

A «argola» servia em casa da Maria Joaquina para as crianças brincar.

O ferro-velho Maçãs ainda andou com ela alguns dias em Portalegre, mas como estava muito suja e de cor queimada ninguém lhe ligava importância. Ofereceu-a mesmo por 2\$50 ao furriel do Batalhão de Telegrafistas Manuel Cássio, em serviço no posto de rádio da cidade, que a rejeitou. Só depois é que a limpou e levou ao ourives.

Urra fica a uns 6 quilómetros de Portalegre.

Quanto aos dois brincos tinham sido adquiridos por um curives ambulante. Um deles é de secção circular e proveniência desconhecida, pesando 9,5 gramas.

O outro (Fig. 3-a) veio do Alentejo, de localidade que não se pode determinar. Pesa 5,7 gramas, é de secção poligonal e tem nas extremidades enrolamentos de

No lugar denominado Casais Brancos, da freguesia de Atouguia-da-Baleia, vive com sua família um camponês de nome Maximino Elias.

Casais Brancos fica à esquerda da estrada Peniche-Caldas-da-Rainha, a meio caminho entre Atouguia-da-Baleia e Serra de El-Rei (Fig. 4). Fronteiro de Casais Brancos, do outro lado da estrada e dentro da mesma freguesia, está situado o lugarejo de Reinaldos.

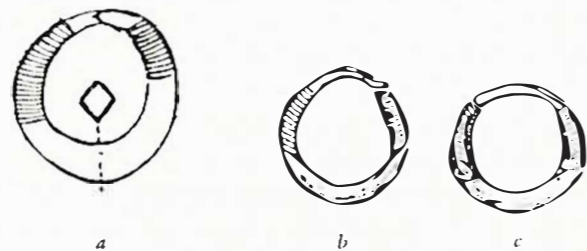


Fig. 3 — Brincos: a, Alentejo; b, sepultura n.º 223 de Villaricos (segundo Siret); c, sepultura de Cartago (segundo Siret e Delattre).

A uns 500 metros ao sul da estrada, entre esta e Reinaldos, possui Maximiano Elias uma propriedade denominada «Bandurra». A princípio terra de mato e pinhal, Elias e os filhos, gente de trabalho, resolveram arroteá-la. Um dia a charrua com que sulcavam o campo

fio de ouro. De um lado, no espaço de 15 mm, vinte e três enrolamentos, e do outro, em 9,6 mm, apenas treze.

Tendo salvo estes objectos do cadinho e contribuído para que entrassem num Museu do Estado, damos apenas deles o conhecimento que ficou exarado em acta da Secção de Pré-História da Associação dos Arqueólogos, abstenho-nos de lhes fazer outras referências, pois serão devidamente estudados no Museu onde deram entrada.

Sobre brincos semelhantes aos que contém enrolamentos de fios de ouro vejamos por exemplo: Don Pelayo Quintero, *Excavaciones en extra-muros de Cadiz* — Memória n.º 84 da Junta Sup. de Excavaciones y Antigüedades, Madrid, 1926, Lám. VIII; Don Pelayo Quinteiro Atauri, *Excavaciones de Cadiz* — Memória n.º 99 da mesma Junta, Madrid, Lám. VI; Antonio Vives y Escudero, *Estudio de Arqueologia Cartaginesa — La necropole de Ibis*, Madrid, 1917, Lám. IJ; Louis Siret, *A propos de poteries pseudo-myceniennes* — *L'Anthropologie*, tome XVIII, p. 289. Paris, 1907, etc.

que a enxada havia desbastado emperrou, e ao levantar a rabiça, encontraram enfiada na relha o primeiro bracelete de ouro. Ao notar a argola, Elias tirou-a num repelão e ia a arremessar para longe a importuna. Num relance porém, fixou-se melhor, viu-a amarela e guardou-a. A data ficou assinalada: 14 de Fevereiro de 1940.

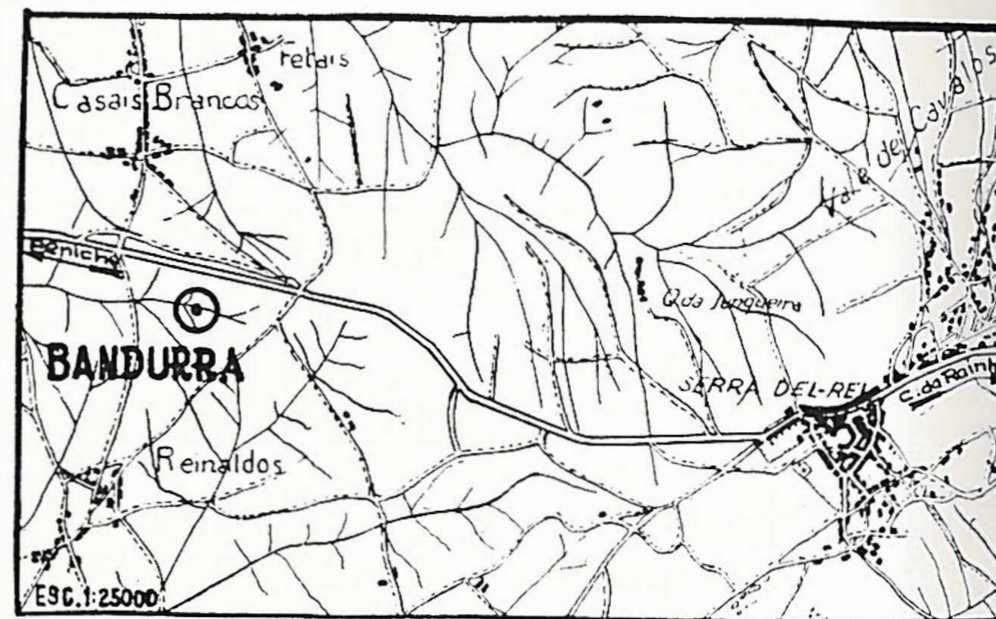


Fig. 4 — Trecho da carta 1/25.000 entre Atouguia-da-Baleia e Serra de El-Rei. Bandurra ⊙: local do achado.

Vendeu-a em Peniche a J. Couceiro por 10 contos e picos, e este depois transaccionou-a em Lisboa como acima se referiu, na Casa Maia & Pinheiro.

Levados por resultados tão brilhantes, Elias e os filhos, continuaram a cavar, a terra foi revolvida meticulosamente de ponta a ponta e da superfície à rocha, e mais tarde apareceram duas outras argolas, as que no ano passado conseguimos salvar. Gente cautelosa e sabendo calar, não desejava que lhe descobrissem a «mina» e por isso tantas dificuldades em obter informações.

J. Couceiro referiu ao tenente R. Carvalho Branco que mais dois achados de ouro pré-histórico há a registar na região, além de todos os outros referidos, e são eles:

- a) Na Serra de El-Rei, um tal Manuel do Rosário, encontrou um «arame» de ouro, que depois vendeu, cremos que em Peniche;
- b) Em S. Bartolomeu do Mar, um carvoeiro, encontrou espetado numa cepa uma espécie de «agulhão» de cobre, partido ao meio, e ajustados os dois elementos por uma «folhinha de ouro», dos seus 30 a 35 centímetros, que depois foi vendido nas Caldas-da-Rainha.

A estes dois locais, de que só possuímos o testemunho de um ourives, velho na região mas certamente viu os objectos, podemos juntar o de Papagôvas, de que existe uma lâmina de ouro na secção de ourivesaria do Museu Etnológico, notícia que damos com permissão do seu Director, Prof. Manuel Heleno.

E já agora, por pouco mais, seja-nos lícito referir os outros achados de ouro antigo de que temos conhecimento dentro da província da Estremadura, e traçar uma carta com a sua distribuição (Fig. 5).

A nordeste deste núcleo de Peniche e suas imediações (Óbidos, Bombarral e Lourinhã), recolheram-se em Mira-de-Aire dois cones de ouro de base larga e pouca altura e uma fita ou diadema de que se possuem fragmentos no Museu Etnológico ⁽⁹⁾.

No castro de Pragança encontrou-se uma lúnula de ouro, três de prata, um torques e um vaso de prata ⁽¹⁰⁾.

No Maxial (Outeiro da Cabeça), brincos, discos, peças de colar, conta e pedaços de ouro ⁽¹¹⁾.

⁽⁹⁾ Dr. Manuel Heleno, *Jóias pré-romanas*, p. 235 ss.

⁽¹⁰⁾ Idem, *ibid.*, p. 238 ss.

⁽¹¹⁾ Dr. Manuel Heleno, *Jóias pré-romanas*, p. 254 ss. Este tesouro encontra-se dividido pelo Museu Etnológico, Museu de Torres Vedras e colecção do Dr. A. R. Belo (Maxial).

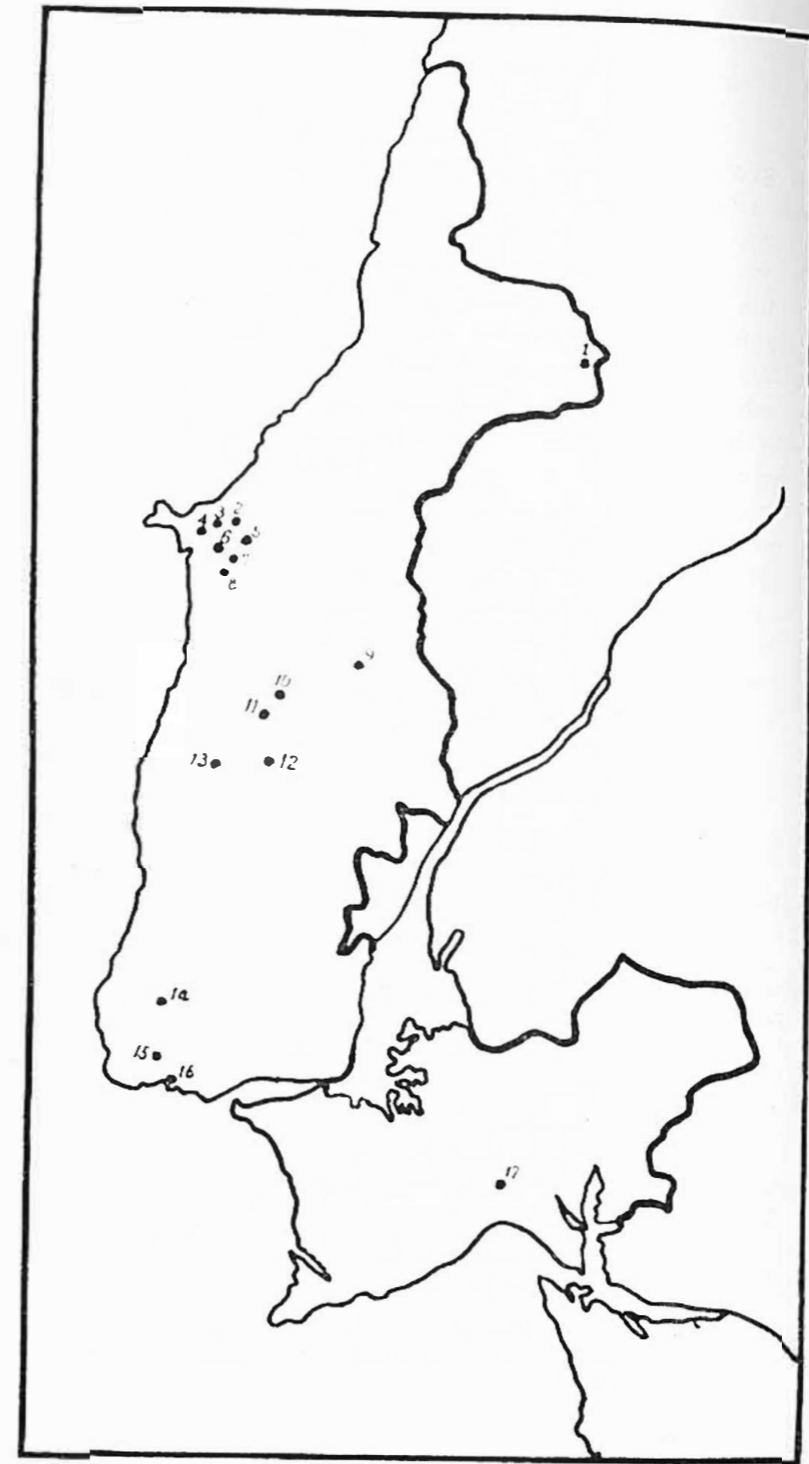


Fig. 5 — Carta da província da Estremadura com a indicação dos locais onde se encontraram objectos arcaicos de ouro: 1 — Mira de Aire; 2 — Outeira-da-Assenta; 3 — Serra de El-Rei; 4 — Atouguia-da-Balcaia; 5 — Outeiro-de-S. Mamede; 6 — S. Bartolomeu-do-Mar; 7 — Papagovas; 8 — Cesareda; 9 — Pragança; 10 — Maxial; 11 — Ermegeira; 12 — Cova da Moura; 13 — Barro; 14 — Sintra; 15 — Alcoltão; 16 — S. Pedro-do-Estoril; 17 — Palmela.

Na gruta da Ermegeira, dois brincos de ouro e pequenas chapas enroladas ⁽¹²⁾.

No monumento de Barro, um anel helicoidal e outro liso ⁽¹³⁾.

Na gruta da Cova da Moura, uma pequena chapa com perfurações e um fragmento de brinco ⁽¹⁴⁾.

Mais para o Sul encontrou-se no concelho de Sintra uma xorca de ouro que foi vendida ao Museu Britânico ⁽¹⁵⁾.

De Alcoitão há referências a «huns bocados de oiro por modo de argolas muito antigas» e mais «outro pedaço de oiro irmam dos dois bocados», achados numa vinha «em Alcoitam termo da vila de Cascais» no tempo do Marquês de Pombal, que no sítio mandou proceder a escavações ⁽¹⁶⁾.

Em S. Pedro-do-Estoril acharam-se numa sepultura escavada no verão de 1944, quatro anéis de ouro, em espiral ⁽¹⁷⁾.

Ao Sul da província, nas grutas do Casal do Pardo, em Palmela, recolheram-se também de ouro, pequenos tubos e uma placa rectangular ⁽¹⁸⁾.

⁽¹²⁾ Dr. Manuel Heleno, *Gruta artificial da Ermegeira* — «Ethnos», II, p. 449.

⁽¹³⁾ Dr. J. Leite de Vasconcelos, *História do Museu Etnológico Português*, página 181.

Júlio Vieira, *Torres Vedras antiga e moderna*, p. 7. Torres Vedras, 1926.

Dr. Manuel Heleno, *Jóias pré-romanas*, p. 230.

Afonso do Paço e Eugénio Jalhay, *A povoação eneolítica da Vila Nova de S. José*. Notas sobre a 1.ª e 2.ª Campanha (1937-1938) — «Brotéria», vols. XX e XXIX, p. 37 da separata. Lisboa, 1939.

⁽¹⁴⁾ Dr. Manuel Heleno, *Jóias pré-romanas*, p. 229; *Gruta artificial da Ermegeira*, p. 458.

⁽¹⁵⁾ Ver entre outros:

J. L. V., *Xorca de ouro* — «O Archeologo Português», vol. II, p. 17.

Mário Cardozo, *Jóias arcaicas...*, p. 34.

Dr. Manuel Heleno, *Jóias pré-romanas*, p. 220.

⁽¹⁶⁾ Arthur Lamas, *Miscelânea, I* — «O Archeologo Português», vol. XXIII, página 370.

⁽¹⁷⁾ Escavações do Dr. Leonel Ribeiro, inéditas.

⁽¹⁸⁾ A. J. Marques da Costa, *Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal* — «O Archeologo Português», vol. XII, p. 329 e 335.

* * *

Entrando propriamente no estudo das duas últimas argolas encontradas na «Bandurra» e que, como referimos, são pertença de um dos signatários, diremos que se trata de dois braceletes simples, sem desenho algum e de diâmetros diferentes. A maior pesa 294 gramas e a menor apenas 242,1. O seu toque é aproximadamente de 20 quilates, 833 milésimos (Fig. 6).

Mário Cardozo, no seu estudo acima referido, divide os braceletes em dois grandes grupos a saber ⁽¹⁹⁾:

- 1 — Abertos;
- 2 — Fechados.

Os primeiros ainda podem ser de:

- a) Folha larga, lisa ou ornamentada;
- b) Aro maciço com ou sem ornamentações;

e os segundos:

- c) Lisos, maciços, botões terminais e secção circular ou poligonal;
- d) Maciços, ornamentados, botões terminais e secção poligonal;
- e) Lisos, sem botões terminais e secção poligonal;
- f) Lisos, extremidades sobrepostas, sem botões terminais e secção elíptica;
- g) Folha larga e ornamentada.

Em que grupo colocar os de Atouguia-da-Baleia?

Conforme descrição extraída dos elementos fornecidos pela casa Maia & Pinheiro, sabemos que o bracelete achado em 1940 era liso, de secção circular, mais ou menos com o mesmo diâmetro em toda a sua extensão, sem botões terminais, e com as extremidades um pouco afastadas. Dos dois últimos, o maior deles, também podemos asseverar que é desprovido de botões e quanto ao segundo, isto é, o de menor

⁽¹⁹⁾ *Jóias arcaicas...*, p. 30-31.

diâmetro, talvez não seja muito razoável considerar botão incipiente, o quase imperceptível engrossamento terminal, no que estaremos de acordo com Mário Cardozo para o exemplar de Telões, que também é classificado no grupo dos sem botões, apesar do seu engrossamento das extremidades ser ligeiramente mais pronunciado ainda que no de Atouguaia ⁽²⁰⁾.

Seremos então levados a estabelecer um novo agrupamento:

h) Lisos, maciços, sem botões terminais, extremidades justapostas ou ligeiramente afastadas, e secção circular ou elíptica.

É curioso também confrontar o seu toque com o daquele que foi fundido na casa Maia & Pinheiro. Enquanto este último acusava 832 milésimos, a ourivesaria que analisou os outros, diz-nos que eles devem ter aproximadamente 833.

O que há de paralelismo com a nossa joalheria arcaica neste capítulo?

Cotejando o que há publicado, além da referência aos objectos do Outeiro-da-Assenta, nada encontramos que muito se assemelhe às nossas duas argolas. Fora das publicações podemos relacioná-las com o bracelete de Portalegre e com o que achou Maximino Elias em 1940.

Autorizados a visitar as colecções de ouro do Museu Etnológico, foi-nos dado ver um exemplar perfeitamente idêntico aos de Atouguaia-da-Baleia, diferindo apenas em apresentar algumas amolgadelas que bastante o deformam. É um bracelete de Baralhas, que tem naquele Museu o número 38*.

Mário Cardozo, dá aquele tesouro como perdido ⁽²¹⁾ e classifica os seus braceletes entre os de secção poligonal. J. Leite de Vasconcelos, por quem M. Cardozo se guiou, referindo-se a Baralhas, diz-nos das andanças que várias das suas jóias sofreram, mas não conta que adquiriria pelo menos uma delas ⁽²²⁾. Teria sido a sua compra posterior

⁽²⁰⁾ Idem, p. 31, fig. 5, n.º 6.

⁽²¹⁾ «*Jóias arcaicas...*», p. 34.

⁽²²⁾ J. L. de V., *Novo achado de braceletes pré-romanos* — «*O Archeologo Português*», vol. II, p. 86-88.

O Tesouro de Baralhas continha 16 braceletes de ouro, além de um outro objecto do mesmo metal.

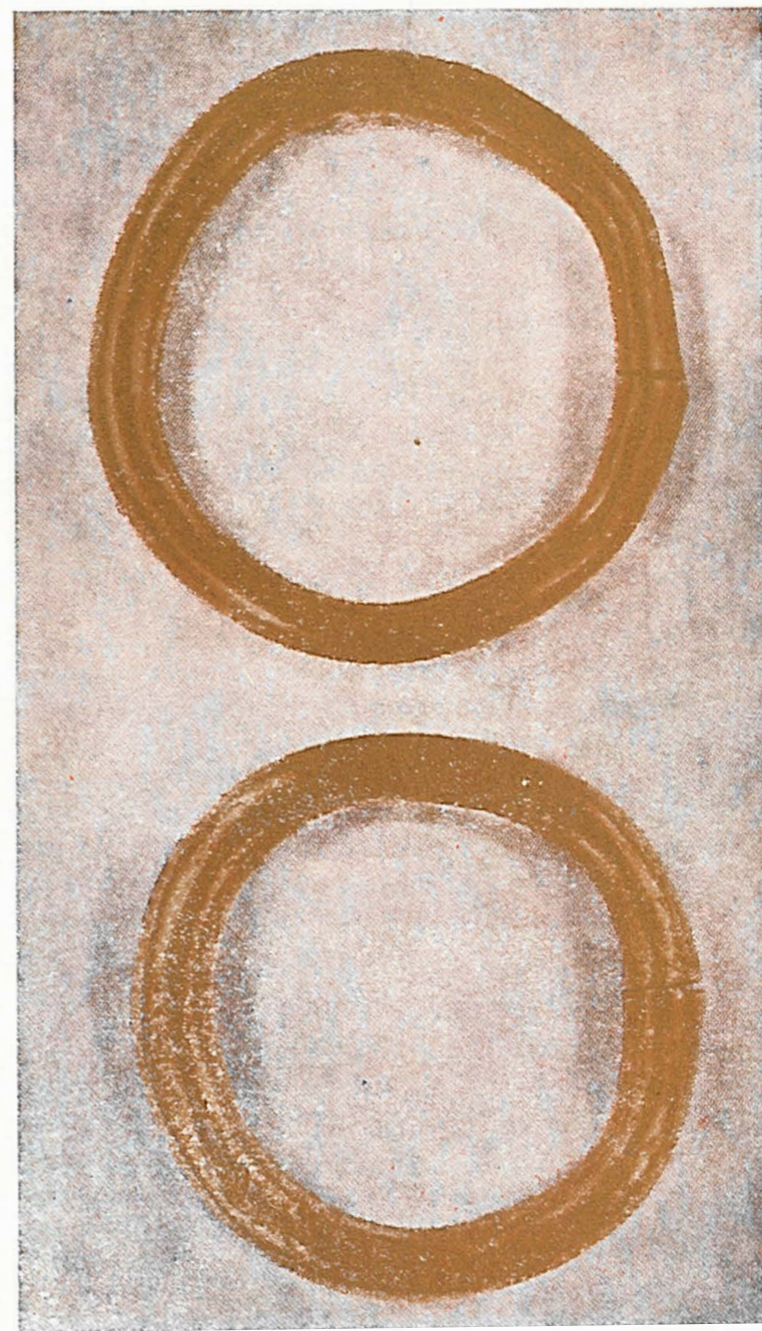


Fig. 6 — Braceletes de Atouguaia-da-Baleia (1/1).

ao artigo do «*Archeologo*»? A etiqueta e o número são da mão de José Leite. Tendo o número 38* estava já certamente incluído nos 121 objectos de ouro existentes em 1913 ⁽²³⁾ e no primeiro grupo de objectos daquele metal inventariados (1* a 82*). Resumindo portanto, do que nos foi dado ver em Portugal, têm os exemplares de Atouguia, pelo menos semelhança com os de Baralhas e Urra.

E fora de Portugal o que encontramos?

Começando pela vizinha Espanha, podemos relacionar estes braceletes com o famoso tesouro aparecido há alguns anos em Caldas de Reys (Galiza), tão proficientemente estudado pelo distinto arqueólogo Dr. Firmin Bouza-Brey ⁽²⁴⁾.

Se repararmos nas figuras que ilustram as duas publicações deste autor, bem como na descrição que faz do espólio, talvez possamos comparar os exemplares de Atouguia com alguns dos braceletes tipo B) de Caldas de Reyes. Deste tesouro fazem parte vários outros objectos de ouro, tais como dois vasos esféricos e um terceiro de base plana, todos providos de asas e decorados, um pente, colares, etc., num total aproximado de 28,650 quilogramas, dos quais nos restam ainda 14,900 quilogramas, tendo os achadores descaminhado outros objectos, com cerca de 13,750 quilogramas. Bouza-Brey diz-nos que pertencem ao Bronze Atlântico da classificação de Santa-Olalla ⁽²⁵⁾.

Também podemos comparar os nossos braceletes de Atouguia com um bronze, proveniente de Hio (Pontevedra) que se recolheu num depósito de objectos daquele metal, em que havia machados de talão, machados tubulares, pontas de lança com grossa nervura central e cabo oco, um fragmento de espada de dois gumes e grossa nervura

⁽²³⁾ *História do Museu...*, p. 194.

⁽²⁴⁾ Firmin Bouza-Brey, *El tesouro prehistorico de Caldas de Reys (Pontevedra)* — «*Informes y Memorias da Comisaria General de Excavaciones Arqueologicas*», n.º 2, p. 10 e Lám. III, Madrid, 1942.

Idem, *El tesouro de Caldas* — «*El Museo de Pontevedra*», Lám. XII — 5 — grupo b). Pontevedra, 1942.

Idem, *El tesouro prehistorico de Caldas de Reyes (Pontevedra)* — «*Atlantis*», tomo X, cuadernos III y IV, p. 370. Madrid, 1941.

⁽²⁵⁾ Julio Martínez Santa-Olalla, *Esquema paleontologico de la Peninsula Hispanica* — «*Corona de Estudios que la Sociedad Española de Antropologia, Etnografia y Prehistoria dedica a sus Martires*», tomo I, p. 141-166. Madrid, 1941.

central, etc., estudado por Obermaier ⁽²⁶⁾, sendo ultimamente alguns elementos deste conjunto incluídos já na Idade do Ferro pelo Prof. Almagro ⁽²⁷⁾. Também se lhes podem comparar os braceletes de bronze de Huerta de Arriba que Santa-Olalla inclui no Bronze Atlântico ⁽²⁸⁾.

De França, Dechelette fala-nos de braceletes constituídos por uma barra de ouro maciço, de secção circular... sem ornamento... e pertencentes à Idade do Bronze, de que nos dá duas figuras, posto que um pouco abertas nas extremidades, provenientes de Kervazonem (Morbihan) e Grande Brière (Loire Inferior) ⁽²⁹⁾.

Este exemplar de Grande Brière é comparado por autores espanhóis com um bracelete aparecido em Lalin (Pontevedra) ⁽³⁰⁾ e estudado pelo ilustre arqueólogo Florentino Cuevillas ⁽³¹⁾.

Nas Ilhas Britânicas e Europa central também se encontraram objectos afins mas, devido à dificuldade da hora presente, não nos foi possível consultar directamente a bibliografia que aos mesmos diz respeito, razão porque não lhe fazemos referência especial.

Não se descobriu em Atouguia-da-Baleia, que nós saibamos, nenhum outro elemento arqueológico que nos permita determinar com segurança a idade dos braceletes. Temos então de recorrer aos elementos comparativos, e segundo estes, seremos levados a classificá-los do

⁽²⁶⁾ Hugo Obermaier, *Impresiones de un viaje prehistorico por Galicia* — «Boletín Arqueológico de la Comisión Provincial de Monumentos Historicos y Artísticos de Orense», tomo VIII, n.º 149, p. 32-33. Orense, 1923.

⁽²⁷⁾ Martín Almagro, *El ballazgo de la ría de Huelva y el final de la Edad del Bronce en el Occidente de Europa* — «Ampurias», vol. II, p. 106. Barcelona, 1940.

⁽²⁸⁾ Julio Martínez Santa-Olalla, *Esconderijo de la edad del Bronce Atlántico en Huerta de Arriba (Burgos)* — «Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antrop. Etnog. y Prehistoria», tomo XVII, cuadernos I y 4, p. 127. Madrid, 1942.

⁽²⁹⁾ Joseph Dechelette, *Manuel d'Archéologie Préhistorique, Celtique et Gallo-romaine*, vol. II, p. 356. Paris, 1928.

⁽³⁰⁾ Florentino L. Cuevillas e Firmin Bouza-Brey, *Os oestrimios, os sefes e a ofiolatria en Galiza*, p. 31 e 41. A Cruña, 1929.

⁽³¹⁾ F. L. Cuevillas, *Novos exemplares da ourivesaria prehistorica galega. Nota encol do tesouro da Galada* — «Butlletí de la Asociació Catalana de Arqueologia, Etnologia e Prehistoria», vol. V, p. 110-114. Barcelona, 1926.

Bronze Atlântico II, ou Bronze IV peninsular, período que, segundo Santa-Olalla, fica delimitado pelos anos 900 e 650 antes de Cristo, e é caracterizado pela existência de povoados de agricultores e cemitérios de incineração, rito novo na península que nos apresenta afinidades com a França, Inglaterra e Irlanda e depois com os povos germânicos, e contendo objectos de bronze de grandes dimensões como espadas pistiliformes com ou sem lingueta, machados de cubo, pontas de lança, braceletes, etc., e ouro em abundância que se explora nos jazigos ibéricos, enfim, tudo o que constitue o bronze dos campos de urnas ⁽³²⁾.

Estoril, 1945.

⁽³²⁾ J. M. Santa-Olalla, *Esquema paleontológico...*, 155.

Desenhos da Ex.^{ma} Sr.^a Dr.^a D. Maria João Lopes do Paço e do Ex.^{mo} Sr. António A. André.

Um resumo deste trabalho foi apresentado pelos autores ao XVIII Congresso da Associação Espanhola para o Progresso das Ciências, realizado em Córdova de 3 a 10 de Outubro de 1944.

BRACELETES DE OURO DA ATOUGUIA DA BALEIA (*)

(PENICHE)

EM Março do ano de 1944, uma chamada telefónica punha-nos em contacto com a ourivesaria Barreto & Gonçalves, onde se acabavam de adquirir umas argolas de ouro antigo, que estavam à nossa disposição para ver e dizer sobre elas o que quer que fosse.

Terminadas as ocupações desse dia, passámos pela referida casa, onde nos mostraram dois interessantes braceletes pré-históricos provenientes de Atouguia da Baleia, concelho de Peniche. Encarou-se logo a possibilidade da sua compra, salvando-os do cadinho tantas vezes inimigo da joalheria arcaica. De facto na manhã seguinte adquiriam-se por 17.644\$00, fazendo hoje parte do recheio artístico da casa de um dos signatários (Maxime Vaultier) (Fig. 1).

As imediações de Peniche não são das mais desfavorecidas quanto a objectos de ouro pré-histórico e assim, consultando a carta «Distribuição geográfica dos achados de jóias arcaicas em Portugal», do tenente-coronel Mário Cardozo (1), notámos que tanto nelas como nas suas vizinhas de Óbidos, Lourinhã e Bombarral, havia apenas as

(*) Trabalho publicado na revista *Las Ciencias*, de Madrid, ano XII, n.º 3.

(1) Mário Cardozo, «Jóias arcaicas encontradas em Portugal». *Nós*, A Coruña, 1930.

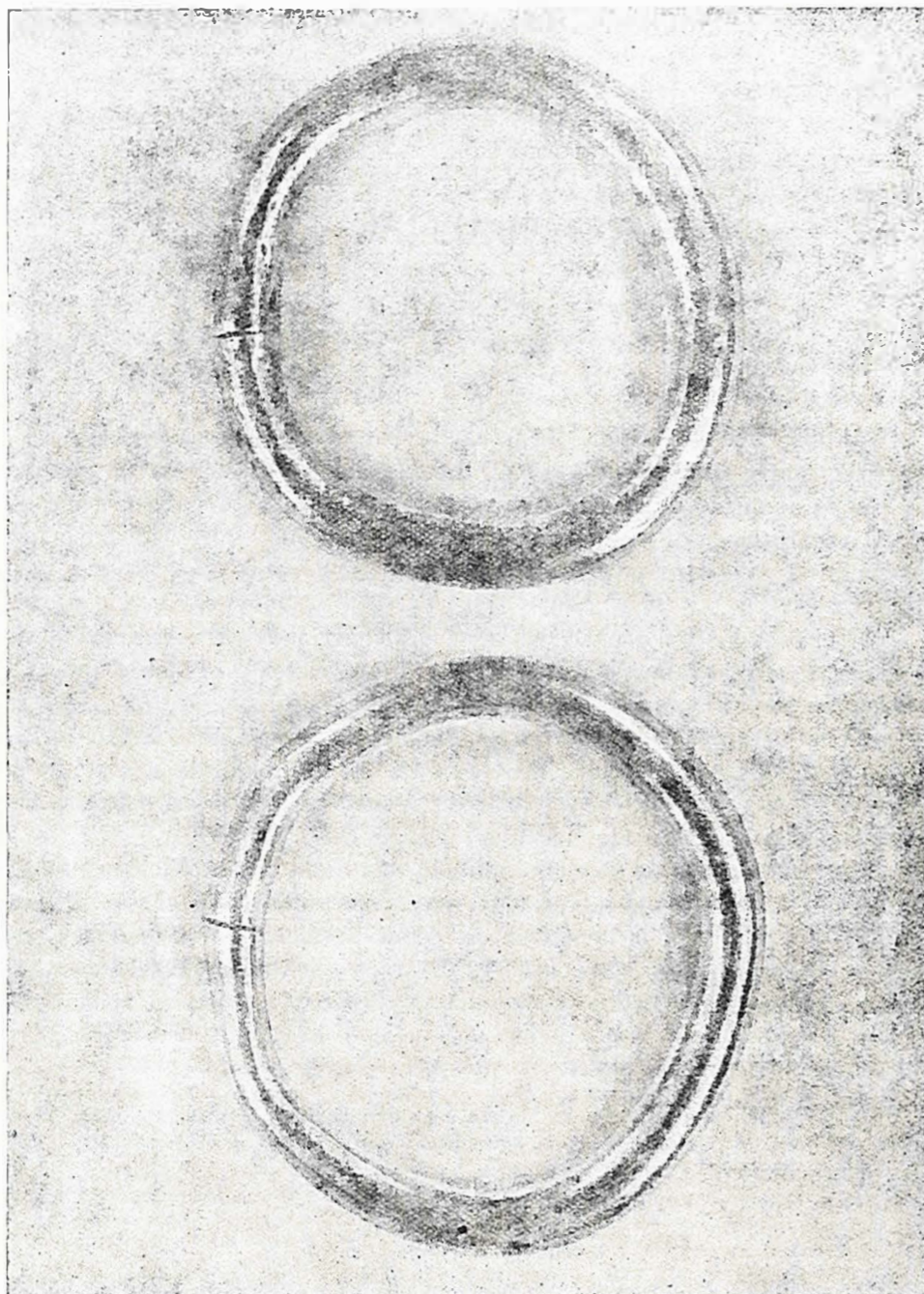


Fig. 1 — Braceletes de ouro de Atougua da Baleia (Peniche).

seguintes peças: os fragmentos de anel da Cesareda ⁽²⁾ e as argolas do Outeiro da Assenta, infelizmente perdidas ⁽³⁾.

Posteriormente àquela publicação, há o encontro de um bracelete na Atougua da Baleia, vendido em Lisboa em 1 de Março de 1940, pelo ourives João Couceiro, de Peniche, à casa Maia & Pinheiro, Lda., Rua de S. Paulo. O Sr. Maia conservou-o no seu estabelecimento durante alguns dias, mostrou-o a diversas pessoas que por ali passavam e como todos fossem unânimes em concordar que se tratava apenas de uma barra de ouro que se dobrara para melhor transporte, não hesitou em sacrificá-lo no cadinho. Quando depois de uma série de indagações conseguimos chegar àquela joalharia, já era tarde.

Pelos registos e outros dados que nos facultaram, soubemos tratar-se de um bracelete liso, aberto, de secção circular, sem botões terminais, pesando 461 gramas e tendo de toque 832 milésimos. Fora adquirido a J. Couceiro por 11.294\$50.

Maximiano Elias é um camponês da freguesia de Atougua da Baleia, que vive numa localidade da mesma chamada Casais Brancos. Este aglomerado fica à esquerda da estrada Peniche-Caldas da Rainha, mais ou menos a meio caminho entre Atougua e Serra de El-Rei. Fronteiro de Casais Brancos, do lado direito da estrada, encontra-se o lugarejo de Reinaldos. A uns 500 metros ao Sul da via pública, e entre esta e Reinaldos, possui Maximiano Elias uma propriedade denominada «Bandurra». A princípio terra de mato, Elias e os filhos, gente de trabalho, arrotearam-na. Um dia a charrua emperrou, e ao levantá-la, encontraram enfiado na ponta o primeiro bracelete de ouro. Ao notar a argola, tirou-a num repelão e ia arremessar a importuna para longe. Reparando melhor, viu-a amarela e guardou-a.

O dia ficou assinalado: 14 de Fevereiro de 1940.

Vendeu-a em Peniche a J. Couceiro por 10 contos e picos, e este, dias depois, transaccionou-a em Lisboa na casa referida Maia & Pinheiro.

Aguilhado por resultados tão brilhantes, o nosso homem continuou a cavar, a terra da «Bandurra» foi revolvida com o maior

⁽²⁾ *O Archeologo Português*, vol. XIX. Lisboa, 1914, p. 368.

Idem, vol. XXIV. Lisboa, 1920, p. 245.

⁽³⁾ Félix Alves Pereira, «Estação Arqueológica do Outeiro da Assenta». *O Archeologo Português*, vol. XIX. Lisboa, 1914, p. 138.

cuidado de uma ponta à outra e até à rocha, e um dia mais tarde apareceram duas outras argolas, as da presente comunicação. Elias é homem cauteloso, não desejava que lhe descobrissem a «mina». Sabe calar e com ele o próprio Couceiro, que quase nos afirmou em carta, desconhecer o achado de tais jóias. Foram indagações persistentes de Hipólito Cabaço, Leonel Trindade, D. Maria Fernanda Freire de Oliveira professora de Serra de El-Rei, e por fim o tenente da G. N. R. Raul L. Carvalho Branco, que desvendaram o mistério onde tudo se pretendia envolver.

Os objectos do presente trabalho são dois braceletes simples, sem desenho algum, diâmetros diferentes, apresentando a superfície, que não é perfeitamente lisa, certa rugosidade, quase imperceptível é certo, mas indício bem evidente do trabalho de martelo (Fig. 1). O maior pesa 294 gramas e o menor 242,1. O seu toque é aproximadamente de 20 quilates, 833 milésimos.

Mário Cardozo, no seu trabalho «Jóias arcaicas encontradas em Portugal» (*), ao estudar os braceletes, divide-os em dois grandes grupos a saber:

- A) Fechados;
- B) Abertos.

Os primeiros ainda podem ser:

- a) Folha larga, lisa ou ornamentada;
- b) Aro maciço, com ou sem ornamentação.

E os segundos:

- a) Lisos, maciços, botões terminais e secção circular ou poligonal;
- b) Lisos, sem botões terminais e secção poligonal;
- d) Lisos, extremidades sobrepostas, sem botões terminais e secção elíptica;
- e) Folha larga e ornamentada.

(*) «Jóias arcaicas...», p. 30-31.

Em que grupo enquadrar os de Atougua da Balcia?

Pela descrição acima referida que nos deram na casa Maia & Pinheiro, sabemos que o bracelete achado em 1940, era liso, de secção circular, sem botões terminais e com as duas extremidades um pouco afastadas.

Dos dois últimos, o maior deles, também podemos asseverar que é desprovido de botões, e quanto ao segundo, isto é, o de menor diâmetro, talvez não seja muito razoável considerar botão incipiente o quase imperceptível engrossamento terminal, no que estaremos de acordo com Mário Cardozo para o exemplar de Telões (**).

Seremos então levados a estabelecer um novo agrupamento:

- f) Lisos, maciços, sem botões terminais, extremidades justapostas ou ligeiramente afastadas e secção circular ou elíptica.

É curioso também confrontar o seu toque. Enquanto o primeiro acusava 832 milésimos, a ourivesaria que procedeu à análise dos segundos diz-nos que eles devem ter aproximadamente 833. Do vizinho anel da Cesareda e das argolas do Outeiro da Assenta nada sabemos. São pois os três braceletes de Peniche, do mesmo tipo, posto que o primeiro conservasse as extremidades ligeiramente separadas.

Na nossa ourivesaria arcaica, cotejando o que há publicado, parece-nos não haver jóia alguma que lhes seja igual. Podemos contudo achar paridade numa que salvámos da região de Portalegre e hoje se encontra num Museu Nacional, pois também é lisa, desprovida de botões terminais, extremos justapostos e secção mais ou menos elíptica.

Braceletes sem botões, além deste, apenas conhecemos em Portugal os de Baralhas, Telões e Bairro, mas enquanto os das primeiras localidades são de secção poligonal, o último é elíptico e de extremidades sobrepostas (**).

Déchelette, no seu «Manual», dá-nos desenhos de dois exemplares, um dos quais sem botões ou qualquer engrossamento terminal, proveniente de Kervazonem (Morbihan) e acrescenta que tais objectos de

(*) Ricardo Severo. *Portugália*, vol. II, p. 109 e 283.

(**) «Jóias arcaicas...», p. 31.

ouro maciço, abertos, de secção circular e sem ornamentação, pertencem à Idade do Bronze (7).

Também no famoso tesouro aparecido há alguns anos em Caldas de Reys (Espanha), tão proficientemente estudado pelo distinto arqueólogo Dr. Firmin Bouza-Brey, há bastantes argolas muito semelhantes às de Peniche, tendo o seu conjunto sido classificado de «una etapa avanzada de la segunda Edad del Bronce» (*), período que para Obermaier e Garcia Bellido fica entre os anos 1500 a 1000 a. C. (9).

Não tendo notícia de qualquer elemento arqueológico encontrado conjuntamente com os braceletes de Atouguia da Baleia, nem possuindo a diversidade de objectos de Caldas, fiquemo-nos num Bronze avançado, aguardando que novos achados locais venham em nosso auxilio.

Estoril, Setembro de 1944.

(7) Joseph Déchelette, «Manuel d'Archeologie Préhistorique», vol. II. Paris, 1910, p. 356, fig. 141.

(*) Firmin Bouza Brey, «El tesouro prehistorico de Caldas de Reys (Pontevedra)». *Atlantis*, tomo XVI. Madrid, 1941.

Idem, «El tesoro de Caldas». *Museo de Pontevedra*. Pontevedra, 1942.

(9) Hugo Obermaier y Antonio García Bellido, «El hombre prehistorico y las origenes de la humanidad», 2.ª ed. Madrid, 1941, p. 212.